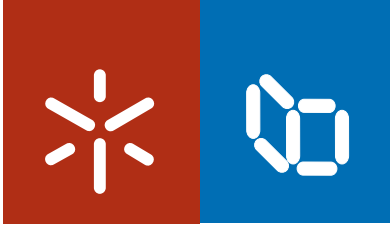


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Carlos Pazos Justo

**Relações culturais intersistémicas no
espaço ibérico: O caso da trajetória de
Alfredo Guisado (1910-1930)**





Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Carlos Pazos Justo

**Relações culturais intersistémicas no
espaço ibérico: O caso da trajetória de
Alfredo Guisado (1910-1930)**

Tese de Doutoramento em Ciências da Cultura
Especialidade em Cultura Espanhola

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Elias J. Torres Feijó
e do
Professor Doutor Xaquín Núñez Sabarís

Junho de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Carlos Pazos Justo

Endereço electrónico: carlospazos@ilch.uminho.pt

Número do Bilhete de Identidade: 76996992-F

Título da Tese: Relações culturais intersistémicas no espaço ibérico: O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)

Orientadores: Elias J. Torres Feijó e Xaquín Núñez Sabarís

Ano de conclusão: 2013

Designação Ramo de Conhecimento do Doutoramento: Doutoramento em Ciências da Cultura

Especialidade em Cultura Espanhola

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 28/06/2013

Assinatura: _____

Para David Avelino Justo e para a sua viúva, Carmen Pintos

Para Jaime Pazos e Josefa do Campo

Os meus avôs.

Agradeço:

Aos numerosos profissionais de bibliotecas e outras instituições as valiosas ajudas. Aos amigos do Centro Galego de Lisboa, da Biblioteca Pública de Braga e do Centro de Estudos Humanísticos especialmente. A Adelina Gomes.

À Fundação António Quadros, na pessoa de Mafalda Ferro, a disponibilidade e o profissionalismo.

Ao Centro de Estudos Humanísticos e ao Instituto de Letras e Ciências Humanas as ajudas concedidas, sem as quais este trabalho não seria possível.

A toda a equipa do ILCH os vários auxílios. A Iris Saraiva, Conceição Martins e Elisabete Lago.

Às pessoas que esqueço.

A Jaime, Ana, Lola, Mário (também o auxílio com o alemão), Pedro, Andreia, Mónica e Sónia as conversas e os materiais enviados. Ao Álvaro os cafés *magistrais*. A Charo, Xurxo e Roberto muito.

Aos Professores Xaquín Núñez Sabarís e Elias J. Torres Feijó os preciosos contributos para a minha formação em várias frentes (e a *não beligerância* com os meus ritmos de trabalho).

A F. Mendelssohn, M. Oldfield et al. a despiciosa companhia.

Aos meus irmãos; a Pablo as ajudas técnicas e não só. A Carlos e Maricarmem quase todo.

A Carlos, Carolina e Juliana *demais*.

Relações culturais intersistêmicas no espaço ibérico:

O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930).

RESUMO

Este trabalho analisa a *trajetória* de Alfredo Pedro Guisado entre 1910 e 1930, assim como, partindo da hipótese de que o estudo da trajetória de um produtor pode evidenciar informação relevante acerca das linhas de força dos campos em que intervém, esta investigação estuda as relações intersistêmicas no espaço ibérico, as galego-portuguesas em particular, o *enclave* galego de Lisboa e o *imaginário* português associado à Galiza e aos galegos no período fixado.

Os pressupostos metodológicos assumidos neste trabalho (capítulo 2) nutrem-se fundamentalmente dos contributos metodológicos para o fenómeno literário/cultural das denominadas teorias sistêmicas, desenvolvidos nomeadamente pelo investigador israelita Itamar Even-Zohar e o sociólogo francês Pierre Bourdieu; para a análise das relações entre sistemas, para o entendimento da emergência galega e como modelo de práticas investigadoras serão empregados contributos de raiz sistémica que tem desenvolvido o grupo de investigação GALABRA.

Depois de fixar o estado da questão (capítulo 3) acerca do objeto de estudo, é analisada a *trajetória* guisadiana em função da periodização estabelecida neste trabalho (capítulos 4 e 5); esta responde à centralidade atribuída na análise tanto à própria *trajetória* guisadiana como ao estado dos campos em que participa, ao campo cultural galego, nomeadamente.

*Intersystemic cultural relations within the Iberian space:
the case of the trajectory of Alfredo Guisado (1910-1930)*

ABSTRACT

This dissertation analyses the *trajectory* of Alfredo Pedro Guisado between 1910 and 1930, and operates on the assumption that the study of the trajectory of a writer provides important information about the main issues in the areas in which they intervene. Following this assumption, this doctoral study investigates intersystemic relations within the Iberian space, placing particular emphasis on Galician-Portuguese relations, the Galician *enclave* in Lisbon, and the Portuguese *imagery* associated with Galicia and Galicians during the period under scrutiny.

The methodological presuppositions guiding this doctoral thesis (chapter 2) are generally based on the contribution of systemic theories to the study of literary and cultural phenomena, as developed by Itamar Even-Zohar and Pierre Bourdieu. As far as the relationships between systems, the understanding of the revival of Galician identitarian discourses, and the research practice model are concerned, the blueprint for this dissertation is the systemic contributions that the GALABRA research group has been developing.

After establishing the state of the art concerning the object of study (chapter 3), Guisado's *trajectory* is analysed in terms of the periodization with which this doctoral thesis is concerned (chapters 4 and 5), a periodization which corresponds to the centrality of this timeframe for the *trajectory* of Guisado itself, and for the fields in which that trajectory was influential, that is, the Galician cultural field.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. QUADRO PROCEDIMENTAL E METODOLÓGICO	5
2.1. Fixação do corpus	10
2.1.1. Corpus primário. A produção guisadiana	12
2.1.2. Corpus secundário	17
2.2. Instrumentos metodológicos	19
2.2.1. As relações intersistémicas: o caso galego-português	24
2.2.2. O <i>enclave</i> galego de Lisboa: natureza e relações com a metrópole	29
2.2.3. A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal	41
3. ESTADO DA QUESTÃO	47
3.1. As relações intersistémicas no espaço ibérico	47
3.1.1. As relações galego-portuguesas	62
3.2. O <i>enclave</i> galego de Lisboa e a imagem portuguesa dos galegos e da Galiza	73
3.3. Conhecimento sobre Alfredo Guisado	79
3.3.1. Construção do conhecimento	79
3.3.2. Estado da questão acerca de Alfredo Guisado	91
4. TRAJETÓRIA E INTERVENÇÃO DE ALFREDO GUIADO 1910-1915	99
4.1. Campo cultural galego (1910-1915)	99
4.1.1. O <i>Balneário</i> de Mondariz: iniciativas e galeguismo	104
4.1.2. O <i>enclave</i> galego de Lisboa	106
4.2. Campo cultural português (1910-1915)	112
4.2.1. Os primeiros modernistas. O Grupo de <i>Orpheu</i>	120

4.3. Relações intersistémicas	125
4.3.1. Relações galego-portuguesas	138
4.3.1.1. A imagem dos galegos e da Galiza em Portugal	142
4.4. Trajetória e intervenção de Alfredo Guisado 1910-1915	149
4.4.1. Origem social de Alfredo Guisado	149
4.4.1.1. A formação das novas gerações de Lisboa: o caso de Alfredo Guisado	155
4.4.2. Trajetória literária e intervenção de Alfredo Guisado até 1915	159
4.4.2.1. Trajetória social de Alfredo Guisado até 1915	159
4.4.2.1.1. Alfredo Guisado: um <i>Lisboano</i>	160
4.4.2.1.1.1. Alfredo Guisado agente do agrarismo metropolitano	164
4.4.2.1.2. Do Liceu do Carmo ao <i>Orpheu</i>	168
4.4.2.2. Trajetória literária de Alfredo Guisado até 1915	172
4.4.2.2.1. Alfredo Guisado no Grupo do <i>Orpheu</i>	178
4.4.2.2.1.1. Alfredo Guisado intermediário do primeiro modernismo português na Galiza	182
4.4.2.2.1.2. Declínio do Grupo do <i>Orpheu</i> e distanciamento de Alfredo Guisado	191
5. TRAJETÓRIA DE ALFREDO GUISTADO 1916-1930	201
5.1. Campo cultural galego. Irrupção das Irmandades da Fala	201
5.1.1. O enclave galego de Lisboa	213
5.2. Campo cultural português (1916-1930)	219
5.3. Relações intersistémicas: a precária institucionalização	224
5.3.1. Relações galego-portuguesas	240
5.3.1.1. A imagem dos galegos e da Galiza em Portugal	249
5.4. Trajetória e intervenção de Alfredo Guisado 1916-1930	253
5.4.1. Trajetória social de Alfredo Guisado até 1930	253
5.4.1.1. De <i>órfico</i> ao democrático <i>Dr. Guisado</i>	253
5.4.1.2. Do agrarismo ao galeguismo	264
5.4.1.2.1. Alfredo Guisado agente do galeguismo metropolitano (1919-1922)	267

5.4.1.2.2. Percurso guisadiano e intervenção galeguista de 1929	279
5.4.2. Trajetória literária de Alfredo Guisado até 1930	290
5.4.2.1. De <i>Alfredo Guisado</i> a <i>Pedro de Menezes</i> (1916-1918)	291
5.4.2.2. Novos rumos e intermediação galeguista (1919-1922)	301
5.4.2.2.1. Produção literária galeguista: <i>Xente d'a Aldea. Versos Gallegos</i>	307
5.4.2.3. <i>Desistência</i> literária e contacto galego (1923-1930)	318
6. SÍNTESE CONCLUSIVA	327
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	335
ANEXOS	383

1. INTRODUÇÃO¹

Desde o século XIX, paralelamente ao surgimento de elaborações cujo objetivo foi a construção de literaturas(/culturas) *nacionais*, as relações entre os diversos sistemas literários e culturais da Península Ibérica, assim como os agentes que as protagonizaram, têm sido objeto de numerosos estudos; a natureza e contributos destas abordagens responderam, ao longo de tão amplo período, a objetivos, metodologias ou interesses variados e, não em poucas ocasiões, encontrados. Contudo, é nas últimas décadas do século XX (e até o presente) que as pesquisas sobre as **relações intersistémicas** no espaço cultural da Península Ibérica têm experimentado um crescimento acentuado ao qual não parece alheio a fortaleza institucional e académica atingida, por exemplo (e dito sem ânimo de sermos exaustivos neste ponto), pelos *campos de estudos galegos* ou *catalães*, a emergência da denominada *Literatura Comparada* ou, de outra perspetiva, a entrada dos dois estados peninsulares na Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia, em 1986².

De um ponto de vista geral, este trabalho enquadra-se dentro dos estudos sobre as relações intersistémicas no espaço cultural da Península Ibérica. Num nível já mais particular, este estudo analisa a *trajetória* de um produtor literário concreto, **Alfredo Pedro Guisado** (1891-1975); do mesmo modo, e em função do percurso do produtor em foco, esta investigação enquadra-se, especificamente, no âmbito das relações que se estabelecem entre a Galiza e Portugal, fundamentalmente entre o **emergente sistema literário galego** e o **sistema literário português**. Alfredo Guisado, sinteticamente, descendente de galegos residentes em Lisboa, vai durante as décadas de 10 e de 20 posicionar-se no campo literário português participando ativamente, por exemplo, no surgimento do *primeiro modernismo* português; ao mesmo tempo, mantém importantes contactos com o *enclave* galego de Lisboa e a Galiza, primeiro com o *agrarismo* e depois com os *galeguistas*. A partir de 1920, paralelamente, vai ocupando posições cada vez mais centrais no campo político português, num primeiro momento no âmbito da política municipal lisboeta e mais tarde sendo eleito deputado à Assembleia da

¹ Entendendo a língua portuguesa como própria anotamos que usamos a variante galega, para a redação deste trabalho seguindo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, incorporando algumas soluções linguísticas em desuso ou ocasionais no português luso, mas correntes na língua da Galiza, onde (nascemos e) iniciamos o nosso percurso académico. Do mesmo modo, chamamos a atenção para o facto de todas as citações incluídas serem feitas respeitando a versão original.

² Referir-nos-emos, ao longo desta Tese, apenas ao Reino da Espanha e à República de Portugal como os dois estados da Península Ibérica, sem referir o Principat d'Andorra ou o caso de Gibraltar.

República em 1925; trás o golpe de estado dos militares em 1926, passa a engrossar politicamente as forças da *oposição democrática* até o seu falecimento em 1975.

A investigação que aqui se apresenta como Tese de Doutoramento culmina um processo iniciado no âmbito do Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa na Universidade do Minho em 2004, em que sob a orientação dos Professores Carlos Manuel Ferreira da Cunha (Universidade do Minho) e Elias J. Torres Feijó (Grupo Galabra, Universidade de Santiago de Compostela) defendemos em 2009 a Tese de Mestrado *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*. Este trabalho nutre-se também da pesquisa e contributos realizados durante estes anos, entre 2005 e 2012, desde a Universidade do Minho e como Colaborador Externo do Grupo GALABRA dirigido na Universidade de Santiago de Compostela pelo Professor Elias Torres. Em função do nosso projeto e das necessidades investigadoras detetadas, as pesquisas feitas durante estes anos centraram-se em: (i) a análise específica da trajetória guisadiana (Pazos 2008, 2009, 2010, 2012 e parcialmente 2011a); (ii) o estudo do fenómeno migratório galego em Lisboa, ao qual está intimamente ligado Alfredo Guisado (Pazos 2009a, 2011 e 2012b); e (iii) a pesquisa em redor das tomadas de posição de Alfredo Guisado relativamente à *imagem* dos galegos em Portugal (Pazos 2010a) assim como a descrição e análise da imagologia da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX (Pazos 2011b e 2012a).

Realizámos o conjunto destas e outras pesquisas em várias instituições galegas e portuguesas e, apesar da notória falta de recursos (de tempo e económicos) à que nos enfrentamos para a elaboração deste estudo, cumpre assinalar que a realização deste trabalho de investigação, assim como a participação em vários eventos académicos relevantes para este projeto (congressos, jornadas e reuniões de orientação, basicamente) contou com apoios financeiros pontuais, principalmente, do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho e do Instituto de Letras e Ciências Humanas da mesma universidade.

A finalidade desta Tese passa por colocar novas questões sobre o objeto de estudo definido, ao mesmo tempo que pretende reler as fontes consultadas e abrir novos espaços de pesquisa e análise. Mais em detalhe, o **objetivo central** deste trabalho é descrever e analisar relacionalmente a trajetória de Alfredo Pedro Guisado, através do conhecimento dos espaços em que intervém e, singularmente, das suas tomadas de posição ao longo do período em análise, 1910-1930. Concretamente, os **objetivos**

gerais deste trabalho são de duas ordens: em primeiro lugar, é objeto principal desta Tese avançar no conhecimento da trajetória guisadiana e, em segundo lugar, esclarecer quê informa o estudo desta trajetória acerca dos campos em que participa, nomeadamente no relativo às relações intersistémicas no espaço cultural ibérico, ao enclave galego de Lisboa e à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal. Como veremos, por outro lado, as balizas do período de análise fixado, **1910-1930**, estão diretamente relacionadas com a trajetória guisadiana, mas também com o devir dos campos em estudo.

A evidente relevância do percurso guisadiano neste estudo não nos impede afirmar que esta Tese não pretende, cumpre destacá-lo, *reivindicar* a figura e obra de Alfredo Guisado, nem, portanto, celebrar ou sustentar a eventual valia literária ou de outra ordem de que a sua obra ou biografia seriam expressão. Os pressupostos metodológicos de que partimos e assumimos entendem o fenómeno literário como uma instituição da cultura, isto é, como um facto cultural, com uma determinada função social, sendo o autor em foco aqui determinante na abordagem proposta seguindo uma lógica analítica *relacional* dentro das margens do(s) sistema(s) literário(s). Neste sentido, este trabalho servir-se-á principalmente dos contributos metodológicos para o fenómeno literário/cultural das denominadas **teorias sistémicas**, desenvolvidos nomeadamente pelo investigador israelita Itamar Even-Zohar e o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Paralelamente, para a análise das relações entre sistemas, para o entendimento da emergência galega e como modelo de práticas investigadoras serão empregados contributos de raiz sistémica que tem desenvolvido o grupo de investigação GALABRA já citado.

Quanto à organização, além desta sumária introdução, a Tese que agora se apresenta aborda com alguma extensão o quadro teórico-metodológico utilizado (capítulo 2) onde são referidas as diferentes opções metodológicas, a periodização adotadas assim como as dificuldades e soluções propostas para a fixação do corpus ou o entendimento das relações entre sistemas literários no espaço peninsular. Dedicamos também um espaço específico à descrição e abordagem da colónia galega de Lisboa e a questões imagológicas vinculadas à Galiza e aos galegos em Portugal, pois entendemos que, como hipótese de trabalho, só partindo da compreensão e conhecimento destes dois aspetos é possível ilustrar com sucesso a trajetória guisadiana. A seguir, ocupamo-nos do conhecimento existente assim como de descrever o processo deste conhecimento (capítulo 3) acerca do percurso de Alfredo Guisado, fundamentalmente. Também, ainda

que com menor intensidade, tentaremos aproximar-nos do saber existente sobre as relações literárias no espaço peninsular em geral, com especial ênfase para o caso galego-português.

Após esta primeira parte metodológica e procedimental, descrevemos e analisamos a trajetória guisadiana, seguindo uma disposição cronológica, em dois momentos: em primeiro lugar estudamos o percurso de Alfredo Guisado até 1915 (capítulo 4) para depois analisar o período que vai de 1916 até 1930 (capítulo 5).

No fim do presente trabalho (capítulo 6) esperamos poder estar em disposição de, em função dos objetivos delimitados (cfr. *infra*), contribuir para criar conhecimento novo sobre o produtor em foco assim como, num segundo plano, ajudar a melhor compreender o funcionamento de grupos, instituições, imaginários ou relações intersistémicas às que Alfredo Guisado esteve direta ou indiretamente vinculado.

2. QUADRO PROCEDIMENTAL E METODOLÓGICO

Relativamente aos procedimentos, temos de referir sucintamente que muitas das decisões tomadas no que diz respeito, por exemplo, ao alcance dos objetivos, à delimitação do objeto de estudo ou à metodologia utilizada, prendem-se com o facto de esta Tese ser fruto de um projeto de pesquisa individual que, no entanto, acompanha de perto as linhas de análise e a metodologia empregada pelo Grupo de investigação GALABRA ao qual estamos vinculados. Assumimos neste trabalho, portanto, as práticas investigadoras e alguns dos conceitos usados por GALABRA o qual, em virtude de serem, entendemos, práticas e conceitos consolidados, conferem fortaleza a muitas das decisões aqui adotadas. Por outro lado, se bem é certo que estamos vinculados a um Grupo de investigação, o facto de este trabalho não estar integrado num projeto de pesquisa de grupo concreto implica, segundo a nossa experiência, uma série de desvantagens (ou deficits de pesquisa) que superam problemáticamente os eventuais benefícios. Na prática, uma investigação destas características (em evidente retrocesso no âmbito das Ciências Humanas e, nomeadamente, nas Ciências Sociais, onde, como noutras áreas com maior tradição *científica*, a investigação entende-se fundamentalmente como um trabalho coletivo), não beneficia, por exemplo, das “atmosferas de pensamento e acção” (Torres 2012a[:12]), isto é, das possibilidades de decidir, partilhar ou refletir com pares sobre questões que dizem respeito ao trabalho de investigação, aos seus objetivos, objetos e métodos, fundamentalmente.

Quanto aos **objetivos**, como já ficou indicado, são de duas ordens:

- 1) Em primeiro lugar, o objetivo fundamental deste trabalho é descrever e analisar a **trajetória de Alfredo Guisado** entre 1910 e 1930. Assim, tentaremos elucidar às seguintes questões:
 - a) Como Alfredo Guisado começa a intervir no campo literário português, associando-se a um grupo concreto, o Grupo do *Orpheu*, e como mais tarde se distancia deste sem deixar de intervir literariamente?
 - b) Dentre as eventuais opções que estariam ao seu dispor e do ponto de vista da *identidade* e das lealdades, qual é a natureza dos seus vínculos (redes sociais) com o enclave galego de Lisboa e, especialmente, com os movimentos culturais e políticos coevos da Galiza? Quais as ideias e repertórios aos que se associa e/ou promove e em quê medida as intervenções de Alfredo Guisado se relacionam (impugnam ou promovem)

a imagem dos galegos a funcionar em Portugal? Em quê medida a sua *identidade* incide na sua produção literária?

- c) Por último, e com intuito de lançar algumas hipóteses, interessa aqui como e quanto o conhecimento atual sobre Alfredo Guisado está condicionado pela sua própria trajetória literária e política ou por outros elementos a funcionar nos campos literários(/culturais) português e galego?
- 2) Em segundo lugar, partindo da hipótese de que o estudo da trajetória de um produtor, como é o caso particular de Alfredo Guisado, pode evidenciar informação relevante (em função da metodologia utilizada) acerca das linhas de força dos campos em que intervém, este trabalho aspira também a:
- a) Paralelamente, contribuir para ilustrar as relações que se estabelecem entre os sistemas literários na Península Ibérica, particularmente entre o emergente sistema literário galego e o sistema literário português.
 - b) Esclarecer quê informa a trajetória guisadiana acerca do enclave galego de Lisboa, da sua composição e das suas estratégias no espaço social em que se insere, assim como dos seus vínculos com a metrópole, em geral, e com a emergência *galeguista*, em particular.
 - c) Por último, e em seguimento da questão anterior, descrever e analisar o *imaginário* português associado à Galiza e aos galegos no período fixado.

Com o fim de alicerçar adequadamente os resultados desta Tese e em função dos objetivos definidos, assumimos a necessidade de introduzir, em sintonia com as práticas investigadoras do Grupo Galabra, um capítulo (3) sobre o estado da questão. Para este efeito, consideramos pertinente, com Roberto Samartim (2012) e, especialmente, com Cristina Martínez (2012), distinguir o *conhecimento construído* e o *estado da questão* sobre o nosso objeto de estudo³. Em função dos recursos disponíveis, a pesquisa

³ Segundo Martínez Tejero (2012: [4]), com “conhecimento construído” e “estado da questão” no Grupo Galabra:

pretendemos distinguir entre a informação conhecida (‘o que sabemos’) e, doutra, a estrutura interna desse saber (‘como e por quê o sabemos’), isto é, pretendemos pôr de relevo e incorporar a importância, mais além dos próprios resultados, do percurso na elaboração do saber, com o fim de explicitar a sua arquitectura (métodos de selecção e arrumação), agencialidade (quem e para quem), função (para quê), reprodução (maior ou menor aceitação dos critérios em uso), etc.; elementos estes nem sempre visibilizados nos próprios discursos ou atendidos nas elaborações críticas sobre eles. É possível sintetizar os dois itens aqui manejados com a seguinte metáfora visual: o conhecimento construído corresponderia ao processo, enquanto o estado da questão seria a conclusão ou o ponto de chegada (aquele, aliás, maiormente atendido desde as variadas aproximações, ao semelhar condensar e anular todo o anterior).

realizada apenas nos possibilita aproximar-nos do *conhecimento construído* acerca do produtor em foco neste trabalho (cfr. *infra*). Tomamos igualmente de Martínez Tejero (membro do Grupo Galabra) para a elaboração do estado da questão o que esta investigadora designa como *campo de estudos galegos* (ou *portugueses/espanhóis* etc., aqui), por entendermos rentável à hora de fixar e avaliar o saber existente sobre o objeto de estudo; em palavras de Martínez Tejero (2012[: 8]): “construto de caráter puramente analítico que engloba [...] a totalidade da produção destinada a reflexionar ou investigar sobre os diversos aspectos da realidade galega e que denominei *campo dos estudos galegos*” (itálicos na versão manejada). Neste trabalho utilizaremos em geral a denominação *campo de estudos galego* (ou *português, espanhol, etc.*), entendendo este campo como o delimitado pelo espaço social galego.

Em virtude dos objetivos delimitados, o **objeto de estudo** deste trabalho está constituído pelas sucessivas tomadas de posição do produtor em foco, analisadas à luz das redes sociais às que se associa, do estado dos campos em que intervém e das relações literárias(/culturais) que se estabelecem no espaço cultural ibérico, entre o emergente sistema literário galego e o sistema literário português, fundamentalmente. Para aproximar-nos do conhecimento deste objeto de estudo serão analisados aqui o percurso do enclave galego de Lisboa e a imagem a que a Galiza e os galegos estavam associados em Portugal no período em análise.

A centralidade da *trajetória* guisadiana na configuração do objeto de estudo explica a opção pelo segmento temporal que vai de 1910 até 1930. Como dissemos, a primeira das balizas propostas coincide no essencial com as primeiras tomadas de posição de Alfredo Guisado, concretamente na publicação agrarista metropolitana *El Tea*; muito significativamente para os objetivos deste trabalho, 1910 é também uma data que, *grosso modo*, diz respeito a uma maior institucionalização e exposição pública do enclave galego de Lisboa ao qual está vinculado o produtor em foco, e, como se verá mais à frente, com uma notória problematização da imagem dos galegos em Portugal. Por outro lado, nesse mesmo ano produz-se a instauração da República Portuguesa, a 5 de outubro, e, em consequência, importantes mudanças no campo do poder em Portugal; por sua vez, estas mudanças serão encenadas no campo cultural, inaugurando novas lutas e o aparecimento de novos grupos e propostas no seio deste (pense-se, por exemplo, no surto *modernista* ou no Integralismo Lusitano), às quais não ficará alheio o

Agradecemos a Cristina Martínez o envio de uma versão inicial deste trabalho antes da publicação do mesmo. As eventuais gralhas ou imprecisões nos textos citados só a quem isto escreve se devem imputar.

Alfredo Guisado *órfico* e/ou republicano. Em função dos objetivos deste trabalho, interessa ressaltar ainda o antagonismo político que supõe a instauração do novo regime português face à Espanha da *Restauración* (1874-1931), à frente da qual Alfonso XIII viabilizou uma política de conspiração mais ou menos declarada, até pelo menos o final da década de 10, questionando desde a instauração da República até a própria independência de Portugal (cfr. Torre 1985 e 2002) e, por seu turno, problematizando a posição da colónia galega a residir em Portugal; o relacionamento entre os dois estados vai mudar significativamente, porém, na década de 20, especialmente quando ambos são forçados, *manu militari*, a transitarem para regimes autoritários, propiciando deste modo uma certa sintonia política e, por sua vez, o surgimento de iniciativas de variado tipo que ora parecem querer resgatar problematicamente o *iberismo* do século XIX, ora tentam criar canais de *aproximação* cultural entre os dois estados e, nomeadamente, entre os sistemas culturais espanhol(/castelhano) e português. Paralelamente, durante o período em análise, destaca-se o interesse dos sistemas literário(/culturais) emergentes do Estado espanhol, catalães e galegos nomeadamente, por estabelecer vínculos de variado tipo com o sistema português; sem implicar uma novidade no complexo espaço cultural ibérico (a *lusofilia* das elaborações culturais de catalães e galegos vm, no mínimo, da segunda metade do século XIX), as tomadas de posição neste sentido, com destaque para Alfredo Guisado a partir de 1918, intensificam-se de maneira notória a medida que as emergências catalã e galega conseguem fortalecer-se e adquirir maior coesão⁴.

Como já foi anunciado na Introdução, na fase de pesquisa e elaboração desta Tese o período de análise sofreu algumas alterações não menores: na fase preliminar de reflexão sobre o objeto de estudo, pensávamos em situar o nosso período de pesquisa entre 1910 e 1975, ano da morte de Alfredo Guisado; logo foi evidente que tão largo período seria dificilmente alcançável em função da metodologia e dos recursos disponíveis. A opção que tomamos foi reduzir drasticamente o período, primeiro de 1910 até 1936 e, finalmente, de 1910 até 1930. A escolha da baliza que encerra o

⁴ Neste sentido, um caso paradigmático, já aludido, é o da *Mancomunitat de Catalunya* (instituída em 1914). Face à situação sócio-política atual, o Estado espanhol da *Restauración*, fortemente centralista, não contemplava outras entidades político-administrativas além das *províncias*, de ascendência liberal no século XIX, e o governo central. Deixando de lado o caso basco (Navarra e País Basco usufruíam e usufruem de alguns elementos diferenciais, de origem medieval, na sua relação com os governos centrais, especialmente em temas financeiros), a constituição da *Mancomunitat de Catalunya* supõe a primeira quebra durante o século XX da arquitetura centralista do Estado espanhol (cfr. Beramendi 2007: 418; Pelaz 2001: 59-61), ao passo que é expressão da fortaleza e algum sucesso dos grupos que trabalharam, especialmente desde o campo cultural, por uma outra conceção do Estado.

período de análise fundamenta-se em: (i) um período de 36 anos (1910-1936) é igualmente demasiado extenso para analisar com a metodologia proposta e para um trabalho destas características (cfr. *infra*); (ii) o corpus *guisadiano* levantado, como se verá a seguir, remete quase na sua totalidade para o período fixado, após 1930 e até 1954 (ano em que inicia a sua atividade como diretor adjunto do jornal *República*) as tomadas de posição de Alfredo Guisado encontradas a partir da pesquisa realizada são muito reduzidas e, em rápida análise, não estão necessariamente vinculadas aos objetivos aqui enunciados; (iii) em seguimento da questão anterior e segundo os dados manejados, Alfredo Guisado passa, a partir de 1930, a deixar de intervir culturalmente (e politicamente) como o tinha feito durante as duas décadas precedentes, muito tendo a ver a mudança de regime português (cfr. *infra*) que, aparentemente, teria propiciado determinadas escolhas vitais como o facto de passar a gerir o restaurante familiar, Irmãos Unidos, trás o falecimento do pai, em 1933; por último (iv) o alargamento do período até 1936 iria problematizar a nossa análise pois as mudanças em várias ordens (políticas, culturais, etc.) que se produzem nestes anos nos dois estados são de um alcance bem amplo.

A **periodização** estabelecida neste trabalho (capítulos 4 e 5 desta Tese) responde à centralidade que atribuímos na nossa análise tanto à própria *trajetória* guisadiana como ao estado dos campos em que participa (ao campo cultural galego, nomeadamente); por outras palavras, é em função das tomadas de posição de Alfredo Guisado e, especialmente, em virtude das significativas mudanças que verificámos no campo cultural galego de 1916 em diante, que estabelecemos dois grandes períodos de análise neste trabalho. 1910, data de início da seção temporal escolhida, corresponde-se, *grosso modo*, com as primeiras intervenções públicas de Alfredo Guisado, na altura com 19 anos, de que temos conhecimento. Não é menos relevante para os objetivos deste trabalho, o facto de, como dizíamos, a 5 de Outubro de 1910 se proclamar a República em Portugal, inaugurando assim um novo tempo político com repercussões evidentes nos campos culturais. A proclamação da República vai também problematizar as relações políticas entre os dois estados peninsulares, agora com regimes políticos em certo sentido antagónicos e, por seu turno, contaminar as relações literárias/culturais. O lapso de tempo que vai de 1910 até 1930 é, por outra parte, singularmente intenso para as relações literário/culturais galego/catalão-portuguesas; o qual não é alheio a que tanto na Galiza como na Catalunha os movimentos políticos nacionalistas, sempre especialmente interessados na função identitária que a literatura/cultura pode

desenvolver e no contacto português, conseguem organizar e/ou fortalecer as suas próprias instituições, mormente no caso catalão (a partir da criação da *Mancomunitat de Catalunya* em 1914). Os parâmetros que sustentam a periodização proposta, como se verá, estão vinculados ao estado dos campos em que intervém Alfredo Guisado assim como às próprias tomadas de posição do produtor em foco, às relações com grupos e agentes que estabelece, às ideias e estratégias que partilha e promove: se entre 1910 e 1915 Alfredo Guisado participa ativamente no campo literário português como um mais dos *modernistas* ou é agente do agrarismo *metropolitano* no *enclave* lisboeta e na comarca do Condado (terra de origem familiar no sul da Galiza formada por vários municípios⁵), durante o período 1916(18)-1930 passa a vincular-se aos nacionalistas galegos, publica o poemário *Xente d'a aldea. Versos Gallegos* (Lisboa, 1921), repertorialmente em sintonia com aqueles, ao mesmo tempo que inicia uma relativamente *exitosa* carreira política no Partido Republicano de Afonso Costa, acedendo na prática a posições até altura inéditas para um *filho* da colónia galega de Lisboa que como tal intervém no espaço social português.

2.1. Fixação do corpus

Uma das dificuldades a que nos enfrentamos na elaboração deste trabalho tem a ver com a fixação do corpus do mesmo; em função do objeto de estudo delineado mais acima e da metodologia utilizada (cfr. *infra*), a fixação do corpus implicou tomar várias decisões acerca, por exemplo, da relevância da bibliografia existente sobre o objeto de estudo ou sobre os procedimentos de pesquisa adotados⁶. Neste sentido, apontamos que entendemos os *produtos* literários (ou culturais) como um conjunto de materiais bem mais amplo do que o constituído somente por textos literários (cfr., por exemplo, Even-Zohar 1990: 18 e ss.); deste modo, considerámos significativos para alcançar o objeto de estudo, outros materiais como entrevistas, correspondência privada ou textos publicados de variada espécie vinculados, nomeadamente, à trajetória guisadiana. Em seguimento desta opção metodológica, tomou forma outra das decisões postas em prática no que diz respeito à impossibilidade de atender os objetivos definidos por meio unicamente da bibliografia publicada até o de agora e a necessidade de alargar o conjunto de materiais empíricos, nomeadamente a respeito da produção de Alfredo

⁵ Hoje: Mondariz, Mondariz-Balneário, As Neves, Ponte Arêas e Salvaterra de Minho.

⁶ Na organização deste capítulo seguimos em parte algumas das resoluções adotadas por Samartim 2010: 65-68.

Guisado; o acesso a muitos destes materiais revelou-se em numerosas ocasiões difícil e demorado, como exporemos mais abaixo.

Outro dos obstáculos que dificultaram o acesso aos materiais, primeiro, e a fixação do corpus, depois, foi o facto de a produção de Alfredo Guisado se estender por um espaço geográfico e temporal amplo, o que na prática implicou, por exemplo, a necessidade de recorrer à pesquisa em publicações periódicas muito diversas e, em ocasiões, de complicado acesso; mas significou, antes de mais, a necessidade de seleccionar os materiais, sejam eles livros, artigos ou publicações periódicas, que poderiam informar sobre Alfredo Guisado. A dispersão daqueles, não apenas para o estudo do caso do produtor em foco, obrigou a realizar pesquisas em várias bibliotecas e instituições: na Biblioteca Nacional, Hemeroteca Municipal, Centro Galego de Lisboa/Juventude da Galiza⁷, Instituto Cervantes e Fundação António Quadros, em Lisboa; na Biblioteca Municipal e Biblioteca da Faculdade de Letras, no Porto; na Biblioteca Pública, Biblioteca Lúcio Craveiro de Silva e diversas bibliotecas da Universidade do Minho, em Braga; na Biblioteca Municipal de Ponte Arêas, Biblioteca Geral da Universidade de Santiago de Compostela e Real Academia Galega, na Galiza.

Além dos entraves já referidos relativamente ao acesso à produção guisadiana, na fase de pesquisa tivemos também de seleccionar, entre o muito publicado, os materiais que nos iriam auxiliar para atender o conjunto de objetivos traçados. Referimo-nos especificamente aos materiais que nos iriam informar sobre (i) as relações intersistémicas no espaço cultural ibérico, (ii) a delimitação e caracterização do enclave e (iii) a descrição das origens e funções da imagem associada aos galegos e à Galiza.

Em função das questões até aqui descritas, estabelecemos dois tipos de corpus seleccionados, com funcionalidades diferenciadas e agrupados em função da data produção e/ou publicação, segundo os casos, isto é, em virtude da maior ou menor centralidade dos materiais para atingir o objeto de estudo. Deste modo, diferenciámos entre um (i) **corpus primário**, composto essencialmente, mas não exclusivamente, pelos produtos literários de Alfredo Guisado, assim como de outros produtos a ele associados, todos eles produzidos e/ou publicados, *grosso modo*, entre as balizas temporais fixadas e um (ii) **corpus secundário**, constituído pela bibliografia passiva acerca de Alfredo Guisado assim como um conjunto heterogéneo de referências

⁷ No Centro Galego de Lisboa (29/10/2011) tivemos a oportunidade de partilhar uma palestra com o Eng. António Lago Guisado, sobrinho de Alfredo Guisado (cfr. Lago Guisado 2011); o título da nossa intervenção foi “Alfredo Guisado e a colónia galega de Lisboa”. Agradecemos aqui a Conchi Deza e a Xulio Villaverde o convite e a ajuda prestada.

bibliográficas sobre as relações intersistémicas e, em menor medida, sobre a colónia galega de Lisboa e a imagem a esta associada. Tanto o corpus primário como o secundário, salvo algumas exceções, nutre-se de materiais levantados até **dezembro de 2012**, data em que demos por finalizada a fase de pesquisa. Partindo da hipótese de que os materiais selecionados para este trabalho, são suficientes para alcançar os objetivos delimitados, seguidamente explicitamos o corpus fixado atendendo a estas duas tipologias.

2.1.1. Corpus primário. A produção guisadiana

O corpus primário deste trabalho nutre-se principalmente dos materiais de diverso tipo vinculados ao produtor em foco mas também de outros materiais oriundos do período fixado, 1910-1930, que informam do enclave galego de Lisboa e da imagem associada aos galegos e à Galiza; em menor medida, este corpus está composto também por um conjunto de materiais significativos para a análise das relações intersistémicas no espaço literário(/cultural) ibérico.

No que diz respeito à produção guisadiana, o processo de pesquisa para a obtenção dos materiais que informam sobre Alfredo Guisado norteou-se por, primeiramente, (i) o vaziado da bibliografia passiva, e em segundo lugar (ii) a pesquisa num conjunto vasto e heterogéneo de publicações periódicas portuguesas e galegas, onde encontrámos (ou seria provável encontrar) produtos guisadianos ou a ele associados e, por fim, (iii) a realização de algumas entrevistas vinculadas especificamente ao estudo da trajetória guisadiana. Realizámos também procuras sistemáticas na rede com recurso a motores de procura (Google principalmente) e a páginas web de várias instituições consignadas na Bibliografia deste trabalho.

Este processo verificou-se complexo, como já indicámos, devido a vários fatores. Em primeiro lugar, a dispersão e a sorte incerta do espólio guisadiano obrigaram a uma pesquisa demorada e dispersa espacialmente. Relativamente à fortuna do espólio de Alfredo Guisado, cuja real existência foi evidenciada pelas pesquisas realizadas (cfr. *infra*), concluímos o seguinte: parte do espólio guisadiano teria sido vendido pela esposa de Alfredo Guisado, Maria Guilhermina Ferreira Guisado, após o falecimento deste, segundo o depoimento de um sobrinho-neto (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ); todavia, Miguel Gonçalo Guisado deixou entrever na entrevista uma relação não fluida entre Maria Guilhermina Guisado e a família descendente do irmão de Alfredo Guisado, António Lago Guisado (pai do entrevistado); neste sentido, Miguel

Gonçalo Guisado refere, relativamente à casa familiar de Pias (paróquia de Ponte Arêas, no sul da Galiza), herdada por Alfredo Guisado e o seu irmão: Maria Guilhermina “vendeu a casa às escondidas do meu avô” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ); este e outros depoimentos indicam que as relações familiares existentes não iriam facilitar presumivelmente a conservação do espólio guisadiano em mãos da família antes do falecimento da esposa do produtor em foco.

Presumivelmente, no entanto, a escassez de notícias sobre o espólio guisadiano deve-se fundamentalmente a um extravio ou furto protagonizado por uma empregada doméstica de Palmira Guisado, filha de Alfredo Guisado; afirmava, neste sentido, o sobrinho António Guisado (António Lago Guisado a CPJ):

O espólio de Alfredo Guisado teve uma grande aventura... sei que desapareceu... a filha morreu solteira... e quando fomos pelo espólio... tinha desaparecido todo.... Os livros que temos foram comprados... A única coisa que se salvou do espólio... foi o “homem do organillo”⁸ porque esse sim, eu tinha-o visto na sala e pedi que mo dessem e tiveram que mo dar... as coisas desapareceram, havia gente lá em casa. Eu nunca o consegui encontrar.

⁸ Refere-se a um desenho inédito de Alfonso Daniel Rodríguez Castelao com data de 1929, já referenciado por Alonso Estravis (1980: 350), hoje cedido por António Guisado ao Museu de Ponte Arêas, (vid. Anexos, LVII). Por outro lado, é muito provável que outros produtos guisadianos entretanto apareçam e permitam alargar a pesquisa sobre Alfredo Guisado (cfr. Miguel Gonçalo Guisado a CPJ). Um destes materiais é o livro de poemas inédito e sem data, *Semíramis*, oferecido por Palmira Guisado a Miguel Gonçalo Guisado em 1993. Trata-se de um manuscrito de 298 páginas, pronto para publicar, que esperamos ver algum dia publicado por nós ou outros.

Ainda sobre o espólio guisadiano: parte da biblioteca do produtor em foco foi doada pela família Guisado ao Centro Galego de Lisboa; segundo António Guisado, “foram alguns que eu retirei da casa e que como não tinham grande valor... dei ao Centro Galego [...] mas propriamente as obras de Alfredo Guisado desapareceram todas” (António Lago Guisado a CPJ). Infelizmente a falta de recursos, de tempo sobretudo, não nos permitiu fazer uma análise demorada dos volumes oriundos da biblioteca guisadiana hoje sob a custódia do Centro Galego de Lisboa, também porque os mesmos não se encontram devidamente catalogados (na própria página do Centro Galego de Lisboa relativa à Biblioteca não figura qualquer menção a esta doação nem tão sequer aos livros). Trás um exame muito superficial, apesar da presença de, p. ex., edições de *literatura* galega dos anos vinte (M. Curros Enríquez, *Aires d’a miña terra. O divino sainte* de 1922; R. Cabanillas, *A rosa de cen follas* de 1927; L. Amado Carballo, *O Galo*, 1928; ou R. Blanco Torres, *Orballo da media noite* de 1929), poderia ter algum fundamento a suspeita de Manuel Carrera no que diz respeito à origem dos livros; Manuel Mariño Carrera, emigrante galego em Lisboa desde a década dos 50 e autodidata interessado em todo o relativo à emigração galega em Lisboa (cfr. Leira 2008: 86-89), coloca a hipótese de muitos dos livros pertencerem originalmente a Palmira Guisado, filha do Alfredo Guisado (Manuel Carrera a CPJ).

A tese do furto⁹ parece sustentar-se se temos em conta os indícios explícitos sobre a existência do espólio guisadiano, por exemplo, na introdução a *Tempo de Orpheu II* onde José António Fernandes Camelo relata (Camelo 1996: 11):

Na sua casa antiga do Largo da Graça, nº 15, 1º, “um local que convida a meditação”, “um refúgio ideal para um poeta” e que a sua filha ainda preserva, deixou Alfredo Guisado um manuscrito, projecto de um novo livro, sem título, que agora se edita e se denomina *Tempo de Orpheu II*¹⁰.

Da existência do espólio guisadiano é prova sólida o conjunto de correspondência privada que nos foi mostrada pelo alfarrabista lisboeta Paulo da Costa Domingos no verão de 2011 e que depois de algumas dúvidas decidimos adquirir pessoalmente. Não estava dentro dos nossos objetivos comprar parte do espólio guisadiano, mas depois ouvir o parecer dos orientadores desta Tese e de contactar várias instituições ao nosso alcance que poderiam ter algum interesse na aquisição deste material e perante as sucessivas respostas negativas, optamos por comprá-lo pois não fazê-lo poderia implicar a impossibilidade de aceder a um conjunto de materiais relevantes para este trabalho¹¹, apesar do carácter privado e fundamentalmente sentimental das cartas¹². Esta correspondência compõe-se de um vasto conjunto de cartas pessoais entre Alfredo Guisado e a que virá a ser a sua esposa, Maria Guilhermina Ferreira: 994 espécimes ao todo (que inclui cartas, postais ou telegramas), entre os quais 552 são da autoria do produtor em foco, datado entre 1916 e 1925. Sobre a proveniência deste material, o alfarrabista aventurou a possibilidade de a sua origem se relacionar com “casas desfeitas” (Paulo Domingos a CPJ), o qual, em função do

⁹ Afirmam explicitamente tratar-se de um furto Miguel Gonçalo Guisado e Manuel Carrera. Para o primeiro, “o que se passou era que ela [Palmira Guisado] tinha lá uma funcionária, lá em casa, e após a morte dela aquilo desapareceu [...] o grosso desapareceu após a morte da tia Palmira”, “havia uma relação muito esquisita com a funcionária”; a funcionária, segundo Miguel Gonçalo Guisado teria ido “pessoalmente a vender coisas [do espólio guisadiano] ao Martinho Alfarrabista” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ), o qual parece concordar com o depoimento de Manuel Carrera; segundo este, o espólio guisadiano “foi vendido por mil contos a um alfarrabista” (Manuel Carrera a CPJ).

¹⁰ O Professor Carlos Quiroga, que acompanhou os preparativos da publicação de *Tempo de Orpheu II*, afirma ter visto na casa de Fernandes Camelo uma “mala” ou “grande caixa de cartão” com materiais de Alfredo Guisado que a filha, Palmira Guisado, teria emprestado (Carlos Quiroga a CPJ). Todavia, o falecimento de José António Fernandes Camelo veio dificultar esta linha de pesquisa; é expectável, no entanto, haver materiais guisadianos no legado documental de Fernandes Camelo.

¹¹ Por outro lado, esperamos poder transferi-lo em breve a uma instituição vocacionada para a catalogação, conservação e exposição pública deste tipo de documentação.

¹² Em carta à namorada (a 21/06/1917), Alfredo Guisado caracterizava assim o conteúdo da correspondência: “o tema das nossas cartas –Amor e Saudade– é sempre o mesmo, como o motivo fundamental dum poema musical, em volta do andam todas as melodias, todas as canções, todas as toadas”. Ao longo deste trabalho serão feitas numerosas citações ou referências a esta correspondência.

referido até aqui, parece pouco provável¹³; o alfarrabista além de explicar que teria feito uma proposta à Biblioteca Nacional para a aquisição do material que não obteve resposta, expressivamente afirmou o seguinte: “salvamos [a correspondência] *in extremis*, ia ser retalhado [...] por serem cartas com selos antigos, e papel timbrado” (Paulo Domingos a CPJ).

A pesquisa mais produtiva para este trabalho no que diz respeito à produção guisadiana foi a que realizámos na publicação periódica agrarista *El Tea*¹⁴. A leitura desta publicação permitiu-nos aceder a um conjunto valioso de materiais, desde artigos de tema diverso até textos literários da autoria do produtor em foco, não analisados praticamente até a atualidade (mas não desconhecidos), assim como a notícias, relevantes qualitativa e quantitativamente, respeitantes à vinculação de Alfredo Guisado com a Galiza, em geral, e com o agrarismo e o enclave lisboeta, em particular. Alargámos a pesquisa realizada com o intuito de localizar e analisar materiais relativos ao produtor em foco em outras publicações periódicas, galegas e portuguesas, consignadas no capítulo bibliográfico deste trabalho, onde diferenciamos entre Bibliografia ativa e Bibliografia passiva.

Localizámos também um conjunto de cartas não desprezível na Fundação António Quadros de Lisboa a partir de pesquisas na rede; ao todo são 13 cartas de Alfredo Guisado, datadas entre 1913 e 1929, cujo destinatário era António Ferro.

Todavia, no que diz respeito à produção guisadiana, cabe apontar o insucesso de algumas das pesquisas realizadas¹⁵ ou a dificuldade que significou aproximar-se da trajetória de *um* dos membros do Grupo do *Orpheu* (cfr. *infra*). Em função do até aqui exposto, o corpus *guisadiano* deste trabalho compõe-se da produção literária em livro ou dispersa por várias publicações periódicas, galegas e portuguesas, assim como

¹³ As respostas dadas por Paulo Domingos às nossas questões foram, em geral, pouco concretas ou até evasivas, o qual interpretámos como expressão de algum sigilo próprio do meio dos alfarrabistas e que, em última instância, pouco esclarece para os interesses deste trabalho.

Do estado em que se encontrava esta documentação quando foi adquirida pelo alfarrabista lisboeta dá conta a fotografia amavelmente enviada pelo mesmo (*vid.* Anexos, I e II).

¹⁴ Publicado entre 1908 e 1936, *El Tea*, subtintulado segundo a época “Semanario Político Independiente. Defensor de los intereses del distrito de Puenteareas” ou “Decenario Defensor de los Intereses Agrarios”, é, pelo menos na sua origem, uma das instituições que os agraristas e/ou republicanos da zona do Condado (no Sul da Galiza) criam sob a direção do republicano Amado Garra visando nomeadamente disputar o domínio *caciquil* no citado Condado (cfr. Vilavedra 1997: s. v. “Tea, El”; cfr. *infra*); a origem de muitos dos galegos da colónia lisboeta era precisamente a comarca do Condado, o que explica, em parte, o interesse desta publicação pelo enclave lisboeta (cfr. *infra*).

¹⁵ Apesar, por exemplo, de contar com evidências sólidas de contactos entre Alfredo Guisado e agentes da Real Academia Galega (RAG) na década de 20 (cfr. *infra*) a pesquisa realizada junto desta instituição galega não deu os resultados esperados; contra todo prognóstico, no arquivo da RAG nada consta acerca de Alfredo Guisado segundo nos indicaram *in situ*.

de outros materiais (artigos de assunto diverso e correspondência), que achamos constitui o mais completo levantamento da produção guisadiana até o momento organizado e que, com maior relevância para os objetivos deste trabalho, vai permitir-nos, entendemos, alcançar com solidez os objetivos traçados.

Por último, entendemos como formando parte do corpus primário ainda uma série de materiais, publicações periódicas ou oriundos destas, de variado tipo, que informam do enclave galego de Lisboa ou da imagem portuguesa dos galegos e da Galiza. Neste sentido, por exemplo, a pesquisa em *El Tea* foi singularmente elucidativa, pois perante a escassez de estudos sobre estes duas questões aquando dos inícios da elaboração desta Tese, verificámos que as páginas desta publicação galega são uma fonte de informação privilegiada (note-se, a este respeito, a extensa vida de *El Tea*, 1908-1936), podendo ser considerada, especialmente na década de 10, uma espécie de *diário* do enclave. *El Tea*, por seu turno, fornece informação relevante sobre as instituições do enclave ou outras publicações vinculadas à colónia galega de Lisboa como *La España Democrática* (1912), *España y Portugal* (1913) ou *Hispania* (1924), consultadas para este trabalho. Por outra parte, para a descrição e análise do enclave utilizámos também a documentação interna do Centro Galego de Lisboa/Juventude da Galiza (livros de atas, fundamentalmente para o período em foco) à que, depois de várias tentativas, conseguimos aceder; em função dos recursos disponíveis e dos objetivos deste trabalho a utilização e análise destes materiais não será tão exaustiva como seria desejável¹⁶. Ao longo das páginas que se seguem, serão utilizados também

¹⁶ Contrariamente ao que já chegamos a afirmar (cfr., p. ex., Pazos 2010: 118), o Centro Galego de Lisboa conserva um importante arquivo constituído por documentação interna que se remonta aos inícios da própria instituição, como é o caso do *Libro de Socios 1908-1955* ou, com início dois anos mais tarde, o *Libro de Cargos de 1910 a 1949* (cfr. Bibliografia). O facto de sabermos desta documentação só na fase final de pesquisa para a elaboração desta Tese deve-se, julgamos, a um certo sigilo que nos parece *habitar* nesta instituição (e outras do género) após décadas de férreo controlo por parte dos regimes autoritários peninsulares. Mais surpreendente foi encontrarmos num canto do Centro Galego um conjunto de DVDs com o título “Proxecto de inventariado, catalogación e dixitalización de imaxes do patrimonio arquitectónico, artístico e documental titularidade dos centros galegos no exterior” elaborado pela Xunta da Galiza (vid. Bibliografia), do qual não tínhamos conhecimento nem, que saibamos, é conhecido entre a comunidade científica interessada nestes assuntos. O termos localizado só muito recentemente este conjunto de valiosos materiais fez com que para este trabalho sejam utilizados em menor medida do que seria o nosso normal desejo. Em geral, por outra parte, o arrumo e catalogação dos fundos materiais e, nomeadamente, bibliográficos do Centro Galego de Lisboa é ainda tarefa a fazer, o qual é relativamente surpreendente se pensarmos que um ou vários técnicos enviados pela Xunta da Galiza catalogaram e digitalizaram a documentação mas, como dizemos, não arrumada como seria esperável. Relativamente à documentação de Juventud de Galicia, cabe anotar ainda que localizámos e consultamos nesta instituição o *Libro de Actas de Juntas Generales* de 1924 a 1932 que não consta dos resultados do projeto de catalogação citado.

Singularmente frustrante, por último, foi o facto de não termos encontrado um dos materiais indicados no estudo de Pena Rodríguez (Pena 1999: 37); o autor indica que o trabalho inédito *La colonia española en*

uma série de materiais, procedentes de publicações periódicas quase todos, que nos auxiliarão na aproximação das relações intersistémicas no espaço literário(/cultural) ibérico.

2.1.2. Corpus secundário

O conjunto de materiais agrupados sob a denominação de corpus secundário tem uma tripla função: (i) serviu de fonte de informação para a pesquisa realizada, nomeadamente no que diz respeito ao percurso guisadiano (em quês revistas publicou? a que grupos esteve ligado?, etc.), e, por sua vez, (ii) achegou informação substantiva para a compreensão do nosso objeto de estudo; e não menos relevante, por último, (iii) mostrou o conhecimento existente, o estado da questão, acerca do objeto de estudo desta Tese.

Deste modo, o corpus secundário deste trabalho nutre-se, sinteticamente, de:

- a) Materiais (livros, artigos vários e entrevistas, fundamentalmente)¹⁷ que informam da trajetória guisadiana. Cabe assinalar, como já foi indicado mais acima, que o facto de Alfredo Guisado estar vinculado ao primeiro modernismo português¹⁸ dificultou a pesquisa efetuada: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, basicamente, foram objeto de atenção em numerosíssimos estudos tanto em Portugal como no estrangeiro; na prática, o elevado número de estudos, homenagens, críticas, etc., onde os *órficos* foram os convocados, dificulta, em parte, o nosso labor. Fernando Pessoa, em particular, desde a década de 30 do século passado, *grosso modo*, tem conquistado com verdadeira intensidade a atenção de meios académicos e jornalísticos entre outros¹⁹, obscurecendo, em nosso entender, outros produtores ligados ao primeiro modernismo português, Alfredo Guisado entre eles. Apesar disto, apontamos que esta Tese aspira a, dentro das nossas possibilidades, contemplar

Portugal (1900-1982) y el Instituto Español en Lisboa (1932-1982) se encontraria no Instituto Cervantes de Lisboa. Depois de consultar os fundos desta instituição e de entrevistar a bibliotecária do mesmo, assim como de questionar via correio eletrónico o próprio Alberto Pena (a quem agradecemos as informações gentilmente dadas) não encontramos qualquer rasto do trabalho.

¹⁷ Incluímos aqui cinco documentos respeitantes a Alfredo Guisado oriundos do Arquivo PIDE/DGS sediado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (*vid.* Bibliografia) que só conseguimos consultar depois de dezembro de 2012.

¹⁸ Doravante, no relativo à denominação *primeiro modernismo português* seguimos Aguiar e Silva 1995. Relativamente às diferenças de significado que expressa no âmbito dos estudos literários a palavra *modernismo* em espanhol e português seguimos Apolinário Lourenço 2005: 96 e ss.

¹⁹ A extensa bibliografia pessoana organizada por José Blanco é um claro exemplo (cfr. Blanco 2008, 2008a). De resto, uma simples procura na rede com, por exemplo, as palavras “Fernando Pessoa” pode ser bastante elucidativa (cfr. *infra*).

todo o que já se publicou (até dezembro de 2012) especificamente sobre o produtor em foco, tanto na Galiza como em Portugal, espaços onde, como se verá, Alfredo Guisado foi objeto de vários estudos.

- b) Estudos sobre as relações literárias (e culturais) que têm lugar no espaço cultural ibérico durante o período em foco, assim como outros trabalhos que informam do estado dos campos nos espaços focados. Como já foi indicado, a descrição das relações mencionadas será feita fundamentalmente a partir de bibliografia secundária, relativa às relações intersistémicas, em geral, e às relações galego-portuguesas, em particular. Quanto às primeiras, o elevado número de livros ou artigos sobre o assunto (cfr., por exemplo, Correia Fernandes 1986) inviabilizou, em função dos recursos à nossa disposição, uma pesquisa pormenorizada, optando por dar prioridade na nossa pesquisa aos estudos de conjunto, nomeadamente àqueles vinculados a projetos de investigação concretos ou a um grupo de pesquisa com algum percurso nesta área de estudos ou, em última instância, a volumes que tratam especificamente do assunto aqui em causa (assim, por exemplo: Magalhães 2007 e 2007c; Lafarga, Peganaute e Gallén 2010; ou Sáez e Gaspar 2010). Pela heterogeneidade dos seus contributos e pela visão panorâmica que oferecem, foram também relevantes para este estudo as antologias organizadas por Xosé Manuel Dasilva (Dasilva 2006 e 2008). Deste modo, o corpus secundário aqui utilizado para ilustrar as relações intersistémicas assume-se, nomeadamente do ponto de vista quantitativo, como uma proposta possível. Quanto às relações galego-portuguesas especificamente, este trabalho nutre-se de um conjunto alargado de estudos específicos que ora focam a trajetória de um determinado produtor ou um período concreto, ora analisam o relacionamento literário galego-português.
- c) Por último, no relativo ao enclave galego de Lisboa e a imagem dos galegos e da Galiza em Portugal, apesar da relevância do fenómeno migratório galego para Portugal ou da posição deste país no imaginário político e cultural do galeguismo (cfr. *infra*), os estudos centrados especificamente nestes assuntos são escassos ou praticamente inexistentes. Deste modo, neste trabalho serão tidos em conta os poucos trabalhos que, oriundos, por exemplo, dos estudos migratórios, há na atualidade; por seu turno, temos em consideração outros trabalhos do âmbito da filologia centrados, por exemplo, na análise dos significados da palavra *galego* e variantes (cfr., por exemplo, Marçal 1954).

2.2. Instrumentos metodológicos

Se nas páginas anteriores nos centrámos nos procedimentos adotados para a elaboração deste trabalho, nas que se seguem explicitaremos as ferramentas teóricas e conceituais que inspiraram e contribuíram para alcançar o objeto de estudo definido. Neste sentido, a base teórica geral que sustenta esta Tese nutre-se dos contributos metodológicos do investigador israelita Itamar Even-Zohar (1990) e do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996) para o fenómeno literário/cultural²⁰, assim como algumas outras ferramentas metodológicas desenvolvidas a partir destas teorias, nomeadamente pelo Grupo Galabra. Cabe ressaltar, todavia, a flexibilidade das teorias de I. Even-Zohar e P. Bourdieu, “constituem sistemas abertos e non excluintes onde os conhecimentos, froito doutros puntos [...] se poden integrar” em palavras de Antón Figueroa (Figueroa 2001: 31), o qual vai possibilitar combiná-las com outras elaborações teóricas afins ou de áreas de conhecimento alheias, em princípio, ao fenómeno literário/cultural (cfr. *infra*). A nossa aproximação ao objeto de estudo, o entendimento do(s) *campos literário(s)* ou aos *sistema(s) literário(s)*, assume como ponto de partida a afirmação do teórico israelita (Even-Zohar 2007: 70):

No hay ninguna técnica literaria, entendida en términos de ley gobernante para cierto material, descrita por los estudiosos de la literatura, que sea exclusivamente literaria, no hay un solo principio textual que lo sea. Asimismo, la literatura como institución no se comporta de manera diferente de cualquier otra institución socialmente establecida²¹.

Uma vez que tanto a noção de *campo literário* como a de *sistema literário*, assim como outros contributos dos autores citados, nos parecem na atualidade já suficientemente conhecidas dentro do âmbito dos estudos literários (e culturais) não vamos deter-nos em descrevê-las com detalhe. Contudo, a adoção do quadro metodológico proposto pelas *teorias sistémicas*, flexível e abrangente como apontámos, permite-nos:

²⁰ A patente “proximidade conceptual” (Samartim 2003: 24; cfr. Torres Feijó 2004: 427 e ss.) existente entre estas duas formulações teóricas permitir-nos-á usá-las conjuntamente ao longo deste trabalho, pois, tanto Pierre Bourdieu como Itamar Even-Zohar entendem o fenómeno literário como um sistema sócio-semiótico complexo, inserido na sociedade; Monserrat Iglesias, neste sentido, não duvida em enquadrá-las sob a etiqueta mais ampla de *teorias sistémicas*, pondo em destaque assim os pontos em comum e/ou complementares das duas formulações teóricas (Iglesias 1994: 309 e ss.).

²¹ Do mesmo modo, temos em consideração “what has been regarded throughout the development of modern science as a supreme goal: the detection of laws governing the diversity and complexity of phenomena rather than the registration and classification of these phenomena” (Even-Zohar 1990: 9).

- a) entender, com grande relevância para a orientação geral deste estudo assim como para enquadramento académico-científico do mesmo, o fenómeno literário “como actividade da cultura” (Torres 2004a: 238-9), isto é, como um facto cultural; cabe anotar, neste sentido, que a relação entre *literatura* e *cultura* aqui assumida está vinculada à orientação metodológica que tem tomado o Grupo Galabra²². Desde outro ponto de vista e partindo da nossa experiência no âmbito académico/universitário português, há indícios fortes a mostrar que a relação entre *literatura* e *cultura* no que diz respeito à organização do ensino superior está a mudar nesta direção; a situação presente parece estar marcada pela transição de um modelo no qual os estudos literários, em crise para muitos (cfr., por exemplo, Goullart 2001 ou Amaral 2004), ocupavam uma posição central nas ciências humanas para um outro modelo que secundariza ou relativiza aqueles e, tendencialmente, parece afirmar os estudos da cultura integrando, em ocasiões, os estudos literários²³.
- b) abordar a *literatura* partindo de que o seu estudo e análise pode ser “un instrumento eficaz para [...] la comprensión de la sociedad en la cual vivimos” (Even-Zohar 1999: 35). Em sintonia com os postulados do Grupo Galabra (Torres 2004a ou 2012), a *utilidade* e *confiabilidade* são um dos objetivos perseguidos na elaboração deste trabalho. Consequentemente, este estudo assume a necessidade de tomar distância a respeito do objeto de estudo, tentando ultrapassar algumas inércias presentes nos estudos literários, como as que transparecem na seguinte afirmação de I. Even-Zohar (1999: 35; *italico no original*; cfr. Torres 2012a):

Hay que liberarse de la identificación automática, que es el resultado de la evolución histórica descrita en este trabajo, de la literatura con un ‘valor’ positivo, estético (en el

²² Em palavras de um dos integrantes de Galabra, Roberto Samartim (2010: 18):

a trajetória do grupo Galabra que sustenta a equipa de investigação do projecto em que está incluída esta tese [Samartim 2010] e a coerência com os pressupostos metodológicos de carácter sistémico, sociológico e relacional que articulam a acção do pessoal de Fisempoga [Projeto de investigação: “Fabricação e socialização de ideias num sistema cultural emergente durante um período de mudança política, Galiza 1968-1982”] explicam e justificam suficientemente, pensamos, a clara evolução experimentada pelos membros da equipa do projecto do estudo específico da literatura para a sua focagem como fazendo parte da análise da cultura.

²³ Com o co-orientador desta Tese, o Professor Xaquín Núñez Sabarís, em análise, *grosso modo*, do ensino da literatura espanhola no sistema universitário português, comprovámos que em 7 das 11 universidades observadas as novas licenciaturas pós-Bolonha com presença de estudos de literatura espanhola (também alemã ou francesa) denominam-se significativamente Línguas, Literaturas e *Culturas* (Núñez e Pazos 2012).

sentido de tener validez atemporal) o de otro tipo, y con la idea popular de que es portadora de una verdad, auténtica o profunda -más allá de lo corriente-, acerca del mundo. Es precisamente sobre este conjunto de *doxa* que está basada actualmente la reputación de la literatura²⁴.

c) partir do pressuposto de que este quadro teórico é suficientemente sólido para aproximar-nos do percurso de um produtor concreto e, num segundo plano, das relações literárias no espaço cultural ibérico (cfr. Casas 2003: 90, Torres 2004: 427 e Sáez 2011a: 3-4). São também especialmente rentáveis para a análise do fenómeno literário(/cultural) em casos como o do emergente sistema literário galego, com o qual o produtor visado mantém estreitos vínculos durante o período de análise, nomeadamente se perspetivamos o sistema literário como um *locus privilegiado* (Torres 2010: 163), isto é, entendendo que:

as funções que, nitidamente desde as actividades dos ilustrados no século XVIII até à actualidade, a literatura cobra como elemento identificador da comunidade som do maior relevo e imponhem-se, ao lado do prazenteiro, como autenticamente decisivas, e a isso nom som alheios os mesmos escritores em muitos casos: coesom, memória, identificação nom já polos textos e as suas línguas em si mas também [...] polas ideias fabricadas sobre o colectivo e o papel da lit[e]ratura (Torres 2004: 434)²⁵.

A adaptação das teorias sistémicas para a abordagem do caso galego feita pelo co-orientador desta Tese, o Professor Elias Torres, tem grande rentabilidade para o nosso trabalho porquanto nos auxiliam na compreensão e análise de um sistema cultural deficitário como o galego; *tendências proto-sistémicas* e

²⁴ Como já indicámos na Introdução, não está, dentro dos nossos objetivos, portanto, reivindicar o autor ou a obra em análise, nem, do mesmo modo, construir um discurso que ora substantive ora relativize determinadas relações intersistémicas e ideias a elas associadas no quadro peninsular.

²⁵ I. Even-Zohar (2011: 81), na mesma linha, afirmava em 1996:

a minha opinião é a de que foi a 'literatura' que serviu como um factor omnipresente para a coesão sócio-cultural na nossa sociedade. Isto não significa que tenha sido um factor exclusivo ou o mais importante, mas talvez tenha sido o mais duradouro, e provavelmente o que com mais frequência se combinou com outros elementos.

*subsistémicas, norma sistémica e défice projectivo*²⁶ são as ferramentas teóricas que destacamos²⁷.

O nosso estudo destaca a função identitária do fenómeno literário dentro da cultura, e, por sua vez, perspetiva esta como mais um elemento basilar no processo de *invenção* das nações em curso desde o século XVIII (Thiesse 2011). Interessa-nos, neste sentido, analisar como Alfredo Guisado se relaciona com a identidade portuguesa mas também especificamente com a galega, em construção, quais as regras e repertórios em jogo aos que se associa, tendo presente a proposta de análise cultural de Itamar de Even-Zohar, aplicada ao fenómeno literário, que concebe a cultura *como bens* e *como ferramentas* (Even-Zohar 1999)²⁸.

No relativo ainda à análise da *trajetória* guisadiana, este estudo persegue conhecer “a série das posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor nos estados sucessivos do campo literário, dando-se por entendido que é apenas na estrutura

²⁶ Esclarecemos já que, ainda correndo o risco de transparecer certa rigidez discursiva e/ou metodológica, ao longo desta Tese decidimos utilizar sistematicamente a terminologia própria das orientações metodológicas assumidas (*sistema, campo, produtor*, etc.) por (i) entendermos ser uma prática mais coerente com as decisões metodológicas adotadas e (ii) por partir do pressuposto de que deste modo a nossa análise ganhará em precisão e rigor.

²⁷ Segundo Elias Torres (2004: 429; itálicos no original; negritos nossos): “entendo que pode ser rendível, sempre sobre a base da variável que proponho sobre a noção de sistema de Even-Zohar, operar com os conceitos de proto-sistema e sub-sistema ou, com o de **tendências proto-sistémicas** ou **sub-sistémicas** com que no Grupo Galabra vimos trabalhando. Entenda-se por tais, no primeiro caso, a detecção de práticas tendentes à configuração dum novo sistema segregado do sistema a que se está vinculado, ou, no segundo, as práticas que, mantendo especificidades a respeito do sistema originário, não pretendem impugnar a sua pertença a este (o que, provisoriamente e de forma insuficiente e esquemática, se pode fazer equivaler a ‘literaturas regionais’ tal como entendidas, por exemplo, no contexto cultural ibérico) [...] O que permite balizar cada um desses sistemas, ou, segundo os casos, programas e elaborações proto-sistémicas, é o que denomino *normas sistémicas*”. As ***normas sistémicas*** “(materiais ou regras repertoriais da perspectiva analítica de Even-Zohar) são critérios delimitadores que actuam como princípios básicos que se activam nas práticas culturais dos espaços sociais, e de cuja interpretação e aceitação pela comunidade participante dependem as possibilidades e os modos de obter uso, posição e função nos sistemas culturais. As normas sistémicas, aliás, não apenas determinam os nutrientes da estrutura do sistema mas os modos e efeitos de serem atingidos os seus pertencentes” (*id.*: 430). Por último, Torres Feijó propõe a noção de ***défices projectivos*** para definir as carências detetadas num sistema cultural “na medida em que indicam um vazio que se quer preencher (ou uma presença que se quer substituir), um projecto que se quer realizar” (Torres 2000: 975).

²⁸ O investigador israelita define assim as duas noções (Even-Zohar 1999: 27-28):

En la concepción de la cultura como bienes, la **cultura** se considera **como un conjunto de bienes** valiosos, cuya posesión significa riqueza y prestigio. El poseedor de tal conjunto puede usarlo por lo tanto para mostrar sus riquezas. Este es un procedimiento (una práctica) que puede ser adoptado tanto por un individuo como por un colectivo organizado de individuos, específicamente una entidad social [...] En la concepción de la **cultura como herramientas**, la cultura se considera como un conjunto de herramientas para la organización de vida, a nivel colectivo e individual (carregados nossos).

Para I. Even-Zohar, de acordo com o já referido até aqui, “la ‘literatura’ no figura como un instrumento ‘estético’ o una diversión para los privilegiados. Se trata, al contrario, de una institución social muy poderosa e importante, uno de los instrumentos más básicos de la mayoría de las sociedades humanas, para ordenar y manejar su repertorio de organización de vida, es decir, su cultura” (Even-Zohar 1999: 33).

de um campo, quer dizer, [...] relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas” (Bourdieu 1996: 50). Seguindo esta noção de *trajetória*, a produção de Alfredo Guisado apenas pode ser descrita em relação a outros produtores e produtos (regras, repertórios) que intervieram no espaço cultural ibérico, nomeadamente no sistema literário português da altura²⁹; o mesmo acontecerá para analisar a sua produção vinculada, em geral, à Galiza. Neste sentido, temos em consideração para a análise das tomadas de posição do produtor em análise a noção de *habitus* de Pierre Bourdieu assim como o conceito de repertório de Itamar Even-Zohar³⁰. O *habitus* definido, por exemplo, como “categorias de percepción e apreciación producidas polos condicionamentos sociais de cada individuo” (Bourdieu 2004: 25) longe de propor um funcionamento mecânico, no sentido de criar relações de causa-consequência, permite entender certas formas de agir, as de Alfredo Guisado aqui, como sendo postas em prática em função do estado do campo e do, conseguinte, *espacio dos possíveis* inscrito nesse campo, funcionando como uma espécie de *dispositivos* que orientam e nutrem as tomadas de posição, as lealdades de, neste caso, Alfredo Guisado.

Por último, analisamos a posição do produtor em foco no quadro peninsular à luz das orientações de Daniel-Henri Pageaux (2010: 367 e ss.; cfr. Sáez 2011: 23) acerca da relevância dos *intermediários* ou *medianeiros* para a descrição e análise das relações intersistémicas no espaço cultural ibérico. Um enfoque metodológico como o até aqui proposto vai obrigar-nos a reiterar alguns dos acontecimentos ou análises ao longo da exposição neste Tese.

²⁹ Em estudos análogos, são também assinaladas as vantagens da adoção da noção de *trajetória* de P. Bourdieu; por exemplo, Rosario Mascato relativamente ao percurso de Ramón del Valle-Inclán (Mascato 2012: 44-45):

en primer lugar, nos permite romper con la teoría romántica de la existencia de Valle-Inclán como un genio creador de excepción en la España de su época, cuyo proyecto estético parece haber surgido al margen del campo literario en que participa; por otra parte, refuerza la importancia de la progresiva red de relaciones sociales, artísticas, políticas, etc. que el autor va construyendo, para entender su producción literaria; además, contribuye a explicar la existencia de homologías vitales, estéticas y literarias con otros autores coetáneos (españoles y europeos); y, en lo que se refiere a nuestro material de estudio, porque otorga a documentos aparecidos en la prensa, como artículos, entrevistas, conferencias o las distintas versiones de sus poemas, un lugar no menos central dentro del corpus valleinclaniano, al convertirse en fundamentales para determinar los posicionamientos ideológicos (políticos y estéticos) del autor, que diseñan un proyecto artístico plasmado finalmente en su praxis literaria; por último, porque nos obliga a recurrir a la crítica coetánea sobre el escritor, así como a reparar en las polémicas y debates que se inscriben en el campo literario español de entresiglos.

³⁰ Note-se que na revisão da sua teoria dos Polissistemas, Itamar Even-Zohar adota o conceito de *habitus* de Bourdieu, definindo-o como “repertorio de modelos adquiridos y adoptados (también adaptados) por individuos o grupos en un medio determinado, bajo los condicionantes del sistema de relaciones que dominan ese medio” (Even-Zohar 1999a: 38).

2.2.1. As relações intersistémicas: o caso galego-português

Aproximar-se das relações literárias(/culturais) na península ibérica apresenta-se como tarefa concetual e metodologicamente complexa se, por exemplo, tivermos presente o facto de os estudos sobre questões de literatura comparada centrados, *grosso modo*, no âmbito ibérico, como veremos no capítulo 3 desta Tese, oferecerem, em geral, poucos consensos. Deste modo, esta aproximação ativa algumas questões não menores para o entendimento do objeto de estudo para as quais, neste trabalho, não pretendemos dar respostas definitivas, mas sim, em função do quadro metodológico utilizado, oferecer algumas propostas de análise que nos permitam alcançar os objetivos definidos.

Terminológica e conceitualmente encontrámos, logo de início, alguns obstáculos em chegar-nos ao objeto de estudo, nomeadamente à hora de entender o nosso *espaço* de análise. Em sintonia com o que Fernando Cabo Aseguinolaza descreveu como o “giro espacial” (Cabo 2004)³¹ e também com algumas das reflexões do Professor Arturo Casas (Casas 2003 e 2004), optamos por referir-nos ao *espaço cultural ibérico* (apesar das equívocas ressonâncias do adjetivo *ibérico*), e não, por exemplo, ao *espaço cultural peninsular*, menos amplo em nosso entender, ou, com implicações maiores e um grau de concretização mais explícito, *sistema interliterário* ou *intercultural ibérico*, noção que retomamos mais abaixo.

Aproximar-se metodologicamente às relações intersistémicas no espaço cultural ibérico no período em foco (e, presumivelmente, até a atualidade) supõe, antes de mais, ter em consideração que “Any comparatist approach to literatures in the Iberian Peninsula must begin by acknowledging the clearly asymmetric situation of these literatures” (Mainer 2010: 641). Isto é, o espaço cultural ibérico compõe-se de vários sistemas culturais diversos, a vários níveis, e que podemos identificar, em termos gerais, como: (i) **sistemas consolidados**, autónomos e fortemente institucionalizados, casos do espanhol e do português, e (ii) **sistemas emergentes**³² que partilham, no mínimo, uma

³¹ Cabo Aseguinolaza (2004) estuda a mudança operada no âmbito da historiografia literária desde os anos 70, em que, no contexto da globalização e da crise das literaturas nacionais, o *espaço* tem atingido uma maior relevância, face à temporalidade como assim o indica, por exemplo, o aparecimento de noções teóricas a partir de metáforas espaciais; para o autor, a problematização do *espaço* configura-se como um caminho conveniente dentro do comparativismo. Para Daniel-Henri Pageaux, secundando a proposta de Cabo Aseguinolaza, “[e]l espacio, el parámetro espacial, introduce en los estudios literarios una nueva dimensión, un nuevo marco conceptual, que precisa y aclara la noción de interculturalidad” (cfr. Pageaux 2010: 376).

³² Com Roberto Samartim (2010: 37), entendemos por sistemas **emergentes**: sistemas deficitários, que apresentam à partida insuficiências na sua estrutura e funcionamento mas nos quais hai agentes que trabalham para as superar [...] e que podem ser também considerados

seção do espaço político definido pelo Estado espanhol com o sistema literário espanhol (também, em princípio, nos *enclaves*) e que apresentam importantes défices projetivos: o catalão, galego e basco³³. A diversidade essencial dos sistemas em foco, nomeadamente o galego e o português, faz com que, por exemplo, as implicações das mesmas tomadas de posição do produtor em foco sejam bem diferentes num e noutro sistema. Neste sentido e relativamente ao espaço ibérico, Elias Torres (2004: 433) chamava atenção para:

convém ter presente as variações funcionais da literatura dumha comunidade para outra e dumha época para outra, também dentro da mesma comunidade. Em algumas, a literatura como alicerce de coesom nacional dilui-se, apaga-se ou a sua invocação é julgada desnecessária, enquanto noutras é explicitado como objectivo primeiro [...] Houvo e há espaços sociais em que a coesom é garantida por outros meios ou simplesmente não é posta em causa, o que pode levar à rejeição da explicitação dessa função.

Com efeito, partimos do pressuposto de que as atividades literárias como “alicerce de coesom nacional” funcionam, no período de análise e dentro dos sistemas culturais em jogo, de forma diferente nos sistemas consolidados e nos emergentes; nestes últimos, entendemos que a função identitária é capital. Por outro lado, a diferente organização interna assim como as dissimilares funcionalidades dos sistemas presentes que apontamos, problematizam o entendimento das relações intersistémicas, isto é, as relações que se estabelecem ou que se pretendem estabelecer entre estes sistemas no espaço cultural ibérico.

Para a análise das relações entre sistemas no espaço ibérico têm sido propostas várias ferramentas nocionais (cfr. Casas 2003 e 2004). Neste trabalho adotamos a noção de *intersistema* (ou *espaço intersistémico*) de Elias Torres (2004; cfr. 2000: 980), desenvolvida a partir da noção de *interliterary system* de Naftoli Bassel: “a consideração de *intersistema* quer colocar a focagem nas relações estabelecidas entre sistemas vinculados por *elementos comuns, balizas sistémicas ou circunstâncias*

“emergentes” na medida em que estão sujeitos a mudanças estruturais auto-organizadas e não planificadas previamente.

³³ Segundo Mário J. Valdés (Valdés 2004: 17) na Península Ibérica haveria “por lo menos *diez* zonas distintas de producción de cultura literaria que resisten la fuerza centralizadora de la cultura nacional, es decir, la española y la portuguesa” (itálico nosso).

similares –caso das repúblicas bálticas, Galeusca ou do intersistema hispano-hispanoamericano” (id.: 441; itálicos nossos)³⁴. A partir desta noção, propomos:

- a) ***Intersistema assimétrico*** ou ***simétrico***: com a adição do adjetivo *assimétrico* pretendemos substantivar a tendência de um (ou vários) grupos dos sistemas envolvidos para perspetivar hierarquicamente o relacionamento, posicionando assim o seu (ou outro) sistema como o centro de dito espaço, que pode ser reconhecido e aceite ou não por grupos doutros sistemas (é o caso, em nosso entender, das propostas no final da década de 20 de *La Gaceta Literaria* de E. Giménez Caballero; cfr. *infra*); por *intersistema simétrico* entendemos as relações que almejam e/ou constroem um quadro relacional entre sistemas hierarquicamente homologáveis e policêntrico sem, portanto, a pretensão expressa de estabelecer um centro definido num dos sistemas envolvidos, como pode ser o caso de grupos catalanistas interessados na promoção de uma península ibérica culturalmente conformada por três espaços bem definidos, à vez que relacionados.
- b) No período focado e com especial interesse para a análise do caso galego-português, tomando como base nocional os conceitos *tendências protosistémicas* e *subsistémicas* desenvolvidos também por Elias Torres (cfr. *supra*), parece-nos rentável perspetivar o grau ou natureza da vinculação e partilha entre os sistemas culturais a partir de ***tendências intersistémicas assimétricas*** ou ***simétricas***, pois, nesta Tese, entendemos complexo considerar para o período de estudo a (não-)existência de um intersistema cultural galego-português, por exemplo; assim, julgamos mais vantajoso abstrair considerando tomadas de posição nos sistemas em causa³⁵, no galego fundamentalmente, que visam a elaboração (ou invenção), em curso desde as últimas décadas do século XIX, de um intersistema cultural galego-português em função de uns interesses determinados e sustentado na partilha de uma

³⁴ Arturo Casas (2003: 73) propõe a noção de *sistema interliterário*, isto é, “un grupo de literaturas nacionales vinculadas históricamente que mantienen entre sí una serie de relaciones jerárquicas y de flujos repertoriales o de interferencias, de modo semejante a los que se dan entre los sistemas periféricos y central de los polisistemas fuertes”; apesar do interesse da definição, o uso de *sistema* na denominação problematiza, em função da terminologia aqui assumida, a utilização deste conceito.

³⁵ Evidentemente, caberia ainda problematizar as relações no espaço ibérico se pensarmos nas tomadas de posição cujo objetivo é *negar* os vínculos entre os sistemas em jogo ou estabelecer vínculos com outros sistemas fora desse espaço; não sendo este um trabalho teórico, entendemos que as noções até aqui descritas são suficientes para alcançar os objetivos propostos.

série de elementos de variada natureza, com destaque para a língua³⁶; o percurso do enclave galego de Lisboa, como se verá, parece-nos altamente esclarecedor neste sentido.

- c) Este modo de focar as relações permite-nos, em último lugar, assinalar a agencialidade das relações propostas e/ou praticadas; por conseguinte, em função do já referido, utilizamos na nossa análise *assimetrismo* e *simetrismo*, bem como agentes *assimetristas* e *simetristas*.

Para a compreensão das relações intersistémicas no espaço cultural ibérico temos em consideração, todavia, as seguintes reflexões de Elias Torres (2004: 426):

A consideração dumha denominada literatura comparada ibérica pressupom umha prévia focagem do espaço geo-humano ibérico como delimitável. Mas [...] esse quadro ibérico integra por sua vez variados grupos que se consideram diferentes entre si e em funçom disso actuam, formalizando ou nom politicamente essas diferenças, e elas sendo mudadas quanto ao seu espectro de intervençom ao longo do tempo.

As apreciações de Torres Feijó levantam, não só mas também, questões não menores a respeito dos interesses e ideias e/ou crenças que (im)possibilitam ou (des)promovem o relacionamento entre os diferentes sistemas culturais em jogo assim como dos grupos que os constituem e atuam fora das suas margens no espaço ibérico; neste sentido, entendemos a *não-relação* com Tobias Brandenberguer (Brandenberguer 2005) como um elemento de interpretação substantivo, não acessório. Para a análise destas linhas de força, nalguns casos tendências de longo percurso, o quadro conceitual desenvolvido pelo historiador Justo Beramendi (Beramendi 1991), assumido pelo

³⁶ Um exemplo de tomadas de posição que poderíamos entender sob a noção de *tendências intersistémicas* toma forma em finais do século XIX no discurso de Manuel Murguia, planificador central do emergente sistema cultural galego (cfr. Beramendi 2007), nos Jogos Florais de Tui, reproduzido parcialmente, aliás, por Alfredo Guisado em 1929 (cfr. *infra*). Do conhecido discurso, Elias Torres (2010: 164-165) destaca o que podemos considerar os alicerces do, por alguns, almejado intesistema galego-português(-brasileiro):

- a) a comunidade linguística determina a existência de um inter-sistema galego-luso-brasileiro e legitima a diferente nacionalidade [...]
- b) Camões, pola sua origem e escrita, é também património galego, as glórias galaicas [os] povos e a comum origem literária reforçam a unidade.
- c) Portugal e Galiza partilham a lírica popular, essência fundadora da nacionalidade.
- d) a unidade linguística legitima a patrimonialização galeguista de Portugal.

Seguindo as reflexões de Torres Feijó, poderíamos ainda entender as linhas de força do discurso de M. Murguia como *normas intersistémicas*, especialmente a língua, central como vemos no relacionamento intersistémico para Murguia (e outros), porquanto é proposta como um critério delimitador de um espaço cultural, segundo Murguia, fortemente coesionado.

Grupo Galabra (cfr. Samartim 2010, por exemplo) é especialmente útil; assim: o **referente de oposição** é o “sistema do qual se pretende emancipar e sobre o que se gera uma atitude de rechaço” (Torres 2004: 442); o **referente de reintegração**, por sua vez, “evoca un ente nacional hermano –en realidad, una parte del propio- que se separó en el curso de la historia, a pesar de pertenecer al mismo tronco étnico o nacional” (Beramendi 1991: 136), para Torres Feijó (2004: 442) “um agregado dos sistemas que se reconhecem utentes duma mesma norma sistémica”; os **referentes de analogia** “son aquellos entes nacionales con los que se compara positivamente el propio” (Beramendi 1991: 136); por último, o **referente afirmativo** “es el concepto de nación en sentido estricto, pues encierra todo lo que la define como tal y la visión de su génesis. Está formado, a sua vez, por la combinación, completa o no, de los factores constitutivos del ser nacional” (*id.*: 134).

Deste modo, para a análise do período em foco, partimos do pressuposto de que Portugal, a sua literatura/cultura, pode funcionar para grupos centrais do emergente sistema cultural galego, com os quais Alfredo Guisado vai partilhar instituições e/ou repertórios, como *referente de reintegração* ou *de analogia* (cfr., por exemplo, Torres 2010 ou Samartim 2010: 336 e ss.). Segundo o também historiador Ramón Barreiro, em análise da elaboração do discurso galeguista do século XIX, nomeadamente o de Manuel Murguía (Barreiro 2007: 34):

A nacionalidade [galega] realízase necesariamente nun proceso dialéctico fronte ós ‘outros’. E, por iso, na dogmática nacionalista eses ‘outros’ teñen categorías distintas: hai un *tratamento de negación* fronte ó Estado ou fronte as nacionalidades que non comparten a mesma étnia, como Castela, hai un *tratamento de reintegración* de cara a Portugal e un *tratamento de analoxía* cara a países como Cataluña, Irlanda, País Vasco (itálicos nossos).

Ainda sobre o caso galego-português, as origens do Portugal referente de reintegração estão por esclarecer a dia de hoje; conforme a informação manejada, as orientações atuais são: a mais estendida, (i) surge com a emergência galeguista de meados do século XIX e, a mais recente, (ii) a filiação galego-portuguesa teria os seus alicerces nas elaborações de agentes galegos do século XVIII, como defende Raquel Bello, membro do Grupo Galabra (Bello 2012). A partir das propostas de análise dos discursos sobre as literaturas peninsulares de Fernando Cabo, “la historiografía sobre las literaturas peninsulares –especialmente en su versión decimonónica- tuvo su origen

extranjero” destacamos neste sentido (Cabo 2010: 131), caberia ainda hipotetizar, em nossa opinião, a possibilidade de a tal filiação galego-portuguesa ser reforçada, direta ou indiretamente, por meio de discursos externos ao espaço peninsular, presumivelmente oriundos da romanística.

Entendemos, por outro lado, que o sistema cultural espanhol pode funcionar, em geral, como *referente de oposição* no período em foco em Portugal; as raízes deste *rechaço* parecem surgir em fins do século XVII e, sobretudo, no século XVIII após a Restauração portuguesa (cfr. Vázquez Cuesta 1986) e alcançariam uma elaboração sólida já no século XIX com agentes centrais na planificação do sistema cultural português como Teófilo Braga (cfr. Cunha 2002: 347 e ss. e, especificamente, 2012)³⁷.

2.2.2. O enclave galego de Lisboa: natureza e relações com a metrópole

Como indicamos mais acima, este estudo parte da hipótese da necessidade de conhecer e analisar a colónia galega de Lisboa, coletivo no seio do qual *nasce* Alfredo Guisado em 1891, com o propósito de melhor ilustrar a trajetória deste e, por sua vez, as relações galego-portuguesas. Para descrever e compreender o coletivo galego de Lisboa recorreremos aos relativamente escassos estudos que há sobre o assunto (cfr. *infra*), assim como a outros trabalhos sobre o fenómeno migratório galego em geral.

Abordamos a colónia galega de Lisboa no período em análise considerando que: (i) os galegos residentes em Lisboa eram legalmente cidadãos espanhóis; (ii) a emigração de origem galega, de larga *tradição*, era indiscutidamente a maioritária entre

³⁷ A este respeito, no artigo “Lusismo versus castelhanismo: uma *invenção* novecentista” o Professor Carlos Cunha refere (2012: 106; itálicos no original):

O lusismo, que funciona face ao castelhanismo (mas não anula o iberismo), demonstra a importância da alteridade na constituição de qualquer identidade. No caso da identidade portuguesa, estabeleceu-se em grande medida com base nesta oposição étnica (e política) entre lusos e castelhanos, estabelecida em finais do século XIX. [...] Nesta lógica, o povo português (*os lusos*, na versão republicana de Teófilo [Braga]) teria conseguido manter a independência graças à sua vitalidade *étnica/rácica*, em oposição ao castelhanismo e aos seus aliados portugueses (a casa de Bragança e os Jesuítas). ”

Em sentido análogo aponta Cabo Aseguinalaza referindo-se ao “first historian” português (Cabo 2010a: 43): “the essence of Braga’s viewpoint was to demonstrate the original identity of Portuguese literature and its *implicit difference* from foreign literatures such as, *specifically, that of Spain*” (itálicos nossos). Por outro lado, cabe anotar a importante influência deste “firs historian” na historiografia literária em Portugal; segundo Elias Torres (2012: 7; itálicos nossos): “In the Portuguese case the process of canonization shows the dominant influence of Teófilo Braga and his political and historiographical project, of positivist criticism and its logic in the decisive process of producing a Portuguese canon in the last quarter of the nineteenth century, *which largely persists today*”.

Noutros termos e desde outra perspetiva, este referente de oposição para o sistema cultural português parece estar presente na análise de Eduardo Lourenço das relações luso-espanholas, nomeadamente quando menciona o “antiespanholismo” ou o “fantasma ‘iberista’” como elementos da *cultura* portuguesa (Lourenço 1994: 82).

os migrantes oriundos do Estado espanhol (muito provavelmente ainda o seja na atualidade) e (iii) apresenta uma série de características que nos permite entendê-la, enquanto comunidade, como um *enclave* galego a partir de meados do século XIX; (iv) como tal, evolui (também) no período em foco, complexificando-se e ensaiando diversas estratégias de socialização e auto-identificação assim como de relação com a *metrópole*.

Os galegos residentes em Portugal além de serem política e juridicamente imigrantes não-nacionais, “presente[s] no seio de uma ordem nacional” diferente (Corbacho 2009: 78), eram considerados, do mesmo ponto de vista, cidadãos originários do Estado espanhol³⁸. Este facto problematiza singularmente a definição dos limites do que entendemos como *enclave* galego à hora de classificar, por exemplo, as numerosas instituições vinculadas àquele que, com maior ou menor durabilidade, surgem entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, ao passo que entendemos, por outro lado, que todos os emigrantes estavam de alguma forma vinculados às instituições do Estado espanhol na capital lusa. Neste sentido, apontamos que não sendo objetivo prioritário deste trabalho a delimitação das suas margens e nutrientes, limitar-nos-emos a contribuir, no melhor dos casos, para um melhor conhecimento dos mesmos³⁹.

³⁸ Uma das peculiaridades no que diz respeito ao fenómeno emigratório do Estado espanhol prende-se com a diferenciação no relativo às origens territoriais. Alguns territórios experimentaram uma intensidade emigratória substantivamente alta se comparada com outros espaços geográficos. Neste sentido, os territórios de origem dos emigrantes não variaram excessivamente até a década de 30 do séc. XX: a Galiza, Astúrias, País Basco, Cantábria e as Canárias destacam-se como as regiões com maior *vocação migratória* (Sánchez 1995: 54). Alguns factores parecem ser determinantes à hora de explicar esta diferenciação regional (*id.*: 32 e ss.). A “tradición migratoria” ou o acesso à informação (a publicidade insistente de, p. ex., companhias de navegação) tiveram uma importância capital. Do mesmo modo, o desenvolvimento urbano dalgumas zonas supõe uma alternativa real à emigração exterior, explicando assim o escasso índice de emigrantes dalguns territórios do Estado espanhol. Relativamente à emigração galega, em geral, Blanca Sánchez assinala (*id.*: 59):

En el caso español y, en concreto, con relación a Galicia, se ha insistido en el papel de la emigración a través de las remesas como uno de los elementos que permitieron amortiguar las dificultades económicas consolidando al mismo tiempo la situación existente. Así, se afirma que la emigración gallega contribuye a evitar la proletarianización, pues 'el ahorro americano será, en muchos casos, un sustituto de otras fuentes de financiación en la modernización de la agricultura gallega'. Especialmente en economías agrarias donde los mercados de crédito y de seguros son imperfectos, el acto de emigrar cobra sentido como forma de evitar riesgos como las malas cosechas, fluctuaciones de precios, inseguridad en la tenencia de la tierra, falta de trabajo durante largas temporadas, etc.

Ainda sobre as causas que explicam o fenómeno migratório galego para Portugal, será necessário considerar, durante grande parte do século XIX, o recrutamento forçoso do exército espanhol; no último terço deste século, porém, este modelo migratório experimentará um importante decréscimo devido à irrupção dos destinos ultramarinos (Argentina, Uruguai, Brasil, etc.) (González 2006: 258-259).

³⁹ Fazemos já um esclarecimento a respeito do alcance e confiabilidade da nossa análise do *enclave* galego de Lisboa (e da imagem a ele associada) recorrendo às palavras do historiador Xosé Manoel Núñez Seixas (2002: 24-25):

O estudo das comunidades de imigrantes [...] non implica por suposto o coñecemento de conxunto dos inmigrantes. Os galegos asociados a entidades étnicas, que lían a súa prensa ou que

Por outro lado, obter dados fiáveis sobre o número de emigrantes procedentes do Estado espanhol, assim como dos diferentes territórios que o integram, durante as primeiras décadas do século XX, em função dos materiais utilizados, é tarefa quase impossível⁴⁰. A disparidade de cifras dos poucos estudos publicados, juntamente com a falta de explicitação da procedência dos números avançados na maior parte dos trabalhos consultados, não permite aventurar dados concretos. Os dados compilados, no entanto, entendemos que sim ajudam a debuxar quantitativamente a realidade da presença migratória espanhola, em geral, e galega, em particular. Neste sentido, a informação que achega Jorge Alves (2002) é uma referência muito significativa para os finais do séc. XIX: segundo Jorge Alves haveria 27.138 emigrantes espanhóis em Portugal em 1890, dos quais 13.405 a residir no distrito de Lisboa. Frente a estes dados, Manuel Burgos Madroñero assinalava o seguinte: “Podemos considerar a época dourada da colónia espanhola em Portugal o último quartel do século XIX, que superava, sem dúvida, os cinquenta mil espanhóis” (Burgos 1986: XV). A disparidade é evidente. Em todo o caso, parece claro que nas últimas décadas do século XIX, Portugal era um destino atraente para os emigrantes do Reino de Espanha, com evidente destaque para os galegos.

Para as primeiras décadas do século XX, coincidentes com a instauração da I República, a falta de dados fiáveis é também manifesta. Segundo Mariano González Rothvoss y Gil: “Los 20.517 españoles que trabajaban en Portugal en 1910; los 17.813

asistían ás festas probablemente nunca pasaron de ser entre un cuarto e un terzo do total de inmigrantes [...] Con todo, ademais de ser o colectivo máis identificábel e rastrexábel empiricamente, esa colectividade constitúe a manifestación externa máis visíbel ós ollos da sociedade de acollida.

⁴⁰ Note-se, com Domingo González Lopo, o longo percurso do fenómeno migratório galego em Portugal ainda não de todo explorado (González 2011[: 2]):

Las relaciones de Galicia con Portugal vienen de lejos y la movilidad de sus habitantes hacia el país vecino debió ser habitual, si bien regulada por los diferentes vaivenes de las relaciones políticas entre España y la antigua Lusitania. Ya en 1363 y 1371 la documentación municipal de Porto y Lisboa pone de manifiesto la presencia de una más que discreta colonia gallega en ambas ciudades [...] La unión de las coronas peninsulares a partir de 1580 debió favorecer los intercambios demográficos entre ambos territorios [...] el inicio de la guerra de *Restauração* en 1640 provocó una orden de expulsión contra los gallegos residentes en la capital del país, lo que parece sugerir la presencia de un colectivo no desdeñable. Habrá que esperar a la segunda década del siglo XVIII para que, liquidados definitivamente los conflictos bélicos con el país vecino, se inicie un largo período de convivencia pacífica que coincide con un importante desarrollo de la economía portuguesa [...], y el comienzo de un masivo éxodo migratorio de la población autóctona hacia Brasil, dos circunstancias que convertirán al territorio luso en un mercado laboral muy favorable – auténticas *Indias á veira* [sic.] *da porta-* para los naturales de Galicia (italicos no original).

Agradecemos aqui a González Lopo, com que mantivemos uma frutífera troca de trabalhos e impressões durante os últimos anos sobre os galegos em Portugal, a gentileza de nos ter enviado o seu trabalho agora citado antes da sua publicação. Evidentemente, por tratar-se de um texto ainda não publicado, a responsabilidade gráfica do mesmo é nossa.

en 1920 y los 8.955 en 1930 [...]” (González Rothvoss 1950: 74). Apesar das dúvidas que oferecem estes dados, parece que de um modo geral Portugal, como destino da emigração oriunda do Estado espanhol, não resistiu ao auge da emigração transoceânica (cfr. González 2006: 259 e Sánchez 1995: 156).

Segundo com a análise quantitativa e em linha com o indicado mais acima, os trabalhos consultados coincidem em apontar dentro da emigração de origem espanhola em Portugal uma maioria de emigrantes procedentes da Galiza. Jorge Alves assinala o seguinte (Alves 2002: 4):

É o próprio cônsul espanhol no Porto quem, em 1873, assegura que os emigrantes galegos representam 97% dos emigrantes espanhóis em Portugal, sendo originários, na sua quase totalidade, das zonas rurais da Galiza. O excesso de população, em face da extrema divisão da propriedade rural, era o principal factor da emigração apontado pelo cônsul.

Para a década dos anos 30, por exemplo, Burgos Madroño situa a percentagem de galegos num “sessenta por cento”, ao qual se sumaria um 15 % de “zamoranos” e “salamantinos”; o resto estaria formado por indivíduos procedentes doutras *provincias* (Burgos 1986: XV)⁴¹. A disparidade de cifras, mais uma vez, obriga a uma análise panorâmica: conforme os dados manejados, não existem dúvidas a respeito do carácter maioritário da emigração galega entre o coletivo de emigrantes procedentes do Estado espanhol (cfr. Pena 1999: 15); em parte, a vitalidade das instituições vinculadas aos galegos e à Galiza assim o demonstram (cfr. *infra*).

Abordamos qualitativamente, como referimos mais acima, a colónia galega à luz da noção de Naftoli Bassel (1991) *enclave*, isto é, nos termos do Grupo Galabra, como uma “secção do sistema cultural situada num território geograficamente afastado da comunidade originária, configurando um espaço no qual as pessoas e as instituições presentes mantêm relações específicas entre elas e com os seu

⁴¹ O historiador português César Oliveira eleva a percentagem de galegos até o 90% (César Oliveira *apud* Pena 1999: 38). Ainda sobre a década de 30, Manuel Burgos aponta (1986: XV):

há que distinguir entre o que na verdade constitui a colónia espanhola e a minoria de emigrados políticos recém-entrados em Portugal. Aquela, mostra contínua inquietação, tal como o Governo Espanhol, perante a actuação dos seus representantes diplomáticos e do Governo Português para com os emigrados políticos espanhóis em Portugal, por isso queremos deixar claro, desde este momento, que a actuação pró-nacionalista da colónia foi lenta, minoritária e imposta; não soube nem pôde impor-se ao pequeno grupo de intrigantes, recém-chegados, alheios a eles, representantes de classes elevadas e acomodadas, monárquicos, conservadores e ultradireitistas. Pouco antes de se iniciar a década de 30, segundo o *Diário de Lisboa* (21/02/1928), eram 16.700 os estrangeiros registados no distrito de Lisboa, dos quais 11.409 seriam espanhóis.

homólogos da metrópole” (Samartim e Cordeiro 2009; cfr. Equipo Glifo 1998: 71-72)⁴². Deste modo, portanto, a Galiza, nomeadamente a região de origem, será a *metrópole* do enclave galego de Lisboa. A seguir, elucidamos os motivos, também as implicações, que nos levam a considerar a colónia galega de Lisboa como um enclave galego.

A adoção do conceito enclave para o período em foco significa, antes de mais, assumirmos para análise da colónia galega de Lisboa que uma parte muito significativa desta, face às possibilidades que teria de relacionar a sua “cultura pré-migratória” com o novo espaço social (*assimilação, separação, integração e marginalização*; Corbacho 2009: 41)⁴³, opta estrategicamente pela *integração* e, presumivelmente, pela *separação*. A família Guisado, Alfredo Guisado à frente, socializa-se no espaço social português inequivocamente em termos de *integração*, mantendo e praticando deste modo, como veremos mais à frente, uma série de lealdades com, *grosso modo*, a metrópole. A colónia galega anterior às últimas décadas do século XIX, porém, deve ser entendida em termos de *separação/marginalização*. Neste período, o modelo migratório caracterizava-se por migrações temporárias, enquanto no decorrer do século XIX transita-se progressivamente em numerosos casos para um modelo de migração definitiva que, em todo o caso, não implica, em função dos dados manejados, um corte de relações com a comunidade de origem (González 2006).

Como expressivamente exemplifica o caso da família Guisado, originária de Pias (Ponte Arêas), o enclave nutriu-se de emigrantes procedentes da zona Sul da Galiza, especialmente de concelhos como A Caniça, Arbo, As Neves, Crecente, Ponte Arêas,

⁴² No seu esclarecido estudo sobre a emigração galega e as ditaduras peninsulares do século XX (trabalho centrado no período 1936-1939) Alberto Pena descreve deste modo o este coletivo, apoiando, em nosso entender, a adoção da noção de *enclave* (Pena 1999: 41):

tenía sus propias instituciones para defender sus intereses dentro de la sociedad portuguesa, mantener las tradiciones de su cultura, reivindicar sus orígenes y afirmar su posición social como emigrantes. No era, por tanto, una comunidad desagregada, en la que predominase el individualismo, sino todo lo contrario, como ocurrió con la emigración gallega en otros países. Fundaron asociaciones culturales y recreativas que les servían para seguir alimentando su *morriña* con un espíritu solidario hacia sus semejantes, pero con una estructura más bien corporativa (itálico no original).

⁴³ Corbacho Quintela, citando o psicólogo John W. Berry, assinala (Corbacho 2009: 41):

Berry indica que, nos casos em que os grupos não-dominantes têm liberdade para escolher a sua forma de engajamento nas relações interculturais, há quatro possibilidades de estratégia. A primeira estratégia deles é a **assimilação**, a qual se dá quando os indivíduos não desejam manter a sua identidade cultural e procuram interagir com outras culturas. A segunda é a **separação**, consequência da valorização da própria cultura e da decisão de conservá-la, evitando-se a interação com outros grupos. A terceira estratégia é a **integração**, consistente na vontade de manter a distinção cultural do grupo enquanto ele interage diariamente com a sociedade majoritária e se acomoda a ela. A última é a **marginalização**, a qual surge quando há poucas possibilidades, e interesse, na manutenção cultural e, paralelamente, escassos relacionamentos com outros grupos, geralmente por razões de exclusão ou discriminação (carregados nossos).

Salvaterra, Mondariz, Fornelos de Montes, Ponte Caldelas, A Lama... (González 1999), o qual, à partida, confere ao enclave uma coesão singular (cfr. *infra*). Por outro lado, se num primeiro momento os lugares de destino abarcavam quase toda a geografia portuguesa, em finais do século XIX e inícios do XX, assistimos à urbanização do fenómeno migratório galego em Portugal; destacam-se assim, Lisboa principalmente, mas também Porto como destinos eleitos (González 2006: 260). Quanto às funções desempenhadas pelos galegos na Lisboa (e, em geral, em todo Portugal) dos séculos XVIII, XIX e parte do XX, a seguinte citação, entre outros testemunhos de similar teor, é suficientemente elucidativa (Pinho 1983: 211-212):

Os mestres dos Galegos, em geral, eram os de *acarretador*, *aguadeiro*, *almocreve*, *artífice*; *carregador* (da Alfândega e da Companhia do Arroz), *cortador* (referenciado no século XVII), *cozinheiro*, *criado doméstico* (de libré, botequim, casa de pasto, tasca); *moço de armazém* (de loja de bebidas, de mercearia) e *moço de esquina* ou *de fretes* (chamado também *carreção* e *mariola*), além de *postilhão* de cadeirinha ou liteira, *serviçal* (no mais lato sentido), *trabalhador braçal* e *barredor*.

Se o consentiam os patacos amealhados ou a ânsia de relativa independência, escolhiam as ocupações de *amolador de tesouras e navalhas* (em simultâneo com o conserto de guarda-chuvas e de louças, daí o *deita-gatos* ou *gateiro*), *carvoeiro*, *castrador de felinos*, *estalajadeiro*, *negociante*, *padeiro*, *sota*, *taberneiro* e *vendedor de rendas* (itálicos no original).

A posição e função social determinada pela sua condição de imigrantes e de trabalhadores não qualificados vai ser aparentemente fundamental, como veremos mais à frente, na origem da imagem da Galiza e dos galegos que vai dominar o imaginário luso até fins do século XIX (presumivelmente também durante os séculos XVII e XVIII) e primeiras décadas do século XX. A posição social de uma parte significativa da colónia galega de Lisboa, no entanto, vai mudar expressivamente durante o mesmo século XIX e primeiros anos do seguinte; por outras palavras, o meio de vida e as necessidades e objetivos de variado tipo de uma parte não desprezível da colónia experimentam uma transformação radical. Deste modo, desde 1910 até 1930, período em foco neste trabalho, verificámos uma notável complexificação qualitativa do enclave. Com base num relatório de 1873 que o governo português teria solicitado ao Consulado espanhol (*vid.* Anexos, III), González Lopo destaca o facto de um grupo

considerável de emigrantes (por volta do 5% do total)⁴⁴ alcançar uma posição económica vantajada⁴⁵. Muitos destes galegos abastados trabalham na hotelaria, sendo proprietários de “emblemáticos” cafés e restaurantes (González 2011[: 7 e ss.]): Café Suíço, Café Martinho, o Irmãos Unidos da família Guisado, Hotel Francfort, restaurante Estrela d’Ouro, Restaurante Gambrinus, etc., acedendo, em consequência, a novas redes sociais e, na prática, expondo-se (i) perante a sociedade portuguesa já não como *aguadeiros* ou *moços de fretes* mas como emergentes proprietários e, (ii) no seio do enclave, como uma elite prestigiada ou desejosa de o ser. Esta progressiva heterogeneização social do enclave vai possibilitar, por sua vez, a perceção no coletivo imigrante, nas elites mormente, dos seus deficits de, por exemplo, capital simbólico, social, etc. (nos termos de P. Bourdieu; cfr. *infra*) que, como veremos, tentarão superar através de várias estratégias. Um indício relevante da ascensão social e sobretudo da notoriedade deste grupo no seio do enclave é o facto de existir na metrópole um gentílico específico que os nomeia face a, por exemplo, *americanos* ou *indianos: Lisboanos*. Com alguma frequência esta designação aparece nas páginas de *El Tea* e, inclusive, há notícias da sua presença no folclore popular, como é o caso da seguinte cantiga documentada na zona sul da Galiza (em Caritel, concretamente): “*Lisboanos de Lisboa/que vindes facer ó eido?/Vindes engana-las mozas/coa sona do diñeiro*” (Grygierzee e Ferro 2009: 84; itálicos nossos).

O processo de complexificação não foi exclusivo do enclave galego de Lisboa; verificou-se, como é sabido, noutros destinos da emigração galega, europeus ou, singularmente, americanos (cfr. Núñez Seixas 2002: 101)⁴⁶. Assim, por exemplo, como refere Vicente Peña Saavedra, o *associacionismo* (a *institucionalização* para nós) no seio dos enclaves galegos inicia-se já no século XVIII⁴⁷ e experimenta uma intensificação ou expansão sólida a partir de meados do século XIX (Peña 2002: 251):

⁴⁴ Evidentemente o relatório consular apenas se referia aos emigrantes espanhóis e não especificamente aos emigrantes galegos; o dado, no entanto, é altamente relevante se considerarmos os galegos como o coletivo amplamente maioritário entre os emigrados oriundos do Estado espanhol, como já foi referido.

⁴⁵ Segundo González Lopo estes emigrantes situariam-se entre “alta y mediana burguesía en la que se pueden distinguir actividades de claro prestigio – profesores, propietarios, dueños y socios de fábricas y establecimientos comerciales” (González 2011[: 9]); este grupo estaria constituído segundo os cálculos do mesmo autor por “1.128 individuos” (*ibid.*).

⁴⁶ Não entendemos, em geral, estas e outras características referidas mais à frente a respeito da emigração galega como exclusivas do fenómeno migratório galego.

⁴⁷ Peña Saavedra cita como as primeiras “corporaciones de tipo patronal-religioso”: a Real Congregación del Apóstol Santiago (México, 1768), a Congregación Nacional del Glorioso Apóstol Santiago el Mayor de Naturales y Originarios del Reyno de Galicia (Buenos Aires, 1787), e a Santa Hermandad de Santiago el Mayor, Patrón de las Españas (Havana, 1804); segundo Vicente Peña (Peña 2002: 251; itálicos no

haberá que agardar ata a década dos 70 do século XIX para que a *dinámica de vertebración comunitaria* dos galegos alén mar prenda, se afiance e acade continuidade sostida, chegando ata os tempos actuais, do mesmo xeito que ocorre co asociacionismo galaico intrapeninsular, do que temos tamén algúns exemplos en Portugal (itálicos nossos).

Quanto aos procedimentos e contornos do proceso de institucionalización nos enclaves, Peña Saavedra assinala (*ibid.*):

Os modelos organizativos que lles serven de matriz ós galegos no exterior concordan coas principais unidades de asentamento, nuclearización territorial e sociabilidade que posúen na metrópole, as cales trasládanse simbolicamente e recreáanse de forma mimética en terras transoceánicas e nalgúñas ocasións, anque en moita menor contía, fano asemade en espacio luso, seguindo as pautas e atendendo ós chamamentos procedentes de alén mar ou da Terra. De acordo con este *criterio integrador*, os emigrantes galegos artículáanse de xeito estable e con propósitos de perdurabilidade en entidades de tres niveis diferenciados que van aparecendo no transcurso dunha singradura sucesiva (itálicos nossos).

Segundo Peña Saavedra, com relevância neste estudo para o entendimento do enclave, a tipologia destas sociedades pode ser: (i) “**macroterritorial**”, “que acollen e incorporan ós ausentes de todo o país, con independencia do lugar concreto de onde proveñan” (a Sociedad de Beneficencia de Naturales de Galicia, Havana 1871, seria a primeira); (ii) “**microterritorial**”, “ou local, con distintas gradacións internas que van en progresión ascendente dende a aldea ata a comarca”; e “mesoterritorial”, “ou provincial” “intermedio entre os outros dous” (Peña 2002: 251; negritas nossos). Destacamos, entre as várias funcións que estas institucións de facto podiam desempeñar (e aínda desempeñan) as seguintes: funcionar como “sistema de amparo e protección dos emigrantes”, proporcionar espazos de “sociabilidade”, servir para “manter os vínculos coa sociedade de orixe” e de plataforma de “construción das identidades” (Cagiao e Saavedra 2008[: 8]), e tamén, por meio da realización de eventos de variado tipo (festas, danças, etc.) como plataforma de representación face à sociedade recetora (cfr. Núñez Seixas 2002: 24), com finalidade coesionadora do coletivo emigrante, portanto (cfr. *infra*).

Em Portugal, o enclave galego homologa-se temporalmente com a emigração americana pois, em função da informação levantada, a primeira instituição vinculada

original), “posiblemente todas elas —e algunhas outras— filiais da *Real Congregación Nacional de Naturales y Originarios del Reyno de Galicia*, constituída en Madrid en 1740”.

inequivocamente ao enclave galego, e que como tal contribui para a constituição do mesmo, surge em 1888, sob a denominação *Asociación Galaica de Socorros Mutuos*⁴⁸, mais à frente estreitamente relacionada com o importante centro galego macroterritorial *Juventud de Galicia* (1908) (cfr. *infra*)⁴⁹. A institucionalização do enclave (e simultaneamente a sua configuração, insistimos) também se realiza por meio do lançamento de publicações periódicas, em muitos casos bilingues, que tinham como destinatários preferentes os galegos residentes em Portugal e, presumivelmente, os metropolitanos. Se bem é certo que não estamos em condições de catalogar os jornais dos quais temos notícias como instituições explicitamente do enclave (nem, por outro lado é objetivo deste estudo; cfr. *supra*), as publicações destacáveis, até por como se intitulam em ocasiões, antes de 1910 são: *La Voz Galaica. Periódico hispano-lusitano político independente* (ad. Camilo Garrido; 1886-1887), *El gallego: semanario defensor de los intereses morales y materiales de la colonia española* (1881-1883?, propr. Gumersindo de la Rosa; dir. J. C. Guillen. Lisboa), *La Unión Galaica. Semanário defensor de los intereses generales de la colonia gallega* (1894, Lisboa, 11 números); pouco antes da instauração da República portuguesa, surgem com marcado tom político, republicano, *La España Moderna* (1908) e *El Clamor Español* (1909)⁵⁰ (cfr. Chato 2004: 130-133)⁵¹.

Por último, a seguir indicamos o nosso modo de entender acerca de: como se vincula o **enclave** com a **metrópole** e, por seu turno, como perspetivar a complexa relação daquele com a(s) *identidade(s)*.

⁴⁸ Peña Saavedra cita esta mesma instituição sob a denominação *Asociación Galaica de Socorros Mutuos-Unión Fraternal de los Naturales de Galicia* (Peña 2002: 252).

Fraternidad Española, fundada em 1873, seria na verdade a primeira instituição de que temos notícia (González 2011[: 12]) a funcionar na Lisboa do século XIX; não temos, porém, nenhum indício sólido que a vincule inequivocamente ao enclave, além do facto de os galegos serem o coletivo maioritário entre os emigrantes oriundos do Estado espanhol.

⁴⁹ Um ano mais tarde, em 1909, é fundado o Centro Español ou Casa de España, origem da actual Casa de España-Centro Español de Lisboa. Em função das pesquisas realizadas, esta instituição, embora integrasse também emigrantes oriundos da Galiza, não estava explicitamente vinculada a esta, exercendo na prática como uma instituição da colónia espanhola em geral.

A atual duplicidade do nome (e certa confusão presente nos materiais consultados) deve-se ao facto de o Centro Español ser conhecido, antes do ano 1940, sob a designação Casa de España, mas nesta altura o General Francisco Franco outorga em regime de exclusividade a denominação Casa de España à própria legação diplomática (Pena 1999: 42).

⁵⁰ Temos ainda escassas notícias de *El Galleguito* (Estevam 1956: 45), publicação periódica que teria sido fundada por um emigrante nascido em Ferrol, republicano, Adolfo Vázquez Gómez, entre novembro de 1886 e abril de 1887 em Lisboa (cfr. Pérez s.d.).

⁵¹ Repare-se também na relativa coincidência temporal entre o aparecimento das primeiras publicações da emigração americana e a portuguesa; igualmente no que diz respeito, ainda que em menor medida, às denominações dos jornais (que por sua vez não parecem divergir muito nominalmente de algumas publicações metropolitanas): *El Eco de Galicia* de 1878 (Havana), *El Gallego* e *Revista Galaica* de 1879 (Buenos Aires) ou *La Voz de Galicia* 1980 (Montevideo) (cfr. Vieites 1998: 215).

Como afirma o membro do Grupo Galabra Antón Corbacho (2009: 110) a “valorização do emigrante no espaço da emigração, e o conseqüente poder simbólico que lhe outorguem, dependerá do capital econômico [e outros, entendemos] que ele acumule no espaço da imigração”, isto é, a posição que como cidadãos emigrados vão ocupar nas terras de origem aquando do retorno ou das visitas sazonais vai estar diretamente associada aos seus percursos no enclave (*éxito* ou *fracasso* serão noções do maior relevo aqui). Esta perspetiva implica assumirmos, de modo genérico, a vontade explícita dos emigrantes por manter/praticar ou mesmo elaborar vínculos com a Galiza; supõe igualmente entender um interesse manifesto de grupos e agentes da metrópole por estabelecer redes sociais com o enclave. Os meios e estratégias postos em prática, assim como as redes que se estabelecem entre os membros do enclave e a metrópole são vários. Neste sentido, para além das óbvias redes familiares e de amizade (e de entreajuda) que o fenómeno migratório possibilita e/ou promove (repare-se na notória proximidade geográfica do enclave lisboeta, face à emigração transoceânica), podemos destacar, com especial relevância para a análise da trajetória guisadiana: (i) a proliferação da **filantropia** (Peña 2002: 249 e ss.) vinculada, por exemplo, à necessidade de os emigrantes abastados exporem o seu *sucesso* perante a comunidade que os viu nascer (a eles ou aos seus pais)⁵²; e, em estreita conexão com o anterior, (ii) o evidente papel que a emigração galega desempenha, a vários níveis como veremos, na **organização e desenvolvimento do *agrarismo***⁵³, primeiro, e, do galeguismo, depois.

A respeito do agrarismo, central na trajetória guisadiana da década de 10, há uma série de analogias estruturais possibilitadoras da mútua interligação entre os enclaves e a metrópole que Miguel Cabo Villaverde (Cabo Villaverde 2001: 170 e ss.)

⁵² Junto a, sinteticamente, uma “estimación valorativa de signo positivo acerca da educación e das súas potenciais propiedades benéficas” ou “a acción mentalizadora que despregan as elites cultas procedentes de Galicia dentro do seu grupo étnico”, para Peña Saavedra (2002: 250) este é um dos fatores que explicam a propagação do mecenato no seio do enclave em relação à metrópole:

as expectativas de rendibilización social, económica e/ou espiritual da contribución realizada; o desexo de inmortalizarse na memoria común dos seus conveciños, xunto coa esperanza do retorno simbólico ó lugar de partida cando xa resultaba impracticable o regreso físico en vida; e, se acaso tamén, o afán de chufa e ostentación diante dos seus, facéndooos así partícipes do trunfo persoal na saída polo mundo.

⁵³ Uma definição possível do *agrarismo* é, seguindo o historiador Miguel Cabo (Cabo Villaverde 1998: 11):

complexo movemento que tenta mobilizar un grupo social, como era o campesiñado, que ata aquela non atopara unha expresión propia dos seus intereses, con vistas á consecución dun amplo abano de metas que principalmente poden se resumir en dúas aspiracións: a obtención das condicións que fagan factíbel a sobrevivencia da pequena explotación familiar no marco dunha economía capitalista cada vez mais invasiva, e a articulación política dos intereses do campesiñado parcelario galego, ata polo en pé de igualdade cos doutros complexos agrarios existentes no Estado español e cos doutros grupos sociais.

assinala para o caso da emigração galega no continente americano e que, em nosso entender, se adequam também ao caso do enclave lisboeta⁵⁴. Da análise de Cabo Villaverde ressaltamos igualmente, para a compreensão dos vínculos do enclave lisboeta com a metrópole, a classificação dos recursos que os enclaves proporcionam à *causa* agrarista, *materiais* e *não materiais*; de entre os quais têm especial relevância para os objetivos desta Tese os “*Recursos inmateriais non medibles*” (*id.*: 182; cfr. *infra*):

o conxunto de imaxes, símbolos, mensaxes, etc. que contribúen a dota-los participantes nun movemento social dunha percepción compartida de si mesmos (*identidade colectiva*) e dos seus antagonistas, facilitando a integración e combatendo as tendencias centrífugas (itálicos no original).

Os potenciais contributos do enclave para a organização e desenvolvimento do agrarismo explicam, em parte, o interesse metropolitano por estabelecer contactos no seio da colónia de Lisboa, nomeadamente com os *Lisboanos*, porquanto, segundo Cabo Villaverde, nos discursos dos agraristas, em geral, a emigração ocupa um lugar central, marcadamente positivo (apesar de a emigração ser, nestes mesmos discursos, uma das consequências negativas dos males que obstaculizavam o progresso dos camponeses galegos), constituindo-se num “mito lexitimador” (Cabo Villaverde 2002: 183-185)⁵⁵. É este, *grosso modo*, o caso da publicação republicano-agrarista *El Tea* de Ponte Arêas.

⁵⁴ Agrarismo e instituições dos enclaves coincidem por (Cabo Villaverde 2002: 170-174): nutrem-se a partir de instituições micro-territoriais, com graus de “compromiso político” desiguais entre os seus agentes (maior entre as *chefias* do que entre a “masa de associados”) ou, com especial relevância para a análise da trajetória do produtor em foco, o “perfil dos dirixentes das sociedades agrarias e das sociedades de instrucción en América amosa unha serie de coincidencias, basicamente una posición económica por enriba da media e un *capital relacional* que pode proceder de calidades persoais ou derivar da profesión” (itálicos no original).

⁵⁵ Segundo Cabo Villaverde (2002: 184-185), as funções atribuídas aos enclaves da emigração nos discursos agraristas vão além do simples financiamento do movimento:

- Testemuña de cargo contra do conxunto do sistema restauracionista, xa que nos medios agraristas remitíase a súa causa ó caciquismo e á corrupción inherentes a este, sendo minoritárias as explicacións de tipo económico.
- Creba-los tópicos sobre a idiosincrasia galega e os vicios de carácter que os organizadores das sociedades agrarias debían superar: individualismo, egoísmo, pragmatismo exacerbado... Os supostos éxitos dos galegos transplantados fóra do seu medio orixinario demostrarían que se trataba de factores continxentes e polo tanto modificables.
- Actuar como reserva de cidadanía, tamén remitindo ó Rexeneracionismo, unha vez que os emigrados tomasen consciencia das causas que os empuxaran a abandona-la terra e poñendo tódolos medios da súa man para rematar co sistema en que se orixinaran.
- Nesta mesma liña, esperanza nos recursos materiais que os paisanos organizados en ultramar puidesen achegarlles ás sociedades agrarias no lugar de orixe, recursos esóxenos para a acción colectiva como os citados con anterioridade.

Evidentemente, o enclave lisboeta vai ser também objeto de atenções de movimentos de signo contrário ao agrarismo e ao galeguismo (cfr. González 2011).

A respeito da relação entre os membros do enclave e a(s) identidade(se) importa sublinhar com Antón Corbacho que (2009: 114):

desde [o] destino e através das lentes da alteridade, o imigrante predisposto pode refletir acerca da sua experiência *não-nacional*. Se assim acontece, a visão dos traços diferenciais dos campos sociais de um país estrangeiro serve de contraste para sopesar as particularidades distintivas do próprio país (itálicos no original).

Entendemos, deste modo, o fenómeno migratório como uma plataforma propícia para a *objetivação* e/ou problematização do espaço de proveniência, Espanha e/ou Galiza e/ou uma região determinada. Em palavras de António Medeiros, referindo-se à emigração americana (Medeiros 2006: 159):

Ali, na América, sobretudo naquelas duas grandes cidades [também na Lisboa de 1910-1930, julgamos], os naturais da Galiza puderam ganhar referências de pertença a comunidades supralocais amplas, agora possíveis de imaginar por intermédio de novas forma de sociabilidade e de novos e variados consumos. Aquém do vínculo débil de cidadania mantido pela maioria por relação ao Estado espanhol, tornava-se nomeadamente possível a indivíduos sujeitos a condições novas de mobilidade e de anonimato transcender as identificações originalmente limitadas aos horizontes das suas paróquias ou comarcas de origem e dar sentidos articulados à sua condição de galegos [...]. A vinculação das novas solidariedades além-Atlântico aconteceu por intermédio de variados movimentos associativos e foi muito vivaz tanto o associativismo recreativo como o mutualismo nos círculos da emigração galega nas Américas [...]. Estes novos sentidos de solidariedade supralocal também foram despertados por intermédio do consumo de livros, jornais e revistas ali editados ou vindos da Galiza, onde o seu aparecimento se justificava boa parte das vezes pela existência daquele mercado transatlântico tão significativo.

Por outro lado, a constituição dos enclaves galegos na emigração, o de Lisboa inclusive, entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do seguinte (cfr. Peña 2002 ou Cabo Villaverde 2002) coincide, em termos gerais, com o surgimento e desenvolvimento do *galeguismo*⁵⁶ (também do agrarismo, como já vimos, que em parte

⁵⁶ Entendemos o *galeguismo* como:

movimento de reivindicação da identidade diferenciada da Galiza com independência do grau de autonomia política proposto para a colectividade galega polos vários grupos ou agentes

assume vários dos postulados do emergente galeguismo); são processos, portanto, simultâneos e, por sua vez, solidários, os quais não serão alheios à família Guisado. Os enclaves vão ser uma fonte de capitais de várias espécies o que faz com que, na prática, e do ponto de vista identitário, os galeguistas, por exemplo, estejam interessados em estabelecer redes nas colónias galegas da Europa (no Estado espanhol e Portugal, fundamentalmente) e de América. Repare-se, neste sentido: (i) na fraca *nacionalização* dos territórios periféricos do Estado espanhol, entre eles as zonas rurais da Galiza sul de donde saía o grosso dos emigrantes do enclave lisboeta; e (ii) que um dos propósitos manifestos do galeguismo (especialmente a partir de 1916), julgando os camponeses como base potencial e *natural* da sua expansão (face ao âmbito urbano mais exposto à cultura e língua castelhanas, no entendimento dos nacionalistas), passa por ampliar as suas bases no espaço ocupado pelo agrarismo (Cabo Villaverde 1998: 134 e ss.; cfr. Beramendi 2007: 717), também o da emigração⁵⁷.

Por fim, cabe apontar a complexificação maior que implica, singularizando o enclave Lisboa face aos não radicados em Portugal (e no Brasil), o facto de os galeguistas, já desde meados do século XIX, terem elaborado uma série de ideias a vincular a Galiza e Portugal, pelas que este seria o referente de reintegração para a Galiza. Na prática, as elaborações galeguistas (também portuguesas) vão problematizar ainda mais a auto-identificação dos membros do enclave, as suas lealdades identitárias, mas também, entendemos, pôr à disposição destes uma série de materiais disponíveis para ensaiar estratégias de *integração* (cfr. *supra*) no espaço social português (cfr. *infra*).

2.2.3. A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal

Do mesmo modo que entendemos necessário explicitar a nossa compreensão do enclave galego de Lisboa, julgamos forçoso aproximar-nos metodologicamente da imagem dos galegos e da Galiza, centrando-nos no caso português⁵⁸, para ilustrar a

autoproclamados galeguistas, assi como o processo de fabricação de ideias que apoiam e justificam os vários graus desta reivindicação (Samartim 2005: 10).

De um modo geral, o galeguismo político como construção de uma “conciencia nacional galega” alternativa à “conciencia nacional española” (em construção sistemática desde 1808) tem as seguintes fases: Provincialismo (1840-1885), Regionalismo (1885-1916) e Nacionalismo a partir de 1916 (Beramendi 1997: 288).

⁵⁷ O subtítulo do órgão de expressão dos galeguistas durante o período em foco indicia a notoriedade do enclave lisboeta e consequente interesse por estabelecer contactos no seio dele: *A Nosa Terra. Idearium das Irmandades da Fala en Galicia e nas colonias galegas d'América e Portugal* (negritos nossos).

⁵⁸ Não analisamos, tendo em consideração os objetivos definidos, a imagem de Portugal e os portugueses na Galiza.

trajetória guisadiana. Panoramicamente, podemos afirmar que os galegos (os emigrantes particularmente) e a Galiza do século XIX e parte do XX (presumivelmente também do século XVIII ou antes, inclusive) confrontaram-se na Península Ibérica (e no continente americano de colonização espanhola; cfr. Núñez Seixas 2002: 27 e ss.) com *imaginários* imagologicamente adversos ou até hostis. Neste sentido, para compreender as origens e funções do que neste trabalho denominaremos mais abaixo *imagotipo negativo* e *imagotipo de afinidade*, recorreremos a trabalhos específicos de *imagologia* e também a outros estudos de variado teor que trataram da *imagem* galega, em geral, e a respeito do caso português, em particular.

Concebemos a *imagologia* com Manfred Beller e Joep Leerssen (Beller e Leerssen 2007: xiii) como: “The term is a technical neologism and applies to research in the field of our mental images of the Other and of ourselves”, cujo objetivo é “understand a discourse of representation rather than a society” (Leerssen 2007: 27). Deste modo, explicitamos já que não é propósito deste trabalho especular sobre o menor ou maior grau de fidelidade da imagem dos galegos (ou da Galiza) à realidade deste coletivo (ou país) no período em foco. Nesta orientação interpretamos as indicações de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henry Pageaux (Machado e Pageaux 2001: 51):

[uma] perspectiva errada, estéril, é a que consiste em determinar a ‘falsidade’ de uma imagem, o grau de ‘fidelidade’ de uma imagem ao real observado. Na verdade, a imagem não é um duplicado ou um análogo do real e as imagens não são ‘erros’ de percepção. A partir de que grau se pode considerar uma imagem ‘falsa’? O estudo da imagem deve dar menos importância ao grau de ‘realidade’ duma imagem do que ao seu grau de conformidade com um *modelo cultural* previamente existente, de que importa conhecer os *componentes*, os *fundamentos*, a *função* social [...] o verdadeiro problema é o da lógica da imagem, da sua ‘verdade’ e não da sua ‘falsidade’. Sendo representação é necessariamente falsa (itálicos nossos).

Neste trabalho pretendemos conhecer e analisar a representação dos galegos, isto é, a *imagem* galega, especificamente no *imaginário*⁵⁹ português, que efetivamente funcionou (e que em parte ainda funciona, consideramos), partindo de:

⁵⁹ Entendemos *imagem* “as the mental silhouette of the other, who appears to be determined by the characteristics of family, group, tribe, people or race. Such an image rules our opinion of others and controls our behaviour towards them” (Beller 2007: 4; sublinhados nossos). Por *imaginário*: “The imaginary is seen as the fictional production of reality [...] and as a generator of social image formation, which is in turn understood as a reality surplus that results from the oscillation between individual psychological constructs and their historical and social institutions” (Scherer 2007: 346).

- a) a imagem está inscrita na *cultura* desde a qual se olha, a portuguesa no nosso caso fundamentalmente, não sendo em regra, portanto, fruto de elaborações individuais; em palavras de Machado e Pageaux (2001: 53): a “imagem [...] é um facto cultural [...] inseparável de toda a organização social e cultural, pois é através dele que uma sociedade se vê, se escreve, se pensa e se sonha” (cfr. Pageaux 2004: 139).
- b) as suas origens e funções, objeto central de estudo aqui, podem ser diversas, não são unívocas, isto significando também que uma imagem pode ser composta; por sua vez, apresentam habitualmente uma alta resistência à mudança e/ou desativação⁶⁰. Neste sentido, no presente trabalho adotamos a denominação *imagotipo* (cfr. Beller 2007: 9), face a, por exemplo, *estereótipo*, entre outros motivos por exprimir com maior transparência, em nosso entender, o caráter composto de uma imagem dada, a galega neste caso⁶¹ (cfr. *infra*); desta forma, a imagem de uma comunidade ou país pode estar composta de um o mais *imagotipos* com origens e funcionalidades diversas; utilizamos para o caso da imagem galega em Portugal no período em foco a noção de J. Leerssen *imagem*a (Leerssen 2007a: 343-344; cfr. Simões 2011: 41):

In practice, images are mobile and changeable as all discursive constructs are. (For his reason, some scholars have preferred, in the past, the term *imagotype* to that of ‘stereotype’) [...] over time, images may spawn their very opposite *counter-images* [...] In practice, these successive counter-images do not abolish each other but accumulate. As a result, in most cases, the image of a given nation will include a compound of layering different, contradictory counter-images, with (in any given textual expression) some aspects activated and dominant, but the remaining counterparts all latently, tacitly, subliminally present. As a result, most images of national character will boil down to a characteristic, or quasi-

⁶⁰ Podemos perspetivar a *perenidade* das imagens a partir do que P. Bourdieu (2001: 49) denomina “a força do pré-construído”: “A força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural”. Por outro lado Xosé Manoel Núñez Seixas destaca (2002: 12; *itálicos* no original):

os imaxinarios, e de xeito máis restrinxido tamén os estereótipos sobre o *outro*, son igualmente susceptíbeis de adquiriren unha autonomía discursiva e/ou iconográfica propia: os prexuízos adoitan amosar unha extraordinária capacidade de supervivencia, e mesmo poden ficar *hibernados* socialmente, á agarda de rexurdiren transformados e/ou adaptados ós valores normativos de épocas históricas diferentes en canto novas circunstancias fan operativa a súa resurrección.

⁶¹ Em sintonia com as orientações de Beller e Leerssen 2007, Maria João Simões (2011: 38 e 39) destaca: “o conceito de *imagotipo* tem a vantagem de não veicular o sentido pejorativo do preconceito e do estereótipo e de sublinhar o carácter colectivo de uma representação” e “[o] *imagotipo* configura-se, então, como uma representação heterogénea e aglutinante, mas também complexa, dialógica e relacional – aquela que se pressupõe na expressão ‘uns e outros’” (cfr. Sánchez Romero 2005: 10 e ss.).

characterological, polarity: passion and arrogance in the Spaniards, refinement and immorality in the Italians [...] An *image* is the term used to describe an image in all its implicit, compounded polarities (itálicos no original).

- c) os imagotipos nutrem-se basicamente de ideias, crenças ou discursos que intervêm significativamente no relacionamento com o *outro* (*hetero-imagem*, *hetero-imagotipos*) ou com o *eu/nós* (*auto-imagem*, *auto-imagotipos*), tendo conseqüentemente uma importante influência no plano intersistémico (cultural, mas também político, económico, etc.):

If nations are defined as *Imagined Communities*, as has been proposed by Benedict Anderson (1983), it seems all the more justified to consider the *images* (*mirages*) that people of various nations create about each other, as ‘no more than a product of the imagination, that is, a fiction’” (Beller 2007: 11; sublinhado nosso).

- d) por fim, os imagotipos podem funcionar, tendo presente a metodologia aqui adotada, como *materiais de repertório*, também no âmbito das relações intersistémicas⁶²; neste sentido, podemos delimitar *imagotipos supranacionais* ou *intersistémicos*, isto é, imagotipos (= materiais de repertório) partilhados por dois ou mais sistemas culturais que, por seu turno, podem ser expressão da existência de um intersistema (cfr. *supra*); nesta direção cabe apontar o interesse que os estudos imagológicos têm no âmbito dos estudos comparatísticos (cfr. Casas 2003 e Pageaux 2010). Por outro lado, a delimitação e estudo dos imagotipos pode ser realizada a partir (não exclusivamente) de produtos culturais de variada tipologia, entre os quais os produtos literários (cfr. Machado e Pageaux 2001, por exemplo).

Para análise específica dos imagotipos portugueses a respeito dos galegos (cfr. *infra*), das suas origens, funções e vigência, consideramos o fenómeno migratório galego em Portugal já descrito. Deste modo, destacamos: (i) o papel das elites do enclave como “mediador[a]s dos inmigrantes coa sociedade de recepción, pero tamén

⁶² Relativamente à relação entre os materiais de repertório imagológicos e as relações intersistémicas no espaço cultural ibérico, temos em consideração as indicações de Sánchez Romero (2005: 25):

Primero, es necesario analizar cómo se han originado y evolucionado los imagotipos en otros países, para comprobar si se trata de imagotipos *supranacionales*. Es necesario precisar si los imagotipos han tenido un (similar) efecto internacional, si tienen una función multinacional; si existe, en fin, una *macroestructura multinacional* (itálicos no original).

como codificadores de repertórios identitários, como definidores de critérios de pertença e exclusión, e mais como artífices da imaxe do grupo inmigrante fronte ó exterior” (Núñez Seixas 2002: 16), em virtude do qual aquelas podem funcionar também como fabricantes/promotoras de ideias, de *contradiscursos* ou *contraimagens*⁶³; (ii) o facto de a valorização/representação dos galegos depender igualmente das posições que ocupam no espaço social português⁶⁴ e dos capitais que conseguem acumular; e, do mesmo modo, (iii) dos capitais, com relevo para o simbólico⁶⁵, associados em Portugal ao seu país/região de origem, isto é, atribuídos à Galiza (cfr. Corbacho 2009: 82 e 110). Neste último sentido, Álvaro M. Machado e Daniel-Henri Pageaux (2001: 61-63; negritos nossos) estabelecem uma tipologia das representações do *outro*, em função dos capitais atribuídos à *cultura* de procedência do *outro*:

⁶³ Para Núñez Seixas, em documentado trabalho sobre a imagologia dos galegos na Argentina, as elites têm um papel relevante (e interessado) na impugnação da imagem menos amável para com os galegos (2002: 22-23):

As mensaxes e discursos, as imaxes e estereotipos sobre os colectivos inmigrantes, e as contraimagaxes e contradiscursos, as percepcións do nós e a propia autorrepresentación que as elites elaboraron para dotar ás colectividades inmigrantes dunha face recoñecíbel, dunha imaxe aceptábel e respectábel fronte ó exterior, foron factores determinantes nesse proceso de construción das identidades inmigrantes. Como temos afirmado noutro lugar a respeito dos inmigrantes galegos na Arxentina, no primeiro terzo do século XX ese conxunto de imaxes e discursos, sen seren homoxéneas, configurou non obstante unha sorte de *matriz discursiva común* de afirmación etnocultural, de natureza prepolítica e de aspiracións supraclassistas, da que beberían tanto os nacionalistas galegos coma os españois actúantes no seo da colectividade inmigrante (itálicos no original).

⁶⁴ Com especial relevância para compreender a relação entre a função/posição social dos emigrantes galegos e a imagem que os representa em Lisboa durante o período de estudo, Antón Corbacho assinala (2009: 75):

Em um mercado de trabalho nacional, os empregos mais desvalorizados e, portanto, menos procurados são destinados à mão-de-obra socialmente desprestigiada e politicamente mais dominada. Ao assumir um desses empregos, pela lógica circular do campo simbólico, o sujeito vira alvo de desprezo profissional por haver evidenciado a sua desqualificação técnica, embora, simultaneamente, se agradeça a sua submissão para executar o serviço demandado. Nessa dinâmica insere-se o recurso à provisão com imigrantes dos postos de trabalho recusados pelos operários nacionais.

O estigma da depreciação abrange, assim, o cargo e quem o ocupa, mas não se estende linearmente ao país de onde procede a categoria de mão-de-obra social e tecnicamente desqualificada. Para o país de emigração, caso dele já não se emigre mais, cabe a possibilidade de traçar, paralelamente às representações dos seus naturais ainda residentes no país de imigração, outras representações à margem das imagens desfavoráveis criadas ao redor desses seus velhos emigrantes. Logo, do egresso país de emigração podem-se projetar, no país de imigração, representações que ora ignoram o legado depositado pelos seus emigrantes, ora amortecem esse legado, apresentando-o como o produto anômalo de uma amarga circunstância já superada. Desse modo, os descendentes dos emigrantes/ imigrantes ganham a possibilidade de tentar se desmarcarem das representações associadas aos seus progenitores e de se vincularem ao poder simbólico que instituições e agentes prestigiosos do país de emigração introduziram posteriormente no país de imigração.

⁶⁵ *Capital simbólico*, segundo P. Bourdieu (1997: 80): “qualquer propriedade (qualquer espécie de capital, físico, económico, cultural, social) que seja percebida por agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles são capazes de a conhecer (de se aperceber dela) e de a reconhecer, concedendo-lhe valor”.

- a) A realidade cultural estrangeira é tida pelo escritor ou pelo grupo como sendo absolutamente **superior** à cultura nacional de origem [servindo para criticar a cultura de origem].
- b) A realidade cultural estrangeira é tida por **inferior** ou por negativa em relação à cultura de origem: há então ‘fobia’, e esta atitude desencadeia, como reacção, uma sobrevalorização de toda ou parte da cultura de origem.
- c) A realidade cultural estrangeira é tida por **positiva** e situa-se no interior de uma cultura igualmente considerada de maneira positiva. Estamos então perante o primeiro e único caso de **trocias bilaterais** que procedem de uma admiração mútua: é a atitude a que chamamos ‘filia’. [...] a ‘filia’ desenvolve processos de avaliação e de reinterpretação do estrangeiro.
- d) [Situação] em que não se põe o problema do juízo positivo ou negativo, pelo menos aparentemente, de maneira imediata. É o caso, por exemplo, do escritor ou do crítico que se afirma ‘**cosmopolita**’ e para o qual o estrangeiro, na sua singularidade, daria lugar a uma realidade mais ou menos uniforme que este letrado considerará, digamos, a sua república das letras.

Concluimos este segundo capítulo procedimental e metodológico referindo ainda que entendemos as origens e funções da imagem sobre uma comunidade ou país estreitamente vinculadas a interesses concretos⁶⁶ e, em termos de Pierre Bourdieu (2001), necessariamente submetidas à dialética dominantes/dominados. A imagem dos galegos em Portugal no período em foco, assim como em épocas anteriores e posteriores, diz respeito também às “lutas de classificação” que se produzem no espaço social; segundo Bourdieu (*id.*: 113):

o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.

Deste modo, na nossa análise da imagem galega em Portugal, como se verá, além das funções humorísticas habitualmente atribuídas à presença de *galegos* nos produtos culturais ou de outro tipo, contemplaremos outras com as quais esperamos contribuir para ilustrar solidamente a trajetória guisadiana.

⁶⁶ Como indica Núñez Seixas (2012: 16; itálicos no original) uma imagem determinada “non xorde [...] dun *imaxinario popular* de xeración espontánea e de natureza cuaseancestral [sic.], supostamente virxe e incontaminado de intereses sociais e invención concretas [...] de prexuízos de natureza não só cultural, senón também social e material. Todo o contrario”.

3. ESTADO DA QUESTÃO

Os objetivos deste capítulo estão diretamente vinculados com a necessidade de avaliar, antes de avançar no conhecimento sobre o nosso objeto de estudo, as linhas de força do saber considerado indispensável e destinado à sua reprodução pela crítica e a historiografia nomeadamente literária. Não pretendemos, por outro lado, identificar especificamente os agentes envolvidos na construção do conhecimento nem as lacunas existentes (destacadas sim nos capítulos seguintes) mas as ideias e regras, no seu caso, que os agentes ou grupos utilizaram para a disposição do saber (cfr. Martínez 2012 e Samartim 2012).

A organização e propósitos específicos deste capítulo norteiam-se por: (i) em função do corpus manejado, podermos concluir que os objetivos definidos nesta Tese dizem respeito, em geral, a áreas do conhecimento objeto ainda de estudo e pesquisa, sendo, portanto, âmbitos pouco ou deficientemente conhecidos; (ii) optarmos por dividir este capítulo em três subcapítulos, em virtude das especificidades dos saberes em causa; (iii) não destacarmos, em regra, estudos ou produtos contemplados dentro das margens temporais do nosso objeto de estudo⁶⁷ ao passo que sim invocamos trabalhos não apenas centrados no nosso período em foco; e finalmente, (iv) num trabalho destas características, fruto de um projeto individual (insistimos), o estado da questão exposto nas seguintes páginas necessariamente pretende, antes do que uma fixação exaustiva do conhecimento existente, uma aproximação possível a tal saber, nomeadamente a respeito das relações intersistémicas no espaço cultural ibérico; o esforço analítico concentrar-se-á basicamente na descrição e análise do estado da questão relativamente à trajetória guisadiana.

3.1. As relações intersistémicas no espaço ibérico

Uma das constantes presente na bibliografia manejada relativamente às relações intersistémicas no espaço cultural ibérico assinala um **conhecimento insuficiente** sobre as mesmas. Em palavras do Professor Xaquín Núñez (Núñez 2011: 119) sobre os “estudios comparativos ibéricos”:

predominan las zonas de penumbra pese a los intentos por despejar el sinuoso panorama de las relaciones entre los sistemas literarios portugués y español que se ha realizado en los

⁶⁷ Igualmente, não temos em consideração para a elaboração deste capítulo os nossos trabalhos já publicados que cimentam e nutrem a análise e os resultados apresentados nesta Tese.

últimos años. Por ello, al carecer de una recomposición amplia que enmarque el mapa de relaciones ibéricas existentes, no resultan fáciles las comparativas que en ese ámbito se realizan entre autores u obras concretas.

As lacunas que vários autores destacam (cfr., por exemplo, Álvarez Sellers 1999: 9) teriam origem no *tradicional desinteresse* que estas matérias usufruíram nos campos de estudos em questão (cfr. Valério 2001 e Jiménez 2001; cfr. *infra*) ou, segundo Arturo Casas (2003: 79-80):

Los desajustes [...] entre los sistemas literarios ibéricos que han contado con respaldo de un estado y los que no sólo no lo han tenido sino que, además, han sufrido las consecuencias de las políticas homogeneizadoras del Estado español en el marco lingüístico-cultural a lo largo de varios siglos conforman una de las razones que contribuyen a explicar algunas de las reticencias hoy palmarias ante un ejercicio histórico-comparado normalizado en el marco ibérico, experimentadas tanto por agentes de los sistemas consolidados —el portugués y el español— como por los que toman parte en los otros tres [...] A este respecto, merecería atención, por lo representativo, el silencio al que se ha visto sometida tanto en Portugal como en España la figura de Fidelino de Figueiredo, autor en 1931 del libro *Pyrene. Ponto de vista para uma introdução à História comparada das literaturas portuguesa e espanhola* (itálicos no original).

Em sentido contrário, em 2011, Antonio Sáez Delgado afirmava (Sáez 2011: 3):

En las dos últimas décadas, de forma muy significativa, hemos podido reconstruir con bastante exactitud el mapa de las relaciones literarias entre los dos países en los años del Modernismo y la Vanguardia, y gracias a ello conocemos con corrección (aunque aún falten bastantes elementos concretos por desvelar) el trabajo realizado por los actores principales del diálogo ibérico. Ha sido (y lo sigue siendo) un trabajo arduo, con vocación de permanente *work in progress*, que nos permite contemplar el panorama de los flujos y reflujos estéticos del momento con alguna claridad (itálicos no original).

Segundo Sáez Delgado, o comparativismo peninsular, propondo juntamente o recurso a metodologias sistémicas, como as propostas neste trabalho, deveria entrar numa “segunda fase” (Sáez 2011: 3 e 4):

Sin embargo, una vez iluminado el territorio, creo que se acerca el momento de que procedamos a algo así como una ‘segunda fase’ o ‘segunda generación’ en nuestros estudios literarios ibéricos [...] Se trataría, en cierto modo, de partir de todos nuestros

análisis descriptivos propios de la necesidad manifiesta de reconstruir un periodo hasta hace poco oscuro de las relaciones literarias ibéricas, con herramientas propias de la historia de la literatura, para conseguir llegar a un nuevo paradigma, más analítico y crítico, que ponga de manifiesto y cuestione las causas y los fines por los que la historia de esas relaciones, mediaciones y presencias fue realmente la que fue, y no otra bien diferente. Es decir, una vez conocido, con alguna exactitud, el ‘¿qué?’, quizá deberíamos comenzar a preguntarnos el ‘¿cómo?’ y el ‘¿por qué?’ de todo este proceso.

O(s) volume(s) editado(s) por Antonio Sáez e Luis Manuel Gaspar (Sáez e Gaspar 2010), subintitulado(s) (também em espanhol) *Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)* é expressão do crescente interesse pelas relações intersistémicas no espaço cultural ibérico. Contudo, se bem é certo que nos últimos anos surgiram ambiciosos trabalhos, alguns com importantes contributos metodológicos, que em parte abordámos no capítulo anterior (Abuín e Tarrío 2004 ou Abuín e Domínguez 2010), também sobre o *Pyrene* de Fidelino de Figueiredo (cfr. Cunha 2010 ou Pageaux 2010: 366 e ss.), chama a atenção, por exemplo, a ainda “útil bibliografia sobre literatura portuguesa en España” (Pageaux 2010: 366) de Manuel Correia Fernandes, publicada em 1986, apesar das *carências* apontadas pelo próprio autor (não apenas, na nossa interpretação, fruto da esperável *captatio benevolentiae*), que apresentava assim o seu *Literatura Portuguesa em Espanha. Ensaio de uma bibliografia (1890-1985)* (Correia Fernandes 1986: 9 e 13):

Trabalho necessariamente limitado: por isso o designo por *ensaio*, para sublinhar que o considero apenas um esforço inicial, um ponto de partida, um arranque e sugestão para ulteriores investigações, por quem quer que venham a ser feitas.

[...]

Concluimos, reiterando o carácter parcelar deste trabalho, que consideramos como simples proposta, que desejaríamos viesse a ser desenvolvida, acrescentada, corrigida criticada por quantos se interessam pela aproximação das culturas peninsulares (itálico no original).

Com importante relevância metodológica, alguns trabalhos têm salientado os **obstáculos** que o exercício comparatista no espaço ibérico tem enfrentado desde, em geral, os seus inícios. Assim, para Mario J. Valdés (Valdés 2004: 17):

¿Cuáles son los obstáculos principales para poder realizar una historia comparada de la península ibérica? Primero, y quizá el obstáculo más obvio, es la tendencia de la historiografía cultural de reducir y, hasta donde se pueda, homogeneizar la heterogeneidad de la península. Hay por lo menos diez zonas distintas de producción de cultura literaria que resisten la fuerza centralizadora de la cultura nacional, es decir, la española y la portuguesa⁶⁸.

Em sintonia com as apreciações de Mario J. Valdés, o investigador Arturo Casas ao caracterizar as tendências do comparatismo ibérico alude às “atenciones duales o bipolares –rara vez multipolares” (Casas 2003: 88), ocultando deste modo a pluralidade essencial ao espaço cultural ibérico (cfr. Torres 2004: 426-438). Acerca das linhas de força que atuam neste espaço, Arturo Casas afirmava (*id.*: 83-84):

Se reconocerá que el trasfondo descrito y las inercias históricas a él asociadas juegan en contra de cualquier proyecto histórico-comparado que aspire a dar cuenta de lo común y de lo diverso entre las literaturas y los polisistemas literarios de la Península Ibérica abstrayéndose de esa realidad conflictiva. No resultaría admisible hoy por hoy un planteamiento que obviase la complejidad de la convivencia política e intercultural entre las naciones ibéricas y sus sistemas literarios, o ya entre los nacionalismos concurrentes en un mismo marco histórico y sus respectivas postulaciones sobre la identidad/alteridad en el espacio peninsular. Estas se han manifestado a veces con un sesgo tan militante que han inducido (e inducen) incluso la negación de *lo otro*, al punto que las alteridades silenciadas entran así de modo obligado en una invisibilidad o imperceptibilidad institucional y repertorial que tiene una inmediata incidencia en la recepción y el mercado [...] Quizás por eso mismo algunas de las iniciativas para emprender esa clase de proyectos hayan partido del exterior (itálicos no original).

Aparentemente, este assunto tem sido objeto de reflexão inclusive no âmbito de projetos de investigação como o levado a cabo por investigadores das Universidades da Beira Interior, Évora e Salamanca, “As Relações Linguísticas e Literárias entre Portugal e Espanha desde o Início do Século XIX até à Actualidade” (RELIPES) (Magalhães 2007). Segundo o coordenador do volume que recolhe as atas de dois congressos associados ao RELIPES (*id.*: 9):

⁶⁸ O investigador da Universidade de Toronto refere ainda mais três “obstáculos”; resumidamente (Valdés 2004: 17-18): (i) a fragmentação derivada da globalização; (ii) a própria delimitação do objeto de estudo pode estar em causa, apenas textos?, pergunta-se Mario J. Valdés; e, por último, (iii) a problemática à volta de periodização que na sua opinião deve estar aberta a fatores estritamente literários e também extra-literários.

O RELIPES desenha-se como uma estrada universitária e epistemológica construída entre Portugal e Espanha –estrada esta por onde circulam veículos linguísticos, literários, culturais [e está vinculado à] área do estudo das relações entre Portugal e a Espanha.

Mais em detalhe, Gabriel Magalhães, e em referência ao programa INTERREG, salientava (*id.* 11; *itálicos nossos*):

Convém aqui sublinhar também que este enquadramento europeu acaba por *impor* determinadas *limitações* na concepção e na organização do presente trabalho de investigação [...] A perspectiva de uma *Península Ibérica binária* em termos culturais – toda ela baseada no jogo de espelhos Espanha/Portugal, Portugal/Espanha- deriva precisamente do *contexto comunitário* em que o projecto nasce [...] Para colmatar um pouco estas limitações próprias de uma iniciativa enquadrada no âmbito do INTERREG, organizaram-se três congressos.

Ana María García Martín e Pedro Serra, expressivamente, faziam as seguintes apreciações a respeito da orientação metodológica do volume (e projeto) coordenado por Gabriel Magalhães (García e Serra 2007: 268):

esta vectorialización del tiempo peninsular hace la retrospección del pasado, el origen del ‘presente’, en función de una entelequia: la com-unidad de ‘dos países’, Portugal y España, como establece el proyecto. La bipolaridad de estudios de ‘relaciones lingüísticas y literarias’, en este sentido, asiste al refuerzo de los ‘dos’ Estados. Cabe interrogarnos sobre el sentido de esta teleología, y sobre todo si ella responde efectivamente a *nuestra actualidad*. Esta península, nuestra península, no es ciertamente el ‘futuro’ imaginado por el siglo XIX globalmente considerado [...] En el planteamiento del proyecto, se percibe de forma notoria la vocación historizante. Se trata, según se nos plantea en la documentación correspondiente, de ‘revelar’, de ‘desocultar’ un continuo de relaciones entre Portugal y España en los siglos XIX y XX. La pulsión historizante necesariamente se desdobra en la *libido* comparatista (lo histórico y estructuralmente comparativo). Se trataría de hacer el *up to date* de un área de conocimiento –la de la literatura comparada, y del estudio contrastivo de las lenguas portuguesa y castellana-, muy necesitada de crear archivo, con un suplemento, digamos, político: el de ‘superar’ la mutua ignorancia y mutuo silencio entre las sociedades portuguesa y española en la Modernidad. Esta ‘superación’ se haría teniendo como base empírica la materia ‘revelada’ y ‘desocultada’. Es decir, la legitimación del esfuerzo investigador *puesto al día* tendría como horizonte último el encontrar su objeto. Diríamos que, en el planteamiento del proyecto, no es que haya objeto mientras haya teoría;

lo que ocurre es que la teoría —el gesto de investigar relaciones lingüísticas y literarias— anclaría su fundamentación en la existencia de un objeto previo, estable pero muy olvidado. La com-unidad de los ‘dos países, Portugal y España’ sería una continuidad (itálicos no original).

E mais à frente (*id.*: 292-293):

lo que queremos plantear es que la imaginación de algo como un ‘futuro común’, como se establece en las bases de este proyecto, un ‘futuro’ aleccionado por una historia moderna de ‘relaciones lingüísticas y literaria’ consideradas ‘ocultas’, y ‘desocultadas’ por un ‘área de estudios ibéricos’ de pulsión comparatista, no rima con la determinación ‘nacional’ de lo lingüístico-literario.

Neste sentido, parece possível entender o panorama da elaboração do saber existente sobre as relações entre sistemas literários no espaço cultural ibérico como submetido a uma certa tensão entre, adotando os termos utilizados por Arturo Casas (cfr. *supra*), o entendimento daquelas desde uma **lógica bipolar** ou **multipolar**, sendo a primeira, entendida como centrada nos sistemas literários espanhol e português, presumivelmente a mais produtiva e/ou estendida e, portanto, promovendo assim uma determinada inteligência da arquitetura das relações intersistémicas em que os sistemas literários consolidados são os objetos preferentemente selecionados, enquanto os sistemas emergentes são alvo de uma problemática secundarização⁶⁹.

Ao lado das questões de índole metodológica, parece evidente um crescente interesse pela *literatura* portuguesa no campo de estudos espanhol, sobretudo, a partir do *fenómeno Pessoa* (ou também do produtor José Saramago) (cfr. *infra*) desde as últimas décadas do século XX (cfr. Molina 1990)⁷⁰. O primeiro, singularmente, tem

⁶⁹ Assim, por exemplo, inicia Víctor Martínez-Gil (2010a: 189; sublinhados nossos) a sua análise do quadro relacional catalão-português nas primeiras décadas do século XX:

Las relaciones entre la cultura catalana y la portuguesa a lo largo del siglo XX han sido mucho más intensas de lo que puede parecer a simple vista. Ciertamente, no son tan llamativas como los contactos que Cataluña ha establecido con la cultura francesa [...] o como los que ha tenido con la cultura italiana [...] Sin embargo, esas relaciones existen. Más de una vez, por complejos motivos, se han ignorado o minimizado, incluso cuando parecía difícil hacerlo. Y no sólo acontece cuando se trata del siglo XX: son casi inexistentes los estudios en los que se recuerda, por ejemplo, que el gran poema de Jacint Verdaguer, *L'Atlàntida* (1877), debe mucho a *Os Lusíadas* de Camões.

⁷⁰ Já nos inícios deste século, Arturo Casas (2003: 88) sublinhava a tendência para a produção de estudos “tan pendientes de los autores cimeros de la otra literatura como despreocupadas de la producción no canonizada y del resto de los elementos del sistema, muy en particular del estudio de instituciones y repertorios, así como de la propia recepción”.

sido o objeto atenção de numerosas análises comparatísticas no âmbito ibérico (cfr., por exemplo, Molina 1990, Sáez 1999, 2007, 2008 e 2012⁷¹, Pizarro 2010 ou Martins 2010) e, em nosso entender, um dos objetos, produtor e produção, prioritariamente selecionados para a análise daquelas em função, entendemos, de critérios *estéticos*; como indicou Ángel Crespo (Crespo 1990: 371-372; cfr. Martínez-Gil 2010: 267):

la verdad es que [...] es a Fernando Pessoa – o más bien a su obra- a quien se ha de considerar como la sombra protectora del entendimiento que, de unos años a esta parte, ha empezado a producirse y – lo que no es menos importantes- a proclamarse entre el arte y, sobre todo, entre la literatura de España y de Portugal (itálicos no original).

A bibliografia manejada também enforma uma das ideias centrais relativas ao estado da questão acerca das relações aqui analisadas: a **distância/(afastamento/desconhecimento) entre os sistemas** em foco, nomeadamente entre os sistemas literários espanhol e português. Esta *distância* consubstanciar-se-ia, por exemplo, na ausência de vínculos entre grupos e agentes dos sistemas em causa ou no alegado desconhecimento do panorama literário do *outro* (cfr. Reis 2005: 179; Dias 1996: 773 e ss.; cfr. *infra*), com destaque para a debilidade dos processos de importação e exportação literárias. São expressivamente numerosos os estudos que partem (paradoxalmente em ocasiões, diga-se de passagem) desta ideia. Afirmava Xosé Manuel Dasilva na introdução a uma das suas antologias (Dasilva 2008: 7; itálicos nossos): “[c]omo acontecia no primeiro volume de Babel ibéricos, não será árduo encontrar nesta segunda parte uma elevada porção de escritos que insistem na *ideia* –pouco menos do que um *tópico*, na verdade- do *afastamento cultural de Portugal e Espanha*”. Gabriel Magalhães (2007b: 109), por seu turno, assinala o recurso à comparação com a China e a sua cultura (percebidas como o exemplo superlativo de afastamento e até de exotismo) “*para encenar os afastamentos peninsulares*” (itálicos no original), tanto em agentes espanhóis como portugueses. Secunda esta análise, com alguns matizes porém, Apolinário Lourenço (Lourenço 2005: 123):

Ainda que o contacto entre as letras portuguesas e espanholas, muito estreito até ao final do século XVII, se fosse tornando cada vez menos íntimo ao longo dos séculos XVIII e XIX,

Tendo em consideração o trabalho de Correia Fernandes (1986: 49-56), o interesse desde o sistema literário espanhol por F. Pessoa parece ter início na década de 70 do século passado para, na década seguinte, se afirmar nitidamente (cfr. Sáez 2010a: 100).

⁷¹ Agradecemos aqui a Antonio Sáez o amável envio dos volumes de 2008 e 2012.

nem por isso se pode dizer que as influências recíprocas entre as duas literaturas tenham desaparecido completamente. Saliente-se, por curiosidade, que, na segunda metade do século XIX, nenhum autor espanhol foi tão apreciado em Portugal como o foram, no país vizinho, Eça de Queirós [...] e Eugénio de Castro [...] Bem diverso é o panorama que encontramos, já *no século XX*, com as correntes vanguardistas. Neste caso, se é evidente a influência na arte e na cultura portuguesa de alguns artistas plásticos espanhóis (Picasso, primeiro; Miró e Dalí, depois) que ganharam uma projecção universal, *é absolutamente incontestável que, quanto à escrita, nada de importante associa os dois países ibéricos* (itálicos nossos).

A ideia da *distância* entre os sistemas espanhol e português conjuga-se, em ocasiões, com a explicitação da *estranheza* ou *surpresa* do investigador **perante a ausência de contacto entre estes sistemas**, os seus grupos e agentes nomeadamente (face ao frequentemente invocado *francesismo* da cultura portuguesa, cfr. Reis 2005: 180 ou Marcos 2007: 334)⁷²; assim, por exemplo, para Ángel Marcos de Dios (Marcos 1996: 149; itálicos nossos): “As relações culturais e políticas [...] entre Espanha e Portugal, ao longo dos séculos, não foram tão fecundas *como se poderia esperar* entre dois povos unidos por uma história, uma geografia e quase um *destino comum*”. No mesmo sentido interpretamos as apreciações de Sáez Delgado a respeito dos escassos vínculos, segundo o autor, de Ramón Gómez de la Serna (que residiu em Portugal; cfr. Fernandes 2010) com os membros do Grupo de *Orpheu*, Fernando Pessoa à frente (Sáez 2007: 147):

Tampoco llegó a producirse el encuentro deseable entre Pessoa y Ramón Gómez de la Serna, el escritor vinculado a la Vanguardia española más cercano a Portugal, a pesar del amplio espacio de tiempo que pasa Ramón junto a Carmen de Burgos en Estoril y de sus estrechos contactos con escritores portugueses cercanos a Pessoa, entre los que destaca especialmente António Ferro –el único autor, que sepamos hasta el momento, que se refiere a Cansinos Assens como ‘o apóstolo da nova literatura española’ [...], editor de *Orpheu*. Ramón coincidió en algunas de sus tertulias lisboetas con el autor de los heterónimos,

⁷² Note-se que o recurso ao *francesismo* português como um dos argumentos que explicariam a *distância* e/ou *relutância* lusa a respeito da cultura espanhola (ou catalã e galega, em menor medida) é, como noutros casos (cfr. *infra*), uma ideia recorrente antes, durante e depois do nosso período de análise. Miguel de Unamuno, especialmente interessado no contacto português, como veremos, afirmava com algum sarcasmo em 1914 (Unamuno 2006 [1914]: 165-166; cfr. Sousa Viterbo 2008 [1915]: 87):

En uno de mis primeros viajes a esta tierra, me aseguraron que en alguna Facultad de Medicina de por acá se estudiaba a Ramón y Cajal traducido... al francés. No pude comprobarlo. Pero lo que sí he experimentado es encontrarme con portugueses que me invitaban a que nos entendiésemos en francés y luego resultaba que no ya sólo comprendían perfectamente el castellano, sino que lo hablaban con relativa perfección y muy claro.

aunque no supo ver en aquel hombre a Fernando Pessoa, el autor más importante de su generación (sublinhados nossos)⁷³.

A respeito da ideia da *distância* cabe ainda salientar o facto de esta se manifestar amplamente pelo menos desde a metade do século XIX e, com especial incidência, nas primeiras décadas do século XX, nos discursos de vária tipologia que se debruçam lateral ou monograficamente sobre as relações intersistémicas aqui em questão. Eduardo Mayone Dias ao referir as publicações portuguesas de metade do século XIX com presença *espanhola* afirma: “Os lamentos sobre o afastamento espiritual entre os dois países e as propostas para o reduzir são quase um *Leitmotiv* destas publicações” (Dias 1996: 778; itálico no original). Já no século XX, o próprio Miguel de Unamuno reivindicava um estreitamento do relacionamento luso-espanhol nestes termos (*apud* Sáez 2011: 10):

Aquí en España, no es la literatura portuguesa todo lo conocida y apreciada que debería ser, aun siendo las dos lenguas tan afines que sin gran esfuerzo podemos leer el portugués. Diferénciase del castellano mucho menos que el catalán, y, sobre todo, el portugués escrito. Mas, aun siendo los dos países vecinos aislados los dos, en cierto modo, del resto de Europa, yo no sé qué absurdo sino nos ha mantenido separados en lo espiritual. En Madrid es más fácil encontrar un libro inglés, alemán o italiano que no portugués, y en Portugal hay Facultad de Medicina en que se sirven de texto en Histología obras de nuestro Ramón y Cajal, pero... en francés. (...)

Y siendo así, ¿a qué se debe este alejamiento espiritual y esta tan escasa comunicación de cultura? Creo que puede responderse: a la petulante soberbia española, de una parte, y a la quisquillosa suspicacia portuguesa, de la otra parte.

Parece-nos desnecessário elencar aqui as reiteradas análises que veiculam a ideia (ou crença) da *distância* como o atributo definatório, provavelmente essencial, das relações entre os sistemas espanhol e português (cfr. Dasilva 2006: 7 e ss.). Interessa, no entanto, substantivar (i) a origem longínqua desta ideia assim como a sua elevada capacidade de reprodução; (ii) o alto grau de aceitação que alcançou, quase um consenso generalizado (até há bem pouco tempo) no âmbito dos estudos sobre as

⁷³ Em sentido parecido se manifesta David Mourão-Ferreira (Mourão-Ferreira 1977: 66-67; itálicos no original) a respeito do não relacionamento entre os autores da revista *Presença* e da *Generación del 27*: “Foi [...] *uma lástima* que estes coetâneos se não houvessem conhecido. Quantos preciosos ensinamentos, para um lado e outro [...] teriam decerto resultado do comércio de ideias e de pontos de vista que entre ambas as gerações se tivessem estabelecido!”.

relações intersistémicas luso-espanholas; e, em última instância, (iii) o caráter altamente homogeneizador deste entendimento do quadro relacional, fruto de análises *duais* mormente, que pouco ou nada se interroga sobre as periferias e as suas linhas de força no espaço cultural ibérico.

Face a este estado de coisas, têm surgido, especialmente nas últimas décadas, trabalhos que, *grosso modo*, matizam e/ou contestam esta conceção das relações literárias/culturais (as suas distâncias e vínculos) no espaço cultural ibérico (cfr., por exemplo, Molina 1990: 14 e ss.). Esta nova forma de entender estas relações parte, sinteticamente, de estudos de conjunto e particularmente de trabalhos que antes descrevíamos como fruto de uma lógica bipolar; destacam-se no meio destes os centrados nas relações entre os sistemas consolidados e, por outro lado, os que se debruçam sobre as relações de um ou vários sistemas emergentes com um vários sistemas consolidados, como é o caso dos trabalhos que abordam as relações galego-portuguesas, como se verá mais à frente. No âmbito dos primeiros, Daniel-Henri Pageaux refere (2010: 366): “el alejamiento, el aislamiento, la ignorancia mutua, la hostilidad o la indiferencia. Remiten estas palabras a realidades culturales pero también mentales y por eso no dejan de ser elementos esenciales del diálogo luso español”; e mais à frente, “[e]s evidente que esta panorámica resulta cada vez más *falsa* o *pesimista*” (itálicos nossos). Do mesmo modo, frente ao “erosionado tópico de los países de espaldas” ou “eterno fantasma de la distancia entre Portugal y España”, António Sáez (2011: 7 e 11) entende a modo de conclusões (com especial relevância para o nosso período de análise) que (*id.*: 1; itálicos no original):

[o] asentamiento de las literatura modernas y de la Vanguardia histórica en la Península Ibérica como un *continuum* en el que es posible no acertar a encontrar cortes radicales [...] Se trata, es verdad, de un *continuum* profundamente heterogéneo, plural y diversificado, en el que se produce con especial intensidad un interesante y atractivo debate acerca de la necesidad de que las diferentes literaturas nacionales del contexto ibérico respondiesen a la posibilidad de construirse a la luz de la literatura hegemónica del momento, la francesa, y de otras literaturas “extranjeras”.

Segundo Sáez Delgado (*id.*: 2) há “tres grandes momentos” no *continuum* por ele referido: “el Simbolismo y Saudosismo en Portugal, en convivencia con el Modernismo y la Generación del 98 en España, en primer lugar; la Vanguardia histórica española y el Primer Modernismo portugués, en segundo; el Veintisiete y el Segundo

Modernismo, en tercer lugar”. Para este autor (*id.*: 15) “Los datos que conocemos parecen, en efecto, cuestionar en cierta forma la visión [de *distância*] tan pesimista”.

Da análise do corpus secundário selecionado também se desprende outra ideia-chave acerca do estado da questão: a **centralidade dos intermediários**, assim denominados em numerosos estudos, para o entendimento das relações aqui atendidas (cfr. *supra*). Segundo Daniel-Henri Pageaux (2010: 367):

sobre el telón de fondo de relaciones a veces inexistentes o envueltas, en tiempos más o menos remotos, en la indiferencia, la iniciativa personal irrumpe como la manifestación más directa a la par que evidente de un diálogo entre dos culturas, de una interculturalidad que, en un primer nivel, podemos llamar mediación. Y por lo tanto hemos de fijarnos en una tipología de intermediarios o de *medianeiros* [...] Es el nivel de las amistades literarias e intelectuales, de los encuentros, de las afinidades que la literatura comparada no puede olvidar, sin confundirlas con meros datos biográficos (itálico no original).

São numerosos nos campos de estudos focados os trabalhos que se debruçam sobre o papel deste ou daquele agente no âmbito das relações intersistémicas (lógica à qual não escapa de todo esta Tese). O interesse dos estudos comparatistas tem perseguido amiúde conhecer a agencialidade (quem? como?) das contactos intersistémicos (âmbito no qual os avanços são notórios) descurando, em nosso entender, os interesses em jogo (para quê?); do mesmo modo, por exemplo, tem-se avançado relativamente pouco na análise das instituições de variado tipo (quem? como? para quê?) envolvidas no relacionamento cultural no espaço ibérico (cfr. Mascato 2012a). Por outro lado, parece abrir-se caminho a ideia da não centralidade dos agentes envolvidos no contacto entre sistemas nos seus respetivos campos literários/culturais; expressivamente e com singular relevância para o nosso objeto de estudo, António Sáez (2007: 125) denomina-os como ***corredores de fondo***: “Muchas de las relaciones establecidas entre los escritores y las literaturas de Portugal y España en este tiempo entre el Modernismo y la Vanguardia están protagonizadas por autores que no forman hoy parte del canon de nuestras literaturas”; igualmente, para Gabriel Magalhães (2007b: 92; itálico nosso), “nos diálogos peninsulares, destacam-se os *ninguéns* da história cultural dos nossos países”. A natureza e objetos das abordagens em algumas das investigações aqui convocadas estão diretamente vinculadas a este tipo de conclusões.

Numa tentativa de fixar os agentes entendidos como os mais destacados intermediários nas relações intersistémicas para o período de análise desta Tese, podemos afirmar que do campo literário espanhol **Miguel de Unamuno** (1864-1936) é, em regra, o mais referenciado. O Unamuno “patriarca del iberismo” (Álvarez 1996: 373) ou o “mais importante lusófilo espanhol de todos os tempos” (Marcos 1996: 159) parece ter recebido, não obstante, uma atenção diferenciada em função do campo de estudos desde o qual é analisado: desde o campo de estudos espanhol é entendido como o, porventura, mais importante intermediário no contacto luso-espanhol, “escreveu cerca de cinquenta artigos [...] de tema português: um facto insólito neste espanhol [...] e noutros (nenhum outro espanhol escreveu tanto sobre Portugal)” (Marcos 2010: 60; cfr. Sáez 2007: 130); por outro lado, desde o campo de estudos português, além de destacar a sua centralidade nas relações entre os dois sistemas consolidados, é matizada a sua compreensão de Portugal e a sua cultura como sublinha João Medina (2005: 253): “amando-nos como nenhum outro espanhol o fez, Don Miguel deplora a nossa separação, o nosso separatismo, a nossa recusa de integração numa forma federal com o resto das nacionalidades da Espanha sob o lábaro dessa língua [o espanhol]” (cfr. Dias 1996: 780). De outra perspetiva, para Elias Torres (2007: 354) produtor e produção tiveram um papel central nas relações intersistémicas:

se alguma obra contribuiu para configurar no público leitor [espanhol] umha ideia dessa literatura [a portuguesa] mais recente na altura (e nom só; também da cultura e idiossincrasia lusa daquela época) julgo nom enganar-me muito se afirmar que essa era o livro de Miguel de Unamuno *Por Tierras de Portugal y España* de 1911 (itálicos no original).

Entre os agentes portugueses será **Teixeira de Pascoaes** (1867-1952) o consagrado como o intermediário mais saliente. Segundo António Cândido Franco (Franco 2010: 145) é “um escritor ibérico, talvez mesmo o mais ibérico dos escritores portugueses, e não apenas português” (cfr. Molina 1990: 25 e ss.; Sáez 2010: 483). Significativamente, Teixeira de Pascoaes é analisado também como um intermediário central entre o emergente sistema literário catalão e o sistema literário português (Currucull 1973: 48 e ss. ou Pageaux 2010: 379, por exemplo) assim como é entendido como sendo fundamental por parte de alguns investigadores no âmbito das relações literárias/culturais galego-portuguesas (cfr. *infra*).

A respeito das relações catalão-portuguesas, tem sido destacado, especialmente desde o campo de estudos catalão (mas não só), o papel de Ignasi de Loyola **Ribera i Rovira** (1880-1942) que viveu durante alguns anos em Portugal (cfr. Martínez-Gil 1995 e 2010); para Mayone Dias (1975: 64 e 67):

Como divulgador de Portugal, como lúcido crítico da sua literatura, como tradutor de autores portugueses, como professor da língua, história e cultura portuguesas, Ribera i Rovira ocupa um lugar único na Catalunha e, poder-se-ia mesmo dizer, em toda a Espanha [...]

Ribera i Rovira [foi] uma figura de tão grande significado para a história das relações culturais peninsulares. Neste aspecto foi um verdadeiro apóstolo: poucos em Espanha desenvolveram tantos esforços e chegaram a realizações tão concretas como ele.

Dentro das margens do período em foco neste trabalho, entendemos ainda que se destacam mais dois agentes dentre os vários que aparecem mencionados na bibliografia consultada: **Ramón Gómez de la Serna** (1888-1963) (Sáez 2007: 149 e *passim*; cfr. Fernandes 2010) e José Sobral de **Almada Negreiros** (1893-1970) (Sáez 2007: 152; Correia Fernandes 1998). Como no caso de Ribera i Rovira, ambos residiram durante algum tempo no espaço do *outro*, na capital portuguesa o primeiro e na capital espanhola o segundo; de facto, parece ser este um dos fatores principais que argumentam a sua visibilidade e protagonismo como intermediários na bibliografia manejada. Por outro lado, algumas vozes têm questionado o papel de, nos termos de Daniel-Henri Pageaux (cfr. *supra*), *medianeiros* destes dois agentes. Assim por exemplo, acerca da relação de Gómez de la Serna com Portugal Ângela Fernandes conclui (2010: 198; cfr. Oliveira 2004[1963]):

a sua proximidade, ou a ‘identificação’, à cultura portuguesa parece estar toldada por um olhar parcial, tendencialmente equívoco, sobre essa mesma cultura. Mais do que fruto de um conhecimento aturado e crítico, a proximidade de Ramón a Portugal parece estar mediada por lugares comuns e por impressões avulsas. Muito provavelmente, esta superficialidade do relacionamento com a realidade portuguesa da época terá obstado ao estabelecimento de laços verdadeiramente fortes após o regresso do autor a Espanha.

Na nossa leitura, por outro lado, é notória uma propensão na bibliografia consultada de *resistência* a explorar a natureza (também) política das relações intersistémicas. Esta tendência implica, *grosso modo*, uma secundarização das ligações

entre os campos literários e os campos do poder ou políticos na análise das relações entre os diferentes sistemas em jogo, postulando, por seu turno, como regra decisória na seleção de produtos e produtores **critérios de tipo estético** centrados na valorização do espaço textual. Poderíamos falar neste sentido de uma **tendência para a despolitização** na análise das relações⁷⁴, apesar das vozes que têm chamado a atenção para a necessidade de perspetivar o espaço cultural ibérico desde uma abordagem interdisciplinar, política e ideologicamente inclusive (cfr., por exemplo, Brandenberger 2005: 12 ou Vicente 2003: 47)⁷⁵. Apesar também, com grande relevância, da constante invocação do **iberismo**⁷⁶ como pano de fundo das relações aqui analisadas. Acerca da presença/influência do iberismo na análise das relações em questão, Arturo Casas assinalava (2003: 80-81):

⁷⁴ Repare-se, a modo de exemplo, nas indicações feitas por Gabriel Magalhães na introdução ao RELIPES (Magalhães 2007a: 12-13):

Outra observação importante: as investigações que se fizeram não contêm venenos políticos, são estritamente científicas –não defendem uniões ou separações. Procuram simplesmente analisar, compreender. O iberismo é um estranho casino onde muita gente tem feito as suas apostas na confusa roleta da vida política peninsular. Porém, o nosso projecto de investigação não entra nisso [...] não existe de modo algum uma qualquer concepção de tipo político no projecto RELIPES; contudo, nalguns pontos dos textos agora apresentados, a Península é pensada ousadamente [...] Este esclarecimento é sobretudo necessário no contexto da vida espanhola presente –tão sensível às subtis implicações do mais leve suspiro nacional.

Para Daniel-Henri Pageaux (2010: 373) existem umas “originalidades del diálogo luso-español: el papel desempeñado por los individuos, la compenetración del imaginario con la *ideología*, y la importancia de las *cuestiones lingüísticas*” (itálicos nossos).

⁷⁵ Neste sentido, Fernando Cabo, refletindo acerca da historiografia literária no âmbito ibérico, assinalava (Cabo 2010: 153):

De un lado la importancia del contexto europeo, que condiciona en muy buena parte los referentes y las líneas de interpretación de las literaturas peninsulares y su identidad nacional, y por otro la percepción de unos ritmos temporales muy definidos en el desarrollo del complejo de tradiciones historiográficas implicadas, sugieren la *importancia de la historiografía, desde un punto de vista ideológico* y, en particular, imagológico, como mediación constituyente con el pasado literario. Se hace evidente, por demás, hasta qué punto resulta inapropiado el considerar el desarrollo de una determinada historiografía a partir exclusivamente de la relación que mantiene con la literatura que toma por objeto. Y en el caso concreto que nos ha ocupado, parece obvio que algunas de las opciones discursivas de *cada una de las historiografías consideradas dependen del haz de relaciones tejido en el ámbito ibérico* y, naturalmente, del modo en que ese ámbito es conceptualizado por los promotores de la historia literaria, tanto nacional como comparada, desde un horizonte europeo (itálicos nossos).

⁷⁶ A bibliografia sobre o iberismo é dificilmente abarcável. Ao longo de quase dois séculos foram publicados numerosos estudos que se debruçaram sobre tão complexo *fenómeno* (cfr. Rocamora 1994 ou Barcia Lago 2006). Correndo o risco de simplificar um assunto em excesso vasto, entendemos possível definir e classificar o(s) *iberismo(s)* seguindo a António Bartolomeu Ferreira (Ferreira 2005: 248-9); segundo este autor, atendendo designadamente aos objetivos, o iberismo pode ser classificado em: (i) *iberismo monárquico*: “assente em pressupostos políticos e materiais”; (ii) *iberismo federalista*: personificado, segundo A. Bartolomeu Ferreira, em Antero de Quental e Teófilo Braga e alguns grupos catalães; e (iii) *iberismo cultural*: não de carácter político, que segundo o autor encontra a sua base “num conjunto de aportações intelectuais dos dois países no sentido de resumir a aspiração ideal à associação das diferentes tendências de pensamento na península”.

Ciertamente, el iberismo ha actuado con frecuencia a lo largo de los últimos siglos como una *plataforma propicia para los contactos interliterarios* y para el establecimiento de análisis de base comparatista entre los distintos agentes de los sistemas vecinos. Pero hay que contar con la debilidad, las asimetrías, la propensión dualista y la falta de continuidad histórica de todos los proyectos enmarcables bajo esa etiqueta, *equivoca* algunas veces por constituir un caballo de Troya para la hegemonía cultural y/o política (recuérdense los argumentos del Padre António Vieira o, en sentido inverso, los de Miguel de Unamuno); anecdótica, por otra parte, en los ámbitos catalán o vasco a partir de muy elementales claves estratégicas asumidas por los nacionalismos respectivos; casi siempre *problemática* para los intelectuales portugueses que hicieron bandera de tal programa (*itálicos nossos*).

Por último, das apreciações de Arturo Casas destaca-se o facto de o iberismo significar no conjunto da bibliografia examinada, *grosso modo*, a tal plataforma geradora de tomadas de posição que visam criar e/ou fortalecer vínculos de variado tipo entre os sistemas literários em jogo (cfr., por exemplo, Molina 1990). Mas também, sobretudo em trabalhos alheios ao âmbito filológico⁷⁷ e mormente oriundos do campo de estudos português, entende-se o iberismo ao mesmo tempo como um obstáculo, segundo alguns autores definitivo, para o contacto. Neste sentido, o iberismo para António dos Santos Pereira (Santos Pereira 2007: 25):

alguns contextos, particularmente revolucionários, a insistência geográfica, a centralidade madrilena e os imaginários históricos trazidos à colação coloriram-no negativamente a tal ponto que contribuiu para a fundação de movimentos intrínseca e objectivamente contrários que o transformaram de ideal pacífico em questão conflituosa.

Problematiza igualmente o iberismo António Pedro Vicente relacionando-o com uma das ideias recorrentemente referidas na análise das relações especificamente luso-espanholas, o *desinteresse espanhol* e o *afastamento* (de feição nacionalista) *português* (Vicente 2003: 224):

⁷⁷ Com apreciável tom dubitativo, o tradutor Ángel Crespo exprimia-se assim em 1990 acerca deste assunto (1990: 371; *itálicos no original*):

No sé hasta qué punto habrá sido el iberismo de orientación política de finales del siglo XIX y principios del presente responsable de las reticencias, desconfianzas y faltas de entendimiento que, a partir de sus primeras manifestaciones públicas, se produjeron entre los intelectuales españoles y portugueses. La política supone poder y compartirlo o armonizarlo es una muy peligrosa cuestión cuya perspectiva intranquiliza siempre y exaspera en ocasiones.

Por seu turno, Maria Fernanda Abreu perguntava-se sem, aparentemente, dar respostas definitivas (Abreu 2007: 443; *itálicos no original*): “*Quem, ao longo dos séculos, e obedecendo a que programas ou planificações nos tem inventado a identidade, ou originalidade, ou diferença – como quiserem- na oposição, quase sempre redutora e simplista, tantas vezes, esquizofrénica e triste, a Espanha?*”.

Quando se fala de *iberismo* no plano cultural muito haverá a equacionar para explicar a razão de um desconhecimento mútuo. Salvaguardadas as exceções graças à vocação ancestral e ao desânimo de personalidades intelectuais de primeira ordem de ambos os países o que é, efectivamente, marcante do lado espanhol é o desconhecimento da cultura portuguesa por parte da maioria dos espanhóis, nomeadamente da classe dirigente. Se em Portugal esse factor de desconhecimento se deve em parte ao nacionalismo, em Espanha sobressai um desinteresse que a leva, no campo internacional, a outras paragens (sublinhados nossos).

Por outras palavras, fixando o *desinteresse* e o *afastamento*: “No caso peninsular, não apenas o nacionalismo defensivo português limitou o conhecimento generalizado da cultura espanhola, assim com em Espanha [...] se manifestou ‘um falta de atenção’ pela cultura portuguesa” (Moreira 2001: 31; cfr. Abreu 2007). Esta conceção das relações culturais hispano-lusas matiza e complementa a ideia de *distância* mais acima exposta, ao passo que substantiva o entendimento das mesmas como um processo diacronicamente dificultado por diversos obstáculos cuja origem estaria noutros campos diferentes do literário/cultural, mas que irremediavelmente influi e condiciona estes.

3.1.1. As relações galego-portuguesas

Como se referiu para as relações intersistémicas no espaço cultural ibérico, as relações galego-portuguesas não foram objeto, *grosso modo*, de ambiciosos estudos de conjunto, apesar de sim terem uma longínqua presença no campo de estudos galego, particularmente, e de existirem numerosos trabalhos parcelares. Segundo o historiador Xosé Manoel Núñez Seixas (cfr. Seixas 1993: 67):

As relações entre Galiza e Portugal na época contemporânea continuam a ser pouco investigadas, lacuna tanto mais surpreendente se se tiver em conta que relações de todo o tipo, não apenas político-culturais mas também económicas, comerciais, etc., que existiram através dos séculos.

Com efeito, apesar de transcorridos vários anos desde 1993, data da citação de Núñez Seixas, a **ausência de trabalhos de fôlego** é, em termos gerais, uma das notas dominantes. Na atualidade, contudo, o Grupo GALABRA tem realizado um vasto trabalho investigador sobre o assunto, focando especialmente o período que vai desde finais de

1960 até fim do século (cfr., por exemplo, Torres 2009a ou Samartim 2009)⁷⁸. Assim, à diferença do que documentámos no capítulo anterior, o conhecimento atual sobre as relações galego-portuguesas para o período de análise aqui proposto deriva, em geral, de trabalhos fruto de investigações pontoais e/ou parciais; apesar do qual, entendemos, são **numerosos** os **estudos** de variado tipo sobre o assunto (note-se a menor *dimensão* objetiva do campo de estudos galego(s)), assim como é notório um esforço de análise abrangente em muitos dos trabalhos consultados oriundos do campo de estudos galego (Alonso 1987; Núñez Seixas 1993; Villares 1983 e 2003; Vázquez Cuesta 1991, 1992 e 1995; Torres 1999, 2008, 2009 e 2010; Fernández del Riego 2001; etc.)⁷⁹. Paralelamente, desde o campo de estudos português o assunto, desde diferentes perspetivas, tem sido também objeto de análise (Seabra 1994; Araújo 2004; Medeiros 2006; Ferreira da Cunha 2007; Vaz 2008; Dantas 2010; etc.). Por último, as relações entre a emergência galega e o sistema português foi igualmente objeto de investigação, lateralmente sobretudo, em trabalhos radicados noutros campos de estudos, com destaque para o espanhol; estudos estes de conjunto que, em regra, abordam as relações intersistémicas no conjunto do espaço cultural ibérico (Molina 1990; Sáez 2007 e 2011; Pageaux 2010; etc.).

Neste último conjunto de trabalhos, além de vincular em numerosas ocasiões as relações galego-portuguesas às catalão-portuguesas e de afirmar a *especial* relação entre galegos e portugueses desde meados do século XIX (cfr., por exemplo, Alonso Romo 2007: 172), aparece colocada a questão como uma **matéria complexa**, mesmo como um *problema* não alheio à polémica. Segundo Daniel-Henri Pageaux (2010: 377; *itálico* nosso):

⁷⁸ Destacamos igualmente os projetos de investigação “Portugal e o mundo Lusófono na Literatura Galega (1969-2000)” (POLULIGA) ao qual deu continuação o projeto “Fabricação e socialização de ideias num sistema cultural emergente durante um período de mudança política, Galiza 1968-1982” (FISEMPOGA).

⁷⁹ Segundo Juan Carlos Jiménez Redondo (2001: 225 e 227):

[Durante as últimas décadas o] estudio histórico de Portugal y lo portugués sigue despertando un interés minoritario en el conjunto de España, a excepción posiblemente de algunas regiones fronterizas como Extremadura, Galicia o Andalucía.

¿Puede identificarse esta revitalización del iberismo cultural con la revisión del nacionalismo español o la expresión de los nacionalismos periféricos en estas dos últimas décadas?. En nuestra opinión, es indudable que sí. La España de las autonomías y la significación de determinadas comunidades en su proyección cultural ha generado la aparición de una literatura portuguesa [sic.] que, en realidad, supone nuevas reflexiones y visiones sobre el problema ‘peninsular’ en su conjunto. Aunque evidentemente, dada la similitud de lengua, el mayor número de obras se centra en las relaciones Galicia-Portugal, también existen aportaciones desde otras autonomías de marcado tono nacionalista como Cataluña.

el espacio gallego introduce nuevos elementos que matizan la interculturalidad a la que hasta ahora hemos aludido. La proximidad geográfica y lingüística con Portugal ha sido y sigue siendo hasta cierto punto un *problema* esencial en la definición de la identidad gallega en sí misma, en relación con Portugal y en relación con España o mejor dicho con el sistema político-cultural español y con la lengua castellana

No mesmo sentido apontam as considerações de Gabriel Magalhães (2007b: 79; itálicos nossos):

se já são complexas e misteriosas as relações literárias entre a Espanha e Portugal ao longo do século XIX, ainda mais *complexas*, mais *labirínticas* se tornam quando o autor analisado é galego. Com efeito, nos casos de Rosalía, ou de Emilia Pardo Bazán, ou até de Curros Enríquez, aquilo que é um só *problema* – o das relações culturais entre os dois países ibéricos – transforma-se em dois *problemas* pois, ao *problema* anterior, se soma a questão da *identidade* galega.

Com efeito, no campo de estudos galego as relações galego-portuguesas, entendidas em sentido amplo, foram objeto de um alto grau de controvérsia e até acesso debate em vários campos na Galiza; inexoravelmente, não ficaram à margem das lutas que se verificaram (continuadoras em alguma medida, julgamos, das acontecidas sobre este assunto na Galiza desde o século XIX), no campo académico galego relativamente à planificação linguística da língua da Galiza desde, *grosso modo*, os inícios da década de 70 do século passado (cfr. Monteagudo e Bouzada 2003: 93 e ss.)⁸⁰; igualmente, foram objeto de viva discussão no campo político (no galeguista fundamentalmente) uma vez que, como já apontámos mais acima e indicava Gabriel Magalhães na citação anterior, Portugal e a sua cultura tiveram um papel indiscutidamente proeminente na elaboração da cultura galega (e galeguista/dos galeguistas) em curso desde, senão antes, meados do século XIX (cfr. *infra*). Deste modo, o “disenso normativo” (cfr. Monteagudo e Bouzada 2003: 93 e ss.) ou *la questione della lingua* (cfr. Gil 1989 e Fernández Rei 1991), assim designada, implicou também uma luta no seio do campo

⁸⁰ O assunto, objeto de numerosíssimas análises (cfr., p. ex., Monteagudo e Bouzada 2003: 121-129) enfrentou, dito muito resumidamente (e sem ânimo de exaustividade), duas formas de entender a planificação linguística (e cultural) na Galiza: por um lado, grupos e agentes (porventura, progressivamente mais centrais no campo académico galego) a defender uma elaboração linguística equidistante das línguas romances vizinhas, também do português, face a outros grupos e agentes (presumivelmente desde posições progressivamente mais periféricas) a propugnar um aproximação ou mesmo uma *reintegração* no português frente à pressão da língua hegemónica do Estado espanhol (cfr., p. ex., Vázquez 1998).

cultural galego em virtude de quais deviam ser, dito sinteticamente, as funções atribuídas a Portugal e aos repertórios (culturais, linguísticos, etc.) a ele associados na elaboração e construção do sistema cultural galego⁸¹. O conhecimento construído acerca das relações galego-portuguesas no campo de estudos galego (e presumivelmente noutros de outras latitudes) desde as três últimas décadas do século XX até a actualidade, como dizíamos, não pode ser analisado sem atender a estas lutas e, significativamente, aos efeitos das mesmas. Neste sentido, Roberto Samartim (2012: 198; carregados no original), em trabalho amplamente documentado, ao descrever as linhas de força do campo de estudos galego, entende haver “**mudanças na linha central do discurso crítico** galego posterior a 1978”; a orientação destas mudanças seria, segundo López-Iglésias Samartim (*id.*: 198-199):

Estas mudanças têm a ver, no básico, com a constatação de que, a medida que avança o processo de autonomização e institucionalização do SLG [sistema literário galego], tem lugar uma relativa mas progressiva diminuição da atenção prestada ou do grau de intensidade com que são abordadas determinadas questões e, ainda que alguns elementos mantêm uma posição de centralidade similar em todo o processo, há outros assuntos (ou mesmo conceitos concretos) que não têm continuidade no discurso crítico galego considerado no lapso cronológico de 1979 a 2009. Em concreto, apontamos para a ausência do **referente de reintegração** português tanto do campo da historiográfica literária como dos materiais destinados directamente para o campo do ensino depois da primeira metade de oitenta (negritos no original).

Com especial relevância para entender os discursos (científicos nomeadamente aqui) sobre os vínculos entre a emergência galega e o sistema cultural português bem

⁸¹ Destacamos, neste sentido, as elucidativas palavras (nalguns trechos aparentemente contraditórias com a citação anterior) de Xosé Manoel Núñez (1993: 67; carregados nossos):

Contudo, o tema das relações *políticas* e *culturais* entre a Galiza – ou, mais precisamente, o movimento *galeguista* [...] – e Portugal constitui um facto demasiado explorado, em que **as perspectivas políticas e sócio-linguísticas presentes se projectavam com clareza**. Desde o reintegracionismo linguístico ‘**militante**’, por exemplo, os mais pequenos esboços de contactos, alusões ou louvores a qualquer dos dois lados da fronteira, eram especialmente considerados como uma prova de que o mundo intelectual galego, e, mais especificamente, o galeguismo, quase desde as suas origens olhou para Portugal como um país de referências e para o seu idioma como um modelo a seguir pelo galego [...] Semelhante posição tomaram **contribuições historiográficas mais fiáveis, se bem que com um maior sentido crítico**: assim, Vázquez Cuesta considera que Portugal foi escolhido pelos galeguistas desde finais do século XIX como ‘termo de referência, servindo não só de compás que marcaba o carreiro a seguir senón tamén como instrumento controlador de posíbeis desviación’, sendo, ainda, considerado com um contrapeso da hegemonia castelhana na Península Ibérica.

Além de explicitar a *contaminação* das lutas antes expostas, ressalta a separação de águas estabelecida por Núñez Seixas relativamente à legitimidade dos agentes do campo académico galego.

como para a compreensão da posição outorgada pelo campo de estudos galegos ao produtor em foco nesta Tese, Roberto Samartim assinala (*id.*: 200; negritos nossos):

Julgamos que este **abandono da referencialidade portuguesa** na crítica que se ocupa do SLG deve estar relacionada nalguma medida com a passagem desde uma função de referente de reintegração a outra de referente de oposição no campo da codificação linguística [...], mudança acontecida no centro do sistema cultural galego a partir da institucionalização em 1982 pola Real Academia Gallega (e oficialização um ano depois polo Governo autonómico) das propostas nesse sentido sustentadas polo ILG com intensidade variável desde a sua criação em 1971⁸².

É à luz desta leitura da evolução do estado do campo académico galego nos últimos quarenta anos que deve ser atendida, em nosso entender, o tratamento (o *não-tratamento*, também) de Portugal no campo de estudos galegos, em geral, e a elaboração do saber a respeito do assunto agora focado, em particular.

Neste quadro, na análise do estado da questão acerca das relações intersistémicas galego-portuguesas documentámos duas grandes linhas de força na inteligência diacrónica das mesmas que partem, paradoxalmente, duma ideia(/crença) comum, elaborada sistematicamente desde meados do século XIX: a consideração de **Portugal** e a sua cultura em sentido amplo, mas com destaque para a sua língua (e, *portanto*, a sua produção literária) como um **elemento nuclear na elaboração do sistema cultural galego**. Sinteticamente: parece consensual na bibliografia consultada identificar nos galeguistas da segunda metade do XIX (entre outros: Benito Vicetto, Eduardo Pondal e, especialmente, Manuel Murguía⁸³) o recurso a Portugal como elemento legitimador das suas tomadas de posição; nesta direção, Portugal (a sua língua e cultura) começa a ser interpretado pelos primeiros galeguistas desde a lógica interessada (cfr. *infra*) de parentesco/identidade de variado tipo (língua, raça, idiossincrasia, etc.) com a própria Galiza; esta particular *lusofilia* dos primeiros galeguistas acabaria por converter-se numa das linhas de força dos agentes empenhados na construção de uma *literatura* galega, pelo menos até 1936 (Villares 1983; Vázquez Cuesta 1995; Monteagudo 1999;

⁸² Já em 1993, Núñez Seixas (1993: 77; itálicos nossos) aludia à evolução do campo galeguista em sentido similar partindo, especificamente, da problematização do *celtismo* versus *lusismo*: “o *actual galeguismo* se afirma na busca de uma identidade original, no campo cultural, que anseia por uma certa *equidistância da portuguesa* e da espanhola e que, praticamente, não leva em consideração nenhuma espécie de ‘parentesco céltico’”.

⁸³ Existe um amplo consenso à hora de assinalar este e alguns outros agentes galeguistas da segunda metade do século XIX como os planificadores, dito rapidamente, da emergência cultural galega.

Torres 1999; Beramendi 2007; entre outros). A partir deste entendimento, aceite e reproduzido até a atualidade no corpus examinado, é possível documentar duas grandes orientações nas análises acerca da natureza das relações galego-portuguesas, com especial relevância para o período em foco nesta Tese; em palavras de Elias Torres (2010a: 9):

Na actualidade, existe alguma tendência no seio galeguista a interpretar que os portugueses não se importa(va)m, não liga(va)m às expectativas galeguistas; o qual, interroga-se pouco ou nada sobre qual é a oferta galega a portuguesas e portugueses a quem se dirige e qual os motivos por que elas e eles têm que atender as demandas galeguistas; demandas, por certo, extraordinariamente minoritárias no próprio país e com não muito mais eco e sim maior controvérsia. Convinha perguntar-se, enfim, se o pacote ofertado é suficiente, inteligível e atractivo.

A reflexão de Torres Feijó, da qual agora apenas destacamos a primeira parte, faz referência rápida à linha de análise existente, talvez preponderante (e com maior suporte *oficial*, do campo do poder galego) no campo de estudos galego, com ampla incidência a partir dos inícios da década de 80, que entende o relacionamento galego-português como sendo uma **relação assimétrica**⁸⁴. Esta *assimetria* é equacionada assim, segundo Pilar Vázquez Cuesta na importante revista lusa *Colóquio/Letras* (1995: 5 e 6: itálicos no original):

O interese que, desde o noso Rexurdimento cultural da segunda metade do século pasado ata o día de hoxe, tiveron por Portugal os intelectuais galegos non se corresponde, de ningún xeito, co que os seus colegas lusitanos – agás honrosas excepcións

[...]

É tan escasa por agora a presenza da nosa terra e do noso pobo na literatura portuguesa [...] que [...] resulta ata certo punto comprensible que, para a meirande parte dos nosos veciños, Galicia se reduza á suma casual de catro provincias españolas situadas no mapa enriba das súas de Minho e Trás-os-Montes.

Enquanto na Galiza, para Vázquez Cuesta (*id*: 14):

ó Norte do río Miño era tal a paixón que os intelectuais comprometidos co porvir da súa terra puñan en indagar como era daquela Portugal e como fora en tempos idos, que supria

⁸⁴ Esclarecemos: o sentido desta *assimetria* não está relacionado com o nosso entendimento das relações intersistémicas como descrito no capítulo 2 desta Tese.

calquera carencia. Da aí que, paradoxalmente, Portugal ficase máis perto de Galicia que Galicia de Portugal.

Esta forma de compreender o quadro relacional galego-português enforma-se, como vemos, a partir da ideia central do ***desinteresse luso*** pela cultura galega⁸⁵, do desconhecimento de produtores (e produtos) galegos por parte dos seus homólogos portugueses, concretamente (Villares 1983, Núñez Seixas 1993, Tarrío 2004)⁸⁶. Nutre-se também, segundo outros autores, de substantivar: (i) a tendência portuguesa para defrontar a *questão* galega como um assunto não político (ou como uma querela *regionalista* espanhola), pois iria perturbar as relações entre os dois estados, o espanhol e o português (Ledo 1987 e Núñez Seixas 1993); (ii) a relativização do grau de centralidade de Portugal na elaboração galeguista, destacando, por sua vez, a ***função utilitária*** da mesma (*arma dialética* no quadro relacional galego-espanhol); assim como, (iii) a escassa concretização das palavras de ordem em factos concretos (a não-viagem de Teixeira de Pascoaes à Galiza, por exemplo); neste sentido Núñez Seixas aponta (1993: 67; itálicos no original):

[a] lusofilia dos galeguistas era limitada e contraditória, e restrita praticamente apenas ao âmbito cultural, sem abranger tanto os aspectos políticos da questão [...] Nem a grandiloquência das declarações proferidas em certames literários, eventos culturais, etc., ou mesmo em artigos soltos de revistas e jornais, nem sequer as relações individuais entre destacados intelectuais nacionalistas galegos e portugueses são provas claras de uma relação/interacção efectiva entre nacionalismo galego e realidade portuguesa [...] Na realidade, os regionalistas, e de certo modo, os nacionalistas depois, projectarão a aproximação a Portugal e à cultura portuguesa apenas como uma reacção perante a

⁸⁵ Cabe salientar o facto de o *desinteresse luso* aludido ser uma das constantes, como vimos, no entendimento das relações luso-espanholas. Poderia hipotetizar-se a origem desta ideia no quadro relacional hispano-luso. Seja como for, a coincidência de discurso é notória, como transparecem, por exemplo, as afirmações de Benito Pérez Galdós recolhidas por Gabriel Magalhães (2007b: 59; itálicos nossos):

No se da un paso en la historia de España sin tropezar con la de Portugal y su *altiva* independencia. Pero debemos declarar que habiendo cesado los motivos históricos que pudieron fomentar rivalidades entre ambos países, la frialdad de relaciones que aún subsiste tiene más raíces en el carácter portugués que en el español, quiere decir que aun hoy *los portugueses nos quieren a nosotros menos que nosotros a ellos, y responden siempre con ecos perezosos y poco entusiastas a nuestras manifestaciones de simpatía.*

⁸⁶ Se bem é certo que, como apontámos, não é objetivo deste capítulo analisar a agencialidade no campo de estudos galego no relativo às relações galego-portuguesas, anotamos rapidamente o seguinte: a leitura *assimétrica* parece-nos ser defendida, *grosso modo*, por agentes (professores, investigadores, etc.) que ocupam posições mais centrais no campo de estudos galego(s), alguns dos quais vinculados a instituições hoje basilares do campo cultural galego (a Real Academia Galega, o Instituto da Lingua Galega ou o Consello da Cultura Galega).

consciência da situação de inferioridade que o galego sofria (e sofre) face ao predomínio do espanhol nos âmbitos oficiais e no sistema educativo: daí o recurso às afirmações retóricas de solidariedade, de identificação com a língua portuguesa como *arma dialéctica*, que não se traduziam numa política consciente de aproximação cultural ao país vizinho⁸⁷.

Ao lado (*frente a*, amiúde) da *assimetria*, documentámos outra orientação para o entendimento das relações galego-portuguesas que, esquematicamente, podemos descrever como: tendência analítica de **afirmação de Portugal** (a sua língua, cultura, etc.) como **referente de reintegração** para os grupos e agentes centrais interessados na fabricação de ideias que visam a construção de um sistema cultural galego desde meados do século XIX (Souto 1986, Estravis 1987, Marco 1996 ou Torres 1999 e 2010)⁸⁸. Desta perspectiva substantiva-se, resumidamente: (i) o referente de reintegração como um dos elementos centrais da elaboração do sistema cultural galego (do modelo de língua sobretudo e especificamente para alguns) no período em foco; que (ii) para muitos passa pela assunção da partilha de uma comunidade linguística e doutros elementos, possibilitando, por sua vez, o recurso galeguista de *galeguização* (/apropriação) de *bens* do sistema cultural português (língua, passado/tradição, *saudade*, etc.)⁸⁹; (iii) destacam-se igualmente os abundantes vínculos

⁸⁷ Desde o campo de estudos espanhol, a tese da *assimetria* é evidente no seguinte trecho onde César Antonio Molina (1999: 33) reflete acerca do papel de Alfredo Guisado no contacto galego-português:

Muy a diferencia entre lo que sucedía en Galicia entre un muy amplio núcleo de intelectuales, en Portugal solamente un minúsculo grupo conocía y se manifestaba en favor de lo español e incluso gallego [...] En Portugal, jamás se formó un movimiento político de índole anexionista, ni siquiera federalista [...] Así muchos proyectos de intercambio cultural, social o político, al fallar la parte portuguesa, fueron al fracaso. Historiadores gallegos [Benito Vicetto e Manuel Murguía], en sus trabajos siempre se refieren al vecino del sur. Esto no sucede así por parte portuguesa. Alexandre Herculano u Oliveira Martins [sic.] omiten las citas a Galicia.

⁸⁸ Como já indicámos, a origem de Portugal como referente de reintegração remontar-se-ia à segunda metade do XIX ou, antes, ao século XVIII (cfr. *supra*).

⁸⁹ Significativamente, Gabriel Magalhães focava esta tendência mostrando, julgamos, alguma perplexidade (2007b: 79-80):

É muito curiosa uma tendência que quer os autores, quer os estudiosos galegos revelam: a de ‘galeguizar’ a cultura portuguesa – fazendo da Galiza a secreta matéria de que deriva todo o desenvolvimento posterior da portugalidade [...] Dissemos que se tratava de um poema [de Rosalia de Castro dedicado a Camões] convencional – talvez porque, em literatura, quase todas as celebrações são convenções. De facto, é sempre mais na anticelebração e pela anticelebração que se constrói a verdadeira e mais radical literariedade. Contudo, o poema não deixa de ser interessante: sobretudo quando se nos diz que, nas veias de Camões, ‘nobre sangue gallega fermentaba!’. O que é extraordinário é este ‘fermentar’ – pois instala em nós uma inusitada interpretação segund[o] a qual Portugal seria o vinho nascido do mosto galego. Os grandes poetas têm esta capacidade de rasgar o mundo todo com um só verso – de abrir imensas fendas nas paredes monótonas do sentido comum [...] Estava ela a celebrar Portugal e Camões [...] ou estaria na realidade a festejar subterraneamente a Galiza?

Para Elias Torres, já desde o século XVIII (com Frei Martín Sarmiento) começa a tomar forma uma tendência no campo galeguista para a receção galega de *Luís de Camões* e, nomeadamente, *Os Lusíadas* desde a lógica da apropriação “por via da unidade linguística e, sobretudo, da sua origem galega [de

e eventos entre grupos e agentes das duas margens do rio Minho a revelar um relacionamento e proximidade efetivos; por último, entendemos assinalável a (iv) análise do quadro relacional galego-português problematizando os défices projetivos do protosistema cultural galego como uns dos fatores determinantes no *ruido* galego-português (lembre-se a citação anterior de Elias Torres), isto é, os obstáculos que muitas das iniciativas enfrentaram e até acabaram por as frustrar (cfr. *infra*).

Cabe destacar ainda a tendência, comum a estas duas orientações, para entender as relações entre a emergência galega e o sistema cultural português num quadro que vai além do delimitado pelo protosistema galego e o sistema português. Em nosso entender, no campo de estudos galego as relações galego-portuguesas são frequentemente analisadas no quadro relacional ibérico; isto é, as considerações são feitas a partir, direta ou indiretamente, da assunção da existência de um espaço ibérico (cfr. *supra*). Deste modo, para entender o relacionamento do sistema literário galego com Portugal são convocadas frequente e comparativamente as relações galego-catalães, galego-espanholas ou luso-espanholas. No campo de estudos espanhóis, como anotámos, as ligações galego-portuguesas ou passam despercebidas ou são analisadas, em regra, como *singulares*, em ocasiões exemplo de uma *exceção*, no espaço cultural ibérico. Em 1976, focando as luso-espanholas, afirmava significativamente Pilar Vázquez Cuesta (2006: 356-357; itálicos nossos):

Casi tan tónica como la hermandad hispano-portuguesa resulta la afirmación de que, a partir de la restauración de la independencia lusitana en 1640, se hace casi total el *desconocimiento* mutuo entre los dos reinos peninsulares dentro del campo de la literatura. Pues, aunque, como en tantos otros casos, no le falta a este *tópico* una base cierta, la verdad es que la escasez de relaciones literarias entre Portugal y España durante estos casi tres siglos y medio de historia paralela no revista ni mucho menos carácter uniforme tanto en el espacio como en el tiempo. Ofrece, por un lado, una *importante salvedad* –Galicia, cuyos escritores se han sentido siempre fuertemente atraídos por lo portugués- y se acentúa o aminora, por otro, según los momentos y en conexión con hechos de índole política.

Em Portugal a *questão* galega(-portuguesa) foi objeto também de uma atenção não menor já desde as últimas décadas do século XIX (cfr. Torres 1999 ou Ferreira da Cunha 2007) até a atualidade (cfr. Vaz 2008). Apesar de nos resultar tarefa complexa aproximar-nos da abordagem das relações galego-portuguesas no campo de estudos

Camões]” (Aguiar e Silva 2011: s. v. “Receção de Camões na Galiza” [p. 723; a.: Elias J. Torres Feijó]). Igualmente, Torres Feijó destaca a apropriação *espanholista* de Camões (*ibid.* [725]).

português (assunto sobre o qual a nossa pesquisa apenas se debruçou lateralmente), entendemos que os estudos, ora acerca das relações intersistémicas no espaço ibérico (quando abordam o assunto), ora especificamente sobre as relações galego-portugueas, coincidem em destacar vínculos *especiais* de variada natureza entre os sistemas em foco. Não conhecemos, portanto, como descrevemos relativamente às relações hispano-portuguesas, leituras a equacionar *afastamentos* ou *distâncias*⁹⁰; antes, a análise mais aceite, muito matizável como veremos, parece destacar a ideia de *proximidade* (ou *parentesco*) de variado tipo; o grau de *proximidade* ou até *afinidade* vai variar sensivelmente em virtude do autor ou autores em questão. Assim, por exemplo, para Manuel Rodrigues Lapa, filólogo e agente destacado no contacto galego-português desde a década de 30, o entendimento das relações aqui focadas está estreitamente vinculado com a tese *reintegracionista* (cfr. *supra*; Araújo 2004: 150 e ss.); segundo Rodrigues Lapa (1973: 5), em referência à Galiza e Portugal (e mais o Brasil):

Não importa que as fronteiras, que ninguém discute, nos separem através de enormes cursos de água; as mesmas origens culturais a mesma língua, não falando já nas afinidades gritantes de temperamento, jungem indissolivelmente este acervo humano, que já conta com mais de 120 milhões de indivíduos, e pode ser, tem de ser um dia uma grande voz no mundo.

A partir desta visão do que *une* a Galiza e Portugal (e o Brasil) Rodrigues Lapa, com grande controvérsia (e menor sucesso)⁹¹, propõe a adoção do português como língua culta na Galiza neste termos (*id.* 12): “Nada mais resta senão admitir que, sendo o português literário actual a forma que teria o galego se o não tivessem desviado do caminho próprio, este aceite uma língua que lhe é brindada em salva de prata” (cfr. Alonso Estravís 1998).

Doutra perspetiva, António Medeiros (Medeiros 2005: 228) sublinha a “nítida [...] ausência de atenção às relações de Portugal com a Galiza por parte dos estudiosos portugueses, não tendo paralelos locais as preocupações que têm suscitado a atenção de

⁹⁰ Ainda que surgida em e *para* o campo de estudos galegos, a seguinte afirmação Alberto Pena é altamente expressiva (Pena 1999: 15; itálicos nossos): “Es inútil recurrir a los *tópicos de las relaciones hermanas* entre gallegos y portugueses si no hay proyectos de conocimiento mutuo e investigaciones que ayuden a conocernos mejor”. Como vemos, de existir um *tópico*, parece ponto assente que este não é o da *distância* ou do *afastamento*.

⁹¹ As propostas de Rodrigues Lapa cedo obtiveram respostas de reprovação (também do contrário) por parte de grupos do campo galeguista, sendo este um dos episódios, entre outros, de grande valor simbólico para os rumos da elaboração linguística (e cultural) da/na Galiza (cfr. Torres 2009: 27 e ss.).

tantos académicos notáveis na Galiza”; António Medeiros destaca igualmente (*id.* 229 e 231; *itálico no original*):

Para os intelectuais galeguistas, as colaborações portuguesas – e as referências genéricas a Portugal – surgiam como factor de prestígio e de aferiação das teses *diferencialistas*, cuja produção ensaiavam com vigor e imaginação naquela época [décadas de 10 e 20 do século passado]. Apesar da importância atribuída localmente a estas colaborações exógenas [...] atrevo-me a dizer que foi fragmentária e de baixa qualidade a maioria destes contributos. Autores como Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes e até mesmo A. Sardinha surgem ali citados como referências veneradas

[...]

as consequências deste tipo de declarações de parentesco e afinidade tão frequentemente feitas têm sido, até hoje, inconsequentes nos seus resultados práticos.

Citando Jaime Cortesão (e a sua *Alsácia portuguesa* em referência à Galiza), António Medeiros afirma (*id.* 230):

Pode reconhecer-se como característica estrutural na história das referências feitas de parte a parte entre a Galiza e Portugal a tentativa de perceber a existência do outro lado da fronteira de uma parte irredenta do próprio país. Esta característica, que será melhor perceptível em algumas especulações dos portugueses, marca também vários dos enunciados propostos pelos autores galegos.

Como vemos, a conceção do relacionamento galego-português é diverso mas também, significativamente, nutre-se de ideias e critérios presentes no campo de estudos galego (cfr., por exemplo, Ventura 1988 e 1995).

Noutro plano de análise, a bibliografia consultada coincide em entender as **primeiras décadas do século XX** como uns dos períodos de **maior intensidade no relacionamento** galego-português (Souto 1986, Marco 1996 ou Ventura 1988). Destaca-se, contudo, o período que vai de 1916 até, em geral, 1936 (o mais focado no campo de estudos galego para a compreensão do sistema cultural galego) como sendo o de maior inter-relação, por ser a partir desta data quando os galeguistas conseguem alcançar certa fortaleza (Villares 1983, Seixas 1993 ou Torres 2010).

Por último, relativamente aos agentes que intervieram na fabricação de ideias assim como na promoção de eventos visando a ativação do contacto galego-portuguesas

para o período em foco nesta tese, documentámos a consensual consagração de **Teixeira de Pascoaes** a respeito do sistema cultural português (Seabra 1994, Álvarez e Alonso, Saéz 2010 ou Franco 2010: 150); nomear Teixeira de Pascoaes, em muitos dos trabalhos abordados, é quase sinónimo de invocar a *saudade* como um dos elementos centrais no quadro relacional galego-português (cfr. Torres 2008). Da Galiza, a bibliografia manejada individualiza Antón **Villar Ponte** (1881-1936), “verdadero paladín [do] lusitanismo no seo da Galiza” (Villares 1983: 309; cfr. Varela 1994), correspondente em Lisboa de *La Voz de Galicia* durante alguns anos na década de dez; e **Vicente Risco** (1884-1963) (por exemplo, Torres 2010) nomeadamente pelos vínculos estabelecidos em função da *saudade* e, por seu turno, de um entendimento do contacto galego-português, segundo documentámos, centrado quase exclusivamente no plano *cultural*. Poderíamos, por fim, citar ainda Daniel Alfonso Rodríguez **Castelao** (1886-1950) como um dos agentes centrais que viria a ter um protagonismo maior no campo galeguista e nas relações aqui focadas na década de 30 (Varela 2000)⁹².

3.2. O enclave galego de Lisboa e a imagem portuguesa dos galegos e da Galiza

Se nas páginas anteriores constatámos a atenção parcelar ou o conhecimento insuficiente relativamente aos assuntos tratados, no que diz respeito ao saber acumulado acerca do enclave galego de Lisboa ou da imagem dos galegos e da Galiza em Portugal, defrontamo-nos com um estado inicial de investigação e análise, pelo menos quanto ao enclave.

Em relação ao fenómeno migratório galego destaca-se a proliferação de trabalhos sobre a emigração americana, foco central de atenção investigadora no campo de estudos galegos. Relativamente à emigração galega em Portugal, Domingo González Lopo assinala (2011[: 1]; cfr. Pinho 1983: 207):

Cuando hace poco más de veinte años comenzó nuestro interés por la corriente migratoria gallega hacia Portugal, nos sorprendió el *enorme vacío* que existía en el ámbito de la investigación acerca, no sólo de este fenómeno, sino también en el campo de la *Antropología*, la *Literatura* o la *Lingüística* [...] Afortunadamente la situación ha comenzado a cambiar de unos años a esta parte, en buena medida gracias a la integración de ambos países en la Unión Europea (1986) y a la constitución de la Eurorregión Galicia-

⁹² Aparecem ainda outros nomes mencionados, na nossa leitura, com menor consenso; são exemplos: **Evaristo Correa Calderón** e **Álvaro Cebreiro** da Galiza ou o português **Leonardo Coimbra** (cfr., respetivamente, Pardo 2007 e 2009, Busto 2003, Araújo 2004).

Norte de Portugal (2008). Sin embargo *deberán transcurrir todavía algunas décadas* para que los trabajos hoy en curso comiencen a proporcionar resultados (itálicos nossos).

A partir das asseverações de Domingo González, podemos destacar vários elementos acerca do **enclave galego de Lisboa**:

- a) Como já foi referido, a **menor atenção** que a **emigração galega em Portugal**, em Lisboa nomeadamente, recebeu se comparada com os trabalhos migratórios no campo de estudos galego cujo objeto de estudo foi a emigração americana. Assim por exemplo, a importante revista *Estudios Migratorios*, editada pelo Arquivo da Emigração Galega (desde dezembro de 1995) do Consello da Cultura Galega, presta nos seus números uma atenção comparativamente escassa ao enclave lisboeta⁹³.
- b) Todavia, desde a década dos anos 90 do século passado, a emigração galega a Portugal tem atraído atenções de variado tipo, também dos estudos migratórios, tanto desde o campo de estudos galego (além dos já citados: Hernández 1995, García 1996, López 2005 ou Cortizo 2007) como do português (Castro Gil 1999, Alves 2002 ou Dantas 2010). Provavelmente o ano de **2008** marca um **ponto de inflexão** com o novo, embora matizável por conjuntural, protagonismo adquirido pelo enclave lisboeta a coincidir com os 100 anos de Juventud de Galicia. Graças à iniciativa desta instituição do enclave foi publicado nesse ano *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa* (Leira 2008; repare-se no esclarecedor título), espécie de homenagem à colónia galega de Lisboa; o volume acompanha-se de um documentário onde,

⁹³ Sintomaticamente a *Enciclopedia da Emigración Galega* do Departamento de Migración da Confederación Intersindical Galega (recurso em linha) não contempla Portugal entre os principais destinos da emigração galega, referindo apenas os destinos americanos. Na mesma direção apontam as linhas de pesquisa do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades (uma das instituições, presumivelmente, com mais recursos para a pesquisa na Galiza); na página web do Centro Ramón Piñeiro (<http://www.cirp.es/prx2/emigracion.html>) há informação relativa ao projeto de investigação “Recuperación de prensa galega emigrante” cujos objetivos são: “Recuperación de prensa galega emigrante (tanto xornais como revistas). Edicións facsimilares (ou en CD) daquelas cabeceiras da nosa prensa emigrante no alén mar, con especial atención a desenvolvida en Cuba, Uruguai e Arxentina, pero tamén México e Venezuela”, nada, como vemos, relativamente aos enclaves galegos de Portugal.

expressivamente, através de uma série de entrevistas de rua os autores patenteiam o desconhecimento acerca da emigração galega em Lisboa⁹⁴.

- c) As causas da escassa atenção que vimos referindo parecem diversas; assinalamos a seguir os que entendemos são os dois grandes fatores explicativos: por um lado (i) a **concorrência** quantitativa e qualitativa **da emigração americana**; com grande relevância, o facto de esta servir de destino dos exilados galegos (entre eles os galeguistas; cfr. Medeiros 2006: 240; Villares 2004: 435 e ss.) após o golpe de estado de 1936 (a diferença do acontecido em Portugal, que já sob o controlo de Oliveira Salazar apoiou inequivocamente os golpistas assim como reprimiu qualquer demonstração de apoio à II República Espanhola⁹⁵) fez com que os enclaves americanos, desempenhassem funções importantes na elaboração(/manutenção) do sistema cultural galego, obtendo assim um elevado protagonismo no campo de estudos galego(s); por outro lado, (ii)

⁹⁴ O volume de Rodrigues Vaz, *Os Galegos nas Letras Portuguesas*, espécie de coletânea de diversos trabalhos, dedica também algum espaço ao enclave lisboeta; é, por outro lado, explicitamente uma “Edição Comemorativa do I Centenário da Xuventude de Galicia” (Vaz 2008; em 2009 Rodriguez Vaz publica ainda um pequeno artigo sobre o assunto em *Alcatruz*, Vaz 2009). Um ano antes, sob os auspícios do Instituto Cervantes de Lisboa (dirigido na altura pelo produtor literário e professor galego Ramiro Fonte) e o Grupo de Amigos de Lisboa, teve lugar um encontro em Lisboa “con motivo de las celebraciones del primer centenario de la fundación en Lisboa de la Juventud Galicia, que tendrán lugar en 2008. El encuentro se celebra en 2007 porque fue en 1907, hace ahora un siglo, cuando se fundó la Asociación de los Camareros y Cocineros Gallegos en Lisboa” segundo se indica na página web do Instituto Cervantes de Lisboa http://lisboa.cervantes.es/FichasCultura/Ficha44644_20_1.htm. Segundo conseguimos apurar, não há atas ou outro tipo de registro documental do encontro.

⁹⁵ A partir da informação manejada, o enclave galego de Lisboa teve uma função principal no plano material e ideológico afim aos golpistas (Pena 1999). Contudo, este papel *filo-fascista* da colónia galega não deveu ser em regra nem consensual nem voluntário, se temos em consideração o estado dos campos na Lisboa de 1936; neste sentido, a documentação da Embaixada de Espanha em Lisboa de setembro de 1936, ainda fiel à República, parece bastante elucidativa (*apud* Vicente 2003: 122):

El Gobierno ha encarcelado a cientos de portugueses y españoles que no le eran afectos [...] ha cerrado tiendas de españoles [muitas de membros do enclave, entendemos] y portugueses por el mero delito de haber defendido al Gobierno de la República en conversaciones mas o menos públicas y acaba de completar su rigor con ocasión de la fracasada sublevación de la Marina.

O próprio embaixador, Claudio Sánchez-Albornoz, parece apontar nesta direção em documento remetido ao governo da República, nesse mesmo mês de setembro de 1936, sobre os cidadãos de nacionalidade espanhola a residir em Lisboa (*apud id.*: 175-176; itálicos no original; sublinhados nossos):

En general puedo asegurar que la actuación de la colonia española ha sido o pasiva u hostil al Gobierno de la Republica. Me es muy doloroso comunicar a V.E. que salvo un número reducidísimo de elementos republicanos pertenecientes a la Sociedad Centro Republicano, no he recibido la menor muestra de adhesión, ni siquiera las visitas cortesés que en casos como el presente parecen obligadas. Los mismos republicanos que en un principio me visitaban y ofrecían su apoyo, han dejado de hacerlo al ver el gran número de policías de toda clase que con el pretexto de custodiar esta Embajada realizan al mismo tiempo una labor de fiscalización, que trae consigo el absoluto aislamiento en que me encuentro en relación con los pocos españoles con quien podría contar. La verdad es que el pánico se ha apoderado de los espíritus sencillos de estos hombres, la mayor parte de los cuales temen con cierta razón las represalias que el Gobierno portugués pudiera tomar contra sus intereses y sus personas.

a menor atenção dada à emigração galega em Portugal parece estar vinculada de alguma forma ao que antes referíamos acerca das relações galego-portuguesas, isto é, à tendência para, em palavras de Roberto Samartim já citadas, o “abandono da referencialidade portuguesa”, cujos efeitos, aqui para o caso, significam a **secundarização da emigração galega em Portugal** no campo de estudos galego(s)⁹⁶.

- d) Deste modo, cabe destacar a escassa saliência dada ao enclave à hora de analisar as relações galego-portuguesas desde os estudos oriundos, *grosso modo*, das ciências humanas; por outras palavras, os trabalhos acerca dos vínculos entre a emergência galega e o sistema cultural português ou os centrados na análise e descrição do sistema cultural galego rara vez convocam o enclave galego de Lisboa como mais um elemento pertinente de pesquisa (contrariamente ao que acontece com os enclaves americanos; cfr., por exemplo, Vilavedra 1999: 213 e ss.).
- e) Por último e resumidamente, entendemos que as **linhas de força do conhecimento** acumulado sobre enclave lisboeta tendem a pôr de relevo: (i) a longevidade das migrações galegas para Portugal (face à emigração americana); (ii) as propriedades quantitativas (em menor medida qualitativas) do enclave em trabalhos procedentes dos estudos migratórios; e, por fim, (iii) a imagem negativa da emigração galega em Portugal.

A **imagem dos galegos e da Galiza** no exterior foi abordada em estudos de conjunto centrados no espaço delimitado pelo estado espanhol como recurso a produtos oriundos do sistema literário espanhol (Alonso Montero 1974, Caramés 1993 ou Temprano 1988) ou no enclave galego de Buenos Aires (Núñez Seixas 2002). As linhas de força destes estudos incidem fundamentalmente em: consensualmente, (i) vincular a

⁹⁶ António Medeiros, com alguma surpresa, na nossa leitura, analisa assim esta aparente *contradição* (2006: 239 e 240):

os destinos dos galegos emigrados em Portugal em diversas épocas são uma parte despicienda da história do movimento nacionalista na Galiza, a despeito da retórica filolusista que o tem marcado tão intensamente.

[...]

Portugal e, nomeadamente, a comunidade de galegos emigrados em Lisboa aparecem-nos arredados do percurso da organização política e do proselitismo do nacionalismo galego.

imagem que dos galegos e a Galiza funcionou no imaginário espanhol/castelhano ao **fenómeno migratório galego** no âmbito peninsular e, em menor medida, (ii) destacar também como uma das causas a progressiva **periferização do Reino da Galiza** no seio da monarquia hispânica ou no quadro peninsular desde, *grosso modo*, o século XV; (iii) as análises coincidem em salientar uma **imagem negativa** ou pejorativa associada à Galiza e aos galegos⁹⁷, (iv) sem, não obstante, problematizar quais as funções que desempenhava no espaço social em questão. Assim, por exemplo, para Fernando Romo, apoiando-se em Xesús Caramés, a periferização da Galiza no trânsito da Idade Média para Idade Moderna (Romo 2010: 461; *itálicos no original*):

caused a massive emigration of Galicians in miserable conditions [...], leading them to occupy the lowest job categories. They were associated with footmen, servants, handymen, barmaids (often prostitutes), drudges, and washer-women hefty, ugly and lustful. The view of Galicians was mostly negative, and this can be seen in the proverb *antes puto que gallego* (better to be a bastard than a Galician).

Na mesma linha, Emilio Temprano (nascido na Corunha) afirma (1988: 109):

Posiblemente sea Galicia la nacionalidad española que mayor número de tópicos ha generado a lo largo de la historia [no âmbito do Estado español]. Se podría incluso hacer un tratado *enciclopédico* de lugares comunes sobre los gallegos con dos partes muy perfiladas.

La primera sería la imagen del *gallego arquetípico* que se ha ido fabricando a través de los años en otras partes de España, en Castilla, sobre todo, mediante textos literarios, históricos, de viajeros, refranes o por comentarios y opiniones de gentes varias que manejaban el *cliché* previamente elaborado

[...]

Ahora bien: lo que parece evidente es que las imágenes creadas fuera han sido con frecuencia estilizadas, caricaturizadas e incluso hostiles. En cambio, las hechas dentro de Galicia adquieren unos perfiles favorables o muy favorables, con un cariz de autodefensa evidente en algunos casos, empezando por el ‘lamento’.

⁹⁷ Segundo Xesús Caramés (1993: 15), que situa a origem desta imagem no século XVI (não antes), caracteriza-se por:

foise formando a idea pouco orixinal, de que a xente galega era rústica, sucia, pouco de fiar e falsa, apoucada. Da moza galega dicíase que era faladora e moi desvergonzada cos homes; traballaba nos mesóns de criada e entregábase doadamente ós hóspedes que por alí pasaban. O tipo da muller galega para os casteláns distinguíase polos seus voluminosos peitos e as súas achas cadeiras, características estas da muller campesiña. A terra era pobre e convivían xuntos persoas e animais. O nabo galego converteuse tamén na hortaliza prototípica e única de Galicia.

E mais à frente (*id.*: 126; itálicos no original):

[os] continuos excesos de población producían las consiguientes migraciones de gallegos que iban a trabajar a otras partes de la península [...] como asalariados o como bien podían, y para colmo no se solían expresar bien en castellano. Aquí está la *raíz invisible* del origen de muchos tópicos sobre el gallego. Y pensemos sobre todo en los siglos XVI, XVII y XVIII donde estos tópicos se agarran fuertemente en un suelo abonado⁹⁸.

Em termos gerais, podemos afirmar que a imagem da Galiza e dos galegos em Portugal (e para o período em foco) não foi objeto de monografias desde o campo de estudos galego, tendo recebido sobretudo uma atenção lateral (Taboada 1955: 11 e *passim*; Alonso Montero 1974: 136-141 e 205-209; Caramés 1993: 23 e *passim*); nem foi considerada, em geral, à hora de ilustrar as relações galego-portuguesas. Foram publicados trabalhos, no entanto (nomeadamente desde o campo de estudos portugueses), que abordaram a presença de *galegos* em produtos literários portugueses concretos (Beirante 1992, Menéndez 1994, Rodríguez e Torres 1994, Monteiro 1999 ou Postigo 2007) ou se interessaram pelos galegos como um dos *tipos populares* no Portugal (Lisboa fundamentalmente) do século XIX e parte do XX (Herculano 1981[1845-1846], Estevam 1956 ou Pinho 1983). A descrição dos *galegos* presentes em diversos produtos literários ou na Lisboa oitocentista (mas não só) é, com diferenças de matiz e tom, como a seguinte (Felgueiras 1981: 4):

O grupo racial aldeão, rude e de sã virilidade, massa inculta procedente de Tui, Lugo, Redondela e seus termos, que se fixava no nosso país para amparo económico, tinha figuras características, com seus matacões, cabelo cortado à escovinha, pescoço cacheado, peitaça e braços cerdosos, chancas, boina vasca e amplas calças de bombazina. Repartia a sua actividade pelas mais subalternas ocupações: aguadeiro, condutor de ‘bombas’ para

⁹⁸ A visibilidade do fenómeno migratório galego assim como as posições que ocupavam os galegos emigrados na Lisboa dos séculos XVIII e XIX era tal que ficou consignada em textos de autores estrangeiros; entre eles: Guiseppe Baretti (italiano), Guiseppe Gorani (italiano), Dumouriez (francês) e Willian Dalrrymple (inglês) (cfr. Garcia 1996). Assim, por exemplo, Richard Ford, em *Hand-book for Travelers in Spain*, de 1847 (*apud* Pensado 1985: 59-60; itálicos no original) assinala:

Galicia es en el noroeste de España lo que Murcia en el sureste, la Beocia, y para la mayoría de los españoles es casi desconocida y siempre pocos la han visitado. Forman idea de los gallegos con los que de allí emigran [...] La provincia de La Coruña suministra a Castilla y la de Orense y Pontevedra surte a Portugal [...] están bien calificados por su musculatura para trabajos de carga en España y Portugal, por eso el término *gallego* es sinónimo de rústico, *ganapán* o *mozo de cordel*, leñador o aguador [...] Lisboa está llena de ellos, porque Portugal está más cerca de sus casas y tiene una mayor afinidad lingüística que la que hay con Castilla. El portugués, que no gusta de su vecino, modestamente sostiene que Dios hizo primero a los *viros* portugueses, “señores”, después a los *homines* gallegos, “esclavos” que están para servirles.

extinção de incêndios, vendedor de rendas, criado de casas de pasto, tascas e botequins, moço-de-fretes (carreções ou mariolas) e amolador de tesouras e navalhas.

Por último, cabe anotar a existência de outros trabalhos que, desde os estudos linguísticos, abordaram os significados da palavra *galego* ou a fraseologia portuguesa com presença *galega* que geralmente também incidem no fenómeno migratório (Marçal 1954, Kristensen e Evans 2006, Grygierzee e Ferro 2009).

3.3. Conhecimento sobre Alfredo Guisado

Nas seguintes páginas tentaremos aproximar-nos do percurso do saber elaborado assim como de fixar qual é o conhecimento acumulado acerca do produtor em foco. Relativamente ao primeiro propósito deste capítulo, sendo conscientes da complexidade do mesmo, por vários motivos⁹⁹, é nossa intenção (i) expor e fundamentar nas páginas seguintes algumas hipóteses para a compreensão dos rumos que produtor e produção tomaram tanto no campo de estudos português como no campo de estudos galego, para depois (ii) fixar a inteligência de Alfredo Guisado nos dois campos citados.

3.3.1. Construção do conhecimento

Em função da análise feita a partir do corpus manejado, a nossa hipótese principal no relativo ao processo de construção do saber a respeito de Alfredo Guisado, com especial incidência para o campo de estudos português, parte da substantivação de dois fatores explicativos: (i) o *fenómeno Pessoa* e (ii) as posições que sucessivamente vai ocupando Alfredo Guisado no campo literário mas também no campo político português. Em nosso entender, em virtude destes dois elementos, necessariamente interligados, é que podemos esclarecer a posição ocupada hoje por Alfredo Guisado na historiografia literária portuguesa.

Quanto ao *fenómeno Pessoa*, não parece haver dúvidas acerca da posição central que ocupa hoje tanto produtor como produção no sistema literário português e que como tal têm sido objeto de inúmeros trabalhos de investigação e/ou reconhecimento¹⁰⁰. Neste sentido, para Eduardo Lourenço (1993: 9; sublinhado nosso) é

⁹⁹ Entre outros: o facto de não termos analisado as tomadas de posição do produtor focado no jornal *República* (nas décadas de 50, 60 e 70, fundamentalmente) onde também se ocupava da crítica literária; o dificilmente abarcável volume da bibliografia sobre o Grupo do *Orpheu*.

¹⁰⁰ Ademais da extensa bibliografia organizada por José Blanco, já citada, cabe ainda sublinhar o facto de os próprios dicionários de língua portuguesa associarem a entrada *modernismo* a F. Pessoa juntamente com M. de Sá-Carneiro e Almada Negreiros (cfr. Núñez 2011a: 235-236).

“um dos mais estranhos espíritos do século XX [que] se converteu num *mito*”, chegando mesmo a questionar que “[p]ode discutir-se se Fernando Pessoa é ou não, *com* Camões, ‘o maior’ poeta de língua portuguesa” (*id.*: 11; itálico nosso); na mesma linha, para Carlos Taibo (Taibo 2010: 210 e 217) Fernando Pessoa seria hoje um “ícone nacional” português que, citando entre outros a Harold Bloom, “acabou por incorporar-se ao cânone da literatura universal”. É evidente, no entanto, que a centralidade pessoana foi construída no decurso de várias décadas e associada a diversos grupos e interesses pois, como se verá mais à frente (e nem sempre se esclarece; cfr. Torres 2010a: 11¹⁰¹), tanto a produção literária de Fernando Pessoa como a de todo o grupo do *Orpheu* no seu conjunto ocupavam uma posição bem periférica no campo literário português até, *grosso modo*, fins da década de 20.

Com efeito, é na parte final desta década quando alguns dos membros do grupo de *Orpheu* de 1915 começam a ser conhecidos e reconhecidos graças ao empenho dos membros da revista *Presença* (1927-1938). Provavelmente foi José Régio, um dos fundadores da *Presença*, quem primeiro se interessou pelo primeiro modernismo português ao licenciar-se em Filologia Românica em 1925 (Coimbra) com a tese *As Correntes e As Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (cfr. Aguiar e Silva 1995: 157-158). O próprio José Régio, no terceiro número da *Presença*, publicado em 1927, debruça-se sobre a obra pessoana, sendo já Fernando Pessoa o *mestre* dos *presencistas* sob o título “Da Geração Modernista” (8/04/1927, p. 1-2)¹⁰². Outro dos diretores da revista, João Gaspar Simões, demonstra interesse sobretudo, pelo menos nos primeiros trabalhos publicados, pela *vida e obra* de Fernando Pessoa; as cartas deste

¹⁰¹ Para David Mourão-Ferreira, por exemplo, numa espécie de periodização *ad hoc* da produção poética portuguesa (Mourão-Ferreira 1988: 13; itálicos no original):

pode ver-se a poesia portuguesa dos últimos cento e cinquenta anos dividida em três largos períodos, cada um deles inaugurado por um movimento de vanguarda e constituído, depois, por fases semelhantes [...] de afirmação, correcção e dissolução do próprio movimento inicial. As datas inaugurais seriam precisamente 1825 – o ano da publicação do poema *Camões*, de Garret -, 1865 – o ano da publicação das *Odes Modernas*, de Antero – e 1915 – o ano do aparecimento do *Orpheu*, com Fernando Pessoa à testa do movimento modernista.

Os efeitos *retroativos* do cânone literário português parecem pairar também na ampla atenção prestada aos primeiros modernistas portugueses pela importante revista *Colóquio/Letras* no número (175, setembro/dezembro de 2010), dedicado de alguma forma a comemorar os 100 anos da instauração da República Portuguesa, apesar da posição periférica dos modernistas, pelo menos durante a década de 10.

¹⁰² Já antes, no 1º número, sob o título “Literatura viva” (10/03/1927, p. 1-2), J. Régio havia elencado os modelos literários a seguir, entre eles F. Pessoa (negrito nosso):

os autos de Gil Vicente são espantosamente vivos, e as comédias de Sá de Miranda irremediavelmente mortas; que todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto; que os Sonetos de Camões são maravilhosos, e os de António Ferreira massadores; que um pequeno prefácio de **Fernando Pessoa** diz mais que um grande artigo de Fidelino de Figueiredo; que há mais força íntima em catorze versos de Antero que num poemeto de Junqueiro; e que é mais belo um adágio popular do que uma frase de literato.

(1929-1934), que Simões publicou, dão conta do mencionado interesse (Gaspar Simões 1957; cfr. Martines 1998); de facto os três artigos publicados por Gaspar Simões na *Seara Nova* sob o título “Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa” aparecem em 1930, apenas um ano após iniciar a relação epistolar com F. Pessoa (Gaspar Simões 1930, 1930a, 1930b). Em 1936, lembre-se, após o falecimento do Fernando Pessoa um ano antes, a *Presença* dedica-lhe um número completo. A partir desta data, na década de 40, em particular, será quando membros ou colaboradores da *Presença* (A. Casais Monteiro e J. Gaspar Simões, nomeadamente) comecem a publicar a produção conhecida e inédita de Fernando Pessoa (por exemplo, Simões e Montalvor 1943[1942]; cfr. Taibo 2010: 210-213). Os elementos destacados pelos *presencistas* acerca dos *órficos* e que funcionam como os **argumentos/critérios de seleção** (de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros e não outros) parecem estar, em termos gerais, relacionados com as seguintes ideias de que a produção do *mestre* Pessoa seria expressão: *originalidade/novidade* (face outros repertórios literários mais centrais em 1915 e mais à frente, mas entendidos como ultrapassados), *complexidade* (com destaque para a tão debatida heterenomia), *portugalidade* (problematicamente promovida no caso de F. Pessoa, ao tratar-se de um produtor bilingue) e, por último, certo *mistério* à volta do homem, Pessoa, que transcorridos os anos não decresceria (pelo contrário) graças ao *efeito arca*¹⁰³. Deste modo, entendemos serem critérios estéticos os explicitados para o (re)conhecimento de Fernando Pessoa (também de Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros) em fins da década de 20 e nas décadas seguintes.

Por outro lado, cabe anotar, julgamos, o alegado “apoliticismo forçado” (Lopes e Saraiva 1996: 1012) dos *presencistas*, as cisões internas vinculadas a questões políticas ou mesmo as críticas de outros grupos e agentes, dos d’*O Diabo* por exemplo, “reclamando para a arte uma responsabilização social e política que estava ausente das preocupações presencistas” (Martins 2008: s. v. “*Presença*” [p. 682]). Note-se, neste sentido, a situação política portuguesa, em ditadura militar desde 1926 e sob Estado Novo desde 1933, e os efeitos evidentes para as dinâmicas do campo cultural; com grande relevância, em geral e para o caso particular agora tratado, a criação do Secretariado Nacional de Propaganda (SNP), “organismo de seu campo do poder [do

¹⁰³ Ilustramos este *efeito arca* com a seguinte asseveração de Carlos Taibo (2010: 216; sublinhados nossos): “ante algum eventual risco de retrocesso na fama literária do poeta operaram eficazmente elementos derivados da lenta publicação dos seus escritos. Tal é o caso, em particular, da irrupção fulgurantes do *Livro do Desassossego*”

Estado Novo], que procura estabelecer uma relação com os agentes culturais apoiada nos eixos ideológicos do regime” (Pinto 2008: 11), à frente do qual estaria desde 1933 o outrora *órfico* (e amigo pessoal de Alfredo Guisado) António Ferro. Será este quem ideie e ponha em funcionamento uma nova instituição no campo literário português, os Prémios Literários do SPN, uma “tentativa [do SPN] de definição da sua posição dominante no campo literário” (*ibid.*). Como é sabido, o mesmo Pessoa, que seis anos antes tinha publicado o folheto *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar*, ganha um 2º prémio com a *Mensagem* (e não, destacamos, outro produto literário do muito que F. Pessoa escreveu); com alguma polémica, por outro lado, pois segundo Jorge de Sena (Sena 1988: 113) foi António Ferro que “forçou em 1934 a concessão de um prémio nacional ao único livro que Pessoa publicou em vida”¹⁰⁴.

A exposição até aqui feita leva-nos a considerar o seguinte: aparentemente há indícios para entender que os critérios a funcionar na seleção de Fernando Pessoa (igualmente de Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros) na altura, não “como um poeta da hora presente [...], mas de um poeta da Eternidade” (Simões e Montalvor 1943[1942]: 17), não foram critérios apenas estéticos, derivados (unicamente) do valor ou novidade da sua produção ou mesmo da sua biografia; a heteronomia do campo literário naquele período obriga-nos a hipotetizar o funcionamento direta ou indiretamente de **critérios heterónomos**, de índole política ou ideológica na altura; por outras palavras, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro ou Almada Negreiros (ambíguos ou mesmo hostis a respeito da República antes de 1926, como veremos) não seriam, com certeza, incómodos ao novo regime autoritário em construção, antes pelo contrário se entendermos, por exemplo, o repertório literário da *Mensagem* sob o prisma nacionalista, afim, portanto, aos postulados ideológicos do novo regime.

É necessário anotar aqui o facto de Alfredo Guisado, o antigo deputado do Partido Republicano Português, *militar* desde 1926 na oposição democrática ao regime

¹⁰⁴ Segundo Carlos Taibo, F. Pessoa seria pressionado pelos seus amigos para participar com a *Mensagem*; por outro lado, “como consequência da intervenção de António Ferro [...] a recompensa monetária recebida por Pessoa, 5000 escudos, [foi] a mesma que a correspondente ao livro de [Vasco] Reis [*A Romaria*, ganhador do 1º prémio]” (Taibo 2010: 200).

Outro dos *órficos*, também promovido pelos da *Presença*, Almada Negreiros vai ser “consagrado oficialmente pelo salazarismo” pouco tempo depois, em 1942, ao receber o prémio Columbano (Barreira 1981: 63 n. 4). Por outro lado, segundo Rui Ramos, (Ramos 1994: 651) “[d]e todos os modernistas, [António] Ferro teria a carreira de maior sucesso, chegando a secretário de Propaganda Nacional sob Salazar”. Por último, um dos amigos mais chegados de A. Guisado, durante a década de 10, Augusto de Santa Rita (cfr. *infra*), vai receber a Ordem de Santiago da Espada do Marechal Carmona e vai colaborar com o Secretariado Nacional de Propaganda de A. Ferro, por sinal, padrinho do único filho de A. Santa Rita (Marcarenhas 2010[24 e ss.]).

autoritário. A documentação dos serviços secretos portugueses, habitualmente conhecidos sob a denominação PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), prova inequivocamente a posição política do produtor em foco¹⁰⁵. Neste sentido, cabe destacar o facto de em 1928 (um ano após o aparecimento da *Presença*) Alfredo Guisado ser detido e interrogado pela polícia, como consta da documentação interna da PIDE (*vid.* Anexos, IV), onde, segundo o relatório policial, Alfredo Guisado afirma formar parte da direção Partido Republicano Português. Da posição política de Alfredo Guisado, de oposição democrática até 1974 como dissemos, dá notícia outra extensa documentação da PIDE do ano 1971 que põe de manifesto o labor do produtor em foco como agente dos republicanos sob o Estado Novo, assim como o seguimento continuado da polícia portuguesa das intervenções públicas guisadianas (reproduzimos no Anexo V algumas das 23 páginas incluídas na documentação Pide, SC Bol 249658 NT 8179, 1971)¹⁰⁶.

No processo de (re)conhecimento de alguns dos poetas do *Orpheu* ao que aludíamos mais acima, o opositor republicano, alheado em certo sentido do meio literário, ou não é convocado (nunca colabora na *Presença*) ou é relegado (como outros produtores vinculados à *Orpheu*) a uma posição secundária entre os *órficos*. O produtor em foco, por exemplo, aparecia assim mencionado num dos artigos da altura de Gaspar Simões (1930a; 293; carregado nosso): “Outros nomes aparecem no *Orfeu*, Ângelo de Lima [...]; e ainda Alfredo Pedro Guisado, Côrtes Rodrigues e Luís de Montalvor, dos quais o último me parece o mais importante e **original**”; com Luís de Montalvor, Gaspar Simões, como vimos, colaboraria passados uns anos na edição das obras de F. Pessoa. Em seguimento do interesse *presencista*, a revista semanal do *Diário de Notícias* onde António Ferro trabalhava como jornalista, *O Notícias Ilustrado*, dedica nos inícios de 1929 uma ampla atenção aos primeiros modernistas portugueses; Alfredo Guisado, significativamente, não aparece citado em nenhum dos artigos incluídos mas está de alguma forma presente por meio de uma fotografia (quicá a de menor tamanho)

¹⁰⁵ Agradecemos aqui o auxílio para a obtenção destes materiais de Edward Cardoso do Gabinete de Difusão de Informação da Universidade do Minho e de Paulo Tremoceiro, Chefe de Divisão de Comunicação e Acesso do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹⁰⁶ Da análise do conjunto da documentação (*vid.* Bibliografia) podemos concluir que os serviços policiais faziam um seguimento apenas da vida pública de A. Guisado, dos seus artigos no *República* nomeadamente; em geral, apesar da intervenção da correspondência (evidenciada, p. ex., na documentação PIDE, cfr. SC CI(2) 4407 NT 7354, 1965, 1970), as informações contidas nos relatórios policiais não diz respeito à sua vida privada nem parecem ser fruto de um controlo muito exaustivo. À luz disto, entendemos A. Guisado ser considerado durante o Estado Novo um opositor ao regime mas não um *inimigo* principal do mesmo.

num canto de uma das páginas ao lado de F. Pessoa, M. de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e outros (*vid.* Anexos, VI; cfr. *infra*). Na década de 30, por outro lado, Alfredo Guisado intervém desde as páginas do opositor *O Diabo* significando-se como um dos membros do Grupo do *Orpheu*, destacando a figura de Fernando Pessoa e desvinculando a proposta *órfica* do Futurismo¹⁰⁷.

A crítica literária, não obstante, a respeito da produção guisadiana, será feita sobretudo por Gaspar Simões, estabelecendo uma **relação de dependência** de Alfredo Guisado com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (Gaspar Simões 1959: 518-519; sublinhados nossos):

É sobre [Alfredo Guisado] que a influência de Fernando Pessoa e do paúlismo se manifesta mais absorvente. Na verdade, a essa data já [...] era autor de um volume de versos intitulado *Rimas da Noite e da Tristeza*, aparecido em 1913, isto é, anteriormente à publicação em *A Renascença* das *Impressões do Crepúsculo* com que Pessoa inicia o paúlismo. Nada fazia prever, efectivamente, que o autor dessas rimas, de sentido anedótico e ingénua concepção, viesse a adoptar, dentro de pouco, um estilo perfeitamente antagónico do dos versos da sua estreia. Mas a verdade é que logo no ano seguinte, e coincidindo com a campanha paúllica do profeta “supra-Camões”, Alfredo Pedro Guisado dá à estampa uma *plquette* de versos, que intitula *Distância* (1914), em que largamente se expande a estética do paúlismo. Quando em 1915 sai o primeiro número do *Orpheu*, nos seus *Trezes Sonetos* aí insertos, segue de perto o mestre [...] A poesia de *Distância*, como a do *Elogio da Paisagem*, livro que virá à luz no ano seguinte (1915), é profundamente impregnada de paúlismo à maneira de Sá-Carneiro.

Em referência a uma quadra de *Ânfora* mas, na nossa leitura com intenção conclusiva, Gaspar Simões (1959: 520; sublinhados nossos) caracteriza assim a produção guisadiana:

Pouco musical, mas hábil na associação das imagens e na decomposição dos estados de espírito, Pedro de Meneses exprime, com aplicação, um aspecto metódico do modernismo, e quando, mais tarde, volta a recuperar o seu nome verdadeiro, publicando *As Cinco Chagas de Cristo* (1927), obra de sentido patriótico, encontramos-lo voltado, de

¹⁰⁷ *O Diabo* (*face à Presença*) vai ser encerrado pelo regime em 1940. A colaboração de A. Guisado nesta publicação havia começado com a publicação de “Poeira Antiga. Termópilas” (21/07/1934; a partir deste número figura no encabeçamento como colaborador) e de três poemas sob o título “Elogio de Junho” (30/06/1935; com a seguinte indicação: “Do livro, a sair em breve, ‘DÉDALO’”). Após o falecimento de F. Pessoa publica “Fernando Pessoa e a sua influência na literatura moderna” (*O Diabo*, 17/12/1935) e, pouco mais tarde, atacando a leitura *futurista* do *Orpheu*, “Algumas palavras sobre ‘Orfeu’” (*Diabo*, 12/01/1936; cfr. Apolinário Lourenço 2003: 191-196).

novo, para o velho Saudosismo, que nem por ser adubado por uma imagística que cresceu em terras paúlitas é menos lirismo tradicional, especialmente no gosto do romancista.

Interessa notar como um dos elementos aplicados, como vimos, à produção pessoana, a *originalidade/novidade*, não seria observada em Alfredo Guisado (“velho Saudosismo”, “lirismo tradicional”); deste modo, a produção guisadiana é associada, em geral, a **repertórios não inovadores**; a produção destacada, contudo, parece ser a publicada em livro em torno ao ano do surgimento da revista *Orpheu*, 1915. A vinculação a Fernando Pessoa também é invocada à hora de explicar a adoção do pseudónimo Pedro de Menezes (Gaspar Simões 1959: 519):

A adopção do pseudónimo, sob o qual publicará ainda *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918), *A Lenda do Rei Boneco* e os versos galegos de *Xente de Aldea* (1912), parece obedecer a um propósito. Graças a ele, pensava, talvez, o poeta ter procedido a uma dessas ‘duplicações de personalidade’ que Fernando Pessoa operava tão facilmente em si próprio e que tão a gosto estimulava nos companheiros¹⁰⁸.

Em Gaspar Simões, além de preterir o primeiro poemário de Alfredo Guisado (*Rimas da Noite e da Tristeza*, 1913) cabe ressaltar ainda a quase nula atenção aos vínculos guisadianos com a Galiza. Nas páginas da *História da poesia portuguesa*, embora seja citada, tão somente se indica em relação a *Xente d’a Aldea* que são “versos galegos”¹⁰⁹. Por outro lado, a crítica frontal com que Alfredo Guisado recebe em 1950 com “‘Vida e Obra de Fernando Pessoa’ um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões” (*vid. Biblio.*) nas páginas do *República* o trabalho de Gaspar Simões *Vida e obra de Fernando Pessoa*, é um indício claro de uma relação no mínimo distante; o artigo de Alfredo Guisado acaba expressivamente assim: “Como veêm, o sr. dr. João Gaspar Simões não foi feliz no seu cometimento. E no que diz respeito a cingir-se á verdade, nem é bom falar nisso” (*vid. Biblio.*)¹¹⁰.

¹⁰⁸ Gaspar Simões tinha feito outra análise em *Vida e obra de Fernando Pessoa* (1950) quando, relativamente ao uso de Pedro de Menezes, afirma que o autor “procurara assim desligar-se do seu passado ‘órfico’” (Gaspar Simões 1950: 280, n. 14), introduzindo deste modo alguma confusão no que diz respeito à função de *Pedro de Menezes* ao lado do *Alfredo Pedro Guisado*, somando-se irremediavelmente, por seu turno, à confusão que tem gerado desde a segunda década do século XX até praticamente à atualidade a interpretação da heteronímia pessoana.

¹⁰⁹ Apenas é referida no início a “ascendência galega” de A. Guisado (Gaspar Simões 1959: 518).

¹¹⁰ Segundo o sobrinho-neto de Alfredo Guisado: “O Gaspar Simões era uma das pessoas que o esquecia mais; havia ali uma rivalidade que ultrapassava o campo literário, possivelmente política, até porque o Gaspar Simões era do regime” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ).

O “sistemático trabalho de divulgação [pelos *presencistas*] dos poetas de *Orpheu*” (Martins 2008: s. v. “*Presença*” [p. 685]), nos termos aqui rapidamente esboçados, assim como as leituras de Gaspar Simões irão, entendemos, condicionar significativamente as abordagens posteriores da produção guisadiana.

Paralelamente, o próprio Alfredo Guisado intervém com a publicação de *Tempo de Orfeu* (Guisado 1969; reedição de Guisado 1915, 1916, 1917 e 1918) no campo literário português (já antes o havia feito com alguns artigos; cfr. Autores 1960) reivindicando-se (novamente) de alguma forma (o título do volume é bem expressivo neste sentido) como membro do, agora (re)conhecido, grupo do *Orpheu*; no livro, significativamente indicava-se como futura publicação guisadiana o inédito *O ‘Orpheu’ por dentro (história de uma revista literária)*¹¹¹. O novo volume guisadiano foi apresentado em Lisboa em fevereiro de 1970 na Livraria Quadrante, como noticiaram escassamente *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã* e *Capital*; o *República*, espécie de porta-voz da oposição republicana, dedica ampla atenção ao evento vinculando o nome do produtor em foco ao grupo do *Orpheu*¹¹².

Ainda antes do fim da ditadura portuguesa, com Fernando Pessoa e o *Orpheu* já no centro (ou em vias) do sistema literário português, outros agentes do campo literário, com certeza com outros interesses, focam a produção guisadiana. Neste sentido, Óscar Lopes aborda produção e produtor a partir das interpretações dos *presencistas*, de Gaspar Simões em particular, introduzindo, no entanto, algumas mudanças que, como veremos, serão largamente reproduzidas em abordagens posteriores e até a atualidade¹¹³. Para Óscar Lopes, centrando a análise unicamente em produtos literários, livros

¹¹¹ Segundo o prefaciador, Urbano Tavares Rodrigues, A. Guisado ter-se-ia alheado do meio literário (Rodrigues 1969: xi): “alheamento para o qual o próprio poeta terá contribuído, negando-se até agora à reedição dos seus livros”; a notícia de mais três livros do produtor em foco a serem publicados não condiz aparentemente com esta vontade de *alheamento*. De forma parecida se manifesta Sílvia Soares na sua crítica de *Tempo de Orfeu* (1969) quando afirma que Alfredo Guisado “a quem se não têm feito *justiça* devido talvez ao facto dele próprio se ter exilado voluntariamente no silêncio e na sombra” (Soares 1970; *italico* nosso); mais à frente inclusive refere “Só agora, com bastante relutância e depois de muito instado por admiradores e pessoas amigas, resolveu Alfredo Guisado autorizar a publicação deste livro” (*ibid.*). Por último: cabe perguntar-se se entre o eventual (desaparecido?) espólio guisadiano se encontraria/encontra o manuscrito do citado *O ‘Orpheu’ por dentro (história de uma revista literária)*.

¹¹² Acedemos à esta informação através da documentação da PIDE (SC CI(2) 4407 NT 7354, 1965, 1970) onde figuram vários artigos de jornal relativos ao evento.

¹¹³ Desde a década dos 50 do século passado, tanto Eduardo Prado Coelho (mais abaixo invocado) como António José Saraiva e Óscar Lopes pretendem renovar a historiografia literária portuguesa (Torres 2012: 8 e ss.). Por outro lado, Torres Feijó (*id.*: 6) destaca em relação ao *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira* (reeditado desde os anos 50) e à *História da Literatura Portuguesa* (também reeditado sucessivamente desde os 50) “the fact that they have been, presumably, the most widely used in the academic environment for the study of Portuguese literature (at least until the emergence of the internet and resources such as Wikipedia)”.

fundamentalmente: (i) “o mais **injustamente esquecido** dos poetas de *Orpheu* é Alfredo Guisado” (Lopes 1973: 715; negritos nossos)¹¹⁴, analisando deste modo individualmente Alfredo Guisado (vivo na altura) e, por seu turno, referindo o *esquecimento* de que teria sido objeto não sabemos muito bem se em função de motivos de *(in)justiça literária* ou de outra ordem; (ii) destaca, como Gaspar Simões, os produtos guisadianos de repertórios *mais* modernistas, *Ânfora* (1918; contém os “Treze Sonetos” de A. Guisado publicados na revista *Orpheu*) especialmente, face à presença de repertórios pré-modernistas, (iii) ao passo que entende a produção guisadiana em função da produção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro¹¹⁵; por último (iv) Óscar Lopes presta uma atenção específica à **produção galega** de Alfredo Guisado celebrando de alguma forma a poetização da Galiza (equacionada com proximidade) e, substantiva e paradoxalmente, associando parte do repertório presente em *Xente d’a Aldea* (1921) ao **neorrealismo** (Lopes 1973: 716-717; sublinhado nosso):

Lêem-se com agrado totalmente novo os “Versos Galegos” de *Xente d’a Aldea*, 1921. Guisado chama a si toda a ternura da sua ancestralidade galega; tira belo partido do sabor tão doce dessa versão arcaizante da nossa língua que se fala nas aldeias para além Minho, com os seus meigos diminutivos [...] A evocação da terra, paisagem e tipos ressalta em pequenos quadros dialogados de costumes, deliciosos de autenticidade, e a que nem mesmo falta a nota discretamente heróica de uma resistência à absorção castelhanizante e sobretudo à exploração social (“A Fiar”, “O Enterro”, duas boas poesias que se podiam classificar de exemplarmente neo-realistas.

O entendimento da emergência galega aparece encabeçado pela *ancestralidade* e o *arcaísmo linguístico*. Poucos anos mais tarde, já fora das margens temporais do Estado Novo¹¹⁶ (e após o falecimento de Alfredo Guisado), José Carlos Seabra Pereira aborda com alguma extensão o conjunto da sua produção literária em livro. Em “Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo Pedro Guisado” (Seabra

¹¹⁴ Óscar Lopes, em coautoria com António José Saraiva, dedica apenas cinco linhas a Alfredo Guisado na *História da literatura portuguesa* (cfr. Lopes e Saraiva 1996: 996).

Por outro lado, esta análise acerca da produção de Alfredo Guisado, segundo a informação manejada, já tinha sido publicada antes de 1969.

¹¹⁵ Em palavras de Óscar Lopes (1973: 715; sublinhados nossos):

A sua obra não nos traz uma concepção de vida tão densamente original como a de Pessoa, nem mesmo rasgos como os das melhores poesias de Sá-Carneiro, mas nos seus dois ou três melhores livros distingue-se pela inventividade da metáfora e pelo equilíbrio do gosto. Os sonetos que publicou em *Orpheu* foram incluídos em *Ânfora*, 1918, que é de longe a sua obra-prima.

¹¹⁶ Presumivelmente, as importantes mudanças no campo do poder na altura têm repercussões noutros campos, também no literário.

Pereira 1979)¹¹⁷, numa análise em que são invocados quase exclusivamente os livros publicados, são aprofundados os traços já apontados por Gaspar Simões e, nomeadamente, Óscar Lopes. Assim, para Seabra Pereira, nos textos de Alfredo Guisado, “são já evidenciados, sobre o fundo das heranças finisseculares e saudosista, importantes temas e estilemas do nosso primeiro Modernismo” (*id.* 1979: 8), onde se destacam três traços principais: a “fortíssima derivação pré-modernista” de origem decadentista, simbolista e saudosista (*id.*: 171); a influência modernista a partir de *Mais Alto* (*id.*: 172); e a presença da problemática do “Eu” (*id.*: 174). Neste quadro, o primeiro livro guisadiano, *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913) é considerado, “obra de incipiência juvenil, de poeta que busca uma arte expressiva” (*id.*: 161) enquanto *Ânfora* (1918) é o livro “cimeiro de Guisado, e que como tal tem merecido atenção” (*id.*: 175).

Nas décadas seguintes, desde o campo de estudos português, a crítica guisadiana, além de ilustrar com mais atenção a sua relação com a Galiza, começa a destacar as posições ocupadas por Alfredo Guisado no campo político, valorizando deste modo o **republicanismo leal** de que a sua biografia seria expressão (Vidal 1999 ou VV.AA. 2002).

Fora do período de análise ou de algumas escassas menções em *El Tea* (entre 1931 e 1936), a primeira referência a Alfredo Guisado de que temos notícia no âmbito do **campo de estudos galego** é uma resenha de *Tempo de Orpheu* de X. Landeira Yrago na revista *Grial*; Landeira Yrago (Landeira 1972: 240), apesar de indicar “auténtico poeta de ramo carnal galego chantado en Lisboa”, não introduz qualquer comentário sobre *Xente d’a Aldea* ou os importantes vínculos com a Galiza do produtor em foco. A resenha de Landeira Yrago serve para ilustrar um apagamento à volta de Alfredo Guisado no campo de estudos galego, conforme os resultados da pesquisa realizada, desde praticamente 1936; este apagamento, em nosso entender, estaria condicionado por: (i) a drástica redução das possibilidades de intervir cultural e politicamente de muitos dos interessados no contacto galego-português após a imposição *manu militari* da ditadura no Estado espanhol e a consolidação do Estado Novo¹¹⁸; (ii) a consequente

¹¹⁷ Refundição de um outro trabalho (Seabra Pereira 1976) e vários outros publicados n’*O Primeiro de Janeiro* (cfr. Seabra Pereira 1979: 161).

¹¹⁸ Se bem é certo que durante as décadas de autoritarismo houve espaço também para o contacto galego-português, reduzido basicamente ao âmbito académico (Medeiros 2003: 328), a rutura com período anterior parece ponto assente. Segundo António Medeiros (*id.*: 327):

No final dos anos 30, com a consolidação do “Estado Novo”, encerrou-se um ciclo de interesses pela Galiza por parte dos intelectuais portugueses, que tinha ganho algumas expressões nítidas a partir das últimas décadas do século XIX. Cristalizaram então expressões vivas e politicamente plurais do nacionalismo que tinham marcado os anos da I República, quando vingaram em

perda de interesse para o campo galeguista do enclave lisboeta, já aludida, e, por outro lado, (iii) a aparentemente escassa atenção que Alfredo Guisado dedica à Galiza após 1929.

Volvidos 30 anos desde a resenha de Landeira Yrago, Eloísa Álvarez afirmava o seguinte (Álvarez 2002: 185): “Quanto ao mundo editorial galego, Guisado tem sido pouco mais do que um ilustre desconhecido [...] Quanto às Histórias da Literatura Galega, nem sequer é mencionado”. Dois anos depois, em resenha (de Guisado 2003, edição de Apolinário Lourenço), Xosé Manuel Dasilva afirmava que “[n]ingún manual de literatura recolle o seu nome nin tan sequera para facer unha referencia mínima á obra que escribiu en galego” (Dasilva 2005: 124). Com efeito, chama a atenção a este respeito, por exemplo, a ausência de Alfredo Guisado no *Diccionario da literatura Galega. I Autores* coordenado pela Professora Dolores Vilavedra (1995); a entrada Alfredo Guisado sim consta, no entanto, no *Diccionario de escritores en lingua galega* de Francisco Fernández del Riego, único dicionário de autores galego que contempla a Alfredo Guisado de que temos notícia (Fernández del Riego 1988). Fernández del Riego como galeguista *histórico* teria um conhecimento, em primeira pessoa, sobre os vínculos guisadianos com a Galiza¹¹⁹. Ademais de substantivar um certo *desconhecimento* acerca de Alfredo Guisado, a resenha de Dasilva há que relacioná-la, entendemos, com as leituras que desde os anos oitenta do século passado surgem *reivindicando* o produtor em foco também em função das lutas verificadas no campo cultural galego a respeito da posição de Portugal na elaboração do sistema cultural galego. Neste sentido, algumas tomadas de posição parecem acercar-se à produção e ao

Portugal interesses pela Galiza, na minha opinião sobretudo acicatados pelas solicitações de reconhecimento vindas de além do Minho. Foi no entanto, o *Alzamiento* de 1936 que marcou mais definitivamente o fim das curiosidades mantidas em Portugal pela “questão galega”, desinteresse que perdura até hoje, em grande medida.

¹¹⁹ Francisco Fernández del Riego pronunciou uma conferência no ano de 1971 em *Xuventude de Galiza*, “Panorámica da Cultura Galega Co[n]temporánea”, segundo consta num bilhete do arquivo da instituição. É provável A. Guisado e Fernández del Riego terem coincidido neste evento pois temos notícia (através de documentação de Juventud de Galicia) da presença do produtor em foco noutras atividades da mesma instituição, por exemplo, na conferência de Ramón Piñeiro “Situación actual da lingua galega” (*Diário de Notícias*, 20/01/1970).

Sob a entrada Alfredo Guisado, F. Fernández del Riego assinala (Fernández del Riego 1990: s. v. “Guisado, Alfredo”):

De pais galegos, nasceu em Lisboa a 30 de Outubro de 1891. Fixo a carreira de Direito na Universidade desta capital portuguesa. Sintiu desde sempre unha devoción por Galicia, terra dos seus devanceiros. Viaxaba tódolos anos a Mondariz, localidade de onde procedia o seu pai emigrado. Foi amigo de Fernando Pessoa, e colaborador com el e outros escritores, da revista poética “Orpheu”. Morreu na cidade na que nacera o 30 de novembro de 1975.

Publicou alá polo ano 1921 un pequeno volume de poemas en galego, co título de Xente de aldea, adicado a Castela. Quixo refrexar nos versos os diversos temas da vida rural no noso país. Trátase de poesías sinxelas e delicadas; pero tamén sona nelas un berro de rebeldía e de liberdade.

produtor em foco, *resgatando-o do esquecimento*, como um exemplo notório afim aos postulados galeguistas ou à tese reintegracionista (cfr. Alonso Estravis 1980); em função desta é que são analisados, em ocasiões, os produtos guisadianos, também criticamente¹²⁰.

Do mesmo modo, o “abandono da referencialidade portuguesa” (cfr. *supra*) neste período por parte de grupos e agentes centrais do campo de estudos galego determina uma **atenção lateral** ou, por vezes, um quase total apagamento relativamente a Alfredo Guisado. Em nosso entender, como hipótese, este estado do campo cultural galego (junto, em menor medida, às outras condicionantes já referidas) é que contribui decisivamente para um menor conhecimento de produtor e produção naquele, pois o facto de Alfredo Guisado ser um produtor português de origem galega estreitamente vinculado com a Galiza e, especialmente, membro do mesmo grupo que Fernando Pessoa, faria com que fosse objeto profícuo de *galeguização* se atendermos aos défices projetivos de um sistema como o galego e o potencial capital simbólico que o *Guisado órfico* teria para a emergência galega; repare-se, relacionalmente, nas (polémicas) atenções que os alegados seis poemas *galegos* de Federico García Lorca (produtor central no sistema literário espanhol) obtiveram no campo de estudos galegos (cfr. Rodríguez Gómez 2009: 63 e *passim*).

Em virtude do referido até aqui podemos afirmar que o conhecimento acumulado até atualidade acerca de Alfredo Guisado está diretamente relacionado com: em primeiro lugar, (i) o **estado dos campos**, português e galego, ao longo de tão longo período, com destaque para os processos de heteronomia do campo literário português desde fins da década de 20 e para a *descentralização* de Portugal como referente de reintegração (ou analogia) a partir da década de 80 do século passado na Galiza; em segundo lugar, (ii) pela tendência quase geral de analisar produtor e produção sob o ***prisma pessoano*** (também sob a influência de Mário de Sá-Carneiro); e, por último, (iii) pelo recurso a **metodologias** que têm privilegiado sistematicamente a análise dos

¹²⁰ Em 2001, ao descrever *Xente d’a Aldea* Alonso Estravis afirma: “Aqui deixou-se levar pelas leituras dos escritores galegos do XIX e a sua poesia decai com respeito à outra, encontrando-se com *erros incríveis* numa pessoa que *dominava tão bem a língua*” (Alonso 2001: 153; itálicos nossos). Um ano depois, na reedição de Alonso Estravis 1980, introduzia esta reflexão final (2002: 178):

Oxalá que a aproximação cada dia maior entre portugueses e o mútuo conhecimento que se está a levar a cabo, faça que um dia não muito afastado esses sentimentos e desejos [de união] sejam uma gloriosa realidade. Seria a melhor homenagem que lhe poderíamos render a todos eles [aos escritores]!” (p. 178).

Por outro lado, segundo X. M. Dasilva (2005: 124 e 125), A. Guisado: “atesoura méritos abondos para entrar a forma[r] parte da nosa nómina de escritores” ou “faise necesario reclamar de novo que o seu nome se inclua definitivamente na nosa historia literaria”.

produtos literários guisadianos, os livros publicados fundamentalmente, ignorando assim um conjunto alargado de produtos de/sobre Alfredo Guisado, nomeadamente no que diz respeito à sua relação com a Galiza.

3.3.2. Estado da Questão acerca de Alfredo Guisado

Os três fatores gerais antes expostos enformam a arquitetura do saber aceite e reproduzido acerca do produtor investigado no campo de estudos português e no galego. Contudo, na nossa análise, o entendimento de produtor e produção apresenta particularidades importantes, já aludidas, em função do campo de estudos em questão. Assim, a seguir exporemos o estado da questão para cada um destes campos.

No que diz respeito ao **campo de estudos português** parece-nos uma pista relevante para aproximar-nos do entendimento do produtor em foco a entrada “Alfredo Guisado” em www.wikipedia.pt. Como se pode apreciar no Anexo VII: (i) a informação explicitada diz respeito ao envolvimento de Alfredo Guisado no campo político e no campo literário; (ii) a trajetória literária guisadiana remete para as análises de João Gaspar Simões (de quem se citam trechos inteiros, cfr. *supra*), destacando a relação de dependência(/influência) com Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro; (iii) os vínculos com a Galiza nem sequer são referidos. Cabe destacar, por último, o facto de a entrada “Alfredo Guisado” não figurar em nenhum outro idioma na página web citada.

Em virtude do tom e conteúdo, a transcrição (da nossa responsabilidade) da comunicação de António Apolinário Lourenço (2009) apresentada no Congresso da Asociación Internacional de Estudos Galegos sob o título “Alfredo Guisado, entre o cosmopolitismo do *Orpheu* e a *Xente d’a aldeia*” (depois publicada, Apolinário Lourenço 2011) evidencia, em nosso parecer, as linhas de força acerca do estado da questão aqui analisado; citamos a seguir alguns trechos que consideramos especialmente elucidativos:

Um poeta que é ao mesmo tempo um poeta português mas também porque escreveu em galego, um poeta galego [...] relativamente **desconhecido**, não já completamente desconhecido porque já começam a publicar-se coisas sobre este autor.

É um autor que tem a sua importância na literatura portuguesa, sobretudo porque está **intimamente ligado à geração de Fernando Pessoa** [...]

Até aqui ressaltam duas das ideias que nutrem os discursos críticos sobre Alfredo Guisado: o **desconhecimento/esquecimento**¹²¹ assim como a **dependência** face à produção pessoana ou de M. de Sá Carneiro. Muitos dos contributos acerca de Alfredo Guisado citam as frases de elogio que os outros membros de *Orpheu* lhe dirigiram, numa tentativa, julgamos, de justificar e/ou legitimar a pertinência do estudo da produção guisadiana (cfr., por exemplo, Rodrigues 1969: XI; Lourenço 2003: XXVII; Martins 2008: s. v. “Guisado, Alfredo”)¹²².

Dos escritores que pertenceram à revista *Orpheu*, Guisado **não é também dos mais importantes ou dos mais conhecidos**. Há dois outros autores, um deles chamado Sá Carneiro que foi talvez um dos mais íntimos de Fernando Pessoa; é considerado geralmente como o segundo grande poeta da geração do *Orpheu*. E depois Almada Negreiros que, para além de poeta, foi também romancista, ensaísta, um grande pintor e que por isso mesmo [...] é também bastante conhecido [...]

Alfredo Guisado costuma ser considerado **o quarto escritor desta geração**. É um escritor que **viveu sempre muito à sombra de Fernando Pessoa**, como modernista [...] e sobretudo do Fernando Pessoa autor de umas sequências poéticas, ‘Os passos da Cruz’ e ‘Além Deus’ [...] é nesses poemas que está mais próximo Alfredo Pedro Guisado [...]. A **importância** de Alfredo Guisado como poeta é sobretudo por esta sua **ligação à poesia modernista portuguesa**. Os seus quatro livros fundamentais são quatro livros que foram reunidos em 1969, pelo próprio [...], num livro chamado *Tempo de Orfeu*; este livro tem uma reedição feita por mim em 2003. Esses são de fato os seus quatro livros mais importantes e aqueles que merecem ser mais estudados enquanto produção literária.

[...] A relação dele com a revista [*Orpheu*] é uma relação que tem os seus altos e os seus baixos, e com o grupo geracional; mas sobretudo teve uma ligação sempre forte a Fernando Pessoa (Apolinário Lourenço 2009).

¹²¹ João Rui de Sousa anotava ainda em 1991, depois de citar Óscar Lopes: “não obteve no meio literário português a plena *atenção* a que a qualidade da sua poesia faria juz e, muito ao invés, sobre ele recaíram, com frequência, *estranhos silêncios e omissões*” (Sousa 1991: 75; itálicos nossos).

O referido nesta Tese acerca do espólio guisadiano, nomeadamente o fim que porventura iriam ter as cartas entre Alfredo Guisado e Maria Guilhermina Ferreira (cfr. *supra*) é, em nosso entender, um indício a apoiar o citado *esquecimento* de que produtor e produção foram objeto.

¹²² São exemplares nesta orientação as afirmações de João da Maia (Maia 1979: s.v. “Guisado, Alfredo Pedro”; sublinhado nosso):

Como poeta, A[lfredo].G[uisado] merece uma atenção muito especial por ter privado com os homes do *Orpheu*. Nomeadamente merece análise cuidada a sua obra poética por nele se detectar o parentesco mais próximo com a de Sá Carneiro. A imagética luxuosa e aristocrática de A. G. é mais ornamental do que a de Sá Carneiro. Mas usa os mesmos *oiros*, a mesma paramentaria litúrgica, os mesmos jardins e castelos que serão retomados pelo expressionismo de seu amigo Sá Carneiro.

Repare-se na insistência na relação de dependência entre a produção guisadiana e a produção de Pessoa e Sá-Carneiro e, por outro lado, na hierarquia estabelecida entre os membros do grupo do *Orpheu* e, igualmente, a fixada para a produção guisadiana. Quanto ao segundo, segundo Apolinário Lourenço, Alfredo Guisado seria o “quarto escritor”, portanto, “não [...] dos mais importantes [ou] conhecidos”. Como vemos, os critérios utilizados para a fixação da classificação citada, embora difusos, parecem prender-se com as leituras propostas desde a época dos *presencistas* assim como com o grau de (re)conhecimento de variado tipo de que os produtores do *Orpheu*, F. Pessoa à frente, seriam objeto nas últimas décadas. Uma evidência deste (re)conhecimento público acerca de alguns dos *órficos* é a informação contida no gráfico do Anexo VIII (com dados gerados por Google), onde aparecem informações relativas às consultas realizadas em Portugal acerca dos termos “Alfredo Guisado”, “Fernando Pessoa”, “Mário de Sá-Carneiro” e “Almada Negreiros” em Google, entre 2004 e janeiro de 2012; como se pode apreciar, a ferramenta de Google não gerou um gráfico específico para Alfredo Guisado por não existir um volume de pesquisa suficiente¹²³. Em função do exposto até aqui, parece possível afirmar que Alfredo Guisado é entendido com um *poeta menor*¹²⁴, sobretudo se comparado com os outros produtores citados.

Relativamente à sua produção é destacada, em regra, a **produção modernista**, *Ânfora* em particular desde a interpretação de Óscar Lopes (cfr., por exemplo: Moisés 1981: s.v. “GUISADO, Alfredo Pedro”; Machado 1996: 235; Lisboa 1990: 425-427; Prado Coelho 2003: s.v. “Guisado, Alfredo Pedro”¹²⁵). Cumpre ainda apontar a tendência para analisar o recurso aos vários pseudónimos que Alfredo Guisado (apesar

¹²³ Ainda com recurso a Google.pt) cabe anotar os resultados obtidos com as seguintes pesquisas em janeiro de 2012: “Fernando Pessoa” cerca de 5 730000 resultados; “Almada Negreiros” cerca de 434000 resultados; “Mário de Sá-Carneiro” cerca de 250000 resultados; e “Alfredo Guisado” cerca de **15900** resultados.

¹²⁴ António Ventura (1995: 260; itálicos nossos) não duvida em afirmar que Alfredo Guisado “é uma figura um pouco *esquecida*, um pouco *lateral* e, como poeta, *talvez não seja de primeira grandeza*”. Um indício relevante, explicitação do processo de construção do conhecimento acerca dos de *Orpheu*, é a análise que desde os estudos históricos realiza Rui Ramos (1994: 640) sobre aqueles; referindo a revista *Orpheu*, este historiador afirma:

A novidade não era demasiada. Quase tudo poderia ter sido escrito por Eugénio de Castro ou António Nobre, vinte anos antes [...] Abundavam as Salomé, os missais antigos, as donzelas em castelos, as ermidas brancas, isto é, a literatura da decadência de 1890, complicada por uma gramática ousada, mas respeitando ainda as formas clássicas (por exemplo, o soneto).

Ficavam fora desta leitura, significativamente, F. Pessoa, M. de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, dos quais se destaca a novidade dos seus repertórios literários.

¹²⁵ Na 3ª ed. (1981) do *Dicionário de literatura. Literatura portuguesa Literatura brasileira. Literatura Galega. Estilística literária* (vol. 2), dirigido por Jacinto do Prado Coelho, a entrada “Guisado, Alfredo Pedro” remete para a entrada “Modernismo”, onde apenas se refere “Alfredo Guisado [...] aplicado seguidor da escola [do paulismo]” (Prado Coelho 1981: s.v. “Modernismo”).

de tão-somente ser citado “Pedro de Menezes” para o período em análise aqui) à luz da heteronímia pessoana sendo, em não poucos estudos, mais um elemento que argumentaria a relação de dependência a respeito de Fernando Pessoa¹²⁶.

Em relação aos vínculos guisadianos com a Galiza, para Apolinário Lourenço (2009):

Foi [...] em 1921 que Alfredo Guisado publicou o livro chamado *Xente d'a aldeia* em galego. É um livro pequeno; tem apenas 14 poemas [...] Os temas são os temas do Rexurdimento galego; são temas também como usa Rosalia de Castro que era claramente uma grande referência para Alfredo Guisado. É um **livro que destoa** muito [...] utiliza uma **linguagem coloquial, rústica, que contrasta imenso com o esteticismo de outros poemas** que ele escreveu em português, sobretudo os poemas que escreveu na época **de Orpheu**. E de fato aí está um certo **mistério**, como é que alguém que vive entre duas línguas é tão diferente quando escreve numa e escreve noutra. Talvez, justamente porque o lado mais fraco de Alfredo Guisado é **não ter [...] uma personalidade poética forte, de viver um pouco sempre nas margens de outros escritores maiores**, de se colocar (enquanto na poesia em português **se colocava de fato à sombra de Fernando Pessoa**) se coloca na poesia em galego um pouco na sombra de Rosalia de Castro e doutros poetas.

[...] Ele esteve ligado aos nomes principais da revista *Nós* [mas] é difícil saber exatamente a intensidade dessa ligação [...] Mas é um livro, digamos relativamente pioneiro, **nesta altura não havia uma produção poética em galego muito vantajada** em 1921. A língua também não estava estabilizada. É 1919, 1920 e 1921 que há uma maior ligação de Alfredo Guisado à Galiza; nesta altura ele deu entrevistas para jornais portugueses sobre a Galiza.

Das palavras de Apolinário Lourenço (lembre-se o título da comunicação) podemos destacar a relevância que em geral é dado ao poemário *Xente d'a Aldea* (1921) como elo principal (único por vezes) de ligação entre a Galiza e Alfredo Guisado, fruto de, em numerosas ocasiões invocado, um suposto *amor à Galiza* de que a sua ascendência galega seria a causa determinante (cfr., por exemplo, Sousa 1991: 74)¹²⁷. Por outro lado, *Xente d'a Aldea*: (i) aparece em vários dos trabalhos consultados

¹²⁶ A modo de exemplo: para Eugénio Lisboa (1994: 426) “a adopção do criptónimo, ainda que queira de algum modo responder ao ‘apelo’ heteronímico de Pessoa, não ilude uma personalidade una”. Enquanto, segundo Apolinário Lourenço (2003: XLIII; itálicos no original), *Pedro de Menezes* não é um heterónimo mas também “não é um mero criptónimo, através do qual se esconde uma identidade, é também um *alter ego*”.

¹²⁷ Cabe anotar que no artigo publicado fruto da intervenção no congresso mencionado, Apolinário Lourenço sim se interroga sobre a relação da produção guisadiana anterior, *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913) nomeadamente, e *Xente d'a Aldea* (Apolinário Lourenço 2011).

como sendo uma **obra menor** dentro da produção guisadiana, ao passo que (ii) provoca certas hesitações nos críticos portugueses como testemunha, desde o estudo já citado de Óscar Lopes, o uso da adjetivação **neorrealista** para um produto e tempo literários que nada têm a ver, como se verá, com o significado que tradicionalmente é dado a esta etiqueta dentro dos estudos literários em Portugal (cfr. Rodrigues 1969: xii; Seabra Pereira 1979: 178-179; Martins 2008: s. v. “Guisado, Alfredo”). Contudo, desde meados da década de 80 do século passado, a relação de Alfredo Guisado com a Galiza começa a ser ilustrada em função dos contactos que supostamente mantinha com alguns dos agentes mais relevantes do *galeguismo* (cfr. Camelo 1985, Galhoz 1995, Álvarez 2002). Esta vinculação ao *galeguismo* foi interpretada de variadas formas; assim, por exemplo, Lúcio Vidal interroga-se (Vidal 1984: 39):

Poderia Alfredo Guisado ter imprimido alguma tonalidade política, embora de mera cooperação democrática, ao relacionamento galego-português, de acento predominantemente cultural (e quase confinado às questões literárias, linguísticas e históricas)? Cremos que não¹²⁸.

Por último, apesar da breve pesquisa realizada nesta direção, cabe anotar: (i) a ausência de traduções da produção guisadiana para outras línguas, (ii) o facto de não termos conhecimento de quaisquer referências a Alfredo Guisado nos manuais e programas de ensino básico e secundário em Portugal e, finalmente, (iii) apesar de ter produzido textos que poderiam ter sido incluídos sob a etiqueta literatura infanto-juvenil (*A lenda do Rei Boneco* de 1920 e *A pastora e o lobo e outras histórias* de 1974) nada encontramos nesta linha de análise (cfr. Barreto 2002).

Se no campo de estudos português Alfredo Guisado passa por ser entendido como um produtor *esquecido* ou até *injustamente esquecido*, no **campo de estudos galego** o adjetivo mais comum para caracterizar produtor (e produção) é **desconhecido**. Destacamos, neste sentido, o facto de não nos constar a presença de Alfredo Guisado nos manuais de ensino na Galiza, assim com a sua ausência na Galipédia (“Wikipédia

Por outro lado, Manuele Masini (Masini 2007), além de insistir no esquecimento de que foi objeto Alfredo Guisado, analisa os usos linguísticos na produção guisadiana, com destaque para *Xente d'a Aldea*.

¹²⁸ Lúcio Vidal, em nota de rodapé, argumenta assim a sua interpretação (1984: 39 n. 20): “O dogma de não intervenção no que se considerasse ‘assunto do Estado vizinho’ era quase religiosamente observado, pelo menos desde D. Luís I, pelos partidos portugueses da área do poder –onde A. Guisado militava”.

em galego”) e em www.wikipedia.es. O *resgate* de Alfredo Guisado inicia-se em fins da década de 70 e inícios da seguinte do século passado da mão de, fundamentalmente, Issac Alonso Estravis que, significativamente, intervém no campo de estudos galegos (na importante revista *Grial*) com o artigo intitulado: “Un poeta galego descoñecido” (1980)¹²⁹. A partir de aqui, a análise (e/ou *reivindicação*) de Alfredo Guisado no campo de estudos galego é feita, em termos gerais, em função do *amor à Galiza* e da *galeguidade/galeguismo* de que é, supostamente, expressão designadamente *Xente d’a Aldea*. Por outro lado, como vimos para a crítica portuguesa, é perceptível a tendência para entender o percurso guisadiano em função da trajetória de **Fernando Pessoa** (cfr., por exemplo, Barro e Martínez 1989). Destaca-se igualmente a tendência para entender o poemário *Xende d’a Aldea* como uma **obra menor**: “[a] sua obra mais abundante e importante é a poética. E dentro desta, muito superior o escrito na variante portuguesa do que o escrito na variante galega”, segundo Alonso Estravis (2002: 176) ou, conforme Xosé Luis Méndez Ferrín (Méndez Ferrín 2005; *itálico nosso*), em relação a *Xente d’a Aldea*, “esteticamente digno ainda que *inferior* á súa obra portuguesa principal”.

Todavia, relativamente aos vínculos guisadianos com a/na Galiza, objeto principal da crítica galega, alguns estudos (desde diferentes perspetivas) apontam de alguma forma para o papel de intermediário do produtor em foco entre os galeguistas e os modernistas (Fernández del Riego 1988, Torres 2010: 76-78; cfr. Sáez 1999: 92 e ss.) e, sobretudo, entre os galeguistas e grupos e agentes portugueses nos inícios da década de 20 do século passado (Alonso Estravis 2002; também Molina 1990: 32-36).

Por último, anotamos o facto de Alfredo Guisado ter sido objeto de vários atos ou eventos de variado tipo que podemos classificar como de *reconhecimento* ou mesmo de *homenagem*. Os primeiros, aparentemente tendo mais a ver com o *republicanismo leal* já aludido, tiveram lugar em Lisboa: desde o 10 de outubro de 1977 há uma rua na capital portuguesa com o seu nome; ademais, na casa onde nasceu há uma placa comemorativa, descerrada em janeiro de 2000 (*vid.* Anexos, IX)¹³⁰. A partir do arquivo do Centro Galego de Lisboa, temos notícia ainda da conferência que Juvenal Esteves (de ascendência galega) ditou nesta instituição em 1991, sob o título “Alfredo Guizado: Poeta e Cidadão” (*vid.* Anexos, X); nesse mesmo ano, Juvenal Esteves intervém na

¹²⁹ O citado artigo foi, em verdade, publicado com ligeiras variantes em três ocasiões (ou quatro, se se incluir a entrada Alfredo Guisado da *Gran Enciclopedia Gallega*), a primeira em 1980 e a última de que temos notícia em 2002 (*vid.* Biblio.).

¹³⁰ Tiramos estas duas datas do blogue “Ruas de Lisboa com alguma história” (http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2013_02_01_archive.html; 27/05/2013, último acesso).

Colóquio/Letras com o artigo de *reconhecimento* “Alfredo Guisado: arte e cidadania” (Esteves 1991). Na Galiza, concretamente em Mondariz, ainda que presumivelmente organizado pela portuguesa associação Grupo Amigos de Lisboa (à qual esteve ligado como sócio fundador desde 1936¹³¹) foi objeto de uma homenagem em 2001 em que participou a sua filha Palmira Guisado (Alonso Estravis 2001). Muito perto de Mondariz, no Museu do Concelho de Ponte Arêas¹³², terra natal do pai, há um espaço dedicado a Alfredo Guisado (com visibilidade equiparável à de outras *personalidades* do município); na vitrine dedicada o produtor em foco (*vid.* Anexos, XII), acompanhada de uma placa explicativa, estão depositados: dois retratos de Alfredo Guisado (um em companhia do seu irmão, António Guisado), um exemplar de *Xente d’a Aldeia*, um desenho de Castelao de 1929 (*cfr. infra*) e um quadro¹³³. Ainda no relativo à Galiza, cabe destacar o facto de a última obra inédita do produtor em análise ser publicada pela editorial Laiovento da Corunha, em edição do Professor português José António Camelo (Guisado 1996). Por fim, relativamente ao centro galego de Lisboa, constatámos uma quase nula visibilidade de Alfredo Guisado, apesar, como já indicámos, de terem na sua biblioteca (sem catalogar) os livros daquele oferecidos pela família Guisado.

¹³¹ Segundo nos indicou amavelmente, via correio eletrónico, a Secretária de dita associação, M^a Amélia Gobern.

¹³² Rafael Sánchez Bargiela, há anos vinculado à biblioteca de Ponte Arêas, tem publicado artigos de variado tipo sobre os vínculos de Alfredo Guisado com a terra de origem familiar (Sánchez Bargiela 2004 ou 2009). Agradecemos aqui a Rafael Sánchez Bargiela (novamente) a disponibilidade mostrada para conversar sobre Alfredo Guisado e o agrarismo nas terras do Condado.

¹³³ Segundo Miguel Gonçalo Guisado (a CPJ) outros objetos de A. Guisado estariam em poder do Museu de Ponte Arêas: “foram doados livros, chapas da tipografia da capa de livros [...], os óculos, caneta”; por outro lado, não localizámos qualquer indicação na página web do Concelho de Ponte Arêas (instituição da qual depende a Biblioteca/Museu) acerca da atenção dedicada a Alfredo Guisado. Ironias do destino, o espaço guisadiano nesta instituição está ladeada pela vitrine dedicada a Gabino Bugallal y Araújo, um dos máximos representantes do caciquismo alvo de fortes críticas por parte de Alfredo Guisado. Agradecemos aqui a Gonzalo Fernández, funcionário do Museu, as amáveis explicações oferecidas.

4. Trajetória e intervenção de Alfredo Guisado 1910-1915

Pretendemos analisar neste capítulo a trajetória guisadiana à luz do estado dos campos em que intervém (o galego e português) assim como das relações que se estabelecem no espaço cultural ibérico, as galego-portuguesas em particular, entre 1910 e 1915; é nosso objetivo igualmente esclarecer o percurso guisadiano atendendo ao funcionamento do enclave galego de Lisboa e a imagem associada aos galegos e à Galiza em Portugal neste período. Como já indicámos, a divisão da nossa análise em dois períodos (capítulos 4 e 5) serve-se de dois parâmetros: a própria trajetória guisadiana e o estado dos campos em que intervém. Por um lado, entendemos haver mudanças significativas nas sucessivas tomadas de posição do produtor em foco de 1916/18 em diante; por outro lado, em relação direta com o percurso de Alfredo Guisado, a partir de 1916 o surto do galeguismo vai configurar, *grosso modo*, uma nova forma de funcionar do campo cultural galego, intensificando notoriamente os contactos galego-portugueses aos que não ficará alheio Alfredo Guisado.

4.1. Campo cultural galego (1910-1915)

O regime da **Restauración** (1876-1923), desenhado pouco depois da primeira experiência republicana espanhola pelo político conservador Cánovas del Castillo, se excetuarmos os casos do País Basco e Navarra e, a partir de 1914, o de Catalunha¹³⁴, caracteriza-se por estabelecer uma estrutura do Estado fortemente centralista que, para o caso galego, não contemplava na sua arquitetura, outras instituições político-administrativas para além do governo central, as câmaras municipais e as *provincias* criadas sob o influxo liberal e centralista do século XIX. Interessa destacar, por outro lado, o facto de sob o regime da Restauración o campo político espanhol estar presidido pelo denominado *turnismo* que, na prática, conferia o protagonismo e o controlo político ao Partido Conservador e o Partido Liberal, conhecidos na historiografia espanhola como os partidos *dinásticos* (cfr. Paredes 2004). Apesar das dificuldades pelas que atravessou (morte de Alfonso XII, crise de 1898, Semana Trágica de 1909, guerra com Marrocos, crise de 1917, irrupção dos nacionalismos sub-estatais, etc.) o regime da Restauración demonstrou uma importante capacidade de se prolongar no

¹³⁴ A situação do País Basco e Navarra é especialmente singular (até a atualidade) no quadro do Estado espanhol: estes dois territórios conservavam na altura (e conservam) alguns elementos diferenciais, de origem medieval, na sua relação com os governos centrais, nomeadamente em matéria de fiscalidade que, em grande medida, alimentaram a configuração do discurso nacionalista basco (cfr. Peláez 2001: 45). Por seu turno, a Catalunha conseguiria em 1914 com a Mancomunitat de Catalunya quebrar, em certo sentido, a lógica do estado centralista espanhol (cfr. Beramendi 2007: 418).

tempo (cfr. Andrés-Gallego 1991: 236). Com efeito, a Restauración é, até à atualidade, o período mais extenso da história constitucional do Estado espanhol.

A Galiza, durante todo o regime da Restauración (a partir de 1902 sob o reinado de Alfonso XIII), confrontar-se-á com o férreo controlo das estruturas do poder. Amparado num sistema de base *caciquil*, os partidos dinásticos “bloquearon de tal forma a representación galega, que en todo o período (1902-1923) ningún dos outros partidos puido estar presente no Congreso representando a Galicia, a non ser o maurismo” (Barreiro 2007a: 117)¹³⁵. O republicanismo, de facto, apenas terá alguma expressão em Ponte Vedra e, nomeadamente, na Corunha onde será a “forza política hexemónica [apenas] na vida municipal” (Villares 2004: 335). Este panorama geral não é exceção nas terras do Condado, zona sul da Galiza, com a qual diretamente se relaciona a família Guisado. Nesta zona, será a família Bugallal, já na altura “paradigma do caciquismo galego” (Hervés 1997: 214), quem irá exercer um controlo quase total desde as últimas décadas do século XIX até 1923; segundo Xosé Ramón Barreiro (2007a: 46):

En apenas sesenta anos, os Bugallal, unha familia de limitados recursos de Ponteareas, foron capaces de atravesar todas as capas sociais intermedias para entrar na elite económica, social e política de España cando Gabino Bugallal, logo de ser ver varias veces ministro, chegou a ser presidente do Goberno de España por uns días [...] e obtivo o Condado de Bugallal polos servizos prestados.

A citação ilustra em parte o funcionamento do sistema de base *caciquil*, assim como é suficientemente expressiva da relevância adquirida pela família Bugallal na zona de Ponte Arêas (e noutros distritos eleitorais) até 1923.

Cabe salientar ainda: (i) a vigência do fenómeno migratório na Galiza, (ii) o desenvolvimento do agrarismo e (iii) a complexa situação que atravessa o galeguismo. Quanto ao primeiro, o historiador Ramón Villares destaca: “Un factor decisivo na configuración da Galicia do primeiro terzo do século XX foi o fenómeno migratorio” (Villares 2004: 327). Segundo os dados manejados por Bieito Alonso Fernández, só no período 1911-1920 emigram para o continente americano perto de 330 mil galegos,

¹³⁵ Da intensidade deste controlo dá ideia o seguinte: segundo a Lei eleitoral de 1907 “nos distritos onde non resultasen proclamados candidatos en maior número dos chamados a sere elixidos, a proclamación dos candidatos equivalia á súa elección e releváboas da necesidade de someterse a ela”. Em aplicação direta desta legislação, nas eleições de 1910, 59,5 % dos 450.000 galegos com direito a voto não votou; nas de 1914 não exerceram o seu direito a voto um 61 % (Barreiro 2007a: 118-119).

representando 30 % do total de emigrantes do Estado espanhol; na década seguinte, serão quase 400 mil (Alonso Fernández 1997: 337). Relativamente a Lisboa como destino da emigração galega, segundo Domingo González Lopo (2008: 19):

A dura competencia da emigración americana, que xorde con forza en Galicia no derradeiro terzo do século XIX, non foi quen de abalar un destino ben afortalado co paso do tempo, e o reclamo das rúas lisboetas continuou a engaiolar co seu feitizo o ánimo de moitos mozos pontevedreses e ourensáns, aos que unha cultura da emigración fortemente asentada despois de séculos de práctica, asignaba un rol do que non era doado fuxir. É máis, o propio destino nas terras ultramariñas naquelas comarcas que tiveran en Portugal a súa terra de promisión durante séculos [...] veríase condicionado por tan longa experiencia, e Brasil –de xeito moi especial Salvador de Bahía– constituiría a meta preferida polos seus emigrantes ao Novo Mundo.

Quanto ao agrarismo, desde finais do século XIX e vigente até 1936, vai ser na prática a plataforma, não alheia a interesses partidários, que vai permitir aos camponeses organizarem-se a partir de sociedades ou sindicatos de base paroquial (cfr. Cabo Villaverde 1998: 45) para conseguirem finalmente a propriedade das terras, processo pelo qual “a cuestión foral atopará definitiva solución”, nomeadamente a partir do Decreto redencionista de Primo de Rivera de 1926 (Villares 1995: 169). Como movimento social, vai confrontar-se com importantes entraves à hora de dotar-se de uma organização unitária apesar dos esforços de, por exemplo, Basilio Álvarez, notório agente do movimento agrarista e impulsionador de uma das tentativas unificadoras, Acción Gallega (1912) (cfr. Cabo Villaverde 1998: 13 e 76 e ss.). Por outra parte, como já apontámos, é verificável a relação estreita entre o agrarismo e diversos coletivos galegos residentes no estrangeiro, também em Portugal. Neste sentido, entendemos de especial interesse para a compreensão da trajetória guisadiana a ligação entre os agraristas do Condado e o enclave galego de Lisboa. Aqueles, organizados desde meados da primeira década do século XX sob a direção do republicano Amado Garra (cfr. Cabo Villaverde 1998: 42; Hervés 1997: 219 e ss e 2000: 185 e ss.), fundador, por sua vez, do já mencionado *El Tea*, levarão a cabo diversas iniciativas visando especialmente disputar o domínio da família Bugallal. Deste modo, *El Tea*, subintitulado “decenario defensor de los intereses agrarios”, será o palco privilegiado dos ataques ao sistema vigente relativamente à zona do Condado, assim como do

envolvimento da colónia galega (inclusive a família Guisado) em todo este processo (cfr. *infra*).

Paralelamente, o galeguismo, denominado dentro da historiografia galega para esta altura *regionalismo*¹³⁶, experimenta, de um modo geral, uma difícil situação entre 1906 e 1916; verificável na incapacidade, por exemplo, em dar funcionalidade à sua primeira (e mais longeva) instituição, a Real Academia Gallega, criada em 1906 graças ao grupo galeguista da Corunha e ao apoio do enclave galego de Havana, ou na quase ausência de organizações próprias que, por sua vez, propiciariam, a partir de 1906, a participação em Solidaridad Gallega ao lado de republicanos e tradicionalistas, recriando assim o modelo triunfante de Solidaritat Catalana (cfr. Beramendi 2007: 347). Assim, entre 1912 e 1916, produz-se um “eclipse case total do galeguismo político” motivado pelo fracasso eleitoral de Solidaridad Gallega e o aparecimento de Acción Gallega, já citada (Beramendi 2007: 428).

Relativamente ao **emergente campo cultural galego**, após o surto do mesmo na segunda década do século XIX, experimenta, especificamente no período agora em foco, um processo de transição em sintonia com às dificuldades que enfrenta o galeguismo, o máximo interessado na articulação e desenvolvimento daquele. Deste modo, o emergente sistema literário galego, segundo a bibliografia manejada, é entendido como estando num “período de transición [...] como de estancamento cando non, abertamente de decadencia” (Vilavedra 1999: 150). Neste sentido, Ricardo Carvalho Calero reúne um conjunto de produtores sob a elucidativa denominação “Os epígonos” ou refere a “Literatura Postrenacentista” (Carballo 1981). Os argumentos utilizados para esta orientação analítica têm-se centrado nos repertórios literários em uso neste período, oriundos em geral do Renascimento literário galego do século XIX. Segundo Carvalho Calero (*id.*: 472):

Parte da mocidade galega foi modernista e castelá pola língua. Parte foi tradicionalista en galego. Un modernismo galego se non producíu. Foi mágoa. Ise ensaio representaria, cando menos, unha possibilidade de galvanización da literatura galega. Porque o romantismo e as diversas formas de realismo en que os epígonos se estancaron, eran fórmulas verdadeiramente esgotadas ás que nada importante se lles podía esixir.¹³⁷

¹³⁶ Por *regionalismo* entendemos uma das fases do galeguismo político (cfr. *supra*).

¹³⁷ Em sentido parecido analisa o percurso dos repertórios literários da altura a Professora Dolores Vilavedra (1999: 154):

Com efeito, os repertórios utilizados conferem-lhe “centralidade” ao “elemento folclorizante” (Torres s/d: 7¹³⁸), isto é, privilegiam-se temáticas (de longo percurso), no essencial, do mundo rural e de costumes a ele associados, reincidindo nas propostas repertoriais dos produtores tardo-românticos galegos.

Em análise mais ampla, Elias Torres utiliza para se referir a este período, nomeadamente entre as duas últimas décadas do século XIX e o aparecimento das Irmandades da Fala, a etiqueta *Sistema Literário Regionalista* (id.: 4; itálico no original):

Talvez as suas características fundamentais sejam as da sua precariedade, em todos os factores considerados, e a indefinição resultante das tensões que no seu seio se verificam. Uma indefinição centrada particularmente em dois aspectos fulcrais: a ubicação sistémica a respeito do polissistema espanhol; e, em grande parte como consequência desta ambiguidade, a diferente consideração sobre o carácter e expansão do sistema regionalista, a *baloïçar* entre dois extremos possíveis: a constituição de un subsistema espanhol ou a perspectiva de um polissistema galego. São factores como este [...] que nos decidem a falar de literatura regionalista galega e não de literatura galega. O caso da literatura no período nacionalista apresenta todavia um panorama mais complexo.

Assim, nomeadamente até as Irmandades da Fala, mas não só, no emergente campo literário em construção verificam-se diferentes tomadas de posição em que o horizonte desejado é um subsistema literário galego a respeito do espanhol frente a intervenções proto-sistémicas. A fundação da Real Academia Gallega em 1906 pode ser

A avaliación da produción literaria desta promoción suscitaria reiteradamente o debate aínda non pechado respecto ó grao de presenza do modernismo en Galicia; a opinión consensuada pola meirande parte da crítica é que parece inviable falar dunha versión galega do adoito consideramos como tal. As pegadas deste movemento foron recicladas no discurso literario galego, mesturadas con elementos autóctonos e diluídas coas aportacións doutros movementos.

Em sentido parecido analisa o período Arcadio López-Casanova (López-Casanova 2000: 134-135; itálicos no original):

tal *escritura*, tal constante da tradición, tal poder do *enxebrismo* e mailo *patrianismo*, son determinantes da razón da tardía da *poética da modernidade*, e por suposto, de que os grandes poetas da etapa [...] – caso de Cabanillas, caso de Noriega- sexan, nos comezos do século, *poetas esteticamente retrasados* [...] na evolución disa etapa e dises poetas, todo ó longo dise traxecto de transición, non se pode de feito falar de *modernismo*.

Para outro dos historiadores da literatura galega, neste período “prodúcese un baleiro a penas dissimulado por algúns nomes de menor talla” (Tarrío 1994: 193).

¹³⁸ Referimos aquí um trabalho inédito do Professor Elias Torres, fruto, em parte, da sua tese de doutoramento, *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, que amavelmente nos foi enviado. Dado tratar-se de um trabalho não publicado, e portanto não totalmente formatado para efeitos de publicação, as eventuais gralhas ou inexactidões nas citações do mesmo dever-se-ão logicamente a quem isto escreve.

interpretada neste segundo sentido apesar do escasso trabalho desenvolvido (cfr. Monteagudo 1999: 376 e Tarrío 1994: 192); isto é, como uma iniciativa que tem por objetivo a criação de instituições concorrentes com o sistema que se quer impugnar, o *referente de oposição*. Entre 1910 e 1915/8, período pouco frutífero para o galeguismo político, o emergente sistema literário galego não vai contar com instituições próprias, nem com grupos mais ou menos coesos. Alguns produtores, no entanto, intervêm, por exemplo, na importante revista **Vida Gallega**, adscrita ao regionalismo moderado, que, surgida em 1909, funcionará dentro do campo como defensora da tese subsistémica. Dizia já no primeiro número o seu diretor, Jaime Solá: “Gallegos somos y amamos sobre todas las cosas a la tierra gallega; pero fuimos siempre, somos y queremos ser españoles” (*apud* Vilavedra 1997: s.v. “Vida Gallega”).

Neste quadro, as tomadas de posição no emergente campo literário podem ser exemplificadas, entendemos, com a trajetória literária de **Ramón Cabanillas**¹³⁹. A sua produção é, em geral, adjetivada como *agrarista* até à sua vinculação com o programa ideológico das Irmandades da Fala (cfr. Vilavedra 1999: 157; Tarrío 1994: 194-195). De facto, o seu primeiro livro de poemas publicado, *No desterro* (1913), foi prefaciado pelo agente do agrarismo Basilio Álvarez, já mencionado. A este respeito é exemplificativo o facto de o Professor Anxo Tarrío na sua *Literatura galega*, perante os problemas de periodização, optar pela etiqueta “Etapa Agrarista” para o período que vai de 1900 até 1916 (Tarrío 1994: 192)¹⁴⁰.

4.1.1. O Balneário de Mondariz: iniciativas e galeguismo

Em função da notoriedade e visibilidade (também em Lisboa) que usufrui na altura e pelo facto de estar fisicamente na zona do Condado (espaço metropolitano preferente do enclave lisboeta, de Alfredo Guisado), importa referir a singular experiência galeguista do Gran Hotel Balneario de Mondariz. Instalações termais com

¹³⁹ Ramón Cabanillas (1876-1959), prolífico autor galego ligado nos primeiros anos ao agrarismo mas também ao regionalismo, com o que entraria em contacto no enclave galego de Havana, passaria a ser conhecido como o *Poeta da Raça* e teria uma relação muito estreita com a família Peinador de Mondariz. De facto, como se verá, o seu ingresso na Real Academia Gallega produz-se no Gran Hotel Balneario de Mondariz, propriedade da família Peinador. As publicações do estabelecimento termal acolherão em numerosíssimas ocasiões os poemas de Cabanillas (cfr. *infra*).

¹⁴⁰ Por outra parte, na *Historia da literatura galega*, a autora, Dolores Vilavedra, decide-se por introduzir a produção literária deste período sob a denominação “A literatura galega entre dous séculos” (Vilavedra 1999: 150), acolhendo, no essencial, a proposta de Xosé Luís Méndez Ferrín que tinha utilizado a designação “Ante dous séculos” para referir-se preferentemente a um conjunto de produtores “nados na década de 1870” (Méndez Ferrín 1990: 31).

prestígio a nível peninsular e mesmo internacional¹⁴¹, o *Balneário* de Mondariz, devido ao empenho da família Peinador, proprietária do estabelecimento, será durante todo o período de análise um caso singular de envolvimento da burguesia comercial no programa dos galeguistas; neste sentido analisa António Medeiros (2006: 110; itálicos no original) a relação entre os galeguistas e o *balneário* focando o período após o surgimento das Irmandades da Fala (cfr. *infra*):

[as] primeiras *performances* etnomiméticas em que os *hirmáns da fala* se envolveram tiveram como palco o mais luxuoso dos hotéis galegos da época, nas termas de Mondariz lugar de encontro de alguma da grande burguesia espanhola da *belle époque*. Os proprietários, abastados capitalistas de Vigo, eram simpatizantes dos ideais das *hirmandades* e, de algum modo, seus mecenas. (Na Galiza este foi um caso muito isolado de aproximação de grandes interesses financeiros ao discurso nacionalista, ao contrário do que aconteceu na Catalunha e mesmo no País Basco).

Funciona igualmente como espaço propício para a encenação das relações galego-portuguesas e das relações hispano-portuguesas. Em Pias, paróquia metropolitana da família Guisado, Enrique Peinador Vela, membro da Sociedad Arqueológica de Ponte Vedra, cria o primeiro museu etnológico galego em sintonia com os postulados dos galeguistas do século XIX (Pérez, Serrano e Vilar 1997)¹⁴² onde, com

¹⁴¹ Basta revisar *La Temporada* ou *Mondariz* (cfr. *infra*) para verificar os *seletos* hóspedes das instalações da família Peinador, como por exemplo a presença, em 1929, de John Rockefeller III destacado membro da *aristocracia* capitalista internacional (cfr. Ojea 2007). A beneficiar da primeira ponte sobre o rio Minho a ligar a Galiza e Portugal, entre Tui e Valença (1886), e o estabelecimento da linha férrea, serão particularmente numerosos os clientes (abastados) oriundos de Portugal. Segundo o historiador Xosé R. Barreiro Fernández (2006: 10; na altura Presidente da Real Academia Galega): “Os Peinador foron capaces de conciliar a modernidade económica e estética, a suntuosidade elitista que lle garantía unha clientela fixa e estabilizada de España, Portugal e de Europa [sic.], co sentimento da terra á que sempre foron fieis e o compromiso coa cultura galega”.

¹⁴² António Medeiros (2006: 110) chama a atenção para o que seria “primeiro museu etnográfico da Galiza, cuja coleção hoje está perdida”; segundo o historiador Clodio González Pérez (González Pérez 2011: 62), que situa a sua constituição por volta de 1903, foi “quizáis, tamén [o primeiro] en toda a Península”; em *La Temporada* podia-se ler “En Pías, la finca que D. Enrique Peinador tiene al lado de Mondariz, ha instalado un museo gallego, donde se guardan trajes, enseres, plantas, recuerdos del país” (*La Temporada*, 12/8/1917). Para os autores do artigo “El desaparecido museo de Pías en el Balneario de Mondariz” (Pérez, Serrano e Vilar 1997: 166) sobre a iniciativa dos Peinador (a modo conclusivo):

1. La creación del Museo de Pías fue un reflejo de la inquietud y filantropía de su creador [...] por dotar al Balneario [...] de una infraestructura complementaria a las actividades culturales que allí se desarrollaban y de sus propias convicciones ideológicas, identificadas plenamente con el regionalismo.
2. Puede ser considerado como el primer Museo Etnográfico creado en Galicia a comienzos del siglo XX [...]
3. Este museo viene a ser una confirmación de la inquietud suscitada a finales del siglo XIX y comienzos del actual por la cultura material y por los objetos de carácter *folklórico* o *etnográfico*, motivada por la necesidad intelectual de ensalzar y promocionar todo lo relacionado con la cultura

certeza, Alfredo Guisado teria ocasião e oportunidade de familiarizar-se com discursos *nobilitadores* do rural galego e os elementos a ele associados.

O estabelecimento termal editava duas publicações próprias: tanto *La Temporada en Mondariz* “Publicación semanal” (imprimia-se no *balneário*; 1888-1931) e *Mondariz* “Revista ilustrada mensual. Suplemento de *La Temporada*” (esta publicada em Madrid; 1915-1922) tinham como público-alvo os hóspedes do Gran Hotel Balneario de Mondariz (cfr. Vilavedra 1997: s. v. “Tempora de Mondariz, La” e “Mondariz”), mas não único, pois já no seu primeiro número, *Mondariz*, sob o título “Nuestros propósitos”, fixava os objetivos: “hacer patria” e “[e]sta obra va derecha a la atracción del turismo hacia Galicia” (*Mondariz*, 1/05/1915, p. 12). *La Temporada en Mondariz* e a revista *Mondariz* acolhem nas suas páginas numerosas intervenções de produtores galeguistas, nomeadamente de Ramón Cabanillas, como veremos mais à frente.

4.1.2. O enclave galego de Lisboa

O enclave galego de Lisboa experimenta desde finais do século XIX uma complexificação qualitativa notável (cfr. Anexos, III), sendo, em nosso entender, durante as primeiras décadas do século XX (e até 1936) que a sua progressiva **heterogeneização** assim como o seu crescente **fortalecimento** se fazem sentir com mais intensidade no espaço social português e na metrópole. Um indício evidente disto prende-se, se atendermos à fugacidade de muitas das iniciativas de institucionalização da emigração galega, à consolidação das duas instituições *macroterritoriais* inequivocamente vinculadas ao enclave: a Asociación Galaica de Socorros Mutuos, segundo *El Tea* com 1.088 sócios e um capital económico estimável em 1910 (*El Tea*, 26/03/1910, p. 2), e, desde 1908(-...), **Juventud de Galicia**. Relatava assim um destacado agente do enclave relacionado com a família Guisado, Ramiro Vidal Carrera, a fundação de Juventud de Galicia em *El Tea* (“De Lisboa. La Colonia Gallega”, *El Tea*, 13/03/1909, p. 2):

Un grupo de entusiastas, de gran voluntad, constituyeron, hace pocos meses, una Comisión para poner en práctica los ideales de que se hallaban poseídos. Esta Comisión, de la que yo era un modesto miembro, tuvo siempre por orientación la forma que hizo grandiosa á la importante y rica ‘Asociación Galaica’ de socorros mútuos. Esta es

gallega, inquietud que conduce a reunir, coleccionar y conservar objetos considerados hasta el momento como triviales o carentes de importancia o valor (itálicos no original).

genuinamente regional y nosotros para imitarla en su colosal progreso y creciente prosperidad, fundamos otra que tiende á ser el futuro ‘Centro Gallego’ pero esto no solamente en el nombre sino en la calidad ó significación de sus socios.

Por satisfechos podemos darnos. La modestia con que dimos comienzo á la hoy próspera ‘Juventud de Galicia’ ha merecido el aplauso de los hombres más potentados de la colonia que no tuvieron inconveniente en cooperar á los fines perseguidos por los modestos organizadores, seguros de que cuanto se conseguiera redundaría en provecho y honra de todos.

Ahora emprendemos por fin la ruta é iremos hacia un medio social más favorable y más propio de nuestros tiempos.

E mais à frente, invocando o exemplo *americano*:

Nuestros hermanos residentes en América nos dan múltiples ejemplos de los que valen, gracias á la unión y sinceridad que con loables fines practican. Imitémosles nosotros, puesto que aún es tiempo de corregir yerros y rutinas perjudiciales, y confiemos en el porvenir que para la colonia gallega de esta hospitalaria capital será indudablemente risueño.

Na extensa citação, destaca, ademais do óbvio entusiasmo e dos fins propagandísticos do texto, a presenza de um *regionalismo* incipiente que paira em muitas das atividades do enclave¹⁴³, o qual parece estar presente nos símbolos de

¹⁴³ Nos trechos prévios, que citamos a seguir, Ramiro Vidal Carrera dá noticia de uma tentativa de fundação de uma instituição macroterritorial anterior a Juventud de Galicia, frustrada, segundo interpretamos das palavras do Vidal Carrera, por não contemplar entre os seus potenciais membros apenas os oriundos da Galiza; há um acento regionalista, como já notámos, explícito em todo o artigo (sublinhados nossos):

Nadie desconoce el elevado número de galicianos que hay en esta capital lusitania, verdaderamente hospitalaria; y nadie desconoce tampoco que en lo que se refiere á amor á la cultura y altruismo social ha dado la Colonia, desgraciadamente, muestras de poca fé y de carecer de aquella firme y decidida voluntad que se precisan para las grandes empresas.

No es mi torpe pluma la llamada á estudiar la psicología de estos -como yo- llamados en nuestro agarimo terruño ‘Lisboanos’; pero á pesar de ello me limitaré á decir lo que á mi alcance está.

Las colonias compuestas de los hijos de las cuatro provincias gallegas en todas partes del mundo se distinguen, por muy reducido que sea el número de individuos que las constituyan. Cuentan con sociedades de toda especie, famosas algunas por su gran florecimiento, en las cuales el continuo trato hace efectivas la solidaridad y confraternidad que se precisan para poder luchar con bríos y hacerse respetar de los súbditos de los países que habitan. Es esto demasiado conocido pero lo cito por si puede servir de estímulo á la Colonia aquí residente. Nuestro destino nos aleja de la madre patria y por exigencias de la lucha por la vida pasamos lejos de ella lo mejor de nuestra existencia; consagrémosla á laborar por el bien de todos, alejando toda clase de egoismos y poniendo elevación de miras en las nobles empresas á que debemos dedicar nuestra actividad si queremos ser dignos émulo de nuestros hermanos que tambien luchan por el progreso en otras tierras. Si esto hiciéramos conseguiríamos, en primer término alejar á muchos de nuestros compatriotas de diversiones y actos que en verdad afean su conducta.

Juventud de Galicia, na bandeira, por exemplo, (*vid* Anexos, XI) ou nas atividades associativas realizadas no seu seio¹⁴⁴. Por outro lado, e quase como linha programática, os agentes do enclave interessados em dotar a colónia de instituições apelam frequentemente, como Ramiro Vidal Carrera (cfr. *infra*), ao exemplo dos enclaves galegos em América, espelho onde ver-se e modelo a imitar¹⁴⁵.

Paralelamente à complexificação e fortalecimento, a colónia galega de Lisboa confronta-se, no seu seio, no espaço social de acolhida e na sua relação com a metrópole, com novas e polémicas tensões que dizem respeito: (i) à própria organização institucional do coletivo composto pelos emigrantes oriundos do estado espanhol, (ii) à imagem negativa que dos galegos funcionava na Lisboa (em Portugal inteiro, aliás) da altura (cfr. *infra*) e, por último, (iii) às diferentes sensibilidades políticas dos seus membros. Em relação ao primeiro, segundo o corpus manejado, são numerosas e constantes as polémicas relativas, até praticamente 1936, relativamente à seguinte questão: os emigrantes procedentes do Estado espanhol deveriam de dotar-se de uma única ou de várias associações? Neste sentido, em 1908 podemos ler o seguinte em *La España Moderna*:

Con grandiosidad y opulencia se fundó aquí hace años la sociedad Centro Gallego que tuvo vida efímera. Yo no he de mencionar las causas de su disolución porque no quiero molestar á nadie con mis apreciaciones, pero sí he de manifestar que, á mi juicio, debemos los galicianos ir solos á todo género de empresas, porque sino nada conseguiremos; las entidades mixtas fueron siempre á la ruina por no ser posible aquella confraternidad á que antes me refería (*El Tea*, 13/03/1909, p. 2).

¹⁴⁴ A bandeira *histórica* de Juventud de Galicia está hoje exposta nas instalações de dita instituição, cuja legenda completa é “1908. Juventud de Galicia. 1912”; como se pode apreciar na fotografia em anexo, a bandeira parece mostrar como o enclave ensaia, faltando uma estável, com tradição ou oficial (na altura, a bandeira galega, hoje oficial, não seria ainda assumida nem conhecida unanimemente), uma simbologia própria a partir da bandeira espanhola e de elementos heráldicos vinculados às quatro *provincias* galegas; esta bandeira espelha de alguma forma, entendemos, a difícil relação do enclave com a(s) identidade(s). A *galegidade* de cariz regionalista parece ser ensaiada (seguindo o modelo do *Balneário* de Mondariz, porventura) através de atividades musicais (cfr. López 2005); assim, por exemplo, *El Tea* (17/07/1909, pp. 2-3; itálico no original) assinala:

Después de muchas tentativas, de mucha propaganda y de un asídúo batallar en pró de la creación de una sociedad puramente regional. [...]

‘Juventud de Galicia’ es el nombre de la primera sociedad de recreo que se fundó merced al entusiasmo de la gente nueva, de ideales, de iniciativas, gente del siglo XX que se ufana en propagar sus convicciones progresivas y radicales. [...]

Hace apenas seis meses que se ha fundado esta sociedad y ya tiene su *Tuna*, que por cierto toca admirablemente.

Na mesma crónica davam notícia do programa de uma das festas de Juventud:

1º Himno ‘Juventud de Galicia’

2º Wals ‘Aula’.- Motta.

3º Barcarola de ‘Cádiz’. –Chueca y Valverde

4º Alborada.-P. Veiga [autor do Hino galego]

5º Pasodoble ‘Hispano-Lusitano’.-Motta.

¹⁴⁵ Em 1910, podíamos ler em *El Tea*: “Nuestra colonia va á la vanguardia del progreso, tiene ideales y aspiraciones, como los tiene la de América” (*El Tea*, 30/04/1910, p.2).

En Portugal los españoles andamos faltos de ella [unión] y como consecuencia de esto, ni hay colonia ni hay españoles, ni existe mas que antagonismo [...] El Centro Gallego, muy digno de imitar por las demas regiones; pero es el caso que Galicia se concentra solo á defender su región (*La España Moderna*, 24/10/1908, p. 3)¹⁴⁶.

Esta e outras tomadas de posição terão as suas réplicas. Deste modo defendia Juventud de Galicia um destacado membro do enclave nas páginas de *El Clamor Español* sob o título “Juventud de Galicia. Ante la Colonia Española”:

Los [...] que de cuando en vez somos objeto de befa y comparaciones *rocinantes*, también tenemos *corazoncito* y no podemos soportar la nostalgia del terruño [Apelo à] fecundidad literaria y científica de tantos gallegos que sentaron catedras en todos los ramos del saber humano, *menos en la tauromaquia* (*El Clamor Español*, 14/04/1909, p. 1; itálicos no original, sublinhados nossos).

Na própria Juventud de Galicia este assunto foi objeto de discussão em 1913 aquando de uma reforma dos estatutos; o correspondente de *El Tea* identificava no seio da associação dois grupos, o “regionalista” e o “españolista” (*El Tea*, 1/11/1913).

Quanto à **adscrição política** dos membros do enclave cabe destacar: (i) a heterogeneidade destes¹⁴⁷, (ii) o facto de 1910 ser instaurada a República Portuguesa, problematizando de este modo a posição dos emigrantes procedentes, lembre-se, de um regime monárquico como o espanhol e (iii) o especial interesse que os republicano-agrарistas metropolitanos (também dos galeguistas a partir de 1916/18) demonstram pelo enclave.

Relativamente ao dois últimos fatores expostos, as páginas do semanário *El Tea* são altamente reveladoras de como o enclave, ou uma parte significativa dele, se

¹⁴⁶ *España Democrática* tomava posição em sentido parecido:

Nuestro legítimo deseo de ser portavoces de la opinión hispana, no será obstáculo para que un día y otro día pidamos á todos los paisanos aunen sus esfuerzos para llegar á la federación de todos los centros españoles, sean gallegos ó castellanos, que á todos nos una la bandera patria (*España Democrática*, 10/02/1912, p. 1).

¹⁴⁷ Seguindo, em parte, a análise de Domingo González Lopo (2011[: 15-18]), a orientação ideológica ou política dos membros do enclave pode panoramicamente descrever-se assim: (i) uma parte da elite próxima de posições conservadoras representadas pelos *caciques* metropolitanos, evidenciada de alguma forma na atenção que *Vida Gallega* dedica ao enclave em 1910 (*vid.* Anexos, XXIII); (ii) “otro sector de este grupo de elite [que] había oscilado hacia posturas más progressistas [ligando-se] directamente con el republicanismo moderado” (*id.*[: 16]), entre os que estaria claramente a família Guisado (*cfr. infra*); e (iii) os “gallegos pertenecientes a los sectores sociales más desfavorecidos [que] comienzan a asumir y defender ideales republicanos, socialistas y anarquistas, destacando algunos de ellos como líderes” em associações de classe vinculadas ao setor serviços (*id.*[: 18]).

relaciona com a sua metrópole (e vice-versa) e quais os interesses e ideias em jogo. *El Tea*, empresa jornalística abertamente republicana e agrarista, dirigida pelo republicano Amado Garra, surge em 1908 financiada também pelo enclave galego de Lisboa¹⁴⁸; entende, conseqüentemente, o **enclave como uma fonte de recursos** de variado tipo (*materiais e não materiais*) e, dentro das suas possibilidades, vai dar prioridade desde os seus inícios ao contacto com a colónia galega de Lisboa. Após a instauração da República em Portugal, *El Tea* dá conta das iniciativas vinculadas ao republicanismo em Lisboa, visibilizando assim (de forma interessada, evidentemente) a nova República vizinha no Reino de Espanha¹⁴⁹. Deste modo, por exemplo, em 1911, em “Desde Lisboa” (seção estável do semanário) o correspondente dá notícia de uma “Asamblea” celebrada o dia 14 (março?) para protestar contra as manobras conspiratórias contra a república Portuguesa na imprensa galega (*El Tea*, 8/04/1911). Pouco depois, o correspondente informa enfaticamente da visita do director de *El Tea* a Lisboa (que já tinha estado em Lisboa em 1910¹⁵⁰); num dos banquetes lisboetas oferecido ao político galego estaria o jovem Alfredo Guisado. Significativamente, entre a 1ª e a 2ª viagem de Amado Garra a Lisboa, temos notícia da presença na capital portuguesa, também em visita à colónia, de destacados agentes do regime político vigente no Estado espanhol da altura (isto é, monárquicos), como noticiou a influente revista *Vida Gallega* (cfr. Anexos, XIII). Parece evidente que o enclave galego de Lisboa, agora fortalecido,

¹⁴⁸ Segundo Henrique Hervés Sayar, os republicano-agraristas chefiados por Amado Garra começam a organizar as primeiras Sociedades de Agricultores no Condado a partir de 1903, contando significativamente, a partir de 1910, com o apoio da emigração; segundo Hervés Sayar (1997: 219; sublinhado nosso):

O renacemento da actividade societaria non se produciría ata comezos da década seguinte. O protagonismo desta mundanza había corresponder daquela ó mundo da emigración. Este irrompería, en primeiro lugar, coa aparición na vida local dun sector acomodado novo e alleo ás tradicionais redes clientelares do bugallismo. Alejo Carrera ou Antonio V. Guisado, comerciantes residentes en Lisboa; os irmáns Barcia Boente, enriquecidos durante o *boom* caucheiro amazónico; ou Saturnino Piñeiro Groba, comerciante instalado en Bos Aires, son os representantes máis significativos deste colectivo que contribuirá economicamente á posta en marcha do semanario antibugallista *El Tea*, en 1908, baixo a dirección do mesmo Amado Garra.

António Venâncio Guisado é em 1910 um *Lisboano* em ascensão e pai de Alfredo Guisado (cfr. *infra*).

Por outro lado, o tom amigável ou até laudatório com que *El Tea* trata durante os seus primeiros anos a colónia galega de Lisboa é bem patente já no seu primeiro número (*El Tea*, 5/10/1908, p. 3; itálico no original):

[na colónia] hay quien posee saneada fortuna, un nombre en el comercio, en la ‘Asociación Galaica’, contribuye con su óbolo á toda clase de suscripciones, protege á sus convecinos y pone empeño en que su establecimiento sea el más *chic* y confortable en honra de la Región gallega.

¹⁴⁹ Sublinhamos, com carácter geral, o interesse dos republicanos espanhóis por dar visibilidade ao exemplo luso; segundo Hipólito de la Torre (2002: 71), citando o conde de Romanones, para os republicanos espanhóis “la caída de la monarquía lusitana abrió por un momento ‘grandes esperanzas’, confiando en “los sentimientos de solidaridad y en el contagio”.

¹⁵⁰ Na sua capa informava o semanário galego: “‘El Tea’ en Lisboa. Recibimiento entusiasta.- Obsequios y visitas á nuestro Director.- Homenaje en ‘Juventud de Galicia’.- Ovociones y aclamaciones”.- Despedida colosal por la colonia gallega” (*El Tea*, 23/04/1910) (*vid.* Anexos, XV).

importa a vários grupos, a vários interesses. Em 1912, segundo *El Tea*, surge em Lisboa uma comissão de emigrantes, entre os quais o pai de Alfredo Guisado, António Venâncio Guisado, a favor do novo regime republicano português e contra a proteção concedida aos monárquicos na Galiza (*El Tea*, 15/07/1911). Nesse mesmo ano, em Julho de 1912, coincidindo com as incursões militares desde a Galiza do militar monárquico Paiva Couceiro (cfr. *infra*), encontramos um manifesto da colónia onde esta se distancia frontalmente das simpatias monárquicas metropolitanas e de qualquer suspeita de conspiração; o manifesto acaba com um expressivo: “Viva Portugal, Viva la Republica Portuguesa” (*El Tea*, 27/7/1912; *vid.* Anexos, XIV)¹⁵¹.

Vinculadas na sua maioria aos interesses (republicano-)agraristas metropolitanos cabe assinalar ainda o surgimento de outras **instituições de carácter microterritorial** no seio do enclave que, apesar do seu funcionamento *ad hoc* (isto é, temporariamente e, muitas delas, ao serviço do agrarismo¹⁵²), mostram a vitalidade do enclave, em geral, e as vincadas relações deste com os agraristas metropolitanos, em particular. A *Colonia de Ribadetea* (1916), *Comité Agrario de Padrones* (1916), *Comité Auxiliar de la Sociedad de Agricultores de Areas* (1913), *Unión Agraria del Partido Judicial de Ponteareas en Lisboa* (1915), *Sociedad de Socorros Mutuos, Educación y Progreso Vidense* (1915), *Naturales de Porriño* (1907), *La Luz de los Tres Ribartemes* (1917) ou *Sociedad Pro Escuela Unión del Porvenir para Taborda y Piñeiro* (1922), são algumas das assinaladas por Vicente Peña (2002: 253-254), entre as quais várias às que o produtor em foco esteve estreitamente ligado (cfr. *infra*).

Cabe apontar ainda as várias **publicações periódicas** que surgem desde 1908 e durante os primeiros anos do período em análise neste capítulo, assim como a sua

¹⁵¹ Segundo Domingo González Lopo (2011[: 20]) as críticas de *Vida Gallega* a algumas das medidas dos republicanos portugueses “merecieron una dura reacción de la colonia, que interpretaron aquella actitud como un apoyo a la política involucionista de Paiva Couceiro. Desde entonces la colonia gallega, muy presente en las páginas del semanario vigués, desapareció por completo de ellas, pasando aquel a centrarse exclusivamente en las comunidades gallegas de América”. O apagamento do enclave lisboeta em *Vida Gallega* pode ser entendido também como um indício relevante acerca do consenso no seio daquele relativamente à prática de uma atitude de, no mínimo, não beligerância para com o novo regime português. Por outro lado, como assinalou Hipólito de la Torre (2002: 63), nas difíceis relações entre o Reino de Espanha e a jovem República Portuguesa nos inícios da década de 10, frente às acusações lusas de prestarem apoio aos monárquicos sublevados desde a Galiza, “Madrid [...] replicaba con la exigencia de poner coto a las actividades antimonárquicas desarrolladas en Portugal por el republicanismo de la colonia española”.

¹⁵² Miguel Cabo Villaverde (2001: 175) substantiva, para o caso da emigração americana nomeadamente, o facto de as organizações macroterritórias se distanciarem “dun compromiso coas empresas agraristas por temor a prexudica-la cohesión interna e de desamigarse coa Administración”. A análise de Cabo Villaverde ajuda a entender o recurso à constituição de organizações microterritórias mas também explica, em parte, as contínuas chamadas para a *não politização* no seio Juventud de Galicia encontradas em todo o período de análise desta Tese.

tendência republicana maioritária¹⁵³. As citadas ou *España y Portugal* (1913), como já apontámos, são expressão da vitalidade do enclave assim como contribuem significativamente para a configuração do mesmo.

Por último, destacamos o facto de muitas destas publicações, singularmente *España y Portugal*, onde intervém Alfredo Guisado, assim como *El Tea* (ou outras muitas publicações agraristas da altura) ou a própria *Vida Gallega* acolherem nas suas páginas produtos literários repertorialmente *folclóricos* em galego.

4.2. Campo cultural português (1910-1915)

Face à aparente solidez da Restauración espanhola, a instauração da **República Portuguesa** em 1910 (após mais de seis séculos sob o regime monárquico), baliza inicial do nosso objeto de estudo, implica uma série de mudanças marcantes para o devir de vários campos do espaço social português, também no que diz respeito ao campo cultural. Muito provavelmente uma das constantes do novo regime luso mais saliente é a instabilidade que vai progressivamente acentuando-se até o golpe de estado de 1926, gorando (até 1974) assim um caminho de signo democrático iniciado em 1910. A **instabilidade** referida assenta, *grosso modo*, na (i) divisão interna entre as forças republicanas e (ii) na fortaleza dos grupos opositores com diferentes programas ideológicos que conseguem hostilizar a nova República com notório sucesso (cfr. Ramos 2010: 577 e ss.), pois o “nascimento da contra-revolução foi quase imediato à proclamação da República” (Torre e Marques [1982]: 28).

Logo após o 5 de outubro de 1910, data da instauração do novo regime, é patente uma divisão no seio do Partido Republicano Português ao qual vai vincular-se Alfredo Guisado nesta mesma década, ao Partido Democrático chefiado por Afonso Costa concretamente; ao lado deste, concorrem também no campo do poder o Partido

¹⁵³ O primeiro testemunho encontrado é o de *La Espanha Moderna* (1908), subintitulado “Periódico Republicano Independiente”, que afirma em artigo programático na capa do primeiro número: “[Somos] Republicanos sin dobleces, componendas, ni flogedades [...] defensores de un ideal sacrosanto que encierra de por si la salvación de la patria española” (*La España Moderna*, 10/10/1908, p. 1). Expressivamente, na mesma página o segundo artigo leva por título “Una monarquia agonizado”. Marcelino Gomez Arias, director de *La España Moderna*, vai dirigir também *El Clamor Español* em 1909 também de inspiração republicana. Em 1912 surge *España Democrática*, subintitulado “Periódico Defensor de los intereses Morales y Naturales de la Colonia”; evidenciado a sua vinculação aos postulados republicanos metropolitanos (a vigorar dalguma forma em Portugal), tinha por objetivos, entre outros: “combatir el caciquismo y la reacción; todo ello será preciso para ejercer la severa critica que merece el régimen que padece Espana, por culpa de falsos democratas” (*España Democrática*, 10/02/1912, p. 1). Um ano antes, segundo Ignacio Chato, seria fundado no Porto um “centro republicano español” (Chato 2004: 316). Como se pode ver, aparentemente, alguns dos agentes da colónia aproveitam a situação política portuguesa para a intensificar a propaganda republicana no seio da colónia.

Evolucionista dirigido por António José de Almeida e a União Republicana comandada por Manuel Brito Camacho. Serão estes três partidos que irão dominar o campo político português durante quase toda a década de 10 (cfr. Ramos 1994: 486)¹⁵⁴. Cabe destacar ainda o facto de se verificar uma certa continuidade no perfil socioeconómico dos agentes que vão liderar a implantação da República¹⁵⁵, assim como a existência de alguns pontos programáticos comuns às diferentes facções republicanas; segundo Rui Ramos (2010: 598-599), os objetivos do republicanismo passavam por:

Tendo identificado o Catolicismo como uma das causas principais do atraso do país, tentaram que os portugueses encontrassem consolação e ânimo numa nova religião da pátria, por vezes imaginada como um Cristianismo laicizado. Por isso, tentaram afastar as populações da tutela do clero: foi esse o sentido principal, quer do registo civil obrigatório, quer do direito de divórcio para todos os casamentos [...] Para ‘fazer’ o povo, os governos instauraram vigorosamente o culto dos símbolos nacionais (o desrespeito pela bandeira ou pelo hino passou a ser crime) e a comemoração das efemérides republicanas¹⁵⁶ [...]. Associações republicanas promoveram publicações, congressos e conferências.

Esta defesa e popularização do novo regime e os valores a ele associados também se realizaram com recurso ao estabelecimento de fortes laços com agentes do campo cultural português (Ramos 1994: 433; cfr. *infra*) e à criação de condições, mercê à nova legislação, para um aumento significativo no número jornais, “em geral órgãos dos diversos partidos” (Tengarrinha 1999: 260), como o *República* fundado e dirigido por António José de Almeida ou *O Intransigente* cujo director foi, até 1915, Machado Santos¹⁵⁷.

¹⁵⁴ Rui Ramos acrescenta ainda: “Os programas partidários, apesar de algum esforço de originalidade, eram quase os mesmos” (Ramos 1994: 486; matizadas em Ramos 2010: 577-58). Esta nota ajudará a entender, parece-nos, a virulência de algumas das tomadas de posição que visarão, em muitas ocasiões, antes de mais, atacar as posições pessoais.

¹⁵⁵ A este respeito, o historiador Rui Ramos (2010: 583; *itálicos nossos*) afirma:

na Assembleia Constituinte eleita em 1911, como em todos os parlamentos desde 1820, 90 por cento dos deputados tinham um curso superior e 36 por cento vinham da Faculdade de Direito de Coimbra; predominavam advogados, médicos e empregados civis e militares do Estado. A *mudança* que os republicanos representavam *era ideológica, não sociológica*.

Note-se neste sentido o facto de em 1915, já na altura com interesses no campo político como se verá, Alfredo Guisado iniciar os seus estudos de Direito em Lisboa.

¹⁵⁶ Para o sociólogo Guilherme Pereira (Pereira 2011: 20): “Um certo culto cívico –com valores, heróis, celebrações próprias e alternativas aos católicos até então exclusivos e oficiais- foram encetados: cortejos a celebrar a República, Camões, o Dia da Árvore”

¹⁵⁷ O quadro geral do jornalismo português a partir de 1910, apesar de significar em grande medida uma continuação do panorama de finais do séc. XIX, segundo Mário Matos e Lemos (Lemos 2006: 37), caracteriza-se pelo predomínio dos “jornais republicanos, muitos a durarem pouco [...] mas não tardam a surgir as dissensões entre os políticos republicanos e os jornais das diversas facções digladiam-se,

Juntamente às divisões internas, o republicanismo português teve em frente, desde a primeira hora, a oposição de diversos grupos, entre os quais se destacam os monárquicos ou neo-monárquicos. Como já anotámos, a República enfrentou militarmente as incursões monárquicas do ex-governador de Angola Henrique Paiva Couceiro em 1911 e 1912 desde a Galiza, apoiado e/ou consentido pelas autoridades espanholas (cfr. *infra*). O apoio concedido pelo regime espanhol aos conspiradores monárquicos explica as reticências da jovem República face à Monarquia vizinha, mas também a necessidade do enclave galego de Lisboa, como vimos, de distanciar-se de quaisquer suspeitas de atividades contrárias à República¹⁵⁸. Esta ainda em 1915 teve de resistir à nova tentativa golpista monárquica no Norte de sangrento desfecho (cfr. Ramos 2010: 594) e, ao longo da sua existência, à hostilidade da Igreja, “mais integrada e combativa” (*id.*: 599) após a promulgação da Lei da Separação¹⁵⁹.

Este quadro, rapidamente delineado, complementa-se igualmente com relevantes lutas no **campo cultural português** no período agora em foco (e, como se verá, em todo o contemplado nesta Tese), cujo espaço físico de encenação será, como até a altura, principalmente Lisboa e, em menor medida, Porto e Coimbra¹⁶⁰. A instauração da República em 1910 significou mesmo o “início do século XX

insultam-se, atacam os jornais monárquicos e católicos que voltavam a publicar-se [...] reflectindo perfeitamente a desordem que imperava na sociedade”. É neste quadro que surge o já citado *España Democrática* (1912) e, igualmente, ainda que com uma difusa tendência republicana, *España y Portugal* (1913).

¹⁵⁸ Segundo Hipólito de la Torre (2002: 51):

Aunque la situación y los movimientos de los rebeldes monárquicos en Galicia [em 1911] no fueron cómodos, consiguieron sostenerse durante cerca de año y medio, gracias a una mezcla de tolerancia y negligencia de las autoridades de la vecina monarquía, desde la innegable cobertura dada por Alfonso XIII, su entorno cortesano y algunos ministros [...] hasta la descarada complicidad de caciques gallegos y autoridades locales, como el gobernador de Orense [sic].

¹⁵⁹ O antagonismo entre o programa republicano e a Igreja enforma a primeira das “doze tensões ideológico-filosóficas que [...] configuram o quadro geral do pensamento português na I República”, segundo Miguel Real, ilustrada sob a epígrafe “Pensamento republicano anticlerical de Afonso Costa versus pensamento católico de Ferreira Deusdado e Gonçalves Cerejeira” (Real 2010: 13).

¹⁶⁰ Como em décadas anteriores à implantação da República, Portugal continuou marcado com o que Carlos Leone denomina “sociedade dual” (Leone 2005: 33), caracterizando, interpretamos, para além de um Portugal como um espaço de um assinalável desequilíbrio entre um litoral urbano do Centro e Norte do país face ao resto do território, um modelo de configuração do campo do poder, e dos outros campos, em que a pertença a um ou a outro espaço físico, territorial, é determinante. Deste modo, Lisboa (também Porto e Coimbra), é o palco obrigatório em que se encenarão quase todas as lutas pelo centro dos campos (cfr., p. ex., Quadros 1989: 78); do mesmo modo, os lisboetas *de juri* ou *de facto*, serão maioritariamente os protagonistas. Repare-se na expressão de um dos políticos republicanos mais destacados nos primeiros anos da República: João Chagas dizia desta que se tinha “formado em Lisboa e imposto ao País pelo telégrafo” (*apud* Torre e Marques [1982]: 17).

português” (Leone 2005: 26)¹⁶¹ e, nitidamente, a intervenção de novos grupos e interesses no seio do campo cultural e, portanto, no campo literário português. Para o entendimento deste, temos em consideração o facto de a “vida literária portuguesa não [ter] em 1910 um princípio de organização” como refere o historiador Rui Ramos, ao qual não é alheio o desprestígio da Academia das Ciências (Ramos 1994: 537) que, por sua vez, é sintoma de um alto grau de heteronomia do campo, perfeitamente inteligível no *Inquérito Literário* lançado por Boavida Portugal (cfr., por exemplo, Leone 2005 ou Torres 2007) desde as páginas do jornal *República* e depois publicado em livro em 1915 (Portugal 1915).

De aberta filiação republicana¹⁶², o *Inquérito Literário*, visando patentear as repercussões literárias derivadas implantação do novo regime, é altamente esclarecedor (relativamente ao campo republicano, em particular) acerca dos grupos, ideias e interesses em jogo a partir de 1910 no campo literário português; programaticamente, Boavida Portugal introduzia na “Sinfonia de abertura” as seguintes questões (*id.*: 6): “E os livros andarão bem possuídos de idéas novas que seja preciso sagrar na alma do povo? e quem nos garante a nós que a revolução política entrou já nos livros, revolucionando as idéas?”. Partindo do quadro desenhado pelas várias intervenções reunidas no *Inquérito Literário*, destaca-se para os primeiros anos da década de 10: (i) a emergência da Renascença Portuguesa, com Teixeira de Pascoaes à cabeça, (ii) frente aos *velhos* republicanos¹⁶³.

¹⁶¹ Para Carlos Leone, seguindo de perto Boaventura Sousa Santos ou José Gil, “Portugal deu no século XX um salto da pré- para a pós-modernidade, ou seja, conheceu um processo de modernização acelerada, reestruturando-se socialmente em menos de um século (entre 1910 e 1986) através de uma adesão a uma imagem de Europa – a da Modernidade ocidental, liberal e universalista” (Leone 2005: 30).

¹⁶² A proposta do inquérito parte, significativamente, da identificação de passado e Monarquia com *decadência*, e presente e República com *renascimento* (Aguiar e Silva 1995: 143); na introdução, afirmava o compilador (Portugal 1915: 5 e 7):

A dois anos de um facto histórico, que cremos propulsor de uma nova ordem de ideias, e tendo-se inquirido largamente da vida económica e social do país, justo e até necessário era que se inquirisse também da sua vida literária [...] A monarquia dos últimos anos foi um regime que viveu rodeado de instituições republicanas. Por cada igreja uma escola. Assim cresceram estas que afogaram aquela. O conflito necessariamente havia de produzir uma nova maneira de pensar dentro da sociedade portuguesa, tatuando os novos espíritos.

¹⁶³ Miguel Real parece abordar este antagonismo entre *novos* e *velhos* na 2ª das doze tensões que descreve; segundo este investigador (Real 2010: 15-17) “O positivismo de Teófilo Braga e Júlio de Matos *versus* o providencialismo de Sampaio Bruno”.

Segundo Carlos Leone (2005: 27), os *velhos* estariam vinculados à Geração de 90 que ocupa nesta altura, nos inícios da República, as posições mais centrais, tanto no campo do poder, como no cultural; sob esta etiqueta dos *velhos* figurariam, por exemplo, Adolfo Coelho, “distinto filólogo e lente da Faculdade de Letras” (Portugal 1915: 74), Gonçalves Viana, “um dos intelectuais portugueses que maior consideração merecem” (*id.*: 58), ou Júlio de Matos “*que em todo país é bem conhecido como um sábio, em amizade com muitos sabios estrangeiros*” (*id.* 13; *itálicos no original*). Os “novos escritores”, assim denominados

A **Renascença Portuguesa**, fundada como associação no Porto em 1912, tem como órgão de expressão *A Águia* a partir desse mesmo ano¹⁶⁴; de afincada filiação republicana¹⁶⁵, tinha por objetivo, segundo podemos ler no “Estatuto” publicado no primeiro número da revista (2ª série): “A Sociedade tem por fim promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.” (*A Águia*, 1/01/1912). Nesse mesmo número, Teixeira de Pascoaes, diretor literário da revista, esclarecia (Pascoaes 1912: 1; itálicos no original):

O fim d’esta Revista, como órgão da “Renascença Portuguesa” será, portanto, dar *um sentido* às energias intelectuais que a nossa Raça possui; isto é, colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de puderem realizar o ideal que, n’este momento histórico, abraça todas as almas sinceramente portuguesas: -Criar um novo Portugal, ou melhor resuscitar a Patria Portuguesa, arrancá-la do tumulto onde a sepultaram alguns séculos de escuridade e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram.

Ao lado do ecoar ainda do Ultimatum, é nítida uma vontade de incidir, de influenciar o novo regime republicano que deveria trazer consigo novos valores e significar um *renascer* em/de Portugal. Por outro lado, cabe apontar a centralidade (e visibilidade) que Teixeira de Pascoaes e outros produtores vinculados à Renascença Portuguesa alcançam até o fim da década (e não só) no campo literário português; um indício claro desta centralidade parece-nos ser o interesse de grupos galegos, espanhóis e catalães pelo contacto com aqueles, que, em parte, já anotamos (cfr. *infra*).

Este *renascer* ou a *saudade* destes *novos* será alvo de acesa polémica nas próprias páginas do *Inquérito Literário*, por causa, nomeadamente, das reservas apontadas pelos *velhos*, aparentemente ciosos de perderem a centralidade no campo. É este o caso do virulento Júlio de Matos relativamente às propostas dos da Renascença Portuguesa (Júlio de Matos *apud* Portugal 1915: 18; itálicos e negrito nossos):

por Boavida Portugal (*id.* 1915: 7), “estavam maioritariamente com Pascoaes” (Torres 2007: 350; cfr. Aguiar e Silva 1995: 143).

¹⁶⁴ Se bem que a revista tinha aparecido a 1 de dezembro de 1910, quase com a própria República, teve no total cinco séries e desaparece em 1932 (Pires 1996: 40; cfr. Santos 1990). Ligada também à Renascença Portuguesa estava a revista portuense *Vida Portuguesa* dirigida por Jaime Cortesão até que desapareceu em 1915 (*id.* 1996: 369). Da vitalidade da Renascença Portuguesa dá notícia a tiragem média de 1800 exemplares da revista ou os 250 livros publicados entre 1912 e 1924 (Torres 2007: 349).

¹⁶⁵ Rui Ramos não duvida em afirmar que a Renascença Portuguesa esteve “sempre ao serviço do governo de Afonso Costa” (Ramos 1994: 534). Aliás, o grupo distinguiu-se por apoiar a participação de Portugal na I Guerra e mesmo, através da sua editora, publicou vários livros de memórias sobre a guerra, como o de Jaime Cortesão *Memórias da Grande Guerra* (de 1919) (cfr. Lopes e Saraiva 1996: 968).

- Ora, em que se baseia essa renascença? na saudade? Mas isso póde lá ser! A saudade é, por sua natureza, um *sentimento depressivo*. A saudade é a recordação de uma pessoa querida que nos faltou. Cultivar a saudade é *amarrar-se ao passado*, é alimentar um *estado mórbido*, é ajudar a *definhar mais a raça*.

Todos esses *rapazes* cantam tristezas, maguas que êles proprios criam; mas isso não é modo de renascer.

O rechaço frontal de Júlio de Matos à Renascença Portuguesa¹⁶⁶ teve, por sua vez, resposta na “II Parte” do volume onde figuram as réplicas dos “novos”. Entre outros, responderá Teixeira de Pascoaes¹⁶⁷ defendendo a *sua Saudade*¹⁶⁸ e atacando frontalmente aquele (*apud* Portugal 1915: 175; itálicos nossos):

Mas o *sábio* ilustre [Júlio de Matos] não se contentou em ser *ignorante* e *vaidoso*: chegou mesmo a insultar os colaboradores da ‘Águia’, que é o órgão da ‘Renascença’, classificando-os de ordinários. Moralmente, intelectualmente? Não sei. Sei que essa injúria grosseira é ainda a sua vaidade, tão cega que nem se importa mesmo de descer...

¹⁶⁶ As resistências às tomadas de posição da Renascença Portuguesa tomam forma também, entendemos, através de um silêncio aparentemente propositado; assim, por exemplo, em *Características da litteratura portuguesa* na edição de 1915, Fidelino de Figueiredo nem refere aos d’A *Águia* (Figueiredo 1915); alguns anos mais tarde, na 3ª ed. do mesmo estudo, acrescenta (1923: 49-50; itálico no original):

Este mysticismo [o de Oliveira Martins] não morreu, muito pelo contrário, revela-se com intensidade apreciável na litteratura contemporânea, principalmente na poesia, que reclamando-se de pantheismo, de saudosismo e de philosophismo, é um inilludível testemunho da desordem de muitos espíritos, da sua confusão, da suspensão das suas idéas em vagas expressões *litterarias*. O mysticismo repugna a critica, porque a crítica é analyse e investigação de valores, e elle confina-se na synthese leviana e na apologia encomiastica; o mysticismo, assim confuso e superficial, tambem não cultiva a sinceridade —essa grande virtude moral, intellectual e civica —porque a sinceridade é a sua própria condennação.

¹⁶⁷ Teixeira de Pascoaes havia feito no seu texto uma defesa dos “novos”, citando vários nomes de produtores literários (Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Leonardo Coimbra, etc.) e havia afirmado que estes e outros produtores “criaram em Portugal uma poesia profundamente portuguesa e original. Eles bebem a sua inspiração no mais intimo veio religioso da alma lusitana, criadora da Saudade, a *Virgem do Desejo e da Lembrança*, nascida do casamento do Paganismo com o Cristianismo” (Teixeira de Pascoaes *apud* Portugal 1915: 30; itálicos no original).

¹⁶⁸ Teixeira de Pascoaes definia assim a Saudade no primeiro número de *A Águia* (2ª série):

A Saudade é Viriato, Afonso Henriques e Camões desmaterializados, reduzidos a um sentimento, postos em alma estréme. A Saudade é o proprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia*, a *emoção reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e ceu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essencia religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedótico de simples *gosto amargo de infelizes*.

É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; n’ela resurgiremos, porque ela é a propria Renascença original e creadora (Pascoaes 1912: 2; itálicos no original).

O campo literário português de 1910 em diante nutre-se igualmente de grupos e agentes que têm em comum a hostilização do novo regime¹⁶⁹. Significativamente, Rui Ramos (2010: 596; negritos nossos) intitula “Continuidade socio-económica e **guerra cultural**” uma das epígrafes dedicadas à instauração da República Portuguesa na sua *História de Portugal*. Segundo este historiador, frente aos grupos e agentes republicanos (*id.*: 601-602):

as universidades, salões e cafés das grandes cidades rapidamente começaram a ser dominadas por literatos contrários ao regime: ‘democratas-cristãos’ [Manuel Gonçalves Cerejeira ou António de Oliveira Salazar]; ‘nacionalistas’, à moda da *Action Française*, como o crítico Alfredo Pimenta e os fundadores do chamado Integralismo Lusitano - os escritores António Sardinha, Luís de Almeida Braga, José Pequito Rebelo, Hipólito Raposo e Alberto Monsaraz e o músico Luís de Freitas Branco-, que produziram a revista *Nação Portuguesa* (1914) e o diário *Monarquia* (1917).

Com efeito, a partir de 1913 surge o auto-intitulado Integralismo Lusitano que, aproveitando as tréguas do regime republicano, viria a congregar os agentes mais radicalmente opostos ao novo sistema político e que eram, na sua maioria, monárquicos, com destaque para António Sardinha, autor, em 1915, de *O valor da Raça* (Ramos 1994: 541 e ss.). A partir de 1914 conta com o seu próprio órgão de expressão, *A Nação Portuguesa* (em 1916 aparece também ligada a este grupo *Ideia Nacional*, dirigida pelo monárquico Homem Cristo Filho e desde 1917 contará também com um jornal diário, *A Monarquia*), que veiculará as suas posições políticas e culturais¹⁷⁰. As implicações deste movimento nos sistemas cultural e literário podem ser esclarecidas desde o que José António Seabra Pereira denominou *neo-romantismo lusitanista*. Assim, este autor destaca como características principais: o catolicismo tradicional, a crença na decadência nacional ao lado da “exaltação das virtudes e grandezas patrióticas”, o historicismo e o

¹⁶⁹ Para Lopes e Saraiva 1996: 960, o republicanismo seria a linha divisória do campo literário português: A proclamação da República em 1910 [...] ocorre no meio da bifurcação do neo-romantismo academizante do princípio do século em dois veios que então correspondem ideologicamente, nas suas grandes linhas, à divisão entre monárquicos e republicanos e, nas suas leituras francesas, àqueles que se haviam situado de um modo reaccionário ou de um modo progressista na célebre Questão Dreyfus. Tal bifurcação, aliás flutuante em diversos casos individuais, origina, por um lado, as correntes designadas como *neogarrettismo*, *lusitanismo*, *nacionalismo*, *integralismo*, e que aqui agruparemos sob a designação de *passadistas*; e por outro lado a *Renascença Portuguesa* e o *saudosismo* (itálicos no original).

¹⁷⁰ O Integralismo Lusitano, para Rui Ramos (2010: 602) “foi o movimento de maior sucesso, conquistando liceus e universidades. Os jovens literatos com vontade de chocar tinham-se tradicionalmente declarado republicanos até 1910: agora, ‘existe um snobismo perfeitamente oposto e o chique é ser-se monárquico’”.

ruralismo; inclui sob esta etiqueta produtores como António Sardinha, Alberto de Monsaraz, Augusto de Santa Rita, José Agostinho ou Guilherme de Faria, entre outros (Seabra Pereira 1983: 863 e *passim*).

De uma perspetiva mais geral, sem deter-nos agora no surto do primeiro modernismo português (que, por incidir largamente na trajetória guisadiana, trataremos isoladamente no capítulo seguinte), José António Seabra Pereira (1983: 849) para caraterizar o campo literário português, assim como os repertórios em uso, no primeiro quartel do séc. XX, utiliza a expressiva etiqueta “tempo neo-romântico” com o intuito de exprimir: a presença do moralismo, da sinceridade do poeta, do “discurso torrencial e a poética da sobreabundância emotiva”, reaparece o “mito do poeta inspirado e vate” assim como se verifica uma acentuada “exaltação nacional” (*ibid.*). Além do *neo-romantismo lusitanista* já citado, Seabra Pereira descreve mais duas correntes: (i) “neo-romantismo vitalista” e (ii) o, nucleado por Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, “neo-romantismo saudosista”; segundo Seabra Pereira (*id.*: 858 e ss.) esta corrente caraterizar-se-á pela “dimensão metafísica [...] inerente à poesia”, o antipositivismo e anti-racionalismo, o anticosmopolitismo, o anticlericalismo, ao lado de um “neo-sebastianismo”, “nacionalismo visionário” e duma “concepção da literatura como factor de regeneração pátria”, onde a *saudade*, especialmente a arquitetada por Teixeira de Pascoaes, será um elemento de repertório central¹⁷¹.

Por último, com Elias Torres (2007: 351-352; *itálicos no original*), entendemos, para além do progressivo aumento do protagonismo dos da Renascença Portuguesa e o fortalecimento dos grupos contrários ao novo regime, um estado do campo literário em que a poesia funciona “*como género literário privilegiado*”, o teatro ocupa uma posição secundária, ao passo que Eça de Queirós, Antero de Quental ou António Nobre, produtores já falecidos, mantêm ainda uma importante visibilidade¹⁷².

¹⁷¹ A mesma saudade que criticava com violência Júlio de Matos, será para os saudosistas, o “centro [...], fonte e [...] força catalisadora [...] entre o vate e a raça” (Seabra Pereira 1983: 860). O produtor mais empenhado na propaganda da saudade será Teixeira de Pascoaes que, segundo Prado Coelho, “iniciou a cruzada saudosista, expondo ardorosamente as suas ideias políticas, filosóficas e estéticas, simbolizadas pela saudade” (Prado Coelho 1999: 20). Por outra parte, convém notar o sucesso que teve a *saudade*, nas suas várias interpretações, como elemento identitário no Portugal atual e também, com os matizes necessários, na Galiza; a este respeito lembrem-se as relações que o seu mentor manteve com agentes do emergente campo cultural galego (Torres 2008; cfr. *infra*).

¹⁷² Desvalorizando aparentemente a trajetória da Renascença Portuguesa, segundo Rui Ramos neste período (1994: 537):

não havia grandes correntes estilísticas que pudessem servir de princípio de solidariedade entre os novos escritores, como, noutros tempos, tinham sido o realismo ou o simbolismo. Todos estavam numa disponibilidade vaga, com os poetas a gerir a herança de António Nobre e o resto sem saber

4.2.1. Os primeiros modernistas. O Grupo de *Orpheu*

Em função da trajetória guisadiana, dedicamos a seguir um espaço próprio ao surto do primeiro modernismo português. Não podemos, no entanto, deixar de referir a dificuldade maior que implica debruçar-se sobre a irrupção do modernismo em Portugal em virtude das tendências interpretativas já esboçadas no capítulo 2 e a metodologia utilizada nesta Tese; de um modo geral, como vimos, a inteligência do primeiro modernismo português na década de 10 está problematicamente, entendemos, condicionada pelo reconhecimento que alguns dos produtores vão receber a partir de finais da década seguinte e até a atualidade.

A dia de hoje, parece-nos ponto assente nos estudos literários o entendimento do denominado Grupo de *Orpheu* como sendo de alguma forma liderado por Fernando Pessoa (sensivelmente mais velho que quase todos os seus colegas). Este, retomando o referido mais acima, participa no *Inquérito Literário*¹⁷³ e em 1912 na revista *A Águia* (também Mário de Sá-Carneiro, Armando Côrtes-Rodrigues, Coelho Pacheco e Augusto de Santa-Rita); estas intervenções assinalam de alguma forma os primeiros passos dos que viriam a ser considerados os primeiros modernistas portugueses: sob o título genérico “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”, e dentro ainda das margens da Renascença Portuguesa, Fernando Pessoa observa um “segundo Renascimento da poesia portuguesa”; assim mesmo “encontra os sinais desse novo período: a ideação vaga, subtil e complexa representará a combinação perfeita de onde sairá o poeta máximo, o super-Camões, que protagonizará a mudança literária”, começando assim a vasta teorização, basilar no primeiro modernismo português (Júdice 1986: 11 e 12). A partir de 1912, os *órficos* vão, com questionável sucesso, tentar posicionar-se no campo literário português através de várias e polémicas tomadas de posição.

muito bem o que fazer, a não ser escrever crónicas jornalísticas com a ironia de Eça ou o vocabulário de Fialho...

Por outro lado, anotámos sumariamente a seguir 3 das “doze tensões” apontadas por Miguel Real (2010) que, entendemos, ilustram parcialmente o que até aqui temos descrito: “O individualismo modernista de Almada Negreiros versus o nacionalismo tradicionalista de António Augusto Carvalho Monteiro”, “O neo-romantismo de Guerra Junqueiro versus o modernismo de Fernando Pessoa” e “O nacionalismo lírico de Teixeira de Pascoaes versus o nacionalismo vanguardista e messiânico de António Sardinha”.

¹⁷³ Cuja elaboração Fernando Pessoa deveu acompanhar de perto dada a relação que mantinha com Boavida Portugal e as contínuas visitas que realizava à redação da revista *Teatro* dirigida por este e na qual colaborava Fernando Pessoa (cfr. Pessoa 1966: 41); por outro lado, na Biblioteca Digital de Fernando Pessoa, recurso em linha da Casa Fernando Pessoa, figura um exemplar do *Inquérito Literário* com dedicatória de Boavida Portugal: “A Fernando Pessoa / ao camarada inteligente e leal” (http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-452/1/8-452_item1/P5.html).

A primeira tomada de posição dentro do campo literário do grupo em formação desde 1913 que de alguma maneira encena a rutura com a Renascença Portuguesa¹⁷⁴, vem a público com o aparecimento da revista *Renascença* (fevereiro de 1914) dirigida por Carvalho Mourão, “amigo íntimo dos componentes de *Orpheu*” (Lisboa 1990: s. v. “Mourão, Fernando Carvalho”); em *Renascença*, intervêm Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Alfredo Guisado. O primeiro participa com o poema “Pauis”¹⁷⁵, que dará lugar a um dos vários *ismos* pessoanos(/*órficos*), o *paulismo*, entendido por Nuno Júdice (entre outros), como o “nascimento da ruptura formal do Modernismo relativamente à literatura da época” (Júdice 1986: 34). Note-se que para Apolinário Lourenço a *Renascença* é uma revista do “movimento paúlico” (Apolinário Lourenço 2003: XVII) o qual, se assim for, e apesar da presença de um destacado *velho*, Júlio Dantas (com “Os Cravos Vermelhos”), não deixaria de mostrar a fraqueza do grupo em formação que não consegue ir além de um único número. Em todo o caso, em 1914 já estaria, *grosso modo*, formado o grupo, Alfredo Guisado inclusive. Além do cosmopolitismo (Ramos 1994: 642), os membros do grupo de *Orpheu* caracterizam-se por uma ambígua posição política (cfr. *infra*), “certo aristocratismo de comportamento, que os distingue dos ideais democráticos da República”, “uma origem de classe elevada a que, nalguns casos, correspondia uma vida económica sem problemas” e “uma formação intelectual superior” (Júdice 1986: 14).

Em geral, o Grupo do *Orpheu* parece ter ideado vários projetos de intervenção no campo literário português, quase todos apenas tentativas, conceberam inclusive um plano de internacionalização das suas tomadas de posição (cfr. *infra*); entre os projetos

¹⁷⁴ Que, por sua vez, é patente desde as páginas d’*A Águia* com críticas negativas a textos de Carvalho Mourão e, nomeadamente, de Mário de Sá-Carneiro (*A Confissão de Lúcio e Dispersão*, os dois de 1914) (cfr. Júdice 1986: 54). Por outro lado, a primeira notícia explícita onde aparece referido o Grupo do *Orpheu* e a sua revista que registámos é, significativamente, uma escassa nota sem assinar sobre o *Céu em fogo* de M. de Sá-Carneiro:

Contém este volume 8 novelas, das quaes algumas já foram lidas na *Águia*. São, como toda a prosa do Autor, cheias de originaes extravagancias que o fazem um dos mais notados escritores da moderna escola do Orfeu. Aos editores, Monteiro & C.^a agradecimentos pelo exemplar que nos enviaram (*A Águia*, 43, julho/1915; sublinhado nosso).

António Quadros entende assim a rutura pessoana com os da Renascença Portuguesa (Quadros 1989: 80; itálicos no original; cfr. Seabra 1994: 268):

Sabemos que Pessoa se afastou da *Renascença* [Portuguesa] e da colaboração na *Águia* em finais de 1914, não só por se sentir magoado com os seus dirigentes pela demora excessiva em lhe publicarem um texto literário [...], mas também [...] por se sentir cada vez mais distante do *saudosismo* e do *lusitanismo*, e cada vez mais próximo da afirmação modernista.

Ainda sobre o mesmo assunto, Apolinário Lourenço afirma “Não obstante a ruptura com *A Águia*, o Paulismo pessoano não visava, na sua origem, muito mais do que radicalizar as tendências estéticas do movimento liderado por Pascoaes, incluindo a própria componente nacionalista” (Apolinário Lourenço 2003: XIV).

¹⁷⁵ Na revista com o título “Impressões do Crepúsculo” (cfr. Pires 1996: 303) datado em 19/03/1913.

não realizados temos notícia do projeto de publicação de uma revista *interseccionista* intitulada *Europa* (cfr. Lourenço 2003: XIX), uma “Antologia do Interseccionismo” que Fernando Pessoa descreve em carta a Côrtes-Rodrigues (cfr. Júdice 1986: 47) ou o livro *Arco de Triunfo* (Martins 2008: s. v. “*Arco de Triunfo*”). Sim conseguem, porém, lançar dois números da revista pela que ficaram conhecidos sendo, com mais relevância aqui, inequivocamente um projeto exclusivamente do grupo. Deste modo, a *Orpheu* sai a público a 26 de março de 1915, convocando um rechaço consensual no meio literário lisboeta; teve, no entanto, sucesso imediato no que se refere exclusivamente à divulgação (cfr. Ramos 1994: 645), aliás, Júlio Dantas na *Ilustração Portuguesa* (a 19/05/1915) chega mesmo a questionar a excessiva atenção dada pela imprensa sob o título “Poetas Paranóicos” (Júdice 1986: 84)¹⁷⁶. Com efeito, as críticas surgiram rapidamente, como a que segue de Júlio de Matos (*apud* Júdice 1986: 61; sublinhado nosso):

Os colaboradores do *Orpheu* nunca se revelaram como literatos senão em manifestações idênticas às que enchem as páginas da revista, e daí o não ser possível ajuizar do seu valor. O que se conclui da literatura dos chamados poemas subscritos por Mário de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Álvaro de Campos e outros é que eles pertencem a uma categoria de indivíduos que a ciência definiu e classificou dentro dos manicómios, mas que podem sem maior perigo andar fora deles...

Novamente, vemos Júlio de Matos desde o centro do campo cultural, como antes havia feito com a Renascença Portuguesa, insistir na equação *modernistas* igual a *loucos*, afim às apreciações de Júlio Dantas (cfr. Aguiar e Silva 1995: 145), rechaçando, portanto, desde o campo republicano a proposta *órfica*. Neste estado de coisas, o grupo de *Orpheu* apenas consegue acolhida em publicações situadas na periferia do sistema: *Galera* (dirigida por Garcia Pulido e Tito Bettencourt, “amigo de Sá-Carneiro, o qual por seu intermédio lá publica vários poemas”; Martins 2008: s. v. *Galera, A*”), *Alma Nova* (dirigida por António Júdice Bustorff Silva, colega de Faculdade de António Ferro e Augusto Cunha; cfr. Leal 1994: 33) ou *O Jornal* (dirigido por Boavida Portugal) (cfr. Júdice 1986: 61-65).

¹⁷⁶ O também médico Júlio Dantas passava por ser na altura um especialista no assunto; tinha apresentado em 1900 a tese de formatura em Medicina *Pintores e Poetas de Rilhafoles*. Consequência direta da tomada de posição de Júlio Dantas a respeito dos *malucos* de *Orpheu* será o ataque do famoso *Manifesto Anti-Dantas* (1915), que terá sido cogitado por Almada trás a representação da peça de J. Dantas *Sóror Mariana* em outubro de 1915 (cfr. Martins 2008: s. v. “Manifesto Anti-Dantas”).

O segundo e último número da revista *órfica* publicado sai em fins de junho do mesmo ano sob a direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro e sem, significativamente, participação guisadiana. Mas esta nova tomada de posição não pode ser analisada sem ter em consideração os acontecimentos que pouco depois iriam acentuar as críticas contra os modernistas. A 5 de julho, Fernando Pessoa (baixo o anonimato de um dos seus heterónimos, Álvaro de Campos), envia uma carta ao jornal *A Capital* com o intuito de devolver o ataque feito desde as páginas desse jornal ao Grupo do *Orpheu*, onde ironiza sobre o acidente que Afonso Costa tinha sofrido a dia 3 de Julho¹⁷⁷. Esse mesmo 3 de Julho, Raul Leal distribui por Lisboa um panfleto que visa também o mais influente político português da altura. Raul Leal e Fernando Pessoa, nas expressivas palavras de Nuno Júdice (1986: 105), “vão desencadear a fúria da República”, fragilizando ainda mais a posição dos modernistas, como prova o distanciamento de Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros¹⁷⁸ das palavras de Álvaro de Campos que recolhe *A Capital* (*id.*: 112-113) além de, como veremos mais à frente, Alfredo Guisado e António Ferro. Com este panorama, ao que deve somar-se a falta de recursos, o número 3 de *Orpheu*, apesar dos esforços de Fernando Pessoa, não chega a publicar-se¹⁷⁹. Contudo, membros do Grupo de *Orpheu* intervirão ainda em *Exílio* (abril de 1916, número único), revista dirigida por Augusto de Santa-Rita ou *Centauro* (outubro de 1916, número único) dirigida por Luís de Montalvor, inclusive em *Portugal Futurista* (1917, número único e apreendido pela polícia), esta já com uma proposta repertorial em estreita ligação com os movimentos de vanguarda europeus,

¹⁷⁷ Segundo refere *A Capital*, as palavras de Pessoa seriam: “De resto seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo numa hora tão deliciosamente mecânica em que a Providência Divina se serve dos carros eléctricos para os seus altos ensinamentos” (*apud* Júdice 1986: 111; itálicos no original). Repara-se a este respeito na existência de uma campanha de solidariedade para com o acidentado e que sob o consulado de Pimenta de Castro (até 14/05/1915) os contrários ao regime republicano (nomeadamente os monárquicos) tinham conseguido fazer-se ouvir com mais intensidade (*id.*: 105).

¹⁷⁸ Almada Negreiros, segundo *A Capital*, além de discordar com Álvaro de Campos, *descobre* publicamente o heterónimo pessoano e alega um “manifesto estado de embriaguez” como causante da afronta (Júdice 1986: 113). Utilizamos propositadamente o *descobre* em itálico pois já em abril desse mesmo ano, na revista *Alma Nova* tinha sido evidenciada a identidade real de Álvaro de Campos (*cfr.* *Alma Nova* 7, abril/1915, p. 6).

¹⁷⁹ Dentre os colaboradores da frustrada *Orpheu* 3 estaria Albino de Menezes que Robert Bréchon atribui erradamente como “pseudónimo de Guisado” (Bréchon 1996: 298).

Por outro lado, para Apolinário Lourenço (2003: XXV):

Se durante o ano de 1916 Pessoa procura, sem grande êxito, projectar o Sensacionismo, o ano seguinte parece ser o da rendição. Gorada a tentativa mais consistente de lançar o terceiro número de *Orpheu*, virá a lume em 1917 o primeiro e único número *Portugal Futurista*, de que são mentores Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, imediatamente apreendida pela polícia. Pessoa, é claro, colabora na publicação dirigida pelos seus companheiros, mas o próprio título já sugere a sua perda de influência sobre uma geração que agora se afirmava, orgulhosamente, futurista.

nomeadamente o futurismo de Marinetti. Assim as coisas, por volta de 1918 parece ter-se apagado de alguma forma o primeiro modernista português (lembre-se o suicídio de Sá-Carneiro em 1916).

Em suma, a tomada de posição *órfica* obteve desigual sucesso e maior controvérsia no seio do campo literário português em 1915 e anos seguintes. Como já apontámos por meio da receção de Júlio Dantas, a visibilidade que obtiveram com a publicação de *Orpheu* foi notória como indicia também, por exemplo, o satírico folheto *Orpheu. Afina a lira*¹⁸⁰. Ora a leitura do campo na altura mostra, por um lado, as fraquezas do grupo fortemente debilitado desde meados de 1915, e, de uma perspectiva mais ampla e substantiva aqui, um rechaço frontal dos grupos centrais (nomeadamente dos republicanos¹⁸¹) do campo literário da altura. A própria trajetória guisadiana, como veremos, irá mostrar, em parte, a fragilidade (e até marginalidade) do Grupo de *Orpheu* nos anos centrais da primeira década republicana no campo literário português. Este rechaço não parece alheio às tendências políticas da maioria dos produtores envolvidos em *Orpheu*, o qual implica, entendemos, um fraco grau de autonomia do campo literário a respeito do campo do político ou do poder. Neste sentido convém anotar o facto de a trajetória política de muitos dos agentes implicados no primeiro modernismo português (cfr. *supra*) caraterizar-se por uma certa ambiguidade política em ocasiões e, noutras, numa aberta hostilização do regime republicano (nomeadamente o dos democráticos de Afonso Costa¹⁸²); lembrem-se a este respeito os vários produtores (José Pacheco, Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor e Amadeu Sousa Cardoso) implicados em *Orpheu*, por exemplo, colaboradores também da revista monárquica *A Ideia Nacional*; expressivamente, Manuela Parreira da Silva (Silva 2010: 30), referindo as incompatibilidades de muitos dos *órficos* com a República e os republicanos, afirma:

¹⁸⁰ No Anexo XVI reproduzimos a “Introdução” do folheto onde, como se pode verificar, a *Orpheu* aparece explícita e sarcasticamente citada, o qual evidencia a repercussão pública da tomada de posição *órfica*; desconhecemos a autoria ou a procedência do folheto (*O Século Cómico?*). Por outro lado, através da correspondência entre M. de Sá-Carneiro e F. Pessoa sabemos que foram várias os textos de variado tipo a visar os de *Orpheu*; escrevia, neste sentido, o primeiro desde Paris a 23/08/1915: “— Pelas coisas que me diz terem saído vejo que se lavou bastante do *Orfeu* — muito sintomático do sucesso a venda pública — logo: como ‘negócio’ — dum panfleto sobre o caso [...] *O Século Cómico* convém examiná-lo sempre. Achei graça ao ‘Pablo Perez futurista-electricista’” (*apud* Silva 2001: 195).

¹⁸¹ O próprio Teixeira de Pascoaes dirá “a poesia de *Orpheu* era coisa a que faltava seriedade, simples malabarismos de *jongleurs* atraídos” (*apud* Pires 1996: 265).

¹⁸² Contra este, F. Pessoa dedicaria mais tempo e espaço do que o folheto antes mencionado:

O antiafonsismo de Pessoa-Campos está também bem vincado nas páginas que escreveu, à volta de 1915, para um projectado e inacabado opúsculo, *A Oligarquia das Bestas*, destinado a criticar a classe política dominante. Uma das figuras-alvo é Afonso Costa, considerado um ‘tirano de caca’, sem talento nem cultura, exemplo típico de um ‘reaccionário de espírito, mas adulator do povo’. (Martins 2008: s. v. “Costa, Afonso”; cfr. Silva 2010).

“REPÚBLICA E MODERNISMO SÃO [...], em Portugal, dois irmãos gêmeos desavindos”. Assim as coisas, passada a inicial polémica, especialmente jornalística, as tomadas de posição *órficas* cairão no esquecimento¹⁸³; segundo de Elias Torres (2007: 351-352), a leitura do campo vai nesta direção:

Quanto a Albino de Meneses, Villa-Moura, Pessoa, Sá-Carneiro, Almada-Negreiros eram considerados pelo geral representantes dumha rapazidada, para alguns carne de psiquiatra, a quem poucos ligavam e menos levavam a sério. A *Orpheu* só sairia em Março de 1915, reforçando nos seus críticos a necessidade de atenção médica.

Por último, note-se o singular sucesso da equação *modernistas* igual a *loucos* (cfr. Aguiar e Silva 1995: 145), tese que em grande medida triunfou no campo cultural da altura presumivelmente graças às críticas frontais de Júlio Dantas (outrora colaborador de membros do Grupo) e ao igualmente médico Júlio de Matos; este entendimento dos *órficos* teria mesmo “bloqueado” o uso pelos próprios modernistas da denominação *modernista* (Aguiar e Silva 1995: 147) e, diga-se de passagem, teve um longo percurso se repararmos na bibliografia pessoana de José Blanco¹⁸⁴.

4.3. Relações intersistémicas

O assunto, não temos dúvidas, é altamente complexo e relaciona-se com muitos e variados elementos, aos que aqui apenas nos podemos aproximar panoramicamente. Deste modo, a partir, no essencial, de bibliografia secundária, concebemos a seguir uma análise sumária do estado das relações citadas, cujas linhas de força nutrem-se, em nosso entender, de: (i) os efeitos obstaculizadores derivados, em geral, do antagonismo político hispano-luso desde 1910, que, por sua vez, (ii) irá alimentar problemáticamente

¹⁸³ Informa deste esquecimento, por exemplo: Fidelino de Figueiredo nem na 1ª nem na 3ª edição de *Características da literatura portuguesa* refere o Grupo do *Orpheu* diretamente (apenas, em ataque direto aos “novos”, nomeadamente à Renascença Portuguesa, cita também na mesma linha pejorativa o “nascimento dum super-Camões”; Figueiredo 1923: 50); por outro lado, José-Augusto França fornece um dado que, em grande medida (apesar das reservas necessárias), ilustra este esquecimento: em 1928, o jornal *ABC* publica uma “lista dos doze autores portugueses mais popularizados” entre os quais não se encontra o nome de nenhum dos produtores envolvidos no primeiro modernismo português (França 1983: 823). Como já apontamos, só a partir de fins da década de 20 é que F. Pessoa e outros vão ser objeto de atenção e reconhecimento. Deste modo, consequentemente, “[e]m 1917 [sic.], Almada Negreiros *esmagou* a literatura oficial com o célebre ‘Manifesto Anti-Dantas’” (Ramos 2010: 602; *italico* nosso) ou outras asseverações do género não escapam à problemática já aludida; em verdade, parecem ser os *órficos*, entre eles Almada Negreiros, os *esmagados* pelo centro do campo literário.

¹⁸⁴ No vol. II, são numerosas as epígrafes relacionadas com questões mentais ou médicas: “Análises psicanalíticas”, “Análises psiquiátricas”, e dentro destas, por exemplo, “Esquizofrenia”, “Loucura” (esta com 41 referências), “Paranóia”, etc. (Blanco 2008a: 17-18).

o imaginário português acerca da Espanha e dos espanhóis; (iii) apesar do qual, há relevantes relações entre os sistemas literários em jogo, (iv) destacando-se nesta altura, e mais à frente, os interesses e as tomadas de posição de grupos adscritos às emergências catalã e galega.

Apesar de nem sempre aparecer mencionado na bibliografia consultada acerca das relações literárias/culturais no espaço cultural ibérico para o período em análise nesta Tese (cfr. *supra*), não parece errado entender as relações intersistémicas da década de 10 como fortemente condicionadas pelo **antagonismo político** que implicou a instauração da República Portuguesa em 1910. A partir desta data e até, *grosso modo*, o fim da década, produz-se, seguindo o historiador Hipólito de la Torre (2002: 72), um “progresivo deterioro de las relaciones luso-españolas [e] los hechos irán insertándose en un escenario de marcada – aunque soterrada- hostilidad entre los dos regímenes ibéricos”. Esta *hostilidade* está vinculada ao “temor revolucionario” em Madrid perante os acontecimentos portugueses desde 1908, ao receio de a revolução alastrar à monarquia espanhola (*id.*: 70). Será, no entanto, a apreensão portuguesa perante os mal disfarçados planos intervencionistas do regime espanhol, nomeadamente do monarca Alfonso XIII (Vicente 2003: 15), que mais acentuadamente irão problematizar o contacto hispano-luso. Junto à, por vezes, ambígua posição inglesa (ou à aberta adesão da Alemanha de antes da 1ª Guerra Mundial), segundo Hipólito de la Torre (*id.*: 83-84):

está fuera de duda [...] que los deseos de atajar la anarquía portuguesa (antes y después de la proclamación de la república) se mezclan sistemática y expresamente con claros designios de unión ibérica.

E mais à frente (*id.*: 86 e 111):

el ahondamiento de la crisis portuguesa [foi] ocasión y pretexto de los propósitos iberistas de la monarquía alfonsina. Por otra parte, es efectivamente designio, pero no un proyecto perfilado ni, desde luego, un plan concreto de acción.

el objetivo de iberización de Portugal fue avanzando a medida que iba acentuándose la degradación de la situación interna del Estado vecino.

Os *propósitos iberistas*¹⁸⁵, em expressão do autor citado, foram nestes anos o assunto também de *Nuestro abrazo a Portugal* de Luis Antón del Olmet (1912) ou de *El Imperialismo* de Vicente Gay (1914) (Rocamora 1994)¹⁸⁶. Neste quadro, as incursões de signo contra-revolucionário do monárquico Paiva Couceiro desde a Galiza, já mencionadas, irão problematizar especialmente o relacionamento hispano-luso; repare-se no facto de os monárquicos emigrados terem tentado por duas vezes, outubro de 1911 e julho de 1912, despoletar em Portugal a chama anti-republicana, desde a Galiza, o qual seria de todo impossível sem o apoio das autoridades espanholas; em palavras de Mayone Dias (1996: 776):

Ao contrário do que se poderia ter suposto, a implantação de um sistema republicano em Portugal em 1910 não favoreceu a aceitação dos ideais iberistas. A Espanha mantém-se como uma monarquia conservadora durante toda a segunda década do século e a protecção que concedia aos monárquicos portugueses, exilados no país vizinho, para desde a Galiza lançar incursões armadas sobre território português certamente consolidou a animosidade lusa contra o governo espanhol.

Com efeito, as tensas relações hispano-portuguesas a partir de 1910 (e até finais da década) vão provocar o rechaço frontal do oitocentista iberismo por parte dos republicanos lusos (Santos Pereira 2007: 36), que, expressivamente, declaram (uma semana após a proclamação da República) o 1º de dezembro (data da Restauração portuguesa face ao domínio filipino em 1640), primeiro feriado criado pelo novo regime, como o dia dedicado à bandeira (Matos 2003: 4 e ss.). Com mais relevância para os objetivos deste trabalho, as tensas relações citadas “favorecieron la expansión de la **hispanofobia**” entre os portugueses (Rocamora 1994: 144; negrito nosso), ao qual

¹⁸⁵ Que, como anotámos, receberam uma ambígua resposta dos britânicos (aliados de longa data dos portugueses) (cfr. Ramos 2010: 606). Os políticos britânicos sim manifestaram, em todo o caso, abertas dúvidas a respeito das intenções espanholas; assim, por exemplo, o embaixador britânico (*apud* Torre 2002: 113) em Madrid alertava em 1913 os espanhóis neste sentido: “una de las dificultades para realizarla [a anexação] era el fuerte sentimiento nacionalista y antiespañol del pueblo portugués” ou “todos los partidos políticos portugueses eran muy celosos de su independencia nacional y que un Portugal anexionado o dependiente podía ser una Cataluña en versión mucho más perturbadora, convirtiéndose así en fuente de debilidad más que de fortaleza para el reino de Iberia que él (el Rey) parecía contemplar”. Salientamos, por outro lado, na visibilidade que para os britânicos tem a Catalunha nesta altura como *problema* dentro da arquitetura política do Estado espanhol.

¹⁸⁶ Segundo José Antonio Rocamora (1994: 145), o primeiro defendia que “Portugal compartiese con España rey, bandera, parlamento, defensa y diplomacia [...] El objetivo de la obra debió ser –a pesar de afirmar lo contrario– alentar el intervencionismo en Portugal, haciendo creer que allí era deseada la unión”; por seu turno, Vicente Gay reclamou no seu ensaio (*id.*: 146) “un golpe de fuerza para implantar en la Península una situación semejante a la del Imperio alemán, tolerando cierta autonomía a Portugal y asegurando la unión aduanera, militar y diplomática”.

não é alheio o papel desempenhado pela imprensa portuguesa e republicana, como assinalou Hipólito de la Torre (2002: 69-70; cfr. Rocamora 1994: 144):

La opinión republicana portuguesa, expresada en una prensa rabiosamente militante [republicana], que en realidad era la única que en esos años de tensión podía manifestarse con libertad [sic.], levantó enseguida una machacona y estridente ola de denuncias contra la monarquía vecina a la que se acusaba abiertamente de apoyar las maniobras conspiratorias de los realistas contra el régimen republicano [...] los argumentos de esa campaña periodística apuntaban a una acusación de mayor calibre: lo que en realidad deseaba España era absorber o satelizar a Portugal.

Deste modo o quadro relacional hispano-luso mostra na altura (década de 10, *grosso modo*) uma acentuação notória do *anti-espanholismo* luso de longa data (frequentemente invocado por meio do *perigo espanhol*¹⁸⁷), nomeadamente entre os grupos e agentes afins ao republicanismo.

O imaginário luso a respeito da Espanha e dos espanhóis, desde, em geral, o século XVIII (cfr. *supra*) parece estar presidido pela ideia de *inimigo*; segundo Adriano Moreira (2001: 26; itálicos nossos) “a imagem de Espanha [...] secularmente firmada na cultura popular portuguesa, e na convicção de gerações de dirigentes políticos, foi a de constituir uma *ameaça permanente* à independência nacional”. Deste modo, a imagem portuguesa acerca da Espanha e dos espanhóis pode ser entendida, como hipótese de trabalho, seguindo em parte a análise Sérgio Campos Matos (2003) sobre as elites do campo político português, a partir de: (i) a Espanha (e os espanhóis) como o secular *inimigo*, o que poderíamos denominar o *imagotipo do inimigo*; e (ii), correndo o risco de simplificar em excesso, um “sentimento de comunhão e de irmandade que aponta no sentido de uma convivência, aproximação diplomática e amizade” (*id.*: 9), o *imagotipo de irmandade*¹⁸⁸. Em função da nossa pesquisa e análise, o campo cultural português

¹⁸⁷ “Em Portugal, o ‘perigo espanhol’ tinha sido olhado sempre como realidade ameaçadora a propósito dos indícios mais variados, sensatos uns, exagerados outros. Em última, o sentimento de perigosidade era o resultado de um profundo factor antiespanhol, que consubstanciava a própria essência do nacionalismo lusitano e de umas históricas e inapagadas aspirações iberistas, de perfis mais ou menos latitudinaristas, que frequentemente moveram a política portuguesa de Madrid” (Torre 1985: 133).

¹⁸⁸ Não sendo objetivo específico desta Tese não vamos deter-nos nestas questões imagológicas aqui. Apenas, resumidamente, apontamos para a evidente necessidade de aprofundar nos indícios que vários trabalhos assinalam na direção descrita (cfr. Brandenberger 2005, Reis 2005 ou, relativamente à planificação linguística da língua portuguesa, García e Serra 2007); para Sérgio Matos (2003: 12; itálico nosso), neste sentido, o “sistema de ensino [da República de 1910 em diante] teve uma função destacada na projecção de uma mentalidade nacionalista e *anti-iberista*, em larga medida, com base na sua evocação. A constante mobilização de professores e alunos nos festejos revela isso mesmo”. Em estudos recentes acerca da *heteroimagem* da Espanha e dos espanhóis com atenção ao caso português há indícios

(grupos e agentes republicanos especialmente) está durante o período em foco presidido pelo *imagotipo do inimigo*, ativando assim o funcionamento do sistema cultural espanhol(/castelhano) como *referente de oposição* no seio do sistema cultural português.

Ao lado (*frente a*, em ocasiões) desta imagem lusa, o imaginário espanhol a respeito de Portugal parece nutrir-se, sinteticamente, de uma certa *invisibilidade lusa* ou da ideia de uma *difusa pertença*; segundo De la Torre Gómez (2001: 14):

La visión española de Portugal es la de una parte de la península segregada contra natura del conjunto peninsular que debería constituir el cuerpo territorial de una gran nación hispánica. La comprensible resistencia del nacionalismo portugués a estos designios centrípetos, genera una relación de incompatibilidad, que oscila siempre entre el antagonismo y la indiferencia.

Em virtude da análise feita, como hipótese de trabalho, julgamos o estado das relações aqui focadas de alguma forma condicionadas pelos obstáculos e/ou incompatibilidades de tipo político que surgem entre a Monarquia espanhola e República Portuguesa, desde finais da primeira década do século XX, especialmente se focarmos o fenómeno literário como o *locus privilegiado* já citado; as importantes mudanças qualitativas e quantitativas que se produzem na década seguinte, na de 20, como veremos, parecem confirmar este entendimento das relações intersistémicas (cfr. capítulo 5).

Como já apontámos mais acima, para os grupos e agentes interessados no contacto a ideia de *distância* (por ventura, *antinatural*) entre sistemas (o espanhol e português, em particular) está bem presente. Em *A Litteratura Hespanhola em Portugal* (1915), Francisco de Sousa Viterbo fazia a seguinte análise invocando igualmente o alegado *francesismo* luso (Sousa Viterbo 2008[1915]: 87):

sólidos, em nosso entender, da permanência no imaginário luso de elementos próprios do que aqui denominámos *imagotipo do inimigo* (cfr. Lamo 2000 ou Noya 2002), como, de resto, informam os atuais dicionários de língua portuguesa nas entradas do tipo “espanhol” ou “espanholada”. Quanto ao *imagotipo de irmandade* mencionado haveria de, com certeza, justificar mais amplamente esta análise pelo que aqui somente se entende como uma hipótese de estudo que necessariamente terá de se relacionar com o programa iberista de espanhóis e portugueses do século XIX (cfr. Matos 2003: 9-10).

Hoje parece que estamos mais distanciados da Espanha que da França, mas os laços de família não se extinguiram, nem se poderiam extinguir, por mais alta que fosse a barreira da ignorância, por mais fortes que fossem os preconceitos ou as simpatias.¹⁸⁹

O volume de Sousa Viterbo (falecido em 1910) também é expressão de um certo estado das relações intersistémicas pois o próprio autor reconhece o ineditismo do seu estudo: “Não nos acontece a pueril vaidade de ter realizado uma obra completa e perfeita [...] Além disso é a primeira vez que se leva a cabo um ensaio desta natureza e há-de ressentir-se da falta de explorações preliminares...” (*id.*: 99). Neste sentido, em virtude dos sólidos obstáculos vindos do campo do poder português (e espanhol?), o contacto luso-espanhol caracteriza-se, durante a década de 10, pela quase total ausência de iniciativas promovidas ou apoiadas por instituições dos (ou próximas aos) respetivos estados; afirmava, neste sentido, o não suspeito de republicanismo Fidelino de Figueiredo (2008[1918]: 103): “Siendo inútil esperar, en el día de hoy, cualquier disposición del Estado que proteja las relaciones literarias peninsulares, cábele a la iniciativa privada la empresa de estrechar lazos, mediante permuta de libros y revistas, informaciones y críticas bibliográficas”¹⁹⁰. De um modo geral, parece ser isto o que

¹⁸⁹ Ainda sobre *francesismo* português, são vários os autores a citar a seguinte asseveração de J. do Prado Coelho (*apud* Abreu 2007: 443): “Num pequeno país como Portugal [...] tem havido o compreensível desejo de cultivar as diferenças que justificam a sua autonomia, e um dos modos de se diferenciar da vizinha Espanha – mais propriamente de Castela – foi, no plano cultural, dar a primazia à França”.

¹⁹⁰ Fidelino de Figueiredo, defensor da aproximação hispano-lusa, tinha a sua particular teoria sobre a distância entre os dois sistemas culturais, que, em alguma medida, remete para a noção de referente de oposição aqui utilizado (2008[1918]: 100):

Los motivos que, de ordinario, suelen ahondar la separación moral entre pueblos limítrofes, han impedido más de una vez la estrecha aproximación entre Portugal y España. Enséñanos la historia que cuando el desenvolvimiento económico y militar de países vecinos es sensiblemente análogo, nace una rivalidad entre ellos; y que, cuando el de una parte excede al de la otra, surgen tendencias absorbentes, consecuencia lógica de la fuerza de expansión del uno y de la incapacidad de resistencia del otro, mayormente cuando haya afinidades étnicas, lingüísticas e históricas, que legitimen y faciliten la realización de esa tendencia de expansión y redondeamiento que está en el fondo de todo imperialismo. De esa reciproca situación origínase una lucha a mano armada, y de ella todos los resentimientos ulteriores. Hay, sin embargo, cierta forma de desenvolvimiento que, ya sea paralela e igual, ya diferente, no produce rivalidades entre naciones fronterizas porque de ella brota la más estrecha y afectuosa simpatía. Nos referimos al desenvolvimiento de las relaciones intelectuales entre esos pueblos limítrofes. Conociéndose bien, aprenden los pueblos a admirarse y respetarse mutuamente, y la acción estimulante que ese cambio intelectual produce, origina sentimientos de gratitud y benevolencia que excluyen plenamente el mezquino nacionalismo hecho de emulación e intolerancia.

Portugal y España no constituyen, por cierto, una excepción a estas reglas, antes, al contrario, confirmanlas ampliamente, sobre todo desde que se adoptó por nuestra parte, después de la Restauración, un sistema de política internacional esencialmente basado en la alianza con Inglaterra, la cual se funda menos en los diversos tratados, sucesivamente caducados, que en la inveterada costumbre y en un sentimiento de fría reserva respecto a la vecina España.

Fidelino de Figueiredo iria ainda debruçar-se com extensão sobre estes assuntos em 1935 com *Pyrene*, depois de viver expatriado vários anos em Madrid.

acontece à volta de 1910 até, *grosso modo*, 1920, no relativo ao contacto hispano-português.

Para o caso espanhol, parece reconhecível um interesse pela *literatura* portuguesa desde os inícios do século XX, como mostra o estudo de Correia Fernandes (1986) já mencionado. A partir deste trabalho e seguindo de perto as observações de Elias Torres (2007), entre outros, destacamos a seguir o que entendemos são as linhas de força das relações intersistémicas para o período de análise deste capítulo.

Como acabamos de apontar, frente à estendida (até hoje; cfr. *supra*) tese da *distância* entre sistemas no espaço cultural ibérico, nas duas primeiras décadas do século XX em especial no período de análise aqui 1910-1915 (e mais à frente, como se verá), há relevantes sinais de um crescente interesse *espanhol* por produtos e produtores literários portugueses, como assim o indicam: (i) as numerosas traduções publicadas (cfr. Correia Fernandes 1986: 15-78) ou (ii) o incipiente surgimento de antologias de variado tipo (cfr. Sánchez Ramos 2010). A tradução e publicação (e reedição, com alguma frequência), sistemática nalguns casos, implicam um interesse explícito do mercado pelos produtos literários portugueses, destacando-se editoras como Maucci (Barcelona), Biblioteca Nueva (Madrid), Cervantes (Barcelona) ou América (Madrid). O caso de Eça de Queirós é sumamente significativo, como indicou Torres Feijó (2007: 356), até 1930, “de Eça ia caminho de traduzir-se tudo”. Apesar das polémicas primeiras traduções após a sua morte (cfr. Núñez 2011)¹⁹¹, **Eça de Queirós** é o autor mais traduzido e, portanto, o mais consagrado junto do público leitor espanhol. A preponderância de Eça de Queirós significa também, ao lado de outros produtores lusos, o domínio da prosa, face ao lugar central que ocupa a poesia no campo literário português da altura (e no espanhol; Sáez 2011: 5). Quanto à poesia, o protagonismo é para **Eugénio de Castro** durante quase toda década; o caso deste produtor literário é especialmente singular se atendermos ao facto de a sua visibilidade se alicerçar também “sobre a projecção da sua obra nos meios hispanoamericanos” (Torres 2007: 362; cfr.

¹⁹¹ Sob o expressivo título “De como Eça foi assassinado em Espanha (As primeiras traduções queirosianas)”, Mayone Dias (1991: 134) afirma com rotundidade: “Seja qual for a magnitude literária dos tradutores, desde uma figura de primeiro plano como Valle-Inclán até outros de mais esbatido relevo como Marquina, Villaespesa ou Andrés González-Blanco, uma faceta comum transparece: a espantosa ignorância da língua portuguesa”. Os problemas colocados e documentados por Mayone Dias levantam ainda uma pergunta para a qual não temos, para já, resposta: estaria por trás destes *desleixos tradutológicos* uma menor consideração da *literatura* portuguesa, em geral, ou da produção queirosiana, em particular? ou dever-se-iam simplesmente às inércias próprias dos trabalhos de tradução da altura? Sobre as causas da consagração de E. de Queirós na cena espanhola, Mayone Dias (*id.*: 132) assinala “a favorável impressão que Eça causara em destacadas figuras do panorama intelectual espanhol finissicular”, entre elas, Valle-Inclán, *Clarín* ou o também escritor Gabriel Miró.

Apolinário Lourenço 2005: 101 e ss.) ou no facto de, já na década seguinte (cfr. *infra*), ser objeto de uma homenagem em Madrid¹⁹². Outro poeta luso traduzido, tanto em Barcelona como em Madrid, é Guerra Junqueiro, só que sem continuidade a partir de meados da década. Quanto ao teatro, Júlio Dantas era até 1915 o produtor mais atendido¹⁹³. Destaca-se igualmente a escassa atenção dada, via traduções em livro, à produção poética coetânea e mais inovadora (a total ausência dos *órficos*, por exemplo; cfr. Sáez 2011: 20). Com Elías Torres (2007), assinalamos ainda o papel dos seguintes *intermediários*: (i) Miguel de Unamuno, nomeadamente com seu *Por tierras de Portugal y España* (1911), uma das fontes fundamentais para “configurar no público leitor [espanhol] umha ideia dessa literatura mais recente [portuguesa]” (*id.*: 354; cfr. *supra*)¹⁹⁴; (ii) a revista barcelonesa *Estvdio*, “[e]ntre outras fontes de informação para o leitor espanhol sobre literatura portuguesa, talvez a mais influente” (*id.*: 353; cfr. Sáez 2011: 17)¹⁹⁵; e, por último, (iii) o Fidelino de Figueiredo de *Características da Litteratura Portuguesa* (de 1915, traduzido para espanhol em 1916).

Delimitar as linhas de força do citado **interesse espanhol** pela produção lusa até aqui descrito é tarefa complexa. Contudo, em função da análise efetuada, este verosímil e progressivo interesse por Portugal e a sua *literatura* relaciona-se com: (i) os evidentes interesses comerciais, representados aqui pelas editoras (de Madrid e Barcelona, quase exclusivamente); (ii) o processo de “internacionalización de la literatura española en el contexto de los años que rodean a la primera Gran Guerra” (Sáez 2008: 66); e, em

¹⁹² No prólogo à tradução espanhola de *Constança* (de 1913), M. de Unamuno (2006 [1913]: 160) afirmava, referindo a tradução de *Belkiss* em Buenos Aires, “[f]ue leído y apreciado antes en la América española que no en España. Tal ha sido el injustificado desdén que hacia la producción portuguesa hemos guardado”. Segundo Antonio Sáez (2008: 16), o “poeta portugués más conocido por los modernistas españoles fue, sin duda, Eugénio de Castro”; na mesma linha, para Eloísa Álvarez (2011: 505): “[e]n torno a la personalidad y la obra de Eugénio de Castro fue construido uno de los grandes ejes de las intensas relaciones culturales mantenidas entre España y Portugal en las dos últimas décadas del siglo XIX y las cuatro primeras del XX”.

¹⁹³ A trajetória de J. Dantas (lembra-se o manifesto de Almada de 1915 ou os sucessivos cargos institucionais que vai ocupando) vai estar na base do quase completo apagamento do protagonismo deste produtor via traduções (Torres 2007: 366-367), o qual não impedir que até 1930, como veremos, as suas peças sejam as mais versionadas e/ou representadas.

¹⁹⁴ O labor de M. de Unamuno como intermediário parece ter sido reconhecido já no próprio período de análise nesta Tese (cfr., p. ex., Giráldez 2006[1919] ou Pedro 2006[1920]).

¹⁹⁵ Sobre a presença lusa em *Estvdio*, María Victoria Navas (2010: 317) assinala: acoge firmas lusitanas y referentes históricos que van desde los clásicos, como el Romancero y Camões, hasta la Renascença y las corrientes de alcance simbolista. Como derivación de la corriente iberista y, en todo caso, correspondiéndose con las revistas literarias peninsulares de las dos décadas mencionadas, así como por la intercomunicación coetânea entre las letras peninsulares, acompañado de colaboraciones y traducciones portuguesas en torno a nombres como Eça de Queirós, Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, sobre todo, de Fidelino de Figueiredo. Con este material se proyectaba la imagen de Portugal en los receptores castellanos y catalanes, en un medio concreto, Cataluña, donde ya se contaba con una previa labor lusitanófila.

última instância (provavelmente em sintonia com os *propósitos iberistas* de parte da elite política e cultural espanhola antes citados), com origem, presumivelmente, nas planificações iberistas (também dos portugueses) do século XIX, (iii) tomadas de posição no espaço das relações intersistémicas cujo horizonte (mais ou menos nítido) seja a configuração de um *intersistema assimétrico*, isto é, marcado pelo que antes denominámos de *tendências intersistémicas*¹⁹⁶. O caso de Miguel de Unamuno, por exemplo, parece adequar-se a estas tendências se tivermos em consideração as observações de João Medina (2005: 253) já apontadas no capítulo 2 deste trabalho¹⁹⁷. Por outro lado, em função dos dados manejados, resulta difícil identificar grupos mais ou menos coesos interessados no contacto hispano-luso; em palavras de Sáez Delgado (2010: 490; negritos nossos), no contacto hispano-português “[s]e trata [...] de algo así como unos vasos comunicantes por los que el agua circula de forma subterránea a uno y otro lado de la frontera [...] gracias siempre a las **relaciones personales**”. Sim é patente, no entanto, o amplo labor de alguns agentes intensamente ocupados na tradução de produtos portugueses ao longo de todo o período em foco neste trabalho; entre outros, destacam-se Eduardo Marquina, Francisco Villaespesa, Andrés González-Blanco, Ignasi Ribera i Rovira, Fernando Maristany ou Pedro Blanco Suárez (cfr. Torres 2007: 369-370). Por último, voltando a Miguel de Unamuno, cabe entender o interesse deste e outros pelo contacto português em função também, seguindo Antonio Sáez (2010: 484), da relação contraditória de muitos dos produtores espanhóis perante a literatura francesa, “de atracción y repulsa sobre un importante conjunto de escritores preocupados por encontrar el destino de la nueva literatura entre dos polos opuestos: la imitación de los modelos consagrados en el extranjero, por un lado, y la búsqueda inquebrantable de lo genuino español, por otro”; neste quadro (*ibid.*):

¹⁹⁶ Estas, parece-nos estarem presentes de alguma forma na análise que das relações focadas faz Sáez Delgado (2011: 18; itálicos nossos):

el hecho de que los mediadores tradujesen una obra [...] o ayudasen en su divulgación, indica muy claramente su voluntad de establecer un diálogo activo, en el que las traducciones y las apuestas estéticas de los autores españoles contaban con los referentes portugueses *como elementos de un mismo (poli)sistema literario*, en permanente contacto.

¹⁹⁷ Poderíamos acrescentar ainda, apenas com finalidade ilustrativa, a airada resposta de F. Pessoa a M. de Unamuno já na década de 30 em relação ao pensamento deste acerca das línguas peninsulares: “Unamuno pôs a questão: porque não escrever em castelhano? Se vamos a isso, prefiro escrever em inglês, que me dará um público mais vasto que o castelhano; e sou tão castelhano como inglês pelo sangue e muito mais inglês que castelhano já que a minha educação é inglesa” (Pessoa 2006[193?]: 218). As declarações que provocaram a resposta pessoana, porventura foram as seguintes que recolhe João Medina (2005: 252-253) de M. de Unamuno acerca da unidade peninsular em entrevista a António Ferro em 1930: “mais valia ‘escrever numa única língua, em benefício da própria cultura, do que ficar encerrado numa língua inacessível’ [...] insiste no unitarismo hispânico com base na língua castelhana como denominador comum, lembrando até que Camões fizera versos em espanhol”.

Lógicamente, nombres como el de Eugénio de Castro pasarían a funcionar, en este esquema, como representantes del cosmopolitismo afrancesado, mientras que el modelo de Pascoaes sería una referencia inmediata para los poetas que perseguían lo genuino español, tal y como había hecho el poeta de Amarante en su país a través de la explotación del concepto de ‘saudade’.

Neste panorama é que se entende o interesse de Miguel de Unamuno e outros pelos repertórios do *neo-romantismo saudosista*, por Teixeira de Pascoaes (cfr. *infra*); o interesse de catalães e galegos, em nosso entender, relacionar-se-á também com, parafraseando a Sáez Delgado, a *procura do genuíno* (cfr. *infra*).

Delimitar e analisar a natureza do **(des)interesse português** pelo contacto hispano-luso é igualmente tarefa complicada. A bibliografia utilizada pouco esclarece a este respeito; repare-se, neste sentido, na inexistência de um estudo do tipo do elaborado por M. Correia Fernandes (1986), à volta da presença cultural espanhola em Portugal, que, com certeza, seria de grande utilidade; se bem é certo, como assinalou Xosé Manuel Dasilva (2008: 6-7), a tendência portuguesa para não traduzir os produtos literários espanhóis e, portanto, consumi-los na versão original, implicou a produção de um menor número de traduções de textos espanhóis. Deste modo, a seguir apontamos esquematicamente o que nos parecem ser as linhas gerais do interesse luso, em função do corpus secundário empregado.

Durante boa parte da década 10, foco central neste capítulo, o campo português estaria aparentemente presidido pela *indiferença* a respeito da produção literária oriunda do sistema espanhol ou, afim aos postulados republicanos da altura e a tensa relação entre os regimes, um aberto rechaço à importação do sistema espanhol, presumivelmente referente de oposição. Os textos recolhidos por Xosé Manuel Dasilva (2008: 78 e ss.) parecem apontar nesta direção; Miguel de Unamuno (2008[1911]: 79), entre outros, refere assim à citada *indiferença* lusa: “En el orden literario y entre las personas que leen se conoce mucho más lo portugués en España que no lo español en Portugal”¹⁹⁸. Podemos, não obstante, no âmbito das relações pessoais, mencionar Eugénio de Castro, cuja correspondência assinala importantes contactos com o

¹⁹⁸ M. de Unamuno (2008[1911]: P. 79-80), analisando a literatura espanhola traduzida em Portugal, anota com surpresa que no catálogo da livraria Chardron, do Porto, aparecem 53 livros de Enrique Pérez Scrich, de quem diz “a los españoles nos aparece ya como un fósil literario”.

panorama literário *espanhol* (ou *hispânico*; cfr. Sáez 2010: 483). Também o hispanista (e hispanófilo *sui generis*) Fidelino de Figueiredo (cfr. *supra*), cedo interessado no estudo das relações literárias hispano-lusas (cfr. Alonso Romo 2007: 177). Nestes e noutros agentes portugueses (Júlio Dantas, por exemplo¹⁹⁹) haveria, entendemos, um interesse explícito por serem conhecidos e/ou traduzidos no meio espanhol em virtude do capital simbólico associado a estes processos que iriam reforçar a sua posição no campo literário português; como transparentemente afirmou Fernando Pessoa (*apud* Sáez 2011: 6; *italico no original*) perante a possibilidade de ser publicado no sistema espanhol, em carta a Adriano del Valle de 1924: “há sempre vantagem *pública* na opinião de um estrangeiro”. Outro dos produtores portugueses que vai progressivamente adquirindo maior protagonismo nas relações focadas é **Teixeira de Pascoaes**. Junto ao até aqui descrito, a trajetória deste agente da Renascença Portuguesa (grupo na altura em ascensão, como vimos) nos primeiros anos da República é, em nosso entender, altamente elucidativa sobre as linhas de força do relacionamento no espaço cultural ibérico. Com cerca de 28 anos, em 1905, Teixeira de Pascoaes entra em contacto com Miguel de Unamuno em Salamanca (em companhia de Eugénio de Castro), iniciando-se aqui um longo e fértil relacionamento pessoal entre os dois produtores (Medina 2005: 249). Contudo, o Pascoaes comprometido na altura com a nova República não é um exemplo inequívoco de interesse relacional luso-espanhol (cfr. Sáez 2010: 483); lembre-se, a este respeito, como encerra uma das suas intervenções no *Inquérito Literário* de Boavida Portugal, invocando de alguma forma o *imagotipo do inimigo* ou, de outro ponto de vista, o referente de oposição: “A terra de Portugal é elegiaca e divina e, portanto, eternamente *hostil* á terra espanhola” (Teixeira de Pascoaes *apud* Portugal 1915: 32; *italico nosso*). A trajetória pascoalina sim substantiva a complexificação notória que experimentam as relações entre sistemas no espaço cultural ibérico nas primeiras décadas do século XX, em geral, e uma das linhas de força que julgamos apreciável na análise até aqui realizada, em particular: o **interesse catalão** (também galego, cfr. *infra*) pelo contacto português e vice-versa²⁰⁰. Como indicou Daniel-Henri

¹⁹⁹ No seu *Viagens em Espanha* de 1937, J. Dantas apresentava-se significativamente como “Sócio de mérito da Academia das Ciências de Lisboa / Da Academia Espanhola / Da Academia de História de Madrid” (Júlio Dantas 1937: 3).

²⁰⁰ Para Sáez Delgado (2010: 483; *italicos nossos*), a receção de Pascoaes no campo literário catalão: fue muy diferente [da de E. de Castro]. Su poesía espiritualista y trascendentalista, muy querida por sus amigos Unamuno y Eugenio d’Ors, rápidamente se convirtió en un referente para autores como los catalanes Fernando Maristany o Ribera i Rovira, que creyeron encontrar en la misma una fórmula escapista ante el excesivo amaneramiento del que adolecía la poesía modernista española.

Pageaux (2010: 379), partindo das elaborações iberistas do século XIX, “[p]or encima de la meseta castellana, Portugal y Galicia han entablado relaciones fructuosas y correspondidas con Cataluña”.

As sucessivas tomadas de posição do “círculo catalán [maioritariamente catalanista] reunido alrededor de Fernando Maristany y Ribera i Rovira” (Sáez 2011: 15), interessado no contacto catalão(-galego)-português, expressa, além da lusofilia catalanista, a fortaleza alcançada pelo campo catalanista nos três primeiros lustros do século XX e que, como já apontámos, espelha-se na conceção e oficialização (no quadro político-administrativo do Estado espanhol) da Mancomunitat de Catalunya em 1914 (“primera entidad política autónoma catalana desde 1714”, Martínez-Gil 2010a: 194). Ignasi **Ribera i Rovira**, cuja trajetória manifesta a fortaleza mencionada (cfr. Dias 1976), vai desenvolver um importante (e interessado) labor desde 1900 (*ibid.*) como intermediário no quadro relacional focado²⁰¹; segundo Antônio Cândido Franco (2010: 145), por exemplo, “depois de lhe dedicar um estudo [a T. de Pascoaes] no livro *Portugal literari* (1912), me parece ser o primeiro tradutor hispânico [em catalão] dos versos de Pascoaes, com o livro *Atlàntiques. Antologia de poetes portugueses* (1913)”²⁰². O interesse dos catalães, Ribera i Rovira à frente, concretiza-se na promoção de ideias, cujo objetivo parece ser a configuração de um *intersistema simétrico*: associando a *saudade* portuguesa à *anyorança* catalã (Martínez-Gil 2010a: 195-197; cfr. Sáez 2007: 140)²⁰³, ou, mais relevante aqui, o entendimento de “tres nacionalitats

Porque si en algún territorio tuvo Pascoaes una presencia más importante fue, además de en Galicia [...] en Cataluña.

²⁰¹ Os diversos eventos de signo lusófilo elencados por Mayone Dias (1975: 62 e ss.) e protagonizados por Ribera i Rovira desde 1900 permitem-nos perspetivar o quadro luso-catalão como num estado de incipiente institucionalização, único no espaço cultural ibérico da altura, muito provavelmente. Assim, por exemplo, já em 1907(-1909?) “funda em Lisboa o Casal Català, uma agência de promoção de produtos industriais catalães para o mercado português” (*id.*: 63), que segundo Víctor Martínez-Gil (2010a: 195) seria um “centro de actividades comerciales pero también políticas”.

²⁰² Verónica Sánchez (2010: 840) entende assim o labor lusitanista de Ribera i Rovira:

Además de en su actividad política, Ribera i Rovira está muy interesado en participar en la cultura y la literatura del momento que, por otra parte, constituyen un magnífico vehículo de difusión de estas nuevas ideas y propuestas para una posible unión ibérica. De esta manera, es en el conjunto de su producción, su nacionalmente comprometida producción intelectual –con libros y artículos políticos de explícito cariz ideológico– donde debemos situar la publicación en catalán de *Atlàntiques: Antología de poetes portugueses*, de 1913. El prólogo, elaborado por el propio Ribera i Rovira, adquiere el carácter de un manifiesto en el que mezcla propuesta[s] iberistas y planteamientos de Teixeira de Pascoaes sobre la aproximación literaria portuguesa-catalana.

²⁰³ Ativando este repertório, poetizava assim Augusto Casimiro no seu livro *À Catalunha* editado pela Renascença Portuguesa em 1914 (também com versão em catalã de Ribera i Rovira) (*apud* Martínez-Gil 2010a: 196-197):

Terra de Maragall e March! – A divindade
Vejo-a florir nos campos teus, - divina messe!
E nas almas! Assim nossa deusa, a Saùdade,

fortes de l'iberia': a galego-portuguesa, a central castelhana e a levantino-catalã" (Dias 1975: 63). Entendemos este interesse português dos catalães, com José Antonio Rocamora (1994: 135), como estreitamente vinculado à percepção da "hegemonía castellana" (referente de oposição no campo catalanista); frente a esta (*ibid.*):

La [eventual] integración portuguesa modificaría la situación, consolidando un gran bloque no castellano a Occidente, que se uniría al formado en Oriente por Cataluña, Valencia y Baleares. La importancia de Castilla disminuiría, forzándola al abandono de su actitud prepotente y a consensuar la política del estado [...] Al margen de ventajas económicas o políticas, hubo una sincera simpatía hacia Portugal, ante el paralelismo de sus situaciones. Paralelismo sólo relativo, pues Portugal venció en su lucha contra el dominio político y cultural de Castilla.

Entendemos, portanto, inelidível a função que como *referente de analogia*, em elaboração desde o século XIX (Martínez-Gil 2010), vai desempenhar Portugal, os seus repertórios literários e, singularmente, o seu *passado*, encimado, a olhos catalanistas, pela Restauração²⁰⁴; “[n]o es ningún secreto afirmar que los intereses que unen a Cataluña y Portugal son, en primer término, políticos, y sólo secundariamente culturales”, segundo Víctor Martínez-Gil (2010a: 189), o qual, em função da metodologia aqui utilizada, não implica uma separação de águas, pois, como já referimos, os produtos culturais/literários estão também ao serviço de programas ideológicos a funcionar noutros campos. Por seu turno, o interesse luso por estabelecer contactos com grupos catalães relaciona-se, segundo Martínez-Gil (*id.*: 200; *itálico no original*; *sublinhado nosso*) com: “[l]a formulación de una Cataluña *anyorantista*, llevando al extremo el paralelismo entre los dos pueblos, significó, para los portugueses, que una Iberia tripartita no disminuiría su perfil nacional”.

Por último, frente à verossímil “acentuada frieza” portuguesa e republicana no quadro relacional hispano-luso desde, no mínimo, 1910, as relações intersistémicas no

L'Anyorança, - ó irmã; sede, lembrança, prece...

²⁰⁴ Assim o parece entender Rocamora (2000: 117-118):

Desde el catalanismo se observaba a Portugal como un país hermano con una historia bastante paralela de relaciones tormentosas con Castilla, que había evolucionado políticamente de forma diferente tras las respectivas rebeliones de 1640 [...] Una Cataluña libre, dentro de una España libre – según los catalanistas – sería una evidencia de que Portugal nada debía temer de la la unión con sus hermanos ibéricos, que sólo le reportaría beneficios.

Em sentido parecido mas focando os vínculos literários, Víctor Martínez-Gil (2010: 267; *itálicos nossos*) assinala: “L’esforç de la literatura catalana per incorporar-se a la modernitat, però, també s’ha fet des d’aquí, des de la seva definició com a literatura nacional, i la *cultura portuguesa*, l’única que té absoluta autonomia dins la Península respecte de la castellana, és un *referent imprescindible* per entendre aquest esforç”.

espaço ibérico até, *grosso modo*, finais da década, estão também (quicá principalmente) marcadas pelos “contactos culturais entre Portugal e [...] a Catalunha e a Galiza” (Ventura 1988: 141)²⁰⁵. Estes contactos entendem-se e desenvolvem-se num espaço não apenas delimitado pelos sistemas culturais em causa; entendem-se e desenvolvem-se no espaço de interesses, ideias e regras aqui denominado de espaço cultural ibérico, em que a *literatura*, enquanto *bens* e *ferramentas* (no sentido de I. Even-Zohar), adquire uma função capital enquanto *locus privilegiado*; por outras palavras, na natureza do interesse catalão pelo contacto português (e vice-versa) está inscrita (neste período e não só) a relação da emergência catalã com o sistema consolidado espanhol. Como vemos, o fenómeno literário, as relações entre sistemas literários em particular, estão ao serviço da elaboração, afirmação ou até manutenção de ideias (ou crenças) vinculadas às identidades em jogo no espaço cultural ibérico (catalã, espanhola, galega e portuguesa, neste estudo) e, consequentemente, vinculadas do mesmo modo à elaboração ou consolidação (para os emergentes) e manutenção e/ou proliferação (para os consolidados) dos sistemas literários em foco.

4.3.1. Relações galego-portuguesas

Como nos casos catalão-português e hispano-luso, os alicerces do quadro relacional galego-português foram elaborados por galegos e portugueses mormente a partir da segunda metade do século XIX. Paralelamente à *redescoberta* da Galiza por parte dalguns agentes portugueses (Teófilo Braga, Alexandre Herculano, Leite de Vasconcelos ou Oliveira Martins) (cfr. *infra*), na Galiza, agentes vinculados ao galeguismo, vão recorrer a Portugal como um elemento central, legitimador das suas tomadas de posição. Eduardo Pondal, Benito Vicetto e especialmente o historiador Manuel Murguía integram, deste modo, Portugal no discurso inaugural do galeguismo (cfr. Villares 1983: 305; Vázquez 1995: 15). O relacionamento galego-português, em sintonia com o descrito para o caso catalão-português, está presidido, em geral, segundo Elias Torres (2010: 163; *italicos no original*) por:

Frente à normalidade portuguesa, a elaboração dum sistema literário galego é paralela à evidência de uma formulação explícita de autonomia política, nos seus diversos

²⁰⁵ Repare-se sempre na menor capacidade das emergências catalã e, sobretudo, galega à hora de estabelecer e consolidar os contactos com Portugal em função dos evidentes défices projetivos que apresentam (escasso mercado ou instáveis e poucas instituições, por exemplo), se comparadas nomeadamente com a abundância de recursos de variado tipo do sistema consolidado espanhol.

graus até à independência. Não é possível explicar esse processo nem as relações culturais galego-lusas, se esquecermos o funcionamento permanentemente político dessa relação, sobretudo por parte galeguista, e o carácter de *locus privilegiado* que a expressão literária e cultural tem em casos em que a política está interdita ou é pouco rendível.

Para o período em foco neste capítulo, temos em consideração o facto de as relações galego-portuguesas, como indicou Ramón Villares (1983: 303), de um modo geral, serem menos intensas quando o galeguismo passa por momentos de menor atividade. Este, o máximo interessado na vinculação a Portugal no espaço social galego, não tem capacidade organizativa nem instrumentos para a implementação dos seus planos, apesar da constituição da Real Academia Gallega em 1906. O relacionamento com Portugal será protagonizado, sintomaticamente, por Jaime Solá e *Vida Gallega*, nomeadamente pelas suas relações com o enclave galego de Lisboa (Torres 2010: 168-9), despromovendo de certa forma o contacto galego-português fixado pelos agentes galegos do século XIX antes citados; desde *Vida Gallega*, panoramicamente, defende-se uma *literatura regional e regionalista* (repertorialmente conservadora em galego) contrária às tendências protossistémicas que pouco depois irão alicerçar os galeguistas das Irmandades da Fala em 1916 e, igualmente, oposta à ativação do referente de reintegração português (cfr. *ibid.*), como se verá com o caso guisadiano.

Ao lado do interesse que por volta de 1910 suscita a Galiza em agentes e publicações do Norte de Portugal²⁰⁶, antes de 1916/18 há que ter ainda em consideração o interesse de alguns grupos, os da Renascença Portuguesa nomeadamente, pelo contacto galego-português desde onde se promove, por exemplo, a relação de identidade entre a *saudade* galega e a portuguesa. Lembre-se a este respeito, o aparecimento da produtora galega, central já na altura na *literatura regionalista* galega, Rosalia de Castro e Murguía e da Galiza nas polémicas entre António Sérgio e Pascoaes em *A Águia* em 1913 sobre a *saudade* e a orientação da Renascença. Teixeira de Pascoaes, desde *A Águia* afirmava (*apud* Torres 2010: 173; itálicos no original):

O único povo que sente a Saudade é o povo português [...] incluindo *talvez* o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela [...] Não

²⁰⁶ Segundo Elias Torres (2010: 166), face à escassa presença galega no centro do sistema cultural português, geoculturalmente localizado em Lisboa, com o início do século prolifera um interesse pela Galiza “nos meios minhotos”; Torres Feijó destaca neste sentido o labor de José Valle ou de publicações como *O Regional*, *A Aurora do Lima* ou *Límia*. José Valle ou João Verde notabiliza-se, nos primeiros anos do século passado, desde o jornal por ele dirigido *O Regional* ou no seu livro *Ares da Raya* (impresso em Vigo em 1902), como “mediador decisivo” (*ibid.*).

há outro povo, além do catalão, que a compreenda e viva [a Saudade] como nós. E assim se explica a profunda e já secular simpatia que prende as duas nacionalidades da Ibéria.

Afirmei isto na minha segunda conferência – “O génio português” depois de ter lido o *Portugal litterari* e as *Atlàntiques* do eminente escritor catalão Ribera i Rovira; ele mesmo afirma que *Anyorança* é a única tradução que existe de Saudade, e que este sentimento só é próprio de catalães e portugueses. Exclui, portanto, os outros povos. Não falo na Galiza, porque a Galiza é ainda Portugal.

De resto, na 2.^a quadra que cita de Rosalía de Castro, vê-se que a ilustre poetisa adoptou o nosso vocábulo, e não se pode confundir soledade com saudade. Nós também temos as duas palavras.

Das afirmações de Teixeira de Pascoaes destaca-se, em nosso entender, a configuração do espaço cultural ibérico a partir do elemento repertorial central que a **saudade** (alheia, no dizer dos da Renascença, ao sistema espanhol/castelhano) significaria como elo de união entre catalães, galegos e portugueses. Especificamente é mencionado Ignasi Ribera y Rovira que no ano de 1911, em Barcelona, tinha publicado *Portugal y Galicia nación. Identidad étnica, histórica, literaria, filológica y artística. Ensayos iberistas*. O interesse do mais significado intermediário da produção literária lusa em meios catalães, Ribera i Rovira, o interesse catalanista em geral, em promover a ideia de unidade de variado tipo entre a Galiza e Portugal é explícito já nos primeiros parágrafos do volume (Ribera y Rovira 1911: 11; itálicos nossos):

País *hermano*, de cielo serenamente luminoso, de luz gloriosa y ambiente sensual [...] arrullada por el murmullo del mar infinito y la vibrante *añoranza* del *fado* melodioso [...] tierra *heroica* tendida al extremo occidental de la Europa altanera, como un ansia de fraternidad que aproxima dos mundos [...] tierra de *patriotas*, Lusitania hermana... ella es la que, en días de prueba para mi patria, glorificó generosa el nombre excelso de *Cataluña*.

¡Portugal y Cataluña! No sé qué insignes gestas de un *pasado* esplendoroso me evocan los nombres de estas dos grandes patrias; no sé qué radioso presente me revelan, no sé que esperanzador *futuro* me prometen. Tienen vibraciones de palabras proféticas; complázcome en ver en ellas la firme base de una venidera *política ibérica*, de una más lejana fraternidad latina.

Lector que ansías conocer las modalidades de aquel pueblo hermano: sigue la senda que ha de conducirte á él guiado por este amor tamaño que le tengo, amor purificado, acrisolado por el odio con que me victimaron los eternos *enemigos de mi patria*.

Em função do descrito mais acima e da citação, parece evidente que o interesse imediato de Ribera i Rovira entende-se desde o interesse de importantes grupos catalães por promover a “teoria de las tres nacionalidades ibéricas: Portugal, Castilla y Cataluña” (Ribera y Rovira 1911: 15), de outra perspetiva, o já citado *intersistema simétrico*. O livro, como transparece o próprio título, desenvolve a seguinte ideia (*id.*: 12): “Galicia y Portugal [...] forman una nacionalidad con los caracteres supremos de identidade de raza, de lengua, de territorio, de historia y de misión civilizadora”; ideia já exposta por Joan Maragall em 1905 na Catalunha e que se nutriria, segundo Martínez-Gil (2010a: 196), de “argumentos sobre la identidad artística entre Galicia y Portugal provenientes de la monografía *O pintor Nuno Gonçalves* publicada em 1910 por José de Figueiredo”. Apesar das polémicas e rechaços que tal posição gerou na altura²⁰⁷, *Portugal y Galicia nación...* é expressão de uma das linhas de força no seio do espaço cultural (e político) ibérico que, mercê às tomadas de posição de catalães e portugueses sobretudo (na altura, dados os défices projetivos dos galeguistas), promove a configuração de uma rede de **relacionamento** (e entendimento) **catalão-galego-portuguesa** em base a uma série de afinidades repertoriais, a *saudade* a mais sobressaliente, a partilha de um mesmo referente de oposição e de programas político-identitários, para os quais a *cultura*, como vemos, é da maior relevância. É também expressão nítida do que antes definimos como *tendências intersistémicas* a respeito do caso galego-português. Neste quadro, marcado pela progressiva fortaleza catalã e catalanista, atendida por grupos nacionalistas portugueses, face às fragilidades do campo galeguista, é que Alfredo Guisado irá encontrar importantes limitações à hora de promover a produção literária dele e a de *Orpheu* na Galiza.

²⁰⁷ Aludidos explicitamente no livro, pois as teses recolhidas em *Portugal y Galicia nación...* já foram expostas, em parte (presumimos), em 1907, em conferência no Real Instituto de Lisboa e, três anos mais tarde, em artigo em *La Cataluña*, sob o título “Portugal y Galicia: Nación. Teorías iberistas” (cfr. Martínez-Gil 2010a: 195); em 1912, a Renascença Portuguesa publica do mesmo autor *A educação dos povos peninsulares* onde incide novamente nas ideias referidas. Quanto à oposição deste entendimento das relações, Mayone Dias (1975: 63; negritos no original) assinala (com discutível perícia hermenêutica): “A ideia [da união galego-portuguesa] despertou uma onda de furor em **El Imparcial** e outros jornais de Madrid, que a interpretaram como um incitamento a que Portugal anexasse a Galiza, um ilação que o conteúdo da obra de modo algum justifica”. Antes, em 1907, aquando das suas conferências no Real Instituto, na Sociedade de Geografia e na Sociedade João de Deus de Abrantes, Ribera i Rovira tinha chamado a atenção das autoridades espanholas (não apenas, segundo Martínez-Gil, por questões políticas) sendo que estas chegaram a tomar medidas diplomáticas “para conseguir a retracção das informações do representante da municipalidade de Barcelona nas suas conferencias de Lisboa”, conforme informa Martínez-Gil (2010a: 194) citando o *Diário de Notícias*.

4.3.1.1. A imagem dos galegos e da Galiza em Portugal

No período agora em foco e com origens em séculos anteriores, o *imaginário galego* em Portugal está (i) dominado pelo que denominámos o *imagentipo negativo* (doravante **IN**), vinculado necessariamente, como veremos, ao fenómeno migratório galego; (ii) sendo, no entanto, crescentemente contrariado e até impugnado com especial incidência nas três primeiras décadas do século XX, pelas elaborações dos galeguistas e de grupos nacionalistas portugueses e, com especial relevância para este trabalho, pelo próprio enclave galego de Lisboa, dando lugar ao que nomeámos *imagentipo de afinidade* (em diante **IdA**), que exploraremos mais em pormenor no capítulo 5 desta Tese.

Tendo presente o referido relativamente ao funcionamento da imagem do par *galegos/Galiza*, como estando diretamente condicionada aos capitais associados à Galiza e juntamente à posição que os galegos ocupam no espaço social português parece, em princípio, até *natural* que o imaginário português da altura seja hostil para com os galegos. Repare-se que nesta imagem conta essencialmente a presença de galegos em Lisboa e não o conhecimento efetivo da Galiza; isto é, trata-se, na altura, da imagem de um coletivo sobretudo e não de um país/região/nação.

Deste modo, as origens (também as funções) do IN relacionam-se, não só presumivelmente, com a posição/função social determinada pela posição de imigrantes e de trabalhadores não qualificados ocupada pelos galegos. Repertorialmente, o IN nutre-se, entre outros, dos seguintes elementos: *grosseiros e brutos, ignorantes e avaros, trabalhadores não qualificados*, em ocasiões *alcoólicas, ingénuos mas desconfiados*, utentes de uma variedade linguística própria e de uma vestimenta peculiar, sem vínculos aparentes com Portugal; podem aparecer designados como *gallegos, vigoenses* ou *tuyanos*²⁰⁸. Como se vê, o imagentipo é constituído por um conjunto amplo de elementos, pois tem como referente um grupo social muito presente na sociedade portuguesa; ressaltamos a este respeito, o facto de muitos dos afazeres dos galegos terem lugar na praça pública, dando a estes uma notória visibilidade que, como

²⁰⁸ No trabalho já citado, Viktoria Grygierzec e Xesús Ferro Ruibal anotam, entre outros, os seguintes elementos sobre os galegos a partir da fraseologia portuguesa: “esforzo máis físico ca intelectual / escravo do traballo / agoniado polo traballo / obsesionado con reunir diñeiro / famélico (gando) / último da escala social / covarde / lorpa, groseiro, bruto / traidor” (Grygierzec e Ferro 2009: 103).

Por outro lado, tudo parece indicar que a origem, constituição e funcionalidade do imagentipo português não difere muito do castelhano/espanhol.

vimos, não escapou ao olhar de muitos estrangeiros²⁰⁹. A vitalidade e expansão do IN dos galegos ficou expressa em numerosos produtos culturais nos quais, aparentemente, desempenha funções humorísticas ou ridicularizantes como, por exemplo, na produção de Rafael Bordalo Pinheiro²¹⁰; a esta função jocosa, haveria de, necessariamente, sumar uma outra função igualmente aludida no capítulo 2 desta Tese: a ativação do IN serve também para marginalizar e/ou discriminar um coletivo determinado, o galego aqui, no espaço social português.

Esta representação dos galegos vai ser frontalmente contrariada por uma outra visão da Galiza e dos galegos que de forma sistemática vários agentes portugueses (e catalães) começam a reelaborar como um dos elementos centrais do repertório cultural português. Em estreito diálogo com o impulso planificador dos galeguistas da altura (cfr. *supra*) Teófilo Braga, nomeadamente, Leite de Vasconcelos, Oliveira Martins ou o próprio Alexandre Herculano, vão introduzir na sua produção a Galiza como espaço geo-humano individualizado (a respeito do espanhol/castelhano), pondo em valor uma série de elementos de variada natureza, nomeadamente a respeito da vinculação entre a Galiza e Portugal: identidade/afinidade de língua, alma, raça, passado, paisagem, etc.²¹¹; por sua vez, contestam explicitamente o IN. Assim, por exemplo, Teófilo Braga (*apud*

²⁰⁹ Singular, porquanto contraria a imagem portuguesa dos galegos, é a representação que destes desenha o francês Joseph B. F. Carrère em *Voyage en Portugal* (1798); como assinalou Rodrigues Lapa já em 1952, o retrato de Carrère era bem mais amável: “Não oferece os seus serviços; espera com tranquila dignidade que lhos solicitem. Esta raça desperta a atenção do observador [...] e considera-a uma raça privilegiada, que não sofreu a influência das causas físicas e morais que contribuíram para abastardar a espécie humana em Portugal” (Joseph Carrère *apud* Lapa 1952: 9-10).

²¹⁰ Nomeadamente n’*Os Galegos e outras historias* (Pinheiro 1994[1884]). Sem ânimo de exaustividade, a seguir indicamos outros produtos com presença repertorial galega. Em *Eloquencia Gallega. Sermão pregado por um cura gallego na freguezia de Forcadella no anno 1720 [da era vulgar]* (1878), *O Gallego Lorpa. Entremez em um acto* (1879), *Confissão do Gallego Ramon Parde-lhas* (s.d.) (cfr. Kristensen e Evans 2006), *História galega, em que se dá relação e verdadeira notícia das célebres festas de noivado, a que assistiram Gonçalo Pó e Gil Novo* (1784) de Anselmo Caetano Munhoz de Abreu Gusmão Castelo Branco, *Bico de obra grossa – em mar de festa- que por morte de Neptuno do Rossio – fizeram os aguadeiros do Chafariz do Loreto ao seu Neptuno* (Lisboa, 1785) ou em *Conselhos sérios e joviais dados em quintilhas a um galego lorpa* (Lisboa, 1804) (cfr. Estevam 1956) parece estar presente o que Emilio Temprano (1988: 110), para o caso do sistema literário espanhol, chama de “*gallego de entremés*”. N’*O Galego e o Diabo* texto de Almeida Garret de 1824 ou no famoso *O Galego. Vida, Ditos e Feitos de Lázaro Tomé* de Alexandre Herculano, o imagotipo negativo é elemento repertorial central e carregado de uma evidente funcionalidade jocosa. Outros textos com presença do imagotipo negativo aparecem citados em Vaz 2008. O IN estará presente igualmente na pintura (*vid.* Anexos, XVII) e na incipiente fotografia da época (cfr. Dantas 2010) ou inclusive no cinema; segundo Carlos Consiglieri “*O primitivo cinema português ajudou a esta fixação [a do imagotipo]. O moço de frete (o galego dos recados) perduram em A Canção de Lisboa (1932-33) na cena da mudança; em A Vizinha do Lado; e em O Pai Tirano (1941)*” (Carlos Consiglieri *apud* Pinheiro 1994: 22; *itálicos no original*). Na fraseologia, por seu turno, há inúmeros vestígios: *Trabalhar como um galego, Guarda-te de cão preso e de moço galego, A fome e o frio fazem o gado galego, Debaixo de galego, só um burro, Cinquenta galegos não fazem um homem, Pariu a galega!* ou *Ver-se galego* são alguns dos adágios recolhidos por Grygierzee e Ferro 2009.

²¹¹ Seguimos aqui de perto as teses propostas por Elias Torres (1999: 273 e ss.).

Torres 1999: 280) contesta a imagem dos galegos a vigorar na altura²¹² quando, referindo-se à Galiza, afirma:

Pelo estudo da poesia gallega, é que se podem compreender as formas do lyrismo portuguez; e a desmembração d'esse territorio, que ethnicamente nos pertence tem permanecido para nós extranho durante tantos seculos, é que prova a falta absoluta de plano na nossa vida politica. A verdadeira origem da tradição lyrica da Galliza está ligada á sua constituição ethnica [...]

O afastamento da Galliza de Portugal provém do esquecimento da tradição nacional e da falta de plano politico em todos os que nos tem governado. Em Portugal o espirito moderno penetra, mas ainda, é considerado como revolucionario. Na Galliza o estudo da tradição começou já.

Leite de Vasconcelos (*apud* Torres 1999: 284) irá, pouco depois, incidir explicitamente no assunto em sintonia com Teófilo Braga:

Assim como, segundo a theoria da evolução, o homem-animal se esqueceu de que sahira lentamente dos mammiferos simianos, tambem muitas vezes o homem-social perdeu a lembrança da sua origem ethnica. (...) Achamos o mesmo esquecimento no facto que se dá entre Portuguezes e Gallegos. Sabe-se que para Portugal o nome *gallego* é uma irrisão.

[...]

O proprio Camões, apesar de descendente de uma familia da Galliza, não se pejou de dizer ao povo da sua procedencia: Oh sordidos galegos, duro bando.

Se existe, pois, tal analogia entre Portugal e Galliza, analogia que tão bem póde traduzir-se numa federação, se o curso das ideias, em vez de levar a utopias monarchicas de união ibérica prejudiciaes para nós, guiar os animos num certo sentido; se nós vemos as populações da Galliza emigrarem constantemente para cá, offerecendo-nos os seus braços em qualquer ordem de trabalhos: porque é esse opprobio infame e arremessado às faces dos nossos irmãos?

A tomada de posição de Leite de Vasconcelos continua com um protesto inconformado para com o IN (*apud* Torres 1999: 284-285; *itálicos nossos*):

²¹² O citado *O Galego. Vida, Ditos e Feitos de Lázaro Tomé* (1845-1846), texto inserido numa série de “Typos Portuguezes” que Alexandre Herculano ia empreender e de que só publicou este primeiro volume, além de servir-se repertorialmente do IN introduz uma nova visão da Galiza e dos galegos; A. Herculano especifica no Prólogo: “A ideia ‘galego’ é complexa; é trina. Há galego-mito – galego-história – galego-actualidade: o primeiro um símbolo; o segundo um ovo; o terceiro um elemento social” (Herculano 1981[1845-1846]: 219).

Aproveitando a ocasião do 2.º centenario calderoneano, em que os povos peninsulares, conforme ha pouco fizerão a Camões, se aggregão para commemorar a memoria de um espirito illustre (...) venho, perante a Geographia, a Historia, a Ethnographia e a Moral, protestar solemnemente contra o falso *preconceito portuguez* que liga ao nome gallego uma significação affrontosa.

Espero que a imprensa illustrada do paiz cor-responda a este apêllo (cfr. Grygierzee e Ferro 2009: 98)²¹³.

Para Oliveira Martins (*apud* Torres 1999: 313) em termos parecidos, por exemplo:

[...] portugueses e gallegos somos um e o mesmo povo na lingua e no sangue [...] Desde o Finisterra pelo menos até ao Mondego, o povo é absoltamente o mesmo, e se não tivesse sido o facto da scizão politica pelo Minho, a lingua seria absolutamente identica. O portuguez não é outra coisa senão o galleciano que tomou caracteres proprios com a cultura principalmente quinhentista. Antes, as duas fallas não se distinguem.

O novo olhar de algumas elites portuguesas além de elaborar uma série de ideias para o quadro relacional galego-português presididas pela afinidade/igualdade, é consciente do funcionamento do IN, o qual parece quererem contrariar decididamente, contribuindo significativamente também para o surgimento do IdA que irá, em nosso entender, consolidando-se no imaginário português ao longo das décadas seguintes até 1936.

A partir do percurso do enclave galego de Lisboa é possível, entendemos, obter, em alguma medida, indícios do funcionamento efetivo do IdA no espaço social português; por outras palavras, as tomadas de posição dos galegos, nomeadamente da elite económica do enclave, agora com necessidades objetivas que vão além sustento, vão fornecer informação acerca da vitalidade dos dois imagotipos aqui citados.

Em 1908, o correspondente de *El Tea* em Lisboa afirmava: “Pasaron los años en que nuestros compatriotas eran objeto de befa y demás expansiones populares. Hoy debido á nuestra actividad y con ella el progreso y cultura, han desaparecido esos

²¹³ A intervenção de Leite de Vasconcelos (*apud* Torres 1999: 285) elucidativamente incluía o seguinte poema de onde destacamos:

Porque te insultão, lyra das Hispanhas?/ Pois não ouvem o grito do Alalá! Que os Gallegos então nas montanhas? [...] Não differem as nossas tradições [...] Possuimos egual quinhão de glória. Jamais o opprobrio desleal e baixo/ Sobre o nome gallego, nosso irmão!/ A Justiça levanta o vivo facho/ Da federal e ehtnica união:/ Separados da Hispanha, em dia novo,/ Outra vez formaremos um só povo!

antiguos rencores que más de una vez dieron origen á graves conflictos” (*El Tea*, 5/12/1908). A asseveração de *El Tea* pecava de excessivo entusiasmo. Escassos dois anos mais tarde, sob o título “Los gallegos de Lisboa” e a raiz de umas eventuais piadas sobre os galegos aparecidas na publicação lisboeta *Os Ridículos*, escreviam em *El Tea* (23/7/1910, p. 2; itálicos nossos):

¿No son preferidos los gallegos en todas partes á los de otras naciones? En Lisboa mismo, ¿no hay muchísimos más portugueses desempleados que gallegos?

¿Qué prueba ésto, entonces?

Que los gallegos son *hábiles, trabajadores y honrados*, que al abandonar su casa su propósito es uno solo: trabajar y comer. Y esto hacen donde quiera que residan²¹⁴.

Repare-se que a própria fundação de Juventud de Galicia, em 1908, está de alguma forma relacionada com a vigência do IN e as funções humorístico/ridicularizantes e de marginalização que realizava²¹⁵; segundo Juan-Gil López (2005: 67), Juventud de Galicia teria surgido “a raíz do conflito que provoca a expulsión dun grupo de galegos dunha festa” para rapidamente se converter num espaço de socialização para os galegos, presumivelmente para os *Lisboanos* mormente²¹⁶. Note-se igualmente a tendência, durante a década de 10 e antes, para nomear as iniciativas de variado tipo do enclave sempre distanciando-se do negativamente conotado *galego* (González 2011[: 14]).

²¹⁴ Poucos dias depois, *El Tea* (30/07/1910, p. 1) recolhia o texto (ou um dos textos) motivo da afronta; anotamos o seguinte excerto: “Cachaço calejado p’lo chinguiço / Vermelho como a flor da sardinha, / As cordas penduradas na lombeira / Que são indispensáveis no serviço [...] No lar, encontra filhos com fartura / Todos feitos em *carta registada!!!*”

²¹⁵ Rodrigues Vaz (2008: 16-17) relaciona a fundação de Juventud de Galicia ao movimento associativo da colónia galega:

O aparecimento da X[uventude] G[aliza] insere-se obrigatoriamente nas lutas pela dignidade do trabalho que naquela época se digladiariam na capital portuguesa, como reconhece Don Ramiro [Vidal Carrera]. Dadas as péssimas condições em que os empregados de café viviam na época em Lisboa [...] para pôr cobro a tal situação foi constituído em 1907, no 1º andar do número 33 da Rua do Poço do Borratém, o Grupo de Propaganda e Defesa dos Interesses dos Empregados dos Hotéis, Restaurantes e Cafés, cujo primeiro objectivo foi conseguir ter direito ao descanso semanal.

Este grupo dará origem à Associação de Classe dos Empregados dos Hotéis e Restaurantes de Lisboa, onde pontificam profissionais galegos, como aliás já eram maioritariamente galegos os que em 22 de Maio de 1904 tinham constituído a Associação dos Criados de Mesa, Soc. Cooperativa, Lda. Na Rua de S. Boaventura.

²¹⁶ Pouco depois da sua fundação, segundo Gabino Castro Gil (1999: 57), “são então convidadas figuras já ilustres da Comunidade, nomeadamente Varela Cid, de uma famosa família de distintos músicos e beneméritos, Serra Fernandez, ilustre Galego fundador do bairro Estrela de Ouro, à Graça, Casal Amoedo, industrial do sector da madeira, António Conde, grande empresário da hotelaria, e outros”; também António Venâncio Guisado, como veremos.

Já no período em foco neste capítulo, em 1912, as elites do enclave vão insurgir-se decididamente contra a intervenção de Guilhermina de Moraes (um pseudónimo, muito provavelmente) nas páginas d’*O Paíz. Jornal Republicano Radical* (17/09/1912, pp. 1 e 2). Sob o título “O roubo nos pesos e nas medidas”, afirmava, entre outras coisas (*vid.* Anexos, XVIII), a autora: “o mais refinado ladrão n’esta especialidade é o gallego tasqueiro, taberneiro carvoeiro e merceeiro. Este figurão vindo do norte, cheio de ronha e porcaria, é aceite em Lisboa como homem honesto e de trababalho [sic.]” e, mais à frente, “Ele é o dono dos *hoteles de pernoitar*; elle é o proprietario dos cafés das camareras; elle dirige as tabernas onde a malandragem se vae acoitar [...] para as libações gratas á sua miseravel vida” (itálicos no original). Como vemos, ativando o IN, Guilhermina de Moraes põe em causa a ética e o profissionalismo dos estabelecimentos comerciais dos galegos²¹⁷. Ora, em 1912, o enclave já se encontra suficientemente fortalecido, coeso e organizado como para rejeitar publicamente as afirmações de G. de Moraes, pois conta com instituições próprias para este tipo de finalidades. Assim, poucos dias depois, sob o título “Colonia Callaica”, *O Paíz* (21/09/1912, p. 1), com alguma relutância, anuncia que receberam uma carta dos galegos “queixando-se” do artigo de G. de Moraes. A tal carta seria publicada dias mais tarde, presumivelmente devido à pressão dos galegos, em artigo intitulado “A Colonia Callaica” (29/09/1912, pp. 1 e 2; *vid.* Anexos, XIX); significativamente, a carta é assinada pelo Presidente de Juventud de Galicia, “Lorenço Varella Cid”, um empresário de sucesso; quanto o conteúdo, a carta insurge-se contra as palavras de G. de Moraes enfatizando especialmente o carácter *empreendedor* e *trabalhador* dos galegos, argumentos caros, entendemos, à elite empresarial do enclave. A autora de “O roubo nos pesos e nas medidas” acabaria por voltar a intervir nas páginas d’*O Paíz* noutro tom: sob o título “Á Colonia gallaica. Uma satisfação franca e sincera” (24/09/1912, p. 1), G. de Moraes

²¹⁷ Parece evidente como neste caso a ativação do IN não visa provocar o riso nos leitores mas antes denegrir um coletivo concreto do espaço social português, sendo esta, em nosso entender, uma mostra clara das várias funções que aquele pode desempenhar (de marginalização/discriminação aqui); lembre-se, por outro lado, a proximidade temporal com as incursões monárquicas de Paiva Couceiro desde a Galiza. Citamos a seguir uma reflexão de González Lopo (2011[: 11-12]) nesta direção:

Cabría preguntarse si esa ofensiva en pro de la divulgación de un viejo estereotipo en un momento en que comenzaban a multiplicarse los ejemplos que lo impugnaban, no es en cierto modo signo de ese cambio y una respuesta al mismo al ser visto por un sector de la población autóctona como una amenaza por la inversión de papeles sociales que de cara al futuro parecía presagiar.

Por outras palavras: o progresso dos *Lisboanos* poderia muito bem ser percebido negativamente por grupos com interesses nos mesmos setores económicos ou, simplesmente, por aqueles que receando o ascenso daqueles apenas pretenderiam evitar uma mudança nas suas próprias posições.

escreve: aos galegos honrados “presto eu, como portuguesa toda a homenagem do meu maior respeito e a alta consideração que me merecem todas as pessoas de bem”.

O enclave reage através dos meios ao seu alcance aquando da morte de um dos seus membros. A capa do nº 3 de *España y Portugal* (cfr. *supra*) está dedicada por inteiro a desenvolver a manchete “Españoles. Nuestro Compatriota José Carrera Seoane ¡¡Ha Muerto a causa de la Agresión Cobarde del policía, 380!!” (22/11/1913). A notícia teve, por seu turno, acolhida em termos similares no metropolitano *El Tea*. No seu último número, *España y Portugal* lançava a seguinte iniciativa: “SUSCRIPCIÓN POPULAR. Patrocinada por *España y Portugal*, para procesar el policía 380, que mató nuestro compatriota José Carrera Seoane” (*España y Portugal*, 6/12/1913, p. 3); a seguir, figuravam várias dezenas de nomes com as quantidades entregues.

Vemos como, apesar dos novos discursos portugueses sobre a Galiza no último terço do século XIX, a planificação galeguista e dos republicanos, as tomadas de posição do agora fortalecido enclave, das suas elites, ajudam a entender neste período a **imagem galega** a funcionar no espaço social como presidida pelo **IN**. Repara-se, neste sentido, em: (i) a proliferação de, em termos de Núñez Seixas (2002: 12; *italico no original*), “*ejemplos contraestereotípicos*”, representados aqui, em geral, pelos *Lisboanos* e as suas instituições²¹⁸; (ii) como a partir destas, as elites do enclave tentam promover *contradiscursos* ou *contraimágenes* (cfr. *supra*) que para esta altura (e em sintonia com o descrito por Núñez Seixas para o caso argentino) parecem nutrir-se da ideia do *bom imigrante* caracterizado pela sua “laboriosidade e honestidade” (*id.*: 117)²¹⁹.

²¹⁸ Segundo Núñez Seixas (2002: 15), a proliferação de exemplos *contraestereotípicos* vai fazer com que “menos probabilidades terá un estereotipo [o IN, aqui] de subsistir. Pois neses casos a súa funcionalidade se esluí, a súa explicación soxacente deixa de ser operativa ou os individuos chegan á conclusión de que a información de que dispoñen sobre o membro dun exogrupo non sustenta a explicación na que se basea o estereotipo”. Segundo os dados manejados, exemplos destes não faltavam na Lisboa das primeiras décadas do século XX; a própria fundação de Juventud de Galicia contraria de alguma forma a ideia do galego *aguadeiro* ou *serviçal*; algumas das iniciativas que leva a cabo o enclave, ou grupos inscritos neste, não passaram despercebidas na imprensa galega da altura, por exemplo: notícia da conferência em Juventud de Galicia de José Darse Sobrino, agrarista republicano, “El movimiento agrario en Galicia y sus beneficios” aparecida nas páginas do *Diário da Tarde* (10/05/1913, p. 8) ou a conferência “El espíritu de Asociación”, também em Juventud de Galicia, noticiada por *O Rebate* (9/10/1913).

²¹⁹ Em 1915, Juventud de Galicia lança um folheto, com quase cerca de 20 páginas, para comemorar o sétimo aniversário; no primeiro texto, o Presidente, Manuel Casal Amoiero, sob a epígrafe “La virtud del gallego” afirmava (com duvidosa prosa):

Una treintena de residencia habitual en Lisboa, y, en mi pequeño juico, e [sic.] observado la *conducta intachable* de nuestros regionales, por su *laboriosidad, persistencia, constancia y honradez* [...] los cuales son el orgullo de esta culta sociedad y las simpatías que han sabido pactar de toda la colonia en general (Juventud de Galicia 1915: 3; *italicos nossos*).

Localizámos o folheto (tardiamente) no Arquivo da Emigración Galega do Consello da Cultura Galega, onde conservam uma cópia do mesmo. Agradecemos aqui a Carolina García Borrazás a ambabilidade mostrada.

Significativamente, nesta altura, o *contradiscurso* predominante no enclave não parece recorrer à ideia de *afinidade* de variado tipo em elaboração por grupos galegos e portugueses; a adscrição identitária/nacional dos membros do enclave é no mínimo ambígua. Deste modo, por último, entendemos poder afirmar o imaginário português desta altura acerca dos galegos como presidido pelo IN. Autointitular-se *galego*, como em todo o século XIX, não deveria ser uma prática socialmente rentável em Portugal o qual se deve (não só, mas também) à *perenidade* inerente à natureza dos imagotipos, das imagens.

4.4. Trajetória e intervenção de Alfredo Guisado 1910-1915

Considerámos 1916 uma data chave em função do estado dos campos galego e português, o qual, como veremos, refletir-se-á na própria trajetória de Alfredo Guisado. Em termos gerais, até 1916, o percurso guisadiano está marcado por: (i) um destacado envolvimento, familiar e pessoal, na vida do enclave, (ii) o qual se manifesta na sua adesão explícita ao programa agrarista e, por outro lado, (iii) a sistemática vontade de intervir literariamente, a partir de 1914, como membro do Grupo do *Orpheu*. A continuação e aos efeitos expositivos (seguindo uma lógica expositiva), além de focar a análise nesta direção, explicitamos em primeiro lugar o nosso entendimento acerca da origem social do produtor em foco com o intuito de melhor esclarecer as tomadas de posição deste.

4.4.1. Origem social de Alfredo Guisado

O percurso da família de Alfredo Pedro Menezes Abril Guisado (Lisboa, 30/10/1891 - 30/11/1975) está estreitamente vinculado ao fenómeno migratório galego cujo destino foi Portugal ou mais concretamente Lisboa. No caso da família Guisado, como no de outras muitas do sul da Galiza, o recurso à emigração para Portugal como uma *forma de vida* parece vir de longa data. Segundo Domingo González Lopo (2011[:7-8]; itálico no original) já em 1745 “se atiende en la enfermería de San Vicente del Hospital de Todos-os-Santos de Lisboa a Francisco Guisado, natural de aquella parroquia [Santa Marinha de Pias, Ponte Arêas], *mosso do saco*”. Por outro lado, as notícias que temos acerca do Restaurante Irmãos Unidos, gerido por António Venâncio Guisado (pai de Alfredo Guisado) entre 1880 e 1932 (um ano antes do seu falecimento) remontam a 1832 (1834?) (Santana e Sucena 1999: s. v. “restaurantes; Irmaos Unidos”;

vid. Anexos, XX²²⁰); segundo afirma o sobrinho de Alfredo Guisado, António Guisado, o restaurante seria originalmente propriedade da família da mãe de Alfredo Guisado, Benedicta Abril Gonzalez, que casou com o então gerente, António Venâncio Guisado (António Lago Guisado a CPJ). Apesar da longevidade da relação dos ascendentes de Alfredo Guisado com Lisboa como destino migratório, constatámos os estreitos vínculos que mantêm, segundo a informação manejada, com a terra de origem, a metrópole aqui; a vida e o trabalho em Lisboa mais parece, como dizíamos, uma *forma de vida* que se completa também com visitas regulares à metrópole e, inclusive, participando ativamente na vida desta mediante outros negócios ou a intervenção na política local. Deste modo, em Alfredo Guisado e na sua família em geral, parece estaria inscrito, entendemos, o fenómeno migratório com alguma naturalidade, não necessariamente como algo traumático; para a família Guisado²²¹, como para muitos outros emigrantes galegos em Lisboa, emigrar suponha dispor de dois espaços que lhes seriam próprios: o lugar de residência e trabalho e a terra das *origens*, com a qual mantêm importantes vínculos²²². Além das ligações afetivas que as diferentes gerações iriam transmitindo aos descendentes assim como as sazonais visitas metropolitanas facilitadas pelas evidentes melhoras nas comunicações (nomeadamente a partir da construção da ponte entre Tui e Valença, em 1886²²³), a **lealdade** para **com a metrópole** dos Guisado (e doutras famílias do enclave lisboeta) nutre-se também, entendemos, dos benefícios não materiais que o contacto efetivo com a terra de origem traria em função dos capitais acumulados em Lisboa. Quanto ao primeiro, as ligações

²²⁰ No dicionário citado a data de inauguração é 1932, no anúncio, porém, que figura no Anexo XX aparece 1934; provavelmente seja a primeira data a real, se temos em conta a notícia da comemoração do centenário em *El Tea* a 3/4/1932 (“De Lisboa. Centenario Prestigioso”). Na mesma notícia, entrando em contradição com a informação dada pela família (cfr. *infra*), indica-se acerca do restaurante que foi fundado “por el abuelo del actual propietario, don Antonio Venancio Guisado”.

²²¹ No caso concreto de A. Guisado, a emigração foi e entendia-se claramente como um fenómeno familiar, como testemunha uma das cartas enviadas à namorada (a 3/08/1919): “O meu tio Guilherme e tia Pascuala seguiram ontem de manhã para a província e meus pais, minha tia Rita e a filha e a restante família seguem amanhã por mar para Vigo”.

²²² A medida do poder destes vínculos e desta *forma de vida* da família Guisado (e outros) poderia ilustrar-se com o facto de ainda hoje os netos e bisnetos de António Venâncio Guisado terem 2ª residência em Pias, Ponte Arêas. Repare-se: quase 300 anos após a primeira notícia confirmada de um *Guisado* em Lisboa, os (prováveis) descendentes (ou parentes) continuam a ter casa no mesmo lugar onde tinha nascido o Francisco Guisado citado. Repare-se, igualmente, no facto de após a venda da casa construída por António Venâncio Guisado em Pias (a Quinta das Camélias, como assim a conhecem na família), já referida, os descendentes construíram outras habitações; a casa de António Lago Guisado (sobrinho de A. Guisado), onde tivemos ocasião de estar, encontra-se a umas poucas dezenas de metros da velha casa matriz.

²²³ Ponte Arêas, por estar ao lado de Mondariz, beneficiou do melhoramento contínuo das comunicações viárias em direção a esta última localidade; os empreendedores proprietários do Gran Hotel Balneario de Mondariz, note-se, chegaram mesmo a promover uma linha de elétrico entre Vigo e Mondariz.

afetivas referidas, o caso de Alfredo Guisado parece evidente se atendermos à sua produção literária (cfr. *infra*) ou às referências que faz à metrópole nas cartas à sua namorada; por exemplo a 25/02/1917:

Juntinhos iremos também nêsse futuro ansiado, até essa outra terra onde nasceu o meu pai e onde os meus dedos de garotito, em idos tempos, se acostumaram a acariciar a neve dos cabelos da minha inolvidável avôzinha que tão minha amiga era, e aí, nessa terra onde tantas e tantas vezes no verão passado eu pensei em ti, recordaremos naqueles mesmos lugares onde, longe de ti, pronunciei o teu nome...²²⁴

Relativamente ao interesse dos Guisado em manter o contacto e a sua rede social na metrópole é necessário, antes de mais, esclarecer a sua posição no enclave lisboeta. Inequivocamente, António Venâncio Guisado é um dos *Lisboanos* que no seu destino migratório conseguem ter *êxito* e acumular importantes quantidades de capital económico. Além de proprietário restaurante Irmãos Unidos, um dos palcos de reunião dos membros do Grupo do *Orpheu*, esteve envolvido junto de Agapito Serra Fernandes (outro *Lisboano*²²⁵) no Cinema Royal, o primeiro a passar um filme sonoro em Portugal (António Lago Guisado a CPJ)²²⁶; teria também casa de hóspedes ou hotel durante algum tempo (que não conseguimos determinar)²²⁷ ao passo que era “produtor agrícola

²²⁴ Noutra carta a Maria Guilhermina Linhares Ferreira, A. Guisado (19/09/1919) expressa o seu desejo de ter uma casa própria na “provincia”, isto é, em Pias, reproduzindo assim uma *forma de vida*, como vimos, inscrita na família Guisado (e noutras): “Temos sonhado, Amor, muitas vezes como há-de ser a nossa casa de Lisboa, mas nunca idealisamos bem como há-de ser o nosso lar da provincia”. A. Guisado e a sua mulher, após a morte do seu pai, serão, com efeito, proprietários de uns dos andares da casa familiar, visitando regularmente Pias, segundo a informação maneja.

²²⁵ Segundo González Lopo (2011[: 10]), A. Serra Fernández, proprietário da empresa Estrela d’Ouro “patrocinaria la construcción [1908-1909] del *Bairro* del mismo nombre en la feligresía lisbonense de A Graça -proyectado por el prestigioso arquitecto Manuel Norte Júnior-, para que sirviera de residencia a sus operarios, y que todavía hoy constituye un monumento al poder económico de este grupo inmigrante”.

²²⁶ Por meio de Luís Dantas (2010: 105) sabemos que o jornal espanhol *ABC* (27/12/1929, p. 26; <http://hemeroteca.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/madrid/abc/1929/12/27/026.html>) deu notícia da inauguração do Cine Royal: “El industrial español D. Agapito Serra Fernández, que reside hace años en Portugal, ha inaugurado, el día de Navidad, un espléndido salón de cinematógrafo. Toda la Prensa elogió la iniciativa de este español, que ha dotado a Lisboa de una gran sala de espectáculos, donde actúa una magnífica orquesta, bajo la dirección del ilustre violinista español Beneto”.

²²⁷ González Lopo (2011[: 10]) vincula a família Guisado ao Hotel Francfort de Lisboa; questionado sobre este assunto, o sobrinho-neto Miguel Gonçalo Guisado (a CPJ) afirmou António Venâncio Guisado não ser proprietário ou sócio do citado hotel. Pela correspondência entre A. Guisado e Maria Guilhermina Ferreira, a que viria a ser a sua mulher, sabemos que o pai sim tinha interesses imobiliários; assim, por exemplo, a 21/06/1919 escreve A. Guisado: “Como já te disse, vaga em Setembro um andar do prédio de meu pai na Rua de João Crisóstomo [zona de Saldanha], um segundo andar. Para êsse andar tenho dois pedidos...”; noutra carta anterior, 1/10/1918, A. Guisado relata os trabalhos (acentuando, aparentemente, o *peso*) de que é responsável enquanto os pais estão na Galiza:

tenho de me levantar tres e quatro vezes para atender a esta maçada que meu pai me deixou ficar de inquilinos e empregados. Uns que veem fazer reclamações e pedir autorização para diversas coisas, outros que pretendem mudar-se e que trazem arrendamentos para assinar, não contando, é

em Pias” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ), do qual o notícia as constantes referências de *El Tea* ao passar dos Guisado por Pias. Da posio da família Guisado d notícia também a ateno (interessada) que *Vida Gallega* lhe dedica em 1910 sob a manchete “Vida Gallega em Lisboa. – Paisanos conocidos” (31/05/1910; antes, portanto, da proclamao da República Portuguesa; *vid.* Anexos, XXI); dizia assim *Vida Gallega*, com notrio tom laudatório (sublinhados nossos):

Entre la numerosa colonia gallega residente en Lisboa, tan repleta de nombres  quienes acompaa justa fama de probidad y honrado trabajo, distnguese notablemente nuestro conterráneo D. Antonio Venancio Guisado, propietario y comerciante, cuyo retrato tenemos el placer de publicar, juntamente con los de su esposa, hijos  hijo político.

En muy tierna edad fué  Lisboa, y en poco tiempo supo conquistarse una reputaci lisonjera y un crédito ilimitado debido únicamente  su acrisolada honradez, tanto en su vida comercial como particular.

Sin nunca olvidar su aldea, Santa Marina de Pas (Mondariz), la cual visita todos los años, procura dejar gratos recuerdos entre sus convecinos menesterosos y remediados.

[...]

La familia Venancio Guisado, es, por todos conceptos, merecedora del recuerdo que hoy le tributa VIDA GALLEGA. En todas las ocasiones evidnciase asociándose  todos los actos humanitarios y patrióticos que se organizan en esta colonia.

Las campañas de difusión para nuestro dialecto; la exasperacin contra los políticos que nada hacen por el embellecimiento de los pueblos rurales; el abandono de las escuelas y las venganzas electorales, son la constante lucha de nuestro significado conterráneo.

Em funo do caráter comercial da empresa jornalística dirigida por Jaime Sol e o seu nítido interesse por atrair publicidade das casas comerciais dos galegos abastados da capital portuguesa (e doutras capitais com enclaves galegos), parece evidente que esta descrio da família Guisado estaria em sintonia com os desejos dos visados; do *retrato* sobressai a figura de *filantropo*, comprometido com o enclave, com os “menesterosos y remediados” e, significativamente, com as causas de alguns grupos metropolitanos, regionalistas e agraristas. Deste modo, para quem em Lisboa está

claro, como o trabalho que me d a gerência da casa de meu pai e a de meu tio Guilherme [provavelmente outro restaurante ou casa de pasto] que no momento de dificuldades que vamos atravessando  de não deixar quási que um instante livre e isso que estou aqui desde as 7 da manhã  1 hora da madrugada.

Por outro lado, a vocao *empreendedora* dos *Lisboanos*, em geral, e dos Guisado, em particular, fica patente de alguma forma noutra carta de A. Guisado  namorada (25/06/1918; itálicos nossos): “Desde que tu partiste, pouco ou nada tenho saído. Apenas depois do almoço, vou até  *Bolsa*, onde *fiz uma pequena operao que me render, -calculo-, uns cento e cincoenta escudos*, e depois vou estudar”.

confrontado com a vigência do imagotipo negativo e, ao mesmo tempo, a viver e trabalhar em espaços de grande exposição pública (o restaurante Irmãos Unidos esteve aberto até 1970 na Praça do Rossio²²⁸), *Vida Gallega* e a metrópole oferecem atenções e visibilidades, outros capitais além do económico, o **reconhecimento** por exemplo, que Lisboa, na altura, dificilmente lhes poderia brindar apesar da sua fortaleza económica. A sistemática e amável atenção que *El Tea* dispensa aos Guisado²²⁹ seria com certeza motivo de contentamento ou afirmação para o patriarca familiar. A lealdade para com a metrópole dos Guisado também se firma, entendemos, por esta via, e pode expressar-se com tomadas de posição, como veremos, diversas.

Referindo ainda o artigo de *Vida Gallega*, cabe destacar como se substantiva a lealdade de António Venâncio Guisado: indiscutidamente, colabora e participa no movimento chefiado na Condado pelo **republicano-agrarista** Amando Garra; segundo o historiador Hervés Sayar, como vimos, seria mesmo um dos financiadores iniciais de *El Tea*. Assim, segundo *El Tea* (6/2/1914), o pai de Alfredo Guisado seria um dos fundadores da Sociedad de Agricultores de Pias e, na altura, 1914, “presidente honorario”. António Venâncio Guisado participa igualmente nas tomadas de posição que dentro do enclave se distanciaram publicamente de qualquer hostilidade para com a nova República Portuguesa, mostrando assim uma proximidade ao republicanismo português (mostrando, na prática, uma decidida estratégia perante as novas possibilidades de variado tipo que significaria a mudança de regime), mas também ao metropolitano.

Mais obscura, em função da informação manejada, é a indicação de *Vida Gallega* que remete para o **regionalismo** da época (“campañas de difusión para nuestro

²²⁸ Já na altura o Rossio era uma das zonas lisboetas marcadas pela sua função de espaço de convívio social; como indica Guilherme Pereira (2011: 20), para esta altura, “ir à Baixa ou subir ao Chiado, para comprar ou somente para ver as montras, eram outro dos hábitos de todas as camadas sociais [...] passear fazia-se também na Avenida, no Rossio”.

²²⁹ Em 1911, por exemplo, apresentava assim *El Tea* (15/07/1911) o pai de A. Guisado, integrante de uma comissão de emigrantes em Lisboa a favor da República, já aludida: “Sr. Antonio Venancio Guisado propietario del conocidísimo restaurant Irmãos Unidos sumamente relacionado aqui y en Galicia”. Aquando do falecimento da irmã, Palmira Guisado, *El Tea* (15/6/1912) dedica uma considerável atenção: “Muy sinceramente acompañamos en su justo dolor por la irreparable pérdida sufrida, al Sr. Alvarez Gonzalez y demás familia, especialmente a nuestros muy estimados D. Antonio Venancio Guisado y D. Alfredo Pedro Guisado padre y hermano, respectivamente”; o relato do semanário agrarista do enterro de Palmira Guisado *de Álvarez* é um testemunho também, lutuoso em todo o caso, do relevante capital económico e social da família Guisado, segundo *El Tea* (22/6/1912), o cadáver foi velado pelos “empleados de los restaurants ‘Irmãos Unidos’ ‘Gibraltar’ ‘Oriental’ ‘Corpo Santo’ y ‘Geraldés’ [...] A los pobres fueron distribuidos 25.000 reis en sufragios por el alma de la finada. El funeral fué imponente; en el cementerio organizáronse siete turnos, siendo dos constituídos por señoras” e deram notícia do falecimento, sempre segundo *El Tea*: *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *A Lucta*, *O Século*, *O Mundo* e *O Dia*.

dialecto”, dizia). Os indícios encontrados nesta direção estão vinculados à muito provável relação de proximidade (de amizade, quiçá) que António Venâncio Guisado teria com Enrique Peinador Vela (e os seus descendentes), proprietário do *Balneário* de Mondariz e do museu etnográfico de Pias, como já anotámos; por esta via, é que entendemos poderia emergir nos Guisado uma orientação regionalista²³⁰, evidente na trajetória guisadiana. Neste sentido, interessa ressaltar o *Balneário de Mondariz*, espaço marcado por um certo *cosmopolitismo*, como mais um atrativo para os Guisado necessitados de, nas suas longas estadias na metrópole (normalmente durante os meses de verão), encontrar também lugares para socializar e, porventura, mostrar e dar a conhecer os seus *éxitos* ou propiciar o casamento dos filhos com membros de famílias vinculadas à terra das *origens* (e/ou do enclave)²³¹. À volta do Gran Hotel de Mondariz

²³⁰ Focando agora António Venâncio Guisado: sabemos que este teria apoiado um dos projetos dos Peinador, sendo acionista do elétrico Vigo-Mondariz (*El Tea*, 15/11/1913); segundo *La Temporada* (14/07/1918) A. V. Guisado seria um dos doadores, com 10 pesetas, para o monumento a Enrique Peinador Vela construído à frente do Gran Hotel; por último, o neto António Guisado, afirma, neste sentido: “António Venâncio Guisado [foi] grande amigo do Peinador” (António Lago Guisado a CPJ). Em 1924, *La Temporada* (21/09/1924, p. 3) soma-se de alguma forma à homenagem da Sociedad de Agricultores de Pias a A. V. Guisado, “modelo de perseverantes e inteligentes luchadores por la libertad y engrandecimiento del agro”.

²³¹ António Venâncio Guisado e Benedicta Abril González tiveram 3 filhos: Palmira (falecida em 1912), Alfredo e António. A primeira casou antes de 1910 com Eugenio Álvarez González, de origen galega (muito provavelmente da zona do Condado) e que trabalhava nos negócios familiares. António, o menor, casou com “Isaura Benita Lago Rodrigues, natural de Pias, [...] oriunda duma família de agricultores de Pias. Era afilhada da mãe do futuro marido” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ). Alfredo Guisado contraria esta lógica ao casar no verão de 1921 com M. G. Ferreira; esta, originária de uma família camponesa de Vila Nova de Poiares vivia com os padrinhos, desde os 2 anos, em Lisboa, “um aristocrata Inglês [já falecido na altura da correspondência entre M.G. Ferreira e A. Guisado, julgamos] que possuía uma Quinta em S. Pedro de Sintra [vendida pela madrinha] e residia no Largo da Graça, onde posteriormente Maria Guilhermina passou a viver com o marido Alfredo Guisado” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ) e a madrinha; a própria Maria Guilhermina descrevia assim a sua posição social na 2ª carta (a 16/04/1916) que escreve a A. Guisado:

cumpre-me ser franca com Vexª., respondendo-lhe que pertenço a uma familia bastante modesta, se bem que tenha de orgulhar-me da sua honestidade. Vivo com minha madrinha desde a idade de dois annos, como deve calcular adoro-a, pois a ella devo tudo o que sou (se bem que nada seja) mas menos seria se vivesse com meus paes na aldeia, onde nada me poderiam proporcionar alem dos seus carinhos.

Na correspondência entre A. Guisado e a sua futura esposa, há vários testemunhos que indicam uma acentuada oposição dos pais ao casamento; a 20/11/1920, escreve A. Guisado:

falas-me no desejo que te acompanha de vires a ser estimada pelos meus e de os estimares. Receias que tal não suceda. Tenho-te várias vezes dito que, logo que o meu casamento se realise, imediatamente entre a minha família e tu nascerão aqueles laços de amizade, tão necessários para o bem-estar comum. É claro que já hoje mesmo na minha família se não encontra aquela oposição que há meses se encontrava [...] A má vontade desapareceu já e a boa amizade virá, finalmente, depois.

Meses depois, já finalizados os estudos de Direito, principal entrave, aparentemente, colocado pelos Guisado ao casamento, escrevia M. G. Ferreira (30/04/1921): “Ha apenas uma coisa que me intristece. É a tua família não gostar de mim, mas Deus e a Alma da tua santa irmã voará sobre nós para que essa nuvem desapareça. Eu gostava tanto que me quizessem como a madrinha te quer!”. A oposição dos Guisado ao casamento poderia muito bem estar relacionada com a lógica inscrita na família: os casamentos *faziam-se* com membros da metrópole e/ou do enclave. Em carta a António Ferro de 1913, A.

os Guisado teriam, com certeza, acesso a redes sociais marcadas pela notoriedade dos seus capitais (económico, simbólico, etc.). Por outro lado, todo parece indicar que mencionar (ou associar-se a) Mondariz em Lisboa na altura seria uma prática simbolicamente rentável (cfr. *infra*).

Partindo ainda da atenção elogiosa de *Vida Gallega* (“evidénciase asociándose á todos los actos humanitarios y patrióticos que se organizan en esta colonia”), a lealdade dos Guisado para com a metrópole também se substantiva no envolvimento nas atividades do **enclave**. Através de *El Tea* (22/03/1913) sabemos que António Venâncio Guisado foi objeto de um ato de reconhecimento no âmbito do enclave pois foi nomeado sócio “benemérito” da “Asociación Galaica de Socorros Mútuos en Lisboa”, a mais antiga instituição do enclave²³²; por outro lado, o pai de Alfredo Guisado, é, segundo o *Libro de cargos de la junta directiva* (1919-1949) de Juventud de Galicia, membro do Consejo Fiscal da mesma (*vid.* Anexos, XXII). Uma vez que na documentação interna de Juventud de Galicia os sócios só eram homens, muito provavelmente os *cabeças de família*, entendemos que, apesar de Alfredo Guisado não constar como sócio efetivo nos livros de registo, sim era sócio de facto.

4.4.1.1. A formação das novas gerações de *Lisboanos*: o caso de Alfredo Guisado

Em sintonia com a análise de González Lopo (2011), entendemos o investimento na formação dos descendentes como mais uma estratégia dos *Lisboanos* para progredir socialmente, acedendo assim, na prática, a novas possibilidades laborais e de outro tipo que geralmente as gerações anteriores não tiveram; os *Lisboanos*, agora com recursos

Guisado parece aludir a um namoro com uma tal “Serra”, provavelmente filha ou parente do *Lisboano* Agapito Serra Fernandes já citado; dizia A. Guisado (a 7/08/1913): “Emquanto ao boato do meu casamento com a Serra, é um boato falso, não tem confirmação oficial, por ora não tenho semelhantes ideias, meu caro, a não ser... Eu cá não quero dizer: ‘Daquela água não beberei’. Dou-te portanto a notícia que o podes desmentir, é boato que não tem razão de ser”.

²³² Fora do período em análise nesta Tese, António Venâncio Guisado teve um “merecido homenaje”, segundo *El Tea* (14/02/1936), nas instalações da Asociación Galaica, com presença do embaixador do Reino de Espanha; no ato, revelador do prestígio acumulado por A. V. Guisado (membro fundador da Asociación Galaica, segundo se pode ler na crónica de *El Tea*), Alfredo Guisado pronuncia uma conferência:

Seguidamente hizo uso de la palabra el ilustre abogado D. Alfredo Guisado hijo del homenajead, que agradeció el homenaje allí prestado a su fallecido padre.

Después el Doctor Alfredo Guisado inició la conferencia anunciada para aquella noche en la Galaica, bajo el tema ‘Solidaridad’, en la que demostró un conocimiento profundo de los beneficios que reportaría para la colonia gallega de Lisboa quitarse del aislamiento en que se encuentra, agrupándose en asociaciones mutualistas y culturales cuyos frutos más tarde serían beneficiosos para todos.

Terminó su conferencia después de haber exaltado al pueblo gallego laborioso y trabajador, y enaltecendo las bellezas naturales de la región gallega, cuya nostalgia siente en los versos de Rosalía, y que también se unen a la tierra portuguesa.

económicos suficientes, podem prescindir em alguma medida da ajuda dos seus filhos nas suas respetivas empresas e investir na formação destes o qual implica uma mudança qualitativa relevante nas **estratégias de socialização**, assim como a interiorização da necessidade de acumular outros capitais além do económico. González Lopo assinala vários casos neste sentido, além do produtor aqui em foco: Rodrigues Miguéis advogado e escritor²³³, “Lorenzo Varela Suárez, pianista y profesor del Conservatorio de Música de Lisboa²³⁴, o de Luis Varela, pariente del anterior, discípulo y sucesor del famoso artista Columbano Bordalo Pinheiro en la Escuela de Bellas Artes” (González 2011[: 12])²³⁵. Neste sentido, o artigo de *Vida Gallega* dedicado à família Guisado, destacava (cfr. Anexos, XXI):

Sus hijos reciben una esmerada instrucción en los centros docentes de la capital, obteniendo en sus exámenes notas de significado aprovechamiento. Así es que el joven Alfredo Pedro, luego que concluya sus estudios preparatorios, se trasladará á Bélgica ó Alemania para seguir la carrera de ingeniero de industrial.

Ninguno de sus hijos ignora la música, el *sport* y cuanto exige una educación moderna.

O interesse da família Guisado pela educação dos seus descendentes parece evidente (também de o dar a conhecer); não só pretendem dar estudos superiores aos filhos (homens) como também, no caso de Alfredo Guisado (o maior dos homens), os planos passam por estudar além Pirenéus (apesar da irresolução que transparecem as

²³³ José Rodrigues Miguéis (1901-1980), filho do emigrante galego Manuel Maria Miguéis Pombo, chegaria a ocupar uma posição de destaque no sistema literário português (cfr. Neves 1990). No romance *A Escola do Paraíso* de 1960, ambientando na sua infância lisboeta, são numerosas as referências à Galiza e aos galegos, apesar da escassa atenção dada pela crítica académica (as análises têm-se centrado basicamente na análise da sua relação com o conceito de *Bildungsroman*, cfr. Ribeiro 1998); no repertório galego utilizado por Rodrigues Miguéis fica patente o imotipo negativo, mas também um outro entendimento da galeguidade, próximo em certo sentido ao que aqui denominámos imotipo de afinidade (cfr. *infra*).

²³⁴ Este teria em Juventud de Galicia um, provavelmente dos primeiros, palco à sua disposição; segundo *El Tea* (15/01/1910, p. 2) o “notable pianista Lorenzo Varela Cid” toca na festa de Reis desse ano no centro galego.

²³⁵ Poderíamos talvez incluir nesta lista o empresário Manuel Cordo Boullosa (1905-1998) que, enquanto trabalhava na adolescência, preparava um curso comercial na Escola Académica. M. Boullosa é inequivocamente o grande exemplo do *sucesso* da emigração galega em Portugal; vinculado ao negócio do petróleo chegou a ter uma das fortunas mais importantes de Portugal, ao passo que manteve os seus vínculos com a terra das *origens* (apesar de nascer em Lisboa, passa parte da sua infância em Carítel) como demonstra o facto de ter legado o palacete onde se encontra atualmente Juventud de Galicia. Recebeu vários reconhecimentos ao longo da sua vida, também do governo da Galiza; hoje, à frente de Juventud de Galicia, há um busto a ele dedicado, com a seguinte inscrição de 1995: “A Manoel Cordo Boullosa. Galego Insigne. ‘O respeito e gratidão a meus antepassados, a lembrança saudosa da gente boa da minha aldeia, dão a explicação ao oferecimento desta Casa ao Centro Galego’”.

palavras de *Vida Gallega*) o qual, com certeza, estava ao alcance de muito poucas famílias lisboetas; desconhecemos se a irmã Palmira teve estudos universitários mas todo indica que não, sabia sim tocar o piano como refere Alfredo Guisado à sua namorada em carta a 10/03/1919²³⁶. Expressivamente, *Vida Gallega* destaca o facto de os Guisado apostarem por uma “educación moderna” que inclui o desporto ou a música. Com efeito, pela correspondência trocada com a namorada, sabemos que Alfredo Guisado praticava equitação; dizia este a 23/06/1917: “Preguntas-me também na tua última carta se tenho continuado com as lições de equitação e se tenho saído mas alguma vez a cavalo. Com as lições tenho continuado, mas ainda não voltei a sair a cavalo o que talvez suceda na próxima semana em companhia [...] do professor”²³⁷. Quanto aos estudos, Alfredo Guisado (provavelmente também o irmão António) estudou as *primeiras letras* em casa com um professor particular; em carta à sua namorada (29/07/1918) evoca esse tempo:

O meu velho professor de instrução primária, o Snr. Baptista, pessoa de que te falei várias vezes, faleceu repentinamente. Foi um grande amigo que perdi. E voltando os meus olhos por momentos para o passado, para os meus oito anos, eu ainda vejo o bom velhote, com uma paciência extraordinária a aturar-me, zangando-se comigo porque era um grande cábula, dando-me de castigo a lição maior para o dia seguinte, e ralhando-me muito. Às vezes o meu pai ouvia-o ralar, imediatamente calculava que era porque eu não estudara a lição e entrava no escritório onde estudava disposto a bater-me. Era então que o professor passava a não estar zangado e a dizer ao meu pai que não me batesse pois eu era um menino muito aplicado. E o meu pai então não me batia. Não imaginas o que me desgostou a triste nova. Ele era muito meu amigo, muito, e eu pagava-lhe na mesma moeda. Um amigo de há 19 anos, que guiou os meus primeiros passos no pouco que hoje sei.

Continuou estudos no Liceu do Carmo de Lisboa (cfr. António Guisado a CPJ; Vidal 1999: 17), segundo F. Castex (1971: 57) “considerado o melhor da capital”²³⁸, também frequentado pelos mais tarde membros (ou próximo, no caso do último) do Grupo do *Orpheu*, António Ferro, Mário de Sá-Carneiro ou António Cardoso Ponce de

²³⁶ A educação de M. G. Ferreira parece ser do mesmo género. Segundo informam as cartas enviadas a A. Guisado, aquela teria aulas de francês, piano e costura.

²³⁷ Segundo o sociólogo Guilherme Pereira (2011: 19; itálicos nossos) o “hipismo e o ténis mantiveram a sua prática em *meios mais selectos*, o primeiro em especial no meio militar”.

²³⁸ Na altura, Lisboa contava com três liceus, o Liceu Camões, o Liceu Passos Manuel (também conhecido por Liceu do Carmo) e o Liceu da Lapa.

Leão. Uma vez acabados os estudos liceais, sobre os quais não temos mais dados²³⁹, trabalhou no restaurante do pai (cfr. António Lago Guisado a CPJ) durante algum tempo, pois como confessa à namorada por várias vezes, Alfredo Guisado não parece muito atraído pelos estudos; assim, por exemplo (21/06/1918):

falas-me dos estudos. Cá vou arrastando a pesada cruz ao Calvário. Sempre fui, bem o sabes, um cábula incorrigível, aborreceram-me sempre os livros e deixava sempre para as vésperas do exame o estudo. Mais uma vez assim aconteceu e eis porque mais me custa, mais me cansa, parecendo que os livros teem feitiço pois nunca mais consigo chegar ao fim dêles. Parece que as páginas e as fôlhas se multiplicam. Tenho, é claro, continuado com aquela fôrça com que comecei, há pouco mais dum mês e tenho muitas esperanças de não ser derrotado; vamos a ver [...] O programa é vastissimo e o tempo é pouco.

No curso 1915/1916, aquando o envolvimento no Grupo do *Orpheu* (cfr. *infra*), começa a estudar Direito em Lisboa, curso que completa, não sem alguns entraves, em novembro de 1920 como testemunha a fotografia publicada na *Ilustração Portuguesa* (29/01/1921, *vid.* Anexos, XXIII) ou a carta que envia à namorada (24/11/1920): “Eram cinco e meia da tarde quando hoje acabei o acto grande. Finalmente livre. Já não podem duvidar os que se riam quando lhes falavam na minha formatura. Deu-me trabalho, é certo, mas foi êste acto até um dos melhores que fiz”; no dia seguinte, com indisfarçável orgulho, Alfredo Guisado envia um cartão impresso à namorada com a seguinte legenda: “Alfredo Pedro Guisado. ADVOGADO”. Por outra parte, os motivos pelos que Alfredo Guisado se decide a tirar um curso universitário mais parecem aparentemente ligar-se à vontade explícita dos pais por verem os filhos com diploma universitário, como indica a carta que envia a M. G. Ferreira a 25/07/1916 (itálicos nossos):

Sabes perfeitamente que não estou à espera de me formar em Direito para arranjar um emprêgo. O tirar êste curso, *obedeceu primeiro ao querer cumprir um desejo que meus pais tinham de que seguisse uma carreira qualquer*, e hoje obedece também ao eu querer oferecer à minha querida Mariazinha essa minha carreira. Mas para isso o mesmo é que esteja solteiro ou que já te tenha a meu lado como minha mulherzinha. Ainda melhor será que estejas ao pé de mim, que assim a minha *avózinha* zangar-se-há comigo quando eu não estudar e obrigar-me-hei dessa forma a ser muito estudioso.

²³⁹ Esperamos poder prestar mais atenção no futuro à formação liceal de A. Guisado. Em todo o caso, para este trabalho, consideramos que as linhas agora traçadas permitem-nos ter uma visão fiável e suficiente em função dos objetivos definidos.

A própria avó de Alfredo Guisado citada nesta carta parece estar comprometida com o plano familiar relativamente à formação dos membros mais novos²⁴⁰, “[e]nquanto ao estudar, bem sabes que desde que me ralhou a minha avòzinha, aquela avòzinha que é todo o meu enlevo, tomei juízo e tenho estudado muito, sou talvez (sem exagero), o aluno mais aplicado da faculdade”, dizia em carta à namorada a 11/06/1916. Deste modo, Alfredo Guisado (juntamente com o seu irmão António) será, muito provavelmente, o primeiro Guisado a ter acesso ao ensino superior e finalizar um curso universitário.

Em suma, neste capítulo e no anterior acreditámos, em nosso entender, o (i) notório envolvimento dos Guisado em eventos do enclave e da metrópole em virtude (não apenas) da lealdade historicamente elaborada, assim como (ii) a vontade explícita e praticada de dotar os seus descendentes (homens) de uma formação superior *condicente* com o seu status económico e, em consequência, de novas possibilidades sociais.

4.4.2. Trajetória literária e intervenção de Alfredo Guisado até 1915

O nosso objetivo nas páginas seguintes será, fundamentalmente, reconstruir, descrever e analisar em pormenor a trajetória de Alfredo Guisado entre 1910 e 1915 atendendo, em primeiro lugar, as redes sociais com as quais se relaciona, aos grupos do enclave e da metrópole aos quais se associa e, em segundo lugar, analisando a sua incipiente produção literária, desde 1912. Dado o período contemplado neste capítulo ser relativamente curto (se comparado com o período em análise no capítulo 5), optamos por, a efeitos expositivos, estruturar a análise em dois grandes subcapítulos, sem com isto, evidentemente, propor um entendimento da trajetória guisadiana enformada por dois âmbitos paralelos; como veremos, as tomadas de posição do produtor em foco nos vários campos em que intervém estão manifestamente relacionadas entre si.

4.4.2.1. Trajetória social de Alfredo Guisado até 1915

Em função dos dados apurados, até 1915 (e nos anos seguintes), a trajetória de Alfredo Guisado está marcada pela existência de **duas redes sociais** bem definidas. Por

²⁴⁰ O irmão, António, apesar de ser quem afinal iria ficar com a gerência do restaurante, segundo o seu neto, “[t]inha o 3º ano de Matemáticas da Faculdade de Ciências. Esteve à frente do Restaurante Irmãos Unidos desde a morte do pai [1933] até este ser vendido em 1970. De 1970 e até à sua morte geriu a Adega Irmãos Unidos, um antigo complemento do restaurante” (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ).

um lado, o produtor em foco está estreitamente vinculado ao enclave galego de Lisboa e à sua metrópole na zona sul da Galiza e, por outra parte, desde meados do lustro aqui em análise, começa a relacionar-se com os que, *grosso modo*, vão ser os seus colegas do Grupo do *Orpheu*. Como vemos, as redes com as que interatua e intervém nos campos respondem a interesses, lógicas e objetivos bem diferentes. De outro ponto de vista, focando a rede *órfica*, o facto de Alfredo Guisado conseguir socialmente transpor as margens do enclave, é exemplo e evidência notória, entendemos, de certo sucesso que os *Lisboanos* alcançam por meio do investimento na formação (e não só) dos seus descendentes; deste modo, o produtor em foco mostra como os descendentes dos galegos abastados conseguem, pouco e pouco, ampliar as redes sociais (capital social), acedendo na prática a espaços interditos socialmente várias décadas atrás. Por outro lado, os fortes vínculos que mantém com o enclave e a metrópole evidenciam a robustez da lealdade com estes dois espaços antes assinalada para os *Lisboanos*, em geral, e para a família Guisado, em particular. A seguir descrevemos e analisamos estas duas redes apontadas.

4.4.2.1.1. Alfredo Guisado: um *Lisboano*

A primeira notícia publicada de Alfredo Guisado de que temos conhecimento aparece na já aludida laudatória atenção que *Vida Gallega* dispensa à família Guisado. O interesse da publicação dirigida por Jaime Solá, como já anotámos, está estreitamente vinculado ao prestígio que emigrantes de *sucesso* como António Venâncio Guisado representam; conta também o interesse comercial que eventualmente as empresas deste e outros poderiam significar para *Vida Gallega*. Na mesma direção, encontramos numerosas notícias do produtor em foco em *El Tea*, semanário republicano-agrarista especialmente interessado em visibilizar-se no enclave, e para o qual teria contribuído significativamente o pai de Alfredo Guisado. A atenção que esta publicação dedica a este, portanto, funciona também, em nosso entender, como uma forma de agradecimento e/ou amabilidade para com o pai num princípio, pois, apesar das numerosas tentativas do jovem Alfredo Guisado, *El Tea* não era com certeza a plataforma idónea para publicação dos seus poemas (cfr. *infra*); o próprio semanário alude indiretamente à posição de Alfredo Guisado em função da sua ascendência (*El Tea*, 9/07/1915, p. 3; itálicos nossos):

Nuestro querido amigo el culto poeta portugués Alfredo Pedro Guisado, a quien, como repetidas veces hemos dicho, consideramos como paisano, *no solo por ser hijo de estimados conterráneos nuestros* sino por el gran cariño que siente por cuanto afecta a nuestro amado terruño...

Da metrópole familiar também dará notícia, escassas neste caso, *La Temporada*, uma das publicações dos proprietários do *Balneário* de Mondariz, os Peinador (cfr. *infra*). Ao lado destas, o efémero *España y Portugal* (“Semanaio independiente. Órgano de la colônia española”, 1913), cuja publicação também foi impulsada por Alfredo Guisado (cfr. *El Tea*, 25/10/1913, p. 3), é outro dos espaços onde intervém e, portanto, informam da trajetória guisadiana.

É sobretudo *El Tea*, para o qual Alfredo Guisado é em 1912 um “joven e ilustrado poeta portugués” (*El Tea*, 20/07/1912), que fornece mais informação acerca do envolvimento do produtor em foco na vida do enclave, em numerosas ocasiões, em sintonia com o devir da metrópole. O próprio Alfredo Guisado, também assinando sob o pseudónimo Refaldo Brila (*vid. Biblio.*)²⁴¹, exerce labores de correspondente de *El Tea* em Lisboa entre 1913 e 1914, publicando artigos de conteúdo diverso sobre acontecimentos lisboetas. Assim, por exemplo, sob o título “Noticias de Lisboa” escrevia Refaldo Brila (*El Tea*, 25/01/1913, p. 1):

Cuando el presidente se levantó en el Parlamento, le oyeron todos con religioso silencio, asistiendo el público que llenaba por completo las galerías y los diputados que ocupaban todos los lugares de la Cámara, a un extraordinario discurso que ha de quedar gravado para siempre en la memoria de cuantos tuvieron la dicha de escucharlo.

Cuando terminó, el pueblo se irguió entusiasmado y tributó al gran parlamentario una ovación enorme, inenarrable, oyéndose repetidos vivas a Alfonso Costa y a la República que eran contestados con verdadero delirio.

Tal manifestación se prolongó durante algún tiempo, viéndose el presidente de la Cámara obligado a suspender la sesión.

El Sr. Costa, que cuando se presentó a las Cámaras como presidente del Consejo, prometió al país la nivelación económica, ha de cumplir su promesa, y el país entero, que ha puesto en él todas sus esperanzas, verá por fin su República tal como ella debe ser,

²⁴¹ O pseudónimo *Refaldo Brila* é inventado a partir do nome próprio e do sobrenome *Abril*, de forma parecida ao de outro agente destacado do enclave lisboeta e futuro Presidente da Câmara Municipal de Mondariz-Balneário, *Ramiro Vidal Carrera*, cujo pseudónimo em *El Tea* e *España y Portugal* era *Orimar* (também *Pepe de Eirol*). O produtor em foco vai utilizar ainda no período de análise nesta Tese outros pseudónimos como Pedro de Menezes ou Alfredo Abril.

Refaldo Brila assina também um relato breve em *El Tea* em 1912 (*vid. Anexos, XXIV*)

llevada por el verdadero camino por un hombre que no ha escatimado ningún sacrificio para engrandecer a sua patria.

O tom e ênfase na descrição do acontecer parlamentar luso, nomeadamente a atenção dedicada ao chefe dos democráticos, Afonso Costa, com certeza seriam do agrado do também republicano Amado Garra, diretor de *El Tea*. No mesmo artigo, desde Lisboa note-se, Alfredo Guisado faz uma reclamação ao Presidente da Câmara de Ponte Arêas:

Un puentearesano amigo me ha visitado para pedirme que llame la atención del Sr. Alcalde de Puenteares acerca de lo que está pasando en el Rivero, porque en su distrito se vende descaradamente vino del llamado del ‘martillo’, nombre que dan al vino adulterado; el abuso es tal, dice mi visitante, que los taberneros llegan a preguntar a los consumidores si quieren vino de ‘martillo’ o del país. Es el colmo.

O semanário republicano-agrarista também nos ajuda a entender como o filho do empresário de sucesso participa ativamente na vida societária de Juventud de Galicia, com casa nova desde 1912 (cfr. *El Tea*, 1/06/1912), usufruindo este espaço social com diversas finalidades. Segundo *El Tea* (10/05/1913, p. 3), numa das várias festas que ali se organizavam, Alfredo Guisado exerceria também de poeta/conferencista ao recitar o poema “Mistério” (publicado por *El Tea*) e pronunciar uma “conferencia”; segundo o correspondente:

Causo gran espectación en el sexo bello la conferencia que, en su intermedio dió nuestro amigo APG: *Algunas palabras acerca del baile*, en ellas hizo [...] una rápida descripción de la vida amorosa, lo que hace la novia al novio y éste a aquella; como se disculpan el uno al otro cuando ambos no van juntos al mismo baile, etc.; todavía cuando Alfredo afirmó que el baile hace dar vueltas a la cabeza [...] hubo un momento de hilaridad en el sexo femenino [...] Fué muy aplaudida su brillante composición dedicada *A las damas* (itálicos no original).

El Tea informa igualmente, por outro lado, do envolvimento de Alfredo Guisado na vida do enclave posicionando-se também em relação, por exemplo, às polémicas que periodicamente emergem relativamente à sua configuração. Em 1913, aquando das tensões entre “regionalistas” e “españolistas” (assim denominados por *El Tea*,

1/11/1913, p. 1), Alfredo Guisado, destacando-se aos olhos do correspondente de *El Tea*, (7/06/1913, p. 2), diz o seguinte ao ser entrevistado:

“Juventud” debe ser independiente de las otras, en la presente ocasión, puesto que la colonia no está educada para la fraternidad que entre unas y otras debiera existir. Debe de pensar menos en bailes y más en instrucción.

Sería de gran provecho para sus asociados que se realizaran conferencias científicas, sociológicas, literarias y artísticas, pues servirían de estímulo para levantar al gallego de la ignorancia y apatía en que vive.

Inquirido sobre o labor cultural da institución da colónia galega responde:

Pues mira mientras se ocupa en recitar diálogos, monólogos y canzonetas, en su mayoría faltas de gracia y poco propias para reuniones donde existen señoras, ¿por qué no dan a conocer las poesías de *Rosalía Castro*, *Curros Enríquez* y otras obras, gallegas, portuguesas y españolas?; y sobre todo que no fuesen escogidas al antojo de cada uno, sino que fuese la Directiva quien las examinase antes de representarse. Como estas otras cosas que debieran existir y no existen (itálicos nossos).

Alguns meses mais tarde, sobre a mesma questão, Alfredo Guisado adotará no seio de Juventud de Galicia uma postura claramente regionalista apesar da redação confusa (e talvez interessada) de *El Tea* (1/11/1913, pp. 1-2):

El Sr. Guisado (D. Alfredo) hace notar una gran incoherencia en los regionalistas, pues la bandera de la sociedad es la española [cfr. Anexos, XI] y la lengua oficial la castellana, olvidando aquellos la que les sirvió de cuna, la que oyeron a sus padres: la gallega.

Todo parece indicar que o regionalismo guisadiano, assim como o de António Venâncio Guisado antes apontado, estaria de alguma forma vinculado à proximidade dos Guisado com os Peinador de Mondariz e aos numerosos eventos que estes organizam, também em Pias, nesta direção. Além da atenção de *La Temporada*, já citada, uma outra pista evidencia uma estreita relação de proximidade do produtor em foco com a família Peinador (cfr. *infra*) e os eventos que ali tinham lugar; estando de férias na metrópole, em 1915, Alfredo Guisado escreve ao seu amigo António Ferro aludindo a um evento musical no qual eventualmente estaria envolvido (22/07/1915):

“Ainda não fui a Mondariz e portanto começo por te dizer que nada te posso informar acerca do concerto que tínhamos combinado realizar no teatro ou salão do Hotel do Balneário”.

4.4.2.1.1.1. Alfredo Guisado agente do agrarismo metropolitano

Como membro do enclave galego de Lisboa e ativo e conhecido *Lisboano* na metrópole, Alfredo Guisado participa ativamente, em sintonia com as tomadas de posição do seu pai aliás, na organização e nos rumos do movimento agrarista, nomeadamente o representado por *El Tea* do republicano agrarista Amado Garra, tanto nas terras do Condado, como em Lisboa. Como já indicamos, a função dos membros do enclave no processo de difusão e consolidação do agrarismo vai desde *prestigiar* o movimento com o seu apoio e/ou participação ativa, até o servir de fonte de financiamento como indica o caso explícito da “Unión Agraria de los agricultores del partido judicial de Puenteareas en Lisboa”, fundada, segundo *El Tea* (25/06/1915, p. 3) com o “exclusivo fin de allegar fondos para ejecutar en el distrito [de Ponte Arêas]”. Neste quadro, o Alfredo Guisado, filho de destacado *Lisboano* e sem mais preocupações que as derivadas do trabalho no restaurante familiar, seria, com certeza, um agente atraente para os planos dos agraristas metropolitanos, de Amado Garra, designadamente²⁴². Assim, Alfredo Guisado inicia o seu percurso como agente agrarista sendo aliciado para participar na “comisión nombrada para redactar el reglamento porque se ha de regir la sociedad de agricultores que se proyecta fundar en esta parroquia” de Pias, a sua paróquia *de origem* (*El Tea*, 6/09/1913, p. 3); paralelamente, esta iniciativa dos agraristas do Condado tem o seu reflexo no enclave lisboeta, onde se funda, presumivelmente com a participação de Alfredo Guisado, o “Comité auxiliar de la Sociedad de Agricultores” de Pias (*El Tea*, 25/10/1913, p. 3). Começa aqui um novo período marcado pela intensa implicação do produtor em foco na causa agrarista, participando ativamente tanto nas associações metropolitanas como nas do enclave, até, *grosso modo*, 1918.

Os capitais atesourados por Alfredo Guisado, vão situá-lo em 1914 à frente, como Presidente, da “Unión Agraria de los agricultores del partido judicial de

²⁴² São numerosos os dados que dão a entender os fortes vínculos existentes entre a família Guisado e Amado Garra; assim, por exemplo, numa das visitas propagandísticas deste a Lisboa, *El Tea* (27/05/1911) assinalava: “El Sr. D. Antonio Venancio Guisado hizo al Sr. Garra un magnífico regalo como recuerdo de su patriótica labor en Lisboa”; por outro lado, são vários os poemas que lhe dedica A. Guisado (cfr. *infra*).

Puenteareas en Lisboa” (*El Tea*, 24/04/1914, p. 3), posição desde a qual intervém. Em reunião, promovida pela associação por ele presidida, celebrada em Lisboa com o objetivo de “acordar la fundación de una colectividad para pugnar por el engrandecimiento de la provincia” (isto é, a fundação de uma associação agrarista de âmbito *provincial*, superadora do âmbito local) o correspondente em Lisboa, Alejo Carrera, transcreve do discurso de Alfredo Guisado (*El Tea*, 12/03/1915, p. 2; itálicos no original):

Compañeros:

Nuestra Galicia, ese pedazo de tierra que el mar viene a besar con respeto, cuna de poetas, patria de flores, nos merece una amistad tan grande y un amor tan profundo, que debe de ser un pedazo de nuestra propia alma.

Es nuestra madre. La madre que llora por nosotros, que nos bendice cuando partimos para lejos, que nos enseña a sufrir y a amar. Y, esa madre de toda bondad, bien lo sabeis, compañeros, vive acorralada, sus manos sangran, mal camina, apenas se levanta, no tiene casi quien la ampare.

Los hijos, los verdadero hijos, aquellos que la acarician, que oyen viejas leyendas en torno de las *lareiras* y saben cantar canciones en las *esfolladas*, aquellos que lloran cuando ella llora y rien cuando ella rie, tienen que partir para tierras estrañas en busca de sustento, en procura del dinero que les permitir saciar esos otros hijos bastardos, degenerados y malditos que se llaman caciques.

Y, algunos de aquellos que quedan apenas pueden erguir la frente. ¡Agrillados al trabajo, partiendo por la mañana frescos para el trabajo para regresar por la noche, fatigados, sin fuerza apenas para maldecir! ¡Solo el sol viene a llorar lágrimas de oro en las pálidas láminas de los azadones!

E continua vinculando o devir do enclave ao agrarismo metropolitano:

Somos nosotros aquellos que partieron en busca del sustento, aquellos que trabajan par dar de comer a los nada hacen. Pues bien: es necesario acordarnos, comprender lo que debemos hacer, y, unidos en un fuerte haz, como un sólido hombre, ir a despedazar las cadenas que oprimen los pulsos de nuestra pobre tierra. Para que esa unión sea un hecho, se hace menester que se funde una sociedad donde nos encontremos y trabajemos a la sombra de esa bandera. Es a eso a lo que aquí venimos. No es la fundación de una Federación de Sociedades de Agricultores. Es más que eso. Es la unión de todos aquellos en cuyas aldeas y haya o no sociedades, una unión fuerte, indisoluble, grandiosa, donde palpite la misma alma y el mimo ideal: el engrandecimiento de nuestra tierra, haciendo ver a esos zánganos que comen lo que nosotros ganamos que aún no estamos muertos.

Ya los sabéis, el caciquismo es un gran pulpo cuyos tentáculos son tantos cuantos partidos judiciales, Ayuntamientos y aldeas existen. Así es en Pontevedra, en Galicia. El cuerpo está en la capital de provincia, los tentáculos espárcense por todas partes. Y por comprender que en toda la provincia se combate a los mismo caciques, ‘Unión Agraria’ del Partido Judicial de Puentareas, en Lisboa, vió cuán necesario era que se uniesen todos para mejor exterminar el mal.

El pueblo, el verdadero pueblo, aquel que trabaja, necesita gobernarse así propio y no necesita de una casta privilegiada para gobernarlo. Conquistar los Ayuntamien[t]os, la Diputaciones provinciales, el Parlamento, hacer oír su voz bien lejos, educarse, en fin.

Vamos, el tiempo urge. Bien atados hemos tenido los brazos. Nuestra querida tierra duermes de dolor, desmaya de sufrimiento, esclavizada y exangüe...

Las fuentes, los arroyos murmureros, los árboles longíncuos, las canciones dolientes de las mozas, respiran tanta tristeza que traducen bien cuán desgraciada y triste anda el alma de nuestros deudos que tal vez la fe [¿] impidió abandonar la tierra que les sirvió de cuna.

Evidencia-se na extensa citação, excerto do discurso guisadiano, o inequívoco envolvimento do produtor em foco já não apenas no movimento agrarista, mas especificamente com função principal que, como agente deste, vai levar a cabo na *imaginação* e consolidação do mesmo em Lisboa. Como agente do agrarismo as suas intervenções também parecem ter uma orientação regionalist; a este respeito, é notória a tentativa de, aproveitando as estruturas do enclave, organizar o agrarismo neste com base *regional*. A seguinte citação, excerto do discurso do secretário da comissão (Alfredo Guisado) para a criação da Unión Agraria de Galicia, mostra como em Alfredo Guisado a referência metropolitana deve ser *regional*, isto é, a Galiza, superando assim as primeiras tentativas de articulação do agrarismo no enclave lisboeta com base, preferentemente, paroquial (*El Tea*, 7/05/1915, p. 2):

Compañeros: Aquí teneis los estatutos por los cuales la nueva Sooiedad [...], ‘Unión Agraria de Galicia’ se ha de regir. Y, decimos de Galicia, saliendo fuera de nuestro mandato, porque tenemos la absoluta convicción de que acogereis de buen grado esta idea, ya que sería de un egoismo sin nombre y de una deslealtad inmensa abandonar a las otras provincias de Galicia, uniéndonos nosotros solos, los de Pontevedra. Diríase entonces, que dentro de nuestra propia región admitíamos frontera y que nuestros compañeros de las otras provincias no sufrían como nosotros y nos se esforzaban, también, en conquistar el terreno que es de ellos y que una docena de mandones les usurpó [...] Somos revolucionarios [...] que [no] desean sangre [...]. Por eso comprendiendo que el mal que nos hiere a nosotros hiere a toda Galicia, resolvimos invitar a venir aquí a todos los gallegos, todos aquellos que

amen a su tierra y que quieran verla redimida, fuerte, triunfante, libre, en fin, de ese bando de buitres, cuya sombra entristece y sofoca.

Pouco tempo depois, será eleito Presidente da “Asamblea general” da Unión Agraria de Galicia em Lisboa, sendo o pai “Vocal” do “Consejo Fiscal” (*El Tea*, 9/07/1915, p. 3). Paralelamente, Alfredo Guisado é também um dos dinamizadores da Sociedad de Agricultores de Pias, como testemunham diversos artigos de *El Tea*.

Por outro lado, o agrarismo guisadiano vai defrontar-se com a hostilidade dos *caciques* que ocupam o centro do campo do poder metropolitano. Em carta a António Ferro (a 8/08/1914), Alfredo Guisado confessava:

Não te respondi mais cedo, devido ao ter tido os dias todos ocupados com esta questão do partido agrário que está agora um pouco bicuda.

Recebi ontem por um polícia, uma intimação do administrador do concelho de Puenteareas, que por ordem do Governador civil me intimava, debaixo de grave responsabilidade para mim, a não consentir conferências, nem assembleias gerais extraordinárias, nem comícios na sede da Sociedade de Agricultores de que eu sou presidente.

Com vês, me amigo, a coisa está feia e eu, se não quero ir dar com os ossos na cadeia e ser condenado, tenho de só me limitar a consentir quatro reuniões na sede da Sociedade, por ano.

É um escândalo! mas que queres, aqui quem manda são êles. Creio que os presidentes das outras Sociedades receberam idênticas intimações. Escrevo-te hoje que tenho algum tempo.

Mais à frente, em 1917, o Governo Civil aplicou multas a vários agentes do agrarismo do Distrito de Ponte Arêas, entre eles Alfredo Guisado (*El Tea*, 26/10/1917, p. 1)²⁴³. O facto de Alfredo Guisado ser multado, além de pôr em evidência o acosso das autoridades locais e *provinciais*, coloca a questão acerca da nacionalidade daquele. Em função das pesquisas feitas neste sentido, apenas podemos afirmar que Alfredo Guisado era unicamente um cidadão português, não temos, portanto, outras indicações em sentido contrário²⁴⁴. De um ano após deste incidente, 1918, data a última intervenção

²⁴³ Segundo *El Tea* (8/02/1918), para o fazer frente às multas organizam uma subscrição, à que António Venâncio Guisado contribui com 50 pesetas e Alfredo Guisado com 100.

²⁴⁴ O seu sobrinho-neto, questionado sobre este assunto, disse não ter notícia de uma eventual dupla nacionalidade tanto de Alfredo Guisado como do irmão António (Miguel Gonçalo Guisado a CPJ). Nas consultas que realizámos neste sentido via correio eletrónico junto do Consulado General de España em Lisboa apenas constatámos a não existência de evidências acerca da incerta nacionalidade espanhola. A

significativa do produtor em foco vinculada ao agrarismo no período de análise deste trabalho.

A modo de conclusões parcelares, destacamos: (i) a lealdade com as *origens*, antes descrita, está presente também na trajetória guisadiana através da (ii) participação na vida do enclave como um membro destacado, um *Lisboano* concretamente, e (iii) tanto no enclave como na metrópole, atuando inequivocamente como agente do agrarismo (que será, com certeza, um *treino* valioso para a posterior intervenção no campo político português). Por último, esta **rede metropolitana** ou *das origens*, até aqui, descrita nutre-se do espaço de relações que possibilitam o enclave de Lisboa e a metrópole familiar, isto é, a zona do Condado, que, como verificaremos mais à frente, é uma rede de funcionalidade limitada, dificilmente adequada, portanto, para tomadas de posição diferentes das até aqui anotadas.

4.4.2.1.2. Do Liceu do Carmo ao *Orpheu*

O empenho dos Guisado, como outros *Lisboanos*, na formação dos seus descendentes fez com que Alfredo Guisado usufruísse a oportunidade de aceder a novos espaços de relações diferentes dos vinculados ao enclave e à sua metrópole e, na prática, estabelecer uma rede social apta, no caso guisadiano, para outras tomadas de posição nomeadamente no campo literário.

Como já anotámos, o Liceu do Carmo é considerado um dos mais prestigiosos na capital lusa na altura que Alfredo Guisado lá estuda (aproximadamente entre 1905 e 1911); em virtude do qual, é frequentado pelos filhos de famílias como é o caso, em maior ou menor medida, de alguns dos seus amigos: Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), António Cardoso Ponce de León (1891-1918), António Ferro (1895-1956) ou, presumivelmente, Augusto Cunha (1894-1947²⁴⁵). Por via do relacionamento com estes e outros colegas (mas não só) toma forma no produtor em foco a vontade de intervir no

documentação da PIDE examinada confirma este extremo. Agradecemos aqui ao Consulado General de Espanha em Lisboa, na pessoa do Cónsul General José Javier Nagore San Martín, as informações remetidas.

²⁴⁵ Augusto Cunha, além de co-autor com António Ferro do *Missal de Trovas* (cfr. *infra*), publica, segundo Nuno Júdice (1986: 83; itálicos no original), um “*pastiche* do estilo *órfico* ou paulista” em que é feita “uma descrição ficcionada de ‘um serão paulista’, efectuado ‘no ano 87 de *Orpheu*’, no qual Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro são designados por ‘grandes génios’ e ‘fulgurantes espíritos’”. Casado mais tarde com a irmã de A. Ferro, Umbelina (em 1919, casamento ao que assiste A. Guisado segundo escreve em carta à namorada a 3/08/1919), vai dirigir a partir de 1934(-1947) *O Mundo Português. Revista de Cultura e Propaganda, Arte e Literatura Coloniais*, publicação do Estado Novo cujo objetivo seria “exaltar o Império Português, sintonizando-se com o Nacionalismo reinante” (Martins 2008: s. v. “*MUNDO PORTUGUÊS, O*”).

campo literário português, o qual estará ao seu alcance também por meio dos recursos familiares; começam a configurar-se também, muito provavelmente, os vínculos ideológicos e pessoais que possibilitariam, já na parte final do período em análise neste Tese, a sua eleição como deputado à Assembleia da República pelos Democráticos de Afonso Costa.

Relativamente aos vínculos guisadianos com o Partido Republicano Português, segundo Lúcio Vidal (1999: 17)²⁴⁶, surgem no Liceu que frequentava; em função do até aqui exposto, estariam, em todo o caso, em concordância ideológica com o republicanismo de António Venâncio Guisado, não sendo, logo desde o início, nem a política nem o republicanismo algo alheio à vivência familiar de Alfredo Guisado²⁴⁷. Das amizades deste de que temos constância entre 1910 e 1915, António Ferro é muito provavelmente o que estaria mais próximo ideologicamente dos republicanos (cfr. Silva 2010) e, porventura, poderia ter contribuído à progressiva afirmação republicana do produtor em foco (e/ou vice-versa), paralela, como vimos, às suas intervenções (republicano-)agraristas; segundo Ernesto Castro Leal (Leal 1994: 32), António Ferro “[d]esde muito jovem frequenta com seu Pai os comícios republicanos, aí contactando com a oratória de eminentes vultos, dos quais se destacaria António José de Almeida”. Em 1915, após a publicação da revista *Orpheu*, todo parece indicar que o republicanismo de Alfredo Guisado (e de António Ferro) estaria bem firmado.

O espaço de relações que possibilita a frequência do Liceu do Carmo confronta também o jovem Alfredo Guisado com a *literatura*, meio, este sim, alheio ao percurso familiar; se, por exemplo, António Ferro teve o seu “primeiro encontro com as Letras [...] através de um tio [...], Pedro Tavares, oficial do Exército e autor de alguns romances (como *Margarida*, 1900, e *Regenerada*, 1905)” (Leal 1994: 32), Alfredo Guisado não tinha, via familiar, qualquer antecedente neste sentido que conheçamos. Sim teria acesso, cabe hipotetizar, na rede *das origens*, no *cosmopolita* Gran Hotel de Mondariz por exemplo, a produtores que poderiam servir de reforço e/ou estímulo nas sucessivas tomadas de posição no campo literário; usufrui, sem dúvida mercê a esta rede, de espaços onde publicar sistematicamente os seus incipientes poemas, como é o

²⁴⁶ António Guisado afirmou na entrevista que o seu tio havia entrado em política antes da publicação de *Orpheu* (António Lago Guisado a CPJ).

²⁴⁷ Cabe assinalar neste sentido os vínculos entre o amigo da família Guisado, Amado Garra, com Bernardino Machado, como provam as 4 cartas (de 1910, duas de 1914, e 1928) que do primeiro conserva a Fundação Mário Soares (http://casacomum.net/cc/arquivos?set=e_1852); uma das cartas de 1914, o republicano-agrарista galego escreve em qualidade de cônsul de Portugal em Vigo. Os contactos de Amado Garra com agentes da elite republicana poderiam ter contribuído significativamente para a afirmação do republicanismo guisadiano.

caso de *El Tea*, benesse da que, diga-se de passagem, não beneficiaram em geral os seus colegas na altura.

Acerca do ambiente *literário* do Liceu do Carmo, Luiz Francisco Rebello (Rebello 1976: 25 e 26) aponta, focando o caso de Mário de Sá-Carneiro:

Sabe-se que Mário de Sá-Carneiro escreveu, entre Dezembro de 1909 e Abril de 1910, com o seu colega de estudos liceais Tomás Cabreira Júnior, uma peça em três actos, *Amizade*, que foi representada por amadores em 1912 e nesse mesmo anos se editou.

A terceira [*Alma*], em um acto, foi escrita precisamente em colaboração com [...] António Cardoso Ponce de Leão, seu colega de liceu, tal como Tomás Cabreira.²⁴⁸

Mário de Sá-Carneiro, como se sabe, vai intervir no campo literário português entre 1912 e 1915, graças, presumivelmente, ao apoio familiar, com a publicação de vários livros. António Ferro e Augusto Cunha publicam em 1914 *Missal de Trovas* (com textos prologais, entre outros, de F. Pessoa²⁴⁹, M. de Sá-Carneiro ou J. Dantas), “conjunto de quadras elaboradas dois anos antes” (Leal 1994: 33)²⁵⁰. Todos estes

²⁴⁸ Ainda a respeito de Ponce de Leão, L. F. Rebello assinala (1978: 27; cfr. Lisboa 1990: s. v. “Leão, António Cardoso Ponce de”):

Tão-pouco *Alma* foi o primeiro trabalho teatral de Ponce de Leão. Em 1911 escreve um acto em verso, *O Relógio do Sr. Cura*, tão ingénuo de concepção quanto de factura; e entre as peças anunciadas para a primeira temporada da Sociedade de Amadores Dramáticos figuravam os quatro actos de *Mentiras* [...] segundo uma entrevista publicada na *Folha da Tarde* de 3 de Março de 1912.

²⁴⁹ No exemplar do espólio pessoano, hoje na Casa Fernando Pessoa, figura a seguinte dedicatória: “A Fernando Pessoa / Á mais forte intelecto/alidade da nova gera/ção literária/ Homenagem dos/ seus admiradores / e amigos / Augusto Cunha / António Ferro” (http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-134/2/8-134_master/8-134_PDF/8-134_0000_1-48_t24-C-R0150.pdf).

²⁵⁰ Segundo Ernesto Leal (1994: 33): “Dedicadas aos poetas Augusto Gil e Fausto Guedes Teixeira, estas quadras tiveram uma boa recepção junto de vultos da cultura portuguesa [...] João de Barros [...] Mário de Sá-Carneiro, Afonso Lopes Vieira, João Lúcio, Júlio Dantas, Alberto Osório de Castro, Augusto Gil ou Fernando Pessoa”. A *boa recepção* de M. de Sá-Carneiro e de F. Pessoa (em parte, também a de J. Dantas) parecem lógicas em função das relações de *camaradagem literária* que existia entre eles naquela altura. Por outro lado, A. Guisado recebe o *Missal de Trovas* na Galiza e responde assim a A. Ferro (a 8/08/1914):

Uma tarde, tal como outrora a Baltazar, no seu festim, apareceu-me uma grande mão, que, na parede de minha casa, escreveu duas palavras que fizeram pensar. Eram elas: ‘Consumatum est!’ O que seria? Que quereriam dizer aquelas palavras? O final do julgamento Callaux? O começo da guerra Euopeia? A crítica do meu livro no ‘Diário de Notícias’?

E assim andava pensando e passeando debaixo duma parreira, quando subitamente, alguém bateu ao portão. ‘-Quem é?’ –preguntou a criada. –‘O correio’. –responderam de fora. E, dali a momentos, a criada entregava-me um sobrescripto longo e largo que me deixou pasmado. Nomear-me-hiam ministro? Não, não podia ser, visto o sobrescripto [sic.] não ter o clássico S.R.. Abri com ansiedade. Dentro, tomando as por quatro esquinas do citado envelope, como canário metido numa gaiola, vinha um missal! O quê!... Não podia ser!... Aquilo... não... ná... cá!.. Pois quê, o missal, aquele célebre missal, aquele tão falado missal que tivera uma capa, que tivera um prefácio, que deixara de ter capa e voltava a ter capa, deixara de ter prefácio e tivera depois prefaciozinhos microscópicos de muitos poetas e escritores, saíra? Era impossível. Quís tomar um trem e ir ao consulado de Portugal em Vigo, a ver se recebera alguma comunicação oficial nesse sentido. Mas

incipientes produtores, aos que haveria que somar Fernando Pessoa, formam parte já em 1913 da rede de relações de Alfredo Guisado como testemunham as cartas cruzadas entre F. Pessoa e M. de Sá-Carneiro (cfr. Silva 2001: 98). Esta correspondência dá notícia também do intenso intercâmbio de cartas que existiu entre Pessoa, Sá-Carneiro e Alfredo Guisado; contudo, deste último apenas estão localizadas e acessíveis duas cartas que o produtor em foco escreveu a Fernando Pessoa (conservadas no espólio pessoano da Biblioteca Nacional) e mais duas que Mário de Sá-Carneiro escreveu a Alfredo Guisado em 1914 e que tornaria públicas em 1970 Luís Amaro no *Diário de Notícias* (Amaro 1970; cfr. Sá-Carneiro 1977: 69-73). As cartas de Alfredo Guisado enviadas a António Ferro confirmam esta rede (“Dá recomendações ao Ponce, Sá-Carneiro, Mira, Pessoa, Simões, Cunha”, escrevia a 27/08/1913 desde a Galiza), assim como informam de uma relação de amizade muito próxima entre os dois; estas cartas, conservadas na Fundação António Quadros, além de patentear a relação de António Ferro com a família de Alfredo Guisado (“Saudades de meu irmão e cunhado”, escreve a 1/08/1913), dão notícia da relação afetiva entre António Ferro e uma provável parente (prima?) do seu interlocutor, talvez de nome *Primitiva* (namoro que, segundo as mesmas cartas seria reatado entre 1916 e 1918), como mostra a de 27/08/1913:

Recebi a tua carta, pela qual vi que o velho rifão: ‘Ninguém diga: Daquela água não beberei’, é mais que certo. A Primitiva se ainda não venceu completamente, conquistou contudo, alguma coisa já. Portanto não me enganei, apesar de não ser psicólogo, porque bem sabes que a respeito a psicologia, sei que existe essa palavra e mais nada. E não lhe vou fazer uma visita [A. Guisado está na Galiza], como me dizes, porque é muito longe a aldeia onde ela mora, passa de duas léguas, não havendo até lá estrada, senão lá iria, a vêr o que diziam.

Cabe ainda destacar o facto de quase todos os nomes aqui mencionados estudarem (ou tentarem, segundo os casos) Direito, como também fez Alfredo Guisado a partir de 1915. Por outro lado, todo parece indicar que esta rede, ou parte dela, consegue permanecer com o passar do tempo como mostram as cartas enviadas à

quê, em Vigo andava o tifo e não podia lá ir... Mas então que fôra, o que tinha havido? Que cataclismo agitara a Europa para tal acontecer? Ah! sim! por isso se declarára a guerra europeia! Agora compreendia tudo, aquele livro, só poderia saber quando um sôpro de catástrofe, uma agitação imensa, um grande acontecimento pairasse sobre a Europa! Aconteceu uma das coisas, a outra era inevitável! E folheei o missal... li... reli... e escrevi uma carta que o [Augusto] Cunha deveria já ter recebido.

namorada; dizia assim a 13/08/1919, já falecidos M. de Sá-Carneiro e A. Ponce de Leão (itálicos nossos):

O [Augusto] *Cunha* casou, desapareceu, nunca mais o vi. O [José de Azeredo] *Perdigão* passa, creio eu, as noites em casa da Alice e de dia tem o escritório. O *Antonio Ferro* tem estado no Estoril, só há dias é que apareceu e anda preocupadíssimo, atarefado. O [Augusto] *Santa Rita* passa de 6 meses que vive em S. João do Estoril, vindo a Lisboa de mês em mês. *São estes dentre os meus amigos, aqueles que mais me costumam acompanhar.*

Os laços estabelecidos desde o Liceu do Carmo, como vemos, são fortes e duradouros, especialmente, segundo a informação manejada, com António Ferro.

Por último, esta rede *órfica* encena de algum modo outras lealdades guisadianas que dizem respeito à sua militância no Partido Republicano Português ou ao seu entendimento da atividade literária; no futuro, a sua trajetória literária estará irremediavelmente marcada (não só, é certo) por este espaço de relações construído desde o Liceu do Carmo. Por outro lado, cabe ainda assinalar o facto de esta rede *órfica* constituir presumivelmente um dos resultados desejados do investimento em formação da família Guisado: as *elitistas* amizades assim como a incipiente produção literária do produtor em foco, podem funcionar muito provavelmente como fontes de prestígio (associado também na altura à atividade literária), como *bens*, no meio lisboeta, no enclave e inclusive na metrópole para a família Guisado.

4.4.2.2. Trajetória literária de Alfredo Guisado até 1915

A trajetória literária de Alfredo Guisado inicia-se, segundo as informações de que dispomos, por volta de 1911 e prolongar-se-á até praticamente o seu falecimento com a publicação em 1974 de *A pastora e o lobo e outras histórias. Contos para as crianças*, isto sem contarmos com as edições póstumas e o inédito *Semíramis* (cfr. *supra*) que esperamos ver algum dia publicado. Em tão longo período, a natureza das tomadas de posição guisadianas no campo literário foram bem diversas, como veremos. Por outra parte, se na década de 10 e de 20 intervém com produtos literários próprios, depois de 30 exercerá, não exclusivamente, como crítico literário desde as páginas do jornal *República*. Panoramicamente, interessa também destacar (i) a intensidade e regularidade com que intervém Alfredo Guisado no campo literário português: além dos poemas publicados em várias revistas e jornais, entre 1913 e 1921 põe na rua um livro

por ano, ou quase²⁵¹; e, de outra perspetiva, (ii) a extensa *marca* que deixará no produtor em foco a pertença ao conhecido por Grupo do *Orpheu*.

De 1911 data o primeiro poema, “Noites de inverno” (*El Tea*, 6/01/1912, p. 1) publicado por Alfredo Guisado de que temos conhecimento. Datado em Lisboa em Dezembro de 1911, “Noites de inverno” supõe a estreia literária pública do produtor em foco (na altura com cerca de 20 anos), expressivamente no âmbito da **rede das origens**. Ao longo de 1912 e 1913 a colaboração de Alfredo Guisado em *El Tea* será muito intensa até o ponto de publicar mais de 30 poemas, dos quais apenas um número restrito aparece reproduzido no primeiro volume publicado pelo autor, *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913, Lisboa). No total, Alfredo Guisado publicou em *El Tea* 54 textos, dos quais 39 são poemas, 2 textos em prosa, outros 2 estão relacionados com a literatura e 11 são artigos jornalísticos de variado assunto (*vid.* Biblio.); dos textos poéticos apenas 15 foram publicados noutro lugar, designadamente em *Rimas da Noite e da Tristeza*. Apesar da recusa a publicar textos em português manifestada explicitamente por *El Tea* três anos antes²⁵², Alfredo Guisado publica aparentemente todo o que quer neste semanário, sendo (re)conhecido por *El Tea*, como já apontámos, como o “culto poeta português”. Deste modo, recebiam assim na publicação agrarista o primeiro poemário guisadiano (*El Tea*, 26/04/1913, p. 3; sublinhado nosso):

Nos enorgullece el triunfo del joven poeta, porque le consideramos como paisano nuestro a pesar de ser ciudadano portugués, pues Guisado es hijo de padres gallegos y por añadidura de esta nuestra comarca, y ha escrito la mayor parte de las poesías del citado libro en Mondariz, todas ellas respondiendo al título del libro, notas tristes, sentimentales, y de exquisita ternura. Aun escribiendo en portugués nos muestra Guisado que lleva en sus venas sangre gallega: sus poesías nos parecen inspiradas en las bellezas del *terruño*; nuestros ríos, nuestras fuentes, nuestras montañas, todo cuanto aquí es poesía ha inspirado al poeta.

²⁵¹ *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913), *Distância* (1914), *Elogio da Paisagem* (1915), *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918), *A lenda do Rei Boneco* (1920) e *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* (1921); depois publica *As Cinco Chagas de Cristo* (1927), *Tempo de Orpheu* (1969) e, por último, *A pastora e o lobo e outras histórias. Contos para as crianças* (1974).

²⁵² Em 1909, o “Buzón del Tea” tinha descartado a possibilidade de aceitar colaborações em português, fixando, por seu turno, a que seria a língua oficial do semanário, sem, no entanto, fechar a porta ao “dialecto gallego”; dizia assim *El Tea* (15/05/1909, p. 2):

Al suscriptor que nos remite unos versos titulados ‘Contos de Amor’ le decimos que no duamos [sic.] de la bondad de aquellos. No conocemos lo bastante la lengua de Camoens para poder juzgar la composición dicha.

Por otra parte no estamos dispuestos á publicar trabajos en portugués. Nuestro semanario se escribe en castellano y no aspira á ser políglota ni mucho menos. Fuera del castellano, sólo al dialecto gallego damos cabida. Por algo estamos en Galicia.

El Tea, apesar da amabilidade com que recebe o poemário guisadiano, não era indubitavelmente a plataforma idónea para os produtos literários de Alfredo Guisado; na crítica, fugindo em parte da apreciação *literária* para a qual *El Tea* não estava vocacionado nem habilitado²⁵³, põe em destaque a ligação do produtor em foco com as terras do Condado.

O repertório literário presente nos poemas recolhidos em *El Tea* é, em linhas gerais, o mesmo que está presente no poemário de 1913. Com José Carlos Seabra Pereira (1979 e 1983) podemos vincular este repertório ao denominado neo-romantismo saudosista já mencionado²⁵⁴; contudo, a linha geral da produção literária agora em análise está estreitamente vinculada de alguma forma à rede *das origens*: espaços, personagens ou natureza convocados remetem inequivocamente à sua vivência da metrópole galega²⁵⁵, como, por exemplo, no seguinte soneto datado em 1912 em Mondariz (p. 57)²⁵⁶:

AO ENTARDECER...

Junto à fonte uma loura rapariga,
Está cantando uma canção que encanta,
Tem tanto sentimento essa cantiga
Que nem se sabe bem qual delas canta.

Vão mendigos pedindo p'lo caminho...
Mais longe ceifam trigo... o rio corre...
Um pardal num beiral faz o seu ninho.
Em cima das montanhas o Sol morre.

²⁵³ Apesar do qual, sob o pseudónimo Refaldo Brila, o produtor em foco protagoniza uma polémica *literária* nas páginas de *El Tea* com Manuel Alfonso, desconhecido autor de um plágio em *El Tea*, segundo o próprio Alfredo Guisado (cfr., p. ex., *El Tea*, 7/12/1912, p. 2).

²⁵⁴ Seabra Pereira (1979: 161) além de notar uma “deformação sentimentalista da Natureza”, considera, em linha com o que vimos no capítulo 3 desta Tese, este poemário “produção lírica de adolescência” (*id.*: 182). Cabe ressaltar a respeito da crítica de *Rimas da Noite e da Tristeza*, o facto de, apesar da desconsideração geral no conjunto da trajetória literária guisadiana (cfr. *supra*), ser objeto de uma atenção individualizada como, p. ex., *Xente d’a Aldea* (cfr. Galhoz 1995 ou Apolinário Lourenço 2003 e 2011).

²⁵⁵ Antes de visitar a terra e casa dos pais da namorada (Vila Nova de Poiares), perante os receios desta face à eventual impressão negativa de Alfredo Guisado, este alude a esta vivência da metrópole (a 2/08/1917): “enquanto à casa, de há muito te tenho dito que sou também lavrador, que sei muito bem o que são casas de campo, que também quando estou na província eu faço uma vida completa de aldeão, por isso, minha querida, nunca repares nessas coisas. Além disso sabes que pior do que a casa da minha avó onde muitas vezes tenho estado não há certamente”.

²⁵⁶ Esta e as seguintes citações dos textos guisadianos são feitas a partir das referências bibliográficas consignadas na Bibliografia Ativa desta Tese.

Tocaram p'ra a novena. Escurece.
P'lo manto de que está vestido o céu
Muitas estrelas pálidas nasceram.

E p'la estrada lá vão os bois scismando,
Tão triste que parece irem pensando
Nalgum ente querido que perderam!

O repertório presente nestes versos, bem como o do poema “Esfolhadas” publicado em *El Tea*, especialmente (vid. Anexos, XXV), parece fazer-se eco do interesse dos regionalistas pelo mundo rural, discurso muito próximo do jovem Alfredo Guisado vizinho metropolitano, lembre-se, do Museu etnográfico dos Peinador em Pias.

À luz destes versos a crítica de *El Tea* antes citada (“sus poesías nos parecen inspiradas en las bellezas del *terruño*”, por exemplo) parece ganhar consistência. Repare-se neste sentido no facto de o livro todo estar dedicado a “A minha Mãe/A meu Pai”; alguns poemas estão igualmente dedicados a um conjunto heterogéneo de pessoas que poderíamos dividir em dois grupos: (i) familiares e galegos do enclave e da metrópole (a rede *das origens*) e (ii) amigos lisboetas (a rede do Liceu do Carmo? não só provavelmente)²⁵⁷. Por outro lado, o local de datação dos textos é: Mondariz, sobretudo, também Lisboa e em duas ocasiões Corunha e uma Madrid e Monforte²⁵⁸. Em *Rimas da Noite e da Tristeza* não há ainda indícios evidentes dos rumos *órficos*, é antes expressão, em nosso entender, dos vínculos com a terra *das origens*, da lealdade guisadiana com as *origens*, nitidamente apreciável no poema, de elucidativo título, “Duas Terras” (poema completo em Anexo XXVI):

Aldeia em que vivi!... Quantas cantigas,
Quantas cantigas te adormecem, belas,
Belas moçoilas ao voltar dos prados
Nas suas vestes regionais, singelas.

Não és a minha terra, eu não nasci

²⁵⁷ Os primeiros: António Guisado (o irmão), Eugénio Alvarez (marido da falecida irmã), Domingos Lago Gomez, Amado Garra, Hortense Bermúdez, Rogélio Riveiro e o tio Guilherme. Os segundos: João Manuel Alfaia, António Ponce Leão, Pedro Midósi Bahuto, José Nunes Baptista, Armando de Almeida, José Brandão, Álvaro Maia, João Nascimento, Álvaro Amadeu P. Maia, Maria José Ponce Leão, Diogo M. Duarte, Maria Zelinda Ponce Leão e Filipe Nogueira.

²⁵⁸ Segundo *El Tea* (14/12/1912), Alfredo Guisado havia saído “de Lisboa realizando un viaje de recreo por las principales poblaciones de España”.

Nessas casinhas postas nos trigais,
Mas és a terra, a terra abençoada,
Onde nasceram meus avós, meus pais... (p. 67).

Como em “Ao entardecer...” a presença desta outra *terra* é formulada em termos positivos ou afetivos, pois é, aqui poeticamente, a terra *das origens* (“terra abençoada...”). Estes versos e os que citamos a seguir, encenam na produção literária guisadiana a problemática da identidade, da sua *dupla* identidade caberia dizer, vinculada especificamente ao fenómeno migratório galego cujo destino foi Lisboa.

E assim lhe ouvi dizer, triste, a chorar:
--“Adeus campos de trigo que ceifei,
Sino da minha aldeia que escutei
E tantas vezes, tantas, me embalou.
Minha terra adorada, ó terra qu’rida,
O’ terra onde nasceram os meus pais,
Eu te dirijo a minha despedida!”
E fêz-me repetir triste também;
--“O’ terra onde nasceram os meus pais,
Eu te dirijo a minha despedida!”

Porêm sentindo assim
A Nostalgia rápida de ti,
Não julgues que te quero como quero
Ao lindo Portugal, onde nasci! (pp. 67-68).

Nestes versos, ademais dos evidentes os ecos de Rosalia de Castro na poetização do fenómeno migratório galego e da afirmação da *portugalidade* do autor, parece notória, em análise mais geral, a vinculação de todo este repertório literário à rede *das origens*; por outras palavras, o repertório de *Rimas da Noite e da Tristeza* assim como dos poemas publicados em *El Tea* seria perfeitamente acessível aos membros dessa rede e, inclusive, diz respeito ao percurso vital destes; é expressão *literária*, reiteramos mais uma vez, da lealdade para com *as origens*²⁵⁹.

²⁵⁹ Repare-se, neste sentido, no facto de no mesmo ano que publica em Portugal, em Lisboa, o seu primeiro livro publica também em Lisboa, dentro das margens do enclave, o conto breve “O namoro por fora e por dentro” em *España y Portugal* (22/11/1913, p. 2).

Desde os inícios de 1914, a trajetória literária de Alfredo Guisado vai seguir novos rumos (cfr. *infra*), o qual não impede que em 1915 dedique dois sonetos a Amado Garra, num número de homenagem a este “caudillo de la causa agraria” em *El Tea* (28/05/1915, p. 1); sob o título “A reza do cavador”, Alfredo Guisado introduz por primeira vez de forma evidente a temática agrarista na sua produção *modernista*:

A reza do cavador

I

Os meus olhos, gotas de água
A tombarem dum telhado,
E o meu Sonhar encerrado
No caixão da minha mágoa.

O meu Silêncio, a cabana
Onde fico a meditar,
E a Noite ao pé do Luar:
Jesus e a Samaritana.

Durmo a sombra das papoilas.
Bailando de lantejoilas
Nos meus sentidos esguios...

Vejo-me ao longe? Não sei...
Sinto que nunca passei
Diante de meus olhos frios.

II

Minha Alma, cruz que se inclina,
Cigana do meu sofrer.
Anda a ler a minha sina
Nos caminhos do meu Ser.

Naus dentro em mim me demandam.
Scismo palácios. Esmolo...
Sinto que os espelhos andam
Com os meus olhos ao colo.

Se me encosto nos meus dedos
Eles contam-se segredos

Na sua voz de marfim...

E o meu sonho é sombra de Alma,

Paisagem na minha calma...

Meu sonho, exílio de mim.

4.4.2.2.1. Alfredo Guisado no Grupo do *Orpheu*

A partir de 1914, como apontámos nas linhas precedentes, a trajetória literária guisadiana experimenta mudanças de ampla relevância e maior significado. Se, como se viu, em 1912 e 1913, Alfredo Guisado tinha colaborado intensamente com inéditos em *El Tea*, em 1914 apenas publica dois poemas, um de *Distância*, “Elegia das Rolas” (*El Tea*, 29/05/1914, p. 1) e o inédito “Olhar cansado” (*El Tea*, 27/11/1914, p. 1). Desde inícios de 1914, porém, começa a intervir literariamente no campo literário português ao lado dos membros do grupo de *Orpheu* em formação²⁶⁰, ao mesmo tempo que prossegue a sua acentuada participação na organização e consolidação do agrarismo.

A primeira tomada de posição de que temos conhecimento neste sentido produz-se na lisboeta *O Occidente. Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*²⁶¹. A participação sistemática dos futuros produtores de *Orpheu* nesta revista inicia-se a partir da crítica que o diretor literário d’*O Occidente* dedica à produção literária de Mário de Sá-Carneiro em finais de 1913; dizia assim, entre outras coisas, António Cobeira (*O Occidente*, 20/12/1913, pp. 389 e 390):

²⁶⁰ Os indícios encontrados apontam 1913 como o ano onde o futuro Grupo do *Orpheu* começa a tomar forma. Apesar de não ter data, *Rimas da Noite e da Tristeza* figura na biblioteca pessoal com dedicatória de A. Guisado, “Ao Senhor Fernando Pessoa...” (vid. Anexos, XXVII). Em agosto desse mesmo ano (a 27/08/1913) escrevia A. Guisado a A. Ferro desde a Galiza:

Emquanto a produções literárias, poucas, bem poucas, 7 poesias unicamente, mas nenhuma delas dignas de menção, de todas elas só duas me parecem ser um pouco regulares. Depois, quando aí chegar, tas lerei, não tas mandando a pouco e pouco, porque me parece melhor depois lê-las todas juntas. Li a página do Sá-Carneiro a quem vou escrever, e vi que o Sacadura fala agora difícil como burro, o diabo do rapaz gasta as palavras dos domingos e depois? Era melhor que fôsse poupado, que aquelas palavras não se gastam todos os dias... Ouve uma coisa que eu fiquei verdadeiramente azabumbado... ‘Ânsia ruiva...’ Com um milheiro de diachos! ‘Ânsia ruiva!’ Declaro-me vencido, completamente vencido, não sei o que é que aquilo quer dizer. ‘Ânsia ruiva!’ Ora esta! Emfim, não sei ora quem havia de dizer que também havia de falar assim difícil!

²⁶¹ Segundo Rita Correia, autora da “Ficha Histórica” da revista na Hemeroteca Municipal de Lisboa (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Ocidente.pdf>), *O Occidente* (1878-1915) foi uma empresa jornalística que se fundamentou “na criação de um atelier de formação de gravadores [...] Outro ponto forte deste projecto era, naturalmente, a qualidade dos seus colaboradores, que tanto brilhavam no campo literário, como no científico ou técnico. *O Occidente* é uma revista muito diversificada no que toca a conteúdos, pois no seu horizonte está um amplo espectro de públicos em matéria de interesses, até porque contempla os dois géneros”. O contacto com os *órficos* poderia vir por via do ilustrador e pintor José Pacheco (depois J. Pacheco), na altura colaborador d’*O Occidente* que colabora também na *Renascença* (e iria participar na frustrada *Orpheu* 3) e/ou de Côrtes-Rodrigues que tinha publicado nesta revista em maio de 1913 o poema “Sinfonia d’a Abertura”.

Mario de Sá-Carneiro não é nome desconhecido, em absoluto, no meio pequenino da nossa literatura actual. Contos dispersos, narrativas vagabundas – gritam, de sul a norte, a sua individualidade

[...]

Mario de Sá-Carneiro imprimiu com suntuosidade e carinho esta obra pequenina e querida.

José Pacheco desenhou a capa, alegórica, perturbante, magnífica.

A partir de aqui, n' *O Occidente* vão colaborar sucessivamente Armando Cortês-Rodrigues, Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Guisado, F. Carvalho Mourão, António Ferro e Augusto Cunha. Numa tentativa de dar-se a conhecer e, talvez, de mostrar alguma coesão de grupo a maioria dos poemas publicados estão dedicados aos colegas *órficos*. Alfredo Guisado publica três poemas nesta revista, o primeiro em janeiro de 1914 (“Vôo”, *O Occidente*, 30/01/1914, p. 27), dos quais só um (“Ao cair da tarde”, *O Occidente*, 10/06/1914, p. 183) não figura no seguinte poemário do produtor em foco, *Distância* (Lisboa, 1914).

Em fevereiro desse mesmo ano de 1914 intervém conjuntamente com os membros de *Orpheu*, agora também Fernando Pessoa, na revista *Renascença* com o poema “Asas Quebradas”, também incluído em *Distância*. Na *Renascença*, como já anotámos, intervém também Júlio Dantas (depois também como um dos prefaciadores de *Missal de Trovas*), apesar da mais que provável *antipatia* literária dos *órficos* (presente nas cartas do produtor em foco a A. Ferro²⁶², expressa igualmente na recepção de J. Dantas da revista *Orpheu* e no *canónico* manifesto de Almada Negreiros; cfr. *supra*), o qual, em nosso entender, parece mais expressar as debilidades dos *órficos*, pois parecem recorrer a um produtor na altura central do campo literário português com

²⁶² Em carta (a 8/08/1914) enviada a A. Ferro, A. Guisado, aludindo ao poema de J. Dantas na *Renascença*, lamenta a participação deste no *Missal de Trovas*, evidenciando de alguma forma o sentir do Grupo relativamente a este produtor:

Mas que pena, um livro tão belo, ter a opinião do Júlio [Dantas]!

Por Deus! É um horror! Pois o Júlio, aquele Júlio que apanhou a sorte grande no 1.023, que fusilou as Rosas durante um ano inteiro, que queimou os ouvidos e os olhos humanos com uma porção imensa de cravos vermelhos, que foi severo na severa, cardeal em todos os sonetos feitos e por fazer, que sabe também dançar o minuete e sentar o Chaley ao cravo holandês ainda com os dedos cheios de gordura de comer uma asa de faisão, o Júlio não das farturas, mas que nos tem dado uma fartura de tremebundas espigas a fingir que são obras primas de outras, também escreveu, também deu a sua opinião, também... Basta! Basta!... Venha a conflagração europeia! Venham 1.023 guerras! Venha... Basta! Basta!

E ainda para mais, o tal Júlio, o Julio MXXIII da nossa literatura, insulta a figura encantadora de Inês de Castro na primeira página do ‘Século’. E depois digam que o Faustino da Fonseca é que a assassinou depois de assassinada. D. Pedro I, que creio que não costuma ler as ‘figuras nacionais’ se tal lêsse, partia-lhe a cara... Tenho a absoluta certeza disso.

o objetivo, aparentemente, de legitimar a sua tomada de posição com a *Renascença*, que só teve um número.

Em maio de 1914, Alfredo Guisado publicará o seu segundo livro de poemas *Distância*, dedicado significativamente a António Ferro, António Ponce de Leão, Augusto Cunha, Fernando Pessoa (*vid.* dedicatória em Anexos, XXVII) e Mário de Sá-Carneiro. O repertório literário de *Distância*, ainda ligado ao neo-romantismo antes aludido, segue um rumo diferente de *Rimas da Noite e da Tristeza*; será, segundo Apolinário Lourenço um “livro de transição” para uma “orientação poética claramente simbolista-paúlca” (Lourenço 2003: XII; cfr. Pereira 1979: 182), isto é, deixa notar a influência do repertório literário que Fernando Pessoa, nomeadamente, estava a elaborar e coordenar. Apesar das mudanças repertoriais, Alfredo Guisado envia *Distância* à sua rede metropolitana, a *El Tea*, *La Temporada* e *Vida Gallega*. A segunda pouco mais faz do que dar notícia de que receberam o livro (*La Temporada*, 7/05/1914); *El Tea* (29/05/1914, p. 1; *vid.* Anexos, XXVIII) com a amabilidade já descrita, dá notícia do livro, publica uma foto e um dos poemas. Será *Vida Gallega* (25/06/1914) quem preste mais atenção à tomada de posição guisadiana (itálicos nossos)²⁶³:

Joven el Sr. Guisado, tal vez en plena lectura de los *modernismos transpirenáticos*, muestra la influencia de la modalidad anteclassica en algunas de sus composiciones. Estos *atrevimientos métricos*, que muchas veces dan con la clave de la elegancia y que llevan auras de alegre renovación al horizonte poético, son otras veces *ilógicos* y *dislocados* y ni renuevan con beneficio para las letras ni resuelven el problema onomatopéyco que casi siempre esconden detrás de su aparente inocencia.

[...]

Entre Mondariz y Puenteareas está el hogar de sus mayores. Esas umbrías y esos cielos y esas fontantas hablan con ritmos galicianos y sienten en la lengua de Rosalía. ¿No haría bien en *escribir para nosotros*? Podría ser un gran *poeta regional*, un gran *poeta nuestro*. Es doloroso que, teniendo nuestra sangre, pueda ser un gran *poeta extranjero*.

Como vemos, esta rede metropolitana, embora funcional, não parece ser a mais adequada para a exportação da produção guisadiana.

²⁶³ Alfredo Guisado envia também uma fotografia sua que é publicada no mesmo número de *Vida Gallega* onde é feita a crítica a *Distância*; a fotografia é a mesma que envia a *El Tea* (cfr. Anexos, XXVIII).

Durante o ano de 1914, Alfredo Guisado estaria por dentro de todos os planos de intervenção literária que Fernando Pessoa, em particular, estava continuamente cogitando, como testemunha a carta enviada a 27/07/1914:

Estou desejando ler a sua última poesia, bem como as odes do Ricardo Reis. Não se esqueça de mas enviar. [...] Diga ao Fernando Pessoa, (não sei se você o conhecer), que se não esqueço de concluir os “Passos da Cruz”, que o paulismo os reclama, e exige que os conclua. É necessário pois que abandone por dias as tais teorias sociológicas para regressar um pouco à [?] –côr! Diga-lhe isto, que êle certamente pensará um pouco e então, com alguma boa vontade, torna-se novamente o mestre Pessoa, o chefe do interseccionismo. Quando forem necessários os 1500 você bem sabe que é só dizer. A “Europa” é absolutamente necessário que saia e o mais breve possível. Eu, por aqui me tenho arrastado lepidopteramente, pouco ou nada produzindo. Escrevi as duas últimas “Chagas de Cristo”, que juntamente lhe envio. Você julgará. Creio que a melhor, (pelo menos é a que mais me agrada), é o “Sonho de Cristo”. [...] Entristeceu me deveras também o que você me diz do Sá-Carneiro

Recebi ontem carta dele, mas nada me diz a êsse respeito.

Além de constatar o facto de o produtor em foco se encontrar a par das iniciativas do grupo, isto é, dos seus *ismos*, dos seus projetos como o da revista *Europa*, a “Antologia do Interseccionismo”²⁶⁴ ou do também não nato *Arco de Triunfo*²⁶⁵, bem como da heteronímia pessoana, a carta evidencia o papel de Alfredo Guisado no seio do Grupo do *Orpheu* como um dos financiadores das onerosas iniciativas do mesmo (e quiçá do próprio Fernando Pessoa). A carta que M. de Sá-Carneiro envia a F. Pessoa em finais de 1915 é suficientemente esclarecedora neste sentido (Sá-Carneiro *apud* Silva 2001: 247): “se eu apresentasse contas àquele [Alfredo Guisado] que contribuiu com 12000 para a revista [*Orpheu*] – era só para lhe pedir mais dinheiro...”; ainda em Outubro de 1915, quando Pessoa tentava sem êxito lançar o terceiro número de *Orpheu*, Sá-Carneiro aconselha pedir dinheiro a Alfredo Guisado (cfr. Silva 2001: 221)²⁶⁶.

²⁶⁴ Alfredo Guisado, segundo uma carta que F. Pessoa envia a Côrtes-Rodrigues (a 4/10/1914), iria intervir também na citada “Antologia do Interseccionismo” com “Poesia e prosas” (Pessoa 1999: 127).

²⁶⁵ “Atribuído a Álvaro de Campos, é um dos livros que figuram num projecto de publicação elaborado ao mesmo tempo de *Orpheu*, e que incluía, além dos três heterónimos e do ortónimo, Sá-Carneiro e Alfredo Guisado” (Martins 2008: s.v. “*Arco de Triunfo*”).

²⁶⁶ Desta opinião é o sobrinho de Alfredo Guisado: “É através do restaurante que Alfredo Guisado vai conhecer os seus companheiros do [...] *Orpheu*, também fundado no Restaurante com o patrocínio de António Venâncio Guisado, cuja prosperidade do restaurante permitia sustentar algumas das excentricidades do filho dentro do seu emergente grupo literário, bem como suportar as refeições dos seus jovens companheiros, aquando das reuniões de trabalho do *Orpheu* que tinham lugar nos Irmãos Unidos” (Lago Guisado 2011).

No ano seguinte, 1915, os modernistas de *Orpheu* avançam com novas e polémicas tomadas de posição. Em fevereiro, Alfredo Guisado, ao lado de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, intervém na revista coimbrã *A Galera* no número de homenagem a António Nobre com o poema “Só” (*vid. Biblio.*)²⁶⁷. Não obstante, será com o lançamento do primeiro número da revista *Orpheu* a 26 de março que o campo literário português reage com mais frontalidade face à nova tomada de posição do Grupo do *Orpheu*. Neste primeiro número, Alfredo Guisado além de contribuir financeiramente, figura como administrador e intervém com treze sonetos mais tarde recolhidos em *Ânfora*. Entretanto, as críticas à revista *Orpheu* e ao Grupo subiam de tom, Alfredo Guisado intervém, como outros produtores do Grupo, na revista de Faro *Alma Nova*, onde colabora assiduamente António Júdice Bustorff Silva que, como já foi referido, deu acolhimento aos modernistas²⁶⁸; assim, e assinando como até ao momento vinha fazendo, publica em maio o poema “Cristo Agonizante” (*vid. Biblio.*), sem qualquer notícia de desentendimento e/ou distância entre os membros do Grupo.

4.4.2.2.1.1. Alfredo Guisado intermediário do primeiro modernismo português na Galiza.

Apesar das fragilidades apontadas, o Grupo do *Orpheu* estava explicitamente interessado em dar a conhecer a sua tomada de posição fora das fronteiras portuguesas, nomeadamente no espaço cultural ibérico (cfr. Sáez 1999: 88-95). Neste sentido, do vasto espólio pessoano uma folha manuscrita (com a legenda em letras de imprensa “Restaurant ‘Irmãos Unidos’ – Antonio V. Guisado”) apresenta-se como uma pista inelidível, pois, aparentemente, dá notícia dos nomes e endereços dos destinatários para efeitos de difusão da revista (*apud* França Murteira 1987: 169):

Tres o cuatro juicios²⁶⁹ / Jesús Cano – ‘La Concordia’- Vigo (Camarada [?]) / 1 -D-

²⁶⁷ Reproduzido mais tarde com leves alterações em *Ânfora* (p. 53).

²⁶⁸ No número de abril, em crítica laudatória de *Orpheu* 1, aparece sobre Alfredo Guisado (*Alma Nova* 7, abril de 1915, p. 6):

Já numa destas crónicas nos referimos em termos mais que elogiosos ao poeta Alfredo Pedro Guisado, um dos mais completos e fortes da geração moderna. Alegra-nos neste momento ver como merecidos foram os elogios então feitos. Guisado, reaparece-nos em 13 Sonetos que são 13 joias. Ritmo, Côr, Ideia e Forma, neles superabundam.

O jornal de Estremoz *Terra Nossa* (outra vez na periferia), onde Alfredo Carvalho Mourão apoia os de *Orpheu*, recolhe também nas suas páginas de abril o poema “Ante Deus” de Alfredo Guisado (cfr. Júdice 1986: 71).

²⁶⁹ A frase inicial “Tres o cuatro juicios” em castelhano poderia ter saído da mão de A. Guisado, que como vimos tinha assinado textos (da sua completa autoria?) em espanhol em *El Tea*; uma rápida comparação

~~Miguel de Unamuno — Salamanca / (26/3/1915) / 2 Gabriel Alomar — Palma de Mallorca / 3~~
~~Eugenio D'Ors — 'Institut d'Estudis Catalans' — Barcelona / 4 Aurelio Rás — Director~~
~~'Estudio' — Barcelona / 5 Alejandro Plana (Crítico) 'Ateneo Barcelonés' Barcelona / (g) José~~
M^a. Jordá — 'Noticiero Universal' Barcelona / (g) Claudio Ametlla — Secretario General de
la 'Casa de América' Barcelona / (g) José Junoy 'Ateneo Barcelonés' Barcelona / (g) M. de
Montoliu (Crítico) 'Ateneo Barcelonés' Barcelona / 6 Dr. Juan Barcia Caballero
Catedrático de la Universidad de Santiago de Compostela / (g) Ramón Rucabado (Crítico),
Rua Landers, 5, 1º Barcelona.²⁷⁰

Partindo da hipótese de esta transcrição refletir os reais planos do Grupo, estes tiveram resultados escassos, mas elucidativos para os interesses deste trabalho. Segundo a informação manejada, durante o ano de 1915, a ausência de resenhas, artigos ou notícias das tomadas de posição do Grupo, nomeadamente da revista *Orpheu* assim o indica. Não é alheio a isto o facto de a capacidade do Grupo de dar-se a conhecer fora ser bastante limitada e, principalmente, os rumos do relacionamento no espaço ibérico irem noutra direção, como vimos: no manuscrito citado, a maioria dos nomes indicados são de Barcelona, alguns até vinculados à mesma instituição, apenas Miguel de Unamuno (ao qual F. Pessoa efetivamente escreveu e era um intermediário inexequível dados os seus vínculos com os da Renascença Portuguesa; cfr. Sáez 1999: 89-90)²⁷¹, Juan Barcia e Jesús Cano, ficariam fora do âmbito catalão. Em todo o caso, tudo parece indicar que a origem deste plano de difusão, senão quase todo ele, teria como base os eventuais contactos feitos por Mário de Sá-Carneiro na sua visita a Barcelona em agosto de 1914 (cfr. Sáez 1999: 80 e ss.)²⁷². Como já vimos, os grupos espanhóis e catalães interessados no contacto português estavam, sobretudo os catalães, voltados para a Renascença Portuguesa e Teixeira de Pascoaes, o qual obstaculiza e mesmo impossibilita a exportação *órfica*.

Jesús Cano e Juan Barcia Caballero estão, com certeza, vinculados à **rede metropolitana de Alfredo Guisado**²⁷³. O primeiro, presumivelmente, trabalhava em *La*

com outros textos manuscritos do produtor em foco levou-nos a desconsiderar esta hipótese. Agradecemos aqui ao nosso colega Pedro Dono a preciosa ajuda no cotejo dos textos.

²⁷⁰ Nesta transcrição, a partir da imagem recolhida na obra citada, tentámos representar, sempre que possível, as marcas gráficas que achámos significativas.

²⁷¹ Segundo Sáez Delgado (2011: 19), F. Pessoa foi mesmo “desdeñado por Unamuno cuando se publica *Orpheu*”.

²⁷² Se bem, só há notícias do contacto efetivo com I. Ribera i Rovira, atento cicerone que deu notícia da presença de M. de Sá-Carneiro em *El Poble Català* (cfr. Martínez-Gil 1995).

²⁷³ Rede muito provavelmente bem conhecida pelos colegas do Grupo. No meio do episódio extensamente relatado sobre a *origem* galega do heterónimo pessoano Alberto Caeiro (cfr., p, ex., Apolinário Lourenço 2003: XV) em que Alfredo Guisado colabora para fazer crer a António Ferro a tal

Concordia de Vigo, o centro urbano mais próximo da terra de origem familiar; este jornal viguês vinculado ao agrarismo, e do qual hoje apenas se conservam alguns exemplares (cfr. Vilavedra 1997: s. v. “Concordia, La”), seria um órgão de expressão perfeitamente acessível para o Alfredo Guisado *agrarista*. O segundo, Juan Barcia Caballero (com perto de 63 anos na altura), médico de profissão e autor de vários produtos literários de repertórios conservadores, estava de alguma forma vinculado ao regionalismo moderado desde finais do século XIX, sendo membro da Real Academia Gallega desde os seus inícios até o ano da sua morte, em 1926 (cfr. Carballo 1981: 423-425); Vilavedra 1995: s. v. “Barcia Caballero, Juan”); convocado por Alfredo Guisado em 1921 como um dos continuadores de Rosalia de Castro (cfr. *infra*), Barcia Caballero é um provável frequentador do *Balneário* de Mondariz. Serão estes dous agentes da rede guisadiana, junto ao *Lisboano* e jornalista Alejo Carrera (cfr. *infra*) já citado, os que vão dar notícia dos *órficos* na Galiza, sendo, segundo a informação manejada, as primeiras e provavelmente únicas notícias do Grupo do *Orpheu* fora das fronteiras portuguesas em 1914 e 1915. Assim, a primeira notícia do Grupo de *Orpheu* de que temos fora de Portugal (talvez fora também de Lisboa) aparece por via do enclave galego de Lisboa (cfr. Torres 2010: 171); Alejo Carrera dizia o seguinte em *Vida Gallega* (Carrera 1914; sublinhados nossos):

Posee el idioma portugués, como el gallego, un don especial que hace que la poesía lusitana tenga un privilegio sobre la poesía de otros muchos idiomas: la melodía. ¿Habéis paseado ya por las hemosas y encantadoras florestas gallegas impregnadas de una poesía llena de atractivos? ¿Y no habéis recorrido la campiña del Miño portugués y la de Vianna do Castelo á Oporto y los paraísos de Cintra y Estoril? Pues bien; todo ello no es más que una continuación de nuestra adorada Galicia, cuyas tradiciones y psicología son idénticas á las nuestras.

Portugal cantó siempre por voz de poetas, y el más insigne de ellos, Camoens, tenía una costilla gallega.

Hoy puede decirse que la poesía se halla en crisis y por lo menos hay en la lira – como en todas las cosas- disidentes. Los clásicos, como Guerra Junqueiro, Gomes Leal,

origem, fornecendo papel timbrado do Ateneo de Vigo por intermédio de Amado Garra (cfr. Fernández del Riego 1988) e numa encenação epistolar remetida a F. Pessoa cita, como se pode ler a seguir, o proprietário do estabelecimento termal, o qual patenteia a relação de proximidade entre este e o produtor em foco, de que eram conhecedores os membros do grupo de Lisboa:

Estive ontem uns momentos em Mondariz conversando com o *Romão Peinador*. E no parque apareceu também aquele indivíduo que se chama não sei quê Caeiro e que já por cartas e por mais duma vez, em Lisboa, lhe falei dêle. Estivemos falando um pouco. É um indivíduo deveras esquisito (Carta a Fernando Pessoa, 1/10/1914: BN. EIII 115²: 66-68; itálicos nossos; cfr. Taibo 2009 e 2010).

Eugenio de Castro, Antonio Correia d'Oliveira, Aberto Monsaraz, Lopes Vieira, Juan María Ferreira, Teixeira de Pascoaes y pocos más de talla, forman un cuadro de brillantes poetas.

Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, Cortés Rodrigues, Augusto Cunha y algunos más, forman outro grupo de jóvenes poetas de la escuela moderna, propiamente dicha, y que ha causado gran revuelo en el grupo de los Renacimiento.

Un país cuya belleza natural difícilmente puede ser superada por ningún otro, tiene que dar hombres que, dotados de luminosos cerebros, sepan cantar sus glorias. Por eso en el horizonte de la poesía lusitana vemos asomar una serie de trovadores que, triunfantes ó no en su escuela, han de reemplazar mañana á los clásicos que hoy son una gloria de la literatura de Camoens.

Alejo Carrera, além de identificar uma “crisis” na literatura portuguesa e de destacar vários produtores, dentre os quais Teixeira de Pascoaes, significativamente relaciona os membros do Grupo com a “escuela moderna” assinalando também os desencontros com a Renascença Portuguesa. Alejo Carrera, crítico literário ocasional, teria um conhecimento do acontecer literário português em primeira mão, ao mesmo tempo que formava também parte do âmbito de relações do enclave galego de Lisboa no qual intervinha assiduamente como vimos Alfredo Guisado. *Vida Gallega*, no entanto, não noticia o lançamento da revista poucos meses depois.

Em abril de 1915, Juan Barcia Caballero (Barcia 1915; itálicos no original, sublinhados nossos) em *El Eco de Santiago* recebe assim a revista *Orpheu*:

Acompañado de atenta y cariñosa carta recibí el primer número de esta *Revista*, que nace según propia confesión para ser órgano y eco de la nueva generación literaria de la vecina República.

Muchas veces tengo pensado de que dependerá el aislamiento y divorcio espiritual en que vivimos portugueses y españoles; y nunca supe darme cuenta del porqué. Entre nosotros son más o menos conocidas las literaturas extranjeras –y al hablar de literaturas no quiero referirme a las *literarias* meramente, sino también a las *científicas*–: de Portugal casi no sabemos nada. Apenas si uno o dos nombres suenan más que como portugueses como mundiales.

Sospecho que lo mismo ocurre por allá respecto de España. Por mi parte puedo asegurar, que mientras sostengo correspondencia con algunos sabios y literatos de varias naciones, es esta la vez primera que recibo el saludo de un literato portugués. Muchas de mis cosas fueron traducidas al francés, al inglés, al alemán –al alemán sobre todo- y alguna al ruso; acerca de Portugal solo sé por referencia que mi “Arco d’a vella” figura en una antología portuguesa con una encomiástica nota. Aunque solamente, pues, sea por eso, por

establecer corrientes de simpatía y de unión entre los intelectuales de ambos pueblos-pretensión que también declara paladinamente el nuevo periódico –bien venido sea y en buena hora llegue.

Até aqui, o destinatário da missiva dos modernistas (de, muito provavelmente, Alfredo Guisado) pouco mais faz do que reiterar algumas das ideias centrais da altura, o desconhecimento/distância entre as *literaturas* peninsulares.

Por de pronto no se le puede negar originalidad: la cubierta y la presentación son de lo más nuevo e inusitado. Y no lo es menos el texto: sus redactores, seguramente jóvenes y por lo tanto valientes y arriscados, se confiesan francamente modernistas y dispuestos a romper los viejos moldes y las tradiciones rutinarias. Y a fe que lo hacen como lo dicen: todo es nuevo allí, la forma, la manera, la métrica y el asunto. Algunos de los trabajos son verdaderamente extraordinarios, sobre todo por eso, por ser cosa fuera de lo usado y corriente. Haylos también casi incomprensibles: tales son ellos de alambicados y *febriles* – término muy usado por sus autores.

En general sobresalen los trabajos en prosa. Creo que en primer lugar debe citarse *O marinheiro*, de Fernando Pessoa. Aunque sutil y quintaesencia en demasía, tiene verdaderos atisbos de genio y atrae fuertemente a toda alma soñadora y filosófica. Puede ser base de una reputación entera. Entre los *Frizos* de Almada-Negreiros hay algunos verdaderamente primorosos: el titulado *O Echo* y que refiere muy galanamente los primeros celos de Eva, es una joya de filigrana.

También entre los versos los hay muy apreciables, por más que en general adolecen de la manía modernista en cuanto a la medida sobre todo. No es que yo por ser viejo ya, esté tan apegado a ello que no transija con nada de lo moderno; sino que creo firmemente que la exageración es condenable siempre. No hay que olvidar el prudente proverbio: “Todo lo exagerado es insignificante”. La *Ode Triunfal*, es enteramente un colmo, un caso fulminante de cubismo literario.

E conclui:

Complázcome de nuevo en saludar cordialmente a los noveles escritores y felicitarles por sus arrestos y Buenos propósitos; y si los años y el oficio de tratar con jóvenes casi toda mi vida con ser ya bastante larga, me autorizan para ello, me permito aconsejarles que sin dejar de mirar para adelante como siempre debe hacerse, no olviden del todo a lo que van dejando atrás: también allí hay cosas buenas.

A crítica de Barcia Caballero não poderia, com certeza, deixar de transparecer certa confusão de conceitos (“*mania modernista*”, “*cubismo literario*”), assinalar a novidade de *Orpheu* e, com a amabilidade a que porventura a proximidade do emissor da missiva obrigava, recomendar os repertórios literários precedentes. Não era, pois, este o interlocutor a que o Grupo do *Orpheu* provavelmente aspirava.

Poucos dias depois, Alejo Carrera (1915) vai dar também notícia da polémica intervenção dos modernistas desde *El Tea* sob o título “Crónica de Lisboa. Revuelo literario. Los poetas de ‘Orpheu’” (vid. Anexos, XXIX):

Hace unos días vió la publicidad una revista trimestral de literatura que tiene por título *Orpheu*. En ella colabora un grupo de poetas que dan por el nombre de *paúlicos* o sea el nombre de la novísima escuela poética que sus discípulos quieren hacer popular o célebre.

Ese grupo de jóvenes son: Mário de Sá Carneiro, Luis de Montalavôr, Ronald de Carvalho, Fernando Pessoa, José de Almada Negreiros, Côrtes Rodrigues, Alvaro de Campos, Alfredo Pedro Guisado y como editor figura Antonio Ferro.

Nosotros quisiéramos conocer a fondo la poesía portuguesa para formular una opinión propia referente a la escuela sustentada por estos jóvenes literatos, que hoy son señalados por las calles como innovadores de la musa lusitana.

Innecesario se hará decir a nuestros lectores que la primera edición se está agotando, porque hoy no hay nadie que no desee leer la ya célebre revista *Orpheu*, tan raras, rarísimas, son las inspiraciones que la misma contiene.

Los llamados *paúlicos* han aguantado sobre ellos la implacable metralla de la prensa cotidiana lisbonense. Algunos diarios llegaron a dar la palabra al doctor Julio de Mattos, versado en enfermedades mentales.

Residente em Lisboa, Alejo Carrera, assiste pessoalmente ao ataque frontal sobre a tomada de posição do Grupo; admitindo, porém, a sua falta de habilitação para a crítica literária delega numa das vozes já aqui convocadas, cita *A Capital*:

A Capital lleva su crítica al extremo siguiente:

“Los colaboradores de *Orpheu* nunca se rebelaron como literatos sinó en manifestaciones idénticas a las que llenan las páginas de la revista, y de ahí no es posible juzgar su valor real. Lo que se concluye de la lectura de los llamados poemas, subscriptos por Mário de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho, Alvaro de Campos y otros, es que pertenecen a una categoría de individuos que la ciencia definió y clasificó dentro de los

manicomios, mas que pueden, sin mayor peligro, andar fuera de ellos...»²⁷⁴

Como los lectores de EL TEA observaran, los críticos literarios de este país no son para bromas. Por otra parte, los llamados *paúlicos*, que parece tienen la monomanía de los puntos suspensivos, no se atemorizan y continúan a *outrance* imponiéndose e imponiendo su atrevida escuela, aunque, cómo es natural, no encuentra grandes adeptos en el pueblo.

Sin embargo, ello es un buen síntoma, pues demuestra que hay cerebro y que, cada uno en sus diversos modos de pensar, tiene el buen deseo de legar a su patria una obra de grandeza, literaria.

Sem deixar de registar a crítica negativa a *Orpheu* no seio do campo literário português, o correspondente de *El Tea* (novamente parece notar-se a presença guisadiana²⁷⁵) fecha o artigo com uma nota positiva.

Na mesma altura, aproximadamente um mês mais tarde, provavelmente no jornal viguês *La Concordia*²⁷⁶, Jesús Cano (*apud* Molina 1990: 119; itálicos no original) afirmava:

Todo el brío, toda la fuerza impulsiva de la juventud intelectual portuguesa, ha dejado su bridaje suelto en el galopar de sus nobles ansias, de sus altos anhelos, haciéndose paso por un campo florido sembrado con sus propias ensoñadoras aspiraciones y que se llama *Orpheu*.

Esta revista que algunos han motejado de futurista, no es sino lo contrario de lo que a ese dictado se le quiere hacer significar. Claro está que para jóvenes que sueñan y tienen empeñadas sus almas por celajes de deslumbrador ideal, todo propósito de arte es un marcado *futurismo*. No ya atendiendo al valor de la frase en modernización sino a su

²⁷⁴ Com efeito, como recolheu Nuno Júdice, *A Capital* tinha publicado o texto (Júlio de Matos *apud* Júdice 1986: 61):

Os colaboradores do *Orpheu* nunca se revelaram como literatos senão em manifestações idênticas às que enchem as páginas da revista, e daí o não ser possível ajuizar do seu valor. O que se conclui da literatura dos chamados poemas subscritos por Mário de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Álvaro de Campos e outros é que eles pertencem a uma categoria de indivíduos que a ciência definiu e classificou dentro dos manicómios, mas que podem sem maior perigo andar fora deles...

²⁷⁵ No mesmo número, em “Notas puentearesanas” *El Tea* noticia que receberam a revista, enviada por Alfredo Guisado, e destacam a participação deste. Este exemplar de *Orpheu* 1 (e mais outro de *Elogio da Paisagem*) muito provavelmente é o mesmo que hoje consta do espólio do político galego Amado Garra, diretor de *El Tea*, hoje na Biblioteca Municipal da Câmara Municipal de Ponte Arêas e, entretanto, desaparecido.

²⁷⁶ César Antonio Molina, segundo a informação manejada, é quem primeiro dá notícia deste texto e do publicado em *El Eco de Santiago*. Situa o artigo de Jesús Cano, a partir de informações que a investigadora Maria Fernanda Abreu lhe fornece, na publicação lisboeta *O Século Cómico*, o que, por vários motivos, parece de todo impossível (cfr. Molina 1990: 69-70). Questionada sobre este assunto, Maria Fernanda Abreu, amavelmente, via correio electrónico, esclareceu o equívoco ao associar a data e local de publicação atribuído por César Antonio Molina a outro texto do espólio de Mário de Sá-Carneiro. Deste modo, tudo parece indicar que o artigo de Jesús Cano foi publicado, como apontava a nota dos *órficos*, no agrarista *La Concordia*.

estricta equivalencia gramatical.

Se nos antoja que por envolver la idea de esos muchachos —entre ellos algunos ya de significado prestigio literario— en la atmósfera de opio que emana de esa escuela que han dado en llamar *futurista* y para su befa y rebajamiento, calificaron la revista *Orpheu* con ese mote.

La obra de *Orpheu* es ya una realización.

La revista llegó a mis manos y en el primer momento, al observar el detalle modernista de la portada, me creí también ante un fraude escandaloso del buen gusto y la pureza armónica nacida de toda concepción hecha con el aliento de unos pechos jóvenes. Pero, abierto el libro, vi en él que todo era Mayo y el perfume de una floración impoluta y trascendente salía de aquellas bien pergeñadas páginas.

Toda la juventud lusitana está en *Orpheu*, pero toda esa juventud que en algunos pueblos no hay y su ausencia deja notar el más triste yermo de ideal; y por lo tanto de alma, de vida.

Luís de Montalvor, director de *Orpheu*, traza concisamente en el prólogo de la obra de esta revista, su programa. Que es enaltecerlo todo: hermanar las cumbres; concertar el abrazo de Portugal, América y España; pero de ellas ensalzar sólo las plantas pujantes de firme y recia raíz. Sobre esto que es el punto trascendental de *Orpheu* y en el cual el cronista por ver reflejado un rayo lunar de sus ensoñaciones, presta predilección y entusiasmo.

De los trabajos que ponen en la simpática revista hálitos de conciencia literaria, podríamos hablar largamente.

Entre ellos hay un poeta colocado frente a un horizonte luminoso y radiante: Alfredo Pedro Guisado

Como no texto de Barcia Caballero, uso dos termos literários transparecem certa hesitação; aliás, o *modernismo* citado nos dois casos haveria que adscrevê-lo ao sistema literário espanhol e não ao português. Destacam-se, por outra parte, as alusões que o autor faz à “befa y rebajamiento” que os *órficos* teriam sofrido, patenteando assim que o autor estava a par das polémicas lisboetas em redor de *Orpheu*. Por último, cabe ressaltar o destaque que Jesús Cano outorga a Alfredo Guisado (de “horizonte luminoso y radiante”).

Face aos fracos ou nulos resultados noutros espaços, as notícias que na Galiza se publicaram à volta do Grupo e/ou da revista (ou a *presença* galega na produção pessoana²⁷⁷) provariam a existência de um caminho possível para os modernistas além

²⁷⁷ De outra perspetiva, sobre o primeiro modernismo português e a Galiza, haveria ainda a possibilidade de mencionar a *presença* da Galiza no produtor mais conhecido e reconhecido do Grupo do *Orpheu* (cfr. Taibo 2010: 299-307). No sempre ambíguo discurso pessoano (cfr. Martins 2010: 235), é possível, com as

Minho; para a exportação (em menor medida para a importação) de repertórios, nomeadamente. O elemento fundamental possibilitador desta relação é, sem dúvida, Alfredo Guisado e a sua rede social metropolitana; no seio desta, o produtor em foco consegue encontrar espaços onde dar a conhecer a produção do Grupo, especialmente a dele próprio e da revista *Orpheu*.

Por outra parte, os artigos aqui convocados de *Vida Gallega*, *El Eco de Santiago*, *La Concordia* e *El Tea* também nos indicam que o caminho de difusão traçado pelos *órficos* lusos tinha entraves não menores, chegando mesmo a impossibilitar a transferência dos repertórios modernistas à emergência galega (cfr. Torres 2010: 170) ou ao sistema literário espanhol (cfr. *supra*). Vários fatores, já aludidos, estão por detrás dessa impossibilidade. Aparentemente, em 1915, a debilidade dos galeguistas (sem órgãos de comunicação próprios), os máximos interessados na importação portuguesa, seria um obstáculo decisivo. Ora, na prática, quando estes alcançam certa coesão e contam com instituições próprias vão sobretudo vincular-se à Renascença Portuguesa e ao saudosismo (cfr. *infra*), não aos modernistas ou ao que ainda resta deles. Deste modo, os repertórios modernistas (face aos repertórios maioritariamente folclóricos na Galiza), assim como a marginalidade do Grupo na Lisboa republicana, não converteriam a relação com os *órficos* num objetivo consensual nem desejável, antes pelo contrário. Isto está especialmente presente, em maior ou menor medida, nos artigos aqui citados. Por último, o Alfredo Guisado intermediário necessário acabaria por desaparecer, pois, pouco antes da publicação de *Orpheu 2*, distancia-se do Grupo, como veremos, deixando na prática de posicionar-se como membro do mesmo; assim, a guisadiana rede de relações galega (funcional mas limitada e pouco adequada, de qualquer das formas) deixaria de estar ao serviço dos modernistas. Por outro lado, a acentuação das fragilidades do Grupo depois de *Orpheu 1* (não conseguem pôr na rua a terceira entrega da revista, lembremos) contribui decisivamente, entendemos, para a falta de continuidade da presença *órfica* na Galiza.

reservas pertinentes, identificar um conhecimento mais ou menos aprofundado da realidade galega (cfr. Fontenla 1987), por via guisadiana. Poderia ser aqui também convocada a origem galega do heterónimo Alberto Caeiro que Alfredo Guisado teria encontrado em Mondariz ou presenças galegas na biblioteca pessoana (cfr. Pizarro 2010: 244); ou no meio do espólio pessoano, com data de 1915, a menção “*El Tea* – artigo para uma columna” (quiçá em referência ao artigo de A. Carrera?) e ainda os dois artigos que teria entregado ao galego Enrique Dieste “para publicar em jornaes de Hespanha” (Pessoa 2009: 39 e 38, respetivamente). Sempre, no relativo a Fernando Pessoa e a Galiza, ao Grupo do *Orpheu* e a Galiza, a pairar a sombra de Alfredo Guisado.

4.4.2.2.1.2. Declínio do Grupo do *Orpheu* e distanciamento de Alfredo Guisado

Todo parece indicar que o rechaço frontal, maioritário, do campo literário português da altura à proposta *órfica* (*Orpheu* 1 e *Orpheu* 2, fundamentalmente) compromete e mesmo impede a consolidação do Grupo do *Orpheu* e, em nosso entender, será um dos fatores principais do seu rápido declínio e do distanciamento, entre outros, do produtor em foco, como tentaremos demonstrar.

A revista *Orpheu* que tinha dado uma ampla e polémica visibilidade ao Grupo desde março de 1915 aparece novamente com um 2º número em junho desse mesmo ano, mas desta vez sem participação de Alfredo Guisado²⁷⁸ que também não vai figurar nas provas de *Orpheu* 3 (cfr. Sá-Carneiro *apud* Silva 2001: 204). Pouco depois, inícios de julho, o panfleto de Raul Leal e as ironias de Fernando Pessoa a respeito de Afonso Costa tinham endurecido as críticas aos modernistas de *Orpheu* (cfr. *supra*). Neste estado do campo, Alfredo Guisado, juntamente com António Ferro, reage desvinculando-se formalmente do Grupo em carta publicada n’*O Mundo* (7/07/1915):

Sr. director do Mundo. – Tendo chegado ao nosso conhecimento que um sr. Raul Leal, num manifesto, a título de colaborador do *Orfeu* e o sr. Alvaro de Campos [mas não é indicado o nome verdadeiro], colaborador também da mesma revista, numa carta dirigida á *Capital*, visaram a alta personalidade do sr. dr. Affonso Costa, por quem sentimos a maior admiração e cujo estado actual muito nos preocupa, vimos declarar que repudiamos qualquer solidariedade com esses senhores, o que o primeiro dos signatários já tinha feito em seguida á publicação do primeiro número do *Orfeu*, fazendo o segundo a afirmação que desde hoje deixa de ter qualquer responsabilidade como editor da mesma revista. Agradecendo desde já a publicação desta carta, somos correligionarios de sempre. – *Alfredo Pedro Guisado, Antonio Ferro* (itálicos no original).

Evidentemente a declaração de A. Ferro e A. Guisado deve ser posta em relação com o distanciamento de M. de Sá-Carneiro e Almada Negreiros nas páginas d’*A Capital*, a respeito do sarcasmo pessoano (cfr. *supra*), e ao surgimento, por exemplo, do pseudónimo Violante de Cysneros em *Orpheu* 2 (que dedica um poema a A. Guisado), explicado assim pelo próprio A. Cortês-Rodrigues (*apud* Martins 2008: s.v. “CYSNEROS, Violante de”):

²⁷⁸ Apesar de ser pouco significativo dadas as características da revista, Alfredo Guisado não constava da seguinte previsão de intervenções em *Orpheu* 2: “No nosso segundo numero (a sair em junho) contamos publicar, entre outras obras, as seguintes: *Poemas* de Fernando Pessoa, *Mundo Interior*, novela de Mario de Sá-Carneiro e Narciso, poema de Luiz de Montalvôr” (*Orpheu* 1, p. 6). Em *Orpheu* 2, só a previsão que diz respeito a Luis de Montalvor se verificou (cfr. *Orpheu* 2, p. 3).

Tinha-me negado a dar qualquer poema [para *Orpheu* 2], com receio de que isso me trouxesse complicações no exame do fim do ano. O Dr. Adolfo Coelho, meu mestre, que morava em Paço de Arcos, era meu companheiro de comboio entre Algés e Lisboa e, se vínhamos ao pé um do outro, levava toda a viagem a desancar impiedosamente os do *Orpheu*. Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a duplicação de personalidade (a frase era dele), sugeriu que arranjasse um pseudónimo de mulher, achando até excelente que aparecesse uma colaboração (feminina) entre tantos poetas, guardando o costumado sigilo para provocar maior curiosidade. E foi ele quem escolheu o nome.

É por esta altura quando Alfredo Guisado inicia também os seus estudos de Direito, como testemunha uma das cartas remetidas a A. Ferro (a 22/07/1915.): “Já comecei a estudar a valer o que me rouba tempo preciosíssimo”. À luz do até aqui referido, o distanciamento quase geral das palavras do pseudónimo pessoano, Álvaro de Campos, mais parece tratar-se de uma encenação do que um rutura efetiva. O distanciamento do Grupo por parte de Alfredo Guisado deve ser entendido nesta direção, ao lado do evidente descrédito do Grupo na Lisboa da altura e do também manifesto declínio do mesmo. O tom, porém, utilizado por Alfredo Guisado e António Ferro na carta citada aponta a uma atitude mais firme não somente face às declarações de Álvaro de Campos mas também face ao *Orpheu*, pelo menos no caso de Alfredo Guisado. Lembre-se a este respeito que Alfredo Guisado já estaria de alguma forma em contacto com o Partido Democrático de Afonso Costa mas também que António Ferro era dos democráticos na altura (cfr. Silva 2001: 322).

Assim as coisas, o próprio Alfredo Guisado, aquando da publicação de uma crítica negativa ao *Vida e obra de Fernando Pessoa* de Gaspar Simões, dá a sua versão sobre a sua ausência em *Orpheu* 2: “estive para colaborar no segundo número da revista, o que não fiz por, *além de outros motivos*, se ter extraviado o poema a ele destinado, um poema longo, de que não tinha deixado cópia” (“Vida e obra de Fernando Pessoa” in *República*, 22/09/1950, p. 3; *itálicos nossos*). A expressão “além de outros motivos”, como notou Armando Lúcio Vidal (Vidal 1999: 30) deixa a porta aberta a outras interpretações além do simples extravio do referido poema, especialmente se se tiver em conta que a frase “além de outros motivos” não aparece no artigo original de 15/09/1950 publicado no jornal *República* “Vida e Obra de Fernando Pessoa”, mas sim na “rectificação” que Alfredo Guisado insere na página de literatura

que ele próprio assinava neste jornal²⁷⁹. Por outro lado, é singularmente substantivo o facto de o texto se “ter extraviado”, o que fez com que A. Guisado não participasse na prática em *Orpheu* 2. Neste sentido, Luís Dantas, em primeira pessoa, oferece mais um depoimento do produtor em foco que contribui significativamente para entender como a “fúria da República”, em palavras de Nuno Júdice (cfr. *supra*), teria afetado o Grupo do *Orpheu* (Dantas 2010: 106; sublinhados nossos):

Ficava extasiado [Luís Dantas] a ouvir as suas aventuras literárias, os pormenores da grande barulheira que provocou o primeiro número da revista *Orpheu*, em 1915, os mexericos dos gazeteiros, o fogo do inferno a lavrar nas ruas, nas vaias, nas troças e nos gritos da cachorrada: malucos, para Rilhafoles, malucos para Rilhafoles!: ‘Foi tal o banzé’, disse-me o autor de *Xente da Aldea: Versos Gallegos* (1921), ‘que o meu pai ameaçou cortar-me a mesada, se publicasse mais versalhadas naquele pasquim’. Tinha já deixado uns sonetos ao Mário de Sá Carneiro para o próximo número de Abril, Maio e Junho. Fui ter com ele para resgatar o manuscrito, com a desculpa de que ia manter a minha colaboração, mas com assinatura reconhecida pelo notário!’²⁸⁰.

Em função dos indícios encontrados, todo parece indicar que a repercussão mediática de *Orpheu* não seria com certeza a adequada para quem militava (ou estava de alguma forma vinculado) nos movimentos republicano-agraristas metropolitanos e no Partido Democrático, central no regime republicano da altura, e anos mais tarde viria a fazer carreira política (cfr. Apolinário Lourenço 2003: XXXVIII)²⁸¹. Por outro lado,

²⁷⁹ Consideramos necessário, no entanto, ter em atenção que a distância temporal entre os factos aludidos e as declarações de A. Guisado, assim como os próprios interesses do produtor em foco, aparentemente interessado em ligar o seu nome ao Grupo do *Orpheu* como vimos, podem fornecer informações distorcidas; em todo o caso, entendemos estas declarações significativas para os objetivos específicos deste ponto.

²⁸⁰ Infelizmente não pudemos entrevistar a Luís de Sousa Dantas que amavelmente nos tinha enviado dois exemplares de *Retratos Gallegos* em fevereiro de 2011 pois, segundo nos informaram telefonicamente na tipografia Gráfica da Graciosa, havia falecido. Por outro lado, tom e conteúdo das prováveis declarações de A. Guisado não são muito diferentes do presente no texto que este publica n’*O Diabo*, publicação que no número anterior tinha dado notícia escassa do falecimento de F. Pessoa (Guisado 1935):

Como sempre que aparece alguma coisa a quebrar a monotonia da vida nacional, surgiu como não podia deixar de ser, a luta encarniçada contra aqueles que tentavam limpar a poeira um passado que enchia de reumatismo a nossa literatura, uma luta que ia da crítica violenta guiada pela má vontade, até à ameaça de arruaceiros. A luta foi de tal ordem que nos vimos obrigados a suspender ‘Orfeu’ depois da saída do 2º número, porque chegaram ao desafêo de organizarem grupos de caceteiros para nos espancarem, no caso de continuarmos a publicação desta revista. Um conhecido académico que costuma falar ao ouvido de determinada senhora, para vir aos jornais dizer palavrões e pra, usando da sua qualidade de médico, afirmar que o “caso de ‘Orfeu’ era um caso de paranóia”.

²⁸¹ Em 1966 no *República*, o próprio Alfredo Guisado afirmava: “O ‘Orpheu’ tinha trazido à discussão o seu nome e então a Editores não se atreveram a lançar no mercado os seus trabalhos Literários. A ‘Orpheu’ não era boa recomendação para os que nele tinham colaborado” (*vid. Biblio.*).

provavelmente com mais relevância, os *mexericos*, *troças* e *gritos* com certeza apoquentaram o pai, António Venâncio Guisado, que até à altura tinha sufragado as onerosas atividades literárias do filho pois teriam contribuído de alguma forma para aquisição de outros capitais que não o económico. Se a vinculação de Alfredo Guisado ao *Orpheu* (as *versalhadas*) podia pôr em risco ou expor em demasia o progresso social dos Guisado é evidente que uma atitude paterna como a referida na citação anterior parece muito plausível. Neste sentido, o distanciamento guisadiano do Grupo espelha em certa medida também a fragilidade da posição que os *Lisboanos*, a família Guisado em particular aqui, ocupam no espaço social português após décadas, séculos, de trabalho para se socializarem, nos termos do investigador Antón Corbacho, desde a lógica da *integração*; por outras palavras, a condição de emigrantes, apesar da exitosa acumulação de capital económico dos Guisado, pesa muito e faz com que estes estejam na prática mais expostos perante o espaço social que os acolhe problemáticamente, se pensarmos na imagem maioritariamente negativa que dos galegos emigrantes funcionava na altura.

Por outro lado, encontrámos indícios bastantes que apontam para incompatibilidades do produtor em foco com alguns dos membros do Grupo por questões políticas ou ideológicas. Lembre-se a este respeito que 1915 é provavelmente o ano de maior envolvimento de Alfredo Guisado na causa (republicano-)agrarista. Assim, com Mário de Sá-Carneiro, segundo as cartas que este escreve a Fernando Pessoa, a relação esfria consideravelmente, a partir de junho (cfr. Sá-Carneiro *apud* Silva 2001: 169); ainda em finais desse mesmo ano, M. de Sá-Carneiro escreve (*id.*: 239; itálicos na transcrição manejada):

-A propósito [...] fale-me do Guisado. É criatura ainda tratável? Fez versos em Mondariz? Eu *poder-lhe-ei* escrever? Informe-me a este respeito. Eu, por mim, gostava muito de lhe escrever, mas não sei o que ele tem contra mim, nem as intenções em que está! Informe-me você com toda a franqueza. Sabe bem que o Guisado será sempre para mim o admirável Poeta e o excelente rapaz toldado de Burguesia. Não hesite pois em responder-me a esta simples pergunta: - Posso à vontade escrever ao Guisado – *ou é melhor não o fazer?* Compreende que não estou disposto a receber dele uma carta diplomática...

O falecimento trágico de M. de Sá-Carneiro fez com que o contacto não fosse reatado. Também com Almada Negreiros a relação parece ter sido tensa²⁸²; em 1965 Almada Negreiros afirmava o seguinte (Almada Negreiros 1997 [1965]: 1085):

Cortei relações pessoais com dois companheiros do *Orpheu* [entendemos Alfredo Guisado e António Ferro], primeiro por ousarem manifestar as suas opiniões políticas, o que era inadmissível entre nós [...] mas sobretudo por estes mesmos manifestarem indacreditavelmente as suas repulsas mentais e físicas por Raul Leal. De resto, estes dois companheiros eram os que menos eram de *Orpheu*. Parece-me.

Estas palavras, ao lado da expressão “os menus do Alfredo Guisado!” que aparece ironicamente no famoso *Manifesto Anti-Dantas*, confirmam uma relação porventura tensa (cfr. Apolinário Lourenço 2003: XXVI). O antes mencionado Raul Leal (*apud* Júdice 1986: 105-6; itálicos no original), em 1962, exprime-se assim sobre a política dentro do Grupo:

O que é uma refinadíssima mentira é que *Orpheu* tivesse sido uma revista republicana, conforme inventaram os senhores da *República*. Tratava-se de uma revista de arte e não de política. Aliás, não só eu e Guilherme Santa-Rita éramos monárquicos confessos (creio que também Sá-Carneiro), mas igualmente o Fernando fez uma verdadeira ode a Sidónio-Rei e escreveu uma carta-*blague* contra Afonso Costa, a par do meu manifesto *O Bando Sinistro*, como complemento deste, enviando-a para o diário *A Capital*, o que levou Guisado a desligar-se até do *Orpheu*.

Tudo parece apontar, pelo até aqui exposto, que a participação ativa de Alfredo Guisado na revista estaria, dada a sua incipiente posição no campo político e os (consequentes) desencontros pessoais, inviabilizada. Ora, isto não significa que a vinculação ao Grupo em particular e com o modernismo em geral estivesse completamente comprometida, (até porque o Grupo como tal iria debilitar-se

²⁸² Apesar da existência de encontros posteriores dos quais há registo fotográfico como o publicado pela revista *Autores* em 1960 ao entrevistar Alfredo Guisado acerca da sua participação no *Orpheu*. A entrevista aparece acompanhada duma fotografia coetânea em que aparecem retratados Armando Cortês-Rodrigues, Almada Negreiros e Alfredo Guisado à mesa (*vid.* Biblio.). Em 1965 o jornal *República* publica um artigo de Eduardo Prado Coelho, “O cinquentenário do ‘Orpheu’” acompanhado também por uma fotografia com a legenda “Os sobreviventes do ‘Orpheu’ [...] Alfredo Guisado, Corte-Rodrigues e Almada Negreiros” (Coelho 1965: 10). Por outra parte, Robert Bréchon indica sobre o famoso quadro de F. Pessoa realizado por Almada Negreiros: “pintou duas vezes o mesmo retrato, uma primeira vez em 1934, portanto ainda em vida do poeta, *a pedido* de Alfredo Guisado, para o seu restaurante do Rossio” (Bréchon 1996: 289-290; itálicos nossos).

notavelmente); de facto, como veremos no capítulo 5 desta Tese, a trajetória de Alfredo Guisado após 1915 não está marcada por uma eventual desistência *literária*, antes pelo contrário. Em julho desse mesmo ano escrevia ao seu amigo António Ferro (a 22/07/1915): “Começo a escrever as ‘Treze baladas da Sombra’, vamos a ver se quando a Lisboa regressar já terei concluído [...] Sem mais, dá saudades a essa rapaziada e recebe um abraço do teu mto. amigo”.

A vontade explícita de seguir intervindo no campo literário português manifesta-se inequivocamente com a publicação de novo poemário, *Elogio da Paisagem* (entre finais de junho e inícios de julho de 1915; cfr. *El Tea*, 9/07/1915, p. 3), sob o pseudónimo Pedro de Menezes, onde o produtor confirma, repertorialmente, o caminho iniciado com *Distância*. Ao lado de elementos repertoriais próprios do neo-romantismo, nomeadamente de Teixeira de Pascoaes (Seabra Pereira 1979: 187), é apreciável a elaboração poética modernista, próxima dos textos de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, no tratamento do “eu” (cfr., por exemplo, “Elogio da distancia”, p. 8), a presença do mito de Salomé (cfr. “Meus olhos p’ra o luar”, p. 10)²⁸³ ou “uma nova estilística dos pronomes da 1ª pessoa do singular (possessivos e, sobretudo, pessoais em conjugações reflexas)” junto da, tão cara aos modernistas, “transgressão [...] da norma gramatical” (Seabra Pereira 1979: 167; cfr. Apolinário Lourenço 2003: XXXI). O livro foi acolhido pela crítica do órgão da Renascença portuense com dureza:

O soneto, felizmente para quem o usa, presta-se a tudo: ás pequenas esculturas imortaes encerrando em quatorze linhas a tragedia duma vida ou dum povo, e aos histors manequins de certos enxamladores do verso para quem o valor se mede pela originalidade no escandalo. O sr. Menezes, a quem desejaríamos melhor sorte, deixou-se levar por esta ultima feição. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento (*A Águia*, 48, dezembro de 1915, p. 255)²⁸⁴.

²⁸³ Note-se, como apontou Paula Morão, que a presença do mito de Salomé é recorrente nos produtos literários do Grupo: Côrtes-Rodrigues, Almada Negreiros, etc. (Morão 2001: 38 e *passim*). Alfredo Guisado já o tinha utilizado em *Orpheu* 1 nos poemas “Salomé” e “Morte de Salomé” (pp. 47 e 48, respetivamente).

²⁸⁴ Nesse mesmo dezembro de 1915, o amigo do Liceu do Carmo e próximo dos *órficos*, António Ponce de Leão, desde a revista *Portugal*, faz uma crítica literária de *Elogio da Paisagem* num tom bem diferente do de *A Águia*. Apesar de referir o texto como “um pouco escuro”, Ponce de Leão afirma (Ponce de Leão 1915; itálicos nossos): “‘Pedro de Menezes’ é um *lírico*, um *poeta de coração* que será lido sempre com a melhor das vontades desde o momento em que ponha de lado qualquer *idea futurista e arrevezada*”; além de valorizar a produção guisadiana, note-se a chamada de atenção que António Ponce de Leão lança e que, em boa medida, irá estar *presente* na trajetória guisadiana (cfr. *infra*).

A crítica d'A *Águia* segue a linha de reprovação aplicada aos modernistas, que já em 1914 tinha rejeitado, nas páginas desta revista, a *A Confissão de Lúcio e Dispersão* de Mário de Sá-Carneiro (cfr. Júdice 1986: 54). Dão também notícia de terem recebido *Elogio da Paisagem* uma das publicações do *Balneário* de Mondariz, *La Temporada* (11/07/1915), e, no ano a seguir, *Vida Gallega* (cfr. *infra*).

Elogio da Paisagem, notoriamente mais breve que os outros poemários publicados até a altura, não tem qualquer dedicatória nem dá notícia da produção anterior (sim da próxima a publicar: *As Treze Baldas das Mãos Frias e Ânfora*). Significativamente, como vimos, é assinado por Pedro de Menezes e não por Alfredo Pedro Guisado, o nome utilizado até, como vimos, escassos dias antes, no máximo um mês. O próprio Alfredo Guisado explicará assim esta mudança no jornal *República* em 1950:

Adoptei o pseudónimo de Pedro de Meneses logo após a saída do primeiro numero do 'Orfeu', quando da publicação do 'Elogio da Paisagem', que nessa altura foi posto à venda, com o fim de ver como a crítica receberia o livro, não sabendo quem era o Autor. Todos os meus camaradas conheciam a razão da mudança de nome ("Vida e Obra de Fernando Pessoa' um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões" in *República*, 15/09/1950, p. 7)²⁸⁵.

Pedro de Menezes, pseudónimo formado a partir de um nome do autor e de um sobrenome de família, deu lugar, como já foi indicado, a interpretações variadas, algumas apontando a uma tentativa por parte do autor de emular a heteronímia de Fernando Pessoa (cfr. *supra*)²⁸⁶, o qual não estamos em condições de afirmar nem desmentir. No entanto, e apesar do trecho citado do próprio autor, deve ser tido em consideração o seguinte: Alfredo Guisado já tinha assinado com outro nome (*Refaldo Brila*); o uso de pseudónimos era prática estendida na altura, mesmo entre os membros do Grupo de *Orpheu* (cfr. Apolinário Lourenço 2003: XLIII), pense-se em *Violante de Cysneros* - Côrtes-Rodrigues - que dedica um poema a Alfredo Guisado em *Orpheu*

²⁸⁵ Rebatendo, deste modo, sempre segundo Alfredo Guisado, a tese de Gaspar Simões de que tinha adotado "o pseudónimo de Pedro de Meneses para cortar, definitivamente, com o meu passado 'órfico'" (A. Guisado "'Vida e Obra de Fernando Pessoa' um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões" in *República*, 15/09/1950, p. 7).

²⁸⁶ É sem dúvida original a interpretação de Barro Paz e Martínez Pereiro (1989) que consideram, resumidamente, Pedro de Menezes um heterónimo *em galego*. Original por única, é também a explicação de Lúcio Vidal (1984: 29, n. 1.), onde parece pairar a larga sombra do *Manifesto Anti-Dantas*: "pensamos que se trata de trata de um simples pseudónimo: o nome do poeta prestava-se a chufas de mau gosto, por parte de adversários políticos sem espírito".

2²⁸⁷; e, decorridos alguns anos, o próprio escritor utilizaria outros (*Alfredo Abril*, *João de Lobeira* ou *Filomeno Dias*).

Assim, e em função das sucessivas tomadas de posição do produtor em foco, a ocultação do nome que até então tinha assinado os textos guisadianos, além doutras possíveis funções, serve para se distanciar do *Alfredo Pedro Guisado* que tinha assinado “Treze sonetos” em *Orpheu* 1; o pseudónimo mais parece ser uma estratégia (quicá negociada com o pai? ou até com os outros membros do Grupo?) para continuar a intervir no campo literário português estabelecendo uma certa distância com os *malucos* de *Orpheu* (como no caso de Cortês-Rodrigues).

Em suma, em função do até aqui referido, podemos concluir que a origem social bem como a filiação política do produtor em foco (incipiente estudante de Direito), junto ao rechaço frontal do campo literário da altura às tomadas de posição do Grupo do *Orpheu* e ao notório declínio do próprio Grupo fazem com que Alfredo Guisado (e outros *órficos*) se distancie do Grupo do *Orpheu* já em 1915 (contribuindo, por seu turno, ao seu próprio declínio) e, como veremos no capítulo seguinte, em anos sucessivos. Não temos, porém, evidências sólidas que nos indiquem uma rutura total do produtor em foco com o Grupo ou a sua rede do Liceu do Carmo, o qual espelha, na nossa análise, a fortaleza tanto da posição daquele (dos Guisado e/ou os *Lisboanos*, em geral) como da rede lisboeta. Por outro lado, vimos como em Alfredo Guisado, sem deixar de recorrer à rede metropolitana para dar a conhecer a sua produção e ao do Grupo, as tomadas de posição literárias (os seus repertórios, por exemplo) entendem-se na lógica do campo literário português e não, desde 1914, vinculadas à Galiza ou à limitada e pouco funcional (para a intervenção literária) rede metropolitana. Por último, retomando a expressão de Carlos Leone (2005: 37) o “*Orpheu* foi vários”, cabe assinalar as evidentes diferenças de perfil dos membros do *Orpheu*; Alfredo Guisado, muito provavelmente, é o que apresenta objetivamente as características mais singulares; por outras palavras, a sua forma de estar no espaço social lisboeta (lembre-se a sua firme vinculação ao agrarismo) é bem diferente do que a da maioria dos seus colegas *órficos*. Os *dispositivos* guisadianos, na prática, conferem-lhe *vantagens* no seio do/para o

²⁸⁷ Segundo João Rui de Sousa, Luís de Montalvor, Cortês-Rodrigues e Alfredo Guisado partilham o “gosto comum, embora com intensidades muito diferentes, pela utilização do pseudónimo: mais passageiro, ainda que epocalmente muito significativo, em Cortês-Rodrigues; bem mais insistente e convicto, ainda que não constante, em Alfredo Guisado; tornado sigla definitiva em Luís de Montalvor” (Sousa 1991: 79).

Grupo (o capital económico e a rede metropolitana, no essencial), mas igualmente notórias fragilidades (a origem social).

5. TRAJETÓRIA DE ALFREDO GUISADO 1916-1930

Como no capítulo 4, nas próximas páginas pretendemos analisar cronologicamente a trajetória de Alfredo Guisado em função do estado dos campos, galego e português, as mudanças verificadas no relacionamento entre sistemas no espaço cultural ibérico bem como, por seu turno, no enclave galego e relativamente à imagem portuguesa associada à Galiza e aos galegos. Através de bibliografia secundária, fundamentalmente, veremos como entre as balizas temporais deste capítulo tomam forma significativas alterações qualitativas e quantitativas relativamente ao período delimitado nas páginas anteriores, às quais Alfredo Guisado não ficará alheio, nem do ponto de vista da sua trajetória social nem literária. Como tentaremos demonstrar, desde fins da década de 10 e durante a década de 20, as modificações substanciais no modo de se relacionarem os dois regimes políticos peninsulares, assim como o progressivo desenvolvimento das emergências catalã e galega, vão desencadear um notório incremento de eventos cujos objetivos passam também pelo fortalecimento das relações intersistémicas em função de vários interesses, em ocasiões encontrados.

Apesar da ampla extensão do período, atravessado por factos de inquestionável importância para a análise do nosso objeto de estudo (a ditadura do general Primo de Rivera ou o exitoso golpe de estado dos militares portugueses em 1926), o intervalo aqui delimitado apresenta umas linhas de força que lhe conferem um apreciável grau de coesão; consideramos em geral estarmos, desde os últimos anos da década de 10 e até, *grosso modo*, 1936, perante um período muito fértil relativamente aos diferentes quadros relacionais em funcionamento no espaço cultural ibérico. Por outro lado, como já explicámos, 1930 encena de alguma forma o fim de um ciclo na trajetória guisadiana marcado até a altura pelas numerosas intervenções explícitas nos campos literário e político assim como pela ativação da rede *das origens*; de 1930 em diante a trajetória de Alfredo Guisado parece seguir outros rumos ou, no mínimo, distanciar-se da primeira linha de intervenção cultural e política.

5.1. Campo cultural galego. Irrupção das Irmandades da Fala

Do ponto de vista político-administrativo, a situação da Galiza entre 1916 e 1930 não vai mudar apesar do relativo fortalecimento do galeguismo e das suas (novas) organizações; apesar, igualmente, do progressivo “anquilosamiento del sistema político” da Restauración (Pelaz 2001: 60) desde, *grosso modo*, a profunda crise política e institucional de 1917, também no relativo ao modelo de Estado (cfr. Luis 2004: 453 e

ss.), em boa medida devido à maior capacidade dos catalanistas. Esta crise da arquitetura político-administrativa do Reino de Espanha é encenada também, pouco antes do golpe de Estado do general Miguel Primo de Rivera (13/09/1923), com o surgimento da denominada Triple Alianza de 1923 entre catalanistas, *basquistas* e galeguistas que daria lugar ao *movimento* de longo percorrido conhecido por Galeuzka (Estévez 2009: 20 e ss.); a Triple Alianza é expressão de alguma forma das intensas tensões entre o nacionalismo espanhol e os nacionalismos subestatais, agora aparentemente conscientes da necessidade da unidade de ação (mas nem sempre praticada)²⁸⁸, *in crescendo*, até o golpe de estado de 1936.

A irrupção das **Irmandades de Fala**, desde 1916, e o impulso planificador dos galeguistas, agora auto-intitulados nacionalistas vão determinar os rumos do emergente campo cultural galego. No âmbito da Assembleia Nacionalista de Lugo de 1918²⁸⁹ é aprovado um texto programático inequívoco a este respeito (Irmandades da Fala *apud* Beramendi, 2007: 466): “Tendo a Galicia total-as características esenciaes de nazonalidade, nós nomeámonos, de oxe pra sempre, nazonalistas galegos, xa que a verbe ‘rexionalismo’ non recolle total-as aspiracións nin encerra toda a intensidade dos nosos problemas”²⁹⁰.

O galeguismo desde 1916 vai tentar colocar no centro da sua planificação a língua, (Irmandades da *Fala*), instável norma sistémica a partir desta data: “Total-a nosa persoalidade está na nosa lingua [...] voz do pobo, gardadora porvidencial da nosa conciencia colectiva”, afirmava nesse mesmo ano um dos mais destacados agentes dos *irmãos*, Antón Villar Ponte (*apud* Méixome 1999: 34)²⁹¹. Além de apostarem pela implantação supralocal, os galeguistas vão dotar-se de organizações estáveis, como o

²⁸⁸ As origens e finalidades de Galeuzka segundo Xosé Estévez (2009: 13) seriam:

El movimiento Galeuzca, originariamente político, de las tres naciones periféricas integrantes partió de la acuciante necesidad de articular un bloque trinacional unitario frente al tradicional y férreo centralismo del Estado español. Puede definirse como la búsqueda constante, concretada en pactos cíclicamente sellados, de una entente vasco-galaico-catalana para conseguir cotas crecientes de soberanía, que transitaban desde la autonomía integral para unos, pasaban por el federalismo y confederalismo para otros y finiquitaban en la independencia para algunos.

²⁸⁹ Estão presentes na citada assembleia, entre outros, Ramón Cabanillas, Vicente Risco, Castelao e Antón Villar Ponte; este último vai ser um elemento destacado na história do galeguismo pelas suas constantes iniciativas.

²⁹⁰ Este excerto pertence ao que “será o texto programático básico do nacionalismo galego ata a fundación do Partido Galeguista en decembro de 1931” (Beramendi 2007: 466).

²⁹¹ Meses antes, Villar Ponte tinha publicado o folheto *Nacionalismo gallego (apuntes para un libro)*. *Nuestra afirmación regional*, onde a língua já ocupava uma posição central na nova elaboração galeguista (*apud* Beramendi 2007: 431): a língua “escudo de la autonomía espiritual, más fuerte que las armas [...] es [...] la vida misma de los pueblos, una resultante natural del medio, de la herencia, de la selección [...] tenemos una patria natural con su propio instrumento de expresión [...] toda afirmación gallega debe partir ineluctablemente del renacimiento del idioma”.

seu próprio órgão de expressão, *A Nosa Terra* (1916), constituindo, enfim, um grande avanço para os interesses daqueles, sobretudo no plano ideológico do galeguismo político (Beramendi 1997: 290), se comparado com as notórias fragilidades dos anos anteriores descritos no capítulo 4 desta Tese. Um dos objetivos manifestos do novo galeguismo, entendendo os camponeses como base potencial e *natural* da sua expansão (face ao âmbito urbano mais exposto à cultura e língua castelhanas, no entender dos nacionalistas²⁹²), será a tentativa de acrescentar as suas bases no espaço ocupado pelo agrarismo (Cabo Villaverde 1998: 134 e ss.; cfr. Beramendi 2007: 717). Neste sentido, cabe assinalar que a *fixação* galeguista (ou de uma parte significativa do nacionalismo galego) com o mundo camponês teria (tem) as suas implicações diretas na construção do emergente sistema cultural galego em curso na altura; a presença proeminente do mundo rural nos repertórios literários/culturais (como em Alfredo Guisado) ou mesmo alguns modelos linguísticos para o galego (triunfadores) em concorrência parecem sustentar esta análise.

Ao lado de Antón Villar Ponte, Vicente Risco será um dos agentes centrais na planificação galeguista (Beramendi 2007: 469); estes dois agentes representam de alguma forma também a quebra da unidade do primeiro momento (e após o distanciamento lógico de simpatizantes de primeira hora de ideologia de distinto signo²⁹³) dando lugar à divisão entre, *grosso modo*, um setor mais interessado na intervenção no âmbito cultural (com Vicente Risco à cabeça, líder da efémera Irmandade Nacionalista Galega) recorrente na história do galeguismo e o setor partidário da intervenção na arena política representado pela Irmandade da Corunha (que ficará com *A Nosa Terra*), com Lois Peña Novo como representante destacado (cfr. Beramendi 2007: 674 e ss.)²⁹⁴.

²⁹² Expressiva neste sentido é a seguinte citação de Villar Ponte (*apud* Cabo Villaverde 1998: 135) n’*A Nosa Terra* de 1916:

Fixádevos no que é oxe Galicia. Unhas cantas cibdades e vilas, cheas de señoritos desertores do traballo, chulos da credencial, zánganos do trobo da colmea centralista, sen alma e sen fe [...] E logo unha Galicia rural, unha Galicia traballadora – que é toda Galicia pro caso [...] a Galicia redimida do porvir, fica n’ unha fonda hexemonía labrega.

²⁹³ É o caso, por exemplo, da já citada importante publicação regionalista da altura, a revista *Vida Gallega* (1909-1938) dirigida por Jaime Solá, que noticia positivamente a criação das Irmandades da Fala para depois passar a “atacar teimudamente o seu salto ó nacionalismo” (Beramendi 2007: 443).

²⁹⁴ Para o historiador R. Villares, esta divisão é expressão de uma “[p]luralidade que se manifestava na estratégia a seguir electoralmente, pero que reflectía de forma evidente un compoñente case estrutural do nacionalismo galego, que é existencia de ‘dúas almas’ ou dúas tradicións culturais, unha de raíz conservadora e elitista, outra máis democrática e mesmo populista” (Villares 2004: 387). Para José-Vidal Pelaz (2001: 64) existem nesta altura (com raízes em épocas anteriores) “diferencias entre el galeguismo conservador y el más izquierdista”.

Em 1923 o galeguismo, e as suas diferentes tendências, vai confrontar-se problemáticamente com o fim da Restauración e a instauração da **Ditadura** de Primo de Rivera (setembro de 1923-janeiro de 1930). Num primeiro momento, “acordou en moitos a esperanza de que por fin chegara o *cirujano de hierro* capaz de *descuajar* o caciquismo e sanear a situación” (Beramendi 2007: 737; itálicos no original)²⁹⁵, entre eles os galeguistas e, com mais razão, os agraristas galegos; recebia assim *A Nosa Terra* o golpe militar em outubro desse mesmo ano (*apud* Méixome 1999: 47):

Os militares fixéronse donos de Hespaña, e botaron á todol-os políticos que constituían os Gobiernos do desgoberno [...] Esto solo, é unha boa acción dina de louvanza [...] Pero nas decraracións do xefe d’este movemento vemos que ten acollida a posibilidade d’unha descentralización administrativa; que se admite, como non podía menos de soceder, o uso dos idiomas rexionaes; que se suprimirán quizais as actuaes Diputacións provinciaes. [...] Non podemos ainda xusgar exatamente o momento autual porque non hai feitos concretos que revelen o bon éisito definitivo d’esta renovación imposta pol-a forza armada: non podemos tampouco nos poñer por enteiro da banda dos renovadores porque o seu mesmo carácter de xefes militares que impoñen un criterio e unha autuación determinada pola forza das armas fainos temer un autoritarismo [...] mais, pol-o de agora vemos con simpatía o intento de renovación.

A cautelosa *simpatia* dos galeguistas perante o novo regime autoritário não impediu o facto de o “impacto da Ditadura sobre o nacionalismo galego [ser] demoledor e só [ter] de positivo a diminución dos enfrontamentos internos perante a desgraza común” (Beramendi 2007: 747). Neste sentido, provavelmente o acontecimento mais significativo contrário à proliferação dos nacionalismos subestatais será a dissolução da Mancomunitat de Catalunya em 1925²⁹⁶. A medida dos efeitos da hostilidade do novo

²⁹⁵ Também os catalanistas analisaram a nova situação positivamente, como assinala Pelaz López (2001: 66):

El general Primo de Rivera fue, en principio, bien recibido en Cataluña. Primo se presentaba como el ‘cirujano de hierro’ que el país necesitaba para lograr la ansiada recuperación. Para los burgueses de la Liga la dictadura militar significaba la recuperación de la normalidad y el restablecimiento del orden público en una ciudad como Barcelona, azotada por el terrorismo y convertida, se decía, en una de las más turbulentas de Europa. Además, el dictador había manifestado públicamente cierta comprensión hacia el fenómeno del catalanismo [...] Sin embargo, pronto se vio que en la idea que el general tenía de España no encajaban los regionalismos.

²⁹⁶ Segundo Justo Beramendi (2007: 738):

a política de acoso ó catalanismo e á cultura catalá foi sistemática: imposición do castelán en todos os usos oficiais e públicos, intentos de afogar economicamente o Institut d’Estudis Catalans, castelanización de topónimos e nomes de rúas, prohibición da bandeira e ata limitacións ó baile da sardana [...] Só a edición de libros e periódicos en catalán ficou á marxe dunha ofensiva governamental tan dura que suscitou, por primeira vez na historia, a solidariedade de 117

regime espelha-se, por exemplo, em que “a finais de 1924 a cota de nacionalistas realmente organizados en Galicia [...] caeu por baixo da de decembro de 1916, e logo continuou baixando ata chegar a un mínimo absoluto inferior a 100 en 1928” (Beramendi 2007: 750-751)²⁹⁷. Entre 1923 e 1930, face aos evidentes obstáculos para intervención política, “as enerxías galeguistas derivaron todas cara a unha fecunda actividade intelectual e cultural” (*id.*: 753); da mesma opinión, substantivando a cultura, nomeadamente a produción literaria, como *locus privilegiado*, analisa este período o historiador Ramón Villares (2004: 388-389):

Foron [...] anos proveitosos por outras razóns para o renacemento cultural de Galicia. Pois será nestes vizosos anos vinte cando o nacionalismo galego, en especial o grupo Nós, elabore unha fecunda obra cultural que será a semente da eclosión do galeguismo nos tempos da II República. Algunhas das obras máis sólidas de Risco, Castelao ou de Otero (romances, ensaios, libros de historia, guías, etc.) son desta época. Foi a idade de ouro da Xeración Nós.²⁹⁸

O agrarismo, movemento no qual esteve militantemente envolvido Alfredo Guisado, vai recibir o novo regime “cunha aprobación practicamente unánime” (Cabo Villaverde 1998: 152). A Ditadura sim implica importantes mudanzas em sintonia com as reivindicações dos agraristas²⁹⁹ o que, na prática, irá propiciar a exclusão de muitos

intelectuais casteláns por medio dun manifesto redactado en 1924 por Pedro Sainz Rodríguez. Nesa mesma liña, nada menos que Ernesto Giménez Caballero, un dos futuros ideólogos do fascismo español, organizou unha mostra dedicada ó libro catalán.

²⁹⁷ Provavelmente por influencia do exemplo irlandês, os catalanistas também reagiram mediante a “loita armada” (Beramendi 2007: 739): “en 1925 tivo lugar un atentado frustrado contra Afonso XIII [...] e no ano seguinte Francesc Macià encabezou un fallido intento de invasión de Cataluña polos Pireneos que tivo amplo eco na prensa e colocou a cuestión catalá no escenario internacional”. Os galeguistas não poderiam, nem por convicção nem por capacidade, secundar esta direção.

²⁹⁸ Note-se, contudo, os importantes entraves que o novo regime coloca sistematicamente ao uso das línguas periféricas (basco, catalão e galego); segundo o Professor Henrique Monteagudo (Monteagudo 1999: 401) “podemos concluir que a Dictadura supuxo a culminación, por vía autoritaria, do proceso de progresiva explicitación dunha política lingüística de Estado cunha orientación cada vez máis acentuadamente uniformista [cujá finalidade sería] atinxir a unificación lingüística”. A política lingüística do regime, porém, longe de ser unidirecional, parece ensaiar estratégias de integração das outras línguas (sem em nenhum caso impugnar a hegemonia do espanhol) na arquitetura do sistema cultural espanhol: em 1929, Ramón Cabanillas e Armando Cotarelo Valledor ingressam na Real Academia Española em representação das *letras galegas* (cfr. *id.*: 397), o qual parece relacionar-se com o que definimos como tendências instersistémicas assimétricas.

²⁹⁹ “Dun plumazo, a Ditadura dismantela os reductos dos elementos contra os que o agrarismo máis reivindicativo levaba moitos anos loitando infructuosamente” segundo Miguel Cabo (1998: 153), para quem as coincidências entre os objetivos dos agraristas e as tomadas de decisões da Ditadura são (*ibid.*): “Sucesivos decretos disolven todas as corporacións municipais e as Deputacións [...] anulan o foro de excepción dos parlamentarios, disolven as Cortes e declaran a incompatibilidade das persoas que ocuparan cargos políticos anteriormente co desempeño de cargos e funcións estatais, e caciques imemoriais [...] son expulsados das súas posicións de poder”.

dos antigo *caciques* (é o caso da família Bugallal de Ponte Arêas) e, por seu turno, a criação de novas possibilidades de intervenção política, desde posições centrais no campo do poder local, para os agraristas, como é o caso da família Garra de Ponte Arêas (cfr. Beramendi 2007: 743). Contudo, os republicano-agraristas (mais republicanos do que agraristas, provavelmente) do Condado continuarão durante a Ditadura de Primo de Rivera a encontrar importantes obstáculos para as suas atividades; a censura aplicada a *El Tea* e as várias mudanças obrigadas de título (*El Uma* ou *El Agro Celta*) na década de 20 são uma evidência transparente.

Paralelamente ao percurso do galeguismo político, o **emergente campo cultural galego** vai experimentar mudanças significativas; em palavras do investigador Xoán González-Millán (González-Millán 2002: 259-260), produz-se um “salto cualitativo” com a criação das Irmandades da Fala que:

inician en 1916 un proceso global de ‘galeguización’ [...]. É nestes momentos cando se pode falar dun intento sistemático de ‘galeguización’ da cultura pública en Galicia e da articulación, por primeira vez, dun pensamento nacionalista propiamente dito, representado por dous textos fundacionais³⁰⁰. Estas duas obras, especialmente a segunda, actuarían como catalizadores dunha nova forma de entender a dinámica sociocultural galega da década dos vinte, marcada por un renovado entusiasmo e por un moderado optimismo: fúndanse agrupacións de coros e danzas e poténciase o teatro; multiplícanse, moi no espírito da época, as festas populares e as excursións que serven para difundir as novas ideas do galeguismo; celébranse por toda Galicia actos de exaltación do galego e da súa literatura; homenaxes e inauguracións de monumentos son experiencias cotiáns; incluso se traballa na articulación dunha mitoloxía de resistencia, centrada na figura do mariscal Pardo de Ceta [e cria-se uma] infraestrutura cultural relevante, sobre todo no ámbito do mundo editorial, cunha sustancial produción de libros e de publicacións periódicas, entre elas a prestixiosa revista *Nós*.

A extensa citação esclarece em grande medida as implicações do surgimento das Irmandades da Fala. A “galeguización” mencionada passará necessariamente pelo uso generalizado da **língua** da Galiza, cujos resultados, segundo Henrique Monteagudo (1999: 398) são: uma publicação monolíngue (*A Nosa Terra*), a “politización da cuestión lingüística” e a “imposición do emprego formal da lingua galega nos espacios de ‘publicidade’ ata daquela reservados ó castelán [...] o fomento do cultivo literario do

³⁰⁰ Refere-se a: *Nacionalismo gallego (apuntes para un libro)*. *Nuestra afirmación regional* de Antón Villar Ponte (de 1916), já citado, e *Teoría do nacionalismo galego*, Vicente Risco (de 1920).

galego, con especial énfase na prosa e nas actividades teatrais”. Esta e outras iniciativas dos *irmãos* vão provocar a crítica acirrada de outros grupos e agentes que logo se desmarcaram, como já indicámos, da linha encetada pelas Irmandades; neste sentido, segundo Elias Torres (2004: 439 n. 19; *itálicos no original*):

quando as *Irmandades da Fala*, en 1917, proclamaram que a literatura galega era a escrita em galego, recolheron o enfrentamento e a hostilidades de meios e autores como Pardo Bazán, Pérez Lugín ou Jaime Solá, o director do mais influenciador semanário galego, *Vida Gallega*, e autor de obras de temática galega em espanhol, como nesse mesmo ano *Anduriña*, que se reclamavam tam literatos galegos e literatura galega como os *irmaos da fala*³⁰¹.

Apesar da intensa oposição, os membros das Irmandades, sabedores da função central da *literatura* em processos de construção nacional, *locus privilegiado*, assim como dos seus défices projetivos (nos termos de Elias Torres), não duvidam em tentar dotar o emergente sistema literário de novos instrumentos. As Irmandades, deste modo, logo visam a ampliação da produção literária no que diz respeito aos géneros. Insurgindo-se contra a, até à altura, identificação (subsistémica) de *literatura* galega com poesia, além de posicionar-se abertamente a favor da introdução maciça da língua galega noutros géneros, prosa³⁰² e ensaio (cfr. Vilavedra 1999: 165 e Monteagudo 1999: 167-169), os galeguistas vão tentar criar as condições para a construção de um *mercado* no emergente sistema literário galego. A partir de 1919 começam, por exemplo, a editar-se novelas no suplemento “¡Terra a nosa! Bibrioteca popular galega” desde o jornal *El Noroeste* (cfr. Vilavedra 1999: 165). Outras iniciativas serão a coleção Céltiga de narrativa (a partir de 1922) e desde julho de 1924, já na Ditadura, o aparecimento da editora Lar que vai publicar até 1928 por volta de uns 40 títulos; segundo Justo Beramendi (2007: 754-755):

Ata agosto de 1927, Lar encargouse de editar a maior parte da produción literaria e ensaística dos galeguistas, que nisto eran prolíficos de abondo [publica também] os traballos científicos do Seminario de Estudos Galegos e as novelas, poesías, dramas,

³⁰¹ No mesmo artigo, Torres Feijó assinala significativamente a relação direta que os agentes envolvidos estabelecem conscientemente entre as normas sistémicas e “o que consideram balizas definitórias da Naçom” (2004: 431).

³⁰² Já no segundo número de *A Nosa Terra* (1916) aparecia explícito este objetivo: “Nós queremos mais que rexionalismo de *folk-lore*; queremos mais que fatelos típicos, gaitiña, cantiga e versos xa que comprendemos que se poida entendere que linguaxe que sirve pr’a poesia non sirva o mesmo ou millor pr’á prosa” (*apud* Monteagudo 1999: 478).

contos, xeografías, historias, debuxos e obras doutriniais dos Castelao, Otero, Risco, Villar Ponte, Cabanillas, Blanco Amor, Lesta Meis, Dieste, Manoel Antonio, Bouza Brey, etc., que deixaron definitivamente incorporado o galego á nómina dos idiomas cultos.

Outra das institucións criadas nesta altura será o Seminario de Estudos Galegos (12/10/1923), vinculado à Universidade de Santiago de Compostela. Um ano antes tinha saído à rua o importante jornal *Galicia* (25/07/1922-15/09/1926), oficioso porta-voz do galeguismo que não resistiu “ao acoso do réxime” (Beramendi 2007: 740). Desde janeiro de 1924 os galeguistas encontram espaço para intervir também no jornal *El Pueblo Gallego* de Vigo. Os estudos existentes coincidem em asseverar a centralidade de outro dos numerosos projetos dos galeguistas³⁰³, no qual Alfredo Guisado vai ser convocado, a revista *Nós*:

Nós ha de ser un estudio piedoso e devoto, cheo de sinceridade de todol-os valores galegos dos nósos valores tradicionás, e mais dos valores novos que cada día estanse creando na nósra Terra.

Nós há ser a representación no mundo da persoalidade galega na sua ânsia de s’afirmare como valor universal, autóctono, diferenciado, dentro ou fora da Terra.

Nós ha ser a afirmación para sempre do verdadeiro ser de Galizia, do Enxebrismo, no que ela tén, debe e quere persistire. O Enxebrismo é a nosa orixinalidade específica, a nosa capacidá de creación, o nóso autóctono dinamismo mental.

Querendo suprimir entremediaros antr’o pensamento galego e o pensamento dos pobos cultos, *Nós* abre as páxinas a prestixiosas persoalidades estranxeiras que contan de nos honrar co’a sua colaboración e tamén ha informar ó púbrico galego do movemento das ideas no mundo civilizado (*apud* Méixome 1999: 40).

Este fragmento do primeiro número da revista *Nós* (1920-1935), com Vicente Risco como cabeça visível, é altamente esclarecedor das linhas de força das elaborações galeguistas no plano cultural; nomeadamente quando se refere o “estudio” da cultura galega e ao *enxebrismo* ao lado da *abertura* da revista a “prestixiosas persoalidades estranxeiras”.

Serão também significativos os esforços que os galeguistas vão dedicar à construção de um teatro *nacional*. Seguindo de perto a análise de Manuel F. Vieites, já a partir de 1915, a “actividade teatral volve a renacer” (Vieites 2003: 230) para a partir de

³⁰³ Significativamente, alguns autores, à hora de estabelecer a periodização da história da literatura galega, denominam o período que vai das Irmandades da Fala até 1936 de *Época Nós* (cfr., p. ex., Tarrío 1994).

1919 surgirem as tentativas de institucionalização do teatro galego (cfr. *id.*: 262 e *passim*)³⁰⁴. Exemplificativa é, por exemplo, a representação pelo Conservatorio Nazonal de Arte Galego da peça de Ramón Cabanillas *A man da Santiña*, ao que parece instigado por Antón Villar Ponte em 1919 (cfr. Vilavedra 1999: 158). Produto teatral que, tencionando superar o repertório *folclórico* (cfr. Vieites 2003: 264 e 278), não ficou alheio às tomadas de posição no campo cultural que contestavam o processo proto-sistémico em que estavam empenhados os agentes das Irmandades (cfr. *id.*: 277). Contudo, o repertório denominado *folclórico*, aliás de longo percurso, não estava somente vinculado às práticas subsistémicas. Os mesmos nacionalistas envolvidos no processo de elaboração e consolidação de um sistema cultural galego parecem elevar à categoria de elemento central o *mundo rural* no repertório cultural em construção desde o século XIX.

Note-se, por outro lado, o facto de as tomadas de posição no emergente campo cultural galego expressarem na década de 20 explícitas tensões pelo controlo do mesmo assim como pela centralidade e natureza dos repertórios. No texto programático de *Nós* antes citado, também se afirmava:

Os colaboradores de *Nós* poden ser o que lle pete: individualistas ou socialistas, pasatistas ou futuristas, intuicionistas ou racionalistas, naturistas ou humanistas; pódense pór en calquera das posicións posibles respecto das catro antinomias da mente contemporánea; poden ser hastra clásicos, con tal de que poñan por riba de todo o sentimento da Terra e da Raza, o desexo colectivo de superación, a orgullosa satisfacción de seren galegos (*Nós apud Méixome* 1999: 40).

Até essa altura, o galeguismo, em geral, não tinha optado de forma sistemática por importar repertórios literários mais inovadores. Apesar da declaração de princípios de *Nós* e de que se bem Vicente Risco, num princípio, se tinha mostrado próximo das denominadas vanguardas (cfr. Axeitos 1997: 19), as novas tomadas de posição de produtores que incorporavam em parte um repertório próximo das vanguardas colocou no emergente campo literário galego a questão, como já se viu para o caso português anos antes, dos *novos* e *velhos*. Paradigmático neste sentido, é o acolhimento irónico de

³⁰⁴ Inspirados no Movimento Dramático Angloirlandês, o Abbey Theatro, segundo Manuel Vieites, os nacionalistas tentaram criar as suas próprias instituições no âmbito do teatro; assim, por exemplo, surge o Conservatorio Nazonal do Arte Galego (1919), a Escola de Teatro Galego (1919) ou a Escola Dramática Galega (1922) (Vieites 2003: 262-282).

A Nosa Terra ao manifesto *¡Mais Alá!* (1922) assinado pelo jovem poeta Manuel Antonio com desenhos de Álvaro Cebreiro³⁰⁵:

Vimos unhas folliñas impresas que nos enchen de ledicia. Nelas asegúrase que unha nova era de escentilante alborada vai chegar axiña para a nosa literatura.

Os que escribimos *A Nosa Terra* somos homilísimos amadores, que poñemos todo o noso amor nos nosos cativos traballos levados do bom desexo de servir á Terra, e procurando sempre guiarnos pol-o ideal que coidábamos alapreante nos escritos dos precursores. Pol-o visto, Rosalía, Curros, Pondal, etc., non fixeron nada, perderon o tempo como uns coitados, ao decir dos firmantes da folliña de referencia (*A Nosa Terra apud* Axeitos 1997: 24)³⁰⁶.

A crítica é patente e exemplifica uma divisão “de natureza moral e ética máis que artística”, segundo Xosé Luís Axeitos (1997: 10), mas, ao mesmo tempo, evidencia, em nosso entender, a vontade de dominar o campo por parte dos agentes mais destacados do galeguismo da altura, dos *velhos* (Vicente Risco, Otero Pedrayo, Castelao, etc.), defensores de repertórios literários mais conservadores³⁰⁷. Lembre-se a este respeito como as tentativas do Conservatorio Nazonal do Arte Galego, dirigido por Fernando Osorio Docampo (formado no Conservatório de Lisboa) de ampliar o repertório teatral galego não conseguirão impor-se ao “sector mais reaccionário”, ficando “a ruptura co teatro rexionalista [...] abortada” (Vieites 2003: 271). Neste quadro, desenha-se, enfim, um emergente campo literário galego em que os agentes centrais tentam controlar, com considerável sucesso³⁰⁸, o evoluir dos repertórios e são

³⁰⁵ Entre outras coisas, o manifesto citado afirmava explicitamente (*apud* Méixome 1999: 42): “Os vellos non son os que escribiron fai moitos anos –aqueles son os devanceiros. Os vellos son os que escriben hoxe como si vivisen n-o antonte d’os séculos. Ista gafualla, de ser leigada a si mesma, deberá irse, por exemplo, a Madrí, metrópoli peninsuar d’a barbarie civilizada”.

³⁰⁶ Segundo Xulio Pardo de Neyra (Pardo 2005: 196), a vanguardia galega foi rechazada “como alternativa para a poesía galega en tempos temperáns e polos seus mesmos practicantes [...] En carta datada en 1920, Vicente Risco confesou a Manuel Antonio retencencias cara á vangarda, así como, dous anos despois, a través do seu artigo ‘De Máis Alá / e máis do foulard’ [*La Zarpa*, 15/07/1922] expresou o seu desacordo fronte ao *Mais alá!* De Manuel Antonio e Cebreiro”.

³⁰⁷ Face aos *novos* Rafael Dieste, Carlos Maside, Manuel António, e outros, que encontrarão espaço em publicações como *Galicia* e *El Pueblo Gallego* (expressivamente não de forma regular em *A Nosa Terra* e *Nós*, controladas pelos *velhos*). Estes *novos* são para Carvalho Calero (1981: 691), os “Novecentistas”, cujos mestres seriam os agentes centrais da revista *Nós*: “[m]oitos –algúns dos máis eminentes- morreron mozos; moitos abandonaron o cultivo das letras; moitos trocaram de língua. Algúns revoaron antre o galego e o castelán con simultáneo ou alternativo bilingüismo”.

³⁰⁸ Ainda em 1926, Leandro Carré defendia a necessidade de introduzir *pazos*, *vilas* e *ciudades* no romance galego, o qual é indicativo do escasso predicamento que tiveram a nível repertorial as tomadas de posição mais inovadoras ou, simplesmente, as que visavam superar o folclorismo ruralizante; dizia assim Carré (*apud* Vilavedra 1999: 167):

Alguén pretende que a novela galega teña un marcado celme rural, un arrecendo a terras bravas remexidas pol-o legón, ou pol-as gueifas do arado, á braveza do toxo, á estrume. ¿E por qué

mesmo contrários a determinadas tomadas de posição que visem a ampliação dos repertórios com a importação de produtos vanguardistas³⁰⁹. Por outro lado, é destacável o facto de muitos dos agentes e grupos que dominam o campo estarem, entendemos, próximos no campo político (ou inclusive lideram, no caso de Vicente Risco) da opção *culturalista* face, por exemplo, ao grupo da Corunha, no seio do qual é representada *A man da Santiña*. As lutas entre *novos* e *velhos* estender-se-ão por toda a década de 20; segundo Justo Beramendi (2007: 756):

Como unha sorte de segundo acto do *Máis Alá!* de 1922 [...] unha automeada ‘nova xeración literaria’ (Xesús Bal y Gay, Rafael Dieste, Felipe Fernández Armesto, Evaristo Correa Calderón e outros), en paralelo con fenómenos similares do resto do Estado, apostan nesta segunda metade dos anos vinte por unha literatura galega, e por extensión por unha cultura galeguista, menos ideoloxizada, esteticamente máis moderna, emancipada en suma dos modelos, para eles arcaizantes, que impuxeran os ‘vellos’. Nesa onda non teñen empacho, na súa procura dunha expresión autónoma respecto da política, de crebar o monolingüismo galeguista escribindo e publicando tamén en castelán [...]. A polémica conseguinte, que se desenvolveu sobre todo nas páxinas d’*El Pueblo Gallego*, demostrou que a súa proposta era moi minoritaria e amplamente rexeitada no seo dos bos e xenerosos. As respostas dos ‘vellos’ e non tan vellos, dende Antón Villar Ponte, Ramón Otero Pedrayo, Roberto Blanco Torres ou Leandro Carré a Víctor Casas e Ánxel Casal, pasando polo propio Manoel Antonio, deixaron moi claro que nisto o groso do nacionalismo era monolítico.

Estas lutas acabariam, segundo Xosé Luís Axeitos (1997: 44; *italico no original*), em rutura em 1931, após uma “lenta pero definitiva desaparición dos *novos* do panorama de Galicia”³¹⁰, e com controlo definitivo do sistema em elaboração por parte dos *velhos* e os repertórios por eles promovidos.

non ha poder sere delicada como unha fror de pazo señoril? ¿Ou por qué non há de nos amostrare a vida que hoxe boliga nas nosas vilas e cidades.

³⁰⁹ Contudo, como se verá mais à frente, em função dos interesses de grupos e agentes nem sempre será assim.

³¹⁰ Para Dolores Vilavedra (1999: 196-197), retomando as teses de Xosé R. Pena e de uma perspectiva bem diferente, “o conflito polo cánon estético” encontrará a solução numa “vanguarda pactada [...] na que convivirían en constante tirapuxa pero sen chegar á ruptura ‘os vellos’ e ‘os novos’, e que explicaría o triunfo das propostas estéticas máis moderadas que procuraban o equilibrio entre o enxebre e o innovador: o hilozoísmo e o neotrobadorismo”. Sim parece evidente que a historiografía literária galega tem secundarizado a vários destes *novos* produtores; em 1995, junto à presença de “determinados presupostos ideolóxicos” nos trabalhos realizados, Xoán González-Millán (1995: 13), assinalava de alguma forma esta tendência:

A bibliografía sobre a situación da cultura galega no primeiro tercio deste século, especialmente a referida ás Irmandades da Fala e ao Grupo Nós, segue reproducindo os esquemas propios dos manuais de historiografía literaria: exercicios biográficos de autores cunha produción

Por último, importa salientar a consagração do *Balneário* de Mondariz, propriedade da família Peinador, como “templo de galeguismo” segundo *A Nosa Terra* (apud Barreiro 2006: 10). Em agosto de 1920, os atos académicos celebrados no *Balneário* com motivo do ingresso na Real Academia Gallega de Rey Soto e Ramón Cabanillas bem como a homenagem a Manuel Murguía (30 e 31 de agosto de 1920), ilustram a vinculação do estabelecimento termal com o projeto cultural dos galeguistas, interessados também em controlar a Real Academia Gallega (cfr. Monteagudo 1999: 380)³¹¹. Por outro lado, o evento supõe uma encenação das possibilidades dos galeguistas, capazes de organizarem atos académicos num espaço privilegiado e com ampla repercussão mediática e simbólica. Como recolheu Xaquín Vales (2006: 67-68; itálicos no original), irrompem reações contrárias no seio do campo face a este *salto qualitativo* (parafraseando a análise de González-Millán), que ilustram claramente o seu funcionamento e interesses em jogo:

En determinados xornais de Galicia irán aparecendo certas críticas ás xornadas de Mondariz, como é o caso do ferrolán *El Correo Gallego* (1-9-1920), por parte do seu director –o membro correspondente da Academia Galega, Eladio Fernández Diéguez-, cun artigo na súa primeira páxina no que califica eses actos académicos de *solemnidad bicarbonato-sódica*, expresando o seu rexeitamento á *ambulancia* da celebración, ao levarse a cabo –nesta ocasión e por primeira vez- fora da sede da Academia e nun suntuoso balneario. Súmanse a este ataque os diarios santiagueses: *El Compostelano* [...] e *El Eco de Santiago* [...]. Posteriormente, a revista viguesa *Vida Gallega* (15-10-1920) [...], no artigo ‘Literatura y regionalismo gallego’ ataca con sorna esas solemnidades académicas e os seus festexos, mesturándoos co que ela denomina *el problema del regionalismo gallego* ou, máis adiante, *la algarabía regionalista*, defendendo [...] o uso do *castellano* ante o resto das linguas peninsulares, tan só empregadas por *labriegos ignaros*.

intelectual relevante (Castelao, Otero Pedrayo, Risco ou Cabanillas) nun escenario repleto de figuras menores, e dúas publicacións periódicas, *A Nosa Terra* e *Nós*, que acaparan o espacio da produción cultural galeguista.

³¹¹ O porta-voz dos nacionalistas, *A Nosa Terra* (25/09/1920), manifesta-se assim sob o expressivo título “A Academia Galega e os nazonalistas en Mondariz” (apud Vales 2006: 26):

O vello Don Enrique Peinador, xa finado, foi fundador d’unha aristocracia nova, a que se fixo carne nos seus fillos e que compre gabar e sinalare a tódol-os bos galegos. Y-estes fillos, cultos, simpáticos, amabres, mundanos, cheios d’amor á Terra, fan por ela, sen cansazo nen acougo, o que non fixeron os políticos i-os ricos nados na Galiza. Arrie[s]gal-os seus cartos en negocios drento da Patria mesma, para acresceren o patrimonio enxebre, xa que os ricos, qu’esprotan riquezas no país de seu, non son como dixeran Cambó moi bem, senon depositários transitórios da riqueza nacional común.

Nesta citação, como dizíamos, evidencia-se a existência de, no mínimo, duas visões da *literatura galega*, a subsistémica e proto-sistémica, sendo patente desde a primeira (especialmente no que se refere à tomada de posição de *Vida Gallega*³¹²) a tentativa de remeter/manter o galego e a sua *literatura* numa posição acessória e secundária em relação ao espanhol e a sua *literatura*.

Face ao período anterior, vemos, em suma: como a partir de 1916 (i) os grupos e agentes interessados na construção de um sistema cultural galego conseguem, frente às tendências subsistémicas e aos obstáculos derivados da instauração da Ditadura, criar uma série de organizações antes inexistentes; (ii) conscientes dos défices projetivos, os galeguistas implementam um ambicioso plano de proliferação da produção literária em galego; vemos também que, depois da primeira hora, (iii) surgem importantes lutas no campo galeguista relativamente à natureza política e/ou cultural da orientação a seguir ou, no seio do emergente campo cultural, acerca do controlo do mesmo e dos seus repertórios.

5.1.1. O enclave galego de Lisboa

Entre 1916 e até 1930 (em geral, até 1936), acentuam-se no seio do enclave galego de Lisboa as linhas de força que anotámos para o período anterior estabelecido nesta Tese; assim, podemos destacar: (i) a continuação do processo de crescente heterogeneização dos membros do enclave em função dos seus capitais; (ii) a consolidação das instituições da colónia galega, nomeadamente de Juventud de Galicia³¹³; (iii) as tensões e polémicas relativas à arquitetura associativa da colónia espanhola em geral; e (iv) o surgimento de novas estratégias face ao imago negativo

³¹² As Irmandades da Fala e as posteriores organizações políticas ou culturais dos galeguistas após 1916 iriam ser concorrentes diretos de, até a altura central, *Vida Gallega* como, dito sinteticamente, porta-voz da *galeguidade*. Na publicação de Jaime Solá, sob o título “¿Quien es el verdadero galleguista?” podíamos ler, por exemplo (*Vida Gallega*, 20/10/1928, p. 17):

‘A Nosa Terra’, de Coruña, nos debe una explicación. Ha llamado á Jaime Solá ‘enemigo del galleguismo’. Esto constituye una afirmación calumniosa mientras no se nos pruebe lo contrario. Esperamos la prueba, si, como es de creer, no viene la disculpa [...] Jaime Solá es el más galleguista de todos los galleguistas, y perdónesenos que la verdad tenga que hablar á espaldas de la modestia.

³¹³ No folheto publicado por Juventud de Galicia, já citado, aquando do sétimo aniversário, o Presidente afirmava:

Siete años de existencia cuenta la culta y floreciente sociedad ‘Juventud de Galicia’.

Orgullos pueden estar los iniciadores de tan simpática y patriótica idea, por la buena confraternización que existe entre todos los nobles gallegos que, por medio de sus iniciativas, han sabido dar luz tan brillante y esplendorosa a una colectividad que nacida al calor de unos jóvenes entusiastas, hoy es el orgullo de la vasta colonia que circunda por los ámbitos de esta hospitalaria tierra portuguesa, al ver coronados de éxito, el producto de sus esfuerzos” (Juventud de Galicia 1915: 2).

(cfr. capítulo 5.3.1.1.). Paralelamente, a nova fortaleza do galeguismo, já descrita, irá também condicionar notoriamente o devir do enclave lisboeta.

O fortalecimento e heterogeneização do enclave, processos interdependentes, ficarão patentes na crescente notoriedade que os *Lisboanos* vão usufruir na metrópole³¹⁴, especialmente a partir da imposição do novo regime autoritário no Estado espanhol. Note-se, contudo, o abandono aparente da intervenção jornalística direta: se, como vimos, em anos anteriores grupos e agentes do enclave lançaram efémeras empresas jornalísticas, até 1930 apenas temos conhecimento do semanário *Hispania* de 1924. Acrescente-se a isto, por outro parte, as novas possibilidades do enclave de se fazer ouvir no espaço social lisboeta através das instituições ao seu alcance, Juventud de Galicia em particular³¹⁵. Apesar das contínuas propostas de reordenação da colónia espanhola em Lisboa, Juventud, fundada como vimos em 1908, é no período em foco neste capítulo uma organização consolidada; a documentação interna desta instituição aponta neste sentido³¹⁶. As páginas de *Hispania. Periódico independiente*, ambicioso (e ousado, como se verá) projeto jornalístico ideado e dirigido por Alejo Carrera Muñoz (cfr. *infra*) mostram também como alguns agentes e grupos do enclave começam a tomar posição não apenas relativamente a questões que lhes diriam diretamente respeito: *Hispania* parece tentar, ser também elo de ligação entre ideias e grupos espanhóis e portugueses, intervindo, portanto, no quadro relacional (de variado tipo) luso-espanhol (cfr. *infra*). Os vínculos de *Hispania* com o enclave são evidentes no tipo de informação tratada (com abundantes notícias da zona do Condado e outras partes da

³¹⁴ A crescente visibilidade dos *Lisboanos* na Galiza ficou manifesta evidencia-se na chamada que desde as páginas de *El Pueblo Gallego*, no seu primeiro ano de existência, fazia aos emigrantes galegos:

Conocido el interés que nuestra colonia en Portugal tiene por el engrandecimiento de su madre patria, he de permitirme utilizar las columnas de este periódico [...] para hacerle un ruego a todos los buenos gallegos residentes en la vecina República [...] he de recomendarles busquen suscribirse a EL PUEBLO GALLEGO, periódico en el que hallarán la información necesaria a todo gallego que ama a su Galicia y espera la solución de importantes problemas a resolver (*El Pueblo Gallego*, 1/3/1924).

³¹⁵ Assim, por exemplo, *Hispania*, sob o título “Por los intereses de la Colonia. La Junta Consular de Reclutamiento” (2/02/1924, p. 3) dá notícia de uma das iniciativas de Juventud em representação, de alguma forma, de todo o enclave: “Sabemos que la sociedad Juventud de Galicia dirigió en noviembre último una comunicación al Sr. Cónsul General de España en Portugal, solicitándole que procediese a la constitución de la referida Junta en Lisboa, con el objeto de que pudiese actuar en el Reemplazo del año actual”.

³¹⁶ O plano de “creación de un grupo desportivo – que ostentaría el nombre de Juventud de Galicia-Football-Club” aprovado por Juventud (“Acta de la Asamblea General Extraordinaria”, de 15/12/1926, *Libro de Actas de Juntas Generales 1924-1932*) parece apontar para uma certa situação de estabilidade financeira dos *Lisboanos* e da sua instituição; segundo a ata de 10/10/1928 um membro da colónia cede grátis uns terrenos para “hacer un campo de deporte” para a equipa de Juventud.

Galiza) e explicitamente em, por exemplo, as seguintes palavras do primeiro número (2/02/1924, p. 1):

‘Hispania’, es un periódico honrado y no cuenta con mas ingresos que el producto de los anuncios y suscripciones. La Colonia Española en Portugal, los españoles amantes de su Patria, y cuantos comerciantes e industriales de Portugal y España deseen iniciar e intensificar sus relaciones, han de prestarle su concurso. A las personas a quienes enviemos este número y no nos lo devuelvan, nos honraremos considerándoles como suscritores (itálicos no original).

Entre as várias seções estáveis do semanário assinalamos agora “Vida social”, quase exclusivamente centrada na vida societária das instituições da colónia espanhola, com destaque para Juventud de Galicia, na altura presidida por Alejo Carrera; outra das seções biografava e elogiava a membros concretos da colónia, *Lisboanos* em geral. Por outro lado, *Hispania* é indiscutidamente um jornal que apoia o novo regime metropolitano; a capa do primeiro número é inequívoca neste sentido (*vid.* Anexos, XXX).

Além de Juventud, entre 1916 e 1930 temos notícia ainda das já citadas organizações microterritoriais (Peña 2002: 253-254): a Colonia de Ribadetea (1916), Comité Agrario de Padrones (1916), La Luz de los Tres Ribartemes (1917) ou Sociedad Pro Escuela Unión del Porvenir para Taborda y Piñeiro (1922). Como se pode apreciar pelos nomes, é evidente a vocação agrarista e/ou filantrópica de algumas destas efémeras organizações. Neste sentido, em função dos dados manejados, os vínculos entre os agraristas metropolitanos e o enclave parecem mostrar uma intensidade menor a partir de 1918 e sobretudo após 1923; a maior capacidade dos galeguistas e, fundamentalmente, a “desactivación” da causa agrarista na Ditadura de Primo de Rivera (Cabo Villaverde 1998: 156 e ss.) explicam este paulatino apagamento da *presença* agrarista no enclave, ao qual não é alheio o próprio percurso de Alfredo Guisado.

Paralelamente, como dizíamos, a nova situação metropolitana após a instauração do Directorio Militar, vai permitir a alguns *Lisboanos* fazer uso dos capitais acumulados durante os anos da emigração; os casos de Alejo Carrera Muñoz e Ramiro Vidal Carrera são especialmente elucidativos. Empresários de sucesso e ativos membros do enclave, tanto Carrera Muñoz como Vidal Carrera vão protagonizar, já não a estruturação e consolidação dos grupos de oposição (republicana e agrarista) no Condado, mas o relevo que se produz nas elites metropolitanas no campo do poder

local. O primeiro, emigrado à Lisboa com apenas 14 anos em 1907, chegará a ser proprietário de várias empresas jornalísticas (graças também à rede galega de Lisboa)³¹⁷, como *Hispania*, e a promover, sublinhamos, a constituição do seu lugar de origem, Portela (a partir de 1926 *Villasobro*), como Entidad Local Menor desde 1924 (e até a atualidade), cujo primeiro *Alcalde-Presidente* será ele mesmo; significativamente, o próprio Carrera Muñoz vai adquirir, reconstruir e dignificar o Castelo do Sobroso (Ponte Arêas), motivo poético na produção guisadiana, como veremos. O segundo, Ramiro Vidal, ademais de membro fundador de Juventud de Galicia (que preside em 1923) e igualmente exitoso empresário (na hotelaria), vai ser *alcade* do município de Mondariz desde 1925 até 1930³¹⁸; foi, segundo José Márquez Paramés (2002: 214) “calificado de alcalde-modelo de la época, y el Gobierno de la Nación por su buena gestión al frente del Municipio, le concedió la Orden del Mérito Civil” (Márquez 2002: 214). Enfim, vemos novamente como os outrora *moços de fretes* vão progressivamente ampliando os seus horizontes e ocupando novas posições sociais, tanto em Lisboa como na terra das origens.

O devir da colónia espanhola na capital lusa em geral está também marcado pelas sucessivas tentativas (de longo percurso como já indicámos) de reorganização das instituições de carácter societário. Este é, aliás, um dos objetivos capitais do “pensamiento y propósitos desinteresados” de *Hispania* (2/02/1924, p. 1):

Esta Colonia española sobresale en múltiples actividades de la vida económica portuguesa, no está unidad ni identificada, es desconocido su laborioso esfuerzo. Nos proponemos difundirlo, conseguir que su voz tenga el debido eco en España, velando por sus derechos e intereses, por sus necesidades y deberes, para que en todo momento se sientan amparados por las autoridades y organismos representación de la patria en ambos lados de la frontera, prestigiando así su personalidad individual y colectiva. Trabajaremos sin descanso hasta conseguir la fusión de las distintas sociedades españolas de Lisboa, y

³¹⁷ O primeiro trabalho que realiza é para membros do enclave; segundo Márquez Paramés (2002: 124): “fue bien recibido en la colonia gallega, entre la que [...] se dedicó a redactar cartas, documentos privados, etc., lo que hoy llamamos ‘labor de gestoría’ para sus paisanos”. A precária formação inicial de Alejo Carrera tinha sido complementada com o trabalho de “auxiliar de bibliotecario” durante três temporadas no Gran Hotel de Mondariz (*id.*: 123). Em Lisboa funda a Agência Telegráfica Rádio assim como cria uma empresa para a distribuição de publicações periódicas, portuguesas e internacionais. Em 1916, com apenas 23 anos, é nomeado “socio adjunto” da Real Academia Gallega; em 1920 recebe do governo português a “orden de Santiago y la espada con la categoría de oficial” e, no mesmo ano, é nomeado “Caballero de la Real Orden de Isabel La Católica” pelo governo espanhol (*id.*: 126). Alejo Carrera seria também o primeiro *alcalde* republicano de Mondariz em 1931.

³¹⁸ Segundo se desprende de *Hispania* (8/03/1924, p. 1), após o golpe militar, R. Vidal Carrera parece ter passado a residir legalmente na metrópole para poder optar à presidência da Câmara Municipal de Mondariz.

con la cooperación de los compatriotas que viven fuera de ellas, crear la CASA DE ESPAÑA, donde todos los españoles encuentren la continuación de su hogar y cuanto la limitación de la vida familiar no puede suministrarles (maiúsculas no original).

Hispania contará com uma seção fixa, sob o título “La Casa de España”, onde se recolhem pontualmente as iniciativas neste sentido, como a constituição da “Comisión Ejecutiva para la constitución de la Casa de España”, da qual Alejo Carrera era secretário (9/2/1924, p. 1) ou a publicação, a duas páginas, do “Proyecto de Estatutos y Reglamento de la Casa de España” (12/04/1924, pp. 4-5). Transcorridos vários meses, porém, a almejada Casa de España parece precipitar o fim *Hispania*. No antepenúltimo número, sob o título “El Sr. Padilla ha cometido un agravio a la Colonia. Los representantes de nuestra Patria en Lisboa se oponen a que se constituya la Casa de España” (2/08/1924, p. 1), Alejo Carrera, assinando com indicação explícita de todos os cargos e títulos que ostentava na altura, faz um insólito ataque ao embaixador do Reino da Espanha em Lisboa (que tinha sido seu padrinho de boda; Márquez 2002: 126), acusando-o de não se importar com os destinos da colônia e obstaculizar o projeto em causa³¹⁹. No seguinte número, a posição de *Hispania*, de Alejo Carrera, sobe de tom, como mostra o titular da capa: “*La Colonia espera que el Directorio substituya al actual ministro*” (9/08/1924, p. 1; itálicos no original)³²⁰. No último número (de um total de 30), sem recuar nas posições mantidas e acusando novamente o embaixador, *Hispania* (23/08/1924, p. 2) diz ter decidido suspender a publicação “[e]n vista de que elementos extraños antipatriotas o enemigos de España pretenden aprovechar nuestras campaña depuradora e infiltrarse para desprestigiar nuestra Patria, nuestras Instituciones y nuestro Gobierno”. Apesar de não termos conseguido apurar as reais causas do choque frontal entre as autoridades espanholas em Lisboa e o semanário de Alejo Carrera³²¹, o

³¹⁹ Poucos meses antes, em *El Pueblo Gallego* (13/04/1924) afirmavam sobre a Casa de España: “Actualmente toda la colonia española está al lado de su ministro, el señor Padilla, como consecuencia de haber ofrecido éste su mayor apoyo a la idea [da Casa de España], apoyo valiosísimo, tanto como la labor que éste realiza en pro de conseguir las más estrechas relaciones entre Portugal [sic.] y España”.

³²⁰ A virulência do enfrentamento, acompanhado de perto por *El Pueblo Gallego*, deveu ter um grande impacto no enclave, sendo inclusive motivo de fortes desencontros pessoais; a publicação metropolitana dá notícia até de um “duelo”:

Con motivo del incidente anterior [o da Casa de España] se ha entablado una cuestión de honor entre D. Alejo Carrera y D. Enrique Martínez, presidente del Centro Español en Lisboa.

Cuando se iban a batir los contendientes, el señor Martínez se retiró del campo, dando lugar a que los testigos le descalificaran” (*El Pueblo Gallego*, 13/08/1924).

³²¹ O conflito não parece explicável apenas pelo representante do Estado espanhol se negar a apoiar a projetada Casa de España; em virtude do programa ideológico do novo regime espanhol, a união das diferentes organizações da colônia espanhola não seria apenas um projeto tolerado, como desejado (aliás, o próprio embaixador até agosto desse ano tinha acompanhado os trabalhos da citada Comisión

inédito incidente traduz, em nosso entender: (i) a fortaleza que este *Lisboano* (e o coletivo formado pelas elites do enclave em geral, provavelmente) sente até o ponto de pôr em questão e atacar publicamente o próprio embaixador espanhol; que, no entanto, (ii) não consegue o apoio do Directorio Militar e vê a sua posição em causa, pois tem de fechar o seu jornal e, presumivelmente vinculado a isto, depois de ser detido, é expulso de Portugal em junho de 1925 (cfr. *El Tea*, 24/6/1925)³²².

Por outro lado, como apontámos ao início deste subcapítulo, as tomadas de posição do galeguismo metropolitano agora, relativamente ao período anterior, com mais capacidades e interessado firmemente no contacto português e, em geral, nos enclaves, vai incrementar as tensões no seio da colónia galega de Lisboa, mas também proporcionar aos membros desta, aos *Lisboanos* especificamente, novos materiais e estratégias eventualmente úteis para os seus objetivos. Neste sentido, os primeiros dados de que temos notícia apontam para 1919 como o início das tomadas de posição no seio do enclave em sintonia com os postulados dos galeguistas. Por meio de *El Tea* (pouco e pouco menos atento ao percurso da colónia lisboeta) temos notícia do surgimento de um grupo de membros do enclave denominados pelo decenário agrarista como “autonomistas” (*El Tea*, 13/04/1919, p. 2); estes vão criar uma “Comisión de Propaganda pró autonomia de Galicia” liderada, significativamente, pelo Presidente de Juventud de Galicia na altura (*El Tea*, 23/04/1919, p. 2) enquanto promovem a criação da malograda Casa da Galiza em Lisboa (cfr. *infra*). Fruto deste novo quadro será o expressivo aumento de colaborações literárias e não literárias em galego vinculadas ao enclave lisboeta em *El Tea*, ou, com maior relevo para os objetivos deste trabalho, a realização de numerosas iniciativas, com importante participação guisadiana (cfr. *infra*), como, a modo de exemplo, a realização de várias conferências em Juventud de Galicia promovidas pela citada “comisión” (cfr. *El Tea*, 13/05/1919, p. 2 e 13/06/1919, p. 2). O desenvolvimento do galeguismo, apesar das suas fragilidades e contradições internas, vai possibilitar também o aparecimento de novos interesses a respeito do enclave

Ejecutiva); deste modo, todo parece indicar que por trás da rutura entre a *primoriverista* publicação dirigida por Alejo Carrera e o embaixador há mais elementos a ter em conta, os quais, para já, desconhecemos. Por outro lado, o desencontro entre *Hispania* e as instituições espanholas em Lisboa poderá ter contribuído para a aparente a progressiva menor intervenção no quadro relacional luso-espanhol de grupos do enclave galego e, em consequência, a crescente aposta por socializarem como *galegos* (cfr. *infra*).

³²² Entrevistado em *La Gaceta Literaria* (1/11/1928, p. 7), Carrera Muñoz diz “en 1924 y parte del 25 tuve que residir confinado quince meses en un [sic.] Castillo del Sobroso, en Mondariz”; voltaria a ter problemas com as autoridades portuguesas, sendo detido em 1931 (cfr. *El Tea*, 13/07/1931), provavelmente em virtude da sua ativa orientação e intervenção republicana.

lisboeta, traduzidos na atenção que publicações galegas como *Galicia* ou *El Pueblo Gallego* vão dedicar a Portugal e à colónia galega; 1921 e 1929 (antes da instauração da Ditadura e no declínio da mesma, respetivamente), em função da pesquisa realizada, vão ser dois momentos em que alguns agentes do enclave vão promover com algum sucesso o programa galeguista no seio deste³²³.

5.2. Campo cultural português (1916-1930)

Se para o período anterior (1910-1915) assinalámos a instabilidade do novo regime político como uma das notas dominantes do panorama português, entre 1916 e 1926 esta **instabilidade** acabará por se traduzir em precariedade e, finalmente, no fim da primeira experiência republicana portuguesa de signo democrático. Já no início do período agora em foco, a participação na I Guerra Mundial ao lado da Inglaterra e da França, promovida também *face* à Espanha (cfr. Ramos 2010: 606), será “uma porta de saída” aos problemas internos, nomeadamente para os republicanos de Afonso Costa (Ramos 1994: 500). Coincidindo com as piores consequências da Guerra, produz-se o golpe de Sidónio Pais (no poder entre 11/12/1917 e 14/12/1918); após o assassinato deste, houve entre março de 1919 e maio de 1921, no denominado regresso à “República Velha” (Maltez 2005: 264), 10 governos, quase todos com presença dos Democráticos de Afonso Costa, entretanto exilado em Paris desde 1917 (onde acabaria por falecer em 1937) (*id.*: 249-251). Até a instauração do **Ditadura Militar**, em maio de 1926, o Partido Republicano Português (apesar das intensas disputas internas) será a força central do campo político português (cfr. Rosas 2004: 44 e ss.), o qual vai possibilitar ao *Democrático* Alfredo Guisado a oportunidade de participar diretamente no campo político com relevantes responsabilidades até o fim do regime encetado em 1910. O novo cenário após maio de 1926, “aglomerado heterogéneo de personalidades e grupos que só tinham em comum a rejeição da esquerda republicana [...] uns eram monárquicos e outros republicanos [...] uns católicos e outros maçons” (Ramos 2010: 629), vai rumar sob a direção de Oliveira de Salazar, ministro das Finanças a partir de

³²³ Significativamente, a partir desta data (1929), cobra força outra vez o plano de transformar Juventud de Galicia num “Centro Gallego”, como indica a “Acta de la Asamblea General Extraordinaria” de 12/03/1931 (recolhida no *Libro a Actas de Juntas Generales*, 1924-1932): “En casi la totalidad de los paises del Globo, nuestra Colonia tiene establecidos Centros como el que pretendemos implantar en Lisboa, y del conocimiento de la mayoría es la obra que ellos realizan en todas las manifestaciones de la vida; recabando para sus asociados las maximas garantias”. Na mesma ata figura o projeto de estatutos para o novo (e frustrado) *Centro Galego*.

1928, para o Estado Novo na década de 30 e até, como é sabido, meados da década de 70 do século passado.

Durante este longo período verifica-se, ao lado de importantes mudanças sociais³²⁴, segundo Rui Ramos (1994: 648), uma “enorme expansão do meio literário e artístico. O número de periódicos cresceu sempre. Só de 1917 para 1923 passou de 414 para 532 [...] O número de páginas quadruplicou [...] Tudo isto representou mais trabalho para escritores, pintores, caricaturistas, fotógrafos”, entre eles o humorístico *Riso d'a Vitória* (1919), com participação guisadiana sob o pseudónimo Alfredo Abril (cfr. *infra*). Para José-Augusto França (1983: 823), em termos sociais, há claramente dois períodos: o que vai de fim da guerra até 1926, e do golpe de estado em diante. Neste sentido, relativamente ao **campo cultural português**, no período em foco, podemos destacar, em termos gerais, a secundarização (ou marginalização) de repertórios e produtores vinculados ao primeiro modernismo³²⁵, como já anotámos; segundo Rui Ramos (1994: 654-655):

O que se passava no princípio da década de 1920 era uma mudança de moda artística e literária que não favorecia o modernismo de estilo ‘futurista’ do período anterior à guerra [...] O futurismo literário sofreu com a crítica ao ‘alexandristmo’, crítica que em Portugal foi encabeçada pela Seara Nova e pelos integralistas. O ‘alexandristmo’ [...] designava pejorativamente o culto do subjectivismo, das emoções, do fragmento, da mistificação, e o desprezo pela forma e pela ordem. Condenava-se assim, em bloco, decadentismo, futurismo e experimentalismo, entendidos como forma de anarquia romântica.

³²⁴ Com a guerra, por exemplo, a “aparência das pessoas da classe média urbana alterou-se, sobretudo das mulheres mais jovens, com vestidos justos e cabelos curtos [...], que nesta época começaram a procurar empregos [...] Na literatura, a homossexualidade teve os seus primeiros advogados, com as *Canções* (1921) de António Botto e a *Sodoma Divinizada* (1922) de Raul Leal, livros, aliás, logo proibidos pelas autoridades. Começou a era dos automóveis, dos cinemas e do futebol (Ramos 2010: 612).

³²⁵ Com alguma épicia, para Eugénio Lisboa (1984: 26):

O espectáculo [órfico] fora intenso e fulgurante, mas breve e, em muitos casos mortífero. A aventura esgotara alguns dos seus actores: Mário de Sá-Carneiro suicidou-se *tout court*; Raul Leal e Ângelo de Lima suicidaram-se simbolicamente na loucura; Luis de Montalvor veio a morrer, em 1947, num trágico e estranho ‘acidente’, de automóvel; Fernando Pessoa suicidou-se devagar, mas com eficácia, no quase-silêncio do retiro, da náusea e dos copinhos de aguardente (que não matam, mas ajudam); Alfredo Guisado suicidou-se no silêncio.

Quanto à A. Guisado, o *silêncio* invocado não é assim tão linear como já adiantámos no capítulo 4 e veremos mais à frente. Por outro lado, José-Augusto França (1983: 837-838) vincula alguns dos produtores do *Orpheu* ou próximos ao incipiente fascismo português: Raul Leal, Mário Saa, o Almada Negreiros de *Direcção Única*, o próprio F. Pessoa de *O Interregno...* e A. Ferro “o único intelectual [...] que levou uma atracção fascista a consequências práticas”.

Na década de 20 os repertórios literários estarão marcados por um “nacionalismo romântico mais ou menos liberal” (França 1983: 825) ou, até o surgimento da *Presença* (1927), segundo A. J. Saraiva e Ó. Lopes (1996: 1011):

Esses inovadores [os *órficos*] pouco afectam por então o conjunto da literatura portuguesa, em que predominam ainda por 1925 as sobrevivências românticas do sentimentalismo amoroso e do historicismo, retocadas pelo gosto *decadente* ou pelo saudosismo, pelas preocupações da prosa rica à Camilo ou Fialho, ou pela academização do estilo queirosiano (itálico no original).

Os produtores mais “popularizados” em 1928, conforme o *ABC*, são (*apud* França: 1983: 828): Eugénio de Castro, Rocha Martins (diretor do *ABC*), Antero de Figueiredo, Júlio Dantas, Agostinho de Campos, Aquilino Ribeiro, João Grave, Forjaz de Sampaio, Raul Brandão, Virgínia de Castro e Almeida, Virgínia Vitorina e Augusto Gil.

Em sentido inverso aos primeiros modernistas, rumo ao centro do sistema literário português, caminha, entendemos, até os primeiros anos da década de 20 a **Renascença Portuguesa** e, nomeadamente Teixeira de Pascoas, progressivamente solicitado, como já vimos e veremos, por grupos radicados noutros sistemas do espaço cultural ibérico. A capacidade e visibilidade da Renascença ficam expressas na longevidade de sua revista, *A Águia* (1ª série, 1912-1916; 2ª 1916-1921; 3ª 1922-1927; e 4ª 1928-1932) ou, como já apontámos, na avultada tiragem média da revista ou nos quase 250 livros publicados entre 1912 e 1924. De vocação nacionalista e republicana, os da Renascença Portuguesa apoiaram explicitamente a sangrenta intervenção portuguesa na I Guerra Mundial, também editando livros de memórias de combatentes como Jaime Cortesão, Augusto Casimiro ou Pina de Moraes (cfr. Santos 1990: 132-133; Lopes e Saraiva: 1996: 968).

A Renascença Portuguesa como grupo logo experimentou divisões internas (cfr. Quadros 1989: 79; Leone 2005: 30 e *passim*), apreciáveis já no *Inquérito Literário* de Boavida Portugal, referido no capítulo 4 desta Tese. Por um lado, como assinalou Nuno Júdice (1986: 9; cfr. Quadros 1989: 81-82), desenha-se uma orientação que, chefiada por Teixeira de Pascoas e Leonardo Coimbra (futuro fundador da Faculdade de Letras do Porto, em 1921), “vai no sentido de revalorizar o Passado e as virtualidades renovadoras que ele contém” e outra, a escindida, comandada por Raul Proença e António Sérgio “mais positivista, ia no sentido de uma atenção ao progresso e à

modernização das estruturas sociais, económicas e políticas do País”³²⁶. Esta rutura teria como consequência mais saliente, já na década de 20, o surgimento da revista de longo percurso *Seara Nova* (1921-1979), dirigida por Jaime Cortesão e Raúl Proença, à qual, entre outros, também se ligaria António Sérgio, e que acabaria por absorver “o sentido teórico ou doutrinário” que usufruía *A Águia* (França 1983: 827) e na qual intervirá Alfredo Guisado em qualidade de intermediário dos galeguistas. Do interesse *seareiro* por influenciar a vida política portuguesa dá conta o seu primeiro texto programático; diziam assim no primeiro número da revista (*Seara Nova*, 18/10/1921, p. 1; itálicos no original):

A *SEARA NOVA* representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses [i]nconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacioanal.

[...]

Os homens da *SEARA NOVA* pretendem fazer, por sua parte, em nome de toda a *élite* portuguesa, o seu acto de contrição. Serão poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes. Ao contrário dos contritos de outro tempo, que renunciavam ao mundo para se consagrar ao divino, é ao mundo que a sua contrição os restitue.³²⁷

Frente aos *seareiros*, frequentemente, as correntes que A. J. Saraiva e Ó. Lopes (1996: 960) designaram sob a etiqueta *passadistas*, entre elas o Integralismo Lusitano,

³²⁶ A cisão interna é já visível, como foi dito, no *Inquérito literário*, pois na mesma carta citada onde rebatia a tomada de posição de Júlio de Matos, Teixeira de Pacoaes defendia as suas teses *frente* a Raul Proença (Teixeira de Pascoaes *apud* Portugal, 1915: 178-180); António Sérgio ira polemizar igualmente desde 1913 “por não aceitar o nebuloso pensamento saudosista apregoadado por Pascoaes em nome do grupo, fundou e dirigiu a revista *Pela Grei* (1918)” (Lopes e Saraiva 1996: 969; cfr. Santos 1990: 135 e ss.).

³²⁷ Rui Ramos (1994: 548) aponta os que seriam os dois objetivos fundamentais dos *seareiros*: “O primeiro, declarado, era romper o domínio intelectual dos integralistas sobre a mocidade. O segundo, menos claro, aproveitar a retirada dos velhos chefes da República [...] para reordenar o xadrez partidário, através da divulgação de novos ‘princípios’ políticos”. Em parte, e apesar das acusações de “outubrismo” (isto é, implicação nos acontecimentos que causaram o assassinato do chefe do Governo e o *fundador* da República, António Granjo e Machado Santos, respetivamente), os projetos dos *seareiros* tiveram um relativo sucesso pois em 1923 conseguiram “escolher três ministros” (cfr. *id.*: 547-548). Após a instauração do Estado Novo, a *Seara Nova*, controlada mas permitida pelo regime, iria ser uma das plataformas de referência de oposição ao regime.

continuam ativas e com maiores possibilidades desde a instauração do autoritarismo³²⁸. Estes grupos intervêm também em relação ao quadro ibérico, nomeadamente *A Aliança Peninsular* (de 1924) de António Sardinha (cfr. *infra*).

O devir desta década de 20, estará igualmente marcado pela irrupção, desde 1927, da coimbrã ***Presença*** que, em palavras de José-Augusto França (1983: 827), irá ocupar “pelo lado literário” a posição até altura controlada pelos da Renascença Portuguesa. José Régio, Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca ou Edmundo de Bettencourt irrompem num campo literário português marcado pela sua crescente heteronomia, como assinalaram J. A. Saraiva e Ó. Lopes (1996: 1012; *itálicos no original*):

a *presença* corresponde a um certo ambiente de apoliticismo forçado, depois do colapso da primeira República em 1926, e por isso os presencistas aspiram, em geral, a uma literatura e a uma arte desvinculadas, senão mesmo alheadas, de qualquer posição de carácter político ou religioso. Esta atitude, aliás cambiante e matizada de várias gradações pessoais, conjuga-se com aquilo que podemos designar como *psicologismo de presença*, com fixações tipicamente adolescentes e provincianas.

Já no primeiro número da *Presença* (10/03/1927, p. 1), José Régio informa dos contornos da tomada de posição *presencista*, distanciando-se dos repertórios centrais na altura:

Pretendo aludir nestas linhas a dois vícios que inferiorizam grande parte da nossa literatura contemporânea, roubando-lhes esse carácter de invenção, criação e descoberta que faz grande a arte moderna. São eles: a falta de originalidade e a falta de sinceridade. A falta de originalidade da nossa literatura contemporânea está documentada pelos nomes que mais aceitação pública gozam. É triste - mas é verdade. Em Portugal, raro uma obra é um documento humano, superiormente pessoal ao ponto de ser colectivo. O exagerado gosto da retórica (e diga-se: da mais sedição) morde os próprios temperamentos vivos; e se a obra dum moço traz probabilidades de prolongamento evolutivo, raro esses germens de literatura viva se desenvolvem.

Como já apontámos, os *presencistas* (“de olho francês, introspectivos sem lei nem grei, comentando severamente academismos e pacotilhas da moda”, segundo

³²⁸ Se bem, no plano político, produz-se, segundo Hipólito de la Torre (1985: 47) uma cisão, formalizada em 1919, entre a oposição monárquica: os monárquicos constitucionais, com D. Manuel à frente, e o Integralismo lusitano, partidários de uma monarquia representativa e tradicional com “propostas de beligerância anti-republicana e antidemocrática”.

França 1983: 827) vão *resgatar* da periferia do sistema os primeiros modernistas, iniciando assim o processo de canonização de repertórios e (alguns) produtores *órficos* (cfr. *supra*); neste sentido, não parece descabida a análise de J. A. Saraiva e Ó. Lopes (1996: 1012) quando referem a proposta *presencista* como representando “sem dúvida uma considerável transformação de gosto literário” em Portugal. Em “Literatura Viva” texto já citado e que inicia a ampla vocação teorizadora dos *presencistas*, junto a um uso descomplexado da palavra *moderno*, já figuravam os modelos (e o contrário) literários a seguir, entre eles Fernando Pessoa (*Presença*, 10/03/1927, p. 2; negritos nossos):

Sendo esse artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço. E é apenas por isto que os autos de **Gil Vicente** são espantosamente vivos, e as comédias de Sá de Miranda irremediavelmente mortas; que todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de **António Botto**; que os sonetos de **Camões** são maravilhosos, e os de António Ferreira maçadores; que um pequeno prefácio de **Fernando Pessoa** diz mais que um grande artigo de Fidelino de Figueiredo; que há mais força íntima em catorze versos de **Antero** que num poemeto de Junqueiro; e que é mais belo um adágio **popular** do que uma frase de literato.

Contudo, a proposta *presencista* far-se-á sentir sobretudo na década de 30; a partir desta data, todavia, o percurso da *Presença* e dos produtores a ela associados será largamente analisada e discutida, a sua relação com o primeiro modernismo em particular³²⁹.

5.3. Relações intersistémicas: a precária institucionalização

Relativamente ao período anterior (1910-1915), o relacionamento entre sistemas no quadro peninsular entre 1916 e 1930 vai experimentar assinaláveis mudanças cujo denominador comum passa, em termos gerais, pelo surgimento de várias iniciativas visando incrementar as relações entre sistemas em diversas direções; as causas de tais

³²⁹ A crítica literária tem debatido, dito sinteticamente, a real *novidade* das propostas dos *presencistas* em função dos estreitos vínculos que elaboram com os *órficos*; caberia pensar, mais uma vez, nos efeitos relativizadores da *retroatividade* do cânone literário, do *fenómeno* Pessoa. Assim, por exemplo, se manifesta Ó. Lopes (1987: 625):

A designação de ‘Segundo Modernismo’, é, certamente, contestável. Tornou-se comum a ideia de que o grupo da revista *Presença* não representa qualquer avanço em relação ao de *Orpheu*: pelo contrário, Pessoa e Sá-Carneiro, por exemplo, seriam mais ‘modernos’ do que Régio ou Torga. David Mourão-Ferreira sublinhou o ‘provincianismo’ dos *presencistas*, e Eduardo Lourenço vê-os como fautores de uma ‘contra-revolução’ relativamente ao único autêntico Modernismo, o primeiro [...] O segundo Modernismo serviu afinal de mediador do primeiro.

mudanças têm origem fundamentalmente noutros campos diferentes dos culturais. Sumariamente, consideramos o período que vai de 1916 até 1930 como: (i) presidido, durante os primeiros anos, pelos obstáculos que dificultam o contacto luso-espanhol já assinalados; (ii) desde inícios da década de 20, coincidindo com a aproximação dos dois regimes políticos peninsulares, tomam forma uma série de eventos e iniciativas no âmbito do quadro relacional hispano-português, também no catalão(/galego)-português, de ampla ressonância e visibilidade, apesar, no entanto, de subsistirem os *tradicionais* entraves.

Determinantemente, no plano político, as relações entre os dois estados continuam até 1919 marcadas pelas inércias do que antes denominámos *antagonismo político* (cfr. Torre 1985 e 2002). Nos momentos álgidos da I Guerra Mundial e na ressaca posterior, entremeados pela crescente instabilidade dos regimes espanhol e português, as relações bilaterais seguem a estar presididas pela distância e os receios (nomeadamente) portugueses, bem como pela ativação em Portugal do que mais acima designámos *imago tipo do inimigo*. Em 1917, por exemplo, a iniciativa do madrilenho jornal *El Imparcial*, “que tinha bastante o aspecto de ser movida nos bastidores políticos” (Torre 1985: 83; cfr. Rocamora 1994: 147), sob o título “La Armonía Ibérica”³³⁰, teve segundo Hipólito de la Torre (*ibid.*) “por razões de estratégia conjuntural, resposta amável das instâncias oficiais lusitanas; mas que foi visceralmente recusada pelo espírito nacionalista português, sempre receoso das emanações amorosas do país vizinho” (cfr. Vázquez Cuesta 1995: 14). Um ano antes, em 1916, acerca das “relaciones de carácter intelectual” Eloy Bullón y Fernández (Bullón 2006[1916]: 172-173) perguntava-se:

¿cuántos libros escritos en portugués veis en los escaparates de nuestras librerías? ¿Cuántas revistas y periódicos portugueses circulan con profusión en nuestra patria? ¿Cuántos trabajos, cuántas monografías se publican aquí por nuestros intelectuales acerca de las instituciones, de la literatura, de la lengua, del arte, de la ciencia y, en una palabra, de la vida pasada y presente de Portugal? ¿Qué relaciones frecuentes mantienen nuestras academias, nuestras universidades y demás centros docentes, con las academias, con las universidades y demás centros docentes del país vecino? ¡Ah, señores! Prefiero dejar estas preguntas sin contestación, porque la respuesta tendría que ser muy dolorosa [...].

³³⁰ A tal *harmonia ibérica* propugnada por *El Imparcial* seria “um modo liberal, amistoso e pacífico de aproximação com Portugal que contemplasse uma união aduaneira e uma aliança política e militar”, segundo Sérgio Matos (2003: 8).

En Portugal ocurre lo mismo respecto de España. Hay, como aquí, algunas individualidades aisladas a las que no les son indiferentes las cosas de España; pero en general es muy escasa la atención que se presta al movimiento intelectual y artístico de nuestra Patria.

A partir de 1919, seguindo a análise de Hipólito de la Torre Gómez (1985 e 2002), as elites políticas madrilenas mudam nitidamente o tratamento dispensado a Portugal, o qual irá acentuar-se em 1923, após a solução autoritária liderada pelo general Primo de Rivera bem como trás o 28 de maio português como indica De la Torre Gómez (1985: 11-12; cfr. Pereira Castañares 2004: 580):

o facto de a política portuguesa de Madrid ter vindo a inserir-se cada vez mais, desde 1919 e, sobretudo, desde a subida ao poder do General Primo de Rivera, em Setembro de 1923, em coordenadas de maior respeito pela vida interna e pela personalidade nacional do país vizinho. Assim, à medida que esta evolução se foi consolidando, os receios portugueses, o conhecido fantasma (e algo mais do que fantasma) do ‘perigo espanhol’, tendem a diluir-se (jamais a desaparecer completamente) nas consciências lusitanas. A partir de 1919 existe um Afonso XIII que deixou de sonhar, como o fizera anos atrás, com o ‘passeio militar a Lisboa’ e oferece, em alternativa à união ibérica, proposta de estreita amizade e sincera colaboração. E, a partir de 1923, existe um ditador em Espanha que, desde o princípio de seu mandato e, portanto, muito antes de os portugueses caírem também sob um regime de ‘ordem’, declara e demonstra com factos respeitar as instituições, a soberania e até a sensibilidade nacional do povo vizinho³³¹.

Este *respeito* espanhol pela, em geral, soberania política portuguesa (e a consequente atenuação ou mesmo ausência dos mais acima referidos *propósitos iberistas*) irá viabilizar uma “década de bom relacionamento, afastado o ‘perigo espanhol’”, depois “interrompido pela instauração do regime republicano em Espanha”

³³¹ A irrupção do autoritarismo luso, em 1926, “seria recebida pela ditadura espanhola com uma natural e indisfarçada satisfação. Havia nisso elementares razões políticas e também a compreensível esperança de que o parentesco de regimes contribuiria para favorecer os desígnios de entendimento e fraternidade hispano-portuguesa” (Torre 1985: 121). Em geral, não parece descabido entender este breve trecho, pouco mais de uma década, até a instauração da II República espanhola, como um dos períodos de maior sintonia entre as elites políticas espanholas e portuguesas, formalizado em diversas iniciativas; neste sentido, segundo Carlos Gaspar (2010: 184; negrito nosso), este período:

assinalou o fim de um período de crises bilaterais que caracterizou as relações entre a I República e a monarquia espanhola, que resistira mal às tentações de subverter o regime republicano português e à vontade de anexar o seu vizinho peninsular. As duas ditaduras militares iniciaram um processo de normalização das relações bilaterais [...] tiveram lugar encontros de alto nível, como a cimeira de **Mondariz**, em 1929, entre os chefes do Governo – os generais Primo de Rivera e Ivens Ferraz – e o Presidente da República, marechal Carmona, deslocou-se à Exposição de Sevilha [cfr. *infra*] numa visita oficial, que deveria ser retribuída pelo rei Afonso XIII.

(Vicente 2003: 218). Será, de forma relevante aqui, a causa aparentemente determinante num renovado e progressivo interesse de grupos e agentes do sistema cultural espanhol por dinamizar (com apoio oficial ou oficioso) o quadro relacional hispano-luso; interesse atendido, não sem reservas, pelos seus homólogos portugueses; em palavras de Hipólito de la Torre (1985: 71):

Há a partir de 1919 [por parte espanhola] uma atenção especial em fomentar encontros culturais, intelectuais ou desportivos, cujo alcance político, com vista a um abandono das seculares ‘costas voltadas’ dos dois povos peninsulares, se compreende bem em Madrid. Neste sentido, colherão ainda maior significado certos actos de confraternização militar, que em algumas ocasiões contam com a presença do rei espanhol.

Com efeito, a década de 20 vai ser muito fértil quanto as relações intersistémicas no espaço cultural ibérico, entre os sistemas emergentes catalão e galego com o português (seguindo no essencial as linhas de força já enunciadas no capítulo anterior deste trabalho), mas fundamentalmente no quadro relacional luso-espanhol no seio do qual surgem, do lado espanhol sobretudo, sucessivas **tentativas de institucionalização** de dito relacionamento até 1930 (Mascato 2012: 69), também com o fim de encenar e mesmo fortalecer os passos de aproximação definidos desde o campo do poder.

Os últimos anos da década de 10 e primeiros da seguinte, contudo, estão marcados pelo **interesse catalão** (também galego, cfr. *infra*) pelo contacto português. O progressivo fortalecimento institucional do catalanismo, ao qual somar-se-ia em 1919 a Oficina d’Expansió Catalana (“un órgano de difusión y propaganda en el extranjero de la cultura catalana activo hasta 1923”, Martínez-Gil 2010a: 194), vai possibilitar a ideação e realização de eventos bem ambiciosos. Nesta direção, em 1918, convidado por Eugenio d’Ors (na altura diretor de Instrução Pública da Mancomunitat de Catalunya), **Teixeira de Pascoaes** viaja a Barcelona e dá conferências no Institut d’Estudis Catalans³³² (fundado em 1907); segundo Antonio Sáez Delgado (2007: 138):

Esta visita marca un punto de inflexión importante en las relaciones de Pascoaes con España, pues amplía considerablemente su visión del conjunto del territorio peninsular en sus diferentes culturas, y añade al nombre de Unamuno y al de sus contactos gallegos

³³² Entre o espólio de Ribera i Rovira há uma carta de Teixeira de Pascoas vinculada à sua estadia barcelonesa segundo informa Feliz Currucull (1973); segundo este, Teixeira de Pascoaes pronuncia 6 conferências sobre “O Aspecto Sentimental na História da Literatura Portuguesa”, integrados nos Cursos Monográficos de Altos Estudos e Intercâmbio” (*id.*: 48); compareceu na inauguração do Curso o Presidente da Mancomunitat, Josep Puig i Cadafalch.

[...] el de un nutrido grupo de escritores catalanes [...] d'Ors, Picó, Maristany, Maseras o Mirabent. Este viaje a Barcelona incidirá en su visión sobre la importancia que cobra la periferia peninsular en el contexto de las relaciones ibéricas, pues sumará al interés por Cataluña a la pasión demostrada por Galicia, llegando a afirmar que 'a saudade é portuguesa como é galega e catalá'.

Eugenio d'Ors visitaria Portugal no ano a seguir, dando também conferências na Academia das Ciências de Lisboa, para depois deslocar-se ao Porto “donde habló, en catalán, sobre el renacimiento de la cultura catalana, y fue hasta Amarante a encontrar a Teixeira de Pascoaes” (Martínez-Gil 2010a: 198).

No mesmo ano da visita pascoalina à capital catalã, a editora barcelonesa Cervantes publica, com traduções de Fernando Maristany e prólogo de Ribera i Rovira³³³ *Las cien mejores poesías líricas de la lengua portuguesa*³³⁴ onde destaca a atenção dada a Teixeira de Pascoaes, o poeta com maior número de textos traduzidos, sendo a sua *saudade* equivalente à *anyorança* catalana na prosa de Ribera i Rovira (cfr. Sáez 2010: 483). Dois anos mais tarde, em 1920, com tradução igualmente de Fernando Maristany, a Cervantes lança *Las mejores poesías (líricas) de los mejores poetas. Pascoaes* dedicado ao “más sublime poeta lírico de Portugal” (Editorial Cervantes 2006[1920]: 189)³³⁵. Parece evidente o interesse explícito de grupos catalães e/ou catalanistas por Teixeira de Pascoaes. A lusofilia catalã assim como a receptividade portuguesa vai, porém, evidenciar-se singularmente no início da década de 20, em novembro 1921 concretamente, com a realização de uma Exposição d'Arte Catalã na lisboeta Sociedade Nacional de Bellas Artes (cfr. Pelegrí 2007 e Rocamora 1994: 152). Com destaque para a pintura e a escultura, a exposição inclui também diversas conferências sobre cultura catalã e contou “amb una gran aflluència humana” (Josep Pla *apud* Martínez-Gil 2010a: 195). Na *Ilustração Portuguesa*, revista vocacionada para as artes, a citada Exposição, por exemplo, será criticamente avaliada, destacando o menor interesse sobretudo pitórico da proposta catalã assim como a influência francesa, ao

³³³ I. Ribera i Rovira, rememorando um ciclo de conferências dedicadas à cultura portuguesa na Barcelona de 1905, tinha escrito sobre Eça de Queirós em texto de 1917, incluído em *Homenaje a Eça de Queirós* (Pageaux 2010: 365); no texto, o autor catalão, “deplora lo que él llama o *afastamento*, el alejamiento, de los tres grandes espíritus ibéricos (portugués, castellano y catalán) que es el reflejo de la *incultura* (palabra suya) y del aislamiento (*isolamento*) de los tres pueblos de la Península, las tres almas hermanas, *as almas irmas*, que se encuentran en un mutuo recelo (num mutuo receio)” (*ibid.*; itálicos no original).

³³⁴ *Las cien mejores poesías líricas de la lengua portuguesa* assim como *Las mejores poesías (líricas) de los mejores poetas. Teixeira de Pascoaes* (cfr. *infra*) formavam parte de uma coleção da editora.

³³⁵ Na mesma coleção, poucos anos mais tarde, a Cervantes lançaria um volume dedicado a Camões.

passo que é abertamente vinculada com o programa “nacionalista” catalão; Manoel de Sousa Pintos escrevia nas primeiras linhas da sua crítica (Pintos 1921: 374):

A Exposição Catalã na Sociedade Nacional de Belas Artes, não revela grandes novidades, nem quanto ao espirito, quanto á tecnica. Estou mesmo em crer que a ansia nacionalista dos homens de Barcelona ha-de ter conseguido, em arte, mais e melhor do que o que trouxeram até cá.

Região de energias irrequietas, povo que, além doutros esforços, tem vindo fazendo o milagre de criar, ou ressurgir, uma lingua propria, a Catalunha, terra de gente prática e voluntariosa, empenhada em acumular forças e razões de autonomia, não é a provincia da Espanha onde a visão, o poder da côr se mostram mais fortes e originaes.

Nação que deseja afirmar-se, a Catalunha tem-se, de preferência, entregado a cultivar esses dois maiores sustentaculos da independencia: o trabalho e o idioma.

Entendemos esta e outras exposições da década de 20, com Anne-Marie Thiesse (2011: 71), como “lugares por excelência de exibição identitária”, recurso comum na altura no âmbito do “comércio simbólico”. Por outra parte, em função da pesquisa realizada, com o decorrer da década de 20, a intensidade do contacto catalão-português parece ter sofrido uma redução significativa, muito tendo a ver, presumivelmente, com os obstáculos derivados da instauração da ditadura de Primo de Rivera já mencionados³³⁶.

Frente a este redução da capacidade de grupos e agentes catalães e/ou catalanistas, a década de 20 está marcada por numerosas tomadas de posição no quadro luso-espanhol (em sintonia em muitas ocasiões com planos oriundos do campo do poder), determinadas também por novas ideias que surgem e conseguem ampla visibilidade desde o denominado *desastre* de 1898 espanhol. Desde esta data, vai tomando forma um programa cultural (e político) conhecido sob as denominações ***hispanidad*** ou ***iberoamericanismo***, cujo elemento central será a língua espanhola; segundo Henry Kamen (Kamen 2006: 257; sublinhados nossos):

³³⁶ Segundo Víctor Martínez-Gil (2010a: 199):

Además de la exposición de arte catalán de 1921, [Joan] Estelrich, desde la Oficina d'Expansió Catalana, promocionó la aparición de innumerables artículos en las publicaciones gallegas y portuguesas, e hizo publicar con regularidad en la prensa catalana a autores como Augusto Casimiro [...] o Teixeira de Pascoaes [...] se puede afirmar que, en su fase final, antes de que la dictadura de Primo de Rivera – promocionada por la misma burguesía catalana- lo borrara del mapa, así como a la Mancomunitat, el *Noucentisme* utilizó a Portugal y al iberismo como piezas clave del entramado internacional catalanista una vez superado el miedo a la República portuguesa.

Poco tiempo después de la pérdida de las colonias en 1898, los escritores españoles formaron parte, junto con los políticos, de un movimiento destinado a recordar los beneficios que la cultura hispánica había llevado al Nuevo Mundo [...] En líneas generales, puede resumirse este intento de recuperación de prestigio mundial de la siguiente manera: la doctrina del ‘hispanismo’ incluía, entre otros postulados, ‘la existencia de una única cultura, estilo de vida, tradiciones y valores españoles, todos ellos encarnados en la lengua; la idea de que la cultura hispanoamericana nos es otra cosa que la cultura española transplantada al Nuevo Mundo, y el concepto de que la cultura hispánica tiene una jerarquía en la que España ocupa una posición hegemónica’. El Nuevo Mundo, en este punto de vista posimperial, se percibía prácticamente como una tabula rasa que tuvo poca coherencia propia hasta que la lengua castellana dejó su marca decisiva en ella. Esa lengua había creado inmediatamente a la raza hispánica³³⁷, la expresión más elevada de civilización.

Esta nova forma de entender os *desígnios* da cultura espanhola, *in crescendo* sobretudo a partir de 1923, vai condicionar também o quadro relacional hispano-português, pois, como indica José Antonio Rocamora (1994: 151; itálicos nossos):

Desde 1921 la voluntad de formar [...] un bloque hispano o ibérico ganó posiciones entre las diversas facciones nacionalistas. El *americanismo* fue además alentado por una fuerte emigración a Iberoamérica. Pueden señalarse tres corrientes. Una pretendía el acercamiento luso-brasileño, otra el de los países de lengua castellana y una *tercera* –más afín al nacionalismo ibérico- *que aunaba las dos anteriores*.

São vários os agentes espanhóis, interessados no contacto português, simpatizantes ou mesmo ativos defensores deste rumo da cultura espanhola e, por extensão, do quadro luso-espanhol; entre eles, Miguel de Unamuno (Kamen 2006: 256), Eugenio D’Ors e, especialmente, Ramiro de Maeztu (Pereira Castañares 2004: 581³³⁸).

³³⁷ Foi o 12 de outubro de 1918 quando se comemorou por primeira vez o Día de la Raza como feriado oficial em Espanha (Kamen 2006: 259); por esta altura começou a ser celebrado, com esta ou outras denominações, com este ou outros sentidos mais ou menos afins, em países de América Latina.

³³⁸ Para Juan Carlos Pereira Castañares (2004: 581; sublinhados nossos), depois da I Guerra Mundial:

Tras Europa, América se convirtió en un área geográfica de especial interés para los dirigentes españoles. Es en es período cuando los términos *Hispanoamérica* e *hispanidad* se van a utilizar con más énfasis y desde una perspectiva conservadora (D’Ors, Maeztu, Permántin). El reconocimiento internacional de España tras la Gran Guerra, provocó que también se utilizara de forma continua el papel de nuestro país en esta área, como madre patria o cuna de la cultura y la lengua españolas, para consolidar y aumentar esa posición. Ello provocó una acción más decidida sobre el mundo hispanoamericano, no sin recelos por parte de algunos de sus gobiernos, aumentando las relaciones comerciales y culturales, creándose las tres primeras embajadas (Argentina, 1917, Cuba, 1927 y Chile, 1927), estableciendo como fiesta nacional el 12 de Octubre, Día de la Raza, etc. Con Primo de Rivera el hispanoamericanismo alcanzó sus cotas más altas, culminándose con la celebración en Sevilla de la Gran Exposición Iberoamericana, en la que participaron veintidós Estados.

Desde Portugal, em geral também desde posições ideologicamente mais conservadoras, na estela do Integralismo Lusitano mormente, destaca-se em 1924 **António Sardinha** (1887-1925)³³⁹ com a publicação d'*A Aliança Peninsular*; face à “aversão [cegadora] do inimigo tradicional” (Sardinha 1930: XXV), defende, fundamentalmente, uma aproximação luso-espanhola a partir do “sentido superior da unidad [peninsular]”, entendido assim pelo autor (*ibid.*; itálicos no original):

Em que consiste tal unidade? Abramos a História e ela nos esclarecerá. Exactamente, no dualismo político, inconversível mas concordante, das duas soberanias, em que Portugal e Espanha se expressam para melhor garantia do seu *interêsse comum*, - do *interêsse peninsular*, superior a portugueses e espanhois, mas sua pertença indivisível”.

Significativamente no discurso de A. Sardinha, afastado retórica e explicitamente do iberismo oitocentista e assente no *peninsularismo* (cfr. Dias 1996: 776), é evidente o influxo do conceito de *hispanidad* antes referido (*id.*: XXVII e XLII):

Tal o imenso, o incomensurável valor do Hispanismo, alcançando para lá da bordadura marítima da Península as nacionalidades que, além do Oceano, são gloriamente as nossas continuadoras.

O Brasil aliar-se-à com Portugal no dia em que Portugal lhe ofereça vantagens, que só da nossa aliança com a Espanha derivarão, porque só assim nos valorizaremos externamente [...] A nossa posição geográfica, se não nos valoriza por si só perante o Brasil, valoriza-nos imediatamente perante a Espanha. E a aliança com a Espanha é um braço estendido ao encontro da América, e, conseqüentemente, do Brasil.

Como se sabe, António Sardinha foi lido e admirado por agentes conservadores espanhóis (Loff 2001: 89 e ss.; Rocamora 1994: 159), traduzido e prologado, por exemplo, por agentes centrais no campo cultural espanhol da altura como o Marqués de Quintanar ou Ramiro de Maeztu (respetivamente), em 1930; este último, afirmava no prólogo de *La Alianza Peninsular* (Maeztu 2006[1930]: 222):

Y es que Sardinha supo que la principal misión de los pueblos hispánicos ha de ser la de velar por su patrimonio común, que es su valor ante la historia universal. Fuimos nosotros los que al unir los dispersos continentes y crear la unidad de la Tierra, dijimos a los hombres de las distintas razas que todos ellos podían salvarse.

³³⁹ Exilado na Espanha entre 1919 e 1921.

Entendemos, enfim, os múltiplos eventos hispano-portugueses da década de 20 de alguma forma condicionados (ou mesmo propiciados) pela ideia de *hispanidad* assumida e/ou promovida por grupos conservadores espanhóis e igualmente por agentes portugueses como António Sardinha. Estes eventos, citados mais abaixo, podem ser analisados aqui à luz do que antes definimos como tendências intersistémicas. Elucidativamente, por outra parte, é esta *hispanidad* um dos elementos centrais do programa da já citada publicação vinculada ao enclave galego, *Hispania*, interessada em intervir, com nitidez nos primeiros números, no quadro relacional (de variado tipo) luso-espanhol; ademais de seções fixas como “Iberoamerica” ou “Información general de la Península”, *Hispania* adota inequivocamente esta *hispanidad*, central no plano cultural durante o regime chefiado por Primo de Rivera, como transparece na declaração de intenções do primeiro número (*Hispania*, 2/02/1924, p. 1):

Nos proponemos plasmar una conciencia colectiva, que dispersa, en constante movimiento de avance y retroceso, hace años –quizá siglos- no acierta a limitar las márgenes de ese caudal racial, ibérico, común a Lusos e Hispanos, que desemboca en el Atlántico, siendo tal su ejecutoria, que cruza al otro lado y descubre el Nuevo Continente.

Nacemos para afirmar la superioridad de la Raza Ibera, hoy Ibero-Americana, heredera de una civilización latina, colonizadora de un Mundo Nuevo; nacemos para evitar el lamentable contraste de que pueblos de las dos naciones que tamaña empresa realizaron, ignoren mutuamente lo que hay mas acá y mas allá de su común frontera; a pesar de surcarlas los mismo ríos y recorrerlas los mismos macizos montañosos.

Con recia fé en la vitalidad de los iberos, razón de su gloriosa existencia, venimos a resaltar sus cualidades, a combatir aquella ignorancia. No basta la propicia disposición de las ‘elites’ de los países, ni es suficiente la platónica actuación diplomática que nunca trascendió de los despachos y salones, de las Cámaras, antecámaras y banquetes. Es preciso llegar a todas las conciencias por medio de una labor constante, principalmente, a la de aquellos que, esclavos de sus afanes diarios y carentes de inquietudes, necesitan un órgano divulgador para familiarizarse con estos hechos e ideas.

Estes propósitos de *Hispania*, juntamente com artigos de António Sardina, José Osorio de Oliveira (“El Alma de España”, 9/2/1924, p. 3) ou de Andrés González Blanco, indiciam a visibilidade e vigência da *hispanidad* e/ou o *peninsularismo* entre os interessados no contacto luso-espanhol.

Todavia, em função da pesquisa realizada, é em 1922, dois anos antes, por exemplo, da publicação d'*A Aliança Peninsular*, que se produzem tomadas de posição animadas pelas linhas de força até aqui descritas. Assim, nesse ano, Leonardo Coimbra e **Eugénio de Castro** viajam a Madrid como membros destacados (nomeadamente o último) do que Rosario Mascato (2011: 76) denomina “embajada cultural” portuguesa em Madrid³⁴⁰. As atividades que tiveram lugar no âmbito desta *embaixada cultural* portuguesa foram: leitura de poemas no Ateneo de Madrid, com presença de A. González Blanco e “extensa charla de [Ramiro de] Maeztu dedicada al moderno lirismo portugués” (Mascato 2011: 77); conferência de E. de Castro na Residencia de Estudiantes; banquete de homenagem a este último (15/03/1922), organizado por Valle-Inclán, Jacinto Benavente e Américo Castro e com a presença de Eugenio d’Ors, Ramón Pérez de Ayala e Enrique Díez-Canedo, entre outros (cfr. Apolinário Lourenço 2005: 104). Fruto da estância em Madrid é o poemário *A mantilha de medronhos. Impressões e recordações de Espanha* (1923) de Eugénio de Castro, dedicado em lugar destacado a Alfonso XIII³⁴¹, o qual tinha recebido ao próprio E. de Castro em março de 1922 (Carvalho 2007: 179); a segunda dedicatória seria para “um fiel discípulo de António Sardinha, o marquês de Quintanar, futuro fundador de *Acción española* – movimento nacionalista e profundamente conservador e, depois de 1931, um dos viveiros de *Renovación Española*” (*id.*: 180; itálicos no original)³⁴². Em abril desse mesmo 1922 surgem as primeiras notícias da madrilenha e efémera Sociedad de Amigos de Portugal, criada sob “os auspícios do conde de Romanones” (Torre 1985: 101); segundo o jornal

³⁴⁰ No âmbito desta visita, Leonardo Coimbra (*apud* Mascato 2011: 76) em entrevista a *La Voz* de Madrid (13/02/1922) afirmava com a amabilidade e gratidão própria do *convidado*:

Vuestros escritores, novelistas, poetas, dramaturgos son muy conocidos en Portugal por la élite, y antes de la diferencia de moneda, el libro español era muy leído. [...] Estimo mucho a los escritores españoles, llenos de carácter y del sentimiento directo de la vida, interrogadores, inquietos [...] Sin hablar ahora mucho de los clásicos, me gusta mucho Pérez de Ayala; [...] Unamuno [...] Somos amigos [...]. Palacio Valdés y el admirable Valle-Inclán, que me pagó ayer escuchándome con cariño, el gran cariño con que hace tiempo le admiro.

³⁴¹ Agora interessado em propiciar um outro relacionamento com Portugal, Afonso XIII concede uma entrevista a Augusto de Castro do *Diário de Notícias* em 1922 na qual, segundo Mayone Dias (1996: 776-777):

defendeu o que na realidade representaria um neo-iberismo económico: intercâmbio turístico, ligações ferroviárias, tratados de comércio e sociedades de banqueiros e homens de negócios [...] Terminada a entrevista, em amena conversação com Augusto de Castro, o monarca revelou os verdadeiros propósitos dos seus planos, reduzir a influência britânica na Península pelo abandono português da sua histórica aliança com a Inglaterra [...] Em outras ocasiões Afonso XIII repetiu abertamente uma ideia favorita dos defensores espanhóis da integração, a de que Lisboa era o porto natural de Espanha.

³⁴² *A mantilha de medronhos* está também dedicado a: Juan Ramón Jiménez, Antonio Maura, Ramiro de Maeztu, Manuel Cossío, Miguel de Unamuno, Ramón Pérez de Ayala, Antonio G. Solalinde, Andrés González-Blanco, Francisco Maldonado, Alberto Jiménez ou o Conde de Romanones (Sáez 2007: 135).

espanhol *ABC* (*apud* Mascato 2011: 77) tratar-se-ia de “un comité de aproximación hispano-portuguesa, que sin carácter alguno partidista de derecha o izquierda políticas se ocupe de organizar una labor de cordialidad y mutuo reconocimiento”, sendo esta, em análise de Rosario Mascato (*ibid.*), “una de las primeras tentativas de institucionalización de la relación intelectual entre España y Portugal”³⁴³.

Até aqui, é apreciável como Eugénio de Castro, a quem a Editorial Castilla consagra *Obras de Eugénio de Castro* (de 1922), “se convierte en una presencia constante en varias generaciones de escritores españoles [...] Con la profunda huella de Castro [...] se construyen los cimientos de las relaciones entre la poesía española y portuguesa alrededor del Simbolismo/Modernismo” (Sáez 2010: 490). Por outro lado, parece evidente como as tomadas de posição de grupos e agentes no quadro relacional luso-espanhol também se nutrem das afinidades ideológicas, de signo conservador principalmente, em virtude do que temos descrito e analisado (cfr. *id.*: 485-486).

Apesar da centralidade de Eugénio de Castro no contacto luso-espanhol, **Teixeira de Pascoaes** e os repertórios a ele associados, como vimos mais acima, vão progressivamente notabilizando-se. Além das traduções já citadas para o período agora em análise, na década de 20 Miguel de Unamuno prologa o pascoalino *San Pablo* e em 1920 sai a público *Tierra prohibida* em Madrid; o tradutor, Valentín de Pedro, apontando o labor de intermediário de Miguel de Unamuno, vincula Teixeira de Pascoaes à “nueva generación” portuguesa ao passo que o descreve como um exemplo modelar do alegado *lirismo* consubstancial à produção literária lusa (Pedro 2006[1920]: 193). Em 1923, Teixeira de Pascoaes conferencia também na Residencia de Estudiantes de Madrid acerca de “Dom Quixote e a saudade” (Sáez 2007: 139)³⁴⁴. Por outra parte, apesar de algumas tentativas de importação (cfr. Sáez 1999 ou 2011³⁴⁵), em regra, o

³⁴³ A iniciativa parece não ter continuidade, como indica Rosario Mascato (2011: 78), “dicha Sociedad apenas pudo tomar más que una decisión, antes de su completa desaparición: enviar un mensaje al Ministro de Portugal en Madrid, informándole de dicha fundación [...] había fracasado [apesar da declaração de intenções antes citada], quizás por su excesiva dependencia del campo político”. Contudo, a citada Sociedad é mencionada mais adiante em *Hispania* (1/03/1924, p. 1) sob o título “Las relaciones Intelectuales Luso-Españolas. II El Yantar de la Raza”; no mesmo artigo é referida a iniciativa da Câmara Municipal de Madrid que se “está llevando a la práctica [...] crear un Instituto Bibliográfico Ibérico en el Ayuntamiento”.

³⁴⁴ Com ampla controvérsia e tardios resultados, começa a andar em 1923 o projeto do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica*, conhecido por *ALPI*, dirigido nos seus inícios por Menéndez Pidal (cfr. Marcos 2007: 340-341).

³⁴⁵ Neste trabalho de 2011, Sáez Delgado afirma:

La recepción [...] de la poesía del grupo de *Orpheu*, de la generación pessoana, fue inexistente en España hasta que la figura del autor de los heterónimos fuera encumbrada por los autores de la revista *presença*. Hasta ese momento, las referencias portuguesas de los vanguardistas españoles seguían siendo Eugénio de Castro (muy especialmente) y Pascoaes, con un absoluto

“modernismo espanhol nom virava para o (*precisava* de) modernismo português” (Torres 2007: 370; *itálico no original*).

Ao lado de Eugénio de Castro ou Teixeira de Pascoaes, **Eça de Queirós** continua, até o fim da década de 30, a ser o escritor mas traduzido e reconhecido no sistema literário espanhol (cfr. Losada 1996: 90): “Eça de Queiroz goza en España de una admiración numerosa y exaltada. Nuestro entusiasmo hacia él es mayor aún del que sienten sus propios compatriotas”, afirmava na altura Wenceslao Fernández Flórez (Fernández Flórez 2006[1924]: 205³⁴⁶); por seu turno, Carmen de Burgos³⁴⁷ (Burgos 2006[1921]: 201) apresenta o *Cartas de Inglaterra* da Biblioteca Nueva (Madrid, traduzido por A. González Blanco) promovendo o entendimento assimetrista do relacionamento hispano-luso:

Es que el genio de Eça de Queiroz estaba capacitado para conocer bien el alma española, el alma de la Península, el alma latina en general. Lo demuestra que la última página que escribió, en la hermosa novela realista *Frei Gil*, la obra que no pudo acabar [...], es una descripción de un paisaje español, leonés [...] Él conocía nuestra literatura, y puede decirse que había recibido en Lisboa las aguas bautismales del Tajo, que lleva y arrastra hacia la hermosa tierra lusitana el oro de sus arenas y la savia recia, potente, del alma de Castilla, al pasar por esa tierra tan representativa de Toledo, y las aguas del Manzanares, que sumido en su cauce, se convierte también en gran río y lleva hasta Portugal las *saudades* españolas (*itálico no original*).

Quanto à presença do teatro português, entre 1918 e 1930, conforme a análise de Mariano Martín Rodríguez (Martín 2007: 60 e ss.), apenas são representadas 7 peças, o qual expressa, segundo o autor citado, o desinteresse dos meios teatrais espanhóis(/madrilenos) pela produção portuguesa³⁴⁸; o único assinalável relaciona-se com a presença de Júlio Dantas, versionado e/ou representado em 3 ocasiões.

desconocimiento que también se aplicaba a las revistas literarias del momento (como *Orpheu*, *Exílio*, *Centauro*, la incautada *Portugal Futurista* o *Athena*), con las casi únicas excepciones de *A Águia*, que contó con lectores asiduos en España, y de *Contemporânea*, la revista de José Pacheco, en la que colaboraron Ramón Gómez de la Serna, José Francés, el artista plástico Daniel Vázquez Díaz y algunos de los ultraístas andaluces (Sáez 2011: 20; *itálicos no original*).

³⁴⁶ Apesar de não manejarmos fonte segura acerca da data de publicação de *Las más bellas páginas de Eça de Queiroz*, assumimos aqui 1924, por ser a indicada (com interrogação) pela Biblioteca Nacional de España.

³⁴⁷ Carmen de Burgos (*Colombine*), companheira de R. Gómez de la Serna, é normalmente apontada como uma lusófila destacada e até como uma intermediária principal no relacionamento luso-espanhol (cfr. Sáez 2007: 154-156).

³⁴⁸ A modo de conclusões, Mariano Martín (2007: 70-71) entende:

Em 1925, as comemorações do nascimento de **Camões** vão encenar diferentes entendimentos do relacionamento no espaço cultural ibérico. No âmbito do quadro luso-espanhol, a efeméride não passa despercebida em Madrid, antes pelo contrário: publicam-se livros (cfr. Aguiar e Silva 2011: s.v. “Receção de Camões na Literatura Espanhola” [a. Pedro Serra, p. 773])³⁴⁹ e realizam-se diferentes eventos com participação de uma “Comisión portuguesa” (Abad 2006[1925]: 208)³⁵⁰. Significativamente, o evento vai contar com a presença do monarca espanhol, autor de um discurso na inauguração da exposição bibliográfica dedicada a Camões, do qual citamos o excerto seguinte (*apud id.*: 209; *itálicos no original*):

Se nos atribuyen con relación a Portugal intereses bastardos, y he de decir que tales atribuciones son infundadas. Lo que nosotros sentimos es el amor de hermanos; y en estos momentos en que Portugal y España han salido del letargo en que vivían, ambas tienen una suprema misión que cumplir allende los mares, donde tambos millones de hombres hablan nuestros respectivos idiomas; y unidos hemos de cumplir esa misión, para ocupar en el mundo el puesto que por derecho nos corresponde.

Como se pode apreciar, no discurso de Alfonso XIII ecoa a nova política portuguesa de Madrid presidida pela *hermandad* e a *hispanidad*.

El escaso número de estrenos y reposiciones madrileñas de teatro portugués es un indicio claro del desinterés del mundillo escénico de la capital española por la producción dramática del país vecino. No parece que las compañías encontraran demasiados alicientes en Portugal, ni desde el punto de vista del interés comercial ni del prestigio artístico, que se podía obtener más fácilmente dando a conocer piezas de consideración internacional [...] La situación [de mútuo desconhecimento] era anómala, sobre todo desde el punto de vista de Portugal, pero no parece que se intentase buscar remedio hasta junio de 1936, fecha en que el dramaturgo de la escuela naturalista Afonso Gaio viajó a Madrid para entrevistarse con personalidades del teatro.

³⁴⁹ O volume de 1929, *Poesías castellanas y autos*, editado por La Real Academia Española é fruto de um concurso organizado por esta instituição em 1925; entre outras normas, conforme a transcrição da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/poesias-castellanas-y-autos--0/html/ff0e371e-82b1-11df-acc7-002185ce6064_96.htm#I_2_), as bases do concurso estabeleciam:

La Real Academia Española, deseando honrar la memoria del insigne poeta Luis de Camoens, ha acordado anunciar un concurso público con arreglo a las bases y condiciones siguientes: [...] Se concederá un premio de 5.000 pesetas al autor del mejor original para una edición crítica de las poesías castellanas de Camoens y de sus tres Autos *El Rey Seleuco*, *Os Anfitriés* y *El Filodemo*.

³⁵⁰ A citada comissão, segundo C. M^a. Abad (2006[1925]: 208-209), foi: invitada a participar de los festejos organizados en honra del cantor de *Los Lusíadas*, ha sido obsequiada con toda clase de agasajos: banquetes, funciones de teatro, visitas de monumentos e instituciones, recepción solemníssima en la Casa de la Villa, excursiones a Toledo y al Escorial [...] El nombre de Avenida de Camoens dado a una de las más espléndidas del Parque del Oeste, cuyo arranque preside en relieve un busto del poeta; y el catálogo de la Exposición Bibliográfica de Obras de Camoens, organizada por el benemérito Cuerpo de Archiveros y Bibliotecarios, serán recuerdo no efímero de las fiestas de este centenario. Pero algo más importante se propuso como fruto práctico de la Comisión organizadora: el de estrechar más y más la relaciones de los dos pueblos hermanos.

Após o 28 de maio de 1926 (e até a queda da monarquia espanhola), os eventos hispano-portugueses com apoio oficial vão ter uma visibilidade e significado amplos. Assim, já em 1927, na Fiesta del Libro, promovida por *La Gaceta Literaria* de **Ernesto Giménez Caballero**³⁵¹ tem lugar em Madrid “una exposición y venta de manuscritos literarios” portugueses (Mascato 2011: 79). No ano seguinte, sob os auspícios também de *La Gaceta Literaria* (Apolinário Lourenço 2005: 125; cfr. Rocamora 1994: 164), tem lugar a Exposición del Libro Portugués (25/10/1928-20/11/1928), inaugurada por Alfonso XIII (*ABC*, 26/10/1928, p. 19). Segundo noticia *La Gaceta Literaria* (1/11/1928, p. 1; nº dedicado ao evento), no âmbito desta exposição teve lugar um ciclo de conferências na sede da sociedade Unión Iberoamericana; participam, entre outros, Agostinho de Campos, Hernani Cidade, Armando Cortesão e, a cada passo com maior protagonismo, **António Ferro**³⁵².

Desde 1927, *La Gaceta Literaria. Ibérica: Americana: Internacional. Letras-Artes-Ciencia*, “esfuerzo más denodado e inteligente por afianzar el canon de la modernidad de las letras españolas” (Mainer 2010a: 180), presta nos seus inícios especial atenção à produção literária portuguesa, nomeadamente a outros autores e repertórios vinculados à *Presença*; chegou a incluir uma seção denominada *Gaceta Portuguesa* (inicialmente sob a direção de A. Ferro e Ferreira de Castro), “cuya vida no fue muy larga por culpa de los ademanos ‘imperialistas’ demostrados por el director de la revista en relación a la supremacía de la literatura española sobre la portuguesa” (Sáez 2011: 21). Segundo David Mourão-Ferreira (1977: 64), o desencontro entre os *presencistas* e *La Gaceta Literaria* deve-se a:

³⁵¹ Giménez Caballero (1899-1988), estava na altura, *grosso modo*, passando do “confortable liberalismo a la invención del fascismo literario”, que teria conhecido na sua versão política por via matrimonial; na segunda parte da década de 20, “se afianzó su proyecto de *nacionalización* de la nueva literatura española”, também com a publicação, em 1927, de *Los toros, las castañuelas y la Virgen* (“compuesto por tres divertidos e imaginativos ensayos acerca de tres iconos nacionales”) e o lançamento de *La Gaceta Literaria* (Mainer 2010a: 565-566; itálico no original); como A. Ferro, desempenharia funções diplomáticas depois do golpe militar de 1936.

³⁵² Prolífico e ubíquo agente cultural, A. Ferro vai progressivamente ocupando posições cada vez mais centrais no campo cultural português ao passo que se notabiliza no relacionamento luso-espanhol, primeiro como prefaciador de tradução de R. Gómez de la Serna (*A Ruiva*, de 1923) e, durante os últimos anos da década, como reputado conferencista ou entrevistador do general Primo de Rivera. Entre março de 1927 e abril de 1932 Almada Negreiros residiu em Madrid, talvez mercê à relação que teria com Ramón Gómez de la Serna (Correia Fernandes 1998: 370); na capital espanhola trabalha para numerosas publicações (Rêgo 1993: 166-208) e, apesar de circular pelo meio cultural madrileno, a sua eventual intermediação parece escassa; segundo A. Pedro Vicente (1993: 54), “Almada [em Madrid] vivia o dia-a-dia penoso de quem, para sobreviver, colaborava em toda espécie de jornais, com historietas humorísticas que, com dificuldade, lhe iam pagando o almoço e o jantar. Não seria o seu labor artístico [...] nem tampouco as capas que fazia para *La Farsa* que lhe davam para sair da mediania”.

o facto de a ‘Gaceta Portuguesa’ emparelhar ‘com outras *Gacetas* regionais, espanholas ou de língua espanhola – catalã e americanas’ [...]; o facto de Giménez Caballero ter tido a imprudência de censurar à *presença* o seu francofilismo cultural; e o facto de *La Gaceta Literaria* ter feito eco, a propósito de Marinetti, de certas veleidades de ‘iberismo fascista-futurista’ (itálicos no original)³⁵³.

O que José Antonio Rocamora (1994: 162) entende como o “carácter supraestatal, para alcanzar a la comunidade cultural ibérica” de *La Gaceta Literaria* vai ser progressivamente rechaçado por grupos e agentes portugueses³⁵⁴, contrários sistematicamente ao assimetrismo cuja finalidade seja a configuração de um intersistema nucleado pelo sistema cultural espanhol.

A crescente afinidade entre os agentes dos campos do poder atinge o ponto culminante na Exposição Iberoamericana de Sevilha em 1939. A participação portuguesa em 1929, instalação do “Pabellón portugués” (Gaspar 2010: 186) e presença física do Presidente da República o marechal Carmona, espelha a ampla sintonia das elites políticas dos dois regimes, bem como a vontade explícita de aproximação de ambas a partes, sob o difuso manto da *hispanidad* ou *iberoamericanismo*.

O contacto luso-espanhol, de outra perspectiva, está também presidido pelos **tradicionais entraves** que vão surgindo da parte portuguesa perante as ofertas espanholas. Desde o campo do poder, por exemplo, em 1920, com exemplar simbolismo, é declarado feriado nacional o 14 de agosto, aniversário da batalha de Aljubarrota (cfr. Torre 1985: 1920); em 1927, já na ditadura portuguesa, o Instituto António Sardinha é encerrado “por supostas actividades iberistas” (*id.*: 126)³⁵⁵. Parece

³⁵³ Em análise similar, Apolinário Lourenço (2005: 133) entende que “a relação da *Presença* com *La Gaceta Literaria* não tardaria a ser definitivamente perturbada pela opção ibero-castelhanista da publicação madrilena” o que “ditaria praticamente o fim da Gaceta Portuguesa e das colaborações lusas na revista de Giménez Caballero, sendo também notória, a partir desse número, o declínio dos temas espanhóis na revista *Presença*” (*id.*: 134-135).

³⁵⁴ José Régio (*apud* Mourão-Ferreira 1977: 65; itálicos no original), um dos mais destacados *presencistas*, posicionava-se assim perante as tomadas de posição de *La Gaceta Literaria* e, nomeadamente, do seu diretor: “*Certas ambições nacionalistas de Caballero, e porventura de outros espanhóis, - parece haverem-se alargado a Portugal. E o sonho dum império cultural cuja capital fosse Madrid re-espanholizado, e ao qual Portugal pertenceria, - parece ter aquecido a imaginação de nuestros hermanos – só teremos prazer em que Caballero no-la desminta*”; D. Mourão-Ferreira (*ibid.*), conclui, “Giménez Caballero não seria certamente, por essa época, em Espanha, o mais adequado interlocutor para uma revista como a *presença*”. Contudo, o diretor de *La Gaceta Literaria*, um dos futuros fundadores de Falange Española, publica em 1949 (Madrid) o seu *Amor a Portugal*, de alguma forma vinculado ao doutorado Honoris Causa concedido ao *generalísimo* Francisco Franco na Universidade de Coimbra nesse mesmo ano (Apolinário Lourenço 2005: 26).

³⁵⁵ Conforme recolhe Hipólito de la Torre (1985: 131), para o embaixador de Espanha da altura, o encerramento do Instituto Sardinha era “um exemplo típico e gráfico da maneira como neste país se

evidente que *iberismo* (e variantes) não seria palavra *politicamente correta* no Portugal da década de 20; o *peninsularismo* de António Sardinha, fugindo da palavra, não deixa de ser, aparentemente, um *neo-iberismo* de orientação conservadora, por exemplo; mais explícito e menos retórico na formulação das suas propostas, o *Hispania* (2/02/1924, p. 1) de Alejo Carrera, na declaração de intenções já citada, dá a entender indiretamente as reticências lusas:

Venimos a interpretar los nobles sentimientos que animan los corazones hispanos con relación al pueblo portugues para una unión fraternal, y manifestamos de una vez para siempre, que *no entraremos jamás en polémica si alguien hay que caprichosamente se entretenga en dar falsas interpretaciones a la palabra union o al prefijo ibero*. Venimos a ensanchar los horizontes; a que Portugal no marche a Francia saltando por encima de España; a que España no mire hacia América sin detenerse en Portugal; nuestro común predio solo tiene una escalera: el mar Los Pirineos son el muro de contención que separa dos predios (itálicos nossos)³⁵⁶.

Direção, entendemos, contrária à aproximação cultural luso-espanhola seguem as sucessivas tomadas de posição do tradicionalista Afonso Lopes Vieira ao *renacionalizar* (expressão utilizada por alguns dos críticos portugueses; cfr. Dasilva 2008: 105 e ss.) *O Romance de Amadis* (1923) e a *Diana* (1925) de Jorge de Montemor; o último texto, por exemplo, era assim recebido na *Nação Portuguesa* (Múrias 2008[1925]: 125 e 126):

[Lopes Vieira] realizou com inexcusável relevo uma obra de nacionalismo literário [...] O que Afonso Lopes Vieira nos deu agora é só o que, rebelde à índole do castelhano, constitui o fundo português da alma artística de Montemor [...] Obra de purificação, simultaneamente, e de libertação”

A ressurreição da *Diana* é assim uma fina depuração do que da sensibilidade portuguesa continuou a viver no texto espanhol, e uma restituição primorosa do que seria ou deveria ser o estilo português da *Diana*. E não é só a prosa que discorre translúcida na prova portuguesa. As recomposições dos versos, embora muito aproximadas do castelhano

combate e se persegue todo o trabalho de propaganda orientada para estreitar as relações entre a Espanha e Portugal”.

³⁵⁶ No número seguinte (*Hispania*, 9/2/1924, p. 3; itálicos nossos), Andrés González Blanco poetizava o alegado *desamor* luso para com a Espanha, concluindo assim o poema “Luna de Portugal”: “Luna de Portugal, que eres más triste / que la luna de España, luna hermana / - *pero hermana que nunca nos quisiste...* - / ¡Luna de la Península, que viste / los galeones y las carabelas / de las dos naciones gemelas / tomar rumbo hacia la Cólquida lejana, / y que ahora alumbras estas callejuelas / de la vieja Lisboa musulmana!...”

—o que faz lembrar que talvez Montemor escrevesse primeiro em português— são maravilhas de candura e geito lusitano.

Às relações entre sistemas até aqui descritas e genericamente analisadas juntamos nas páginas seguintes o nosso entendimento do quadro relacional galego-português no período em foco.

5.3.1. Relações galego-portuguesas

Face ao período anterior (1910-1915), a nova fortaleza dos galeguistas das Irmandades da Fala, agora com organizações próprias, vai possibilitar um significativo e progressivo incremento das relações de variado tipo no quadro galego-português até 1930(/1936), sendo este, muito provavelmente, o período de maior intensidade no relacionamento na época contemporânea. O interesse explícito de grupos e agentes galeguistas vai, em geral, no sentido de desenvolver a lusofilia das elaborações culturais dos galeguistas da segunda metade do século XIX. Deste modo, a partir de 1916, Portugal vai ocupar um lugar central nas tomadas de posição dos galeguistas; neste sentido, em 1918, na I Assembleia das Irmandades (cfr. Villares 2003: 22), em boa medida mercê ao labor de um dos mais destacados *irmãos* na altura e empenhado impulsionador da aproximação a Portugal, Antón Villar Ponte³⁵⁷, foi aprovado o seguinte texto:

Galiza ten que considerar Portugal, pois elo é axiomático, como o baluarte da súa independencia espiritual, pois namentres Portugal exista coma nazón independentes, Galiza non perderá endexamais as esenciais dunha personalidade propia, que esvaída ou non, sempre terá virtude xermoladora nun senso irredentista. Galiza, en por iso debe ter sempre, latexando, no seu ideario nacionalista dende o principio, a liberdade e a independencia de Portugal, considerémola os galegos coma a nosa mesma liberdade e independencia, e estaremos dispostos de cote a erguérmolos violentamente contra os eu quixesen esnaquizar aquela (*apud* Villares 2003: 22-23).

³⁵⁷ Antón Villar Ponte singularizou-se entre os nacionalistas por defender Portugal como o inequívoco referente de reintegração galego; como ele mesmo refere, a relação com Portugal é fruto, num primeiro momento, das suas estadias em Portugal como correspondente do jornal *La Voz de Galicia*: “fue en Lisboa y Oporto, poblaciones que visitamos por exigencias periodísticas, donde nuestro pensamiento acerca del particular [o relacionamento galego-português] se robusteció con vigores indestructibles” (*apud* Varela 1994: 163).

Esta e outras tomadas de posição evidenciam a centralidade que o **referente de reintegração** (ou de analogia) vai alcançar, não sem debate (cfr. *infra*), no programa político nacionalista (cfr. Beramendi 2007: 583-585)³⁵⁸ e, em consequência, explicam o interesse dos nacionalistas nas numerosas iniciativas que visarão afirmar o contacto galaico-português (às quais se associará o produtor em foco), e que, com maior ou menor intensidade, serão atendidas por grupos e agentes lusos, desde os republicanos até os monárquicos (cfr. Ventura 1988: 157)

Neste quadro, seguindo de perto a análise de Elias Torres (2010, em particular), os galeguistas vão promover a importação portuguesa no seio do emergente sistema cultural galego (cfr. *id.*: 174 e ss.). Com especial protagonismo de Vicente Risco, a **saudade** de Teixeira de Pascoaes (e doutros produtores ligados à Renascença Portuguesa), por exemplo, será um dos elementos repertoriais que os produtores galegos irão integrando, conforme assinala Elias Torres (2008: 6; *italico no original*):

O termo saudade era umha reintegraçom galeguista: umha palavra que nom estava no uso quotidiano na castelhanizada Galiza; umha palavra que puxou outras como *além*. E o Saudosismo era umha importaçom galeguista, nacionalista já do movimento iniciado anos antes em Portugal. Termos e pensamento constituíam [em 1920] um conjunto repertorial central na elaboraçom de ideias nacionalista galega: um conjunto de fórmulas, regras, materiais e modelos para produzir ideias sobre a Galiza e, para através delas, construir umha produçom literária e ensaística central no mundo galeguista, que mesmo reforçasse a açom política e a sua legitimidade essencial.

Teixeira de Pascoaes, o *mestre* (tratamento generalizado entre os nacionalistas), será o centro das atenções galeguistas³⁵⁹, expressivamente citado no editorial do primeiro número da revista *Nós*³⁶⁰:

³⁵⁸ Segundo Justo Beramendi (2007: 583-584; *italicos nossos*) a aproximação galeguista a Portugal nutre-se de: (i) a “*etnicidade*, se non totalmente idêntica, si intimamente emparentada, así como numa *orixe histórica común*. Pólas do mesmo talo, unha viu atrofiado o seu crecemento cultural e político, mentres que a outra floresceu ata crear un imperio mundial”; (ii) e da “*influencia do vello iberismo* progressista e federal. A forza motriz non é, nesta faceta do referente [de reintegração], a arela de reintegrar nacionalmente Galicia e Portugal nunha unidade política á parte, senón a reintegración de Portugal e España, ainda que se trate dunha España- Iberia *federal* ou confederal”, proposta que estaria ao serviço do federalismo galego mas também catalão.

³⁵⁹ O volume editado por Eloísa Álvarez e Issac Alonso Estraviz (1999), *Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolario*, é suficientemente elucidativo das demandas galeguistas ao poeta português. E. Álvarez e I. Alonso recolhem no seu trabalho 168 documentos entre 1918 e 1952 (ano da morte de Pascoaes); segundo os autores, “a Pascoaes são-lhe remetidas cartas que denotam uma admiração quase que sagrada” (*id.*: 10). Os autores também afirmam “[n]ão deixa de produzir uma certa perplexidade que, decorridos quarenta e cinco anos após a morte do poeta português Teixeira de Pascoaes [...], ainda se conserve parcelarmente inédito o epistolário galego existente no seu espólio” (*id.*: 7).

Temos a Teixeira de Pascoaes coma cousa nosa, e n-as nosas internas devociós témol-o moi perto da santa Rosalía e de Pondal, o vervo da lembranza.

Teixeira é o Revelador da Saudade: 'ise sentimento que deu forma ó noso lirismo, ise sentimento qu'esta na febra das nósas almas e dos nósos corazóns', según a expresión do Cabanillas, sentimento do que Teixeira fai a ética trascendente de dous pobos innaus. Viqueira sintetizou n-esta verba a psicoloxía galega.

[...] N-as suas verbas, cheas do sentimento relixioso da Terra e da Raza, a y-alma lirica da luslania virase pra Galizia buscando n'un Pasado común a emoción da nosa solidariedade fraterna.

[...]

Teixeira de Pascoaes é nóso, nóso pol-o sentimento, se non o fora coma il di 'no sangue e na alma'. E Teixeira de Pascoaes é o meirande poeta da Iberia (*apud* Torres 2008: 6)³⁶¹.

Para este primeiro número, Teixeira de Pascoaes havia enviado o poema “Fala do Sol”, dedicado “Ao jovens poetas galego” (cfr. Alonso Estravis 2002: 20). Nas mesmas páginas de *Nós*, recebiam assim o volume da Cervantes dedicado a Teixeira de Pascoaes e traduzido por Fernando Maristany já citado:

Ofrécenos este libro, traducido ao castelán, unha escolma de poemas do noso admirado mestre e colaborador Teixeira de Pascoaes, o luminoso poeta que fixo metafísica a saudade en forza de sentila fondamente no peito, e que ao deseñar en néboas de misterio e poesía, a alma doída e heroica de Portugal, sacou nela a semblanza da alma de Galicia [...] Nós, por fortuna, non precisamos para coñecer e amar o noso mestre, de verter as súas obras a un idioma diferente do seu, que en resumidas contas é o noso (S.A. 2006[1921]: 197-198; sublinhados nossos).

³⁶⁰ Sobre *Nós* como palco privilegiado do relacionamento galeco-português, nomeadamente com a Renascença Portuguesa, escreveu com alguma extensão, entre outros, José Augusto Seabra (Seabra 1987 e 1994).

³⁶¹ Teixeira de Pascoaes é objeto de ampla atención, como dizemos, por parte de várias publicacións. A 2ª edición de *Marânos*, dedicada à Galiza, é recibido assim por A. Villar Ponte n'*A Nosa Terra* (31/03/1921, pp. 5 e 6):

Trátase endeben d'un libro formoso e xenial, dedicado alantamente [sic.] à Galiza.

Cando Castela i-os castelans andan, agora como sempre, a nos aldraxar i-a nos abajar-lembraivos do artigo de Ortega Gasset sobre a probeza galega e dos xuicios estúpidos de [...] Portugal aloumiña, con afecto d'irmao, a espiritualidade da nosa Terra.

[...]

Y a Saudade eterna, alma de duas almas xemeas, comenza a pôr n'un ritmo igoal corazóns de dous povos que a Natureza, obra de Deus, tiña unificado, i-a Historia, obra dos homes, quixo reitificar absurdamente... ¡Deprendamos na 'Arte de ser portugués' a arte de sermos galegos!

Em *Nós* recebiam igualmente leituras da *literatura* lusa dos seus parceiros portugueses, como prova “O aspecto actual da literatura portuguesa” de Hernani Cidade publicado em 1922, em que destaca os produtores já falecidos e a produção poética, entre eles Teixeira de Pascoaes:

Os mortos que mandam.- Eça e Ramalho, António Nobre e Fialho de Almeida e outros./Os vivos que emudeceram.- Guerra Junqueiro e Teixeira Gomes/Os poetas da raça e da tradição.- Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, etc./Os postas subjectivistas.- Américo Durão, Virgínia Victorino, Augusto Gil, etc./Os poetas da arte pela arte.- Eugénio de castro./Prosadores. A vida trágica de Raul Brandão; O lirismo filosófico de Leonardo Coimbra, e a Sensualidade Pagã de Aquilino Ribeiro./ A evocação histórica de Antero de Figueiredo e Lopes de Mendonça./O Apostolado radical de Manuel Ribeiro e de Jaime Cortesão./O teatro (Hernani Cidade *apud* Torres 2007: 352).

Em 1920, aquando dos atos académicos dos galeguistas celebrados no *Balneário* de Mondari (cfr. *supra*), Ramón Cabanillas ingressa na Real Academia Gallega depois de ler o seu “A Saudade nos Poetas Galegos”, visibilizando esta orientação galeguista, a *saudosista* e, portanto, lusófila. Note-se, neste sentido, como **Vicente Risco**, um dos mais destacados teorizadores da planificação cultural galeguista (cfr. Torres 2008), contrário a uma importação sistemática dos repertórios mais inovadores do panorama literário da altura, é um dos principais promotores dos *novos* portugueses e do seu repertório no emergente sistema literário galego³⁶². O interesse em jogo aqui é outro: um grupo importante dos nacionalistas, dentre os quais se conta V. Risco, antepõem a função referente de oposição à problemática *novos/velhos*, que, por outra parte, não coloca em questão a sua capacidade de controlo sobre os rumos do emergente sistema literário galego. O *saudosismo*, no entanto, também foi objeto de contestação, nomeadamente por autores *novos*, que recorrendo a argumentos próximos dos utilizados por Júlio de Matos ou outros, anos atrás em Lisboa, põe em causa a viabilidade do

³⁶² Na correspondência entre V. Risco e T. de Pascoaes é evidente o desejo de ambos de dinamizar o fluxo de publicações em livro entre a Galiza e Portugal; escrevia, por exemplo, V. Risco ao poeta português a 26/11/1920 (*apud* Álvarez e Alonso Estraviz 1999: 49):

Recibo con entusiasmo a idea de que os libros galegos se vendan en Portugal, e co mais grande gosto acepto a mención da VªExª pra con Sr. Leitão, director da sociedade Lumen. Hai tempo que eu quixen facer o mesmo cos libros portugueses en Galizia... Hai que contar coas condicións das librerías d'eiquí que somentes venden en comisión [...] Ora, coma poido ver por ‘Nós’, temos constituída eiquí unha modestísima empresa editorial, da que os principaes socios colectivos somos os que figuramos como redactores do boletín. Elo pode ser eiquí unha base pra un intercambio de libros.

mesmo na emergência galega³⁶³. Em geral, sem embargo, as tomadas de posição dos agentes mais centrais na altura da emergência galega parecem apostar inequivocamente pela construção de um intersistema galego(/catalão)-português simétrico, alicerçado na unidade ou afinidade de língua, passado ou saudade. Nos numerosos eventos realizados e/ou ideados durante este período (cfr. Marco 1996; cfr. *infra*) está inscrita esta direção no entendimento do relacionamento galego-português³⁶⁴. Simultaneamente, quando menos no período agora em foco, o *peninsularismo* e/ou a *hispanidad*, não representam para os galeguistas (e para muitos dos seus parceiros portugueses) a direção apropriada para o relacionamento galego-português; em 1925, um ano após a publicação d'A *Aliança Peninsular* (e escassos meses depois do falecimento do autor), Vicente Risco estabelecia distâncias sob o título "O hispanismo d'Antonio Sardinha" nas páginas d'A *Nosa Terra* (1/05/1925, p. 2):

Cant' a mi, galego do século XX, católico como Sardinha, coma il tradicionalista, coma il revolucionario, anque estas duas cousas d' un geito moi difrente ao seu, se quixera restaural-o esprito hispánico d' outros tempos, pensaría non no século clásico e imperialista, senón nos séculos gloriosos da Edade Meia, na Hespaña europea e cristiana das liberdades comunas e dos reinos independentes metidos todos na empresa común de reconquerir e occidentalizar o territorio.

Mais por riba de todo [...] o mais sagrado dos direitos que pode ter un pobo [...] é o direito de ter unh' alma propia. [...]

Tampouco estou couforme con Maeztu en qu' un verdadeiro esprito hispánico poida xurdir d 'uma discipriña clásica ou non, imposta pol o Estado enseñante. Ademais de ser un crime ruín afogal-a y-alma d'un pobo valéndose do ensino, é mais ben na libre convivencia dos pobos peninsulares – que non son somentes Portugal e Castela, coma na frase citada de Sardinha ["a unidade cultural na que inconfundível, mas tambien inseparavelmente, Portugal e Espanha se integram e completam"]- conservando cada un a sua individualidade cultural. [...]

De cote hemos ter qu' estar en loita cos espritos estreitos onde non collen mais qu'as estruturas geométricas da artificialidade, onde non colle a vizosa e libre variedade da vida

³⁶³ Segundo Torres Feijó (2008: 11), o "Saudosismo, foi também contestado, sobretudo por determinados elementos jovens, como Rafael Dieste, em 1927, que censurava o que julgava a sua feição paralisante, nom devotada para a açom e a inovaçom, embora ele o incorporasse também. Dieste, que julgava ter sido um dos erros 'dos nosos mestres' afirmar a 'urxencia de edificar unha cultura partindo da morriña e demais afagos do repertorio triste'".

³⁶⁴ Com caráter conclusivo, para Elias Torres (2010: 179; itálicos no original):

O quadro relacional destes anos permite elucidar a linha fundamental que o preside desde o galeguismo: a da constituição e consolidação de um intersistema literário galego-português, sendo Portugal nítido referente de reintegração. O galeguismo aparecia, para os sectores lusos empenhados no relacionamento, como o principal motor que lhe permitiria a integração cultural perdida e a defesa perante o sempre presente *perigo espanhol*.

natural. Por iso penso eu qu' o artigo de Maeztu é unha variante instrutiva do Hispanismo de Sardinha.

O *exemplo* catalão, por outro lado, pode ter funcionado para os galeguistas de alguma forma como um estímulo à hora de encenar ou formalizar o contacto português; como já apontámos, a fortaleza institucional catalã propicia a Exposição de Arte Catalã na Lisboa de 1921, recebida com alguma contrariedade por parte de alguns galeguistas, segundo se pode ler n' *A Nosa Terra* (30/11/1921, p. 2) sob o título “Portugal e Galiza”:

Despois da Exposición d'arte catalán en Lisboa que se ven efeutuando, a d'arte galega no Porto ha servir para probarmos a todos a forza da nosa persoalidade nazonal.

Porque as'artes galegas, especialmente a pitórica cecais como nova que é, ofêrcese pura sin influencias exóticas, ao contrario das da Cataluña. Estas, según a crítica portuguesa, amóstranse moito “parisinizadas”³⁶⁵ (*A Nosa Terra*, 30/11/1921, p. 2)³⁶⁶.

As publicacións dos galeguistas (ou accesíbeis a estes) acolheram sistematicamente informacións varias relativas a Portugal, ao seu día-a-día bem como ao seu devir cultural; além de *A Nosa Terra* e *Nós*, destacan-se neste período *Galicia*³⁶⁷, *El Pueblo Gallego* ou *Ronsel e Resol* (cfr. Marco 1990), por exemplo; em Portugal, *A Águia*, *Atlântida* ou *Seara Nova* (Torres 2010: 177 e ss; cfr. Souto 1986 e Ventura 1988) atendem progressivamente as demandas galeguistas.

À maior fortaleza galeguista irá incorporando-se progressivamente de forma determinante no quadro relacional galego-português (Torres 2010: 179-180): (i) o impulso investigador dos galeguistas através de novas organizacións (o Seminario de Estudos Galegos de 1923, por exemplo); (ii) o percurso do enclave galego de Lisboa (cfr. *supra*); e (iii) uma diversificação notória quanto aos repertórios materiais e modelos, representada fundamentalmente pelos já mencionados *novos*, igualmente interessados no contacto português (alguns deles via Madrid) e, em particular, pelos

³⁶⁵ Com efeito, quando menos a crítica aquí citada da *Ilustração Portuguesa* ia nesta direção.

³⁶⁶ Vicente Risco, segundo António Ventura (1988: 143-144), “revela-se agastado com essa antecipação [catalã] Talvez essa antecipação tenha provocado novas acções tendentes a aproximar Portugal e a Galiza”.

³⁶⁷ Em *Galicia*, dirigido por Valentín Paz-Andrade, “vai ter espaço também um dos maiores labores de dimensionamento e intercâmbio do mundo lusófono, mais particularmente o português, daqueles anos. Essa vocação integradora nem será circunstancial nem, tendo na criação literária um dos seus eixos, ficará por uma aproximação puramente estética. Olhando no seu conjunto as notícias da Galiza, do Estado e de Portugal, é perceptível a normalidade com que as relações luso-galaicas querem ser estabelecidas: em quantidade e em qualidade” (Torres 1997: 303).

repertórios inovadores lusos, tais como os representados pela *Presença* (cfr. Torres 2010: 179). Um destes *novos*, Evaristo Correa-Calderón, em 1928, desde as páginas de *La Gaceta Literaria* (1/11/1928, p. 6) dedicadas à Exposición del Libro Portugués³⁶⁸, entendia assim (focando a língua³⁶⁹ ao mesmo tempo que destaca o papel dos *novos*, i. e, dele próprio) o relacionamento galego-português, sob o título “Enlaces literarios de Galicia y Portugal”:

Las afinidades étnicas españolas y portuguesas se intensifican entre Galicia y el Norte de Portugal. El río Miño no es una frontera real, sino imaginaria, apenas una cinta de agua silenciosa.

El paisaje es el mismo, verde y pastoral, de una y otra banda.

Y de una a otra abanda, ondas de simpatía y de comprensión [...]

Etnografía, paisaje, amistad, lengua, todo une la tierra gallega a su hermana, la tierra de Portugal [...]

Ocho siglos de aislamiento oficial no han sido suficientes a separar esa patria espiritual formada por Portugal y Galicia, en la que se habla una misma lengua [...]

Ha sido en nuestro tiempo cuando se renueva la amistad de Portugal y Galicia, la amistad del Medievo. Eugenio de Castro viaja por las ciudades gallegas, cuyo ambiente refleja en finos sonetos. Julio Dantas visita Galicia reiteradas veces y estudia nuestras ideas estéticas y nuestro paisaje en ponderados ensayos. Leonardo Coimbra profesa en tribunas de Vigo y La Coruña. Teixeira de Pascoas, el profundo lírico de *Maranos*, abre las puestras de su palacia de Amarante a su dilecto amigo Noriega Varela, a sus amigos gallegos. Lopes Vieira [...] llama a Galicia hacia sí con ternura. Mendes Correa, en fin, estudia reiteradamente los caracteres etnográficos afines.

Este amor de los mejores espíritus portugueses por Galicia, es correspondido cumplidamente por los intelectuales gallegos. Y, sobre todo, por los más jóvenes, que constituyen lo que se viene llamando la Nueva Generación Gallega, quienes anhelan la máxima fraternidad [...]

Si en esta hora se reuniese la obra de los poetas galaico-portugueses, se lograría un voluminoso *Cancionero*, en el, frente al culteranismo, al conceptismo de otras regiones líricas peninsulares, se mostrarían con uniformidad los valores tradicionales de frescura, espontaneidad, sencillez y sentimiento, hasta el punto de que, si ello no se especificaba, se

³⁶⁸ Na qual, por certo, estava envolvido Alejo Carrera como membro do Comité Ejecutivo Portugués; Fidelino de Figueiredo, por seu turno, formava parte do Comité Ejecutivo Español.

³⁶⁹ Segundo Xulio Pardo de Neyra (2009: 191), E. Correa-Calderón teria-se oposto a “la creación de una ‘Gaceta de Galicia’, puesto que, según los criterios lingüísticos que seguía por aquellas fechas, lo conveniente era que la producción gallega se incluyese en la misma página dedicada a la literatura portuguesa, ya que ambos territorios, el gallego y el portugués, pertenecían al mismo mundo racial, cultural, lingüístico e histórico”.

confundirían unos y otros, sin saberse cuáles eran los poetas de Galicia y cuáles los de Portugal (itálicos no original).

Se bem a partir de 1916 o galeguismo conta com organizações próprias e maior capacidade de intervir, também não parece errado assinalar as fragilidades que demonstra a sua condição de movimento minoritário no seio do espaço social da Galiza, as dificuldades que enfrentam para controlar instituições como a Real Academia Gallega, as hesitações programáticas a respeito, por exemplo, do modelo de língua ou da centralidade dos repertórios ruralizantes³⁷⁰. Entendemos que, em geral, estas vacilações nas propostas galeguistas provocam *ruído* no quadro relacional galego-português, obstaculizando-o de alguma forma. A isto acresce as intervenções que desde a Galiza, desde posições nalguma medida próximas dos galeguistas, põe em causa o contacto galego-português em termos de intersistema³⁷¹; um exemplo evidente é o de Manuel Casas Fernández (Presidente do Instituto de Estudios Gallegos da Corunha), no artigo “España y Portugal. Un alto ideal y el equívoco peligroso” (*Vida Gallega*, 25/09/1921, pp. 13 e 28):

Pero en el actual movimiento de aproximación hispano portugués es preciso prevenirse contra ciertas especies que al presente vienen predicando algunos que se apellidan nacionalistas gallegos, contaminados por el ejemplo de algunos catalanistas.

Hablemos claro: Galicia por su mayor afinidad con Portugal, especialmente con el Portugal “minhoto”, podrá servir de medio para facilitar tal aproximación; pero no hay que pensar en un “nacionalismo regional” que tiene necesariamente que suscitar suspicacias en esta gran obra.

En Oporto, algunos escritores de los que constituyen la “Renascencia portuguesa” han entrado en relaciones con los nacionalistas catalanes.

En Abril de 1907 leyó en Abrante y ante la “Sociedade João de Deus” el catalán Ribera y Rovira³⁷², un trabajo que se publicó por la Biblioteca de la “Renascenca” con el título de “O genio Peninsular”. Y en esa conferencia se repiten los apóstrofes contra

³⁷⁰ A leitura, por exemplo, das cartas recolhidas em Álvarez e Alonso Estraviz 1999 é suficientemente elucidativa das diferentes formas de escrever e entender a língua galega; mais relevante ainda: as cartas destinadas a Teixeira de Pascoaes encenam uma problemática diversidade à hora de apresentar as ofertas galeguistas a um agente central no sistema consolidado português.

³⁷¹ Noutro extremo, para grupos e agentes contrários ao programa galeguista, segundo Torres Feijó (2010: 175), “Portugal [constituía] a principal ameaça”.

³⁷² O catalanista Ribera i Rovira, sob o título “Germans de Galicia”, tinha afirmado poucos dias antes na publicação do *Balneario* de Mondariz, *La Temporada* (28/08/1921, p. 2): “Portugal i Galicia formen el nucli nacional atlántic, d’una forta cohesió social, que en la futura Ibèria equilibrará la política peninsular dintre una ampla Confederació integrada pels tres pobles imperescibles: el galaic-portugués, el castellà i el català, caracteritzats pels tres idiomes respectius”.

Castilla y contra España y se entona el himno de guerra “Els Segadors” que “a assembleia onve de pé e depoes cobre de grandes aclamacoes”, según se consigna en una nota a dicha conferencia.

Recientemente Eugenio d’Ors, “Xenius”, cuando servía a la Mancomunidad catalana, se presentó en Oporto y pronunció un discurso en “catalán”, que los portugueses naturalmente, no comprendieron

E conclui:

Respetando la voluntad de España y Portugal laboremos por una aproximación íntima de ambos países hermanos y el porvenir dará la fórmula definitiva.

Pero evitemos cuidadosamente de interponer en esta gran obra los recelos que inspira ese equívoco peligroso de los nacionalismos regionales.

Teixeira Pascoaes a quien citan –pero no se puede afirmar que comprendan– nuestros nacionalistas catalanizados, proclama, no el nacionalismo del Miño, ni de los Algarbes del Norte o del Sur, ‘sino el nacionalismo portugués, la patria portuguesa’, el ‘alma portuguesa’.

Y nosotros debemos tambien proclamar un único nacionalismo; el español y una patria común: España.

As explícitas asseverações de M. Casas Fernández³⁷³ exemplificam as tomadas de posição contrárias ao simetrismo que os galeguistas maioritariamente estavam a mostrar através dos meios a seu alcance; evidenciam igualmente um entendimento da *literatura* galega desde um horizonte subsistémico ou, noutros termos, propostas que almejam a configuração de um intersistema assimétrico nucleado pelo espanhol. Por último, cabe destacar uma das ideias (de longo percurso) manifesta no artigo relativamente ao entendimento do espaço ibérico: à luz destas orientações, à Galiza e aos galegos estaria reservada um papel de intermediário entre a Espanha e Portugal num, por ventura, intersistema ibérico assimétrico³⁷⁴.

³⁷³ Provavelmente sob a presidência de M. Casas Fernández, o Instituto de Estudios Gallegos prestou homenagem a Teófilo Braga pouco depois do falecimento deste (*Hispania*, 16/02/1924, p. 2). Também segundo *Hispania* (23/03/1924, p. 3 e 23/08/1924, p. 1), este Instituto tinha previsto organizar nesse ano, na Corunha, um “Congreso de escritores gallegos y lusitanos”, do qual não encontramos mais notícias.

³⁷⁴ Em *Vida Gallega* este parece ser um ponto assente no que diz respeito ao relacionamento galego/(espanhol)-português; em 1929, afirmavam: “Galicia es el agente más capacitado para alcanzar la compenetración de las dos naciones [Espanha e Portugal]. Portugal, sólo a través de Galicia puede obtener una interpretación justa en España” (*Vida Gallega*, 10/04/1929, p. 39).

5.3.1.1. A imagem dos galegos e da Galiza em Portugal

Paralelamente à intensificação do contacto galego-português desde finais da década de 10 (e até 1936), presidido, *grosso modo*, pela ideia de unidade (ou proximidade, parentesco³⁷⁵, etc.) linguística, étnica ou de passado, a imagem da Galiza e dos galegos vai progressivamente complexificando-se ou, melhor dizendo, duplicando-se e adquirindo novos elementos e, por seu turno, novas funções, que aqui abstraímos sob a denominação **imagotipo de afinidade (IdA)**. Como apontámos no capítulo 4 desta Tese, o substrato repertorial determinante no IdA alicerça-se mormente nas elaborações galegas e portuguesas da segunda metade do século XIX.

Desde finais da década 10, passando o relacionamento cultural para primeiro plano nas elites culturais portuguesas, a nova representação dos galegos e, agora também, da Galiza, encena-se nos vários eventos que, com maior ou menor sucesso, têm lugar neste período presididos pelos vínculos galego-portugueses (cfr. Marco 1996: 201-202). Estes eventos contribuem necessariamente para uma exposição da Galiza e os galegos, por exemplo, na imprensa periódica (cfr. Torres 2010: 180), em termos bem afastados do imagotipo negativo (IN) antes descrito.

O enclave galego de Lisboa, sempre atento ao devir da metrópole, não ficaria alheio a estas mudanças ou (da perspectiva dos emigrantes galegos) aos novos instrumentos e possibilidades. Grupos e agentes do enclave empenhados em adquirir outras espécies de capital (além do económico) começam a intervir no espaço social português em sintonia com os postulados dos grupos galegos e portugueses interessados no contacto galego-português. Assim, por exemplo, em 1919 abrem uma subscrição entre a colónia para os mutilados de guerra portugueses. O envelope carimbado (usado por Alfredo Guisado em missiva à sua namorada) para tal fim indicava: “P’ros mutilados d’a guerra portugueses. / A COLONIA GALAICA” (*vid.* Anexos, XXXI) (em *El Tea*, 23/05/19, o texto que anunciava a subscrição também estava, expressivamente, em galego). A notícia da entrega do dinheiro ao Presidente da República foi recolhida por vários jornais, alguns com fotografia da comissão (cfr. *infra*). Escassos dois anos mais tarde, *El Tea* dá notícia da oferenda que a colónia tributa ao soldado desconhecido

³⁷⁵ A ideia (ou crença) de parentesco entre a Galiza e Portugal manifesta-se nos discursos de variado tipo assim como na produção literária de galegos e portugueses; António Medeiros (2003: 327) assinala a este respeito: “Este tema foi glosado sob fórmulas sempre mais ou menos poéticas e indefinidas [...], envolvendo curiosas classificações de um grande poder afectivo, onde os usos do vocabulário de parentesco foram frequentes – ‘irmã’, ‘mãe’, ‘filha’, ‘filho’, ‘namorado’, ‘noiva’, ‘marido’, ‘mulher’, etc.”.

(português) em Lisboa; na mesma página que Ramiro Vidal Carrera publica uns versos sob o título “Galicia e Lusitania” podíamos ler:

A propósito de los homenajes realizados el día 9 de Abril, al soldado desconocido protugués, al que la colonia gallega en Lisboa ofreció dos ricos candelabros de cinco luces cada uno, en plata, con las inscripciones siguientes: ‘Galicia ós heroes d’a sua *hirmán Lusitania*’. ‘Pra que alumbren eternamente n’o corazón d’esta pátria hospitaleira’. A *colonia gallega* en Lisboa. -9-4-921 (*El Tea*, 23/05/1922; itálicos nossos).

Grupos do enclave, nomeadamente Juventud de Galicia (de quem parte a iniciativa) notabilizam-se em 1924 ao propor homenagear Camões na Corunha com um monumento e Rosalia de Castro com o próprio em Lisboa, segundo recolheram com extensão *El Pueblo Gallego* (22/03/1924, p. 2) e *Hispania* (23/03/1924, pp. 4 e 5). Um anos mais tarde, Juventud de Galicia teria promovido “Unha semana gallega en Lisboa”, segundo anuncia, com algumas reticências finais, *A Nosa Terra* (1/05/1925, p. 2):

A Xuventude Galega que preside o nosso amigo Alejo Carrera, ten en organización a realización d’unha semana galega que ha de congrega na capital de Portugal o mais sonado de canto no arte, na literatura e nas ciencias vive en Galicia, para que os nossos irmans de alem-Miño poídanse decatar do que val e representa a nosa intelectualidade e da semellanza que na fala e na ideoloxía, como no sentimento, teñen os dous pobos fronteiros.

Lástima é que por falta de tempo a organización d’esta semana galega non poida acadar toda a importancia que debe ter.

Pol-a nosa parte en canto poidamos contribuir ao seu mellor éisito estamos dispostos á axudala enviando algúns traballos, libros etc. mais xugamos preciso que pol-a comisión organizadora se concrete o que se pretende facer.

Exceto umas escassas notas internas³⁷⁶, infelizmente não temos mais notícias acerca dos planos de Juventud de Galicia, desconhecendo se a mencionada Semana foi efetivamente realizada. Cabe apontar, no entanto, como estas iniciativas no seio do enclave entendem-se inequivocamente vinculadas à terra *das origens* e, especialmente, às ideias que galeguistas e nacionalistas portugueses estavam a formalizar relativamente à referida identidade comum.

³⁷⁶ No *Libro de Actas de Juntas Generales. 1924-1932* encontrámos a seguinte anotação relativa à “Junta General Ordinaria” de 23/03/1925: “el Sr. Presidente [refere] las ‘demarches’ para la realización de unas semanas gallegas y portuguesas en Lisboa, por iniciativa de Juventud de Galicia”.

A seguinte tomada de posição do enclave (com importante implicação guisadiana) de que temos conhecimento, com relevância para os objetivos traçados aqui, produz-se em finais de 1928 e inícios de 1929. Nessa altura, vários agentes lançam a iniciativa de organizar uma Semana Portuguesa na Galiza (e igualmente uma Semana Galega em Portugal)³⁷⁷. A *Seara Nova*, com destaque o *Diário de Notícias*, *El Pueblo Gallego* ou *A Nosa Terra* irão acompanhar os trabalhos de organização assim como as polémicas surgidas. Nas páginas do *Diário de Notícias* ficou registada a adesão entusiasta de Juventud de Galicia à iniciativa; em Fevereiro de 1929 noticiava o jornal lisboeta com grande foto da comissão de membros do enclave:

A colonia galega de Lisboa, tão avultada e laboriosa, trouxe-nos ontem a sua calorosa anuencia, as suas felicitações por esta nova iniciativa, pondo-se incondicionalmente á nossa disposição e manifestando-nos o seu intenso desejo, que é também o nosso, de que a obra tão brilhantemente iniciada seja levada a cabo com o luzimento que merece, retribuida mais tarde pela realização de uma ‘Semana Galega em Lisboa’” (*Diário de Notícias*, 2/02/1929, p.1).

Em sintonia com as iniciativas anteriores, o Presidente de Juventud de Galicia, Antonio Fresco Conde, aparentemente em nome da colónia galega de Lisboa, escreve uma carta muito elucidativa ao *Diário de Notícias* (*vid.* Anexos, XXXII)³⁷⁸; Fresco Conde alude na sua intervenção em várias ocasiões à relação de proximidade entre a Galiza e Portugal. A carta contém igualmente contínuas referências à cultura, à literatura e à arte, não apenas à economia e ao comércio, interesse, caberia pensar, prioritário dos emigrantes galegos abastados; conclui mostrando o seu apoio e o da instituição que preside à Semana Portuguesa na Galiza.

Na revista do mesmo *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, de 10 de março de 1929, o coletivo de emigrantes galegos em Portugal, nomeadamente o enclave

³⁷⁷ Conforme *El Pueblo Gallego* (6/11/28, p. 1), teria sido E. Correa-Calderón (desde Madrid, na altura da Exposición del Libro Portugués) quem tem a iniciativa:

En ‘El Liberal’ de Madrid, se ha publicado un admirable artículo de nuestro colaborador Correa Calderón, proponiendo y razonando la realización de una semana portuguesa en Galicia que sea el exponente de los grandes valores de la cultura y del arte de nuestro pueblo hermano [...] Para esta iniciativa, cuya ejecución juzgamos indispensable y transcendente, brinda nuestro periódico su más entusiasta apoyo y sua adhesión más fervorosa.

³⁷⁸ A carta é recolhida, traduzida, em *El Pueblo Gallego* (6/03/1929, p. 1); transcorridos três dias, apoiando a realização da Semana Portuguesa na Galiza, o jornal viguês afirmava (9/03/1929, p. 1): “Por su parte la colonia gallega – la más importante colonia extranjera que radica en Portugal – se ha convertido en entusiasta propulsora de este acercamiento luso-galaico, y ya hizo un llamamiento a todos los residentes en el país vecino para cooperar al mayor éxito de esta empresa”.

lisboeta, conseguirá notabilizar-se ao receber uma homenagem de reconhecimento. Sob o título “Os galego são nossos irmãos!” *O Notícias Ilustrado*, explica o número especial: “Dá com este número a sua comovida colaboração nessa homenagem à colónia galaica que em Portugal tem tão numerosa representação. Irmãos de raça, na actividade, galegos e portugueses irmanam-se na sua intimidade sã e cordial” (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 5). Na extensa atenção dedicada aos galegos, a revista do *Diário de Notícias* insere fotografias onde a representação dos galegos, apesar do tom amigável, está no essencial em sintonia com o imagotipo negativo aqui descrito (*vid.* Anexos, XXXIII); a fotografia que ocupa toda a capa é de um amolador, nas páginas interiores aparecem galegos desempenhando os ofícios que muitos exerceram durante o século XIX e parte do XX. O “Número extraordinário dedicado à colónia galaica”, porém, longe de insistir neste imagotipo da imagem portuguesa dos galegos, inclui também na sua homenagem uma seção dedicada aos “Artistas e Poetas Filhos de Galegos”, e também, ao lado de imagens de paisagens galegas, retratos da “Grandes Figuras da Colónia”; isto é, galegos destacados na indústria e no comércio lisboetas (*vid.* Anexos, XXXIV). A homenagem do *Diário de Notícias* à colónia galega parece estar intimamente ligada também ao aumento significativo da relevância social e económica do enclave galego em Lisboa, agora com capacidade económica³⁷⁹, interessada em apagar os traços menos amáveis do IN, interessada, enfim, em lançar um *contradiscorso* para o qual as elaborações galegas e portuguesas parecem ser da maior utilidade. A *galeguidade* não será agora necessariamente, portanto, um entrave para aquisição de capital social ou simbólico; por outras palavras: ser galego como Rosalia de Castro ou sentir saudade como os portugueses poderá ser agora um cartão de visita não só aceitável como estimável.

À luz do até aqui descrito e analisado (e também da trajetória guisadiana; cfr. *infra*) entendemos que: (i) no período agora em foco, o IN passa a partilhar o imaginário das elites portuguesas (no mínimo) com uma nova visão da Galiza e dos galegos, o IdA, dando forma a uma *imagem* (cfr. *supra*)³⁸⁰; (ii) esta nova representação, em elaboração desde o século XIX, nutre-se da ideia central de que os galegos e portugueses

³⁷⁹ De facto esta capacidade económica parece ser um dos fatores por trás da acolhida do *Diário de Notícias* às reivindicações dos galegos em Lisboa; os nomes dos proprietários das casas comerciais com publicidade em, por exemplo, o número especial dedicado a esta comunidade pelo *O Notícias Ilustrado*, assim o indica.

³⁸⁰ Se bem não estamos em condições de delimitar cronologicamente com precisão o funcionamento efetivo do IdA, em virtude dos dados manejados respeitantes às tomadas de posição de grupos do enclave galego de Lisboa, entendemos a década de 20 (em diante), sobretudo, como o período em que esta outra representação dos galegos começa a funcionar socialmente, efetivamente.

compartem uma série de elementos de variada natureza (identidade/afinidade de língua, alma, raça, paisagem, passado, etc.); por fim, (iii) o novo imagotipo não é representação exclusiva de um grupo humano, como o negativo, é representação de indivíduos (os galegos em geral) e, especialmente, da Galiza (espaço geocultural com características próprias).

5.4. Trajetória e intervenção de Alfredo Guisado 1916-1930

A seguir, em função do descrito e estudado nas páginas precedentes, analisamos cronologicamente a trajetória social e literária de Alfredo Guisado. Em termos gerais, o percurso guisadiano, entre 1916 e 1930, está marcado por: (i) a ampliação das redes sociais nas que intervém e (ii), um abrandamento acusado nas suas intervenções no campo literário português a partir dos primeiros anos da década de 20.

5.4.1. Trajetória social de Alfredo Guisado até 1930

Em virtude do estado dos campos em que intervém, até 1930, a trajetória social de Alfredo Guisado vai experimentar importantes mudanças relativamente ao período anterior definido nesta Tese (1910-1915). Se, como vimos, no âmbito da rede *das origens*, Alfredo Guisado tinha-se envolvido em atividades do enclave lisboeta e, especialmente, na difusão e organização do agrarismo tanto em Lisboa como na metrópole, agora, sem deixar de associar-se o movimento agrarista, irá significar-se em Lisboa como um agente do galeguismo, no seio do enclave mas também fora das margens deste. Por outro lado, a rede lisboeta, antes nutrida principalmente por companheiros do Liceu do Carmo (depois do *Orpheu*), vai experimentar uma diversificação notável ao começar a intervir diretamente no campo político português, progressivamente desde posições mais centrais até 1926. Nas seguintes páginas, focamos cada uma destas redes.

5.4.1.1. De *órfico* ao democrático Dr. Guisado

A trajetória social de Alfredo Guisado na Lisboa do segundo lustro da década de 10 e da década de 20 vai experimentar importantes *progressos*, inéditos até à altura para um *filho* da emigração galega em Lisboa, evidenciando nitidamente (não só, mas também) a fortaleza dos abastados *Lisboanos*.

Após o intenso envolvimento no Grupo do *Orpheu* e o posterior distanciamento deste (cfr. *infra*), o percurso guisadiano está marcado, como vimos, pelo começo dos

estudos de Direito em Lisboa e também pela relação afetiva, desde abril de 1916, com a que viria ser a sua esposa no verão de 1921. Relativamente ao namoro com Maria Guilhermina Ferreira (com 17 anos quando se conheceram), este parece muito estável desde o princípio, segundo a correspondência analisada³⁸¹. No mesmo ano em que se conheceram, Alfredo Guisado escrevia-lhe da Galiza (a 3/08/1916):

Estarei aqui satisfeito, sim, num dia em que tu venhas comigo, nada mais desejarei nesta vida, viveremos muito felizes entre estas campinas e estes pinheirais, iremos às romarias ver como a crença do povo é grande e como são interessantes êstes costumes do norte. Então poderei viver muito tempo aqui.

Nos inícios de 1917, Alfredo Guisado diz ter a bênção do pai e em finais desse mesmo ano começam a ser contínuas as referências ao casamento e às resistências dos pais do primeiro já mencionadas. Cedo, é óbvio na correspondência, toma forma em Alfredo Guisado a intenção de consolidar a relação mediante casamento, o qual, entendemos, irá condicionar em alguma medida o percurso social guisadiano, se atendermos aos compromissos e obrigações a que uma relação estável estava associada na altura.

Do ponto de vista da rede social lisboeta, os estudos universitários parecem ser de todo determinantes. Apesar de não termos muitos dados objetivos sobre o assunto, as cartas enviadas à namorada, nas que, em ocasiões, dá notícias do seu dia-a-dia, permitem-nos reconstruir, em parte, o percurso guisadiano e fazer algumas abstrações³⁸². Neste sentido, em função do conteúdo desta correspondência, todo parece indicar que Alfredo Guisado, já com larga experiência na vida associativa e política (via agrarismo, nomeadamente), participa também na vida académica nesta direção, como indicia a carta de 23/01/1917:

Ontem à noite, quando saí da Faculdade de Letras onde reunira a *Federação Académica* como já te tinha dito e na qual eu *sou um dos delegados da Faculdade de Direito*, era já

³⁸¹ Contrariamente ao que se passava com as relações afetivas do amigo A. Ferro, em geral bastante instáveis, segundo se desprende da correspondência entre A. Guisado e a namorada.

³⁸² Embora as cartas entre A. Guisado e M. G. Ferreira se estendam até outubro de 1925, a maioria são anteriores ao casamento; após esta data (agosto de 1921) e até 1925, as informações obtidas são escassas e muito dispersas.

tardíssimo e tanto que, ficou meu cunhado aqui, em casa visto que, como essas reuniões se alongam sempre muitíssimo, calculou que eu me demoraria (itálicos nossos)³⁸³.

O Alfredo Guisado estudante universitário vai ter perante si um novo espaço de relações, permitindo-lhe ampliar substantivamente a sua rede lisboeta (mais aberta por natureza do que a *das origens*, em princípio), antes, como vimos, constituída sobretudo pelo grupo de amigos do Liceu do Carmo. Esta rede, com novas funcionalidades, vai possibilitar inéditas (em parte) tomadas de posição, no campo político português em particular.

Um indício dos seus *progressos* sociais são, em nosso entender, os contínuos favores que a namorada solicita nas suas cartas e que vão aumentando progressivamente. O primeiro registo neste sentido data de 29/07/1917: “O noivo [de uma amiga de M. Guilhermina] continua administrador em Gois. Êle desejava ser recebedor e parece-me que há um lugar em Esposende. O assunto é tratado pelo ministério do Interior é aí que tu tens o tal amigo?”. Alfredo Guisado responde (a 1/10/1917):

Procurei o amigo de que te falei, no ministério das Finanças, de cujo Sub-secretário de Estado é secretário, para lhe falar no tal lugar de recebedor em Esposende. Sucede porém que êsse meu amigo só chegará a Lisboa daqui a dias. Volta-lo-hei a procurar e dir-te-hei depois se alguma coisa se poderá arranjar. Apesar de serem coisas do ministério do Interior, pode ser que êle consiga alguma coisas. Do que êle responder comunicarei.

³⁸³ Poucos dias antes (a 22/12/1916), A. Guisado justificava a sua ausência com: “Esta noite, como te disse, uma assembleia geral a que fatalmente tenho de assistir, proíbe-me de te ir falar”. Em virtude das múltiplas atividades do produtor em foco, não conseguimos vislumbrar a organização da dita assembleia. Ainda sobre a vida universitária, A. Guisado relata (a 7/07/1918), um episódio em que patenteia a sua atividade estudantil assim como, diga-se de passagem, o funcionamento da universidade *republicana*:

Quanto aos exames vais ouvir uma coisa deveras curiosa. Quando em Outubro último o Augusto fez exame e lhe fizeram a injustiça que já tive ocasião de te contar quando estavas em Lisboa, o José Perdigão indignado com o que se passara, rasgou o papel onde vinha a decisão. Deu como resultado o Conselho da Faculdade formar-lhe um processo, haver sindicâncias, testemunhas, etc. e a questão, após uma série de episódios que mais detalhadamente te contarei quando falarmos, foi levada para o Senado Universitario, acabando por o José ser expulso por 6 meses da Universidade. Os amigos do expulso, entre os quais eu, foram junto do ministro da Instrução protestar energicamente, explicando o que sucedera e o ministro levantou então a sentença que o condenava. Daí os lentes ficaram irritados e mandaram afixar no átrio da Faculdade, ontem, uma espécie de edital, em que avisam os alunos que forem fazer exame de que lhes é absolutamente proibido levarem consigo pasta, livros, apontamentos e até papel, isto é, um rigor e uma vigilância de tal ordem e feitio que nem podes fazer ideia. Que dizer, quem, como eu, se preparou em 6 semanas e não tem segurança na ciência que o acompanha vai ter cólicas desesperadas e vai positivamente jogar à sorte [...] Já várias vezes te tenho contado os processos de que nos servíamos nas provas escritas, agora isso torna-se de todo impossível, pois os lentes vigiarão. Vamos a ver [...] Antes do edital afixado ontem na Faculdade, tinha muitas esperanças, agora tenho, acredita, muito receio.

Repare-se, contudo, que muito provavelmente a sua rede lisboeta também se nutre dos *conhecimentos* do pai na capital lusa e, por outro lado, no facto de os Guisado terem o seu negócio principal, o restaurante Irmãos Unidos (antes, local de reunião dos *órficos*) numa das zonas mais transitadas e expostas da cidade, onde, com certeza, teriam ocasião de estabelecer relações sociais diversificadas.

A correspondência entre Alfredo Guisado e Maria Guilhermina dá notícia igualmente da instabilidade política do regime republicano³⁸⁴ assim como dos receios do jovem Guisado perante a eventualidade de ter de ingressar no exército em tempos de guerra. Diante das desconfianças da namorada, escrevia (a 27/05/1916):

pelo meu lado, por ora, podes estar sossegada porque ainda ontem fui perguntar ao quartel general sobre a minha situação e me disseram que não era ainda atingido pelos últimos decretos publicados, o que não quer dizer, é claro, que algum novo decreto me não alcance, em todo o caso tenho muitas esperanças que nos não havemos de separar para eu ir para à França e tenho fé nas orações que teus lábios de santa balbuciam por mim.³⁸⁵

De finais de 1917 data a primeira notícia a vincular de alguma forma Alfredo Guisado com a participação ativa no campo político português; em carta à namorada dizia, com, julgamos, mal disfarçado desdém (a 4/11/1917):

Acabo de chegar a casa [...] cansadíssimo. Imagina que me nomearam para fazer parte da mesa eleitoral desta freguesia e me pediram insistentemente para não faltar tendo lá estado

³⁸⁴ A 19/07/1917, relatava A. Guisado:

Ia-me sucedendo ante-ontem um pequeno desastre. Imagina que, como já começaram a circular os carros eléctricos, me lembrei de vir da Faculdade, onde tinha ido assistir aos exames, num carro. Fui a conversar com um meu conhecido que nele vinha também, até à Rua de Santa Justa. Aí apeei-me. Tinha acabado de me apear e o carro seguiu rua abaixo quando lhe atiraram duas bombas que o estalhou quasi, ferindo, segundo dizem, vinte e duas pessoas e fazendo algumas mortes. Imagina se eu não apeio naquele momento! [...] Hoje já há sossêgo bem como ontem durante todo o dia. Parece que entraremos na normalidade desejada, o que já não é sem tempo, pois que os tumultos ante-ontem foram de tal ordem que toda a tarde o comércio esteve fechado.

³⁸⁵ Parece bem provável a aparente tranquilidade de A. Guisado perante a guerra se prender com a possibilidade de conseguir esquivar o exército de forma irregular, como foi presumivelmente o caso do seu amigo A. Ferro. A 9/07/1917, o primeiro confidenciava à namorada: “Por êstes dias vou ficar sem um bom amigo: o Antonio Ferro que parte na quarta ou quinta feira para a França donde –quem sabe- talvez não volte mais [...] Tem-me aborrecido imenso esta nova [e mais à frente] Fêz-se ainda o possível para se conseguir que ficasse em Portugal mas resultaram em vão todos os passos dados nesse sentido”; poucos dias depois (a 17/07/1917) referia: “O barco que havia de conduzir com tropas o Antonio [Ferro], já saiu, mas êle conseguiu dar baixa ao hospital da Estrêla, dando parte de doente de maneira que cá foi ficando, vamos a ver se se salva”, o qual não aconteceu completamente: “tive de ao meio dia me ir despedir do Antonio Ferro que embarcou inesperadamente para a África onde vai como secretário dum governador” (a 11/08/1918).

desde as nove da manhã até esta hora, apenas com um curto intervalo de minutos para almoçar. Emfim, é a primeira e creio bem que a última vez que tal me sucede porque não fazes ideia que maçada é uma assembleia eleitoral.

A partir das escassas referências à política presentes na correspondência citada, são, conforme a década de 10 chega ao seu fim, inequívocas as menções quanto à sua posição ideológica; assim, pouco depois do assassinato de Sidónio Pais, escreve (a 23/01/1919): “Segundo notícias que há pouco tive a República triunfa felizmente e essa carnavalada monárquica líquida [?], acabando duma vez p^a. sempre com êsses meninos melancólicos e românticos que ansiavam por essas ruas ameaçando tudo e todos”³⁸⁶. Nesse ano, 1919, o das primeiras tomadas de posição em sintonia com o galeguismo metropolitano (cfr. *infra*), intervém nitidamente na arena política nas filas dos democráticos, iniciando assim uma filiação partidária até praticamente o seu falecimento. O seu envolvimento na política partidária portuguesa principia no âmbito autárquico; com notória satisfação, Alfredo Guisado comenta à namorada em carta desse ano (a 4/09/1919):

Desde segunda feira que se travou uma luta enérgica entre a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa e a *Junta de Freguesia dos Restauradores* de que sou, como sabes, *vice-presidente*. Essa luta era por causa do Rocio [...] Eu puz a questão nestes termos: - ou a Junta vencia ou nos demitiamos. Vencemos. *A minha vitória, a primeira vitória política da minha vida*, tem dado que falar. A Comissão Executiva da Câmara Municipal viu-se obrigada a pedir hoje a sua demissão. Mando-te dois jornais de hoje. ‘A República’ que me entrevistou ontem e o ‘Século’. ‘O Mundo’ tens tu aí e certamente já viste nele. Quando aí eu for explicarei melhor. Tenciono ir para a semana e então te contarei *os meus discursos, o primeiro que durou uma hora e o segundo quasi meia*. Emfim, ficamos contentes e com a opinião a nosso lado (itálicos nossos)

³⁸⁶ Em outubro do ano anterior já tinha evidenciado as suas preferências também em carta à namorada (a 15/10/1918): “Foi sufocado, segundo o governo afirma, o movimento em que eu tantas esperanças depositava para a restauração da República na nossa querida terra, República que um bando de idiotas arrancou num momento de indecisão das mãos de quem a conservava tal como devia ser. Tenho andado arreliado com a má nova [...] tudo caído por um mal organizado plano ou por uma precipitação. Melhores dias virão porque fomos vencidos mas não esmagados” (sublinhado nosso). Estas asseverações, por outro lado, não deixam de confirmar a linha ideológica constante, *grosso modo*, em toda a trajetória guisadiana.

Alfredo Guisado, membro na altura da Liga da Mocidade Republicana³⁸⁷, vai sucessivamente ocupando posições no campo político e como tal começa a ser reconhecido no espaço público lisboeta; ele próprio, segundo os comentários que vai fazendo à namorada, parece assistir com agrado à exposição pública que as novas responsabilidades políticas implicam³⁸⁸. Segundo a informação manejada, desde a Junta de Freguesia dos Restauradores passaria depois a ser o Presidente do Conselho-Geral das Juntas de Freguesia de Lisboa e, mais à frente, da Federação das Juntas de Freguesia

³⁸⁷ Entre os artigos de jornal remetidos na carta anteriormente citada, figura uma entrevista d'A *Republica* (provavelmente de 3/09/1919) em que A. Guisado dá a sua versão acerca dos acontecimentos que lhe valeram a *primeira vitória política* (sublinhados nossos):

Encontrámos ontem, de tarde, o nosso amigo snr. Alfredo Pedro Guizado, quintanista de Direito e um dos denodados rapazes da Liga da Mocidade Republicana, que ocupa nessa Junta o cargo de vice-presidente. Talentoso, ponderado, modesto, não tem duvida em fornecer-nos curiosas informações.

- A Junta a que pertenço [...] soube da precipitada deliberação da Comissão Executiva da Camara no domingo passado, e imediatamente reuniu e deliberou enviar a essa comissão o officio que já foi dado á publicidade e que encontrou um eco retumbante na opinião publica. Fizemos, é claro, as *démarches* para se evitar tal atentado. Fomos informados de que o desejo da Comissão Executiva era modificar totalmente a praça do Rocio, mas que o engenheiro snr. Diogo Peres lhe mostrára a impossibilidade de realizar tal obra, atendendo á falta de materiais. E então, provisoriamente, fôra resolvido abrir uma rua que atravessasse a placa central da referida praça e ligasse a calçada do Carmo com a rua do Amparo. No dia seguinte a Junta dos Restauradores reuniu novamente e apreciou o officio-resposta da Comissão Executiva, que será presente á reunião das juntas de paróquia de Lisboa. Nesse officio é conveniente frizar o periodo final: - 'Reflectindo atentamente e sem influencias de especie alguma, permitam-me a franqueza de declarar que foi um tanto precipitada'. Quere dizer: o snr. Cesar dos Santos, pelo snr. Presidente, acusava-nos de precipitados e eles, membros da Comissão Executiva, que haviam resolvido de afogadilho, sem prévia consulta do Senado Municipal, levar a cabo aquela *beleza de obra*, eram as mais sensatas e ponderadas criaturas...

Muito provavelmente é a partir destas polémicas à volta das obras na praça do Rossio que A. Guisado estabelece uma duradoura relação com a Associação dos Arqueólogos Portugueses ("sócio efectivo", desde 1922, segundo, p. ex., Maia 1979: s.v. "Guisado (Alfredo Pedro)"). Em carta à namorada (a 6/09/1919) dizia: "Hoje recebi um convite da Associação dos Arqueólogos. Fui lá e a direcção agradeceu-me a minha defesa do Rocio e a atitude que tomara"; junto envia dois artigos de imprensa relativos à sua presença em dita Associação.

³⁸⁸ Assim por exemplo, envia à namorada (a 12/09/1919) carta sua publicada n'O *Mundo* (12/09/1919?) acerca de um diferendo, aparentemente, entre republicanos, da qual transcrevemos um excerto:

Do nosso amigo e correligionario sr. dr. [sic.] Alfredo Pedro Guizado recebemos a seguinte carta:

[...] Meu caro José do Vale – Conhece-me você de ha muito como velho republicano e creio que me não julga capaz de acamaradar com arruaceiros de qualquer especie. 'O Mundo' porém, tem deixado passar insinuações que se levantam contra a Junta dos Restauradores, da qual eu faço parte, e que é constituída por leais republicanos e bons patriotas, sem o mais leve protesto. Essa atitude do seu jornal tem-nos magoado deveras.

O *Mundo*, na mesma página, acrescenta:

Ao nosso amigo e seus colegas, também nossos presados correligionarios, devemos esclarecer que não temos nenhum proposito de atingir a Junta dos Restauradores ou qualquer outra. Temos publicado as noticias que nos enviam, pró e contra a questão do Rocio, sem nenhum proposito reservado, antes desejando-nos manter absolutamente neutros. Muito menos poderíamos ter o proposito de melindrar o nosso amigo.

N'A *Democracia* (subintitulado "Diário do Partido Republicano Português"), já citado anteriormente, aparecem recolhidas várias intervenções de Alfredo Guisado em comícios eleitorais, destacando em vários números palavras do autor, como "O passado do nosso Partido fala pelo futuro" (A *Democracia*, 1/6/1921, p. 1).

de Portugal; foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa e ocupou também o cargo de vice-presidente Câmara de Lisboa (cfr., entre outros, Camelo 1996: 8)³⁸⁹; entre 1922 e inícios de 1923, exerceu de Governador Civil substituto de Lisboa³⁹⁰.

Os diferentes cargos políticos que ostenta, bem como, desde finais de 1920, o facto de passar a usufruir os capitais simbólicos associados à profissão de advogado e, portanto, ao título de *Doutor*³⁹¹, outorgam-lhe uma relevância social apreciável nas solicitações de membros do enclave ou dos agraristas e galeguistas metropolitanos (cfr. *infra*), mas também, entendemos, no crescente número de *favores* que realiza, segundo a correspondência com Maria Guilhermina Guisado. Assim, por exemplo, em carta a esta (2/07/1921) dizia: “Dize à madrinha que voltei ao Ministerio do Trabalho, falei com o Chefe do Gabinete e por êle me foi dito que estivesse certo de que seria concedido o subsidio à Junta de Freguesia de S. Miguel, dentro de alguns dias. Veremos”³⁹². A Alfredo Guisado, segundo a correspondência citada, chegavam pedidos de variado tipo, também acerca da aquisição de alimentos para o qual o negócio familiar seria, muito provavelmente, altamente prestável; igualmente, solicitações de empregos ou outros com origem na terra familiar da esposa, a tal ponto que chega a queixar-se (a 4/07/1923): “Os de Poiares roubam-me um tempo precioso. Hoje foi quási todo o dia e assim sempre. Chegam a cansar. O marinheiro dos Moinhos, foi ontem à Junta e saiu

³⁸⁹ Segundo José António Fernandes Camelo (1996: 8):

[Como] Vereador da Camara M. de Lisboa com o pelouro dos cemitérios, parques e jardins desenvolveu uma acção de grande mérito ao acabar com a degradação, com o espectáculo intolerável dos cemitérios de Lisboa e deu também aos jardins e as ruas da cidade o nome de poetas. De sua iniciativa foram também o monumento ao poeta Ribeiro Chiado, o mausoléu-monumento de Gomes Leal e o forno crematório do Cemitério do Alto de S. João. Salvou da vala comum os restos mortais de Gomes Leal, Rosa Araújo, Miguel Bombarda, Magalhães Coutinho e Cândido dos Reis” (cfr. Esteves 1991: 215).

Fernandes Camelo (1996: 8) aponta ainda que pertenceu à Sociedade de Geografia e à Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Comércio, o qual, muito provavelmente, está relacionado com a natureza dos negócios familiares.

³⁹⁰ Na *História do Governo Civil de Lisboa*, apenas é indicado o ato administrativo que exonera Alfredo Guisado do cargo a 19/01/1923 (Tengarrinha 2002: 249), não se informando da tomada de posse; todavia, o mais provável é que o início da atividade como Governador Civil Substituto coincida com a tomada de posse do, na altura, Governador Civil, Viriato Sertório dos Santos Lobo a 9/02/1922 (*id.*: 38).

³⁹¹ Pouco antes de se formar, A. Guisado referia à namorada em carta o seu futuro escritório (a 10/07/1920): “Vejo-me já no meu escritorio de advogado, a porta entreabrir-se e um empregado anunciar: - ‘Snr. Dr., sua esposa deseja falar-lhe’”. Antes de ser advogado *de iure*, parece mesmo que já *advogava*, segundo se desprende de uma das cartas (a 3/09/1920):

Lembras-te daquelas duas mulheres, mãe e filha, que quando tu ainda estavas em Lisboa, eu fui defender no Tribunal? O marido duma e pai da outra, mandou-me ontem de presente um interessante tinteiro que julgo ser de prata e que hoje lhe não devia ter custado muito pouco, acompanhado dum bilhete em que agradecia muitíssimo a defesa que fizera de sua mulher e de sua filha. Vou guardá-lo com religioso cuidado, não pelo valor que êle possa representar, mas por ter sido a primeira coisa que me deram na minha vida de advogado.

³⁹² Esta carta (e outras) foi enviada em envelope do “Conselho Central das Juntas de Freguezia de Lisboa”.

livre de todo o serviço, segundo mo comunicaram pelo telefone”. Apesar de não termos dados neste sentido, parece de todo lógico entender a *utilidade* do *Dr. Guisado* também para os *Lisboanos*.

Politicamente, Alfredo Guisado atinge a posição de maior relevância no período em análise nesta Tese em 1925, aquando da sua eleição, pelo círculo eleitoral de Lisboa Oriental, como deputado à Assembleia da República (08/11/1925-31/05/1926)³⁹³. Nas cartas à esposa, o *Dr. Guisado* vai dando notícias dos passos até ser eleito candidato às citadas eleições; assim, por exemplo, refere a 2/10/1925:

As eleições roubam muito tempo. Ontem não pudemos ser atendidos pelo Directorio. Marcaram para Terça feira, às 4 horas da tarde, conferência importantíssima, para a escolha de candidatos. Não imaginas como é preciso estar aqui, ao pé desta gente, é que nem todos são aquilo que parecem. Fingem-se amigos e fazem a sua partida depois. Por isso, meu Amor quási que não posso abandonar isto, sem perigo de ficar vencido.

Da leitura das missivas transparece o firmado interesse do democrático Guisado por se eleger e continuar a fazer carreira política; para isso trabalha, também, sendo objeto de atos de reconhecimento, segundo refere numa das cartas (a 11/10/1925):

Escrevo-te depois da minha festa que foi, realmente, impressionante. Ofereceram-me um retrato e uma pasta com uma mensagem. Muita gente. Presidiu o Dr. Magalhães Lima, falaram vários oradores, entre eles, em nome do Governo, o Ministro da Instrução. Teus irmãos estiveram lá também. Nunca apanhei tantos abraços nos dias da minha vida [...] Agora fala-se na homenagem das Juntas, mas para essa ocasião já tu estarás em Lisboa.

É esta altura, na nossa análise, o momento de maior **notoriedade pública** de Alfredo Guisado³⁹⁴ sendo, presumivelmente, superior à de qualquer outro membro do enclave (ou descendente) galego de Lisboa até a data; supõe para o produtor em foco,

³⁹³ Na Assembleia da República, segundo informação remetida gentilmente pela Directora do Arquivo Histórico Parlamentar (AHP), Manuela Magalhães, pertenceu à Comissão Parlamentar de Administração Pública, conforme consta do AHP.

³⁹⁴ Um indício indireto desta notoriedade e consequência evidente dos vários *favores* que vinha realizando consta da carta que lhe escreve M. G. Guisado por estas datas desde a sua terra natal (a 13/09/1925):

Não calculas as galinhas e frangos que já tenho. O Manoel trouxe uma galinha, dois frangos 5 litros de azeite um melão e uma dúzia de ovos. Eu dei 2000 à irmã mais velha que trazia a custas, fiz bem? [...] A mãe daquele rapaz polícia por quem meu pai te pediu trouxe 1 galinha e dois frangos [...] Quando vieres se continua o que ha-de ser. A linhares 2 frangos grandes feijão encarnado, branco e frade e muitas cebolas. A Julia (irmã) mulher do José da Silva 1 frangão, meia dúzia de ovos pimentos feijão encarnado e cebolas. Do Feiteira que veio com a mulher 1 galinha 1 linda e grande coelha 1 dúzia de ovos 5 litros de azeite e batatas.

com certeza, a possibilidade de ampliar a sua rede de relações no meio lisboeta e/ou português. O golpe de estado de 28 de maio de 1926 irá, não obstante, significar, como já expusemos, uma mudança do maior relevo pelo menos quanto à sua posição no campo político: de democrático em progressiva ascensão passa a integrar as filas da oposição (tolerada). Cabe destacar, por outro lado, que à instauração do regime autoritário, alguns anos depois Estado Novo, não se correspondeu um distanciamento de Alfredo Guisado a respeito dos grupos políticos aos quais estava vinculado até a altura; antes pelo contrário, todo parece indicar que o republicanismo de signo democrático estaria bem firmado no produtor em foco e em função dele é que intervém nos anos e décadas a seguir³⁹⁵. Indício forte da posição que passa a ocupar politicamente após o golpe de estado, já referido neste trabalho, é o facto de ver-se envolvido nos “Preparativos para uma revolta”, como intitulava *O Século* em 1928:

Do gabinete da Presidência do Ministerio recebemos a seguinte nota oficiosa.

Na reunião realizada entre o chefe do Governo e os titulares das pastas da Guerra e Marinha, comandantes da G.N.R. e da Policia e os governadores militar e civil de Lisboa, o sr. tenente-coronel Pestana Lopes expôs as diligencias policiais empregadas para inutilizar a organização por celulas para uma tentativa revolucionaria que se estava organizando.

A Policia prendeu, esta madrugada, como principais elementos organizadores do movimento, os srs. Antonio Maria da Silva e drs. *Alfredo Guisado* e Godinho Cabral. (*O Século*, 16/06/1928, p. 1; itálicos nossos)³⁹⁶.

³⁹⁵ Caberia hipotetizar os eventuais benefícios associados a este *republicanismo leal* que poderia ter usufruído no futuro e, por outra parte, como já apontámos, o facto de a ventura dos negócios familiares lhe terem permitido até a altura (e em épocas posteriores) uma vida economicamente desafogada. Este *republicanismo leal* parece despontar na receção que lhe brinda o *República* em 1954 quando o produtor em foco passa a ser diretor-adjunto (1954-1972) do mesmo:

Possuidor de um nome feito na *persistente devoção* com que já ao *longo de muitos anos* tem servido a causa da Pátria e da Republica, *antigo e desinteressado* colaborador deste jornal [...]

Brilhantíssimo espírito de escritor e de poeta primoroso, Alfredo Guisado marcou, também, na vida nacional, lugar de evidente relevo, principalmente pela notável obra que realizou como *vereador da Camara Municipal de Lisboa* e como *antigo deputado da Nação*.

E serviu sempre o País e a Republica com o mais *fervoroso patriotismo* e a maior isenção. Pois é o seu brilhante espírito, o seu *desinteresse*, o seu *patriotismo* e a sua *inabalável fé* nas instituições democráticas que mais próxima e permanentemente passaremos a ter junto de nós, nesta fogueira intensa de jornalismo político, que tão rapidamente nos gasta e queima (*República*, 3/04/1954, p. 1; itálicos nossos).

³⁹⁶ *El Pueblo Gallego* (17/06/1928, p. 1), através do madrileno *ABC*, também se fazia eco:

Por una fidedigna referencia que recibimos anoche, sabemos que el presidente del Consejo de ministro português ha entregado una nota a la Prensa de Lisboa diciendo que en una reunión celebrada por el jefe del Gobierno, los ministros de Guerra y Marina, los comandantes de la Guardia republicana y la policia y los gobernadores militar y civil de Lisboa, fueron entregadas las diligencias practicadas para hacer fracasar la organización por célula de una tentativa de revolución.

Em função dos dados à nossa disposição (cfr. Anexos, IV), Alfredo Guisado passaria uma noite na prisão e depois seria libertado; no interrogatório teria reconhecido formar parte dos quadros do Partido Republicano Português sem, no entanto, ter participado em quaisquer movimentos revolucionários. O incidente, sem aparentemente maiores consequências materiais ou físicas, encena nitidamente, porém, a posição à que agora estava confinado o produtor em foco no campo político português.

A progressiva vinculação guisadiana ao Partido Republicano que temos descrito e analisado coloca ainda outra questão em virtude da estreita relação entre o republicanismo e a maçonaria (Ramos 1994: 412 e ss.). Os dados encontrados neste sentido apontam para um Alfredo Guisado republicano e maçã: (i) num dos relatórios policiais já citado (cfr. Anexos, V) figura “[c]onsta que assumiu o cargo de ‘Grão Mestre’ da maçonaria” (com data de 24/02/1944); (ii) José Freire Antunes situa Alfredo Guisado no grupo de jornalistas que em 1935 pertenceriam ao Grande Oriente Lusitano (Antunes 2003: 469)³⁹⁷. Em função dos objetivos desta Tese (assim como do secretismo que professa, em geral, a maçonaria), a eventual maçonaria guisadiana apenas viria a confirmar a ativa oposição de signo republicano que a sua trajetória mostra até quase o seu falecimento.

Por último cabe destacar os indícios que apontam para um distanciamento a respeito da antiga rede de relações com origem no Liceu do Carmo e da qual emergiria o Grupo do *Orpheu*. Se até finais da década de 10, verificamos a vigência desta rede (cfr. também *infra*), durante a década de 20, o *Dr. Guisado*, casado e empenhado politicamente, parece distanciar-se das amizades de outrora. A sua relação com António Ferro exemplifica, entendemos, estas mudanças na natureza das suas ligações. Se, como vimos, até 1919 a relação entre os dois era de estreita amizade, desde os primeiros anos da década de 20 esta ligação parece transitar para a cordialidade e, mais à frente, para uma, por ventura, rutura³⁹⁸. Das 13 cartas conservadas no espólio de António Ferro,

De madrugada fueron detenidos los principales jefes del movimiento Antonio Maria de Silva, ex presidente del Consejo; y los diputados demócratas, doctores Alfredo Guisado y Godino Cabral.

³⁹⁷ O sobrinho António Guisado, porém, numa das entrevistas realizadas foi bastante categórico: “Nunca foi maçã e dizia ele ‘Nunca hei-de pertencer a uma associação secreta’” mas, no entanto, “Tinha muitos amigos maçãs...” (António Lago Guisado a CPJ)

³⁹⁸ Questionado sobre este assunto, o sobrinho, António Guisado, referiu: “tenho a impressão que o relacionamento com o António Ferro nom era muito bom”; “O Alfredo Guisado dizia sempre que o António Ferro não fazia parte do *Orpheu*... era uma cousa que dizia sempre”; e “eles não se davam bem” (António Lago Guisado a CPJ).

custodiado pela Fundação António Quadros, apenas figuram 11 com data anterior a 1919; as duas últimas de 1921 e 1929, não tratam, elucidativamente, temas pessoais³⁹⁹. Destas duas, a derradeira põe de manifesto diferenças de ordem política que até então não tinham ficado registadas na correspondência; nesta extensa carta (a 8/05/1929), Alfredo Guisado escreve comentando um artigo do *Diário de Notícias* onde António Ferro tinha sido entrevistado:

li-o com tanta mais atenção quanto é certo que o autor do referido inquérito afirmava ter-te escolhido e muito bem como representante, com embaixador —é o termo— da moderna geração. Gostei das tuas respostas. Sinceramente : -gostei. Não quero, porém, deixar de me referir em especial a umas afirmações que fazes sobre o individualismo em que há um grande equívoco da tua parte. Quando dizes que o governo social é uma criação do indivíduo, devias ter dito exactamente o contrario, isto é, que o indivíduo é apenas a criação dum determinado grupo social e então ficaria certo.⁴⁰⁰

O diferendo parece radicar no papel que o futuro homem forte do Secretariado Nacional de Propaganda atribui aos regimes autoritários:

nos nossos dias, figuras há de ditadores mais ou menos violentos, mais ou menos inteligentes, mais ou menos preparados para a função⁴⁰¹ que os levaram a exercer que em todas as obras que executam, em todos os actos que praticam põem logo estas palavras quasi obrigatorias, ao explicarem a acção desenvolvida: - ‘a meu lado está a opinião pública’, ou ‘conto com a maioria da Nação’, ou ainda ‘o país ordenou-me que faça assim’. Esta ‘opinião publica’, esta ‘Nação’, êste ‘país’ que outra coisa pode ser mais do que o tal grupo social a que te referes na tua resposta ao inquérito literario? Quem deles é, portanto, mais forte? (sublinhado no original).

³⁹⁹ Somos conscientes, em todo o caso, da parcialidade deste espólio no relativo à correspondência entre A. Guisado e A. Ferro e, portanto, do seu valor apenas indicativo, nunca definitivo; com certeza, o número de cartas trocadas entre ambos foi bem superior. Também com valor apenas indicativo, por outra parte, até 1919, são bastante frequentes as alusões a A. Ferro na correspondência entre A. Guisado e M. G. Ferreira; depois desta data, simplesmente não aparece nunca mais mencionado.

⁴⁰⁰ Não reproduzimos esta carta (e as restantes) por inteiro por o acordo a que chegámos com a Fundação António Quadros não contemplar esta possibilidade.

⁴⁰¹ Alfredo Guisado refere explicitamente Mussolini: “Sem o indivíduo o mesmo grupo social vive, domina e consegue o que pretende. Nunca o indivíduo pode de modo algum erguer-se mais alto do que a Nação. A Italia é sempre mais alta do que Mussolini [...] Por mais que se ponha nos bicos dos pés, a torre da igreja do seu país fica mais alta do que êle”.

Alfredo Guisado contradiz diretamente o alegado apoio do seu (outro) amigo relativamente às ditaduras e, por seu turno, parece fazer uma defesa do “parlamentarismo”, no seio do qual ele tinha feito breve carreira política:

Dizes ainda que estamos vivendo a hora dos ditadores. Puro engano. Algumas nações é que decidiram experimentar a ditadura. Se os homens que a exercem não servirem deita-os fora e esquece-os [...] Nós não vivemos a hora das ditaduras. Experimentamos a ciência, a acção, a inteligência das ditaduras para depois a podermos ou não aproveitar. A luta contra o parlamentarismo não é mais afinal do que um argumento a juntar ao que afirmo!

O desencontro ideológico, talvez também pessoal, parece evidente. Repare-se, por outra parte, como em 1929 a crescente notoriedade de António Ferro (no quadro relacional luso-espanhol inclusive) será alvo de contestação aquando da organização da Semana Portuguesa na Galiza (cfr. *infra*): nesse mesmo mês de maio (e antes), grupos republicanos (desde a *Seara Nova* sobretudo) põem em questão não tanto a organização da citada Semana, como os organizadores da mesma, sendo A. Ferro o visado principal; os galeguistas metropolitanos também se distanciam e Alfredo Guisado deixa de colaborar na preparação do evento. Em função do descrito até aqui, a rede social lisboeta do produtor em foco parece estar condicionada pela sua posição no campo político até o ponto de, a partir de maio de 1926, pôr em causa antigas amizades; por outras palavras: a sua rede evolui em virtude da lealdade republicana (em elaboração desde os inícios da década de 10), mais central a cada passo na trajetória guisadiana.

5.4.1.2. Do agrarismo ao galeguismo

Paralelamente a este percurso, a partir de 1916, segundo os dados obtidos através de *El Tea*, a implicação agrarista de Alfredo Guisado realiza-se sobretudo na terra de origem familiar, onde vai desempenhar vários cargos nas incipientes organizações agraristas, apesar da distância e dos estudos de Direito iniciados em 1915. Segundo *El Tea* (15/10/1916), forma parte da direção da Sociedad de Agricultores de Pias, em cujo terceiro aniversário, em 1916, Alfredo Guisado participa⁴⁰², conforme o decenário agrarista:

⁴⁰² Em carta à namorada (a 23/09/1916), recém chegado da Galiza, A. Guisado informava que tinha de voltar lá na semana seguinte pois “[o] meu pai, como o meu cunhado ainda se não pode levantar pediu-me que eu fosse passar mais uns dias com eles para os ajudar nas vindimas”. Quase dois meses antes, A.

Habla en portugués tan puro y con tal elegancia y facilidad que su discurso improvisado parecía una poesía admirablemente compuesta [...] Dedica un recuerdo a los padres del regionalismo literario gallego Rosalía y Curros ya al referirse a la obra social confesó que los esfuerzos por ellos hecho encontró un gran ambiente (*El Tea*, 29/10/1916).

Entre 1917 e inícios de 1918, é “inspector” da Cooperativa Agrícola de Ponte Arêas (*El Tea*, 7/09/1917 e 8/02/1918); em 1917, como já apontámos, Alfredo Guisado foi multado pelas autoridades espanholas. Mais à frente, em abril de 1918, assina um artigo em *El Tea*, de elogio a um membro da Sociedad de Agricultores de Pias falecido, em qualidade de Presidente desta⁴⁰³. A partir desta data, as notícias relativas ao agrarismo guisadiano são pouco e pouco mais escassas: em 1921, é eleito “inspector” da Cooperativa Agrícola da Federación Agraria (de Ponte Arêas?) (*El Tea*, 13/03/1921) e, no ano seguinte, é nomeado Presidente Honorario da Sociedad de Pias (*El Tea*, 23/09/1921); dois anos mais tarde, a mesma Sociedad vai homenagear o pai, António Venâncio Guisado (*El Tea*, 14/09/1924)⁴⁰⁴. Deste modo, vemos como (i) Alfredo

Guisado tinha passado uns dias com a família em Pias, como referia em carta a Maria Guilhermina Ferreira (a 5/08/1916):

Ontem fui até Vigo, cidade que daqui dista 25 Kilómetros, onde tive de ir para me apresentar no consulado de Portugal conforme a lei ordena. Saí de casa às 7 horas da manhã, aproveitando a diligência até à mais proxima estação de caminho de ferro que por sinal é bastante longe e ali tomei o comboio que me conduziu a Vigo [...] durante o caminho ia vendo aqui e ali o encanto desta paisagem e os costumes desta região. Enquanto esperava o comboio, que demorava mais duma hora, dei um passeio pelas imediações da estação e numa eira duma pobre casa de campo pude ver uma malha. É sempre interessante ver uma malha, por isso me conservei alguns momentos a vê-la. Depois voltei à estação e cheguei por fim à cidade, onde me encontrei com aquela vida de todas as cidades, aquela vida monótona e febril [...] Amanhã é dia de romaria aqui, na aldeia. Os S.S. Nomes de Jesus [?], festa numa capela que branqueja no cimo dum outeiro, onde se fazem muitas promessas. Não sei se lá irei, se fôr, eu depois mando dizer ao meu Amorzinho.

⁴⁰³ Nas palavras que A. Guisado dedica ao agrarista falecido, evidencia-se o papel principal que aquele desempenhou na criação da Sociedad de Pias:

Cuando se fundó la Sociedad de agricultores de Pías, para la cual también contribuí con mi modesto trabajo tuve ocasión de conocer de cerca y de convivir íntimamente con el señor José Rodríguez Carballo [...] Contribuyó con todo su esfuerzo para la fundación de la Sociedad y cuando yo tuve que retirarme para Lisboa y él se hizo cargo de la Presidencia de la colectividad, ejerció el cargo con una competencia e imparcialidad tan grades que dejó en cada compañero un verdadero amigo (*El Tea*, 3/4/1918).

⁴⁰⁴ Descrevia assim *El Pueblo Gallego* (27/09/1924, p. 8) o ato de homenagem:

En la sala de sesiones de la Sociedad tuvo lugar el solemne acto del descubrimiento de una fotografía de su fundador y socio protector, D. Antonio Venancio Guisado, merecido tributo de admiración y cariño que esta Sociedad, al conmemorar la fecha de su fundación, rinde al honrado ciudadano Ser. Guisado. Hacen uso de la palabra los señores delegados gubernativo y Ramiro Vidal Carrera.

La hermosa banda del Balneario entona el Himno a Galicia, que es escuchado por la muchedumbre con respeto y verdadera admiración.

Guisado (a família Guisado, em geral) vai ocupando progressivamente uma posição mais testemunhal no agrarismo metropolitano ao mesmo tempo que (ii) os grupos agraristas do Condado reconhecem aos Guisado o seu labor filantrópico assim como a crescente visibilidade social e política do produtor em foco (cfr. *infra*), como patenteia o equívoco de *El Tea* aquando de uma homenagem tributada ao *caudillo* agrarista Amado Garra em 1922⁴⁰⁵; dizia *El Tea* (13/04/1923) no posterior desmentido:

El notable publicista y amigo nuestro, D. Alfredo Pedro Guisado, nos ha escrito una carta pidiéndonos que rectifiquemos los conceptos que aparecieron en ELTEA del número pasado al reseñar su personalidad con la publicación de su retrato. Dice el insigne abogado que él no es diplomático, ni jefe de ningún partido en Portugal, ni nunca lo podría ser porque para eso no tiene la competencia precisa; que solo es un soldado humilde de uno de los dos partidos políticos de la república lusitana. No lo dice, pero parece entreverse que quiere decir que *apenas se llama Pedro*.

Nosotros, los que conocemos a D. Alfredo Pedro Guisado, y como nosotros, todos cuantos saben lo que vale éste, por más modesta que quiera que aparezca la personalidad del vate amigo, cada vez le admiramos más por su grandeza de alma y por su amor indeleble a nuestra tierra. Siendo o no siendo todo eso que dijimos (itálicos no original; sublinhados nossos).

Por outro lado, até 1919, não temos dados ou indícios relevantes acerca do envolvimento de Alfredo Guisado na vida do enclave lisboeta; apenas temos notícia da sua participação em Juventud de Galicia com motivo do ato de homenagem a um *lisboano* falecido: “fué leída una elocuente carta del culto estudiante de Derecho y poeta don Alfredo Pedro Guisado” (*El Tea*, 3/06/1918)⁴⁰⁶.

Em *La Temporada* (21/09/1924, p. 3), por seu turno, destacavam uns dias antes a respeito de A. Venâncio Guisado: “modelo de perseverantes e inteligentes luchadores por la libertad y engrandecimiento del agro”.

⁴⁰⁵ Na atenção dedicada à homenagem a Amado Garra, em que uma comissão (da qual faz parte A. Guisado) lhe impõe as “insignias de Oficial de la Orden Militar de Cris[to]” de Portugal, *El Tea* (3/08/1922) tinha apresentado A. Guisado, com fotografia, como chefe do partido republicano e diplomata. Por meio da carta que a sua esposa, Maria Guilhermina, envia a 8/09/1922 a Pias, entendemos que A. Guisado participa fisicamente na homenagem: “Como encontráste a mamã, papá, Antonio e todos mais? Para todos abraços meus e beijos da Palmirinha [a filha]. Já foi a entrega das insignias? Como decorreu o banquete?” (sublinhados nossos).

⁴⁰⁶ *El Tea* afirmava ser Lorenzo Varela Cid o falecido; em função da informação manejada, é de todo impossível tratar-se da morte deste destacado *Lisboano*, membro fundador de Juventud de Galicia (cfr. *infra*); o equívoco talvez se explique por este ter um irmão de nome Antón ou Antonio (?).

5.4.1.2.1. Alfredo Guisado agente do galeguismo metropolitano (1919-1922)

O cada vez mais testemunhal envolvimento guisadiano com o agrarismo coincide, *grosso modo*, com a sua crescente aproximação ao galeguismo, que se vai manifestar em Lisboa, fundamentalmente. A sua vinculação ao galeguismo acontece igualmente num período (até 1926) em que se notabiliza no campo político português (cfr. *supra*).

A maior capacidade dos galeguistas metropolitanos, interessados no contacto português, como vimos, vai efetivar-se no enclave galego de Lisboa a partir de 1919. Alfredo Guisado, que até a altura se tinha significado como agrarista com notórias *tendências* regionalistas, logo se associa à primeira iniciativa de agentes filo-galeguistas no enclave lisboeta de que temos conhecimento, acompanhando desde os seus inícios a difusão do programa político e cultural dos nacionalistas em Lisboa, dentro e fora das margens do enclave. Lembre-se a este respeito, que para o produtor em foco, bem como, em geral, para os membros de enclave, as tomadas de posição dos galeguistas metropolitanos seriam na altura relativamente próximas e/ou conhecidas (não só, mas também) se tivermos em conta o inequívoco labor galeguista da família Peinador de Mondariz. Em nosso entender, é esta via de contacto inicial de Alfredo Guisado com o regionalismo, primeiro, e o nacionalismo, depois.

Em 1919, Juventud de Galicia é o palco das primeiras iniciativas em sintonia com os galeguistas metropolitanos. Alfredo Guisado forma parte da “Comissão de Propaganda de Autonomia Regional da Galiza”, que, segundo *O Século* (“Autonomia da Galiza”, 30/03/1919, p. 2), expõe o seu programa na mais importante organização do enclave galego de Lisboa. Da reunião em Juventud de Galicia sairá uma convocatória para um jantar de homenagem a Claudio Villanueva, Presidente desta organização do enclave e da Comissão de Propaganda citada; segundo o correspondente de *El Tea* (23/04/1919, p. 2) em Lisboa, Alfredo Guisado participa ativamente no ato:

el culto e inteligente quintanista de derecho D. Alfredo Pedro Guisado, quien conmovidamente y con la elocuencia que posee, dijo hablar una alma gallega por labios de un portugués, puesto que, si bien su naturalidad es lusitana, fue concebido y arrullado por seres genuinamente gallegos.

Nesta altura, Alfredo Guisado participa, junto com outros *Lisboanos*, na Comissão que tem por objeto a fundação do “Banco Galicia-Portugal” desde Juventud

de Galicia (*O Século*, 14/04/1919, p. 2)⁴⁰⁷. Desde abril de 1919, colabora igualmente na subscrição que alguns *Lisboanos* abrem para apoiar os mutilados de guerra portugueses na Grande Guerra⁴⁰⁸, obtendo uma ampla visibilidade nos jornais da altura aquando da entrega do dinheiro ao Presidente da República, como mostram os artigos que (com indisfarçável orgulho⁴⁰⁹) envia à namorada em carta a 1/08/1919; num dos artigos, n’*A Capital* (com data de 30/07/1919), sob a manchete “Para os mutilados da guerra. Um acto de filantropia da colónia galaica de Lisboa”, os *Lisboanos* (com destaque para o produtor em foco) conseguem atrair a atenção na direção, entendemos, desejada:

O venerando presidente da Republica recebeu, como já ontem noticiámos, na cidadela de Cascais os srs. Lourenço Varela Cid, Agapito Serra Fernandes e dr. Alfredo Pedro Guizado, que em nome da colónia galaica lhe foram entregar a avultada quantia de 4.041 escudos com que a mesma colónia se dignou contribuir para a obra de assistencia aos mutilados da guerra. A comissão foi acompanhada pelo sr. dr. José Pontes que tomara o encargo de fazer a devida apresentação, procedendo em seguida o sr. Pedro Guizado á leitura da seguinte mensagem:

‘Excelencia: - Regressando triunfane duma ensanguentada jornada como foi a guerra que acaba de findar, Portugal, o heroico país das descobertas e das conquistas, o país que tem todo um passado de grandeza, trouxe alguns dos seus filhos que tão valentemente defenderam o nome da sua Patria nos campos da batalha, mutilados, impossibilitados de poderem ganhar a sua vida eles que souberam ganhar a sua gloria.

Logo se ergueram como sempre sabem erguer-se, os corações portugueses, para os auxiliar. A colonia galega que vive nesta paiz que tão hospitaleiro para ela tem sido, não se esqueceu tambem dos seu dever.

E é a v. ex.^a, snr. Presidente, como o mais alto magistrado da nação, que confia o pequeno obolo a eles destinado, e lhe pede muito respeitosamente, que o aceite como prova de amisade sincera que a liga ao paiz em que vive e do desejo que anima de ver a bandeira de Portugal tremulando sempre tão alto como as mais altas tremulam nos mastros

⁴⁰⁷ O projeto de criação de uma organização financeira (existente noutros enclaves galegos de América), segundo a informação manejada, não chegou a calhar. Alfredo Guisado (provavelmente também o pai) parece estar bem envolvido no projeto; em carta à namorada (a 13/06/1919) refere “[q]uando saía da estação e me dirigia para a tal *reunião àcerca do Banco*, como te tinha falado” (itálicos nossos).

⁴⁰⁸ Para justificar atrasos ou ausências perante a namorada, alude à subscrição da colónia em várias cartas: “a maçada da subscrição para os mutilados” (26/04/1919), “[e]nquanto ao parar menos nos últimos dias, foi devido a esta subscrição que me tira um tempo infinito e me faz gastar e ao companheiro que comigo anda sempre, um par de botas por semana” (28/04/1919) ou “[a]final lá fomos ao Dafundo na inacabável cruzada dos mutilados” (28/05/1919).

⁴⁰⁹ Escreve A. Guisado a M. G. Ferreira (a 29/07/1919): “Fui hoje a Cascais com os restantes membros da Comissão dos mutilados entregar ao Snr. Presidente da República o dinheiro. Demoramos pouco, o suficiente apenas para sermos recebidos, audiência que já estava marcada pelo Presidente. Eu li uma mensagem que amanhã será publicada nos jornais, mensagem feita por mim”.

victoriosos da contenda. – A comissão Lourenço Varela Cid, Agapito Serra Fernandes, Ermindo Augsto Alvarez, Ramiro Vidal Carreira e Alfredo Pedro Guisado.’

O sr. almirante Canto e Castro agradeceu comovidamente a generosa oferta em nome dos mutilados a quem via aproveitar.

O dinheiro vai ser entregue ao ministro da guerra que a seu turno lhe dará o devido destino (sublinhados nossos).

Nesse mesmo ano de 1919, a realização de várias conferências organizadas pela citada Comissão Pró-Autonomia (assim designada nas páginas de *El Tea*) no seio de Juventud de Galicia encena de alguma forma o avanço dos grupos do enclave filonacionalistas. Conforme *O Século* (4/05/1919, p. 4), as conferências realizadas são: “La colónia galega y el problema de autonomia de Galicia”, a cargo de Alejo Carrera⁴¹⁰, e “Alma galega”, de Ramiro Vidal Carrera⁴¹¹; Alfredo Guisado figura com um dos conferencistas, “Literatura Gallega” seria o título da palestra, segundo *El Tea* (13/06/1919, p. 2)⁴¹². No mesmo número da publicação agrarista aparece a primeira notícia de *Xente d’a Aldea* (cfr. *infra*); dá a conhecer o futuro poemário guisadiano também nesta altura *A Nosa Terra*, muito provavelmente graças a Castelao, autor do desenho da capa com data de 1919 (cfr. Anexos, XXXV)⁴¹³; dizia o porta-voz dos galeguistas (*A Nosa Terra*, 25/09/1919, p. 2; sublinhados nossos):

Do libro “Xente da Aldea” proisimo a publicare-se en Lisboa, e que levará unha portada do xenial caricaturista gallego Castelao.

⁴¹⁰ Nesse verão, A. Guisado seria convidado ao casamento de Alejo Carrera (a 31/07/1919; cfr. Márquez 2002: 126), mas não comparece, segundo se desprende da correspondência com Maria Guilhermina. Poucos dias depois, escreve a namorada (a 3/08/1918): “Li no Notícias o casamento do Carrera; parece que foi chic.”

⁴¹¹ Com Ramiro Vidal Carrera, os Guisado, A. Guisado em particular, deveu ter uma relação muito próxima desde longa data (cfr. *infra*). M. G. Ferreira, em carta (a 31/01/1922), parece aludir àquele em termos menos positivos:

Compreendi ontem em casa de teus pais e por certas coisas que me contavas em solteiro que o senhor Ramiro não é pessoa que te possa servir para companheiro. Arranja certas companhias que se a mulher soubesse não lhe agradaria e que a mim também não agrada, mesmo nada. Lembra-te que já és casado e daqui a pouco pai, que precisas ter muito juízo para não dares desgostos à tua mulher (sublinhados no original).

⁴¹² Apesar das pesquisas realizadas não temos dados que confirmem a realização da conferência guisadiana; *El Tea* nada refere sobre o assunto além de informar que estaria agendada para o dia 1/07/1919, enquanto *O Século*, jornal generalista que acompanhou de perto as atividades da colónia galega neste período, não sairá à rua devido a uma greve dos tipógrafos justamente por altura da data prevista da palestra.

⁴¹³ O desenho original era, em 1988, propriedade do empresário Manuel Boullosa que, segundo ele próprio, tinha comprado a um alfarrabista de Ponte Vedra (cfr. Boullosa 1988: 16). Como se vê, o rumo seguido pelo espólio guisadiano é bastante incerto.

Alfredo P. Guisado, é un estudante de Lisboa entusiasta nazonalista que ainda non ten os 20 anos [sic.]. Ten conquistados moitos trunfos e está sendo moi gabado pol-o Director do Museo de Lisboa o Dr. Figueiredo.

Das palabras d'A *Nosa Terra* destaca-se, em nosso entender, (i) a crescente notoriedade de Alfredo Guisado (na altura já tinha responsabilidades políticas autárquicas) no espaço social lisboeta e, por seu turno, (ii) o facto de os galeguistas o acharem um “entusiasta nazonalista [galego]”.

Como *entusiasta nacionalista e membro* do enclave lisboeta, em finais de 1919, Alfredo Guisado dirige uma carta ao seu amigo António Ferro (publicada n' *O Jornal*) solicitando-lhe difusão para uma iniciativa do galeguismo metropolitano, apoiada por agentes da colónia galega:

Meu caro Antonio Ferro

Hás-de perdoar-me a maçada que te vou dar roubando-te algum tempo com a leitura desta carta. Mas como tenho certeza que vais acolher com simpatia o que te vou escrever, resolvi abusar um pouco da tua boa amizade. Trata-se duma ideia levantada na Galiza para a construção na martirizada Flandres, duma Aldeia Galega. O Diario de Noticias, num telegrama anunciando-a, publicou os nomes dos que a vão erguer com a ajuda de todos os galegos, mesmo aqueles que vivem longe da sua terra, -grito duma Raça esquecida e dum povo espesinhado.

Entre os nomes que formam a Comissão que vai dar forma a essa linda ideia, que só de corações amigos da sua Terra poderia sair, conta-se o do grande pintor galego Rodriguez Castelao, aquele que tanto tem contribuido para o engrandecimento da Galiza e que com o seu lapis que é uma lança, tem guerreado sem treguas, aqueles que arrastam um Povo que, adormecido durante seculos, começa agora a erguer-se bem alto e a dizer ao mundo o que vale.

Rodriguez Castelao, quando desenha, desenha com a Alma, e é bem aquele pintor que ainda há dias numa carta que me enviou, escrita em galego, se definia assim: -“Eu son o dibuxante-lobo, home que non ten a luz d'a espranza diante nin detrás, senon enriba d'a sua casa.”

Interessa notar até aqui o facto de o produtor em foco ter um contacto efetivo com um dos agentes em ascensão no nacionalismo galego, cuja origem muito provavelmente esteja vinculada ao *Balneário* de Mondariz⁴¹⁴. Continuava a carta:

⁴¹⁴ A relação de Castelao com o estabelecimento termal dos Peinador remonta-se, segundo Miguel Anxo Seixas (Seixas 2000: 14 e ss.), ao ano 1913, em que dá uma conferência, depois publicada em *La Temporada*; desde 1915, por exemplo, o *Balneário* terá quadros da sua autoria.

A Colónia Galega de Lisboa, está disposta a apoiar essa iniciativa e ainda hontem na sociedade “Juventud de Galicia”, que se dissolveu para depois se formar um grande Centro, aprovou um voto de louvor a essa Comissão e resolveu telegrafar-lhe colocando-se incondicionalmente a seu lado.

O Diario de Noticias anunciou a ideia mas não mais falou nesse assunto.

E a Colónia que elegeu hontem a Comissão de Propaganda da Galiza, está disposta custe o que custar, erguer em alto voo o nome daquela Terra que a indolencia de seculos sepultou.

Quererás tu, no teu Jornal, dizer duas palavras em favor daquela pobre Galiza de quem ninguem fala, de quem todos se riem e que foi a Patria de Rosalia Castro e de Curros Enríquez?”

Teu amigo e admirador

Pedro de Menezes (O Jornal, 3/12/1919, p. 1; itálicos no original).

Vemos como, agora explicitamente, a função desempenhada por Alfredo Guisado é a de difusor das iniciativas dos nacionalistas metropolitanos não apenas no enclave lisboeta como vinha fazendo, mas em Portugal (Lisboa) no seu conjunto. Destaca-se, igualmente, a junção das iniciativas daqueles e as dos *Lisboanos*, assim como à menção à Galiza “*de quem todos se riem*”, em evidente alusão ao IN⁴¹⁵.

Seis meses volvidos, em 1920, desde as páginas d’*A Pátria* (“As relações luso-galaicas”, 7/06/1920; *vid.* Anexos, XLIX)⁴¹⁶, Alfredo Guisado, sem deixar de mencionar o movimento agrarista, destaca numa extensa entrevista o fenómeno migratório galego em Portugal assim como a relação de *mesmidade* galego-portuguesa:

⁴¹⁵ De 1916 data a única referência ao IN nas cartas enviadas à namorada; dizia assim (a 24/10/1916; sublinhados nossos):

Há dias fui a casa de meus primos [...] Ao descer a escada, nas altura do 1º andar encontrei, encostada ao corrimão, uma senhora que não conheci mas que por ter passado perto dela comprimentei [...] Pois bem, a Virginia [uma prima de A. Guisado?] contou-me que ao eu sair a escada, ela chamou a mulher do guarda-portão e disse-lhe: ‘Oiça lá, quem é êsse sujeito que acaba de sair?’ [...] A outra respondeu-lhe, que era eu. ‘Ah! –exclamou ela- logo calculei. É galego e basta. Nem ao menos boa tarde disse.’ Imagina. Fiquei indignadíssimo. Não porque me chamasse galego, que apesar de o não ser, não acho desprezo nenhum nisso, mas por a ter cumprimentado e sair-se com uma graça daquelas. É verdade que eu dei as boas tardes em voz um pouco baixa, partindo do princípio que a mulher tinha ouvidos como qualquer ser humano, porque se calculasse que era surda havia de berrar com toda a força dos meus pulmões [...] Disse-me a Virgínia que a tal senhora se chama Fininha. De fina é que ela não tem nada, nem no que respeita à gordura, pois as há muito mais magras, nem no que a palavra tem de relação com a delicadeza porque se vê que o chá lhe tem feito alguma falta [...] Provavelmente por causa do aumento do preço das subsistencias, resolveu não tomar chá...

⁴¹⁶ Localizámos este texto (e alguns outros) a partir do trabalho de José Antonio Camelo (1985). As referências deste autor a diversos materiais vinculados à trajetória guisadiana prende-se, suspeitamos, com o facto de ter manipulado parte do espólio guisadiano (cfr. *supra*).

-Portuagal [sic.] porque os acolhe com carinho, porque os abraça como se seus filhos fossem, e ainda porque encontram no povo português um povo irmão que os compreende nas suas dôres e nas suas alegrias, é o país que preferem para ganhar a sua vida, longe da sua terra. É que na alma galega há qualquer coisa da alma portuguesa, *a mesma sentimentalidade, a mesma religiosa saudade pela sua pátria, a mesma infinita ternura.*

Assim os interesses harmonizam-se e a sorte de Portugal é para os galegos como a sua própria.

É que entre portugueses e galegos só um obstáculo se levanta: o rio Minho, que dilue na intranquila caminhada das suas águas as canções de ambos os povos, repassadas do mesmo sentimento (itálicos nossos).

Sob o epígrafe “O movimento intelectual galego – Um pouco de história” prossegue:

A literatura galega, que na antiguidade foi grande, exercendo influencia na literatura castelhana na opinião do ilustre escritor Carré Aldao, secretario da Academia Ga[l]lega, decaiu quando a Galiza perdeu a sua independência e um jugo de ferro pesou sobre ela. Foi-se assim arrastando no silencio dos séculos, apenas sustentada pelo povo nas suas canções de saudade. Os grandes poetas e prosadores começaram a escrever em castelhano e assim se foram confundindo, perdendo-se ao acaso na literatura espanhola.”

Até que Curros Enríques e Rosalía Castro, dois verdadeiros genios; ele, o poeta combativo, transformando a sua pena em espada, os seus versos em lanças, o seu talento numa entusiástica defeza da sua terra; ela, a poetisa-alma santa para quem a própria paisagem era reza e o sofrimento: ele, a voz da sua *Raça*, ela a *Alma* do seu povo, conseguiram, um gritando liberdade nos seus belos versos de revoltado, outro resando nas suas poesias a ternura da mulher galega – oração dos oprimidos- a um sol que adivinhava dias melhores- conseguiram, ia dizendo, erguer de novo do seu leito de moribunda a literatura galega. E desde eles toda uma plêiade de poetas, de prosadores, de humoristas, de jornalistas, se tem esforçado em levar esta literatura á perfeição a que hoje já chegou. E entre essas individualidades, devemos destacar Vitoriano Taibo e Ramon Cabanillas (sublinhados nossos).

Assumindo os postulados dos galeguistas, começam a aparecer mais nomes vinculados à emergência galeguista no discurso guisadiano. Significativamente, o artigo guisadiano mostra como a rede *das origens* é ampliada progressivamente por via do

contacto galeguista⁴¹⁷. Das palavras de Alfredo Guisado também se destaca a presença de elementos repertoriais caros a Teixeira de Pascoaes (“saudade”, “Raça”, “Alma”), já nesta altura em contacto com os nacionalistas galegos.

1921, data igualmente da publicação de *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos*, é, sem dúvida, o ano da **consagração galeguista** do produtor em foco (cfr. *infra*); diversas tomadas de posição (também de grupos do enclave) contribuem para promover o programa ideológico dos nacionalistas metropolitanos em Lisboa, assim como ajudam a expor a colónia galega da capital lusa associada àquele. Em abril desse ano, o enclave notabiliza-se ao promover uma homenagem ao soldado desconhecido português, presente, como veremos, na produção guisadiana; segundo *El Tea* (23/04/1921):

A propósito de los homenajes realizados el día 9 de Abril, al soldado desconocido portugués, al que la colonia gallega en Lisboa ofreció dos ricos candelabros de cinco luces cada uno, en plata, con las inscripciones siguientes: ‘Galicia ós héroes d’a sua hirmán Lusitania’, ‘Para que alumbren eternamente n’o corazón d’esta pátria hospitaleira’. A colonia gallega en Lisboa (sublinhados nossos)⁴¹⁸.

Pouco depois da oferenda dos galegos, Alfredo Guisado é entrevistado n’*A Imprensa de Lisboa* (12/03/1921, ed. da noite, p. 1; *vid.* Anexos, XXXVI) sobre o “sonho da Galiza” onde afirmava:

De norte a sul, pelas cidades, pelas vilas, pelas aldeias, uma ânsia de triunfo, um vento de nacionalismo passa e preocupa os dominadores. É um sol novo que surge, é uma rosa que nasce no coração do povo e cujo perfume é uma oração à Terra querida que se ergue e que caminha.

Eu, que como sabe sou português, tenho por essa terra e por essa causa, uma simpatia imensa, porque meus pais são galegos e porque me coloco sempre ao lado

⁴¹⁷ A progressiva assunção dos postulados galeguistas materializa-se também na utilização de *Galiza* para referir-se à terra das origens na correspondência com a namorada; se até a altura se referia à *Espanha*, a *província* ou à *aldeia*, a 16/07/1920, escreve por primeira vez: “Meu cunhado seguiu hoje para o Norte para uma cura de águas e ficou de se juntar no Porto com o resto da família para dali seguirem para a *Galiza*” (itálico nosso). A partir desta altura será esta a denominação habitual.

⁴¹⁸ No jornal *A Imprensa de Lisboa* desse mesmo mês de abril (29/03/1921, ed. da manhã, p. 3) davam notícia de uma iniciativa similar envolvendo Alfredo Guisado:

As juntas de freguezias, reunidas hontem na camara municipal, sob a presidencia do sr. dr. Alfredo Pedro Guizado, aprovaram uma moção para que se convoque com urgencia uma reunião de todas as juntas, a fim de cada uma d’elas tomar á sua responsabilidade o sustento e educação de um filho de um soldado morto em Africa e em França e adquirir uma placa de prata para oferecer aos soldados desconhecidos com a seguinte dedicatória: *A quem morreu pela Patria e a soube defender* (itálicos no original).

daqueles que sofrem e querem ser libertados. A Galiza dormia sob o jugo duma noite de seculos que a cegava e a não deixava avançar. Um dia, os intelectuaes ergueram-se, fundaram a *‘Irmandade d’a fala’*, bradaram liberdade e acenderam no alto das serras da Galiza, a lâmpada sagrada do patriotismo [...] O movimento agrario galego, meu amigo, é um movimento-alma que ha-de vencer, verá...

Ainda ha meses me dizia o grande pintor galego, Rodriguez Castelao, numa sua carta, escrita na lingua de Curros Enriez: *‘eiqui ergense dende fai pouco tempo un ventío que bem pudara rematar en treboada. Xa somos moitos a berrar co’o puno pechado car’à hestoria d’Hespaña.’*

E acrescentava mais adiante numa outra passagem da mesma carta, erguendo bem alto o seu esperito patriótico.

‘Eu fixo d’os triunfos de Madrid e somente son feliz n’a miña terra’ [...] Os discursos de entrada na Academia Galega, de dois grandes poetas Rey Soto e Ramón Cabanillas, forma duas afirmações de exaltado nacionalismo. Nos versos de Rey Soto ha serenidade, nos de Cabanillas há o grito que se repete nos ecos e que galga montanhas [...] Um movimento que encontra á sua frente toda a alma dum povo de há muito submetido, tem de forçosamente vencer e ha de vencer. Em cada aldeia encontra-se uma sociedade de agricultores e em cada uma dessas sociedades, que é um templo, eleva-se um altar, sobre o qual a imagem suave e branda duma Galiza feliz se ergue e é guardada por uma Raça, onde em cada homem vive um sacerdote duma religião que é bela porque se cerca de fé, que é grande porque redime e liberta (itálicos no original).

Sobressai no discurso guisadiano o papel proeminente dos “intelectuaes”, Castelao nomeadamente, no seio do galeguismo metropolitano, ao lado das referências ao labor dos agraristas. O texto conclui com as seguintes declarações: “Pena é que não se conheça em Portugal que os portugueses sintam um desdem injustificavel por um Povo que é grande pelo seu talento, pelo seu patriotismo, pelo seu trabalho...”. A referência, outra vez, à representação menos amável dos galegos na Lisboa da altura é evidente. Esta entrevista e um outro artigo anteriores publicados n’*A Imprensa de Lisboa* não passariam despercebidos para os nacionalistas⁴¹⁹: o primeiro, “A Independencia da Galiza. A ação dos galegos em Portugal. Porque não são conhecidos dos portuguezes as suas aspirações e os seus desejos de liberdade?” (7/03/1921, ed. da noite p. 1; *vid.*

⁴¹⁹ Por outros motivos, estas tomadas de posição galeguistas na publicação lisboeta chamaram ainda a atenção das autoridades espanholas; Ernesto Vázquez Sousa cita um documento policial metropolitano de 1921 onde são mencionadas duas das cartas publicadas n’*A Imprensa de Lisboa*, jornal, segundo o documento, “donde se ha iniciado una campaña separatista gallega de escasa importancia y que fue enviado [o artigo publicado] por la Legación de España en Lisboa” (Vázquez Sousa 2006; sublinhado no original).

Anexos, XXXVII)⁴²⁰, seria publicado em *A Nosa Terra* (31/03/1921, p. 1 e 2); poucos dias depois, *A Imprensa de Lisboa* publica, em duas ocasiões, cartas enviadas pelos galeguistas congratulando-se pela atenção dedicada à sua causa, entre eles A. Villar Ponte⁴²¹.

Neste quadro, Alfredo Guisado intervém explicitamente contra o IN aqui descrito a raiz de uma alusão alegadamente depreciativa para com os galegos no *Diário de Lisboa*. As palavras de Tomás Ribeiro Colaço, “o cansaço fatal de um cidadão de Tuy”⁴²², fazem com que o produtor em foco se dirija ao seu amigo António Ferro (a 21/04/1921), redator deste jornal lisboeta, nestes termos:

a ti [...] me dirijo, para te fazer sentir o que me feriu uma referência desagrá[da]vel aos galegos, na seção ‘Chá das Cinco’, assinada por Tomás Ribeiro Colaço [...] referência nesta ocasião desnecessária pois nos devíamos dirigir para um caminho de aproximação intelectual galaico-portuguesa.

Se qualquer outra pessoa com menos responsabilidades literárias do que Ribeiro Colaço assinasse aquela crónica, não me tiraria do meu silêncio, mas com a sua assinatura é que é imperdoável. Não seria possível acabar duma vez com essas referências que magoam?

⁴²⁰ Neste artigo, *A Imprensa de Lisboa* além de referir-se elogiosamente à Galiza e aos galeguistas, não descurava a colónia galega:

Em Portugal, todos os galegos que aqui vivem, trabalham isoladamente n’essa grande obra de redenção. A camada nova, especialmente, constituída por uma mocidade exuberante de seiva, cheia de vida, ansiosa de grandes reivindicações, ama e quer á Galiza com extremos de loucura. A sua vida, a sua revolta latente contra o *cacique* apaixonado esse grupo de rapazes, levando-os prégar entre os mais descuidados a palavra santa da independencia e da liberdade. O padre perde, na aldeia, dia a dia, cada vez mais, o seu prestígio e a sua autoridade enfeudada ao *mandão* acionando e manobrando ás ordens do poder central. E é tal o desejo d’esse grupo em tornar, entre nós, mais arreigado, o nome da Galiza, de forma a suar aos nossos ouvidos com mais suavidade e maior melodia, que os seus componentes pensam em dar grande publicidade aos assuntos da sua terra, divulgá-los, historiar, dia a dia, a ação dos *unionistas* e dos *agrarios* e crear se tanto lhes fôr possível, nucleos de propaganda e, porventura, a *Casa da Galiza*, centro de reunião de todos os galegos, onde seja possível aos 30.000 residentes em Lisboa, encontrarem o conforto, a solidariedade e o carinho que merecem.

⁴²¹ Com data de 14/03/1921, A. Villar Ponte afirmava na carta enviada ao jornal lisboeta:

Depois de eu o ter lido, pichenlo [sic.] coñecer a gra nde número de amigos e correligionarios. Todos son a ll’agradener liñas tan úteis para a nossa causa.

A redención da escravizada Galiza terá que vir polo apoio da nobre Luzitania e polo esforço dos galegos que nesa grande e gloriosa terra irmá acharon hospitalidade.

Por iso, artigos como o que fica nombrado facerán moito ben no espirito dos galegos que a morar están á sombra da bandeira portuguesa.

Castela foi a nosa eterna enemiga. Económica i espiritualmente. E hoje, os novos intelectuais galegos ollan para Portugal como para o irmão maior redimido que pode nos ajudar na luta que ora ideologicamente, no terreiro da arte, da literatura e do pensamento anda a se plantear, e logo quizais possa rematar deitando o sangue [...] Já os nosos intelectuais veem traballando ‘para que a ideologia de Castela possa ter pronto a sua Aljubarrota espiritual na Galiza’

⁴²² O verso aparece na seção “Chá das Cinco” sob o título “Mocidade...”, onde Tomás Ribeiro Colaço ironiza sobre personagens e factos da vida portuguesa (*Diário de Lisboa*, 18/04/1921, p. 4; cfr. Vidal 1984: 36-37).

Todo parece indicar que a intervenção guisadiana teve consequências na direção esperada: Ribeiro Colaço retifica no artigo “Pontos nos ii...” (*Diário de Lisboa*, 21/04/1921, p. 3), fazendo questão de declarar “Galliza ! Portugal ! Duas encostas de vinhedo que a divisão política separa” e “Hoje em dia, cidadãos de Tuy são todos os que lutam afincadamente [...] Cidadão de Tuy... Sou eu”. Expressivamente, a 10/05/1921 Alfredo Guisado publica “¡Galícia!” (“D’o livro que vai sair: *Xente d’a Aldea*”) no *Diário de Lisboa* e passados poucos dias, pode-se ler na capa do citado jornal: “Recebemos ‘A nossa Terra’, idearium da ‘Irmandade da Fala’ na Galiza e nas colonias de America e Portugal de cuja propaganda inteligente nos ocuparemos brevemente” (*Diário de Lisboa*, 30/05/1921, p. 1)⁴²³.

A sintonia ou colaboração com os galeguistas metropolitanos efetiva-se novamente em 1921, com a tomada de posição do produtor em foco perante a organização de uns “Jogos florais galego-portugueses”; neste quadro, *A Nosa Terra* (15/05/1921, p. 7), publica uma carta (som o título “Galiza e Portugal”) na qual Alfredo Guisado diz estar disposto a fazer de intermediário entre as Irmandades da Fala e a “Comisión” lisboeta:

No Porto, tenciónase facer por un grupo de intelectuais portugueses unhos jogos floraes luso-galaicos, como já temos falado.

Pois agora tenciona que se fagan outros en Lisboa un jornal d’aquela urbe.

Y-o noso distinto amigo e *irmán* na cibdá lisboense Alfredo Pedro Guisado, refiríndose a isto nos di o seguinte:

“Diario de Lisboa” levantou a ideia de se faceren n’esta capital, unhos jogos floraes luso-galaicos. Chamáronme e dixéronme que, como eu escrebo galego e son pol-o corazón galego tamén porque sonno meu pais, me dirigise na Galiza a aqueles que visen con bos ollos a ideia.

Como as “*Irmandades da Fala*” resultaron a *única luz acesa* no curazón da nosa Terra, a *elas m’entrego* co’a certeza de que hei ser ben acollido. Fai tempo que eiquí unha *Comisión da que eu fago parte, ten erguido o nome da escravizada Pátria de Rosalía i-os portugueses teñen recibido con amor a nosa propaganda*.

Agora percísase que esta Comisión esteña sempre en estreita inteligencia coas “Irmandades da Fala” para que a propaganda resulte mais compreta.

Non se esquezan de me mandaren dicir algo o mais agiña posibel, porque o jornal de que teño falado, quer celebrar aqués Jogos floraes no Outono.

⁴²³ No mês de novembro, em entrevista ao *Diário de Lisboa*, o artista Jorge Barradas afirma sentir-se atraído pela Galiza e gostar do trabalho de Castelao: “O que me dizem da Galiza tem-me interessado muito. O *Pedro Menezes* e a *Amelia Rey Colaço* têm conseguido despertar-me a curiosidade” (*Diário de Lisboa*, 17/11/1921, p. 5; itálicos nossos).

Voso amigo e *correligionario* lial (itálicos nossos).

Menos de uma semana depois, Alfredo Guisado intervém no *Diário de Lisboa* (20/05/1921, p. 3; *vid.* Anexos, XXXVIII), dando notícia da reação dos nacionalistas metropolitanos:

Há dias, o *Diário de Lisboa* levantou a ideia da celebração nesta cidade duns jogos florais luzo-galaicos, e imediatamente me dirigi, por carta, a António Vilar Poente, o ilustre Presidente do Conselho Permanente das “Irmandades da Fala”, os agrupamentos nacionalistas galegos, onde os intelectuais predominam, a fim de conseguir saber como seria recebida a noticia. A resposta não se fez esperar. Vilar Ponte respondeu entusiasmado, dizendo ter enchido de alegria a boa nova o coração dos nacionalistas e que ajudarão em tudo e por tudo a ideia. Que contassem com eles! E entre eles estão os grandes Poetas da Galiza moderna: Ramón Cabanillas, por exemplo, que é um grito de revolta, um golpe de vento a sacudir a sua terra, a agitá-la, a animá-la

Na intervenção guisadiana aparecem citadas explicitamente as Irmandades da Fala e um dos seus agentes mais ativos e interessado no contacto português, A. Villar Ponte, com quem, citando-o, concluiu o seu artigo: “A alianza espiritoal estreita, base de toda-las mais alianzas entre a Galiza y o Portugal, asin ficaria feita”⁴²⁴. Este, na sua carta, citada por Alfredo Guisado, lança a ideia da realização de um “somana lusitana” na Corunha, apoiada por Alfredo Guisado. No artigo sobressai ainda o aumento considerável de nomes de agentes vinculados ao galeguismo metropolitano⁴²⁵, a identificação da *literatura* galega como “literatura-saudade” e as referências à Catalunha (cfr. *infra*). Como nos casos anteriores, o produtor em foco não deixa de fazer constar a vigência do IN: “É necessário que, quando se fale na Galiza, não haja aquele sorriso malévolo que é do costume haver”.

Em agosto desse mesmo ano, 1921, Alfredo Guisado intervém nas páginas de *A Democracia* (12/08/1921, p. 1; *vid.* Anexos, XXXIX), insistindo na ideia do evento galego-português: “Os jogos florais luso-galaicos devem de realizar-se no propio

⁴²⁴ Pouco depois, *A Nosa Terra* (15/06/1921, p. 6) confirma o *Diário de Lisboa* como jornal *amigo*:

“Diario de Lisboa” traballa pol-a independencia espiritoal i-económica, da Lusitania groriosa. Traballa tamén pol-a imposición d’un estado d’orden, libertade e democracia no seu país.

Cuanto â Galiza, como pobo afin â raza portuguesa, convídaa a unha estreita alianza d’amore. E pensa por iso na organización d’unhos Jogos Floraes luso-callaicos.

[...] “Diario de Lisboa” moito porâ ajudar â causa da redención da nosa Terra do xugo castelão.

⁴²⁵ Por exemplo, “Barcia Caballero [recetor da *Orpheu* em 1915, como vimos], Aureliano Pereira, Lozada, Rodriguez Gonzalez”.

Outono”. No artigo guisadiano é citado com destaque Eugenio Carré Aldao, nacionalista da Corunha⁴²⁶, com quem mantém contacto epistolar, e que explica, em parte, a seguinte tomada de posição deste no número 3 da *Seara Nova*. Sob o título “Portugal e Galicia”, afirma Carré Aldao:

Chega á min a demanda de un bon e moi preciado amigo e confrade nas letras, para que lle eu envie algunhas impresiós sobor da actual vida literaria da Galiciae do seu xeito de apreciar e entender certas cousas, e nada millor nin que mais me poda afagar que honrosa encomenda que se ven á me dispensar pedindome a miña cativa colaboración para a estimabre revista Seara nova que comenza a se empratare en Lisboa.

Moitas, e moi compridas, gracias teño de lle tributar ao meu estimado amigo, o terno e sentimental poeta lusitán, *Alfredo Pedro Guisado*, por se tere lembrado de min para este obxeto, pois elo ha de me *permitir* de cando en vez, que *eu fale de Galicia en Portugal*, pois que tan estreitos lazos de parentesco ten co a nosa amada terra galega, podendo se decir que entrambos á dous son unho mesmo, pol-a-raza, lengoa, literatura e historia (*Seara Nova*, 20/11/1921, p. 71; itálicos nossos)⁴²⁷.

Alfredo Guisado exerce de difusor do programa ideolóxico do nacionalismo galego em Portugal, referente de reintegração do movimento político galego, concretamente na *Seara Nova* (de curta duração neste caso) e noutros meios de comunicação, como já se viu. No primeiro número da revista *seareira*, dando ampla notícia da edição espanhola *Los Pobres* de Raúl Brandão, Câmara Reis afirmava:

A edição madrilena de OS POBRES iniciará, em Espanha e na América latina, a aproximação intelectual que a *Seara Nova* preconiza e para que conta, desde já, com a acção, entre outros, dos seus redactores e colaboradores Alfredo Pedro Guisado, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Dr. Faria de Vasconcelos e Dr. Joaquim de Carvalho (*Seara Nova*, 15/10/1921, p. 23.).

Do texto de Câmara Reis parece desprender-se a *função* atribuída ao produtor em foco no projecto *seareiro*: elo de ligação entre a Galiza e Portugal, pois Alfredo Guisado, pelo até aqui visto, apenas poderia significar-se na *aproximação intelectual* à

⁴²⁶ Eugénio Carré Aldao (1859-1932) foi um agente destacado do regionalismo e do nacionalismo galegos adscrito ao grupo da Corunha chefiado por Manuel Murguía; membro fundador da Real Academia Gallega, investigou vários aspetos relativos à cultura galega (cfr. Vilavedra 1995: s. v. “Carré Aldao, Euxenio”).

⁴²⁷ Inaugura com este artigo Carré Aldao (publica mais outro no nº 12, “O lusitanismo en Galicia. No aspecto literario”), uma fértil colaboração de agentes galegos na revista dos *seareiros* (cfr. *supra*).

Galiza; dificilmente com outros sistemas culturais a funcionar no Estado espanhol. A intervenção guisadiana nas páginas da *Seara Nova* (14/1/1922, p. 148; *vid.* Anexos, XL) parece confirmar esta análise.

Há pouco, Catalunha, quis dar a conhecer a Lisboa a sua Arte, a sua gente, a sua Alma. Todos falavam em Catalunhya porque a sua voz, não sei se por mais vibrante, se porque nunca lha suforcaram tanto como a de sua irmã Galiza, conseguira fazer-se ouvir desde o seu cárcer-Espanha até além fronteiras

A Exposição d'Arte Catalã de novembro do ano anterior funciona como mais um argumento para os planos galeguistas em Lisboa, aos quais adere Alfredo Guisado. Prossegue:

mas ninguém falava nem ainda fala na velha Galiza, - desventurada e tristonha – ou se nela falam é para a criticar com uma severidade ignorante e maldosa. É necessário que essa idea que a maioria do povo de Lisboa e até de Portugal tem sobre esse país tão nosso irmão pela Raça, acabe e que se dê a conhecer tal êle é, em todas as manifestações da sua Arte. É necessário que uma exposição de Arte galega se faça em Lisboa, é preciso que ao lado dos seus escultores e dos seus pintores, venham os seus poetas e falem e digam o que sentem: - a sua imensa amizade por Portugal, a sua infinita fé no triunfo da sua terra!

Notoriamente, Alfredo Guisado persevera na realização do ato conjunto entre galegos e portugueses em concordância com o postulado pelos nacionalistas, sem deixar, mais uma vez, de colocar no seu discurso a questão da representação portuguesa dos galegos.

5.4.1.2.2. Percurso guisadiano e intervenção galeguista de 1929

Em função dos dados manejados, a trajetória social guisadiana mostra até 1929 uma acentuada **atenuação** nas suas intervenções vinculadas à **rede das origens**, seja no âmbito do enclave, seja associado ao agrarismo ou ao nacionalismo galegos. Se até 1922 o envolvimento do produtor em foco com os agraristas, primeiro, e com os galeguistas, depois, foi inequívoco e, em geral, pautado pela sintonia com grupos e agentes do enclave lisboeta, depois desta data as tomadas de posição de que temos constância podem ser entendidas como testemunhais o que, por outro lado, concorre com uma acusada *desistência* da intervenção no campo literário. Não parece alheio a

este afastamento, esquematicamente: (i) a sua maior implicação no campo político lisboeta/português até 1926 (cfr. *supra*); (ii) as importantes mudanças derivadas da instauração da ditadura militar de Primo de Rivera, tanto para os agraristas da zona do Condado⁴²⁸, como para as possibilidades e fortalezas do galeguismo metropolitano; (iii) caberia ainda hipotetizar um distanciamento guisadiano dos grupos mais ativos do enclave da altura, agora também a ensaiar outros rumos para a colónia (lembre-se o caso de *Hispania* e a malograda Casa de España), onde o quadro relacional galego-português, caro aos galeguistas, parece perder(/partilhar a) centralidade.

Deste modo, até 1929, apenas temos notícia do envolvimento do produtor em foco na já mencionada iniciativa do enclave de homenagear a Camões na Corunha com um monumento e a Rosalia de Castro com o próprio em Lisboa. Em 1924, segundo *El Pueblo Gallego*, Alfredo Guisado teria apoiado desde a sua posição política a proposta de Juventud de Galicia, conforme informa Alejo Carrera, na altura correspondente de *El Pueblo Gallego* (22/03/1924, p. 2) em Lisboa:

Esta iniciativa estamos seguros que ha de encontrar en la Cámara municipal de Lisboa la más decidida y franca acogida, tanto más que a la misma pertenece el doctor D. Alfredo Pedro Guisado, concejal y miembro de la Comisión Ejecutiva, quien, por su sangre gallega, siente un profundo y verdadero amor por las glorias galaicas.

Alejo Carrera, além de colocar a possibilidade de se realizar uma “semana gallega” em Lisboa e uma “semana portuguesa” na Corunha (provavelmente as mesmas que já mencionámos), apresenta a iniciativa do enclave também em função do quadro

⁴²⁸ *El Pueblo Gallego* (30/04/1924) dava assim notícia da presença de Alfredo Guisado na Galiza:

Después de haber visitado Vigo, Mondariz y las parroquias de Pías y Portela, han pasado por esta hermosa villa, en automóvil, los ilustres hombres públicos de la vecina República doctor Vasco Borges, Alfredo Guisado, Freire da Cruz, Martíns Casals y Enrique Augusto da Silva.

El doctor Alfredo Guisado hizo una rápida visita a su viejo amigo Ramiro Vidal Carrera, quien pretendió obsequiarle, y a sus acompañantes, lo que no fué posible por la mucha prisa que dichos señores tenían para pasar la frontera, puesto que eran las cuatro de la tarde y aún pensaban ir a dormir a Oporto.

Preguntaron al señor Carrera cómo se encontraba la nación en estado de dictadura. Este contestó a sus ilustros visitantes que jamás en España se hizo tanto alarde de justicia ni se respiró tanta libertad.

La rapidez de la visita y la premura del tiempo impidieron que los numerosos amigos con que aquí cuenta el señor Guisado obsequiaran como se merecen tan ilustres huéspedes, quedando emplazados para la primera ocasión (sublinhados nossos).

A crónica de *El Pueblo Gallego* exemplifica, entendemos, as implicações da mudança de regime; muito provavelmente, para o Alfredo Guisado republicano convicto, com responsabilidades e ambições políticas, as explicações de R. Vidal Carrera, outrora convencido agrarista e até filogaleguista, não seriam de todo do seu agrado.

relacional luso-espanhol, na altura progressivamente mais dinâmico, como transparecem as seguintes palavras introdutórias:

En estos momentos en que tanto del lado de España como del de Portugal se está realizando una interesante aproximación entre los dos pueblos hermanos, dándose a conocer en sus múltiples aspectos y como medio más fácil para llegar a una verdadera entente comercial, hemos querido contribuir con nuestro concurso para labor de tanta transcendencia dirigiendo una comunicación al Ayuntamiento de Lisboa en nombre de la Sociedad Juventud de Galicia, que tenemos el honor de presidir... (*El Pueblo Gallego*, 22/03/1924, p. 2).

Apesar da aparente ambiguidade da iniciativa, vários meses mais tarde, o jornal *viguês*, dava notícia das gestões de Alfredo Guisado:

El señor Alfredo Guisande [sic.], comunicó a la Comisión Ejecutiva de los festejos [do Centenário de Camões] que había escrito al secretario de la Academia Gallega⁴²⁹, pidiéndole informaciones y antecedentes sobre los ascendientes de Camoens.

El secretario de la Academia, le contestó al señor Guisande, diciendo en una carta:

‘Es posible que el solar de los camoños, fuese en la aldea de Caamaño, en la parroquia de Santa María de Caamaño, Ayuntamiento del Son, comarca de Noya, al Sudoeste del cabo de Finisterre, en la vía de Noya a Muros (*El Pueblo Gallego*, 8/06/1924).

No mesmo ano que entra para a Assembleia da República, colabora no número especial de *El Pueblo Gallego* dedicado ao Dia da Galiza com o soneto “Dois irmãos” (cfr. *infra*), patenteando deste modo, entendemos, a existência de laços na rede *das origens*, de escasso rendimento nesta altura, por via do contacto com os galeguistas. Dois anos mais tarde, em 1927, intervém por última vez em *El Tea*. Propositadamente ou não, Alfredo Guisado publica a que será a primeira crítica literária que conhecemos como tal, acerca de um livro cujo autor era um conhecido empresário e militante agrarista de Ponte Arêas (cfr. *infra*), que teria patrocinado (como A. Venâncio Guisado) algumas das iniciativas dos republicano-agraristas metropolitanos, entre elas o próprio *El Tea* (Hervés 1997: 219).

⁴²⁹ Nesse ano (a 27/11/1924), a Real Academia Gallega comemora o “IV Centenario del natalicio de Camoens” no Teatro Rosalia de Castro da Corunha onde são convocados Eugénio de Castro (que participa) e Teixeira de Pascoaes (que envia texto) no evento que o *Boletín de la Real Academia Gallega* (nº 166, 1924, p. 258) caracteriza como “fiesta de aproximación galaico-portuguesa”. Como já anotamos, nada encontramos nos arquivos da Real Academia Gallega relativo ao produtor em foco nesta Tese.

Já em finais da década de 20, em **1929**, Alfredo Guisado notabiliza-se ao apoiar a organização **Semana Portuguesa na Galiza** (cfr. *infra*). Com efeito, após a publicação de uma carta sua nos inícios de janeiro 1929, o *Diário de Notícias* (3/01/1929, p. 1; *vid.* Anexos, XLI), enceta uma campanha de propaganda empenhada na realização da Semana Portuguesa na Galiza. Na carta, Alfredo Guisado pede para o jornal lisboeta (onde António Ferro exerce de jornalista) não esquecer a organização da semana galega, argumentando ser necessário “o nosso Pais [Portugal] se fazer representar lá fora” ao passo que considera fundamental estabelecer as pontes que possibilitem um maior conhecimento direto entre os agentes dos dois lados do rio Minho. O jornal lisboeta, no mesmo artigo (3/01/1929, p. 1), responde: “O ‘Diário de Notícias’ está inteiramente de acordo com o conteúdo da carta de Alfredo Guisado e promete, com palavras e com factos, fazer todo o possível para que a Semana Portuguesa na Galiza deixe de ser um sonho para ser uma certeza, a certeza da eterna fraternidade que liga os dois povos”, para o qual António Ferro vai ser o agente mais destacado.

A carta guisadiana publicada no *Diário de Notícias* não passa despercebida para os galeguistas (ou próximos) metropolitanos; *El Pueblo Gallego* (4/01/1929, p. 5), no dia a seguir, dizia:

El señor Guisado, descendiente de padres gallegos, manifiesta que en su reciente viaje por Galicia ha tenido ocasión de cambiar impresiones acerca de esta idea, que varios literatos y artistas gallegos, incluso el poeta Ramón Cabanillas, han acogido con entusiasmo ofreciendo su decidida cooperación y proponiendo que después de dicha semana en Galicia se celebre otra semana gallega en Portugal [...] La semana portuguesa en Galicia será la apoteosis de esta amistad verdadera y desinteresada.

Além de *El Pueblo Gallego*, secundam a iniciativa *A Nosa Terra*⁴³⁰, *Nós*⁴³¹ ou a Real Academia Gallega por meio do seu Presidente⁴³²; o próprio *Diário de Notícias*,

⁴³⁰ *A Nosa Terra* (1/03/1929, p. 1), a publicação periódica mais próxima dos postulados nacionalistas, acolhe assim a iniciativa:

Na próxima primavera vanse celebrar a ‘Semán Portuguesa’ en Galicia e a ‘Semán Galega’ en Portugal, acontecimento xurdio na historia dos dous pobos irmáns.

Compre ir preparando a labor, que non falle ninguém.

Agarimo, cordialidade fonda, para acoller aos embaixadores portugueses. Esmero e bon escollimento para levar a eles o millor da nosa cultura e a exalta amostración das arelas galegas.

⁴³¹ Para os de *Nós* (15/03/1929, p. 56):

No número derradeiro demos notiza da Semán Galega que preparan pra celebrar no Porto na próxima primavera valiosos elementos d’aquela Universidade e mais o Seminario d’Estudos Galegos.

interessado em capitalizar a iniciativa, recolhia assim as reações na Galiza: “Os jornais acolhem com entusiasmo o alvitre do ‘Diario de Noticias’ para ser celebrada na Galiza a ‘Semana Portuguesa’” (*Diário de Notícias*, 24/01/1929, p. 1).

Significativamente, Alfredo Guisado entende e realiza a sua tomada de posição, como em ocasiões anteriores, também em função dos interesses do enclave galego de Lisboa. Com motivo de um ato de homenagem a um dos elementos deste coletivo, seria Alfredo Guisado a aliciar a organização central do enclave na iniciativa, segundo recolhe *El Pueblo Gallego* (2/02/1929, p. 5): “[Alfredo Guisado] aprovechó la ocasión para referirse a la Semana portuguesa en Galicia, seguro de que tanto la colonia como la Prensa gallega y valores representativos han de prestar a tal acontecimiento su decidido apoyo”. Essa mesma noite, segundo o mesmo jornal, uma comissão de elementos representativos da colónia galega em Lisboa seria recebida na redação do *Diário de Notícias*, como noticiou o próprio jornal lisboeta com uma fotografia em que aparecem destacados elementos da colónia galega (*Diário de Notícias*, 2/02/1929, p. 1; *vid. Anexos*, XLII). Evidencia-se, deste modo, a função de intermediário de Alfredo Guisado, em várias direções, graças à diversificação progressiva da rede *das origens*, por via do contacto galeguista.

Pouco depois, em evidente sintonia com os interesses dos *Lisboanos* (também dos galeguistas), Alfredo Guisado volta a intervir no *Diário de Notícias* (17/02/1929, p. 1) com um artigo de elucidativo título: “**Galegos**” (*vid. Anexos*, XLIII). O produtor em foco, aproveitando a visibilidade que a Galiza adquire na imprensa portuguesa mercê à organização da Semana Portuguesa na Galiza, intervém explicitamente com o *contradiscorso* já referido *contra* o IN:

Como conheço bem a Galiza e como como conheço também o que são e o que valem os galegos, lamento que, por vezes, nós, portugueses, sejamos tão desagradáveis para com eles.

Sim, porque temos de confessar, a palavra-galego-anda constantemente cercada no nosso vocabulário dum grande desprezo e dum profundo ridículo. Sucede muitas vezes, quando se chega ao insulto, atirar com essa palavra por se supôr que ela encerra uma das mais agressivas e violentas ofensas. Já até tem acontecido aparecer nas colunas de alguns

Tamén se prepara unha Semán Portuguesa en Galiza, en cuia orgaizazón intréanse moitos ben coñecidos intelectuás lisboetas, como Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, João Antunes, e outros, e a prol da que pon todo o seu valimento o Diario de Noticias de Lisboa. Un pasiño mais d’achegamento fraternal, que NÓS acolle con fonda ledicia.

⁴³² Este fazia parte do “Comité local de la ‘Semana Portuguesa en Galicia’”, segundo o *Boletín* (nº 216, 1929, p. 263) desta instituição.

dos nossos diários como o termos encontrado que melhor pode amesquinhar determinado cidadão.

Apoiando-se na relação de estreita proximidade linguística entre a Galiza e Portugal, Alfredo Guisado afirma: “Ridicularizar [...] os galegos, pela sua língua, o mesmo será que ridicularizar-nos a nós próprios, falando do nosso glorioso passado literário”. Mais à frente, a referência ao enclave galego de Lisboa é evidente:

Então será pela sua gente? Não encontro ainda o motivo, porque, se é certo que muitos daqueles que a sua emigração envia para a nossa terra em busca de fortuna por vezes não têm uma educação e uma cultura que seria para desejar, não menos certo é também que isso sucede com os emigrantes de todos os outros países e não nos merecem uma crítica tão mordaz nem uma tão ironica perseguição. A colônia galega, salvo algumas excepções, é uma colônia honesta e laboriosa, que sabe sentir como nenhuma outra todas as dores e todas as alegrias que nós, portugueses, sofremos e a nosso lado se encontra sempre para nos defender com carinho e com dedicação quando, porventura, nos pretendem atacar. É certo que entre os indivíduos que compõem essa colônia alguns há que, pela falta de aptidões ou pela ansia de encontrarem trabalho, se submetem a angariar o pão de que necessitam em trabalhos que ainda mais os sujeitam ao ridículo, mas isso não significa que sirva de regra para ser julgada uma colônia, por sinal das mais numerosas que se encontram em Lisboa. Não, não há motivo nenhum que justifique o ridículo e o desprezo com que temos durante tanto tempo cercado a palavra-galego (sublinhados nossos)

A aberta defesa dos galegos, na direção (não apenas) aqui referida relativamente ao IdA, vai ser recebida desde Juventud de Galicia com um voto de “agradecimento e apoio” e com a manifestação expressa de cooperar na organização da Semana⁴³³, como indica o seu Presidente no *Diário de Notícias* (1/03/1929, p. 1; cfr. Anexos, XXXII e *supra*):

Nesta assembleia, que se efectuou no dia 20 do corrente, foi, por unanimidade, aprovado um voto de agradecimento e apoio ao ‘Diário de Notícias’ a aos ex.mos srs. Antonio Ferro e dr. Alfredo Pedro Guisado pela maneira leal e carinhosa com que se referiram á nossa terra e pela justiça feita aos *valores que marcam na vida cultural, artistica, scientifica e literaria da Galiza*. Esses votos que não reflectem sómente palavras platonicas mas sim a certesa de uma constante colaboração moral e material dos meus

⁴³³ Segundo o *Diário de Notícias* (25/02/1929, p.1), o jornal *Faro de Vigo* reproduz o artigo guisadiano a 23/02/1929.

compatriotas e conterraneos, o que por este meio faço publico, confirmam a adesão que já tive ocasião de oferecer, em nome de ‘Juventud de Galicia’ ao ‘Diario de Noticias’.

O “Galegos” guisadiano foi efetivamente discutido no âmbito de Juventud de Galicia, como consta da “Acta de la Asamblea General Extraordinaria” (de 20/02/1929) do *Libro a Actas de Juntas Generales* (1924-1932), da qual transcrevemos o seguinte trecho:

El Sr. Siaba [?] propone que se oficiase al Sr. Guisado por el articulo que publicó en el “Diario de Noticias” referente a Galicia. El Sr. Millán propone que se le oficie en igual sentido al periodista D. Antonio Ferro. El Sr. Presidente manifiesta que encuentra muy acertada la propuesta del Sr. Andrés Siaba, acerca del Sr. Guisado y propone que se nombre una Comisión para que se entreviste con dicho señor para de viva voz agradecerle en nombre de todos los gallegos por el artículo que publicó en el “Diario de Noticias” e igual agradecimiento manifestarle al Sr. Antonio Ferro.

El Sr. Siabra [sic.] dice que debe felicitar al Sr. Guisado solamente por el artículo titulado “Gallegos” que publico en el Diario de Noticias y nada más. Es aprobada la propuesta del Sr. Siaba.

As anotações citadas indiciam, em nosso entender, alguma controvérsia à volta do produtor em foco no seio de Juventud de Galicia que muito provavelmente estão relacionadas com a posição política daquele, bem como com a heterogeneidade ideológica dos membros do enclave (cfr. *supra*). Em todo o caso, a instituição do enclave *reconhece* o labor de Alfredo Guisado (e de António Ferro) pois vai ao encontro dos seus interesses, como prova a carta do Presidente já citada⁴³⁴. Este *reconhecimento* e, por exemplo, os citados mais acima vinculados ao agrarismo, permitem vislumbrar como no espaço da rede *das origens* configurado pelos grupos e organizações agraristas e os seus homólogos do enclave, assim como pelos *Lisboanos* em geral, reconhecem aos

⁴³⁴ Na carta, Fresco Conde, além de manifestar o apoio de Juventud na organização da Semana Portuguesa na Galiza, introduz algumas reclamações certamente caras aos membros do enclave; referimo-nos concretamente ao seguinte:

Torna-se necessario aperfeiçoar as comunicações para mais facilmente se chegar a esse intercambio. Para se falar entre Lisboa e qualquer terra da Galiza, mesmo com a praça fronteiriça de Tuy, ainda é necessario comunicar-se por via Madrid; tambem seria necessario estabelecer-se comboios rápidos com carruagens-leitos para facilitar a viagem da Galiza através de Portugal para Sevilha e vice-versa. A construção de uma ponte sobre o Minho que unisse directamente Monção e Salvatierra é tambem uma iniciativa que, além de fomentar o desenvolvimento das povoações fronteiriças, muito facilitaria o desenvolvimento do turismo entre os dois países.

Não menos importante a necessidade que existe de que os jornais portugueses possam ser lidos (o que não acontece actualmente) em qualquer localidade da Galiza (*Diário de Notícias*, 1/03/1929, p. 1).

Guisado, a Alfredo Guisado em concreto, valores e capitais úteis para os seus interesses; por outras palavras: na década de 20, Alfredo Guisado consegue *fazer-se um nome* no seio do enclave e na comarca do Condado, na Galiza.

Graças, por ventura, ao empenho de António Ferro e ao provável auxílio guisadiano, a revista do *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, dedica o seu número 39, de 10 de março desse ano à colónia galega de Lisboa⁴³⁵. Segundo a informação manejada, não há outro exemplo (quanto menos no período em foco) de maior visibilização do enclave galego de Lisboa na imprensa portuguesa. Como já indicámos, a representação dos galegos e da Galiza, nutre-se da figura do emigrante e os seus ofícios (IN; cfr. Anexos, XXXIII) mas também de “Grandes Figuras da Colónia”, entre os quais Alfredo Guisado e o seu pai (cfr. Anexos, XXXIV), onde o tom geral é de elogio e certa proximidade⁴³⁶. Em “Os Galegos em Lisboa”, Feliciano Santos, com o cuidado de não ferir a suscetibilidade dos homenageados, afirma:

O galego decorativo, o galego com aspecto externo de rei, deixem-me dizer assim, ficou ali por alturas do último quartel do século XIX.

É o tipo clássico das ‘Int[r]gas no Bairro’, da ‘Lisboa em Camisa’ e das caricaturas de Rafael Bordalo. Ele foi, nesse século quietinho e pacato, o confidente dos amorosos, o criado discreto, o aguadeiro pontual. O alfacinha troçava-o, mas estimava-o, considerando-o indispensável à sua vida [no entanto] Já não há rendeiros, nem amoladores, nem concertadores de guarda-chuvas, nem deita-gatos, nem aguadeiros, mas há toda a actividade duma intensa vida citadina aberta à vontade de trabalhar com afinco e honradez. Sentido-se como em sua casa, o galego infiltra-se no comércio e na indústria lisboeta e produz obra sólida, séria e productiva [...] Trabalhar – eis o meio. Ganhar dinheiro – eis o fim. Desde que lhes garantam que podem honradamente exercer aquele meio para atingir aquele fim,

⁴³⁵ O mesmo dia *Vida Gallega* (10/03/1929, p. 33) dizia apoiar a Semana Portuguesa na Galiza mencionando a A. Guisado:

‘El Diario de Noticias’ de Lisboa, ha tenido el feliz pensamiento de iniciar en sus prestigiosas columnas una serie de artículos abogando por la celebración de una ‘Semana Portuguesa’ en Galicia, para que de este modo se estrechen más los lazos de fraternidad y compenetramiento, que unen a los dos *pueblos hermanos por tradición, lengua y raza*: Portugal y Galicia.

Dos escritores lusitanos, pudorosos y brillantes, Antonio Ferro y *Alfredo Peozo* [sic.] *Guisado*, han recogido la idea apoyándola y prestándole todo el calor de sus entusiasmos.

Efectivamente, es tiempo de que estos dos pueblos fraternos se conozcan más cumplidamente, convirtiendo la plateada cinta del Miño, que baña las márgenes portuguesa y gallega, de *artificiosa línea política fronteriza*, en lazo de amor que una a las *mismas gentes*, y a una *misma naturaleza y paisaje en las dos orillas hermanas* (itálicos nossos).

⁴³⁶ Segundo *El Tea* (3/04/1929), sobre o *Diário de Notícias* e a organização da Semana Portuguesa na Galiza: “Dicho periódico viene dando cabida en sus columnas a varios artículos dedicados a la colonia y publicados por escritores portugueses de grandes méritos refiriéndose todos ellos a la literatura gallega con palabras de afecto y cariño”.

nunca os galegos deixarão de demandar Lisboa, ao deixarem, saudosos, as montanhas da sua Galiza dos cantares dolentes (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 10).

Na crónica de Feliciano Santos os elementos que constituem o IN, sem deixar de referi-los, teriam perdido atualidade, sendo já coisa do passado oitocentista. Agora os galegos, segundo o autor, conseguem adaptar-se às mudanças e fazer negócios noutros âmbitos ou com outras formas, reconhecendo assim as novas posições que muitos dos *Lisboanos* ocupam no espaço social lisboeta⁴³⁷. O *Notícias Ilustrado* além de convocar “Artistas e Poetas Filhos de Galegos”, inclui uma seção de “poesias galegas” (*vid.* Anexos, XLIV) com poemas em galego de: Andrés Martínez Salazar, o marquês de Figueroa, Rosalia de Castro, Curros Enríquez, Ramón Cabanillas e Alfredo Guisado (*cfr. infra*). Reproduz igualmente na página uma fotografia da, na altura, reconhecida atriz Amélia Rey-Colaço com as seguintes palavras: “a grande actriz interpretadora dos lindos versos da poetisa gallega Rosalia Castro”⁴³⁸.

O próprio Alfredo Guisado intervém com o artigo “Nós e a Galiza” (*vid.* Anexos, XLV). Nesta ocasião, apoiando-se numa extensa citação do conhecido discurso do já falecido Manuel Murguía, pronunciado nos Jogos Florais de Tui de 1891⁴³⁹, Alfredo Guisado felicita-se pela iniciativa da publicação lisboeta, bem como de que Portugal comece a “prestar-lhe justiça” à Galiza (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 15); põe em destaque as semelhanças entre a Galiza e Portugal: “A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho”.

O produtor em foco volta a intervir novamente no *Diário de Notícias* (13/03/1929, p.1.), com o artigo “Rosalia Castro” (*vid.* Anexos, XLVI; *cfr. infra*) e participa todavia, junto com António Ferro e Guerra Pais, numa viagem pelas principais cidades galegas com o objetivo de preparar a Semana, como noticiam o *Diário de Notícias* (20/03/29, p. 1) e *El Pueblo Gallego*.

A partir de abril, no entanto, começam a surgir vozes discrepantes com os rumos da organização da citada Semana, comprometendo finalmente a iniciativa e, com mais relevância para os objetivos deste trabalho, a aberta adesão inicial de Alfredo Guisado.

⁴³⁷ Expressivamente, aparecem anúncios publicitários neste número d’*O Notícias Ilustrado* de várias casas comerciais de *Lisboanos*.

⁴³⁸ São várias as referências encontradas acerca da atriz citada e a produção poética de Rosalia de Castro, inclusive nos textos aqui citados do produtor em foco, sendo, no entanto, o número 424 da *Seara Nova* onde maior visibilidade atinge esta *relação* artística.

⁴³⁹ As referências galeguistas para Alfredo Guisado vão além, como vemos, dos discursos (de variado tipo) dos agentes galegos coetâneos; alimentam-se igualmente das elaborações oitocentistas como é o caso de M. Murguía.

Assim, Joaquim Osório de Oliveira, desde as páginas da *Seara Nova*, sem contestar a necessidade da Semana Portuguesa na Galiza afirma ser mais pertinente a realização de uma Semana Galega em Portugal, que por outra parte já estava a ser organizada a partir de uma iniciativa do Seminario de Estudios Gallegos de Santiago de Compostela (cfr. *El Pueblo Gallego*, 27/01/1929, p. 1). Argumentava Osório de Oliveira:

O que não está certo, o que não pode ser, o que não pode, pelo menos, passar sem o nosso protesto [...] é que essa ideia tão simpática e tão generosa se transforme num instrumento de propaganda do *Diário de Notícias* e num meio do sr. António Ferro satisfazer a sua vaidade e as suas ambições. Os galegos conhecem-nos e não se deixarão enganar pelo sr. António Ferro, mas o emissário do *Diário de Notícias*, servindo-se desta ideia impudicamente, como de todos os assuntos, para fazer o seu ‘réclame’, estragará o projecto, destruirá o sonho de galegos e dos portugueses sinceros, e cobrirá de ridículo, como sempre, as nossas aspirações (*Seara Nova*, 1/04/1929).

Parece evidente que os entraves dizem respeito à proeminente participação de António Ferro, e o que ele significaria ideologicamente na altura⁴⁴⁰, na organização do evento. Neste sentido, os ataques a António Ferro desde as páginas da *Seara Nova* vão prodigar-se até ao ponto de ridicularizar abertamente um texto de Ferro aparecido no *Diário de Notícias* (11/04/29, p. 1) intitulado “Uma entrevista com a paisagem galega...”. No número 203 da *Seara Nova*, Manoel Mendes, sob o título “Carta aberta a alguns amigos” afirma sobre António Ferro “Tem, pelo menos, vinte quilos a mais para se poder aventurar a certos arrojos de destreza que o tornam ridículo”; no mesmo artigo:

António Ferro ao entrevistar, [...] em Madrid, o poeta galego Correa Calderón, sobre a moderna literatura portuguesa⁴⁴¹, consentiu, sem protesto, que fôssem subtraídos os nomes de Aquilino, Câmara Reys, Cortesão, Proença, Raúl Brandão, Sérgio e outros desta casa, o que levou o entrevistado a reclamar⁴⁴².

⁴⁴⁰ Lembre-se, p. ex., que dois anos antes, A. Ferro, em evidente ascensão pública com a ditadura militar, havia publicado em 1927 o seu *Viagem à Volta das Ditaduras* (através da editora do *Diário de Notícias*) onde reúne entrevistas a: o papa Pio XI, Turati, Ezio Garibaldi, Mussolini, Jacinto Benavente ou Primo de Rivera.

⁴⁴¹ Refere-se à entrevista de A. Ferro a Correa-Calderon publicada no *Diário de Notícias* (21/03/29, pp. 1 e 10).

⁴⁴² Nas páginas do *Diário de Notícias* (2/03/29, p.1) A. Ferro parece ter sentido a necessidade de legitimar a sua presença na organização da Semana Portuguesa na Galiza: “Exteriorizar uma iniciativa, dar-lhe força, não significa chamá-la a si nem monopolizá-la”.

É evidente que estas tomadas de posição encenam lutas internas no campo cultural português que pouco ou nada têm a ver com a organização da Semana Portuguesa na Galiza. Sim vão, não obstante, influir decisivamente no rumo dos acontecimentos entre os galeguistas metropolitanos. Por outro lado, a atenção do *Diário de Notícias* dedicada à Galiza iria mostrar-se impossível para os interlocutores galegos, pois se bem continua nos meses de março e abril e seguintes a abraçar a iniciativa, introduz notas contraditórias ao lançar abertos elogios ao ditador Miguel Primo de Rivera⁴⁴³. Deste modo, a reação de um dos mais destacados agentes galeguistas não se demorou: em artigo publicado em *El Pueblo Gallego*, Antón Villar Ponte, que até a data se tinha manifestado nas páginas deste jornal claramente favorável a organização da Semana (cfr. *El Pueblo Gallego*, 3/04/1929, p. 1) e que fazia parte da Comissão corunhesa, escreve:

Desde Paris recibo novas de don Bernardino Machado⁴⁴⁴, e d'Aquilino Ribeiro, Corteçao, António Sérgio, Raúl Proença, Domingues Santos e outros lusos ilustres que teñen grande prestixio no seu país e que son os verdadeiros dirixentes da 'Seara Nova'. Agora sei que eles que moito estiman a Galicia coidan que cecais non sexa o momento mais oportuno o d'agora para facer isas Semanas galega e portuguesa que se veñen orgaizando [...] E [...] faltando a sua colaboración, para min do mais estimábel de Portugal, eu sinto valeiro de fervor o meu espírito para colaborar como n'aquelas semanas (*El Pueblo Gallego*, 15/05/1929, p. 1).

A tomada de posição de Villar Ponte, na altura envolvido em movimentos políticos que viriam a possibilitar a queda de Primo de Rivera, é solidária com os republicanos exilados; o significativo aqui é, porém, o facto de provocar que aquelas organizações e agentes galegos envolvidos na organização da Semana na Galiza deixassem (na sua maioria) de participar ativamente na mesma, e segundo a informação

⁴⁴³ Neste sentido, por exemplo, no número 62 d'*O Notícias Ilustrado* (14/04/1929), aparecem significativamente uma fotografia de Ramón Cabanillas e Júlio Dantas em Mondariz e outra do ditador acompanhada de calorosos elogios. O próprio A. Ferro, enviado especial em Madrid, iria questionar o ditador sobre a Semana, obtendo a seguinte resposta:

Uma ideia excelente que merece todo o apoio do meu governo. É preciso que o povo português e o povo espanhol se visitem com mais frequencia... É natural que essas visitas comecem pelas fronteiras. E eu compreendo, perfeitamente, a amizade de Portugal pela Galiza; uma amizade de bons vizinhos... Oxalá eu esteja em Mondariz quando se realizar essa admirável iniciativa.

⁴⁴⁴ O antigo Presidente da República tinha morado, antes do exílio francês, durante os meses de abril e julho de 1927, na Corunha; ali, "establece amizade con [Álvaro] Cebreiro e con outros artistas republicanos e galeguistas [entre os quais A. Villar Ponte]. O Concello da Coruña nomeouno 'huésped de honor'" (Busto 2003: 312).

de que dispomos, frustrar a realização da própria Semana. Do mesmo modo, não foram encontradas, nas nossas pesquisas, mais intervenções de Alfredo Guisado, verificando-se deste modo um silenciamento por parte do produtor em foco. De facto, Alfredo Guisado não vai figurar na Comissão da Semana Portuguesa na Galiza que o diretor d'*O Notícias Ilustrado*, Leitão de Barros, vai apoiar incondicionalmente dois meses após o artigo de Villar Ponte⁴⁴⁵. O produtor em foco, que mantém uma importante relação com agentes do galeguismo⁴⁴⁶, atua em consonância com os postulados deste deixando de intervir quando os nacionalistas (e grupos portugueses) descartam a colaboração com o *Diário de Notícias* e António Ferro.

Em suma, no que diz respeito à rede *das origens*, na trajetória social de Alfredo Guisado destaca-se, resumidamente: (i) como a lealdade com as *origens* é realizada através do seu envolvimento no agrarismo metropolitano e, a partir de 1919, sempre em sintonia com grupos do enclave, com a adesão ao programa dos galeguistas; (ii) as intervenções guisadianas como agente ou intermediário (filo)nacionalista implicam uma notória ampliação da sua rede *das origens* (a metrópole já não estará configurada apenas por ideias e agentes da zona do Condado, mas da Galiza em geral), ao mesmo tempo que (iii) supõe novas tomadas de posição fora das margens do enclave galego de Lisboa; por último, (iv) parece evidente uma menor implicação do produtor em foco nas iniciativas do enclave ou dos grupos (agraristas e galeguistas) metropolitanos o qual se relaciona com as ideias e fortalezas ou fragilidades destes, assim como do seu próprio percurso social na Lisboa da década de 20.

5.4.2. Trajetória literária de Alfredo Guisado até 1930

Como já apontámos, a partir de 1915 a trajetória literária de Alfredo Guisado está marcada por sucessivas tomadas de posição que patenteiam o seu interesse por intervir no campo literário português, como vinha fazendo desde os inícios da década de 20. Este interesse, porém, atenua-se significativamente a partir de 1922, coincidindo

⁴⁴⁵ Em “Pela Semana Portuguêsa na Galiza. Os grandes valores galegos” afirma-se:

O ‘*Notícias Ilustrado*’ que, na pessoa do seu director sr. Leitão de Barros, se acha representado na Grande Comissão da Semana Portuguesa na Galiza da qual fazem parte muitos valores portugueses, e entre eles os jornalistas Abel Moutinho, António Ferro, Cristovam Ayres, Ferreira de Castro, Norberto de Araujo, que agora nos lembram, dá o seu apoio incondicional ao grande certame de entendimento, de carinho e de homenagem às altas qualidades do povo galego (*O Notícias Ilustrado*, 2/06/1929, p. 16).

⁴⁴⁶ Da relação com os agentes mais salientes do galeguismo dá também notícia o desenho inédito de Castelao (hoje exposto no Museu de Ponte Arêas, baptizado pela família Guisado como “O homem do organilho”), com data de 1929 (*vid.* Anexos, XLVII).

com a sua maior implicação no campo político português, pois, em função da pesquisa realizada, são (comparativamente) muito escassas as tomadas de posição literárias do produtor em foco desde esta data até o fim do período em estudo nesta Tese⁴⁴⁷. Por outro lado, em termos gerais, é evidente na produção guisadiana o recurso a materiais oriundos da rede *das origens*, da emergência galeguista nomeadamente, ampliando deste modo os repertórios guisadianos com propostas, em geral, inéditas até a altura no sistema literário português.

Nas páginas seguintes analisamos a trajetória guisadiana cronologicamente, seguindo o mesmo procedimento de análise que no capítulo 4 deste trabalho.

5.4.2.1. De Alfredo Guisado a Pedro de Menezes (1916-1918)

A publicação de *Elogio da Paisagem* em 1915 implicou o surgimento do pseudónimo guisadiano *Pedro de Menezes*, uma provável estratégia do produtor em foco, na nossa leitura, para desvincular a produção literária do seu nome próprio e, portanto, preservá-lo perante a crítica maioritariamente hostil contra os *malucos* do *Orpheu*. O novo pseudónimo guisadiano vai assinar (ou coassinar, juntamente com o ortónimo) o grosso da produção guisadiana em livro até a publicação de *As Cinco Chagas de Cristo* de 1927.

Em abril de 1916, Pedro de Menezes participa junto com membros do Grupo do *Orpheu* na revista *Exílio* na qual o produtor em foco consta como um dos fundadores. Dirigida por Augusto de Santa-Rita⁴⁴⁸, o número único de *Exílio* é considerado uma das publicações dos primeiros modernistas portugueses; apesar do veemente conteúdo *nacionalista*, aparece explicitamente como uma revista apolítica, o qual possibilita, entendemos, a intervenção guisadiana ao lado de produtores que intervêm no campo

⁴⁴⁷ Cabe assinalar nesta direção ainda o facto de a sua trajetória literária posterior a 1930 também se caracterizar por uma acusada menor intervenção no campo literário português, evidente se atendermos à sua produção.

⁴⁴⁸ Como vimos, Augusto Cau da Costa de Santa-Rita (1888-1956), era um dos amigos mais chegados de A. Guisado (cfr. *supra*). Segundo Óscar Lopes (1973: 723; cfr. Mascarenhas 2010), seria “[c]onhecido sobretudo por numerosa literatura de contos e peças infantis, para as quais criou em 1943 o Teatro de Mestre Gil”, desconsiderando a sua obra ao mesmo tempo que é posto em causa o modernismo da mesma. Augusto de Santa-Rita, como se sabe, era irmão de Santa-Rita Pintor, a cujo enterro em 1918 acode A. Guisado segundo a carta que lhe escreve a A. Ferro (a 13/05/1918):

Abrindo agora um parentesi nesta conversa, cujo fio retomarei no capítulo seguinte, deixa-me responder às tuas perguntas sobre o enterro do Santa-Rita, que foi curioso o que nesse dia em que tinha determinado ir com o José Perdigão no mesmo trem. Os amigos anunciaram no ‘Diário de Notícias’ que o enterro seria às duas e a família anuncio-o para as 11 da manhã. Daí uma confusão tão grande com a guerra europeia de maneira que quem leu o anuncio dos amigos foi às duas e quem leu o da família foi às 11. Nós fomos às duas. Já o Santa – Rita como deves estar a imaginar tinha tempo de ter ressuscitado, quando nós de competentes fraque chegamos à porta da casa do futurista Pintor.

literário com tomadas de posição bem distantes da de Alfredo Guisado; neste sentido, é exemplar a intervenção em *Exílio* do integralista António Sardinha⁴⁴⁹. Assim, o produtor em foco intervém com quatro poemas sob o título “O Mêdo de Satan pela Noite”, incluídos depois em *Ânfora* de 1918. Na mesma revista, Fernando Pessoa empenhado ainda em lançar e comandar o *sensacionismo*, inclui *Elogio da Paisagem* e o seu autor no citado *ismo* pessoano:

A breve e magistral colheita de sonetos, que o sr. Pedro de Menezes fez para o seu publico, marca bem a individualidade definida, que elle tem a dentro do Sensacionismo. A exuberancia abstracto-concreta das imagens, a riqueza de suggestão na associação d’ellas, a profunda intuição metaphysica que socleia tanto os versos culminantes dos sonetos d’esta plaquette, como, bastas vezes, a direcção animica de certos sonetos integralmente – tantas são algumas da razões que um espirito esclarecido e europeu encontra para admirar e amar o *Elogio da Paisagem* (Pessoa 1916; sublinhados nossos).

Além de “admirar” o repertório presente em *Elogio da Paisagem*, Fernando Pessoa, desde a sua posição de *primus inter pares*, assinala “dois defeitos” ao poemário guisadiano:

Convém não omitir que o sr. Pedro de Menezes junta ás suas grandes qualidades dois defeitos, que, não chegando a empanal-as, certo é que não deixam que ellas tenham o relevo a que teem jus. O primeiro defeito é uma certa deficiencia – por vezes accentuadamente notavel – de musicalidade, de suggestão puramente syllabica, de seducção *rhythmica* pura [...]

O seu outro defeito é menos frequente e, onde está, é, em geral, menos sensivel. É que por vezes o poeta esquece as leis, não só exotericas, mas esotericas tambem, da associação de ideias desconnexas, e juxtapõe imagens que, sendo, quasi sempre, cada uma d’ellas bella, não se fundem em belleza, não se synthetisam suggestivamente no espirito (*ibid.*).

Os membros do Grupo do *Orpheu*, como já assinalámos, costumavam, em regra, a comentar e criticar (numa estratégia evidente de dar-se a conhecer) a produção dos seus colegas; assim acontece com o livro guisadiano. Nas páginas de *Exílio*, também o

⁴⁴⁹ *Exílio*, para Teresa Almeida (Almeida 1982: XII), “tem [...] o cuidado de se distanciar de um projecto político concreto, considerando-se a si própria como ‘a linda praia em desterro’ daqueles que ‘independentemente da cor política, confiam ainda no ressurgimento de Portugal pelos novos’”.

amigo António Ferro dá o seu singular, mas elogioso, parecer acerca de *Elogio da Paisagem*:

A Paisagem deve sentir-se lisongeada... Pedro de Menezes fêz o seu elogio...
Os versos do Poeta não lhe disseram apenas a Beleza...
Deram-lhe mais Beleza...
Brilhantes que num gesto magnanimo Êle atirou ao seu regaço...
Porque a Paisagem não é tão bela...
Pedro de Menezes não deveria ter dito Elogio, mas Sonho da Paisagem...
Cada verso deste poeta lê-se como quem percorre uma alameda, onde a Ideia passeie
como uma princesa scismadora...
Ao meio um lago onde de quando em quando ela mergulha as maos ...
Pedro de Menezes, como todo o Português, descendente do Gama, descobriu no seu
espírito, um reino mais longínquo do que a Índia, o reino do Preste-Deus!... (Ferro
1916)⁴⁵⁰.

Em março, pouco depois da publicação de *Exílio*, outra vez desde as páginas de *Alma Nova*, António Bustorff (1916), além de vincular o texto guisadiano à “Arte moderna” introduz um comentário repreensivo contra a “arte quasi estravagante” recomendando as “formas claras” da produção guisadiana anterior⁴⁵¹.

Alfredo Guisado envia igualmente o seu poemário a *Vida Gallega* (20/05/1916, pp. 25 e 26), publicação metropolitana que já tinha dado notícias, não sem apontar alguma desconformidade com os repertórios utilizados, de *Distância* (cfr. *supra*):

Alfredo Pedro Guisado no es escritor gallego, pero *desciende de gallegos* y nos interesa su paso por la literatura portuguesa. No hace mucho tiempo hablamos aquí de un libro suyo de versos. Lo hicimos con aplauso. Hoy nos complace aplaudir también su

⁴⁵⁰ Em carta, desde a Galiza (a 2/08/1916), A. Guisado escreve alguns meses depois a A. Ferro: “Enquanto à paisagem, um encanto, muito mais bela que aquela que o idiota do Pedro de Menezes viu lá não sei onde”.

⁴⁵¹ Dizia António Bustorff (1916):

Já nem mesmo aparece nas montras das livrarias –de velho e esquecido que está para o burguesismo triunfante- o *Elogio da Paisagem* de Pedro de Menezes.

Edição agradável, guardando catorze sonetos de onde se destacam algumas jóias literarias que bem traduzem a alma de puro requinte artístico de quem as sonhou. Arte moderna, arte de difícil intuição, -arte quasi estravagante. Por vezes mimos de ritmo, de ideia e de delicadeza, como a *Canção das Fiandeiras* e ainda a *Romaria dos Echos*; mas sobre estes predominam os que, por uma excessiva síntese, dificultam a sua penetração. Porque não regressará Pedro de Menezes ao cultivo de formas poeticas claras, mas unanimemente louvaveis, onde já tem maravilhas da força da *Lenda do Mar*, da *Lenda dos Sinos* ou das *Lareiras*?... [refere-se a poemas de *Distância* de 1914] (sublinhados nossos).

‘Elogio da Paisagem’, colección de poesías que nos envió con atenta dedicatoria (itálicos nossos).

Como se pode apreciar, em *Vida Gallega* reconhecem o autor e aplaudem o novo volume. A seguir, no entanto, sem qualquer transição retórica, lançam:

Gran parte de la juventud literaria del vecino reino entró á roso y velloso por los campos del ‘futurismo’ y debe tenerse en cuenta esta influencia, la proximidad de esta nueva enfermedad literaria, para *disculpar* ciertos simbolismos del Sr. Guisado que obscurecen su producción

[...]

Esos ‘*futuristas*’ *no son elegantes, ni artistas, ni poetas, ni nada*, Y los escritores que tienen sensibilidad y, sobre todo, buen sentido, deben huir hasta de su sombra. Por esto no nos cansaremos de pedir al Sr. Guisado que ‘*beba en su vaso*’ —que es de buena medida— y no se deje *infeccionar* por la disparatada *moda* (itálicos nossos).

A crítica põe em causa o repertório literário do poemário vinculando-o ao *futurismo*⁴⁵². Novamente, destacamos, a rede *das origens* guisadiana resulta pouco útil para o jovem poeta; tem, sim, ao seu alcance espaços onde publicar mas não lhe se reconhecidos outros méritos, presumivelmente, além da posição dos Guisado no enclave. Por outro lado, fora do Grupo do *Orpheu* (e inclusive desde dentro) a produção guisadiana é recebida criticamente, o qual não parece afetar à sua evidente vontade de intervir no campo literário.

Com efeito, nesse mesmo 1916 (em meados de ano⁴⁵³), Alfredo Guisado, sob o pseudónimo Pedro de Menezes, lança *Treze Baladas das Mãos Frias*⁴⁵⁴. Esta nova intervenção, juntamente com a presença de Salomé e outros elementos repertoriais já pré-existentes, significa a introdução lateral na produção guisadiana (cfr. *infra*) de

⁴⁵² Expressivamente, *Vida Gallega* reproduz um dos poemas de *Elogio da Paisagem*, “A Canção das Fiandeiras” (o mesmo que antes tinha destacado A. Bustorff na sua crítica em *Alma Nova*), provavelmente por nele identificar alguns elementos acordes com os repertórios ruralizantes, centrais na produção literária em galego da altura e dos que *Vida Gallega* é, em geral, um dos seus defensores.

⁴⁵³ Em carta à namorada (a 21/06/1916): “Publiquei um novo livro que já tenho alguns exemplares, queria-te mandar um, mas receio que enviando-to pelo correio dê muito nas vistas, por isso será melhor que o leve minha prima quando te fôr visitar”. Em carta anterior (a 22/04/1916) escreve à namorada: “Não me agradeças nunca os versos que te oferecer porque é para ti que eu faço todos os meus versos”.

⁴⁵⁴ Desde a Galiza, em carta a A. Ferro (a 22/07/1915) tinha escrito: “Começo a escrever as ‘Treze baladas da Sombra’, vamos a ver se quando a Lisboa regressar já terei concluído”. Por outro lado, o exemplar consultado da Biblioteca Nacional contém uma dedicatória assinada também por *Pedro de Menezes*.

referências à história de Portugal (Alcácer-Kibir, Dna. Inês e El-rei D. Sebastião, por exemplo), como é evidente no seguintes versos da “Balada de Portugal”:

Portugal é um menino.
E como é um menino
E não sabe o que fazer,
O Sol antes de morre
Põe-se no longe a espritar.
Não vá êle pôr-se a correr
E vir a cair no mar.
E como é um menino
Quando o não deixam correr
As vezes põe-se a chorar...

Portugal, rajá doente.
Mãos sôbre o meu coração.
El-rei D. Sebastião
Passando pelo Poente (p. 35).

Optando maioritariamente por formas métricas diferentes ao soneto, Alfredo Guisado incorpora, como se vê no texto, elementos recorrentes da história de Portugal ao lado da elaboração mais intimista (por exemplo em “Balada das naus paradas”) na sua produção⁴⁵⁵. Em *Alma Nova*, revista atenta ao devir dos modernistas, novamente A. Bustorff (1916a) recebe o *Treze Baladas das Mãos Frias*, com ampla referência à produção anterior:

A sua bibliographia é a sua biographia. Poeta singélo, amaneirado, quasi académico em 1913, veio a publico com um livrito infantil e pouco harmónico, mas prometedôr a valer. A critica fez sobre ele um, não intencional, silencio, para só acordar, no ano seguinte, com a publicação de *Distancia*, um livro que teve o condão de irritar muito bom indígena e «japonez», e fez descer jornalistas varios a atitudes menos decorósas de garôtos de boca suja que atiram pedras ás victimas da sua *bilis* e lhes insultarem modos de vida, *toilettes* ou familia, á mingua de argumentos fortes e substanciosos. Acêrca do *Distancia* tudo se disse dos seu auctor e dos seus amigos, pouquissimas referencias se pronunciando sobre a obra em si. O *Elogio da Paisagem* mereceu identica sorte e das ditas ou desditas das *Treze*

⁴⁵⁵ Segundo Seabra Pereira, além do “desdobramento do eu”, em *Treze Baladas das Mãos Frias*, Guisado “alarga ao âmbito nacional a tragicidade do ente da realização malograda pela perda da identidade e procurando [...] recuperá-la e, assim, reassumir-se na plenitude originária” (Seabra Pereira 1979: 188).

baládas das mãos frias, ultimamente saídas para a publicidade, nada ou quasi nada podemos afirmar de seguro (itálicos no original)

E mais à frente:

Sob o aspecto da orientação psicológica do autor este livro filia-se, ainda e sempre, na maneira poética um tanto simbolista, um tanto interseccionista, um tanto extravagante, - mas de onde se destacam scintillas de Inteligência e de Mérito, -de que Pedro de Menezês se fez um paladino e um creador. Nem todos compreendem o que nas *Treze baládas das mãos frias* vem escrito, porquê nem todos estão afectos á orientação pessoalissima do Poeta. Naquelas composições, porem, em que a penetração é mais imediata e facilmente realizada, nessas encontram-se primores de engenho, no seu ritmo e na sua Ideia (sublinhados nossos).

Na crítica, sem deixar de elogiar o poeta⁴⁵⁶, reitera-se a *obscuridade* da poesia guisadiana, “um tanto simbolista, um tanto interseccionista, um tanto extravagante”, assim como é consignada a escassa (ou negativa) atenção que tem recebido a produção guisadiana. O livro, por outro lado, consta da biblioteca pessoal (como os dois seguintes) com a seguinte dedicatória: “Ao grande Poeta / Fernando Pessoa, / com muita admiração e estima, ofereço] / Pedro de Menezês”.⁴⁵⁷

⁴⁵⁶ A. Bustorff (1916a) introduzia assim o seu parecer acerca das *Treze Baladas das Mãos Frias*:

Pedro de Menezês, além de Poeta *prometedor* e *riquíssimo* de forma e de conceitos que, sempre, para nós tem sido, torna-se digno de uma muito especial *admiração* pelo desassombro com que se lançou na vida literaria e as provas de *continuo* e *absorvente trabalho* que, de quando em quando, nos dá (itálicos nossos).

⁴⁵⁷ Em finais de 1916 envia um soneto à namorada (a 8/12/1916) intitulado “Elogio das tuas mãos”, aparentemente inédito:

Tuas mãos endoidecem o luar.
Em cada gesto encontra-se marfim.
Quando as ergues, sózinha, para rezar,
Sinto essas rezas a chamar por mim.

São o meu Sonho quando estás Ausente.
Noivas de deus, freirinhas de Saudade,
Pombas fugidas dum pombal do Oriente,
Duas rainhas doutra Antiguidade.

Magia dos meus olhos encantados!
São lágrimas de arminho esses teus dedos.
Onde eles poisam nascem rendilhados.

Santa das minhas preces dolorosas,
As tuas mãos conhecem os segredos
De fazer com que a seda chore rosas.

Em *Mais Alto*, poemário de 1917⁴⁵⁸, será onde as novidades repertoriais do volume anterior passem a destacar-se. Composto pelas seções “Alcácer-Kibir”, “Elegia do silêncio”, “Íbis”, “Sete orações de uma boca defunta”, “As cinco aias da rainha cega”, “As exéquias da princesa”, “Outonal” e “O Infante”, é tematicamente heterogêneo ao longo das suas 120 páginas (cfr. Seabra Pereira 1979).

SAGRES

Banderia a tremular nas regiões do Mêdo,
Jardim, que em longe parque iam contando aias,
Sala, na qual o Mar guardava de segrêdo,
Como pedaços de oiro, ilhas, pendões e praias.

Sala que o Mar guardava. E numa hora-opala
O Mar adormeceu. E o Infante, mão de Deus
Que tateava o Longe, entre perdidos véus
Eis que o modo encontrou de abrir a velha sala.

Entrou. Olhou em volta e viu-se ante os espelhos.
Os espelhos-Distância, aos quais princesas, ilhas
Se penteavam de Côr sobre mistérios velhos.

Ao largo ia uma nau vencida de troféus...
E sua Alma partiu buscando maravilhas:
-Terras dum outro mar, mares dum outro Deus.

Com este poema exemplificamos um dos dois elementos destacados da proposta guisadiana: a evidente acentuação da temática *nacional*, amplamente desenvolvida,

⁴⁵⁸ A 1 de janeiro desse ano (1917), A. Guisado envia à namorada uma *crítica* teatral da peça “O príncipe de Sagres”:

É bastante bonito. Como obra literária é bela, duma musicalidade nos versos adorável, integrados já na nova corrente literária e duma riqueza de rima espantosa, mas como obra de teatro tem alguns defeitos, entre quais alguns que não são pequenos, havendo no desempenho, com excepção feita, a dois ou tres actores, muito a desejar. Emfim, é uma peça que agrada, que se vê sem cansaço, baseada numa das figuras mais interessantes de toda a nossa historia, o infante D. Henrique, que personifica bem todo o génio aventureiro da nossa Raça. Não quero dizer que ela seja rigorosamente historica, isto é, a peça tem os seus pecadinhos à verdade, em todo o caso como é uma joia literaria, perdoa-se-lhe alguma falsidade que foi necessaria para a teatralisar. Quando falarmos trocaremos melhor as nossas impressões.

Cabe apontar, a partir da correspondência com M. G. Ferreira e A. Ferro, o facto de o produtor em foco acompanhar a vida *cultural* da capital lusa; nestas cartas, são vários os comentários realizados relativos a eventos teatrais ou musicais da altura.

nomeadamente na primeira das seções “Alcácer-Kibir”⁴⁵⁹. Neste sentido, dois momentos da história de Portugal protagonizam sobre outros a intervenção guisadiana: o episódio de Alcácer-Kibir⁴⁶⁰ e a época das Descobertas (cfr. Lourenço 2003: XXXVII). Por outro lado, como já assinalou Apolinário Lourenço (Lourenço 2003: XXXVIII; Quadros, 1989: 151), no poema citado e noutros do poemário agora focado, são evidentes as “conexões” com a *Mensagem* de Fernando Pessoa⁴⁶¹. Destaca-se, em segundo lugar, o orientalismo, tão caro aos modernistas, especialmente na seção intitulada “Ibis”, consistente na incorporação de referências históricas e personagens do que na altura, presumivelmente, se considerava oriental (e exótico), com preferência para a temática egípcia; os títulos dos poemas de “Ibis” não deixam lugar a dúvidas: “Nitokris”, “Termutis”, “Cleópatra”, “Kéops”, “Kefren”, “Mykerinos”, “Osíris”, “Isis” e “Horus”⁴⁶².

A respeito de *Mais Alto*, importa salientar que na edição de 1917 (não na de *Tempo de Orfeu* de 1969), quase todas as seções do volume estão dedicadas: Afonso Rodrigues-Pereira, Antonio Alves Martins e José de Azeredo Perdigão, Martinho Nobre de Melo, Alfredo Freitas Branco e Álvaro Pereira Maia, Augusto de Santa-Rita, Diogo de Macedo⁴⁶³ e Silva Tavares, Armando Côrtes-Rodrigues; enquanto alguns destes

⁴⁵⁹ Segundo António Quadros (1989: 149; itálicos no original) os membros do Grupo do *Orpheu*, sob novos moldes estéticos, “continuariam a afirmar uma ideia de Portugal, que não só refletia o seu total empenhamento na afirmação, definição e valorização do *ser lusitano*, como uma concepção de um Portugal *pátria eleita*, portador de uma missão providencial ou de uma mensagem, não menos vinculada. Mais: à hora de descrever como os modernistas se relacionam literariamente com a *ideia* de Portugal, A. Quadros (*id.*: 150) põe em destaque (com outros textos de Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Augusto Ferreira Gomes) *Mais Alto*:

a abrir encontramos um grupo de dezasseis poemas subordinados ao título geral de *Alcácer Quibir* e a fechar outro de três poesias sobre *O Infante*. Embora dentro de um modernismo simbolista, muito esteticista, Guisado entrelaça naquele primeiro grupo os motivos do saudosismo e do sebastianismo, fazendo lembrar Pessoa, por exemplo no soneto *A Saudade*.

⁴⁶⁰ É esta a seção que a crítica de A. Bustorff em *Alma Nova* a *Mais Alto* destacará:

No *Mais Alto*, destacam-se os poemas em que é motivo predominante a tragédia de Alcácer-Kibir. Pedro de Menezês consegue ser grande: nos seus versos parecem cantar ainda os últimos gritos de incitamento da «fatal maravilha» que foi D. Sebastião. Depois todo o ambiente se carrega de cores, e enevoenta, e entristece, no choro clamoroso das moirinhas que buscam nos campos El-rei morto.

Mais Alto, vae tendo o aspecto de uma obra definitiva. O seu auctor destaca-se com superioridade na geração que agora avança (Bustorff 1918: 16).

⁴⁶¹ Apolinário Lourenço anota ao longo de todo o texto numerosas “conexões” com textos de Pessoa, nomeadamente *Mensagem* (cfr. *Tempo de Orfeu*, pp. 49-138).

⁴⁶² Nitokris, personagem de origem egípcia, já havia sido motivo de elaboração poética no soneto “Sonho Egípcio” de *Orpheu* 1.

⁴⁶³ O artista Diogo de Macedo, autor da capa do guisadiano *Ânfora*, participa em eventos artísticos em meados da década de 10, como a I Exposição de Humoristas e Modernistas onde participa igualmente Almada Negreiros. Relativamente às dedicatórias, não encontramos nenhuma explícita à namorada, apesar de várias vezes se referir a este assunto na correspondência com M. G. Ferreira; por exemplo (a 26/11/1917):

nomes remetem inequivocamente para o Grupo do *Orpheu*, outros (também citados na correspondência com A. Ferro) ou bem pertencem ao conjunto de relações oriundas do Liceu do Carmo (Azeredo Perdigão, provavelmente) ou seriam novos companheiros de universidade.

Mais Alto, por último, foi também objeto de crítica nas páginas de *Alma Nova* pela pena, novamente, de António Bustorff (1918):

Pedro de Menêzes publica mais um livro de Poemas, - *Mais Alto*, - em que predominam os Sonetos, - tocados em geral pelo mesmo ritmico e florentino cinzel que as suas anteriores produções literárias já demonstraram.

São ainda poemas simbolistas, onde se encontra um pouco dessa imprecisão, dessa pratica de construcções gramaticaes propositadamente confusas na ancia de melhorar a fôrma estetica da frase.

Vista a razão de existencia dessa escola, dessa pretensa escola literária, compreende-se a legitimidade de tão bizarros processos, porque o simbolismo nada mais foi que um «balão de ensaio» atirado em ar de hoste anti-naturalista, a que o interseccionismo veio mafarricar a penetração. A critica já sobre ele se pronunciou, - não entaremos nós, é facto, com palavras definitivas.

Feitas as ressalvas quanto à *escola* literária do produtor em foco, o crítico (e, muito provavelmente, amigo) elogia produto e produtor, pondo em destaque a temática *nacional*:

Pedro de Menezês, entretanto, é dos raros que em Portugal o veem praticando com sucesso. De dia a dia o seu publico aumenta e sendo ainda um Novo que iniciou a sua carreira literaria ha dois ou tres anos apenas, tem o seu nome aposto em obras de apreciado merito, demonstrativas de um trabalho probro e cheio de inteligente continuidade. No *Mais Alto*, destacam-se os poemas em que é motivo predominante a tragedia de Alcacer-Kibir. Pedro de Menezês consegue ser grande: nos seus versos parecem cantar ainda os ultimos gritos de incitamento da «fatal maravilha» que foi D. Sebastião. Depois todo o ambiente se

Acabei ontem de escrever um poema que há-de ser publicado em breve e que te hei-de dedicar. É um poema duma Infanta muito linda, e tão linda e tão santa que até os seus sentidos eram pombas. Há sempre uma Infanta nos meus versos que eu canto, a que elogio os dedos alongados, a quem tento descrever na minha bem humilde inspiração, desenhar-lhe o perfil que é quasi um sonho, descrever-lhe a Alma que é como uma alvorada [...] Eis porque o motivo dos meus versos é sempre a querida princesa cujos olhos me tocaram de encantamento. Vivo nas minhas poesias, meu Amor, porque vivendo nelas eu consigo encontrar-te, habitando o meu sonho consigo um pouco de alívio ao sofrimento de estarmos há tanto tempo apartados.

O poema citado não parece tratar-se do “Soneto” publicado em dezembro em *Alma Nova* (vid. Bibliografia).

carrega de cores, e enevoenta, e entristece, no choro clamoroso das moirinhas que buscam nos campos El-rei morto.

Mais Alto, vae tendo o aspecto de uma obra definitiva. O seu auctor destaca-se com superioridade na geração que agora avança.

Nesse 1917, além de publicar *Mais Alto*⁴⁶⁴, Alfredo Guisado não intervém, como já referimos, em *Portugal Futurista*, onde, ao lado de autores não portugueses, participam Santa Rita Pintor, Almada Negreiros, Amadeo de Souza Cardoso, Mário de Sá-Carneiro (já falecido), Fernando Pessoa (também Álvaro de Campos)⁴⁶⁵ e Raul Leal.

A publicação de poemários, um por ano desde 1913, e, portanto, a vontade clara de intervir literariamente, prossegue com o lançamento de *Ânfora* em finais de 1918⁴⁶⁶. Considerado pela crítica o *melhor* livro de Alfredo Guisado após o trabalho de Óscar Lopes de 1973 (cfr. *supra*), está dedicado ao irmão e ao cunhado⁴⁶⁷. Nele se incluem os 13 sonetos de *Orpheu* e alguns outros poemas já publicados anteriormente como “Arabescos” que tinham aparecido nas páginas de *El Tea* (29/01/1915, p. 1). Distancia-se, porém, do anterior livro ao apresentar uma maior homogeneidade; ao lado de elementos da história de Portugal, do orientalismo, nesta intervenção com menos

⁴⁶⁴ Nos inícios de 1917, A. Guisado envia um outro poema à namorada (a 3/01/1917): “Deixa-me que te envie um soneto que eu fiz há dias [...] soneto que me souberam inspirar os teus olhos, pelos quais eu tenho a mesma devoção que um monge pode ter pelas santinhas que se erguem na religiosidade dos altares”; “Oração aos teus olhos”:

Praias de alheamento, ancoradouro
Das caravelas do meu Sonho e Mêdo.
Portos donde partiu o meu Segrêdo
Para paragens de Mistério e Ouro!

Ermidas onde há moiras encantadas
Que espreitam por vitrais adormecidos
E à noite se recolhem assustadas.
Luas que dão luar aos meus sentidos.

Minhas órbitas são claustros ausentes,
E as pálpebras, abóbadas silentes
Dum convento ao Sol-posto nos meus olhos.

Os teus gritam olhar. Ânsia derretem
E nas pálpebras minhas se repetem.
-Meus olhos são os ecos dos teus olhos!

⁴⁶⁵ Contudo, *Mais Alto* sim consta da biblioteca pessoana com a seguinte dedicatória: “Ao Fernando Pessoa. / Ao grande Poeta e ao / bom amigo, com um abraço de admiração”.

⁴⁶⁶ Em carta enviada a A. Ferro (na altura em S. Tomé) refere sobre este volume (a 15/11/1918): “A ‘Ânfora’ logo que sair manda-la-hei encaixotada com o dístico de ‘frágil’”; e mais à frente, “[p]reparo um livro em prosa...”. Em carta anterior (a 13/05/1918) já havia aludido a esta novo poemário: “A minha *Ânfora* não sei ainda quando estará de todo impressa”.

⁴⁶⁷ Constam também dedicatórias a António Vaz Pereira e “Á memoria de António Nobre”. No exemplar conservado na Biblioteca de F. Pessoa figura: “Ao Fernando Pessoa. / Ao Amigo e ao Ar/tista com um grande/abraço de admiração, /de/Pedro de Menezes”.

protagonismo, recupera os motivos presentes nos livros anteriores a *As Treze Baladas das Mãos Frias*, isto é, *Distância* e, em maior medida, *Elogio da Paisagem*.

Ânfora, junto com *Elogio da Paisagem*, *As Treze Baladas das Mãos Frias* e *Mais Alto*, viriam a ser novamente editados, como já se referiu, em 2ª edição no volume *Tempo de Orfeu*, com o consentimento distante de Alfredo Guisado (cfr. Soares 1970)⁴⁶⁸.

Pelo até aqui visto e em função da informação manipulada, a trajetória literária de Alfredo Guisado: (i) está marcada pelo manifesto interesse em intervir no campo literário português (graças, também, ao apoio familiar dado às suas onerosas iniciativas), agora sob o pseudónimo Pedro de Menezes; (ii) as suas tomadas de posição não são objeto de aplauso nítido da crítica aqui assinalada (até de outros produtores próximos); (iii) sem significar uma rutura, as tomadas de posição expressam, antes de mais, a progressiva desagregação do surto modernista, (iv) perante a qual o produtor em foco segue um rumo pessoal, introduzindo novos elementos no seu repertório literário.

5.4.2.2. Novos rumos e intermediação galeguista (1919-1922)

Depois de *Ânfora*, o percurso guisadiano vai estar condicionado pela participação ativa no campo político português (no âmbito autárquico primeiro) e, com grande relevância para os rumos da sua produção literária, pela vinculação ao programa cultural e político dos galeguistas.

Depois de não publicar durante 1919 em livro, no ano a seguir lança novo poemário dedicado à sua irmã falecida em 1912, *A Lenda do Rei Boneco* (1920). Contudo, em 1919, sob o pseudónimo **Alfredo Abril**, sim intervém na publicação humorística *O Riso d'a Vitória*, dirigida por João Barradas e Henrique Roldão⁴⁶⁹, onde também escrevem os seus amigos António Ferro e Augusto Cunha. Nos quatro textos publicados (“Uma horrorosa tragédia no Rocío. Trata-se duma menina da nossa primeira sociedade e dum soldado da última”, “O Major maneta”, “Um inexplicável

⁴⁶⁸ *Tempo de Orfeu*, por outra parte, vai supor uma quebra (limitada) no silêncio guisadiano, mas também a vontade expressa de juntar a produção de *Pedro de Menezes* sob o recuperado, a partir da década de 20, *Alfredo Guisado*.

⁴⁶⁹ Segundo Helena Bruto da Costa, autora da “Ficha Histórica” da publicação na Hemeroteca Municipal de Lisboa (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/RisoVitoria.pdf>), o *Riso d'a Vitória* (1919-1920; 11 números) “teve a marca episódica do modernismo: um vincado individualismo de exame, com a visão simplista da análise de um concreto general generalizado em superfície, e abordando os problemas da época sem aprofundamento de causas”; um dos diretores do *Riso d'a Vitória* era João Barradas, “pintor do modernismo português”; quanto ao público alvo, Helena da Costa entende esta publicação humorística como destinada “[a]os pequenos burgueses lisboetas, sem excluir algumas camadas da média burguesia urbana, que evidência parcialmente os mesmos interesses”.

crime de amor” e “A tragédia dum guarda freio”; *vid.* Bibliografia), Alfredo Guisado faz a única intervenção no humorismo de que tenhamos notícia no período em análise nesta Tese; mais relevante, em nosso entender, é o facto de criar um novo pseudónimo (recorrendo, mais uma vez, a um sobrenome de família) para proteger o seu nome próprio e, por outro lado, a vigência das relações de amizade oriundas do Liceu do Carmo que esta tomada de posição expressa. Dos textos publicados, apenas destacamos no primeiro (*vid.* Anexos, XLVIII) a introdução da questão das obras do Rossio que, como vimos, despertou em Alfredo Guisado amplo interesse, chegando a intervir publicamente ao respeito.

De 1920 data o novo poemário guisadiano, *A Lenda do Rei Boneco*, que encena uma mudança na trajetória literária guisadiana ao introduzir repertorialmente ao mundo da infância na elaboração do texto poético. Em carta à namorada (a 28/06/1920) dava a seguinte explicação acerca do livro:

O meu livro ‘Lenda do Rei Boneco’, já está impresso, só falta a capa que está a fazer. Dentro duma ou duas semanas estará concluído. Era um livro que eu gostaria de ter publicado quanto já tivesse o primeiro filho, porque assim não só o dedicaria, como o dedico, à memória da minha irmã, como também ao meu Alfredinho.

Emfim, não pôde ser e sai agora. Mais tarde quando êle nascer e depois quando crescido se sentar nos teus joelhos para ler a lição de português, tu lho irás explicando.

E até me parece que já te oiço, dizendo-lhe: -‘Vês? O rei Boneco era um brinquedo do teu papá, quando êle tinha a idade que tu tens. Mas é que êle merecia êsse brinquedo porque era muito sossegado enquanto que tu não o mereces porque és muito desinquieto’.

Na nova intervenção guisadiana pouco resta do repertório modernista, se bem são reconhecíveis o léxico e os motivos que acompanham quase todo o repertório guisadiano⁴⁷⁰; por outra parte, o modernismo já havia caído no esquecimento no campo

⁴⁷⁰ *Rainhas e reis, bailadeiras, castelos, aias, infantas*, etc. Ao lado destes elementos, outros parecem remeter mesmo para a sua infância em Pias, por exemplo, “O baloiço” (“Na minha quinta, em pequeno / Tive um inquieto baloiço”...); composições como “A moura encantada” lembram, por outro lado, a *literatura* oral popular galega, muito provavelmente conhecida no meio familiar, como indica em carta à namorada relativamente à sua madrinha (a 19/09/1920):

Contava-me várias histórias de *moiras encantadas* e de *rainhas* que tinham vivido num *castelo em ruínas que fica próximo da aldeia do meu pai*, castelo que havemos de, quando formos casados, ir visitar. Já várias vezes te tenho falado nele: -é como um monge de granito vigilante, sôbre um outeiro que foi testemunha certamente de contendas e lutas medievais. Do cimo das suas paredes já gastas dos séculos que as beijaram, divisa-se, ao longe, uma paisagem encantadora (itálicos nossos).

O castelo não pode ser outro senão o Castelo de Vilasobroso (depois comprado pelo *Lisboano* Alejo Carrera) e motivo de elaboração poética explícito em *Xente d’a Aldea*.

literário português. No seu conjunto, *A Lenda do Rei Boneco*, significa uma tomada de posição, desligada de qualquer grupo⁴⁷¹, vocacionada, quiçá, para passar despercebida no campo literário português, a julgar os elementos que nutrem o seu repertório e a posição no campo político do produtor em foco. A crítica desde as páginas do *Diário de Lisboa*, outra vez, do seu amigo António Ferro (1921; bastantes meses após a publicação) destaca o poemário como o “livro da semana”, não sem antes elogiar o percurso literário guisadiano:

Pedro de Menezes é um poeta a quem se não tem feito justiça. O público não o conhece, os artistas fingem não conhecê-lo... E, entretanto, Pedro de Menezes é um dos melhores poetas da geração, milionário de ritmos, um daqueles que possui maior riqueza de imagens, imagens que ele prodigalisa por todos os seus poemas... Cada verso do poeta é o altar duma dessas imagens. Ele é o Ravel da poesia portuguesa dessa hora. O seu processo é, na verdade muito semelhante ao do grande músico francês. Ele tem uma imaginação tão rica, tão exuberante, tão fecunda, que não tem tempo para desenvolver os motivos que a sua arte encontra. Deixa-os, apenas, apontados, em telegrama, em síntese, em abreviatura... Os livros de Pedro de Menezes são livros de imagens, livros onde há falenas de azas espalmadas... A sua arte é natural de Bagdad. Os seus poemas ricos, plenos de ‘coussise’, de tamboretes, de pandeiretas, de turbantes, de repuxos, são salas dum palácio, o palácio dum Kalifa... (itálicos nossos)⁴⁷².

Além de aplaudir os repertórios (*imagens, imaginação, orientalismo, etc.*), começa por assinalar a pouca fortuna da produção guisadiana anterior perante a crítica literária. A seguir, declara-o o livro “que eu mais estimo, o mais equilibrado de todos os seus livros”, sendo que “há de ficar [...] como uma das mais belas evocações que em

⁴⁷¹ Apesar de ter sido anunciada colaboração guisadiana na *Contemporânea*, em finais de 1922, finalmente não se produziu (cfr. *Contemporânea*, dezembro 1922: 84). Não colabora tampouco na revista dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz, *Athena*, de 1924, ano em que Alfredo Guisado estará totalmente debruçado na política. Colaborará sim, ao lado doutros elementos do (antigo) Grupo, no número da revista *Sudoeste* (subintitulada “Cardernos de Almada Negreiros”; 1935), espécie de homenagem ao *Orpheu*, com o poema “Quando eu nasci”, datado em 1914 (*vid. Biblio.*; recolhido com alterações em *Tempo de Orpheu II*).

⁴⁷² Nesse mesmo ano, Augusto de Santa Rita publica *O Mundo dos meus Bonitos* (cfr. Mascarenhas 2010[76 e ss.]), virado repertorialmente também para a infância o que, segundo podemos interpretar das palavras de A. Ferro, pôde ter sido entendido como *suspeito* (“Disse-se para aí que este livro teria sido influenciado pelo ‘Mundo dos meus bonitos’”, de Augusto de Santa Rita – outro grande poeta que a minha geração ainda não compreendeu”, escreve A. Ferro); segundo o autor da crítica no *Diário de Lisboa*, contudo, “‘O mundo dos meus bonitos’ [...] é um livro que há de ficar como uma das mais belas evocações que em Portugal se tem feito da meninice dum lusiada; ‘A lenda do rei Boneco’ [...] há de ficar [...] com uma das mais belas evocações que em Portugal se tem feito da meninice dum artista, essa meninice que não termina... Os poetas são os meninos de Deus” (Ferro 1921).

Portugal se tem feito da meninice dum artista, essa meninice que não termina...”⁴⁷³. Note-se, por fim, a explícita vontade de seguir intervindo no campo literário expressa neste poemário guisadiano, onde, ao lado da produção literária anterior (desde *Rimas da Noite e da Tristeza*), se dá notícia dos próximos *Xente d’a Aldea (versos galegos)* e *Nossa Senhora da Alma*, dos quais apenas o primeiro foi efetivamente publicado⁴⁷⁴.

A trajetória literária guisadiana a partir de 1919, não obstante, está presidida pelo seu crescente papel de **intermediário** no **quadro relacional galego-português**, agora determinantemente mais prolífico graças às novas capacidades dos galeguistas. Como vimos, a sua rede *das origens* vai, pouco e pouco, ampliando-se, na medida que contacta com agentes do galeguismo metropolitano; perante estes, Alfredo Guisado significa-se propositadamente como agente útil em função dos seus vínculos ao enclave lisboeta e à sua posição progressivamente mais destacada no campo político português (como “Voso amigo e correligionario lial” assinava carta n’A *Nosa Terra* [15/05/1921, p. 7]). Em 1919, acompanha e participa nos eventos do enclave em sintonia com os postulados galeguistas. Neste quadro, o produtor em foco notabiliza-se igualmente como *escritor*, atributo reconhecido, com certeza, dentro do enclave e na metrópole familiar (a zona do Condado, na Galiza); como tal, aquando da criação da “Comissão de Propaganda de Autonomia Regional da Galiza” em Lisboa, que o próprio Guisado

⁴⁷³ A crítica posterior foi bem menos elogiosa do que a de A. Ferro, “parca curva descendente” para Seabra Pereira (1979: 175; cfr. Lopes 1973: 716); enquanto para Apolinário Lourenço (2003: XXXVIII-XXXIX), relacionando com a produção literária do momento, “[e]xpurgados do sensacionismo órfico, os versos da *Lenda do Rei Boneco* são idênticos aos de muitos outros poetas que evocaram a sua infância [...], não se distinguindo com o epigonismo saudosista que concorre com os projectos de reafirmação da vanguarda”.

⁴⁷⁴ Do projetado poemário *Nossa Senhora da Alma* deu notícia à namorada em duas ocasiões: “Com ideia de mandar para a tipografia, estive hoje a ler o pequeno poema que escrevi para te dedicar: ‘Nossa Senhora da Alma’” (a 10/09/1918); e “[o] livro: -‘Nossa Senhora da Alma’, vai em breve para a tipografia. São rezas à Senhora dos meus olhos, a quem quero mais do que a mim próprio” (a 28/06/1920). Poucos dias depois, A. Guisado escrevia novamente à namorada (a 2/07/1920):

Escrevi ontem um soneto, noite velha, quando tinha acabado de estudar umas coisas. É dum futuro livro que apenas tenho começado e que há-de chamar-se ‘Eucaristia das joias’.

As joias para mim são poucas as que teem valor. Posso até dizer-te quais são. São os teus olhos, os teus olhos que no marfim das tuas faces lembram dois diamantes dum Rajá lendário; são os teus dedos, longos e afilados, brancas como o arminho, que lembram fusos de luar duma roca de sonho duma rainha encantada; são as tuas palavras que caem como plumas de invisível maravilha do cofre que se chama a tua bôca, onde dois meninos de rubim, os teus lábios, guardam de noite e de dia o tesouro precioso daquelas pérolas adoráveis que são os teus dentes [...] E pensando em ti, -ouve bem- pensando em ti, eu fiz aqueles versos como farei todo o livro [...] Desde que te conheci -podes acreditar- nunca mais deixou da tua imagem me acompanhar naqueles momentos em que o meu cérebro arquitecta uma poesia, a minha Alma a sente e a minha mão a transcreve para o papel. Só tu passas com uma santa nos meus versos.

Todo parece indicar que entre o espólio guisadiano, hoje só parcialmente conhecido, poderá haver ainda outros textos inéditos.

íntegra, dá (muito provavelmente) uma conferência sobre “Literatura Gallega” em Juventud de Galicia.

Paralelamente, recupera o seu nome, assinando já em 1919 como *Alfredo (Pedro) Guisado*, por exemplo, o poema “El y Ela” (*A Nosa Terra*, 25/09/1919; mais tarde recolhido em *Xente d’a Aldea*), que, como indicam na publicação galeguista, está diretamente relacionado com uma das iniciativas da colónia em que havia participado Alfredo Guisado. A utilização do ortónimo (por vezes juntamente com pseudónimo *Pedro de Menezes*) expressam a vontade clara de dar-se a conhecer na *nova* metrópole e, sobretudo, de intervir no espaço social lisboeta, no campo literário português, associado aos galeguistas metropolitanos (e a grupos do enclave lisboeta); em nosso entender, as sucessivas intervenções do produtor em foco, bem como as várias *respostas* obtidas assim o indicam.

A partir de 1920, integrando e compatibilizando em parte os interesses dos *Lisboanos* e as elaborações galeguistas, começa a intervir, como já referimos, no espaço social lisboeta através de diversas publicações. Nesse ano, em entrevista n’*A Pátria* (*vid.* Anexos, XLIX), além de mencionar abertamente a imigração galega, o agrarismo e o nacionalismo metropolitanos, destaca alguns dos produtores centrais da emergência galega: Rosalia de Castro, Curros Enríquez e, o cada vez mais conhecido e reconhecido, Ramón Cabanillas, progressivamente com maior visibilidade nas intervenções guisadianas, sendo, por outro lado, cedo conhecido do produtor em foco, muito provavelmente, em função da temática *agrarista* presente na produção do conhecido como *Poeta da Raça* e dos estreitos vínculos que este mantém com os Peinador de Mondariz (*cfr. supra*). Deste modo, as tomadas de posição de Alfredo Guisado nesta altura no meio lisboeta contribuem nitidamente para promover produtores e produtos da emergência galega, sendo esta uma das funções que parece assumir enquanto intermediário no quadro galego-português.

As sucessivas intervenções de Alfredo Guisado contribuem igualmente para a visibilidade do protosistema literário galego em sintonia com as ideias elaboradas pelos galeguistas; neste sentido, dizia na entrevista publicada n’*A Imprensa de Lisboa* (*cfr.* Anexos, XXXVI):

A luz iluminou a *paisagem* e as *almas*, e de boca em boca e no brilhar das *foices* e no *sussurrar* dos *pinhais*, um *hino*, um longo *hino* de Amor e de *Saudade*, uma canção do *Passado* não morrera e apenas estava adormecido, se ergueu e perfumou os ares e abraçou os céus.

Nas orações dos *poetas*, porque são orações os seus versos, nos *gritos* revoltados dos *desenhadores* que transformam os lapis em espadas, passa uma onda de *patriotas*, que se agrupam, que dia a dia aumentam, que pronunciam o nome da sua *Patria* como os fanaticos pronunciam o nome de Deus, que levantam nas mãos anciosas o calix da sua *Raça* vigorosa... (itálicos nossos)

No primeiro parágrafo citado, é notória a presença de elementos nucleares dos repertórios literários galeguistas: *paisagem*, *almas*, *pinheiros* e *hino* (o “sussurrar dos pinhais” é uma clara alusão ao Hino galego, cuja letra é da autoria do poeta oitocentista Eduardo Pondal), *saudade*, *passado* e (vinculado sobretudo à produção de Ramón Cabanillas) as *foices*. Esta exposição da emergência galega complementa-se, no segundo parágrafo citado, com o papel que *poetas* e *desenhadores* (Castelao na altura) desempenham enquanto *patriotas*; isto é, em função desta citação (e doutras; cfr. *supra*), evidencia-se em Alfredo Guisado um entendimento da *literatura* galega como *locus privilegiado*, nos termos de Elias Torres, porquanto funciona fundamentalmente como elemento coesionador e identificador, afim à *causa* dos nacionalistas galegos.

Ao mesmo tempo, equaciona a relação entre a Galiza e Portugal em termos (culturais) de igualdade, de *mesmidade*, apontávamos mais acima (“a mesma sentimentalidade, a mesma religiosa saudade pela sua pátria, a mesma infinita ternura”), assumindo as linhas de força da lusofilia galeguista desde o século XIX, ativando, portanto, o referente de reintegração que para os galeguistas coetâneos significa maioritariamente Portugal. São várias as tomadas de posição nesta direção, assumindo, por exemplo, o *passado* literário, a lírica galego-portuguesa medieval, como mais um elemento a unir as duas margens do Minho. Assim, nestes termos, se referia aos vínculos galego-portugueses n’*A Democracia* (12/08/1921, p. 1; cfr. Anexos, XXXIX), publicação partidária (“Diário do Partido Republicano Português”) acessível para o produtor em foco em função da sua posição no campo político:

Os jogos florais, luso-galaicos serão o início. Depois a literatura galega entrará em Portugal do mesmo modo que a literatura portuguesa na Galiza, como se fosse duma mesma terra e dum mesmo povo, como se a mesma sensibilidade e o mesmo coração os

animasse, como se dois amigos de há muito afastados viessem de novo encontrar-se no caminho da vida, recordando o passado e erguendo luz e esperança no futuro.

Relativamente ao relacionamento galego-português, as tomadas de posição de Alfredo Guisado nestes anos estão na mesma direção que as dos galeguistas metropolitanos e grupos portugueses. Este relacionamento articula-se em função do que denominámos **tendências intersistémicas simétricas** (as intervenções guisadianas são um claro exemplo), cujo elemento nuclear é o repertório partilhado, constituído pelos vínculos de variado tipo que entre galegos e portugueses existem desde a Idade Média, segundo os galeguistas e grupos nacionalistas portugueses.

Mas em Guisado, na nossa análise, o entendimento do quadro relacional galego-português está de alguma forma articulado também em virtude da sua **lealdade com as** (suas) **origens**. Nas suas tomadas de posição estão presentes, em regra, menções à colónia galega de Lisboa assim como ao IN, integrando e compatibilizando, deste modo, as elaborações galeguistas, que ele assume, e os interesses dos *Lisboanos*. Isto implica uma outra função para as suas intervenções enquanto intermediário, pois ao *unir*, nos seus discursos, o enclave galego de Lisboa às iniciativas e repertórios da emergência galeguista, na prática, associa os membros daquele a um conjunto de *bens* “cuya posesión significa riqueza y prestigio” (Even-Zohar 1999: 27; cfr. *supra*) no espaço social da capital lusa, onde até à altura os galegos eram tratados e entendidos socialmente sob o prisma do IN.

5.4.2.2.1. Produção literária galeguista: *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos*

Em função dos objetivos definidos nesta Tese, analisamos nas páginas seguintes o poemário *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* bem como as críticas literárias de que foi objeto individualizadamente. Publicado em Lisboa em 1921, com capa de Castela e a ele dedicado, supõe literariamente um caminho inédito, em parte, na produção portuguesa no período em foco.

A primeira notícia do novo livro guisadiano de que temos notícia aparece na rede *das origens*, em *El Tea* (13/06/1919, p. 2), aquando das conferências *galeguistas* de Juventud de Galicia: “‘Xente d’aldea’” [...] Así se titula un precioso libro de versos, escrito en gallego por nuestro amigo el insigne poeta Alfredo P. Guisado. La sangre gallega, por doquier que esparza sus girones, da muestras evidentes de su incomparable ternura”. Poucos meses depois, *A Nosa Terra* (25/09/1919) dava igualmente notícia do

poemário guisadiano e reproduzia um dos poemas recolhidos em *Xente*, “El y Ela”, também publicado no número 48 revista *Atlântida* (em 1920). No poema, a tematização dos vínculos galego-portugueses numa *relação amorosa* entre a Galiza (a *noiva*) e Portugal (o *noivo*), sem ser uma novidade, é expressiva de uma das possíveis explicitações repertoriais da aproximação galego-portuguesa⁴⁷⁵. Estes elementos repertoriais estarão presentes, com algumas alterações, no poema “A Voz de Galicia” publicado por primeira vez na Galiza em *El Tea* (23/04/1921, p. 2), no mesmo número que este noticia a homenagem da colónia galega ao soldado (português) desconhecido em Lisboa, para a qual parece mesmo elaborado o poema guisadiano; em “A Voz de Galicia”, a *relação* entre a Galiza e Portugal é de parentesco: são dois *irmãos* que têm um percurso paralelo (“Viñemos ô mundo xuntos, / Co’o mesmo céu nos vestimos”).

Antes da publicação, dão também notícia de *Xente* no *Correio da Manhã* (12/04/1921), onde Ruy de Veras (um pseudónimo?) na seção “Ecos das letras e da arte” afirmava:

O sr. dr. Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes) é um poeta que eu até aqui apenas conhecia por informações da crítica.

Ante-hontem *A Patria* publicou umas quadras d’este poeta e assim fiz conhecimento directo com a sua poesia. Li-as a alguns amigos, e por elles soube que a obra poetica de Pedro de Menezes é vasta e que tem quasi prompto para a venda um livro de versos gallegos intitulado *Xente d’Aldea*.

Mais uma vez, como vemos, um certo desconhecimento relativamente ao Alfredo Guisado/Pedro de Menezes *escritor* parece acompanhar o produtor em foco. Interessa, no entanto, a leitura que suscita a nova tomada de posição guisadiana:

E diga-se, a sua musica é perfeita, e eu tive ao lêl-as a mesma sensação de ternura e de singeleza que ao lêr os *Cantares* da Rosalia. Eu tenho um culto do fundo da alma pela litteratura gallega. A antologia de Eugenio Carré Aldao é um dos meus livros de cabeceira. Os *Cantares* da Rosalia de Castro, introduzidos aqui –pode-se afirmar- pela srª D. Amelia Rey Colaço, são o refrigerio, o balsamo, a paz, depois de semanas de outras poesias mais

⁴⁷⁵ Ao analisar *Xente*, Eloísa Álvarez, destaca o “sentimento de irmandade” para ilustrar esta tomada de posição de Alfredo Guisado: “Motivo quase recorrente na lírica de inícios do século na literatura portuguesa, explorado também por João Verde” (Álvarez 2002: 202). Com efeito, João Verde, pseudónimo de José Valle, já se tinha notabilizado nesta direção nos primeiros anos do século XX (cfr. *supra*).

arroubantes, mais exaustivas, que nos prostam pro excessos de imaginação, de sonho (sublinhados nossos).

Na crítica literária de Ruy de Veras é notória a rápida relação que se estabelece com outros produtores galegos, Rosalia de Castro à frente⁴⁷⁶.

É triste que em Portugal não se conheça melhor a Galliza, tão irmanada a nós por varias razões que é escusado invocar. É preciso amar a Galliza, como se ama uma irmã que é meiga e que não nos pede em troco mais do que um pouco de carinho.

Que magua faz vêl-a soluçar pelos labios de Rosalia:

Probe Galicia, non debes

chamarte nunca española

Galicia, ti non tes patria

ti vives no mundo soya.

A voz de Pedro de Menezes é um bello echo da voz de Rosalia.

Elle é um dos seus filhos espirituales, e a Galliza que em 1885 perdeu com a morte a poetisa, essa voz prolongada depois em varios outros filhos, veem de novo fazel-a ouvir, em 1921, em Portugal, as quadras de Pedro de Menezes, intituladas porisso *A Voz de Galicia*. N'ellas, a Galliza chora com Portugal, os Mortos da guerra (sublinhados nossos)

As palavras até aqui citadas são um testemunho esclarecedor de como são *lidos* estes produtos guisadianos: contribuem para colocar no campo literário português a emergência galega no sentido que preconizam os agentes e grupos galegos e portugueses interessados no relacionamento galego-português.

Em maio desse ano, publica o poema “¡Galicia!” (“D’o livro que vai sair: *Xente d’a Aldea*”) no *Diário de Lisboa* (10/05/1921, p. 3), onde veicula outro dos elementos centrais do programa ideológico dos galeguistas (partilhado, em parte, com o agrarismo): a ideia de uma Galiza abandonada e “prisoneira” pelo poder central que precisa e quer libertar-se⁴⁷⁷. Este repertório nutre igualmente o conto em prosa que, pouco depois da publicação de *Xente*, Alfredo Guisado dedica a *Orimar* (pseudónimo

⁴⁷⁶ Ruy de Veras, em síntese do panorama literário galego cita, entre outros, Valle-Inclán, o Marqués de Figueroa do *Solar Galaico* ou ainda *La Casa de la Troya* de Pérez Lugín, o qual denota, em nosso entender, como por esta altura em Portugal as margens, repertórios ou agentes da emergência galeguista apareciam aos olhos lusos (não para A. Guisado) toldados de certo ruído ou indefinição, presentes, por outra parte, nas ofertas galeguistas.

⁴⁷⁷ O poema guisadiano lembra expressivamente a dedicatória de Teixeira de Pascoaes à Galiza incluída na 2ª edição de *Marânus*, “feita sobre o poema originário que Leite de Vasconcelos em 1902” tinha enviado a uma publicação galega (Torres 2008: 7).

de Ramido Vidal Carrera⁴⁷⁸; cfr. *supra*) nas páginas de *El Tea* (23/06/1921, p. 2; *vid. Anexos, L*), “A Lareira. O Tio Xan” (cfr. Camelo 1985: 195-196).

De junho de 1921 data a primeira referência explícita que encontramos da efetiva publicação de *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* (cfr. Fernanda 1921). O novo poemário guisadiano é um livro heterogêneo, onde convivem elementos repertoriais de diferente procedência⁴⁷⁹. Assim, em as composições “A Desconocida” ou “As Fontes”, principalmente, são perceptíveis os procedimentos de **elaboração** poética **modernista**. Por outro lado, nos poemas “Esfolladas” (lembre-se o “Esfolladas” de *El Tea*; cfr. Anexos, XXV), “A Miña Aldea”, “O Cantar d’a Fiadeira”, “A Procesión”, “Á Lareira”, “A Fiar”, apreciamos o recurso a **repertórios ruralizantes**, em linha com o utilizado por (determinada) Rosalia de Castro (cfr. Álvarez 2002) e vigentes no protosistema literário galego; o folclorismo repertorial estava já presente, recordamos, em alguma da incipiente produção literária dos inícios da década de 10, publicada em *El Tea* e em *Rimas da Noite e Tristeza* (cfr. Apolinário Lourenço 2011); pairava igualmente nas suas intervenções agraristas (designadamente em “Los hijos [...] que oyen viejas leyendas en torno de las lareiras y saben cantar canciones en las esfoladas [...] tienen que partir para tierras estrañas en busca de sustento”) (cfr. capítulo 4.4.2.1.1.1.). Em “Ô Volver pr’a Casa” e “O Enterro”, apesar de recrear ambientes *rústicos*, Alfredo Guisado insere uma nota reivindicativa que os aproxima de um outro conjunto de composições formado por “Galícia” e “Castillo d’o Sobroso”. Neste último, utilizando o Castelo do Sobroso (cfr. *supra*), o produtor em foco introduz no texto **elementos repertoriais** caros aos **galeguistas**, onde a influência de Ramón Cabanillas parece sentir-se. Paralelamente, em “El y Ela” e “A Voz de Galícia”, como já se indicou, ressalta a tematização do relacionamento galego-português (cfr. *supra*). Cabe destacar ainda, o facto de *Xente* dar notícia de *De mans erguidas*, livro *non nato*, eventualmente perdido com o espólio guisadiano.

A primeira leitura de *Xente* no campo literário português de que temos notícia aparece nas páginas do *Correio da Manhã* (Fernanda 1921):

⁴⁷⁸ Ramiro Vidal Carrera havia dedicado ao produtor em foco um relato em galego sob o título “Vida d’aldeia” (*El Tea*, 3/6/1921, p. 2), em clara referência ao poemário guisadiano; dedicaria ainda um outro poema “Cantares”, “Pró meu querido amigo e poeta Dr. Alfredo P. Guisado” (*El Tea*, 3/06/1922, p. 2) onde se reivindica a língua da Galiza e que, significativamente, começa por “Cantay mociñas, cantay” (face ao verso “Choray, meus ollos, choray” com que começava um dos poemas guisadiano publicados em *El Tea*).

⁴⁷⁹ Em geral, todos os trabalhos que se debruçaram com alguma extensão sobre este produto guisadiano coincidem em destacar a heterogeneidade do mesmo e os diferentes procedimentos de elaboração literária presentes (cfr. Alonso 1983, Vidal 1984, Galhoz 1995 e Álvarez 2002).

[Pedro de Menezes] acaba de concluir um novo livro de versos, escripto em gallego que se chama «*Xente d'aldeia*», e que já creou ao seu redor uma atmospha de enlevado carinho.

Pedro de Menezes, que não conheço pessoalmente, mas que admiro muito, é um poeta sincero, que traduz nos seus versos toda a [alma?] policroma e deslumbrante das suas emoções.

Em cada uma das poesias d'este livro «*Xente d'aldeia*» adivinha-se um pensamento elevado, uma grande ancia de Belleza e de perfeição.

Pedro de Menezes, grande amigo da Galliza – da *Galliza portuguesa pela alma* – quis escrever os seus novos poemas na lingua harmoniosa e cantante em que *Rosalia de Castro*, essa enternecida poetisa-corção – escreveu as suas poesias-retalhos da sua alma.

Não sei se fez bem se fez mal o poeta. Os seus versos, mesmo escriptos em gallego, tem o sabor de versos lusos, o rythmo das nossas emoções, e isso deve bastar-nos (itálicos nossos).

A crítica, sem deixar de patentear subtilmente o ruído associado ao “gallego”⁴⁸⁰, volta a ativar a *literatura* galega no campo literário português, nomeadamente a já canonizada Rosalia de Castro. Ainda em Lisboa, n' *A Democracia* (23/06/1921, p. 1), aparecia elucidativa crítica de *Xente* precedida de: “Na trindade etnográfica da Espanha, o galego é nosso irmão legitimo, os outros são naturais. Eis porque eu amo a poesia da Galisa com o mesmo enternecimento que dedico á poesia de Portugal”. À luz do exposto mais acima, alude-se à *trindade etnográfica* constituída pela Catalunha, Castela (/Espanha), e Galiza(/Portugal). *Xente*, neste sentido, parece ativar no autor da crítica d' *A democracia* o intersistema galego-português:

⁴⁸⁰ Os reparos do *Correio da Manhã* a respeito da língua de *Xente d'a Aldea* não são os únicos encontrados. O ineditismo da proposta de Alfredo Guisado assim como a força do IN poderiam provocar, entendemos, tomadas de posição desde o sistema consolidado questionadoras da opção guisadiana. Para Alfredo Pimenta (1922: 120-121):

25, junho. – O sr. Alfredo Pedro Guisado mandou-me o seo ultimo livro *Xente d'a aldeia*.

Porque capricharia este Poeta em fazer versos galegos? Não sei.

Ha coizas curiosas na sensibilidade dos artistas.

Os versos gallegos dão-me impressoens de beleza, de graça, de infantilidade – principalmente de infantilidade, uma vez que sejam feitos em metros pequenos, e sobre assumptos tipicamente gallegos, predominantemente populares. Em metros grandes, e sobre temas cultos, não sei que é, mas perdem para mim, todo o encanto. Já notara isso nos Cantares de Rosalia de Castro.

Accentua-se esta impressão, agora no livro do sr. Alfredo Pedro Guisado. Os versos em redondilha são sempre lindos. Mas sonetos – em gallego, não acceito. Porquê? Não sei explicar. Não pondo em causa o uso do galego, aqui o ruído mais parece surgir do como se olha o mesmo, associado ao *típico* ou *popular*, e não a outros repertórios para os quais não estaria habilitado.

A voz do sangue brada em nós ambos o instinto contemplativo do sul, qualquer coisa de oposto ao feitio dominador e ativo do castelhano. A Galisa é a continuação da terra portuguesa e o lirismo de quem-Minho entrestecido nos quadros simples e espontaneos encontra o seu complemento nos ‘airiños’ de alem, floridos e viçosos.

Na crítica figuram igualmente produtores centrais do protosistema galego (Rosalia de Castro⁴⁸¹ e Curros Henríquez). Paralelamente ao aplauso com que recebem o poemário guisadiano, destacam-se várias referências à produção anterior do produtor em foco:

O complicado poeta das *Treze baladas das mão frias*, o esquisito joalheiro florentino da *Anfora* e do *Mais alto*, acaba de publicar a sua *Xente d’Aldea* [...] Pedro de Meneses começara por ser um poeta complicado e moderno com exageros originais na sua arte inicial [...] Na *Xente d’Aldea* o poeta tranfigura-se. Já não é o artista blagueur pincelando quadrinhas, como a paciência de Estevão Anes. Já não é, apenas, o sacerdote da musica e á côr, sacrificando á musica e á côr toda a sua sensibilidade equilibrada e excepcional. Já não é o artificioso vivendo entre artificios, pedras cristalizadas e astros ilusorios. Neste livro, Pedro de Meneses põe a cantar o seu grande coração (itálicos no original, sublinhados nossos)

E mais à frente:

Ha-de haver quem prefira no Pedro de Menezes que assina este seu ultimo livro, humano e espiritual – quasi um livro de orações – o Pedro de Menezes que fazia jogos malabares de rimas com toda a música de Wagner e todas as côres do Arco-Iris. Eu não. Eu prefiro a *Xente d’A Aldea*. A arte para mim tem um campo restrito limitado á minha capacidade sensorial – que é pelo menos a média das capacidades sensoriais comuns.

Não compreendo que se possa fazer arte destinada a exceder o limite normal dos sentidos, e muito menos compreendo que se possa fazer arte para excitação do raciocínio

⁴⁸¹ De Rosalia de Castro citam-se os seguintes versos (itálicos na versão citada):

Castellanos de Castélla
Tratade ben ôs gallegos
Cando van, van como rosas;
Cando vem, ven como negros!

Probe Galicia, non debes
Chamarte nunca española,
Qu’España de ti s’olvida
Cando eres, ay! tan hermosa.

Galicia, ti non tês patria,
Ti vives no mundo soya

[...] Folgo de consignar aqui que a *Xente d'A Aldea* corrige os senões da sua obra antiga e marca imperativamente ao seu autor um caminho seguro, afestoadada de loiros, no verso português (itálicos no original, sublinhados nossos).

A censura da produção guisadiana anterior, a do poeta *complicado e moderno*, é evidente; *A Democracia*, porém, ao ler o texto guisadiano em foco, destaca nomeadamente a função identitária do mesmo e sublinha o referente de oposição espanhol elaborado pelos nacionalistas galegos e partilhado com os nacionalistas portugueses (e catalães).

O poemário guisadiano é objeto de atenção numa outra publicação onde é colaborador, a *Seara Nova*; pouco antes (20/11/1921, p. 71), davam notícia de novo poemário guisadiano: “BREVEMENTE: *Garças de Seda*, por Alfredo Pedro Guisado. Edição Seara Nova”⁴⁸²; durante vários números de 1922 também deram notícia deste livro assim como da 2ª edição de *Elogio da Paisagem* e a *A Lenda do Rei Boneco*, igualmente pelas Edições Seara Nova (cfr., por exemplo, *Seara Nova*, 14/01/1922). A “Crítica Literária” dos *seareiros* segue uma linha similar à anteriormente citada; juntamente com a reprodução da capa, diziam (5/12/1921, p. 120):

O poeta do ‘Elogio da Paisagem’, de ‘As treze baladas das mãos frias’ de ‘Anfora’, de ‘A Lenda do Rei Boneco’, - Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes) – cantou, em versos galegos, a ‘Xente d’a Aldea’. Teem êles a toada, o encanto, o ritmo, a tristeza dos versos lusitanos, e fôram avivados carinhosamente por uma página delicada de *Castelao*.

⁴⁸² Relativamente ao non nato *Garças de Seda* anotamos a seguinte confidência que A. Guisado fazia por carta à namorada (a 4/11/1917):

Uma vez, lembrei-me de escrever um conto, a que chamaria ‘Garça de seda’. Era qualquer coisa assim como a história da minha tristeza. Não o escrevi ainda. Mas há-de ser assim: ‘Uma pastorinha, que com os dedos confundidos no linho que prendia na sua roca, ia fiando mantos de noivado, enquanto o seu olhar vagamente fitando o infinito, ia sonhando com alguém que longe estava lá muito longo. O rio passava perto. E ela, acercando-se das águas cantarolantes e leves dizia-lhe: ‘Se eu pudesse ir convosco, águas inquietas, se eu pudesse correr como vós de pedra em pedra e de canto a canto, eu iria levar a minha Alma a junto de outra que me espera impaciente’. E as águas iam passando sem sequer ouvir. Um dia porém, aconteceu que por ali passou uma senhora muito linda, uma fada, e ao ver a pastorinha a chorar lhe perguntou a causa [...] – ‘Vive longe de mim- lhe respondeu- aquele que guarda o meu pensamento e o meu coração’ e adivinhando a fada a transformou numa garça neve, cuja plumagem era de seda e lhe disse: ‘Podes voar; vai, encontra-lo-hás tão triste como tu’. E numa tarde, tarde de cinza e bruma, a linda garça de seda ergueu um vôo e foi parar numa campina longínqua junto dum pastor que guardava os seus rebanhos, enquanto pensava em alguém que já não via havia muito tempo. Mas quê! –o pastor não pôde conhecê-la e se é certo que viu a graça alva de neve, não pôde adivinhar que era o encantamento da sua linda amada e a sua tristeza continou a perseguí-lo. Até que passado longos dias, longos meses, a fada desencantou a pastorinha e ante os olhos dele surgiu bela como sempre a que era dona de toda a sua vida. Um dia hei-de escrever em versos a lenda da ‘Garça de seda’. É que assim como ela, hás-de num futuro próximo vir junto de mim e com os teus afagos, com as.... (sublinhados nossos).

Lindos esbocetos ‘A voz de Galicia’, ‘O cantar da fiadeira’, ‘A procesión’, ‘Á lareira’, ‘Esfolladas’, ‘El y Ela’, ‘As fontes’, ‘O volver pr’a casa’ e ‘O enterro’, em que o poeta evoca o *martírio* dessa nostálgica terra que o rio Minho *une* a Portugal:

E toda a xente camiña,
Como se en alma bordada
Fose ali, de defuntiña,
Galícia, a martirizada (itálicos nossos).

Da leitura da *Seara Nova*, destaca a presença de um dos agentes do nacionalismo galego, Castelao, e o *martírio* da Galiza (reforçada esta ideia nos versos escolhidos), ao passo que põe em relevo o quadro relacional galego-português.

Em função da pesquisa realizada, na rede *das origens*, *Xente d’a Aldea* foi alvo de atenção em *El Tea* e nas publicações galeguistas *A Nosa Terra* e *Nós*. No semanário agrarista assinalavam (3/7/1921, p. 2):

Con una cariñosa dedicatoria de sua autor, hemos recibido “Xente d’a aldea”, colección de versos gallegos y los primeros que en nuestro idioma escribe nuestro querido amigo el Dr. Alfredo Pedro Guisado.

“Xente d’a aldea” es una brillante continuación de aquellos versos más sentimentales de “Rimas da noite e da Tristeza” y “As treze baladas das maos frias”, que tan elogiadas fueron por la crítica y de cuyas composiciones son algunos conocidas por nuestros lectores.

Nosotros esperábamos estos versos en gallego, pues sabiendo lo mucho que a Galicia quiere su autor y el espíritu de confraternidad galáico-portuguesa que inspiran muchas de sus numerosas composiciones juntamente con el parentesco de nuestro idioma con el luso, era de presumir que no pudiese resistir la tentación de escribir en gallego que tantas veces debió haber sentido.

Na atenção elogiosa de *El Tea*, destacam as referências à produção anterior que parcialmente tinha acompanhado *El Tea* nas suas páginas e, sobretudo, a “confraternidad galáico-portuguesa”, e o “parentesco” das línguas; a *crítica* de *El Tea* saúda positivamente o uso do “gallego”. Mais abaixo:

“Xente d’a aldea” es un libro casi de nuestra localidad. Dirigiéndose a Pias dice:
Miña aldea, miña aldea,
Meu fuso do ouro parado,
Meu palacio abandonado
Miña apagada candeia

Que alumbrou n’o meu pasado
En un hermoso soneto que dedica al castillo de Sobroso, llámale “vello frade” del pasado.

En boca de Galicia pone estos versos:

Portugal, meu himanciño

A soedade e nosa nay,

Noso berce, o rio Miño.

Asunto para otras poesía son *nuestras procesiones, charlas maternas en el hogar, charlas amorosas, nuestras costumbres aldeanas* de la que resalta una composición “As esfoladas”, etc., etc., De esto deducimos que “Xente d’a Aldea” *nació en Pías* y por eso decimos que *es una obra casi local* de gran mérito.

La portada del lujoso tomo es una acuarela de Castelao, muy expresiva (itálicos nossos).

Em virtude dos interesses da publicação agrarista, evidencia-se aqui particularmente a leitura localista (“es una obra casi local”) e a relevância do repertório ruralizante (“nuestras procesiones, charlas maternas en el hogar, charlas amorosas, nuestras costumbres aldeanas...”). Com efeito, a linha editorial seguida por *El Tea* não é galeguista, nem, conseqüentemente, protosistémica. Em 1921, em *El Tea*, há ainda certa afeição pelo galeguismo regionalista de orientação subsistémica que possibilita e explica estas tomadas de posição.

Escassos dois dias antes, o porta-voz dos nacionalistas galegos, *A Nosa Terra* (1/7/1921, p. 6), já tinha dado notícia do poemário guisadiano noutros termos:

Con este nome, n’un elegante libro, ten publicado Alfredo Pedro Guisado un feixiño de versos galegos. O libro ao seu frente leva un viñeta de Castelao que acredita o talento do mestre. O libro áchase dedicado ao gran debuxante de Rianxo.

O autor de “Xente da aldea” é portugués, fillo de pais galegos. Dou xa a lus alguns libros de versos escritos na lingua de Teixeira Pascoaes. Agora, como oferta á terra dos seus maiores, fixo este en galego.

Sublinhando a participação de Castelao e o facto de já ter publicado outros livros assim como a sua ascendência galega, n’*A Nosa Terra* citam o produtor Teixeira de Pascoaes, *parceiro* desejado na altura pelos nacionalistas galegos. Continuam na publicação galeguista:

Indubidabelmente, a influencia portuguesa en col do galego que acredita nas belas poesías de “Xente da aldea” acai moi ben, dándolles aos xiros sintásicos elegancia a cheas. Poriso [sic] nos layamos de que o querido amigo Alfredo ande a ceibar ás veces certos castelanismos e vocábulos falsos que nin no portugués nin no galego s’empregan. Entre outros, “ventana”, “castillo”, “rodilla”, “novio”, “lunar”, “volou”, “troyo”, “lexos”, etc. En troques, coma Taibo e nós, usa “en col” por “sobre”. Tamén n’algunha ocasión se non preocupa da armonía dos versos. Deixando uns longos i-outros curtos.

E porque trátase d’un libro moi notable, ateigado d’inspiración, somos a mostra taes defeutos, que de ningún xeito perxudican grandemente a obra.

Alfredo Pedro Guisado, merez o nome de exquisito poeta. Quen escribía “Esfolladas”, “O cantar da fiadeira” e “O enterro”, verbigracia, ten conquerida por direito prorio un posto honoroso no Parnaso galego.

Co’a embora deitada [sic.] da i-alma unha aperta toda corazón.

Pelo facto de não estar assinada a crítica d’*A Nosa Terra*, a interpretação deste trecho não é, julgamos, linear. Os “defeitos” apontados, com propositado destaque para os castelhanismos, ao lado da análise inclusiva “Alfredo Pedro Guisado [...] ten conquerida por direito prorio un posto honoroso no Parnaso galego”, poderiam somente traduzir as contradições ou ambiguidades internas, já aludidas mais acima, que as elaborações galeguistas mostravam desde os seus inícios em questões capitais como a língua⁴⁸³.

Em *Nós* (31/01/1922, pp. 18-19), juntamente com informação da publicação da *Seara Nova* e depois de citar Alfredo Guisado como um dos colaboradores desta, escrevem acerca de *Xente d’a Aldea*:

E iste un libro galego que nos veu de Portugal, aló editado na nosa fala, un libro feito de lembranzas e *saudades*. Alfredo Pedro Guisado fai figura no movemento *moderno* da literatura portuguesa, na que, *oito volumes* publicados fan sofique â sua sona. Está

⁴⁸³ Este extremo da crítica dos galeguistas parece ecoar nos “erros incríveis” de língua que Alonso Estravis detetou bem mais à frente no poemário guisadiano (Alonso Estravis 2001: 154). Mais recentemente, Manuel Masini (2007: 588-589) interrogava-se nestes termos acerca do repertório linguístico de *Xente*:

Quando Guisado se põe a escrever em galego sente [...] a necessidade de diferenciar este idioma do próprio português o mais possível, identificando a escolha do código com a escolha duma poética, neste caso realista e ruralista, que nos leva, outra vez, àquela linguagem poética, tão pouco recomendável [sic.] do ponto de vista linguístico [...] modelando o seu galego sobre os exemplos do ‘Rexurdimento’ decimonónico. Neste sentido a língua galega é para Guisado também um meio de reconciliação com o seu passado familiar e infantil, identificando com aquela Galiza rural, pobre, e identificando também com as razões do galeguismo dos seus amigos, cujas reivindicações políticas parece partilhar, com versos que nos lembra a Ramón Cabanillas.

metido no fato d'escritores que se chama Seara Nova, pioneiros das novas ideias, xente da vangarda políteca (itálicos nossos).

Quem escreve, provavelmente Vicente Risco (cfr. Barro e Martínez 1989: 501), demonstra conhecer o percurso guisadiano, mesmo adscribe o produtor em foco ao “movimento moderno da literatura portuguesa”.

Alfredo Pedro Guisado dedica iste libro ô nosso gran Castela-o-que lle puxo ô libro unha portada das suas-, e nos seus versos, cheos de fondo sentimento galego no seu xeito mais esquisito, que é o amor ô chau e â aldea, está pol-o menos en adeviñanza, non sei se con intención ou sin ela, toda a arte moderna, a creación e a simultaneidade das imaxes, mais en creación espontania e no xeito de vaguedade idealista e musical da nosa Raza. Véxanse as *Esfolladas* por eixemplo (sublinhado nosso).

O autor do texto crítico não apenas relaciona Alfredo Guisado com “a arte moderna” mas também deteta este repertório *moderno* no volume em análise. Para exemplificar a galegidade (“da nosa Raza”) o texto eleito é, significativamente, “Esfolladas”, antes aqui analisado enquanto exemplo da presença do repertório ruralizante. A seguir, no último trecho, evidenciam-se notoriamente as orientações, antes expostas, de parte dos galeguistas metropolitanos, tanto no plano cultural como no político:

Feiticeiras e saudosas evocacións da aldea, pr’a que o mundo moderno ten que voltar os ollos se se quer salvar, tristuras da Raza e mistéreos da noite, hai n-iste libro, sentidas en lirismo sinxelo, e tamén esa ansia de reintegración qu’aló en Portugal igoal qu’eiquí se sinte, e que s’espresa nos poemas *A Voz de Galicia* e mais *El y-Ela*.

‘O río Miño é un cura
Sin igrlesia e sin misal,
Casar Galicia procura
con un nóvio: - Portugal’

Alfredo Pedro Guisado, pol-a sua vida e obra, é particularmente doado pra espresar no seu verbe isa arela da restauración da cultura galaico-portuguesa dos Canzoneiros e dos libros de Cabaleirías (sublinhados nossos).

A *procedência* modernista de Alfredo Guisado (aparece duas vezes a palavra *moderno* com este sentido) não impede a importação do produto guisadiano, especialmente estando escrito em galego (cfr. *supra*). Figura, no entanto, outro *moderno*

(“o mundo moderno ten que voltar os ollos...”), em referência aos repertórios inovadores, como é o caso deste (em parte), que para os galeguistas, não devem, sempre segundo o texto de *Nós*, pôr em questão a função atribuída, em regra, à produção literária (*locus privilegiado*), prioritária para os nacionalistas, em geral, e para os de *Nós*, em particular. Além disto, no texto de *Nós* destaca-se designadamente, em conformidade com os postulados galeguistas, essa “arela de restauración da cultura galaico-portuguesa”, isto é, o referente de reintegração português, basilar no almejado intersistema galego-português, no seio do qual *Xente d’a Aldea* é interpretado.

Em suma, após a inequívoca ligação a ideias e grupos do galeguismo metropolitano desde 1919, a produção literária de Alfredo Guisado toma novo rumo ao incorporar repertórios inéditos (em parte) até o momento, do qual *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* é o resultado mais óbvio. Este nutre-se de elementos repertoriais de heterogênea procedência: (i) os presentes na produção anterior, a elaboração modernista, em particular, (ii) mas fundamentalmente elementos oriundos do emergente sistema literário galego, desde o próprio modelo de língua até as temáticas ruralizantes (vigentes na produção metropolitana e galeguista), tudo projetado ideologicamente em sintonia com a *literatura* galeguista. Com esta tomada de posição, paralela à notabilização do produtor em foco como intermediário dos galeguistas em Portugal, contribui para dar visibilidade à *questão galega* em Portugal, em função da comunhão ideológica manifesta do produtor em foco com o programa ideológico dos galeguistas metropolitanos, também no que diz respeito ao quadro relacional galego-português; ao mesmo tempo, enquanto *bem*, é *útil* para promover os interesses dos galegos residentes em Lisboa, nomeadamente para os *Lisboanos*.

5.4.2.3. Desistência literária e contacto galego (1923-1930)

A partir de 1923, a análise da trajetória literária do produtor em foco patenteia uma notória diminuição das intervenções no campo literário português. Face ao bastante regular lançamento de livros desde 1913, publicando quase um por ano até 1921, depois desta data, a produção literária em livro será quantitativamente muito menor: em 1927 publica *As Cinco Chagas de Cristo* e, já fora do período de análise, *Tempo de Orfeu* (1969) e *A pastora e o lobo e outras histórias* (1974); após o seu falecimento, como vimos, seria publicado *Tempo de Orfeu II* (1996), ficando ainda inédito o manuscrito

(sem data) *Semíramis*⁴⁸⁴. Paralelamente, como já referimos, até 1926, a trajetória social de Alfredo Guisado está marcada pelo seu crescente envolvimento no campo político português e, após o golpe militar, pelas suas duradouras atividades no seio de grupos de oposição democrática.

As poucas notícias do *escritor* Guisado encontradas neste período situam-no na Comissão de Homenagem a Gomes Leal (nascido no Rossio lisboeta) em 1924, muito provavelmente também em qualidade de agente político da Câmara Municipal de Lisboa. Na correspondência *galega* de Teixeira de Pascoaes editada por Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estravis (1999), figuram duas cartas assinadas por Alfredo Guisado (e Umberto Pelágio) em que pedem colaboração para participar numa “*plquette* colaborada pelos nossos melhores poetas e prosadores, em que os primeiros o consagrarão num soneto, e os segundos num pequeno trecho” (*id.*: 162; *italico* no original). Na segunda missiva, convidam Teixeira de Pascoaes a assistir à “cerimonia do lançamento da primeira pedra do mausoléu a erigir ao Grande Poeta Gomes Leal” (*id.*: 163)⁴⁸⁵.

⁴⁸⁴ Em carta a M. G. Ferreira (a 17/10/1918), havia feito referência a um “futuro livro” cujo título seria este:

Há pouco quando me ia sentar para te escrever, após ter recebido a tua carta de 15, veio-me subitamente a ideia dum soneto que escrevi, que intitulei de ‘*Semíramis*’ e que hei-de destinar a um *futuro livro*. *Semíramis* era, como sabes, uma linda rainha da Babilónia que se encontra na história antiga como o perfume duma rosa que tivesse secado entre as folhas dum velho livro. Pertence mais à lenda do que à verdade. Contam que era uma rainha esguia, de mãos alongadas e brancas como as pétalas dum lírio, vestida de ricas sedas e de esplendentes joias, prendendo os gestos em mantos de raros tules e dominando os cabelos com diademas de rubins e de esmeraldas. Era uma rainha que parece mais ter existido na imaginação dum Poeta do que num país do Oriente. Dizem as lendas que a guardavam leões com asas, leões cujas jubas pareciam de ouro e cujos rugidos prolongados acordavam a côr nas rosas e intranquilisavam as águas nas lagoas. Conta-se que mandara fazer monumentais jardins suspensos onde ia passear e perfumar os compridos dedos de marfim com pétalas de enigmáticas flores. E era tão linda que se debruçavam as árvores para a ver. Seus delicados pés breves e pequeninos calçando sandálias de cristal, pareciam asas, ao passar pela alameda lembravam um arrastar de veludo tão leve e tão imperceptível era o ruído que faziam. A uma rainha assim merece que se lhe faça um poema. A minha *Semíramis* porê, a *Semíramis* de que vou falar nos meus versos, nesse livro que hoje comecei, será uma outra que não aquela rainha que em afastadas eras dominou com a sua formosura as misteriosas paisagens da longínqua Babilónia. *A minha Semíramis és tu* [...] Minha rainha e minha noiva, dona do meu destino e dona da minha estima, eis aquela a quem ergo os meus versos como os antigos sacerdotes erguiam aos seus deuses a alma dos perfumes (*italicos* nossos).

A tão recuada referência a este *Semíramis* poderia de alguma forma confirmar a menor implicação literária de A. Guisado, como estamos a analisar, pois indicia a origem do inédito guisadiano na altura que sim manifestava uma vontade clara de intervir no campo literário. Por outro lado, em função da pesquisa (não sistemática) realizada no jornal *República*, onde a intervenção será intensa e extensa, a produção literária guisadiana não passa da crítica literária.

⁴⁸⁵ No catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal consta: *Gomes Leal: plaquette comemorativa da inauguração do mausoléu*, de 1925. Vários anos decorridos, A. Guisado participa com o soneto “Gomes Leal” na publicação *Homenagem poética a Gomes Leal. No centenário do seu nascimento* de 1948.

Em meados 1927, como dizíamos, lança *As Cinco Chagas de Cristo*⁴⁸⁶. O novo poemário confirma o progressivo distanciamento do pseudónimo Pedro de Menezes que o produtor em foco vinha praticando desde, *grosso modo*, a publicação de *Xente d'a Aldea*; assina os dois textos de 1921 e 1927 como *Alfredo Pedro Guisado* (*Pedro de Menezes*). Por outro lado, além da produção em livro anterior, anunciam-se *Garças de Seda* (cfr. *supra*) e *O teu cesto de costura*, do qual não temos mais notícias; de Eduardo Malta, a capa reproduz um soldado cristão crucificado e o escudo de Portugal (as cinco quinas).

Composto por, ademais do “Introito”, cinco seções (“Badajoz”, “Toro”, “Alcácer-Kibir”, “Alcantara” e “La Lys”)⁴⁸⁷ é, segundo Apolinário Lourenço (2003: XXXIX-XL):

um livro muito breve, que de certo modo se inscreve nos antigos projectos nacionalistas da década anterior [cada chaga um “episódio nefasto” da história de Portugal]⁴⁸⁸ O procedimento técnico não difere substancialmente daquilo que fará Pessoa na *Mensagem* (onde as Quinas substituirão as Chagas), mas é evidente que estas chagas guisadianas não sustentam a leitura messiânica das quinas pessoanas. Não esqueçamos também que Fernando Pessoa já havia publicado em Outubro de 1922, no nº 4 da *Contemporânea*, os doze poemas de *Mar Português*, que, com pequenas alterações [...] integrariam a *Mensagem*, em 1934 [...] Tendo em conta o ano de publicação e os acontecimentos políticos nacionais que lhe estão associados (ditadura militar), podemos evidentemente interrogar-nos sobre o significado político deste livro de Guisado

Com efeito, a nova tomada de posição de Alfredo Guisado em 1927 no campo literário português significa uma recuperação do repertório nacionalista presente já em *Mais Alto* (1917). Destaca-se, igualmente, a incorporação da participação portuguesa na Grande Guerra no repertório guisadiano, temática cara aos republicanos, particularmente aos democráticos, na seção “La Lys”:

Vem ouvir. Lume apagado.

Voltam da guerra. Alarido.

⁴⁸⁶ A primeira notícia encontrada do novo poemário guisadiano é de julho de 1927: nas páginas do *Diário de Lisboa* (18/07/1927, p. 3), reproduzem, sem mais comentários, um dos textos d’*As Cinco Chagas de Cristo*.

⁴⁸⁷ Exceto a última, todas precedidas de citações do *Pedro de Menezes* de *Mais Alto*, Oliveira Martins, Conde de Sabugosa e Antero de Figueiredo.

⁴⁸⁸ Seabra Pereira refere *As Cinco Chagas de Cristo* como “paradoxal exaltação com elegia da derrota e da decrepitude” ou uma “vibração elegíaca do patriotismo lusitano” (Seabra Pereira 1979: 180 e 198, respetivamente).

Portugal volta cansado
Mas não regressa vencido.

Traz mais vermelha a bandeira,
O escudo mais desenhado,
Mais forte o nome e o passado,
A alma mais altaneira (p. 35)

Em função do descrito e analisado até aqui, a interrogação de Apolinário Lourenço a respeito do “significado político” do poemário em foco tem, entendemos, cabimento pois a posição política do opositor Alfredo Guisado iria permitir a leitura do texto neste sentido. Importa, no entanto, notar que a nova tomada de posição que implica *As Cinco Chagas de Cristo*, passou quase completamente despercebida no campo literário português da altura, segundo a informação manejada. A *Seara Nova*, A *Águia*, ou a coetânea *Presença* nada dizem sobre o texto guisadiano o qual obstaculiza a nossa análise, ao mesmo tempo que expressa uma posição periférica de Alfredo Guisado no campo literário português da altura; deste modo, o produtor em foco parece intervir desligado de qualquer grupo com interesses no campo literário português, neste período.

Relativamente aos vínculos com a produção pessoana há que referir que o poema “Alcácer-Kibir” já tinha sido publicado na *Seara Nova* (20/11/1921, pp. 72-73) sob o título “A véspera de Alcácer-Kibir” (antes, pois, da intervenção pessoana na *Contemporânea*) o que coloca ainda a questão sobre os reais contornos dos vínculos entre a produção de Fernando Pessoa e de Alfredo Guisado.

Paralelamente a esta menor intervenção no campo literário português que vimos descrevendo, desde 1923 as tomadas de posição guisadianas vinculadas à rede *das origens* diminuem consideravelmente até 1929. Contudo, em 1923 participa no número especial de homenagem que *El Tea* dedica a Amado Garra com o poema “¡Sobredo!” (*El Tea*, 1/04/1923⁴⁸⁹; *vid.* Anexos, LI). Escrito em galego, destaca-se na primeira parte do poema, a tematização da Galiza como vítima, frente a “Castela” e como “*Triste nay desta Soedade*”, elementos próprios fundamentalmente dos repertórios galeguistas. Na segunda parte, é evidente a referência explícita ao acontecido em Sobredo (lugar do Concelho de Tui, portanto, próximo de Ponte Arêas) no âmbito das reivindicações

⁴⁸⁹ Na capa de *El Tea* figurava, como já anotámos, uma fotografia de Alfredo Guisado indicando que era, resumidamente, diplomático e chefe do seu partido; dias mais tarde, *El Tea* (13/04/1923) publicava, a pedido de A. Guisado, um esclarecimento a este respeito.

agraristas a 27 de novembro de 1922 quando a Guardia Civil fez três mortos e vários feridos (cfr. Cabo 1998: 126)⁴⁹⁰. Os últimos versos (“*Porque-sabedeo tod’a xente – / Pr’o Sol nacer, aparece / Todo de sangue o nacente*”) lembram, outra vez, a produção *agrarista* de Ramón Cabanillas da década anterior, mencionados explicitamente por Alfredo Guisado em várias ocasiões (cfr. *supra*). O tom da segunda parte do poema remete-nos de alguma forma também para o livro em galego anunciado aquando da publicação de *Xente d’a Aldea, De mans erguidas*, do qual não temos mais notícias.

Depois de colaborar, em 1924, na iniciativa do enclave lisboeta relativamente às estátuas dedicadas a Camões e Rosalia de Castro, participa, pouco antes de entrar para a Assembleia da República, no número especial de *El Pueblo Gallego* dedicado ao Dia da Galiza com o soneto “Dois irmãos” (*El Pueblo Gallego*, 25/07/1925, p. 3; *vid.* Anexos, LII)⁴⁹¹. No poema guisadiano evidencia-se a tematização dos vínculos galego-portugueses numa relação de parentesco como já havia feito em *Xente d’a Aldea*, assim como a presença da saudade como mais um elemento de *união*, isto é, projetada como comum a galegos e portugueses⁴⁹².

Dois anos mais tarde, na que seria a sua última intervenção em *El Tea*, Alfredo Guisado publica crítica literária que *El Tea* recolhia sob o título “Juicio público sobre el libro ‘Fuchicadas’” (*El Tea*, 13/12/1927; *vid.* Anexos, LIII)⁴⁹³. O pseudónimo Pedro Borreiro, autor do *Fuchicadas*, correspondia-se em realidade ao empresário e militante agrarista Saturnino Piñeiro Groba de Ponte Arêas (Vilavedra 1995: s.v. “Piñeiro Groba, Saturnino”)⁴⁹⁴. Parece claro que a crítica literária de Alfredo Guisado mais se deve à relação de amizade que teria com o autor do livro e não a um interesse declarado por exercer de crítico dos novos títulos do emergente sistema literário galego. Por outra

⁴⁹⁰ Desde 1931 há em Sobredo um monumento que lembra as vítimas destes acontecimentos e, por extensão, as lutas dos agraristas pela redenção dos foros.

Por outro lado, cabe notar que Alfredo Guisado já tinha dedicado um poema de temática agrarista a Amado Garra em *El Tea*, “A reza do cassador” (*El Tea*, 28/05/1915).

⁴⁹¹ Antecipava assim o jornal viguês o seu número especial (*El Pueblo Gallego*, 24/07/1925, p. 1):

Para celebrar la ‘diada’ [catalanismo] de Galicia, mañana EL PUEBLO GALLEGO se publicará con cuarenta páginas, en las cuales se han recogido los anhelos galleguistas y la emoción vernácula de cuantos hombre representan en nuestra tierra un valor social, literario o artístico.

Las hermanas Portugal y Cataluña, unen a la gallega voz la suya fraterna, con el acento lírico de Julio Dantas y la sonora fonación de Francisco Cambó y de Rahola.

⁴⁹² Ao lado, como anunciava o próprio jornal um dia antes, figurava o poema de Júlio Dantas “Galiza” (brevemente, anotamos: “Berço d’ouro da saudade/Terra-mãe de Rosalia. [...] Fina esmeralda da Espanha/Velha irmã de Portugal”). Júlio Dantas já havia publicado nesse mês o poema “A Gaita Gallega” na revista do estabelecimento termal de Mondariz *La Temporada* (19/07/1925).

⁴⁹³ As arbitrariedades linguísticas do original com certeza devem imputar-se ao jornal.

⁴⁹⁴ Saturnino Piñeiro (irmão de Manuel Piñeiro Groba, diretor de *El Tea* a partir de 1914) seria um dos patrocinadores, ao lado António Venâncio Guisado, das iniciativas dos republicano-agraristas, também de *El Tea* (Hervés, 1997: 219).

parte, a introdução que a publicação republicano-agrarista inclui (“ilustre vate lusitano”) expressa como na metrópole da família Guisado, o produtor em foco é reconhecido (também) como *escritor*; neste sentido, a crítica guisadiana evidencia a solidez da rede de relações que teria na terra de origem familiar (cita também a Amado Garra), assim como põe de manifesto, mais uma vez, o entendimento que Alfredo Guisado tem da emergência galega:

Son daqueles que teem uma grande admiração pela literatura galega. Rosalía Castro cuja obra mais merece ser rezada do que lida; Curros Enríquez que soube transformar a sua pena em agresiva lança e muitas vezes a manejou com o carinho e com a ternura de quem só desenha Alma nas suas palavras; Ramón Cabanillas, um dos mais interessantes poetas da Península e tantos outros, tenho-os como dos mellores autores entre os libros que posseio. Ultimamente essa literatura que esteve um pouco esquecida, voltou a erguer-se triunfante, ativando para o mercado quer em prosa quer em verso, com algumas obras que qualquer literatura de Europa desejaria contar como suas (*El Tea*, 13/12/1927, sublinhados nossos).

Este texto, bem como “Dois irmãos” e “¡Sobredo!” são, em nosso entender, manifestações do que mais acima analisávamos sob a denominação produção galeguista do produtor em foco.

Os últimos anos da década de 20, como já se referiu, estão presididos por um notório incremento das relações no quadro luso-espanhol a vários níveis (político, literário/cultural, nomeadamente). Com este panorama, desde finais de 1928 toma forma a organização da malograda **Semana Portuguesa na Galiza** que, desde *El Liberal* de Madrid, teria lançado Evaristo Correa-Calderón segundo *El Pueblo Gallego* (6/11/1928, p. 1; cfr. *supra*), com relevante concurso guisadiano. Correa-Calderón tinha-se significado nos inícios desse mês de novembro nas páginas de *La Gaceta Literaria* promovendo a aproximação sob o signo da *unidade*, alicerce do, por alguns almejado, intersistema galego-português. A primeira notícia encontrada sobre a organização da Semana Portuguesa na Galiza aparece na revista *Seara Nova* no artigo de José Osório de Oliveira “Galiza e Portugal” (1/11/1928); será, porém o *Diário de Notícias*, com destaque para António Ferro, cada vez com maior protagonismo, que irá apoiar mais decididamente a iniciativa assim como protagonizar as polémicas que irão surgindo em Portugal. Neste quadro, Alfredo Guisado notabiliza-se ao intervir como **intermediário** qualificado no citado intersistema e, paralelamente, promovendo o *nome* dos membros do enclave galego de Lisboa.

Deste modo, o produtor em foco volta a intervir no espaço social lisboeta como havia feito nos inícios desta década, associando-se a uma iniciativa acolhida abertamente pelos galeguistas metropolitanos (e não só), assim como por grupos portugueses (entre os quais os *seareiros*). Das várias tomadas de posição guisadianas, mais acima citadas, destaca-se (novamente) o papel que realiza como dinamizador do evento em função dos seus contactos portugueses e galegos. É notório também o protagonismo assumido enquanto divulgador da emergência galega, dos seus agentes e repertórios. Quanto aos primeiros, mostrando uma linha constante no entendimento do protosistema literário galego, **Rosalia de Castro**, é sem dúvidas, a produtora central e, portanto, a mais invocada; dedica inclusive, como vimos, um artigo nas páginas do *Diário de Notícias* (13/03/1929, p.1; cfr. Anexos, XLVI), cujo título compõe-se do próprio nome da autora galega:

Rosalia Castro, que muito amou a sua terra e a soube sentir e cantar como ninguém, é uma das *maiores figuras da literatura galega* e talvez uma das maiores poetisas da *Península*. Na sua obra sente-se o *esquecimento* em que mergulharam a *sua região*, adivinha-se o *sofrimento* de uma raça, encontra-se, enfim, em muitos dos seus versos, uma *infinita tristeza*, como se em cada poesia houvesse um *grito* e em cada letra se desenhasse uma sentida *lagrima*.

Em Guisado, como já apontámos, a produção literária galeguista é entendida, em regra, como o *locus privilegiado*, como o espaço propício para a veiculação das elaborações galeguistas acerca, sobretudo, da identidade dos galegos. A compreensão e divulgação de Rosalia de Castro por parte do produtor em foco, além do anterior, incorpora o grosso da leitura galeguista daquela, transformando produtora e produção na representação mais acabada da emergência galega (*Rosalia de Castro = literatura galega*) para o público português; assim, *literatura galega* também é *lirismo*, *tristeza*, *saudade*, *sofrimento*, etc., atributos, por outra parte, próximos e/ou partilhados com a *literatura portuguesa*.

De outra perspetiva, nas suas intervenções de signo galeguista do ano de 1929, é apreciável com maior nitidez (face às de inícios da década) o protagonismo que adquire a **língua** da Galiza; no artigo publicado na homenagem d’*O Notícias Ilustrado* à colónia galega, “Nós e a Galiza” (10/03/1929, p. 15; cfr. Anexos, XLV), por exemplo, é uma das ideias centrais:

É contudo uma parede tão estreita e tão pouco alta [o rio Minho como fronteira] que se ouvem as *palavras* que se pronunciam do outro lado e quási que até o ruído dos passos; que se vê passar essa vizinha pela beira dos rios e pela sombra dos pinhais como uma inquieta aldeã em busca dum passado que não consegue encontrar. E *a sua voz é tão semelhante à nossa* (itálicos nossos).

O artigo guisadiano apoia-se numa extensa citação de Manuel Murguia acerca da relação de *semelhança* linguística, promovendo, deste modo, mais uma das ideias centrais a presidir o pretendido intersistema galego-português para os galeguistas metropolitanos e grupos portugueses. A língua, por outra parte, remete também para um conjunto mais ou menos difuso de elementos vinculados a ideia de *passado* comum. Para este número d'*O Notícias Ilustrado* titulado “Os galegos são nossos irmãos”, Alfredo Guisado envia (parece-nos perfeitamente plausível isto) um texto seu, “A Voz de Galícia” (incluído em *Xente d’a Aldea*; cfr. *supra*; cfr. Anexos, XLIV), ao lado de outros de Rosalia de Castro ou Curros Enríquez, com presença central do relacionamento galego português.

Substantivamos, por outra parte, o facto de o **quadro relacional galego-português** estar em Alfredo Guisado também protagonizado pelos **interesses do enclave galego**, ao qual ele próprio está vinculado. Dizia no artigo dedicado à Rosalia de Castro na primeira página do *Diário de Notícias*:

Não deixou de cantar nos seus livros nem a tristeza dos que abandonam o lar para buscarem fortuna, numa luta constante em países desconhecidos, nem as comoventes despedidas dos que ficam e daqueles que talvez não voltem mais, nem o encanto das campinas verdejantes, nem a ternura e o sentimento que cercam a alma galega nas canções dolentes com que as moçoilas embalam a luz inquieta das tardes de Outono e os écos adormecidos da paisagem. A saudade, a nostalgia, a tristeza da Raça, tudo passa nos versos da imortal poetisa. Jámais alguém a poderá suplantar, como diz Carré, no seu carinho pela sua terra.

Na *laudatio* guisadiana, destaca também a presença da emigração galega na produção rosaliana, associada de alguma forma à *saudade* e nobilitando, em certo sentido, o fenómeno migratório galego, em geral, e a imigração galega de Lisboa, em particular. Nesta linha de análise, assinalamos, mais uma vez, como em Guisado a divulgação dos repertórios literários galeguistas e de seus agentes é manifestamente um

bem para, fundamentalmente, os *Lisboanos*⁴⁹⁵, necessitados doutros capitais além do económico e decididos a impugnar o IN. As tomadas de posição de Alfredo Guisado contribuem relevantemente para a delimitação, fixação e difusão do das eventuais funcionalidades entre os membros do enclave do que aqui denominámos IdA, bem como no espaço social lisboeta.

Por último e com sentido parcialmente conclusivo, entendemos que a trajetória literária até aqui examinada, (i) além de determinada pela sua lealdade (agora basicamente galeguista) com as *origens*, (ii) evidencia uma menor intervenção no campo literário português com produção nova (apenas publica um livro entre 1923 e 1930/[1969], não totalmente inédito). Até 1926 (e não só) observámos como Alfredo Guisado investe de forma crescente na sua posição no campo político e, ao mesmo tempo, parece, pouco e pouco, *desistir* do campo literário. Acompanhando de perto a análise de Pierre Bourdieu (2004 [1991])⁴⁹⁶, consideramos que este percurso guisadiano respeitante ao fenómeno literário poderia estar condicionado também (entre outros fatores, já mencionados) pela *leitura* do(s) campo(s) literário(s), isto é, em alguma medida adscrito ao relativamente escasso reconhecimento de que foram objeto produtor e produção no seio do campo literário português.

⁴⁹⁵ Exemplificando: não vemos outra leitura possível por parte dos *Lisboanos* à página de “poesias galegas” d’*O Notícias Ilustrado* (cfr. Anexos, XLIV).

⁴⁹⁶ Referimo-nos concretamente às reflexões acerca do *éxito* e do *fracasso*:

as sancións positivas ou negativas, éxitos ou fracasos, estímulos ou advertencias, consagración ou exclusión, a través dos cales se manifesta a cada escritor [...] –e ao conxunto dos seu competidores- a verdade obxectiva da posición que ocupa e do seu camiño probábel, son sen dúbida unha das mediacións a través das cales se impón a redefinición incesante do ‘proxecto creador’, xa que o fracaso propicia a reconversión ou a retirada fóra do campo, mentres que consagración reforza e libera as ambicións iniciais (Bourdieu 2004[1991]: 113).

6. SÍNTESE CONCLUSIVA

Ao longo deste trabalho temos tentado descrever e analisar a trajetória social e literária de Alfredo Guisado no período que vai de 1910 a 1930, em função do estado dos campos em que intervém e prestando especial atenção aos grupos e ideias aos quais se associa. Os resultados agora apresentados partem de uma dupla focagem: além de delimitar as linhas de força da trajetória guisadiana e em função destas, esta Tese propôs-se também contribuir para o entendimento das relações intersistêmicas no espaço ibérico, as galego-portuguesas em particular, o percurso do enclave galego de Lisboa e da imagem dos galegos e a Galiza em Portugal.

Para atingir os objetivos fixados, delimitámos e utilizámos um quadro metodológico e procedimental, alicerçado nas *teorias sistémicas*, com o intuito de realizar um estudo veraz (*utilidade e confiabilidade*), tendo sempre presente a necessidade de solidificar a nossa distância a respeito do objeto de estudo assim como das inércias (*doxa*) dos estudos literários. Como afirmámos nas páginas iniciais, não foi propósito deste trabalho promover um autor e/ou a sua obra ou uma determinada conceção das relações intersistêmicas das várias que concorrem nos campos académicos na atualidade; *contra* isto trabalhámos, atendendo preferentemente à função identitária do fenómeno literário dentro da cultura. A metodologia relacional à que recorremos, concluímos, mostrou-se eficaz e permitiu-nos alcançar os objetivos propostos, produzindo conhecimento novo.

Ao longo desta Tese verificámos como a arquitetura básica do conhecimento fixado acerca produção literária guisadiana assim como a posição à que é remetido foram elaborados, *grosso modo*, na década de 30 e, portanto, em função das ideias e regras a funcionar no campo literário português da altura. O escasso reconhecimento de que é objeto Alfredo Guisado desde esta altura e até a atualidade também se relaciona com a posição que o produtor em foco passa a ocupar após o golpe militar de 1926. Assim, em finais da década de 20, elucidativamente, o democrático *Dr. Guisado* não beneficia do *resgate* de alguns produtores e produtos do *Orpheu* (F. Pessoa e também M. de Sá-Carneiro e Almada Negreiros), desde (sobretudo) a *Presença*. Desde esta altura e mais à frente, o *fenómeno* Pessoa e a *retroatividade* do cânone literário vão firmar a secundarização de Alfredo Guisado e, em consequência, o insuficiente conhecimento que descrevemos. Em direção similar, no campo de estudos galego, nem o enclave galego de Lisboa, nem, em geral, as relações galego-portuguesas obtiveram um *reconhecimento* consensual ou foram objeto, especialmente o primeiro, de linhas de

pesquisa fortes, contribuindo igualmente para o *desconhecimento* do produtor em foco nas últimas décadas, face à crescente notoriedade que constatámos tanto no seio do enclave (e na capital lusa) como na metrópole no período em análise.

Face a isto, comprovámos como a trajetória social de Alfredo Guisado se inscreve na lógica do enclave galego de Lisboa, na lógica dos *Lisboanos*. O caso do percurso de Alfredo Guisado não é, como vimos, um caso isolado; entende-se no seio de um esforço individual (os Guisado) e, a par, notoriamente coletivo (os *Lisboanos*) de ascensão social. Desde praticamente 1910 até 1930, constatámos como em Guisado (nos Guisado, em geral) a rede *das origens* funciona como um espaço por onde circulam agentes e ideias às quais se associa o produtor em foco decididamente. Em função da lógica dos *Lisboanos*, interessados em estratégias de ascensão social e aquisição de outros capitais além do económico, Alfredo Guisado vai construindo uma outra rede lisboeta (a partir dos seus estudos no Liceu do Carmo), através da qual tem acesso a agentes e ideias ausentes, em parte, na rede primeira. Contrariamente ao percurso dos seus ascendentes, Alfredo Guisado vai usufruir, graças ao investimento maciço daqueles (sufragadores dos numerosos livros publicados ou dos estudos liceais e universitários), duas redes sociais, a cada passo menos limitadas, que lhe dão acesso a novos horizontes, a novos *espaços dos possíveis* em cada uma destas redes.

A rede *das origens* permite ao jovem Guisado tomar contacto com o agrarismo e chegar a ter uma posição de destaque à frente do movimento no enclave e na metrópole familiar. A atitude vital de intervenção que mostra não é, por outro lado, estranha ao seu meio familiar: o pai, António Venâncio Guisado, já se tinha significado tanto no enclave como na metrópole sendo objeto, decorridos os anos, de atos de reconhecimento; os capitais simbólicos e sociais que acumula o progenitor são de alguma forma transferidos e usufruídos por Alfredo Guisado. Esta rede, nos inícios espacial e funcionalmente limitada, vai progressivamente ampliando-se na medida que irrompem, via *Balneário* de Mondariz e os novos interesses metropolitanos, ideias e agentes galeguistas, aos quais se associa e promove na capital lusa; o caso de Alfredo Guisado mostra a utilidade (*bens e ferramentas*) que os *Lisboanos* reconhecem às elaborações galeguistas.

Quanto à rede lisboeta: o investimento familiar vai permitir-lhe relacionar-se, fora das margens do enclave, com descendentes de camadas sociais abastadas (António Ferro, M. de Sá-Carneiro, A. de Santa-Rita, por exemplo), possibilitando-lhe a acumulação de capitais, capital social e cultural, com os quais pode *estar* de outra forma (*maluco* do *Orpheu*, inclusive), impossível (ou quase) no seio do enclave. O capital

cultural, assim o mostra a trajetória guisadiana, é fundamental no ascenso social dos *Lisboanos*. Esta rede lisboeta, primeiramente apta para a intervenção literária (Grupo do *Orpheu*) vai, durante e após os estudos universitários, *politizando-se*, pouco e pouco, possibilitando o acesso de Alfredo Guisado a relevantes posições no campo do poder português (Assembleia da República), *conquista* social não menor para um *filho* da emigração galega em Lisboa. Significativamente, estes sucessos no campo político, não põe em causa a lealdade guisadiana para com as *origens*.

Quanto à trajetória literária, em termos gerais, certificámos a extensa e, em numerosas ocasiões, intensa marca que a origem social (*Lisboano*) imprime: as suas sucessivas tomadas de posição no campo literário, assim como o seu entendimento da *literatura*, estão direta ou indiretamente vinculadas à sua origem, à rede *das origens*. Ao longo do período em foco, Alfredo Guisado gere esta rede, a sua origem, também em função dos seus interesses:

- a) Como vimos, as primeiras tomadas de posição, inclusive os repertórios utilizados (*Rimas da Noite e da Tristeza*, *El Tea*, etc.), remetem nitidamente para as suas origens sociais; as sucessivas intervenções literárias, financiadas pela economia familiar, contribuem para o prestígio dos Guisados (e, por extensão, dos *Lisboanos*) no enclave e na metrópole familiar.
- b) Quando, graças à desejada rede lisboeta, forma parte do *Orpheu*, incorpora novos repertórios literários e coloca à disposição do grupo a sua rede *das origens* a fim de exportarem a proposta *órfica*, com escasso êxito, devido aos repertórios utilizados. O Guisado *órfico*, face aos seus colegas, apresenta fragilidades importantes: o rechaço e ridicularização unânimes do modernismo *órfico* na Lisboa da altura, põe a família Guisado numa situação socialmente de risco; a partir de aí, sob a *máscara* de um pseudónimo (*Pedro de Menezes*), com uma prudente distância de por meio com o que tiver a ver com o *Orpheu* e incorporando novos elementos repertoriais (a temática nacionalista), mais centrais (e não polémicos) na altura, continua a intervir literariamente sem pôr em questão o *nome* familiar e o dele próprio.
- c) Aquando da assunção dos postulados galeguistas metropolitanos (com maior ou menor intensidade, expressa durante toda a década de 20 e antes),

a sua produção literária experimenta uma mudança (em parte) radical ao introduzir um repertório literário oriundo maioritariamente da emergência galeguista (*Xente d'a Aldea*); como intermediário dos galeguistas em Portugal, promove as suas causas e os seus produtos literários, sempre, matiz central, atendendo aos eventuais benefícios que para os *Lisboanos* (para ele próprio) implicam as elaborações daqueles. Em virtude desta lógica, Alfredo Guisado vai progressivamente incorporação os repertórios galeguistas (também *língua* como elemento de *unidade*) mais centrais e não, expressivamente, os dos *novos* metropolitanos.

- d) Frente à reprovação ou silêncio do campo a respeito da produção *portuguesa*, a produção *galeguista* não fragiliza a sua posição, nomeadamente no campo político.
- e) Tendo em consideração a vontade inequívoca de intervir no campo literário português que durante quase toda a década de 10 mostra, parece plausível entender o percurso literário guisadiano da década de 20, a manifesta *desistência* (anterior a 1926), em virtude do *fracasso* das suas tomadas de posição no seio do campo literário português, paralelo ao maior investimento na sua posição no campo político, com maiores benefícios até 1926 (e, provavelmente, em épocas posteriores).

Em relação a uma das hipóteses lançadas, entendemos que um estudo como o proposto aqui contribui em larga medida para o entendimento das linhas de força dos campos em que intervém o produtor em análise.

As relações intersistémicas no espaço ibérico no período examinado (e presumivelmente em boa parte da época contemporânea) dificilmente podem ser analisadas desde um enfoque *bipolar* com acento nos sistemas consolidados; a trajetória guisadiana informa de um polifonia (a galego-portuguesa) de interesses, grupos ou repertórios que necessariamente tem de ser atendida para bem do rigor. Por outra parte, o trabalho agora apresentado exhibe, face à tendência de *despolitização* à que aludíamos, a impossibilidade de compreender o funcionamento das relações intersistémicas culturais sem atendermos ao estado de outros campos (político e do poder, nomeadamente) e à função identitária que o fenómeno literário desempenhou (e

desempenha) nas relações focadas; nesta direção, cabe apontar como decisivo (a par de diverso, em função dos relacionamentos em causa) o impacto dos dois golpes autoritários. Neste sentido, o quadro relacional hispano-português apresenta duas fases bem diversas: (i) durante praticamente quase toda a década de 10 são vários e decisivos os obstáculos (assimetrismo espanhol ou imagotipo *do inimigo*) a dificultar o contacto luso-espanhol; (ii) desde os inícios da década de 20, graças em boa medida aos apoios oficiais (ou oficiosos), produz-se uma incipiente institucionalização do relacionamento protagonizado por grupos maioritariamente conservadores. Por outra parte, durante a primeira década analisada, as tendências intersistémicas (catalão-portuguesas) de grupos catalanistas expressam e manifestam a sua fortaleza e capacidades, obtendo importante correspondência lusa, a par que complexificam as relações intersistémicas no espaço ibérico.

O relacionamento galego-português, objeto de longa polémica no campo de estudos galego, como vimos, é menos intenso quando os galeguistas estão desarticulados; a partir de 1916/18, como mostra claramente a trajetória guisadiana, o novo vigor (organizações, coesão, projetos) vai alimentar crescentemente o quadro relacional presidido por ideias não necessariamente novas (referente de reintegração) e um desejado intersistema simétrico, com, igualmente, relevante resposta de grupos e agentes portugueses, entre eles Teixeira de Pascoaes.

Por outro lado, os grupos e agentes (assim como os produtores e produtos) que protagonizam as relações intersistémicas ocupam, em geral, posições não periféricas nos seus campos culturais (catalão, espanhol, galego ou português); o caso de Alfredo Guisado é inequívoco neste sentido: enquanto intermediário dos galeguistas metropolitanos mantém contacto (em 1921, por exemplo) com agentes de primeira linha da emergência galeguista e promove quase exclusivamente produtores (Rosalia de Castro) e produtos centrais.

Relativamente ao enclave galego de Lisboa parece evidente a falta de correspondência entre a (escassa ou nula) atenção que lhe dedica a historiografia consultada e a manifesta importância relativa que descrevemos ao longo deste trabalho; do mesmo modo, para a entendimento cabal das relações galego-portuguesas o conhecimento da natureza da colónia galega de Lisboa (rara vez é convocada) revelou-se ineludível. O caso de Alfredo Guisado, enquanto *Lisboano*, espelha: (i) o processo de forte heterogeneização (de capitais mas também ideológico) dos membros de enclave,

(ii) as intensas relações que mantêm com a metrópole (protagonizadas, nesta, por agraristas e galeguistas, especialmente), e (iii) as estratégias que a elite do enclave leva a cabo para atingir os seus objetivos, outros capitais além do económico, em primeiro lugar; entre as várias estratégias que os *Lisboanos* cogitam e põe em prática, destacamos:

- a) A *integração*: apesar da imagem negativa associada aos galegos (IN), estes parecem optar maioritariamente por manter o contacto com a metrópole e, portanto, a sua difusa *galeguidade* (ou *espanholidade*); o caso dos Guisado é altamente esclarecedor: havendo notícia do primeiro Guisado de Pias na Lisboa de 1745, hoje alguns (desconhecemos quantos) dos descendentes de António Venâncio Guisado continuam a ter residência nesta paróquia de Ponte Arêas, mostrando, portanto, uma duradoura lealdade com a terra *das origens*.
- b) A conceção e criação (seguindo os modelos americanos, aparentemente) de organizações próprias, como é o caso de Juventud de Galicia ou, com menos sucesso, jornais como *España y Portugal* (1913), cuja finalidade vai desde a necessidade de usufruírem espaços de convívio próprios até a vontade explícita de coesão e, portanto, de assim poderem fazer-se representar e defender os seus interesses.
- c) O investimento notável na formação das novas gerações de *Lisboanos*, claramente representado pelos Guisado e outros mencionados mais acima.

A partir do trajetória de Alfredo Guisado, mas sobretudo do enclave em geral, verificamos como a imagem portuguesa dos galegos e da Galiza passa da equação imagológica do tipo *galego = moço de frete* a transformar-se numa *imagem*, quer dizer, numa representação composta por dois imagotipos:

- a) O imagotipo negativo (IN): com origem remota, tem como referente o grupo social conformado pelos emigrantes galegos; a ativação deste imagotipo, objetivamente negativo, contra o qual se insurgem reiteradamente os *Lisboanos*, tem funcionalidades humorísticas e/ou discriminatórias.
- b) O imagotipo de afinidade (IdA): sob esta denominação entendemos uma outra representação que concorre crescentemente com o IN, pelo menos no

imaginário das elites lusas; caracteriza-se por: (i) em elaboração desde o século XIX, nutre-se da ideia central de que os galegos e portugueses partilham uma série de elementos de variada natureza (identidade/afinidade de língua, alma, raça, paisagem, passado, etc.); (ii) o IdA não é representação exclusiva de um grupo humano, como o negativo, é representação de indivíduos (os galegos em geral) e, especialmente, da Galiza (espaço geocultural com características próprias); (iii) de variadas funcionalidades, pode substanciar-se repertorialmente nas tendências intersistémicas no relacionamento galego-português ou ser útil aos *Lisboanos* (de aí a recetividade destes, também de Alfredo Guisado, perante as ofertas galeguistas) a modo de plataforma para aquisição de outros capitais que não o económico.

Por último, são várias as ideias, propostas de análise, dúvidas ou hipóteses que o trabalho realizado coloca. Incontornável é, porém, uma das conclusões a que chegámos: para estudar com rigor e, principalmente, com objetivos ambiciosos muitos dos assuntos aqui tratados, as relações intersistémicas em particular, serão necessários projetos de investigação fortes, realizados com lógicas de grupo e capazes de manejar, arrumar e analisar grandes quantidades de informação. Outras das questões levantadas são:

- a) Relativamente ao caso guisadiano, como hipótese: (i) o sucesso relativo no campo político português frente ao fracasso *literário* na década de 20 vai determinar uma trajetória posterior (de 1930 em diante) presidida pelo Guisado *político/jornalista*; (ii) os estreitos vínculos para com *as origens* constatados nos Guisado até a atualidade faz plausível entender o percurso guisadiano entre 1930 e 1975 também presidido por esta lealdade; (iii) pesquisas futuras podem, com certeza, revelar nos materiais guisadianos do espólio perdido (*O Orpheu por dentro*, entre outros).
- b) Quanto às questões imagológicas tratadas: (i) todo parece indicar que o IN aqui delimitado pode ser considerado um imagotipo *supranacional*, cuja origem remota seria castelhana, passando a presidir o imaginário português durante e após os períodos de hegemonia linguística e cultural castelhana em Portugal (*bilinguismo luso-castelhano*); (ii) na época contemporânea, o

imaginário português acerca dos espanhóis(/castelhanos) nutre-se de um imagotipo *do inimigo* e de um (difuso) imagotipo *de irmandade* (iberismo).

- c) Como hipótese a estudar no futuro e no que diz respeito ao citado *resgate* de alguns dos *órficos* entendemos que o crescente reconhecimento outorgado a estes se deve ao labor dos *presencistas* e fundamentalmente aos novos interesses a funcionar no campo literário português, análogos à consolidação do regime autoritário e, portanto, à capacidade que este, por meio de organizações *ad hoc*, demonstra para dominar o campo; neste quadro, o papel de António Ferro, outrora *órfico* e, desde finais da década de 30, cada vez mais central no campo cultural português, é determinante.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA ATIVA

Em livro

- (1913): *Rimas da Noite e da Tristeza*, Lisboa, Livraria Clássica Editora [Alfredo Pedro Guisado].
- (1914): *Distância*, Lisboa, Livraria Ferreira Editora [Alfredo Pedro Guisado].
- (1915): *Elogio da Paisagem*, Lisboa, Livraria Brasileira [Pedro de Menezes].
- (1916): *As Treze Baladas das Mãos Frias*, Lisboa, Livraria Brasileira [Pedro de Menezes].
- (1917): *Mais Alto*, Lisboa, Livraria Brasileira [Pedro de Menezes].
- (1918): *Ânfora*, Lisboa, Portugália [Pedro de Menezes].
- (1920): *A lenda do Rei Boneco*, Lisboa, Ailland e Bertrand [Pedro de Menezes].
- (1921): *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, Paris / Lisboa, Ailland e Bertrand [Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes)].
- (1927): *As Cinco Chagas de Cristo*, Lisboa, Livraria Universal [Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes)].
- (1969): *Tempo de Orfeu*, Lisboa, Portugália [Alfredo Guisado].
- (1974): *A pastora e o lobo e outras histórias. Contos para as crianças*, Aveiro, Editorial Vouga [Alfredo Guisado].
- (1996): *Tempo de Orfeu II*, Santiago de Compostela, Laiovento [ed. J. A. Fernandes Camelo].
- (2002): *Xente d'a Aldea*, in VV.AA: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp.212-248.
- (2003): *Tempo de Orfeu*, Coimbra, Angelus Novus [ed. de António Apolinário Lourenço].
- (s.d.): *Semíramis* [Alfredo Guisado; manuscrito].

Em *El Tea*

- “Noites de Inverno”, 6/01/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Dezembro de 1911”].
- “Noite de Agosto”, 20/01/1912, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Agosto de 1911”].
- “O mar”, 3/02/1912, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Noviembre de 1911”].

“O Comboio”, 30/03/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Novembro de 1911”].

“Tristeza”, 27/04/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisbôa, 1912”].

“Canção”, 4/5/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, 1912”].

“O pinheiro isolado”, 29/6/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, 1912”].

“Flores”, 27/7/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, 1912”].

“Os Rios”, 3/8/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Ao meu amigo e distinto advogado D. Amado Garra”; “Pias, 1912”].

“Rosas”, 10/08/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“O Cruzeiro”, 17/08/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Ao meu amigo e distinto poeta D. Rogelio Rivero”].

“Outono”, 24/8/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisbôa, Outubro 1912”].

“Orvalho”, 28/9/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Contos que vou contar. I Rosas”, 19/10/1912, p. 2 [Refaldo Brila].

“Ondas e espuma”, 2/11/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Pinheiros”, 23/11/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Neve”, 30/11/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“A Manuel Alfonso. Duas palavras só”, 7/12/1912, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado (Refaldo Brila)].

“Raparigas”, 21/12/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Fantasmas”, 4/12/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Esfolhadas”, 11/01/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Noticias de Lisboa”, 25/01/1913, p. 1 [Refaldo Brila].

“Trindades”, 25/01/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Noticias de Lisboa”, 22/02/1913, p. 1 [Refaldo Brila].

“Volúpia”, 15/02/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“A Estátua”, 1/03/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Noticias de Lisboa”, 1/03/1913, p. 3 [Refaldo Brila; “25-2-913”].

“Rosario Pino en Lisboa”, 15/03/1913, p. 2 [Refaldo Brila; “Lisboa, 10-03-913”].

“As violetas”, 22/03/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Bailarinas”, 19/04/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Sombras”, 26/4/1913, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].

“A morte do Sol”, 3/05/1913, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado; “Del libro ‘Rimas da Noite e da Tristeza’”].

“Mistério”, 10/5/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “(Poesia recitada pelo autor dia 4 do corrente, na ‘Juventud de Galicia’)”].

“O Catavento”, 31/5/1913, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “(‘Rimas da Noite e da Tristeza’)”].

“Desertos”, 7/06/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Idílio”, 21/06/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Abandonada”, 19/7/1913, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado].

“Envelhecer”, 16/08/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Pias”, 17/4/1914, p. 2 [Alfredo Guisado].

“El cementerio de Pias”, 15/5/14, p. 2 [Alfredo Guisado].

“Elegia das rôlas”, 29/05/1914, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Rosario Pino en Lisboa”, 5/06/14, p. 2 [Refaldo Brila].

“La remuda”, 24/07/14, p. 2 [Refaldo Brila].

“Cementerio de Pias”, 31/8/14, p. 2 [Refaldo Brila; “Pias, Julio de 1914”].

“Olhar cansado”, 27/11/14, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Arabescos”, 29/01/1915, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

“Respuesta á ‘Um Germanófilo’”, 12/2/1915, p. 2 [Refaldo Brila].

“A reza do cavador”, 28/05/1915, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Ao meu querido amigo Amado Garra”].

“Pias”, 3/4/1918, p. 2 [A. P. Guisado].

“Oração do Silencio aos Lagos”, 9/07/15, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].

“A Voz de Galicia”, 23/04/1921, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “9-04-921”].

“A Lareira. O Tio Xan”, 23/06/1921, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “Pr’a Ramiro Vidal Carrera”].

“¡Sobredo!”, 1/04/1923.

“Juicio público sobre el libro ‘Fuchicadas’”, 13/12/1927 [Alfredo P. Guisado].

Outras publicações periódicas

“O namoro por fora e por dentro” in *España y Portugal* “Semanario independiente. Órgano de la colônia española”, nº 3, 22/11/1913, p. 2 [Refaldo Brila].

“Vôo”, *O Occidente*, 30/01/1914, p. 27.

“Asas Quebradas” in *Renascença* “Revista de Crítica, Literatura e Arte”, 1, fevereiro/1914, p. 13 [Alfredo Pedro Guisado].

“A lenda das lágrimas”, *O Occidente*, 20/09/1914, p. 303.

- “Só” in *A Galera*, nº 5 e 6, 25/02/1915, [Alfredo Pedro Guisado; “À memória de António Nobre”].
- “Treze Sonetos” in *Orpheu*, 1, março/1915, [Alfredo Pedro Guisado; “Adormecida”, “Sonho Egípcio”, “Pagão”, “Ver-te”, “Princesa Louca”, “Mãos de Cega”, “Esquecendo”, “Salomé”, “Morte de Salomé”, “Recordando”, “Ante Deus”].
- “Cristo Agonizante” in *Alma Nova* 8, maio/1915, p. 4 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Ao cair da tarde”, *O Occidente*, 10/06/1914, p. 183.
- “Os do «Orfeu»” in *O Mundo*, 7/07/1915 [Alfredo Pedro Guisado e António Ferro].
- “Ela no meu olhar” in *Alma Nova*, nº 17-18, nº especial, s.d. [1916; Pedro de Menezes].
- “O Mêdo de Satan pela Noite” in *Exílio*, abril/1916, pp. 7-8. [Pedro de Menezes “Do livro de sonetos Ânfora, em preparação”].
- “Soneto” in *Alma Nova*, nº 21/22/23/24, dezembro/1917, p. 57 [Pedro de Menezes].
- “Uma horrorosa tragédia no Rocio. Trata-se duma menina da nossa primeira sociedade e dum soldado da última”, *O Riso d’a Vitória*, 15/09/1919, p. 6 [Alfredo Abril].
- “El y Ela” in *A Nosa Terra*, n. 101, 25/09/1919 [Alfredo Pedro Guisado].
- “O Major maneta”, *O Riso d’a Vitória*, 30/09/1919, p. 2 [Alfredo Abril].
- “Um inexplicável crime de amor”, *O Riso d’a Vitória*, 15/10/1919, p. 2 [Alfredo Abril].
- “A tragédia dum guarda freio”, *O Riso d’a Vitória*, 15/11/1919, p. 3 [Alfredo Abril].
- “Uma Aldeia Galega na Flandres” in *O Jornal*, 3/12/1919 [Pedro de Menezes; carta a António Ferro].
- “El y Ela” in *Atlântida*. “Orgão do Pensamento Latino no Brazil e em Portugal”, nº 48, ANO V, Vol. XII, s.d. [1920; Alfredo Pedro Guisado; “D’o libro que vay sair: *Xente d’a Aldea*”].
- “!Galícia!” in *Diário de Lisboa*, 10/05/1921, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Galiza e Portugal” in *A Nosa Terra*, 140, 15/05/1921, p. 7 [Alfredo Pedro Guisado; carta].
- “Jogos florais galego-portugueses” in *Diario de Lisboa*, 20/05/1921, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Jogos florais luso-galaicos” in *A Democracia*, 12/08/1921, p. 1 [Alfredo Pedro Guizado].

- “A véspera de Alcácer-Kibir” in *Seara Nova*, nº 3, 20/11/1921, pp. 72-73 [Alfredo Pedro Guisado (*Pedro de Menezes*); “Do livro a sair em breve: ‘Funerais do Outono’”].
- “Galiza e Portugal” in *Seara Nova* 6, 14/1/1922, p. 148 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Dois irmãos”, *El Pueblo Gallego*, 25/07/1925, p. 3.
- “As 5 chagas de Christo”, *Diário de Lisboa*, 18/07/1927, p. 3 [Alfredo Guizado].
- “A Semana Portuguesa na Galiza”, *Diario de Noticias*, 3/01/1929, p. 1 [carta].
- “Galegos”, *Diario de Notícias*, 17/02/1929, p. 1.
- “Nós e a Galiza”, *O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 15.
- “Rosalia Castro”, *Diario de Notícias*, 13/03/1929, p.1.
- “Poeira Antiga. Termópilas”, *O Diabo*, 4, 21/07/1934 [Alfredo Guisado].
- “Elogio de Junho”, *Diabo*, 53, 30/06/1935 [Alfredo Guisado].
- “Quando eu nasci...”, *Sudoeste* 3, Novembro/1935, p. 7 [Alfredo Guisado].
- “Fernando Pessoa e a sua influência na literatura moderna”, *O Diabo*, 77, 15/12/1935, p. 8 [Alfredo Guisado].
- “Algumas palavras sobre ‘Orfeu’”, *O Diabo*, 81, 12/01/1936, p. 8 [Alfredo Guisado].
- “Gomes Leal” in Armindo Rodrigues e João José Cochofel (org.) (1948): *Homenagem poética a Gomes Leal. No centenário do seu nascimento*, Coimbra, Minerva, p. 17 [soneto].
- “Ainda os 35 anos do ‘Orfeu’. Como apareceu Alvaro de Campos”, *República*, 2/05/1950, p. 3 [Alfredo Guisado].
- “‘Vida e Obra de Fernando Pessoa’ um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões” in *República*, 15/09/1950, pp. 3 e 7 [Alfredo Guisado].
- “‘Vida e obra de Fernando Pessoa’”, *República*, 22/09/1950, p. 3. [Alfredo Guisado].
- “Comentário. Ainda o «Orpheu»”, *República* “Das Letras e das Artes”, 23/04/1965, p. 7. [A. G.].
- “O que se escreve e quem escreve. «Páginas íntimas e de auto-interpretação» Fernando Pessoa”, *República*, 19/11/1966, p. 8 [Alfredo Guisado].
- “Dois sonetos de Alfredo Guisado”, *Colóquio / Letras* 14: 55-56 [Alfredo Guisado; “A Velha Escadaria” e “Ansiedade”].

Correspondência

A Alberto Serpa, 23/01/1958, Espólio Alberto Serpa, Biblioteca Municipal do Porto.

A António Ferro, 13 cartas, 1913-1929, Espólio António Ferro, Fundação António Quadros.

A Fernando Pessoa, 27/07/1914: BN. EIII 115²: 64-65 e 1/10/1914: BN. EIII 115²: 66-68, Espólio Fernando Pessoa, Biblioteca Nacional de Portugal.

A Maria Guilhermina Ferreira Guisado, 552 espécimes, 1916-1925.

A Alfredo Guisado [de M. G. Ferreira Guisado], 442 espécimes, 1916-1925.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

ALONSO ESTRAVIS, Isaac (1980): “Un poeta galego descoñecido” in *Grial*, 69: 349-353.

_____ (1987): *Estudos filologicos galegoportugueses*, Madrid, Ed. Alhena, pp. 193-204.

_____ (2001): “Homenagem a Alfredo Guisado” in *Olisipo*, 2^a Série, 14: 153-154.

_____ (2002): “Um Poeta Galego Desconhecido” in VV.AA: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp. 173-179.

ÁLVAREZ, Eloísa (2002): “Estudo de Xente d’Aldea” in VV.AA: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp. 181-211.

AMARO, Luís (1970): “Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro para Alfredo Guisado” in *Diário de Notícias*, 23/04/1970, pp. 18-19.

APOLINÁRIO LOURENÇO, António (2003): “Introdução” in Alfredo Guisado: *Tempo de Orfeu*, Coimbra, Angelus Novus, pp. XI-XLIX.

_____ (2009): “Alfredo Guisado, entre el cosmopolitismo do Orpheu y la Xente d’a aldea” in *Mediateca. IX Congreso Internacional de la AIEG*, <http://tv.uvigo.es/es/video/25106.html> (última consulta, 3/04/2012) [transcrição nossa].

_____ (2011): “Alfredo Guisado, entre o cosmopolitismo do *Orpheu* e a *Xente d’a aldea*” in *Boletín Galego de Literatura* 45: 159-173.

AUTORES (1960): “A HISTÓRIA DO ‘ORPHEU’. CONFIDÊNCIAS DE ALFREDO GUISADO” in *Autores*, outono/1960, pp. 10-11.

BARRO Paz, Xosé Maria do e MARTÍNEZ Pereiro, Carlos Paulo (1989): “Alfredo Guisado. Subsídios para umha discussom heteronímica” in *Associação Galega da Língua: Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, Corunha, AGAL, pp. 499-503.

- BUSTORFF, A[ntónio] (1916): “Balanço literário” in *Alma Nova*, 15, março/1916, p. 46.
- _____ (1916a): “Balanço literário” in *Alma Nova*, 20, dezembro/1916- janeiro/1917, pp. 34-35.
- _____ (1918): “Balanço mensal. Literatura. Sciencia e Arte. Livros” in *Alma Nova* 25, janeiro/1918, pp. 14-16.
- CAMELO, José António (1985): “Do galeguismo de APG ou Pedro de Menezes” in *Agália*, 2: 191-196.
- _____ (1996): “Evocando Alfredo Guisado” in Alfredo Guisado: *Tempo de Orpheu II*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 7-12 [introdução].
- DASILVA, Xosé Manuel (2005): “Reivindicación de Alfredo Pedro Guisado, poeta portugués e galego” in *Grial*, 165: 124-126.
- ESTEVES, Juvenal (1991): “Alfredo Guisado: arte e cidadania” in *Colóquio/Letras*, 121 / 122: 210-217.
- FERNANDA, Maria (1921): “Vida Mundana. Folhinha de Lisboa” in *Correio da Manhã*, 16/06/1921.
- FERRO, António (1916): “LÁPIDES. Impressões de Arte” in *Exílio*, 1: 45.
- _____ (1921): “O livro da semana: ‘A lenda do Rei Boneco’ por Pedro de Menezes” in *Diário de Lisboa*, 11/06/1921, p. 2.
- GALHOZ, Maria Aliete (1995): “‘Xente d’a aldea. Versos gallegos’ de Alfredo Pedro Guisado poeta de ‘Orpheu’. Algumas notas” in *Colóquio / Letras*, 137 / 138: 226-233.
- LAGO GUIADO, António (2011): “Alfredo Guisado” [texto policopiado da sua intervenção no Centro Galego de Lisboa a 29/11/2011].
- LANDEIRA Yrago, X. (1972): “Alfredo guisado e o seu ‘Tempo de Orfeu’” in *Grial*, 36: 240-241.
- LOPES, Óscar (1973): *História Ilustrada das Grandes Literaturas. VIII. História da Literatura Portuguesa*, vol. II. Época Contemporânea, Lisboa, Estúdios Cor, pp. 715-717.
- MAIA, João da (1979): *Enciclopédia luso-brasileira da cultura*, vol. 19, Amadora, Verbo.
- MASINI, Manuele (2007): “Aloglosia e bilinguismo como formas de articulação do diálogo entre estéticas e poéticas na literatura ibérica do século XX” in Helena González Fernández & María Xesús Lama López (coords.): *Actas*

- VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. *Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da península*. Barcelona, 28 ó 31 de maio de 2003, vol. 2 Sada/Barcelona, Edicións do Castro/Asociación Internacional de Estudos Galegos/Universitat de Barcelona, pp. 585-595 [CD-Rom] (accesível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2944730> [última consulta: 24/03/2013]).
- MÉNDEZ FERRÍN, Xosé Luís (2005): “‘X’, espazo para un signo. Guisado” in *Faro de Vigo, El Sábado* [suplemento], 18/06/2005, p. 2.
- PAZOS Justo, Carlos (2008): “Aproximação às análises de *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* de Alfredo Guisado” in Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó & José Luís Rodríguez (eds.): *Da Galiza a Timor: a Lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, vol. I, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 133-142.
- _____ (2009): *Trajectoria de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Universidade do Minho [Tese de Mestrado].
- _____ (2010): *Trajectoria de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- _____ (2012): “Aproximação e trajetória de Alfredo Guisado na década de 20” in Petrov, Petar, Sousa, Pedro Quintino de, Samartim, Roberto López-Iglésias & Torres Feijó, Elias J. (eds.): *Avanços em Literaturas e Culturas Africanas e em Literatura e Cultura Galegas*, Santiago de Compostela/Faro, Associação Internacional de Lusitanistas/Através Editora, pp. 235-252.
- PESSOA, Fernando (1916): “Movimento sensacionista” in *Exílio*, 1: 46-48.
- PIMENTA, Alfredo (1922): *Pretextos e reflexões (primeira série:1920-1922)*, Lisboa, Parceria António Maria Pimenta, pp. 120-121.
- PONCE DE LEÃO, António (1915): “Crónica literaria e teatral” in *Portugal*, 10, 12/12/1915, p. 3.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1969): “Redescoberta da poesia de Alfredo Guisado” in Alfredo Guisado: *Tempo de Orfeu*, Lisboa, Portugália, pp. IX-XIX [introdução].
- SÁNCHEZ BARGIELA, Rafael (2004): “Alfredo Pedro Guisado, un poeta portugués e galego” in *Faro de Vigo* “A Bisbarra. Condado Paradanta”, 23/04/2004, p. 8.

- _____ (2009): “Alfredo Pedro Guisado (1891-1975). Un poeta portugués de Pías (Ponteareas)” in *A Trabe de Ouro*, 80: 109-127.
- SEABRA PEREIRA, José Carlos (1976): “Trajectória poética de Alfredo Pedro Guisado” in *Colóquio/Letras*, 33: 79-82.
- _____ (1979): “Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo Pedro Guisado” in José Carlos Seabra Pereira: *Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu*, Coimbra, Almedina, pp. 7-8 e 161-199.
- SOARES, Sílvia (1970): “Tempo de Orfeu” in *A Capital*, Suplemento “Literatura & Arte”, 1/04/1970, p. 3.
- SOUSA, João Rui de (1991): “No centenário de três poetas de *Orpheu* Alfredo Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues e Luís de Montalvor” in *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 6, nº 2: 73-84.
- VIDAL, Lúcio (1984): “Alfredo Guisado, poeta galego-português” in *Grial*, 83: 301-314.
- _____ (1999): “Alfredo Guisado no seu tempo” in *Anais. Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 38, Lisboa, Academia Portuguesa da História, pp. 12-40 [Armando Lúcio Vidal].
- VV.AA. (2002): *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte.

Entrevistas

- A António Lago Guisado [sobrinho de Alfredo Guisado], Pias, Ponte-Areias, 8/03/2008.
- A Carlos Quiroga [professor da USC], via correio eletrónico, 5/09/2012.
- A Manuel Mariño Carrera [restaurador em Lisboa de origem galega], Baiona, 18/11/2006 e Centro Galego de Lisboa, Lisboa, 24/11/2006.
- A Miguel Gonçalo Guisado [sobrinho-neto de Alfredo Guisado], Pias, Ponte Arêas, 23/08/2009 e, via correio eletrónico, 24-02-2013.
- A Paulo da Costa Domingos [alfarrabista], Lisboa, 20/07/2011.

Outros documentos

Documentos do Arquivo PIDE/DGS (Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

- Pide, SC SPS 3762 NT 4248, 1928
- Pide, SC Bol 249658 NT 8179, 1971
- Pide, SC CI(2) 4407 NT 7354, 1965, 1970
- Pide, SC E/GT 607 NT 1444, 1928, 1964

Pide, Del Coimbra PI 715 NT 4426, 1954, 1960

Documentos do Arquivo de Juventud de Galicia

Libro de cargos de la junta directiva (1919-1949)

Libro a Actas de Juntas Generales (1924-1932)

Xunta de Galicia: “Proxecto de inventariado, catalogación e dixitalización de imaxes do patrimonio arquitectónico, artístico e documental titularidade dos centros galegos no exterior”, 6 DVDs.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Publicações periódicas

Águia (A), 1912-1930.

Alma Nova, 1914-1918.

Athena, 1924-1925.

Atlântida, 1915-1920.

Boletín de la Real Academia Gallega, 1924 e 1929.

Centauro, 1916.

Clamor Español (El), 1909.

Colóquio/Letras, 2010.

Contemporânea, 1922.

Exílio, 1916.

Democracia (A), 1921.

Diário de Lisboa, 1921 e 2/1928.

Diário de Notícias, 1928 e 1929.

Diário da Tarde, 5/1913.

Eco de Santiago (El), 1915.

España Democrática, 1912.

España Moderna (La), 1908.

España y Portugal, 1913.

Gaceta Literaria (La), 1928 e 1929.

Ilustração Portuguesa, 1920-1922.

Imprensa de Lisboa (A), 1921.

Mondariz, 1915-1922.

Nós, 1920-1930.
Nosa Terra (A), 1916-1930.
Notícias Ilustrado (O), 1929.
Occidente (O), 1914-1915.
Orpheu, 1915.
Paiz (O), 1912.
Portugal Futurista, 1917.
Pueblo Gallego (El), 1924-1925, 1928-1929.
Presença, 1927-1930.
Rebate (O), 10/1913.
Renascença, 1914.
República, 1954.
Riso d'a Vitória (O), 1919-1920.
Seara Nova, 1921-1930.
Século (O), 1928.
Sudoeste, 1935.
Tea (El), 1908-1936.
Temporada de Mondariz (La), 1910-1927.
Vida Gallega, 1909-1930.

Outras referências bibliográficas

- ABAD, C. M^a (2006[1925]): “Al margen de Los Lusíadas...” [excerto de “Al margen de Los Lusíadas (En el cuarto centenario del nacimiento de Camoens y de la muerte de Vasco da Gama)” in *Razón y Fe*, Madrid, 71, pp. 164-175] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 208-213.
- ABREU, Maria Fernanda de (2007): “De que lado o espelho? Das teorias às práticas comparatistas no estudo das relações literárias entre Portugal e Espanha” in Gabriel Magalhães (ed.): *Actas do Congresso RELIPES III*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 437-452.
- ABUÍN Gonzalez Anxo & DOMÍNGUEZ César (eds.) (2010): *A comparative history of literatures in the Iberian Peninsula*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company,

- ABUÍN González, Anxo & TARRÍO Varela, Anxo (eds.) (2004): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela.
- AGUIAR E SILVA, Vítor (1995): “A constituição da categoria periodológica de modernismo na literatura portuguesa” in *Diacrítica*, 10: 137-164.
- _____ (coord.) (2011): *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho.
- ALMADA NEGREIROS [José] (1997): *Obra completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, pp. 1079-1098 [1965; org. Alexei Bueno].
- ALMEIDA, Teresa (1982): “Nacionalismo e modernismo. O projecto Exílio” in *Exílio*, ed. facsimilada, Lisboa, Contexto Editora, pp. V-XVIII.
- ALONSO ESTRAVÍS, Isaac (1998): “A Galiza, os galegos e a língua segundo Rodrigues Lapa” in *Agália*, 53: 3-15 (acessível em: http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=agalia:n53_a_galiza_os_galegos_e_a_lingua_segundo_rodrigues_lapa.pdf [última consulta 1/11/2011]).
- _____ (2002): “Relações de Teixeira de Pascoaes com escritores e intelectuais” in *Portal Galego da Língua*, http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=contributos-pgl:relacoes_de_teixeira_de_pascoaes.pdf (última consulta, 27/06/2013).
- ALONSO FERNÁNDEZ, Bieito (1997): “Idade Contemporânea. Século XX” in VV. AA: *Historia Xeral de Galicia*, Vigo, Edicións A Nosa Terra, pp. 333-393.
- ALONSO MONTERO, Xesús (1974): *Galicia vista por los no gallegos*, Madrid, Ediciones Jucar.
- ALONSO ROMO, Eduardo Javier (2007): “Letras en tiempos de dictaduras (1936-1974), in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até a actualidade*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 171-202.
- ÁLVAREZ, Eloísa (1996): “Iberismo, hispanismo e hispanofilia en Portugal en la última década” in *Revista de História das Ideias*, 18: 373- 387.
- _____ (2011): “Tres traductores y una traducción. Unamuno, Rogelio Buendía y Francisco Maldonado, para *Constança*, de Eugénio de Castro” in Maria Teresa Delgado Mingocho, Maria de Fátima Gil & Maria Esmeralda Castendo (coords.): *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*, vol. I, Coimbra, Faculdade de Letras da

- Universidade de Coimbra/Centro de Investigação em Estudos Germanísticos/Edições Minerva, pp. 505-511.
- _____ e ALONSO ESTRAVIZ, Isaac (1999): *Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário*, Sada, Edicións do Castro.
- ÁLVAREZ SELLERS, María Rosa (1999): “Introducción” in María Rosa Álvarez Sellers, (ed.): *Literatura portuguesa y literatura española: influencias y relaciones*, Valencia, Universitat de València, pp. 9-14.
- ALVES, Jorge Fernandes (2002): “Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas” in Antonio Eiras Roel & Domingo Gonzalez Lopo (coords.): *Movilidad e migracións internas na Europa Latina*, Santiago de Compostela, Universidad (Catedra Unesco) p. 117-126 (acessível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11211.pdf> [última consulta, 27/05/2013]).
- AMARAL, Fernando Pinto do (2004): “Ensinar literatura hoje” in Carlos Mendes de Sousa & Rita Patrício (orgs.): *Largo mundo alumniado. Estudos em homenagem a Vitor Aguiar e Silva*, vol. 1, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, pp. 343-355.
- ANDRÉS-GALLEGO, José (coord.) (1991): *España siglo XX*, Madrid, Actas, pp. 235-250.
- ANTUNES, José Freire (2003): *Os espanhóis e Portugal*, Lisboa, Oficina do Livro.
- APOLINÁRIO LOURENÇO, António (2005): *Estudos de Literatura Comparada Luso-Espanhola*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, pp. 93-105, 123-137.
- ARAÚJO, José David Santos (2004): *Portugal e Galiza: Encantos e encontros*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- AXEITOS, Xosé Luís (1997): “A recepción das vangardas en Galicia” in *Boletín Galego de Literatura*, 17: 7-55.
- BARCIA Caballero, Juan (1915): “Crónica literaria. ORPHEU.- Revista trimestral de literatura. Portugal e Brazil-Lisboa” in *El Eco de Santiago*, 6/04/1915, p. 1.
- BARCIA LAGO, Modesto (2006): *No silêncio profundo das raízes. A Iberidade. Ensaio verbo do ortograma xeopolítico ibérico*, [Porto] Patronato do Instituto de Estudios Ibéricos.
- BARREIRA, Cecília (1981): *Nacionalismo e modernismo. De Homem Cristo Filho a Almada Negreiros*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 61-77.

- BARREIRO Fernández, Xosé R. (2006): “Prólogo” in Xaquín Vales: *Actos académicos en Mondariz*, Vigo, Ir Indo, pp. 9-11.
- _____ (2007): “Galicia e Castela: orixe, evolución e fracaso do mito anticastelán” in Helena González Fernández & María Xesús Lama López (eds.): *Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Actas VII Congreso Internacional de Estudos Galegos*, Sada, Edicións do Castro, pp. 25-38.
- _____ (2007a): *A Gran Historia de Galicia. Historia Política da Galicia Contemporánea XI*, vol 3., Corunha, Arrecife Edicións Galegas, pp. 109-218.
- BARRETO, António Garcia (2002): *Dicionário de literatura infantil portuguesa*, Porto, Campo das Letras.
- BASSEL, Naftoli (1991): “National Literature and Interliterary System” in *Poetics Today*, 12: 4: 773-779.
- BEIRANTE, Cândido F. B. (1992): “A Galiza e os galegos na obra de Alexandre Herculano” in M^a do Carmo Henríquez Salido (ed.): *Actas III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, [A Corunha] AGAL, pp. 395-403.
- BELLER, Manfred (2007): “Perception, image, imagology” in Manfred Beller & Joep Leerssen (eds.): *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi, pp. 4-16.
- _____ e LEERSSSEN, Joep (eds.) (2007): *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi.
- BELLO Vázquez, Raquel (2012): “Portugal como referente na Galiza do século XVIII- O caso de José Andrés Cornide” in Petar Petrov, Pedro Quintino de Sousa, Roberto López-Iglésias Samartim & Elias J. Torres Feijó (eds.): *Avanços em Literaturas e Culturas Africanas e em Literatura e Cultura Galegas*, Santiago de Compostela/Faro, Associação Internacional de Lusitanistas/Através Editora, pp. 271-288.
- BERAMENDI, J. G. (1991): “El Partido Galleguista y poco más: organización e ideologías del nacionalismo gallego en la II República”, in Justo González Beramendi & Ramón Máiz (comps.): *Los Nacionalismos en la España de la*

- II República*, Consello da Cultura Galega/Siglo Veintiuno, Santiago de Compostela/México, pp. 127-170.
- _____ (1997): “Conciencia étnica e conciencias nacionais en Galicia” in Gerardo Pereira-Menaut: *O feito diferencial galego I*, vol. 2, Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego / Editorial da historia, pp. 277-300.
- _____ (2007): *De provincia a nación. Historia do galeguismo político*, Vigo, Xerais, pp. 347-411, 413-467 e 561-736.
- BLANCO, José (2008): *Pessoana. Bibliografía passiva, selectiva e temática*, vol. I, Lisboa, Assírio & Alvim.
- _____ (2008a): *Pessoana. Índices*, vol. II, Lisboa, Assírio & Alvim.
- BOULLOSA, Manuel (1988): “Discurso pronunciado pelo senhor Manuel Cordo Boullosa na sessão solene da inauguração das novas instalações” in *O Galego. Voceiro da «Xuventude de Galiza» - Centro Galego de Lisboa*, 2: 16-17.
- BOURDIEU, Pierre (1996): *As Regras da Arte. Génese e Estrutura do Campo Literário*, Lisboa, Presença [1992].
- _____ (1997): *Razões Práticas. Sobre a teoria da acção*, Oeiras, Celta [1994].
- _____ (2001): *O Poder Simbólico*, 4ª ed., Viseu, Difel [1989; trad. de Fernando Tomaz].
- _____ (2004): *O Campo Literario*, Santiago de Compostela, Laiovento [1991].
- BRANDENBERGER, Tobias (2005): “Nem bom vento, nem bom casamento... Fragen und Antworten zum spanisch-portugiesischen Verhältnis” in Tobias Brandenberger & Henry Thorau (eds.): *Portugal und Spanien: Probleme (k)einer Beziehung/Portugal e Espanha: Encontros e Desencontros*, Frankfurt am Main, Peter Lang, pp. 9-14.
- BRÉCHON, Robert (1996): *Estranho estrangeiro. Uma biografia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Quetzal Editores, pp. 283-301.
- BULLÓN y Fernández, Eloy (2006[1916]): *Las relaciones de España con Portugal...* [excerto de *Las relaciones de España con Portugal. Enseñanzas del pasado y orientaciones para el porvenir*, Madrid, Establecimiento Tipográfico de Jaime Ratés] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 170-174.

- BURGOS Madroño, Manuel (1986): “As actividades da colónia española em Portugal (1936-1939)”, *Diário de Notícias*, 6/07/1986, pp. XV-XVII.
- BUSTO Abella, Luis Humberto (2003): “Espistolario portugués de Álvaro Cebreiro: Bernardino Machado” in Maria Xosé Agra Romero & Nel Rodríguez Rial (eds.): *Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 305-340.
- CABO Aseguinolaza, Fernando (2004): “El giro espacial de la historiografía actual” in Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela (eds.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 21-43.
- _____ (2010): “Historiografía literaria y literaturas ibéricas en el siglo XIX: claves desde una perspectiva comparada”, in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, 131-155.
- _____ (2010a): “The European horizon of Peninsular literary historiographical discourses” in Fernando Cabo Aseguinolaza, Anxo Abuín González & César Domínguez (eds.): *A comparative history of literatures in the Iberian Peninsula*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 1-52.
- CABO VILLAVARDE, Miguel (1998): *O Agrarismo*, Vigo, Edicións A Nosa Terra.
- _____ (2001): “Os ‘americanos’ e o movemento agrarista (1900-1936)” in *Estudios Migratorios*, 11-12: 169-192 (accesível em: http://www.consellodacultura.org/mediateca/extras/estudios_migratorios_11.pdf [última consulta, 27/05/2013]).
- CAGIAO Vila, Pilar e PEÑA Saavedra, Vicente (dirs.) (2008): *Nós mesmos. asociacionismo galego na emigración/asociacionismo gallego en la emigración* [Santiago de Compostela] Consello da Cultura Galega (accesível em: http://www.consellodacultura.org/mediateca/extras/nos_mesmos.pdf [última consulta, 27/05/2013]) [ed. Consello da Cultura Galega].

- CARAMÉS Martínez, Xesús (1993): *A imaxe de Galicia e os galegos na literatura castelá*, Vigo, Galaxia.
- CARBALLO Calero, Ricardo (1981): *Historia da literatura galega contemporánea 1808-1936*, 3ª ed., Vigo, Galaxia.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas (2007): “A Mantilha de Medronhos. Impressões e recordações de Espanha de Eugénio de Castro: caminhos e processos de uma imagem de Espanha à volta de 1920” in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 4: 177-194.
- CARRERA Muñoz, Alejo (1914): “Poetas Lusitantes” in *Vida Gallega* 65, 20/12/1914.
- _____ (1915): “Crónica de Lisboa. Revuelo literário. Los poetas de ‘Orpheu’” in *El Tea*, 63, 9/04/1915.
- CASAS, Arturo (2003): “Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico” in *Interlitteraria*, 8: 68-97 (<http://web.usc.es/~tlcasas/docs/IL8.htm>, [última consulta, 28/01/09]).
- _____ (2004): “Catro modelos para a nova Historia literaria comparada. Unha aproximación epistemolóxica” in Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela (eds.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 45-71.
- CASTEX, François (1971): *Mário de Sá-Carneiro e a génese de “amizade”*, Coimbra Livraria Almedina.
- CASTRO GIL, Gabino (1999): “A grande diáspora galega em Portugal” in *Olisipo. Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, 2ª série, 11: 57-58.
- CHATO Gonzalo, Ignacio (2004): *Las relaciones entre España y Portugal a través de la diplomacia (1846-1910)*, Tomo II, Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- CORBACHO Quintela, Antón (2009): *A aculturação e os galegos do Brasil: o vazio galeguista*, Santiago de Compostela (accesível em http://dspace.usc.es/bitstream/10347/2596/1/9788498872583_content.pdf [última consulta, 22/08/2012]).
- CORREIA FERNANDES, M. (1986): *Literatura Portuguesa em Espanha. Ensaio de uma Bibliografia (1899-1985)*, Porto, Livraria Telos Editora [Prefácio de Prof. José Adriano de Carvalho].

- _____ (1998): “Almada em Espanha: Aprender a Identidade Portuguesa” in Celina Silva (coord.): *Almada Negreiros. A descoberta como necessidade*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, pp. 369-375.
- CRESPO, Ángel (1990): “Epílogo” in César Antonio Molina: *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal, pp. 371-375.
- CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da (2002): *A construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho.
- _____ (2010) “Fidelino de Figueiredo e o comparatismo peninsular: o piano de dois teclados” in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, pp. 175- 184.
- _____ (2011): *A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global*, Guimarães, Ópera Omnia.
- _____ (2012): “Lusismo versus castelhanismo: uma invenção novecentista” in María Jesús Fernández García & Maria Luísa Leal (coords.): *Imagologías Ibéricas: construyendo la imagen del outro peninsular*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, pp. 101-108.
- CURRUCULL, Fèlix (1973): “Duas cartas inéditas de Teixeira de Pascoaes a Ribera i Rovira” in *Colóquio/Letras*, 13: 48-53.
- DANTAS, Luís (2010): *Retratos gallegos* [edição de autor].
- DASILVA, Xosé Manuel (2006): *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo.
- _____ (2008): *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre a literatura espanhola traduzida em Portugal*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo.
- DIAS, Eduardo Mayone (1975): "Um lusitanista catalão: Ribera i Rovira" in *Revista Colóquio/Letras*, 27: 62-67.
- _____ (1991): “De como Eça foi assassinado em Espanha (As primeiras traduções queirosianas)” in *Colóquio/Letras*, 121-122: 131-141.
- _____ (1996): “Iberismo político e iberismo cultural (Relações entre Portugal e Espanha desde a segunda metade do século XIX)” in Ramón Lorenzo &

- Rosario Álvarez: *Homenaxe á profesora Pilar Vázquez Cuesta*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 773-782.
- EDITORIAL CERVANTES (2006[1920]): “Teixeira de Pascoaes” [in *Las mejores poesías (líricas) de los mejores poetas. Pascoaes*, Barcelona, Editorial Cervantes, pp. 4-14 (Traducciones de Fernando Maristany)] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 189- 190.
- EQUIPO GLIFO (1998): *Diccionario de termos literarios*, Vol. II (e-h) [Santiago de Compostela], Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- ESTEVAM, José (1956): “Os galegos em Lisboa”, *Revista Municipal de Lisboa*, 68: 33-46.
- ESTÉVEZ, Xosé (2009): *Galeuzca: la rebelión de la periferia (1923-1998)*, Madrid, Entimema.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990): “Polysystem Theory” in *Poetics Today*, 11: 9-26.
- _____ (1999): “La literatura como bienes y como herramientas” in Darío Villanueva, Antonio Monegal & Enric Bou, (coords.): *Sin Fronteras: Ensayos de Literatura Comparada en Homenaje a Claudio Guillén*, Madrid, Editorial Castalia, pp. 27-36 (acessível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/EZ-Literatura-bienes-herramientas.pdf> [última consulta, 27/05/2013]).
- _____ (1999a): “Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas” Monserrat Iglesias (coord.) (1999): *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco / Libros, pp. 23-52.
- _____ (2007), *Polisistemas de cultura*, Universidad de Tel Aviv: Cátedra de Semiótica, TelAviv (acessível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/index.html> [última consulta, 27/05/2013]).
- _____ (2011): “O Papel da Literatura na Criação das Nações da Europa” in Carlos Manuel Ferreira da Cunha (ed.): *Escrever a nação: literatura e nacionalidade (uma antologia)*, Guimarães, Ópera Omnia, pp. 77-99 [1996].
- FERNANDES, Ângela (2010): “As relações portuguesas de Ramón Gómez de la Serna” in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.):

Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, pp. 195-204.

FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco (1988): “De Teixeira de Pascoas a Pessoa” in *La Voz de Galicia*, 11/12/1988.

_____ (1990): *Diccionario de escritores en lingua galega*, Sada, Edicións do Castro.

_____ (2001): “Galegos e portugueses na área da cultura común” in *Congreso literatura galega e do norte de Portugal. O libro e a lectura. Actas do congreso realizado pola Dirección Xeral de Promoción Cultural en Santiago de Compostela dos días 25 ó 28 de outubro de 2000* [Santiago de Compostela], Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, pp. 17-25

FERNÁNDEZ Cortizo, C. (2007): “La emigración gallega a la provincia portuguesa de Tras-os-Montes y Alto Douro (1700-1850): evolución temporal, tipología y localidades de partida y de destino” in *Douro. Estudos & Documentos*, 22: 79-112.

FERNÁNDEZ FLÓREZ, Wenceslao (2006[1924]): “Eça de Queiroz y su obra” [in *Las más bellas páginas de Eça de Queiroz*, Madrid, Ed. Castilla, pp. 7-23; seleção, tradução e crítica de Wenceslao Fernández Flórez] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 205-207.

FERNÁNDEZ REI (1991): “A ‘Questione della lingua’ galega” in *Trabe de ouro*, 5: 29-40.

FERREIRA, António Bartolomeu (2005): “Cultura de fronteira: um desafio à integração” in Rui Jacinto & Virgílio Bento (coords.): *Territórios e Culturas Ibéricas*, Porto, Campo das Letras, pp. 233-250.

FERREIRA DA CUNHA, Norberto (2007): *A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção, Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1915): *Características da Litteratura portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.

_____ (1923): *Características da Litteratura portuguesa*, 3ª ed. revista, Lisboa, Livraria Clássica Editora.

- _____ (2008[1918]): “Modernas relaciones literarias entre Portugal y España (Contribución bibliográfica)” [in *Estudos de Litteratura (Artigos varios). Primeira serie: 1910-1916*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918 pp. 85-93] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre a literatura espanhola traduzida em Portugal*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 100-103.
- FIGUEROA, Antón (2001): *Nación, literatura, identidade: comunicación literaria e campos sociais en Galicia*, Vigo, Edicións Xerais, pp. 7-69.
- FONTENLA Rodrigues, José Luis (1987): “Pessoa e a Galiza” in *Nós. Revista galaicoportuguesa de cultura*, 7-12: 21-38.
- FRANCO, António Cândido (2010): “Pascoaes Ibérico” in Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol.1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 143-155.
- FRANÇA, José-Augusto (1983): “Sondagem nos anos 20 – cultura, sociedade, cidade” in *Análise Social*, vol. XIX, (77-78-79), 3º, 4º, 5º: 823-844.
- FRANÇA MURTEIRA, Isabel (1987): *Fernando Pessoa na intimidade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- GARCÍA Fernández, Xosé Lois (1996): “Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal” in Maria Xosé Rodríguez Galdo & Afonso Vázquez-Monxardín (coords.): *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na Emigración*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 181-186.
- GARCÍA Martín, Ana María & SERRA, Pedro (2007): “Lengua, nación, imperio. Ensayo y apunte bibliográfico para un estudios de las relaciones lingüísticas entre Portugal y España (1801-1900)” in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até a actualidade*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 263-329.
- GASPAR, Carlos (2010): “Estruturas, alianças e regimes. As relações entre Portugal e a Espanha (1926-1974)” in Fundação Rei Afonso Henriques: *Relações*

- Portugal-Espanha: Cooperação e Identidade. I Encontro Internacional*, Porto, Fundação Rei Afonso Henriques, 165-209.
- GASPAR SIMÕES, João (1930): “Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa I” in *Seara Nova*, 210: 279-280.
- _____ (1930a): “Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa II” in *Seara Nova*, 211: 291-294.
- _____ (1930b): “Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa (Conclusão)” in *Seara Nova*, 212: 315-317.
- _____ (1950): *Vida e obra de Fernando Pessoa (História de uma Geração)*, vol. I, Lisboa, Livraria Bertrand, pp. 233-297.
- _____ (1957): “Introdução” in Fernando Pessoa: *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, Lisboa, Europa-América [introdução, apêndice e notas de João Gaspar Simões], pp. 7-28.
- _____ (1959): *História da poesia portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, pp. 491-523.
- GIL Hernández, Antonio (1989): “*La Questione della lingua* na lusofonia, confusões, efusões e difusões: uns apontamentos com intuito de precisão” in *Temas de O Ensino*, 14/20: 29-31.
- GIRÁLDEZ, Álvaro (2006[1919]): “Eça de Queiroz y España” [in Eloy do Amaral, M. Cardoso Martha (eds.) (1947): *Eça de Queiroz. In Memoria*, 2ª ed., Coimbra, Atlântida, pp. 216-217] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 186-187.
- GONZÁLEZ Lopo, Domingo L. (1999): “Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino” in Pilar Cagiao Vila (ed.): *Semata, Ciencias Socieais e Humanidades*, vol. II, pp. 269-298.
- _____ (2006): “‘Se se mandassem embora não haveria quem servisse...’ Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial” in Ruben Lois González & Rosa Verdugo Matés (eds.): *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Corunha, Ed. Candeia, pp. 237-266.

- _____ (2008): “Lisboa dos sonhos, Lisboa soñada” in Xan Leira (ed.): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación sll, pp. 16-19.
- _____ (2011): “Los lisboanos gallegos y la I República Portuguesa: evolución económica, social e ideológica de un colectivo inmigrante en Portugal” in *Atas do Seminário A Emigração na Primeira República*, Museu das Migrações e das Comunidades/Câmara Municipal de Fafe/Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta [no prelo].
- GONZÁLEZ-MILLÁN, Xoán (1995): “O discurso literario galego e a configuración dun espacio público nacional no primeiro tercio do século XX, un marco de reflexión” in Arturo Casas (coord.): *Tentativas sobre Dieste*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco, pp. 13-29.
- _____ (2002): “As imaxes emerxentes dunha cultura pública galega: dificultades e desafíos” in *Letras peninsulares*, vol. 15, 2: 249-267.
- GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio (2011): “A granxa, o parque e o museo de Pías (Ponteareas)” in *Pregón. Revista da Festa do Corpus Christi de Ponteareas* [s.n.]: 61-62.
- GONZÁLEZ ROTHVOSS y Gil, Mariano (1950): “La emigración en la Península Ibérica” in *Separata Ciências Sociais*, Tomo 6, Secção 5, Porto, Imp. Portuguesa.
- GOULART, Rosa Maria (2001): *Literatura e Teoria da Literatura em Tempo de Crise*, Braga, Angelus Novus.
- GRYGIERZEE, Wiktoria e FERRO Ruibal, Xesús (2009): “Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués” in *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 11: 94-105.
- GUEDES Guina Rafael e SANTOS Manuela (2002): *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*, vol. II, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- HERCULANO, Alexandre (1981[1845-1846]): *O Pároco de Aldeia. O Galego (Vida, Ditos e Feitos de Lázaro Tomé)*, Porto, Lello & Irmão.
- HERNÁNDEZ Sanz, Pilar (1995): “A emigração galega para Portugal” in *Galicia ó lonxe*, 4: 14-15.
- HERVÉS Sayar, Henrique (1997): “Unicato bugallalista, Ponteareas, 1891-1923. Elementos para unha análise do caciquismo e do clientelismo político na Galicia da Restauración” in VV. AA: *Poder local, elites e cambio social na*

- Galicia non urbana (1874-1936)*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 213-223.
- _____ (2000): “O nacemento do asociacionismo campesiño na rexión baixomiñota, 1900-1905” in Lourenzo Fernández Prieto (dir.): *Terra e progreso: historia agraria da Galicia contemporánea*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, pp. 163-191.
- IGLESIAS Santos, Monserrat (1994): “El sistema literario: teoría empírica y teoría de los polisistemas” in Darío Villanueva (compilador): *Avances en Teoría de la Literatura (Estética de la Recepción, Pragmática, Teoría Empírica y Teoría de los Polisistemas)*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 309-356.
- JIMÉNEZ Redondo, Juan Carlos (2001): “La historiografía española sobre Portugal” in Hipólito de la Torre Gómez & António José Telo (coords.): *La mirada del otro. Percepciones luso-españolas desde la historia*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, pp. 215-234.
- JÚDICE, Nuno (1986): *A era do “Orpheu”*, Lisboa, Teorema.
- JÚLIO DANTAS (1937): *Viagens em Espanha*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- JUVENTUD DE GALICIA (1915): *Juventud de Galicia*, nº único, Lisboa, 1/11/1915.
- KAMEN, Henry (2006): *Del imperio a la decadencia. Los mitos que forjaron la España moderna*, Madrid, Temas de Hoy, pp. 231-263.
- KRISTENSEN, B. e EVANS PIM, J. (2006): “Galegos no humor e no imaginário coletivo. O arquetipo do emigrado na literatura satírica do Portugal decimonônico” in J. Evans Pim et al.: *Estudos Atlânticos*, Rianxo, pp. 87-121.
- LAFARGA, Francisco, PEGENAUTE, Luis e GALLÉN, Enric (eds.) (2010): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA.
- LAMO de Espinosa, Emilio (2000): “La imagen de España en el exterior. Conclusiones de una investigación” in *Estudios Agrosociales y Pesqueros*, 189: 243-268 (accesível em http://www.magrama.gob.es/ministerio/pags/Biblioteca/Revistas/pdf_reeap%2Fr189_11.pdf [última consulta, 17/03/2013]).

- LAPA, Manoel Rodrigues (1952): “Carrere e o elogio do galego” in *Lar*, 224-225: 9-10 [Buenos Aires].
- _____ (1973): “A recuperação literária do galego” in *Colóquio/Letras*, 13: 5-14 (acessível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=13&p=5&o=r> [última consulta, 27/05/2013]).
- LEAL, Ernesto Castro (1994): *António Ferro. Espaço Político e Imaginário Social (1918-32)*, Lisboa, Cosmos.
- LEERSSEN Joep (2007): “Imagology: History and method” in Manfred Beller & Joep Leerssen (eds.): *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi, pp. 17-32.
- _____ (2007a): “IMAGE” in Manfred Beller & Joep Leerssen (eds.): *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi, pp. 342-344.
- LEIRA, Xan (ed.) (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación sll.
- LE MOS, Mário Matos e (2006): *Jornais Diários Portugueses do Século XX: Um dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora, pp. 29-67.
- LEONE, Carlos (2005): *Portugal extemporâneo. História das ideias do discurso crítico português no século XX*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 25-107.
- LISBOA, Eugénio (1984): *O segundo modernismo em Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 15-26.
- _____ (coord.) (1990): *Dicionário cronológico de autores portugueses*, vol. III, Mens Martins, Europa-América.
- LOPES, Óscar (1987): *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, vol. II, Maia, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 457-654.
- _____ e SARAIVA, A. J. (1996): *História da literatura portuguesa*, 17ª ed., Porto, Porto Editora.
- LÓPEZ-CASANOVA, Arcadio (2000): “O modernismo en Galicia” in Javier Serrano Alonso (ed.): *Literatura modernista y tiempo del 98. Actas del Congreso*

- Internacional, Lugo, 17 al 20 de noviembre de 1998*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 125-142.
- LÓPEZ Rodríguez, Juan Gil (2005): “‘A gaita ao lonxe’. Notas sobre a construción da galeguidade en Lisboa” in Rodrigo Romaní (coord.): *Encontros O Son da Memoria. A música galega na emigración. IV Encontro O son da memoria, 17 e 18 de febreiro de 2005*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega/Arquivo Sonoro de Galicia, pp. 59-75.
- LOURENÇO, Eduardo (1993): *Fernando rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- _____ (1994): “A Espanha e nós” in Eduardo Lourenço: *A Europa e nós ou as duas razões*, Lisboa, INCM, pp. 79-85.
- LUIS Martín, Francisco de (2004): “La quiebra de la monarquía (1917-1923)” in Javier Paredes (coord.): *Historia contemporánea de España. Siglo XX*, 4ª ed., Barcelona, Ariel, pp. 453-482.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996): *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Presença.
- _____ e PAGEAUX, Daniel-Henri (2001): *Da literatura comparada à teoria da literatura*, 2ª ed., Lisboa, Presença, pp. 48-66.
- MAEZTU, Ramiro de (2006[1930]): “Prólogo a la primera edición española” [in Antonio Sardinha (1939): *La alianza peninsular*, Segovia, Imp. de *El Adelantado*, pp. 1-10; trad. e prol. do Marqués de Quintanar] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 219-222.
- MAGALHÃES, Gabriel (coord.) (2007): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até a actualidade*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya [atas dos congressos RELIPES I e II].
- _____ (2007a): “Apresentação. No labirinto peninsular, de uma forma europeia” in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até a actualidade*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 9-13.
- _____ (2007b): “Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)” in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e*

- Espanha desde o início de século até a actualidade*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 47-124.
- _____ (ed.) (2007c): *Actas do Congresso RELIPES III*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya.
- MAINER, José-Carlos (2010): “The dialogue of Iberian literary nationalisms” in Fernando Cabo Aseguinalaza, Anxo Abuín Gonzalez & César Domínguez (eds.): *A comparative history of literatures in the Iberian Peninsula*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 641-652.
- _____ (2010a): *Historia de la literatura española. 6. Modernidad y nacionalismo 1900-1939*, Madrid, Crítica, pp. 165-198, 565-568.
- MALTEZ, José Adelino (2005): *Tradição e revolução. Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XXI*, vol. II, Lisboa, Tribuna da História, pp. 161-334.
- MARCO, Aurora (1990): “As relações luso-galaicas através de duas revistas literárias de anteguerra: *Ronsel e Resol*” in *Agália*, 23: 307-311
- _____ (1996): “Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal” in *Agália*, 46: 197-209.
- MARCOS de Dios, Ángel (1996): “A lusofilia espanhola” in *Revista de História das Ideias*, 18: 149- 165.
- _____ (2007): “Aproximación a las relaciones lingüística luso-españolas (1901-1974)” in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até a actualidade*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 331-351.
- _____ (2010): “Unamuno e a literatura portuguesa” in Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol.2, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 60-65.
- MARÇAL, Horácio (1954): “O significado do vocábulo ‘galego’ e a sua extensão na etnografia e no folclore” in *Douro Litoral*, 6ª série, I-XI: 3-16.
- MÁRQUEZ Paramés, José (2002): *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia*, Vigo, Fama.

- MARTINES, Enrico (1998): *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MARTÍNEZ-GIL, Victor (1995): “Mário de Sá-Carneiro a Barcelona: contactes entre intel.lectuals catalans i portuguesos l’any 1914”, *Els Marges*, 54: 104-114.
- _____ (2010): “De Camões a Verdaguer: Portugal i Ibèria en l’imaginari poètic de *L’Atlàntida*” in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, pp. 267-304.
- _____ (2010a): “Portugal y Cataluña ante la modernidad: intercambios artísticos y literarios” in Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 189-203.
- MARTÍNEZ Tejero, Cristina (2012): “Questionar o conhecimento hegemónico. Processos de reflexividade sobre o saber estabelecido” in *Atas do Colóquio de Primavera*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos [no prelo].
- MARTINS, Fernando Cabral (coord.) (2008): *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*, [Lisboa], Caminho.
- _____ (2010): “A obsessão da identidade (Pessoa e a Ibéria do século XX)” in Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol.1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 231-240.
- MASCARENHAS, Álvaro Amadeu Gomes (2010): *Augusto de Santa-Rita: criação literária e vanguarda no século XX*, Universidade Évora [Tese de Mestrado] (acessível em: <http://www.ensino.uevora.pt/mclc/Augusto%20Santa-Rita%20criacao%20literaria%20e%20vang%20no%20sec%20XX%20%20Alvaro%20Mascarenhas.pdf> [última consulta, 12/06/2013]).

- MASCATO Rey, Rosario (2011): “Relaciones culturales entre España y Portugal: a propósito de Valle-Inclán en *La Gaceta Literaria e Ilustração*” in Margarita Santos Zas e Luis T. González del Valle (eds.): *Anales de la literatura española contemporánea. Anuario Valle-Inclán*, 36.3: 75-102.
- _____ (2012): *Claves de la modernidad en la lírica de Ramón del Valle-Inclán: tiempo, identidad y lenguaje*, Universidade Santiago de Compostela [Tese de Doutoramento].
- _____ (2012a): *Valle-Inclán lusófilo: documentos (1900-1936)*, Lugo, Axac.
- MATOS, Sérgio Campos (2003): “Nacionalismo e anti-iberismo. A pedagogia nacionalista da Comissão 1º de Dezembro (1890-1933)” in *Eixo Atlántico. Revista da eurorrexión Galicia-Norte de Portugal*, 4: 2-13 (acessível em: <http://www.eixoatlantico.com/sites/default/files/revista4.pdf> [última consulta, 17/03/2013]).
- MEDEIROS, António F. G (2003) "Discurso Nacionalista e Imagens de Portugal na Galiza" in *Etnográfica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social* VII, 2: 321 – 349, (acessível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_321-350.pdf [última consulta, 11/07/2012]).
- _____ (2006): *Dois lados de um rio. Nacionalismo e Etnografias na Galiza e em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- MEDINA, João (2005): “Portugal e os portugueses na visão dos escritores espanhóis nos séculos XIX e XX” in Tobias Brandenberger & Henry Thorau (eds.): *Portugal und Spanien: Probleme (k)einer Beziehung/Portugal e Espanha: Encontros e Desencontros*, Frankfurt am Main, Peter Lang, pp. 227-261.
- MÉIXOME Quinteiro, Carlos (1999): *Textos e Documentos para a Historia Contemporânea de Galicia*, Vigo, Edicións do Cumio.
- MENÉNDEZ, Fernanda Miranda (1994): “A estilização do galego no teatro português do século XVIII” in Ramón Lorenzo (org.): *Actas do Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, vol. 6, A Coruña, Fundación ‘Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa’, pp. 451-455.
- MÉNDEZ FERRÍN, Xosé Luis (1990): *De Pondal a Novoneyra. Poesía galega posterior á guerra civil*, 2ª ed., Vigo, Xerais, pp. 19-84.
- MOISÉS, Massaud (1981): *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*, São Paulo, Cultrix.

- MOLINA, César Antonio (1990): *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal [Prologo de José Saramago e epílogo de Ángel Crespo].
- MONTEAGUDO, Henrique (1999): *Historia social da lingua galega*, Vigo, Xerais, pp. 385-402.
- _____ e BOUZADA, Xan M. (2003): *O Proceso de normalización do idioma galego (1980-2000). Elaboración e difusión da lingua*, vol. III, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 93-104 e 121-129.
- MONTEIRO, Ofélia (1999): “Exercícios de humor. Os ‘contos’ e ‘fábulas’ em verso de Garret” in *Colóquio/Letras*, 153/154: 141-165.
- MORÃO, Paula (2001): *Salomé e Outros Mitos. O feminino perverso em poetas portugueses entre o fim-de-século e Orpheu*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 13-37.
- MOREIRA, Adriano (2001): “A tensão ibérica” in Hipólito de la Torre Gómez & António José Telo (coords.): *La mirada del otro. Percepciones luso-españolas desde la historia*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, pp. 25-33.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1977): *Presença da ‘presença’*, Porto, Brasília Editora, pp. 57-77.
- _____ (1988): *Nos passos de Pessoa. Ensaio*, Lisboa, Presença.
- MÚRIAS, Manuel (2008[1925]): “A *Diana* de Jorge de Montemor, em português de Afonso Lopes Vieira” [in *Nação Portuguesa*, 4, 1925, pp. 88-90] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antologia de textos críticos sobre a literatura espanhola traduzida em Portugal*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 125-127.
- NAVAS Sánchez-Élez, María Victoria (2010): “*Estvdio* (1913-1920): las letras portuguesas en una revista catalana de expresión castellana” in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, pp. 315-329.
- NEVES, M. (1990): *José Rodrigues Miguéis. Vida e Obra*, Lisboa, Caminho.
- NOYA Javier (2002): *La imagen de España en el exterior. Estado de la cuestión*, [Madrid] Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos (acessível em:

http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/1c9cbb004f0195cd88d6ec3170baead1/Noya_Imagen_Espana_Exterior.pdf?MOD=AJPERES
[última consulta, 17/03/2013]).

NÚÑEZ Sabarís, Xaquín (2011): “Valle-Inclán en la escena portuguesa” in *Theatralia. Revista de Poética del Teatro*, XIII: 119-138.

_____ (2011a): “El discurso de la modernidad en España: del modernismo al 98 (y viceversa)” in Xaquín Núñez Sabarís (coord.): *Diálogos ibéricos sobre a modernidade*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos / Húmus, pp. 235-281.

_____ e PAZOS Justo, Carlos (2012): “La enseñanza de la literatura en la docencia universitaria en Portugal: oferta educativa y selección de contenidos” in *Actas del XIII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura*, Cádiz [no prelo].

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M[anoel] (1993): “Portugal e o Galeguismo até 1936. Algumas Considerações Históricas” in *Penélope. Revista de história e ciências sociais*, 11: 67-82.

_____ (2002): *O inmigrante imaxinario. Estereotipos, representación e identidades dos galegos na Arxentina (1880-1940)*, Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela.

OJEA, Fernando (2007): “El día que vino el hombre más rico del mundo” in *La Temporada de Mondariz*, 2ª época, 3: 36-46.

OLIVEIRA, José Osorio de (2004 [1963]): “O monólogo de Ramón Gómez de la Serna sobre Portugal” in *Boletín Ramón*, 8: 59-61 (accesível em: <http://www.ramongomezdelaserna.net/BR8-PDF.pdf> [última consulta 2/02/2013]) [publicado originalmente em *Colóquio. Revista de Artes e Letras*, 23].

ORPHEU. *AFINA A LIRA* [1915?] (acessível em: http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-638MN/1/8-638MN_item1/record.html [última consulta, 27/06/2013]).

PAGEAUX, Daniel-Henri (2004): “Da imagética cultural ao imaginário” in Pierre Brunel & Yves Chevrel (orgs.): *Compêndio de literatura comparada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 131-166.

- _____ (2010): “La Península Ibérica como espacio intercultural: el diálogo intercultural” in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, pp. 365-381.
- PARDO de Neyra, Xulio (2005): *A introducción do vangardismo na literatura galega*, A Coruña, Espiral Maior.
- _____ (2007): “Sobre el iberismo literario gallego (I). El lusitanismo de Evaristo Correa Calderón y su presencia en el mundo literario portugués” in *Limite*, 1: 215-225.
- _____ (2009): “Sobre el iberismo literario gallego (II). El lusitanismo de Evaristo Correa Calderón y su proyecto en *La Gaceta Literaria*” in *Limite*, 3: 187-203.
- PAREDES, Javier (coord.) (2004): *Historia contemporánea de España (siglo XX)*, vol. II, 4ª ed., Barcelona, Ariel [1ª ed. 1998].
- PASCOAES, Teixeira de (1912): “Renascença” in *A Águia*, 2ª série, 1, 01/1912, pp. 1-3.
- PAZOS Justo, Carlos (2009a): *La emigración española a Portugal a finales del XIX y primeras décadas del XX. Estrategias de socialización y de vinculación a la metrópolis* [Trabalho inédito apresentado como *Memoria* do Máster em Cultura Española Contemporánea da Universidad de Alcalá].
- _____ (2010a): “Alfredo Guisado e a imagologia dos galegos em Portugal” in *Atas do Colóquio Internacional Menmo-Grafias Interculturais / Interkulturelle Mnemo-Graphien*, Universidade do Minho [no prelo].
- _____ (2011): “A emigração espanhola em Lisboa na 1ª República: o caso do enclave galego” in *Atas do Seminário “A Emigração na Primeira República”*, Câmara Municipal de Fafe/Museu das Migrações e das Comunidades [no prelo].
- _____ (2011a): “O primeiro modernismo português e a/nal Galiza (1915): um caminho (im)possível” in Xaquín Núñez Sabarís (coord.): *Diálogos ibéricos sobre a modernidade*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos / Húmus, pp. 41-61.

- _____ (2011b): “A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX: do imagotipo *negativo* ao imagotipo *de afinidade*” in *Veredas*, 16: 39-69.
- _____ (2012a): “De *João de Redondella* a *Os galegos são nossos irmãos*. Aproximação à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal nos inícios do século XX” in María Jesús Fernández García & Maria Luísa Leal (coords.): *Imagologías Ibéricas: construyendo la imagen del otro peninsular*, Mérida, Gobierno de Extremadura, pp. 379-386.
- _____ (2012b): “Estratégias de socialização e vinculação com a metrópole do enclave galego de Lisboa entre os séculos XIX e XX” in Olivia Rodríguez González, Laura Carballo Piñeiro & Burghard Baltrusch (eds.): *Novas achegas ao estudo da cultura galega II. Enfoques socio-históricos e lingüístico-literarios*, Corunha, Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña, pp. 353-362 [CD-ROM].
- PEDRO, Valentín de (2006[1920]): “Teixeira de Pascoaes” [in Teixeira de Pascoaes: *Tierra prohibida*, Madrid, Calpe, pp. 3-7] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 192-195.
- PELAZ López, José-Vidal (2001): *El Estado de las Autonomías. Regionalismos y Nacionalismos en la Historia Contemporánea de España*, Madrid, Actas.
- PELEGRÍ, Iolanda (2007): “Relações literárias entre a cultura portuguesa e a catalã” in Ester Valls (coord.): *800 ANOS DE LITERATURA CATALÃ. EXPOSIÇÃO*, Institución de les Lletres Catalanes/Generalitat de Catalunya (acessível em <http://cultura.gencat.net/ilc/literaturacatalana800/pt/relacions27322.htm> [última consulta 16/05/2012]).
- PENA Rodríguez, Alberto (1999): *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*, Vigo, Universidade de Vigo.
- PENSADO, José Luis (1985): *El Gallego, Galicia y los gallegos a través de los tempos (Ensayos)*, Corunha, La Voz de Galicia.
- PEÑA Saavedra, Vicente (2002): “As escolas que viñeron de alén mar (Galicia, ss. XVII-XXI). Algunhas réplicas dende terras lusas” in *Revista da Faculdade de Letras. História*, III Série, vol. 3: 245-262.

- PEREIRA CASTAÑARES, Juan Carlos (2004): “La política exterior de España (1875-1939)” in Javier Paredes (coord.): *Historia contemporánea de España. Siglo XX*, 4ª ed., Barcelona, Ariel, pp. 572-591.
- PEREIRA, F. J. Guilherme (2011): “Alguns aspectos da vida quotidiana durante a Primeira República” in *Vértice*, II série, 158: 17-22.
- PÉREZ Leira, Lois (s.d.): “Adolfo Vázquez Gómez” in Confederación Intersindical Galega: *Enciclopedia da emigración galega*, http://enciclopediaemigraciongalega.com/biografias/vazquez_gomez_adolfo.htm [última consulta, 27/05/2013].
- PÉREZ, Yolanda, SERRANO Téllez, Nuria e VILAR, Manuel (1997): “El desaparecido museo de Pías en el Balneario de Mondariz” in *Actas do III Congreso de historia da antropoloxía e antropoloxía aplicada/Actas del III Congreso de historia de la antropología y antropología aplicada*, Vol. 2, Santiago de Compostela, Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto de Estudios Gallegos "Padre Sarmiento", pp. 145-168.
- PESSOA, Fernando (1966): *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, Lisboa, Ática [ed. e prefácio de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho].
- _____ (1999): *Correspondência, 1923-1935*, Lisboa, Assírio & Alvim [ed. de Manuela Parreira da Silva].
- _____ (2006[193?]): “Tradução” [in Fernando Pessoa (1980): *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, Lisboa, Ática, pp. 194-195] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 218-219.
- _____ (2009): *Sensacionismos e outros ismos*, vol. X, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [ed. de Jerónimo Pizarro].
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1994): *Os Galegos e outras historias*, 2ª ed., Lisboa, Veja [1884; Prefácio de Carlos Consiglieri].
- PINHO, António C. (1983): “Objectivo: em louvor do home que veio da Galiza” in *Iº Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. II, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, pp. 203-214.
- PINTO, Rui Pedro (2008): *Prémios do Espírito. Um estudo sobre Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*, Lisboa, ICS/Imprensa de Ciências Sociais.

- PINTOS, Manoel de Sousa (1921): “A Exposição de Arte Catalã” in *Ilustração Portuguesa*, 19/11/1921, pp. 375-379.
- PIRES, Daniel (1996): *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo.
- PIZARRO, Jerónimo: “Otros vestigios” in Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 241-245.
- PORTUGAL, Boavida (1915): *Inquérito literário*, Lisboa, Livraria Clássica.
- POSTIGO Aldeamil, M^a. Josefa (2007): “Acerca de *O galego. Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé* de Alexandre Herculano” in Helena González Fernández & María Xesús Lama López (coords.): *Actas VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da península. Barcelona, 28 ó 31 de maio de 2003*, vol. 2 Sada/Barcelona, Edicións do Castro/Asociación Internacional de Estudos Galegos/Universitat de Barcelona, pp. 637-645 [CD-Rom] (acessível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2944743> [última consulta, 23/03/2013]).
- PRADO COELHO Jacinto do Jacinto do Prado Coelho (dir.) (1981): *Dicionário de literatura. Literatura portuguesa Literatura brasileira. Literatura Galega. Estilística literária*, 3^a ed., vol. 2, Porto, Figueirinhas.
- _____ (1999): *A Poesia de Teixeira de Pascoaes e outros escritos pascoesianos / A Educação do Sentimento Poético*, Porto, Lello Editores, pp. 15-23.
- _____ (dir.) (2003): *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega, africana, estilística literária. Actualização*, vol. 2, Porto, Figueirinhas.
- QUADROS, António (1989): *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, Lisboa, Fundação Lusíada, pp. 71-156.
- RAMOS, Rui (1994): *História de Portugal. A segunda fundação (1890-1926)*, vol. VI, Lisboa, Estampa, pp. 335-665 [dir. José Mattoso].
- _____ (coord.) (2010): *História de Portugal*, 6^a ed., Lisboa, Esfera dos Livros, pp. 577-665 [2009].

- REAL, Miguel (2010): “As doze tensões do pensamento português na I República” in *Colóquio/Letras*, 175: 13-29.
- REBELLO, Luiz Francisco (1976): “Um dramaturgo português desconhecido: António Ponce de Leão” in *Colóquio/Letras*, 34: 25-33 (acessível em: <http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=34&p=25&o=p> [última consulta, 31/03/2013]).
- RÊGO, Manuela (coord.) (1993): *Almada o escritor o ilustrador*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, pp. 166-208.
- REIS, Carlos (2005): “Espanha e Portugal: labirinto de labirintos” in Tobias Brandenberger & Henry Thorau (eds.): *Portugal und Spanien: Probleme (k)einer Beziehung/Portugal e Espanha: Encontros e Desencontros*, Frankfurt am Main, Peter Lang, pp. 175-190.
- RIBEIRO, Ana (1998): *A Escola do Paraíso de José Rodrigues Miguéis. Um romance de Aprendizagem*, Braga, Universidade do Minho.
- RIBERA Y ROVIRA [Ignasi de L.] (1911): *Portugal y Galicia nación. Identidad étnica, histórica, literaria, filológica y artística. Ensayos iberistas*, Barcelona, R. Tobella.
- ROCAMORA, José Antonio (1994): *El nacionalismo ibérico: 1792-1936*, Valladolid, Publicaciones Universidad de Valladolid.
- _____ (2000): “El iberismo en el contexto de la expansión del nacionalismo en la Península Ibérica” in Fundação Rei Afonso Henriques: *Relações Portugal-Espanha: Cooperação e Identidade. I Encontro Internacional*, Porto, Fundação Rei Afonso Henriques, pp. 113-121.
- RODRÍGUEZ, José Luis e TORRES Feijó, Elias J. (1994): “A Galiza e os galegos na prosa de Camilo” in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.
- RODRÍGUEZ GÓMEZ, Joel Manuel (2009): *A trajetória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela [Joel R. Gómez; Tese de Doutoramento].
- ROMO Feito, Fernando (2010): “Ideology and image of peninsular languages in Spanish literatura” in Fernando Cabo Aseguinolaza, Anxo Abuín González

- & César Domínguez (eds.): *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp. 456-473.
- ROSAS, Fernando (2004): *Portugal siglo XX (1890-1976). Pensamiento y acción política*, Mérida, Gobierno de Extremadura, pp. 34-81.
- S.A. (2006[1921]): “Pascoaes, *Las mejores poesías de los mejores poetas*” [in *Nós*, 4, 31/01/1921, p. 18] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 197-198.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1977): *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândido Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*, Porto, Limiar [leitura, selecção e notas de Arnaldo Saraiva].
- SÁEZ Delgado, Antonio (1999): *Órficos y ultraístas. Portugal y España en el diálogo de las primeras vanguardias (1915-1925)*, Badajoz, Editora Regional de Extremadura.
- _____ (2007): “La edad de oro, la época de plata y el esplendor de bronce. El continuum de la modernidad y la vanguardia (1901-1935)” in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 125-170.
- _____ (2008): *Espíritus contemporáneos. Relaciones literarias luso-españolas. Entre el modernismo y la vanguardia*, Salamanca, Renacimiento, pp. 13-35 [“Eugénio de Castro y el modernismo hispánico”], 66-76 [“Fernando Maristany y la traducción de poesía portuguesa en España a principios del siglo XX”].
- _____ (2010): “Los vasos comunicantes del Simbolismo/Modernismo en la Península Ibérica (el caso de Eugénio de Castro)” in Francisco Lafarga, Luis Pegenaute & Enric Gallén (eds.): *Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura. Interacciones entre las literaturas ibéricas*, vol. 3, Bern, Peter Lang SA, pp. 481-492.
- _____ (2010a): “Nota sobre la recepción de Fernando Pessoa en España” in Ângela Fernandes et al. (ed.): *Diálogos Ibéricos e Iberoamericanos. Actas del VI Congreso Internacional de ALEPH*, Lisboa, ALEPH/Centro de Estudos Comparatistas, pp. 97-100 [CD-ROM].

- _____ (2011): “La recepción de la literatura portuguesa en España a principios del siglo XX. ¿Un (poli)sistema de vasos comunicantes?” in Gabreilla Gavagnin & Víctor Martínez-Gil: *Entre literatures. Hegemonies i perifèries en els processos de mediació literària*, Lleida, Punctum & GELCC, pp. 151-167 (acessível em: <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/3723/1/La%20recepci%C3%B3n.pdf>, [última consulta, 6/05/2012]).
- _____ (2011a): “César González-Ruano: un español en Portugal” in Xaquín Núñez Sabarís (coord.): *Diálogos ibéricos sobre a modernidade*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos / Húmus, pp. 11-24.
- _____ (2012): *Fernando Pessoa e Espanha*, Lousã, Editora Licorne.
- _____ e GASPAR, Luis Manuel (eds.) (2010): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, 2 vols. Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales
- SAMARTIM, Roberto López-Iglésias e CORDEIRO Rua, Gonçalo. (2009): “O Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posiçom e Funçom de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transiçom”, in *Actas do I Congresso Internacional «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000»*, IN-CM, Lisboa, pp. 171-198.
- SAMARTIM, Roberto López-Iglésias (2003): “As Teorias Sistémicas e o Campo Literário: Pierre Bourdieu e Itamar Even-Zohar”, in Roberto López-Iglésias Samartim: *A Dona do Tempo Antigo. Mulher e campo literário no Renascimento português (1495-1557)*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 8-22.
- _____ (2005): “Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: O caso de *Galaxia*” in *Agália*, 83/84: 9-50.
- _____ (2009): “O discurso (linguístico-)identitário e a lusofonia em ‘El Correo de Galicia’ (1968-1975)” in Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó & José Luís Rodríguez (eds.): *Da Galiza a Timor: a Lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, vol. III, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 2001-2010.

- _____ (2010): *O Processo de Construção do Sistema Literário Galego entre o Franquismo e a Transição (1974-1978): Margens, relações, estrutura e estratégias de planificação cultural*, Universidade de Santiago de Compostela (acessível em: http://dspace.usc.es/bitstream/10347/2858/1/9788498874549_content.pdf [última consulta, 27/06/2013]) [Tese de Doutoramento].
- _____ (2012): “A Construção do Conhecimento pela Historiografia Literária dum Sistema Deficitário (o caso galego para 1974-1978)” in *Veredas*, 16: 177-210.
- SÁNCHEZ Alonso, Blanca (1995): *Las causas de la emigración española, 1880-1930*, Madrid, Alianza Editorial.
- SÁNCHEZ RAMOS, Verónica (2010): “Seis antologías de poesía portuguesa publicadas en España en el primer tercio del siglo XX” in Ângela Fernades et al. (ed.): *Diálogos Ibéricos e Iberoamericanos. Actas del VI Congreso Internacional de ALEPH*, Lisboa, ALEPH/Centro de Estudos Comparatistas, pp. 832-846 [CD-ROM].
- SÁNCHEZ ROMERO, Manuel (2005): “La investigación textual imagológica contemporánea y su aplicación en el análisis de obras literarias” in *Revista de Filología Alemana* 28: 9-28.
- SANTANA, Francisco (dir.) e SUCENA, Francisco Eduardo (1994): *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Europam.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos (1990): *A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense*, Porto, Fundação Engº. António de Almeida.
- SANTOS PEREIRA, António dos (2007): “O iberismo em conceito e questão” in Gabriel Magalhães (coord.): *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século*, Covilhã/Salamanca, UBI/Celya, pp. 17- 44.
- SEABRA, José Augusto (1987): “A geração da ‘Renascença Portuguesa’ e a revista Nós” in *Nova Renascença* 27/28: 307-316.
- _____ (1994): “A Geração da ‘Renascença Portuguesa’ e a Revista ‘Nós’” in José Augusto Seabra: *Poligrafias Poéticas*, Porto, Lello & Irmaos Editores, pp. 247-283.

- SEABRA PEREIRA, José Carlos (1983): “Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)” in *Análise Social*, vol. XIX, (77-78-79), 3º, 4º, 5º: 845-873.
- SCHERER, Stefan (2007): “Imagination, imaginary” in Manfred Beller & Joep Leerssen (eds.): *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi, pp. 345-347.
- SEIXAS Seoane, Miguel Anxo et al. (2000): *Para ler a Castela. Cronoloxía, entrevistas e bibliografía*, vol. 1, Vigo, Galaxia.
- SENA, Jorge de (1988): *Estudos de literatura portuguesa – III*, Lisboa, Edições 70, pp. 107-123 [1967].
- SILVA, Manuela Parreira da (ed.) (2001): *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- _____ (2010): “A República dos modernistas” in *Colóquio/Letras*, 175: 30-44.
- SIMÕES, Maria João (2011): “Cruzamentos teóricos da imagologia literária: imagotipos e imaginário” in Maria João Simões (coord.): *Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, pp. 9-53.
- SIMÕES, João Gaspar e MONTALVOR, Luiz de (eds.) (1943[1942]): *Poesias de Fernando Pessoa*, 2ª ed., Lisboa, Ática [Colecção Poesia, dirigida por Luiz de Montalvor].
- SOUSA VITERBO (2008 [1915]): *A Litteratura Hespanhola em Portugal* [Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, pp. I-XXIX] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antologia de textos críticos sobre a literatura espanhola traduzida em Portugal*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 86-99.
- SOUTO, Elvira (1986): “Galiza na Seara Nova” in *Agália*, 7: 332-337.
- TABOADA, Jesús (1955): “La descalificación de Galicia en la literatura y en el pueblo” in *Douro-Litoral*, 6ª Série, VII-VIII: 105-127.
- TAIBO, Carlos (2009): “A invenção de Caeiro” in *Novas da Galiza*, 15/10/2009, p. 8.
- _____ (2010): *Parecia não pisar o chão. Treze ensaios sobre as vidas de Fernando Pessoa*, Santiago de Compostela, Através Editora.
- TARRÍO, Anxo (1994): *Literatura galega. Aportacións a unha Historia crítica*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, pp. 189-289.

- _____ (2004): “Identidade literaria e referentes interliterarios. Algunhas consideracións a propósito da literatura galega” in Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela: *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 445-459.
- TEMPRANO, Emilio (1988): *La selva de los tópicos*, Madrid, Mondadori, pp. 109-169 [pról. de Julio Caro Baroja].
- TENGARRINHA, José (1999): *História da imprensa periódica portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Caminho, 259-263.
- _____ (2002): *História do Governo Civil de Lisboa*, vol. II, Lisboa, Governo Civil de Lisboa.
- TORRE Gómez, Hipólito de la (1985): *Do “perigo espanhol” à amizade peninsular. Portugal-Espanha (1919-1930)*, Lisboa, Editorial Estampa.
- _____ (2002): *El imperio del Rey. Alfonso XIII, Portugal y los ingleses (1907-1916)*, Mérida, Gobierno de Extremadura.
- _____ & MARQUES, A. H. de Oliveira [1982]: *Contra Revolução. Documentos para a história da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, pp. 15-96.
- TORRES Feijó, Elias J. (1997): “Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade. Alguns contributos” in *Agália* 51: 297-336 (acessível em: https://espacioseguro.com/grupogalabra/images/stories/pdf/elias/novos/cultura_cultura_galega_e_mundo_lusfono_em_valentin_paz-andrade2.pdf [última consulta: 25/05/2013]).
- _____ (1999): “Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)” in *Ler História*, 36: 273-318.
- _____ (2000): “Norma lingüística e intersistema cultural: o caso galego” in Juan M. Carrasco González, M. Jesús Fernández García e M. Luísa Trindade Madeira Leal (eds.): *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera, 1er Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Universidad de Extremadura, pp. 967-996.
- _____ (2004): “Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais” in Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela (eds.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada*

das literaturas da península Ibérica, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 423-444.

_____ (2004a): “Sobre objectivos do ensino e da investigación da literatura” in Carlos Mendes de Sousa & Rita Patrício (orgs.): *Largo mundo alumniado. Estudos em homenagem a Vitor Aguiar e Silva*, vol. 1, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, pp. 221-249.

_____ (2007): “Para umha cartografia da tradução literária entre 1900 e 1930. Portugal em España” in Ángel Marcos de Dios (ed.): *Aula ibérica. Actas de los congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 347-372.

_____ (2008): “A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego” in *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa [no prelo].

_____ (2009): “*Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo: de Teófilo Braga a Manuel Rodrigues Lapa*” in *Actas do I Congresso Internacional «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000»*, IN-CM, Lisboa, pp. 371-401.

_____ (2009a): “A fabricação de ideias sobre o mundo lusófono na literatura galega na década de 70: construção em perspectiva” in *Navegações*, v. 2, nº 1: 24-30 (acessível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/5120/3757> [última consulta, 27/05/2013]).

_____ (2010): “Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo”, in Antonio Sáez Delgado & Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 163-185.

_____ (2010a): “Alfredo Pedro Guisado, um século depois” in Carlos Pazos Justo: *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 9-12 [prefácio].

- _____ (2012): “Problems in National Allegory. The Galician (and Brazilian) Question in Contemporary Portuguese Literary Historiography” in *Portuguese Studies*, vol. 28, 1: 5-31.
- _____ (2012a): “Reorientação dos estudos literários para a aplicabilidade e a transferência: da feitiçaria para a medicina e os capitais em jogo”, acessível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Palestras/feijo.pdf> [conferência].
- _____ (s/d): *Crónica de um reencontro. O relacionamento galego-português nos seus textos. Publicações não diárias (1888-1936)* [Trabalho inédito, fruto em parte da Tese de Doutoramento defendida em 1995: *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, 3 vols., Universidade de Santiago de Compostela].
- UNAMUNO, Miguel de (2006[1913]): “Prólogo” [in Eugenio de Castro (1913): *Constanza*, Madrid, Tipografía de la Revista de Archivos; trad. de Francisco Maldonado] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 160-164.
- _____ (2006 [1914]): “Espanol-Portugués” [*El Día Gráfico*, 29/08/1914] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 164-168.
- _____ (2008[1911]): “Relaciones entre España y Portugal. La influencia intelectual” [in *Hispania*, 255, pp. 656-658], in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre a literatura espanhola traduzida em Portugal*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 78-81.
- VALDÉS, Mario J. (2004): “Cómo se hace una historia literaria comparada: algunas observaciones teóricas” in Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela: *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 11-19.
- VALÉRIO, Nuno (2001): “Estudos sobre Espanha em Portugal na última década do século XX” in Hipólito de la Torre Gómez & António José Telo (coords.):

- La mirada del otro. Percepciones luso-españolas desde la historia*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, pp. 205-213.
- VALES, Xaquín (2006): *Actos académicos en Mondariz*, Vigo, Ir Indo.
- VARELA Punhal, Ramon (1994): “Relaçons Galiza-Portugal em Anton Vilar Ponte” in *Agália* 38: 165- 177.
- _____ (2000): “Relaçons Galiza-Portugal em Castela” in José Luís Rodríguez (ed.): *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, vol. II, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia/Universidade de Santiago de Compostela, pp. 1007-1044.
- VÁZQUEZ Corredoira, Fernando (1998): *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano. O galego como exemplo a contrario*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1986): *A língua e a cultura portuguesas no tempo dos Filipes*, Mem Martins, Europa-América.
- _____ (1991): “Portugal e nós” in *Trabe de ouro*, 2: 41-53.
- _____ (1992): “Relacións entre as literaturas galega e portuguesa” in *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Santiago de Compostela, Dirección Xeral de Cultura, pp. 419-435.
- _____ (1995): “Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Un diálogo asimétrico” in *Colóquio/Letras*, 137/138: 5-21.
- _____ (2006 [1976]): “Nota a la edición” [in *Poesía portuguesa actual*, Madrid, Editora Nacional, pp. 7-9] in Xosé Manuel Dasilva: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España*, Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 356-358.
- VÁZQUEZ SOUSA, Ernesto (2006): “‘De cânones e canões’: De campanhas separatistas e outras conspirações lusitanistas”, *Portal Galego da Língua*, 13/06/2006, <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=2978> [última consulta: 5/06/2013].
- VAZ, Rodrigues (coord.) (2008): *Os Galegos nas Letras Portuguesas*, Lisboa, Pangeia Editores [“Edição comemorativa do I Centenário da Xuventude de Galicia”].

- _____ (2009): “Os galegos em Portugal” in *Alcatruz*, Ano 2, 1: 16-21 (acessível em: http://www.fsie.es/Ficheros//10_10_08_10205041.pdf [última consulta: 24/03/2013]).
- VENTURA, António (1988): “A ‘Seara Nova’ e a Galiza. Contribuição para o estudo das relações culturais luso-galegas” in *CLIO. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 6: 141-150.
- _____ (1995): “Relações culturais com a Galiza e a Catalunha durante a I República” in *Actas Iº Cursos Internacionais de verão de Cascais. Portugal e o Mundo – do passado ao presente*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais/ Pelouro da Cultura, pp. 255-264.
- VICENTE, A. Pedro (1993): “Almada Negreiros em Espanha: 1927-1932” in Manuela Rêgo, (coord.): *Almada o escritor o ilustrador*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, pp. 41-56.
- _____ (2003): *Espanha e Portugal. Um olhar sobre as relações Peninsulares no séc. XX*, Lisboa, Tribuna da História.
- VIEITES, Manuel (2003): *A configuración do sistema teatral galego (1882-1936)*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 201-340.
- VIEITES TORREIRO, Dolores (1998): “Repertorio da prensa galega da emigración. Peña Saavedra, V. (dir.). Santiago de Compostela, Arquivo da Emigración Galega, Consello da Cultura Galega, 1998. CD-Rom” in *Estudos Migratorios* 6: 215-219 (acessível em: http://www.consellodacultura.org/mediateca/extras/estudios_migratorios_6.pdf [última consulta, 27/05/2013]) [recensão].
- VILAVEDRA, Dolores (coord.) (1995): *Diccionario da literatura galega I. Autores*, Vigo, Galaxia.
- _____ (coord.) (1997): *Diccionario da literatura galega II. Publicacións periódicas*, Vigo, Galaxia.
- _____ (1999): *Historia da literatura galega*, Vigo, Galaxia.
- VILLARES, Ramón (1983): “As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea” in *Grial*, 81: 301-314.
- _____ (2003): “Portugal, Galicia e o iberismo” in Maria Xosé Agra Romero & Nel Rodríguez Rial (eds.): *Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 13-28.

_____ (2004): *Historia de Galicia*, 2ª ed., Vigo, Galaxia, pp. 249-450.

Páginas web

Páginas web de instituições

Biblioteca Dixital de Galicia, <http://www.csbg.org/bibliotecadixital/asp/index.asp>

Biblioteca Nacional de España, <http://www.bne.es/es/Inicio/index.html>

Biblioteca Nacional de Portugal, <http://www.bnportugal.pt/>

Biblioteca Universitaria da Universidade de Santiago de Compostela,
<http://www.usc.es/gl/servizos/biblioteca>

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, <http://www.cervantesvirtual.com/>

Câmara Municipal de Ponte Arêas, www.ponteareas.es

Casa Comum da Fundação Mário Soares, <http://casacomum.net/cc/>

Casa Fernando Pessoa, <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt>

Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, <http://www.cirp.es/>

Departamento de Migración da Confederación Intersindical Galega, *Enciclopedia da Emigración Galega*, <http://www.enciclopediaemigraciongalega.com/>

Fundação António Quadros, <http://www.fundacaoantonioquadros.pt/>

Fundação Calouste Gulbenkian, <http://www.gulbenkian.pt/>

Grupo GALABRA, <http://www.grupogalabra.com/>

Hemeroteca Digital da Hemeroteca Municipal de Lisboa, <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

Instituto Cervantes de Lisboa, <http://lisboa.cervantes.es/pt/default.shtm>

Real Academia Galega, <http://www.realacademiagalega.org/>

Serviços de Documentação da Universidade do Minho,
<http://www.uminho.pt/estudar/bibliotecas>

Xuventude de Galicia – Centro Galego de Lisboa, <http://www.juventudedagaliza.com/>

Outras páginas web

Google, <https://www.google.pt/> e <https://www.google.es/>

Grupo Amigos de Lisboa, <https://sites.google.com/site/grupoamigosdelisboa/>

Hemeroteca do ABC, <http://www.abc.es/hemeroteca/pdf/Buscar>

<http://antonioferro.wordpress.com/> [blog].

Portal Galego da Língua, <http://www.pglingua.org/>

Ruas de Lisboa com alguma história, http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2013_02_01_archive.html

Wikipédia e Galipedia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia> e
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Galipedia>

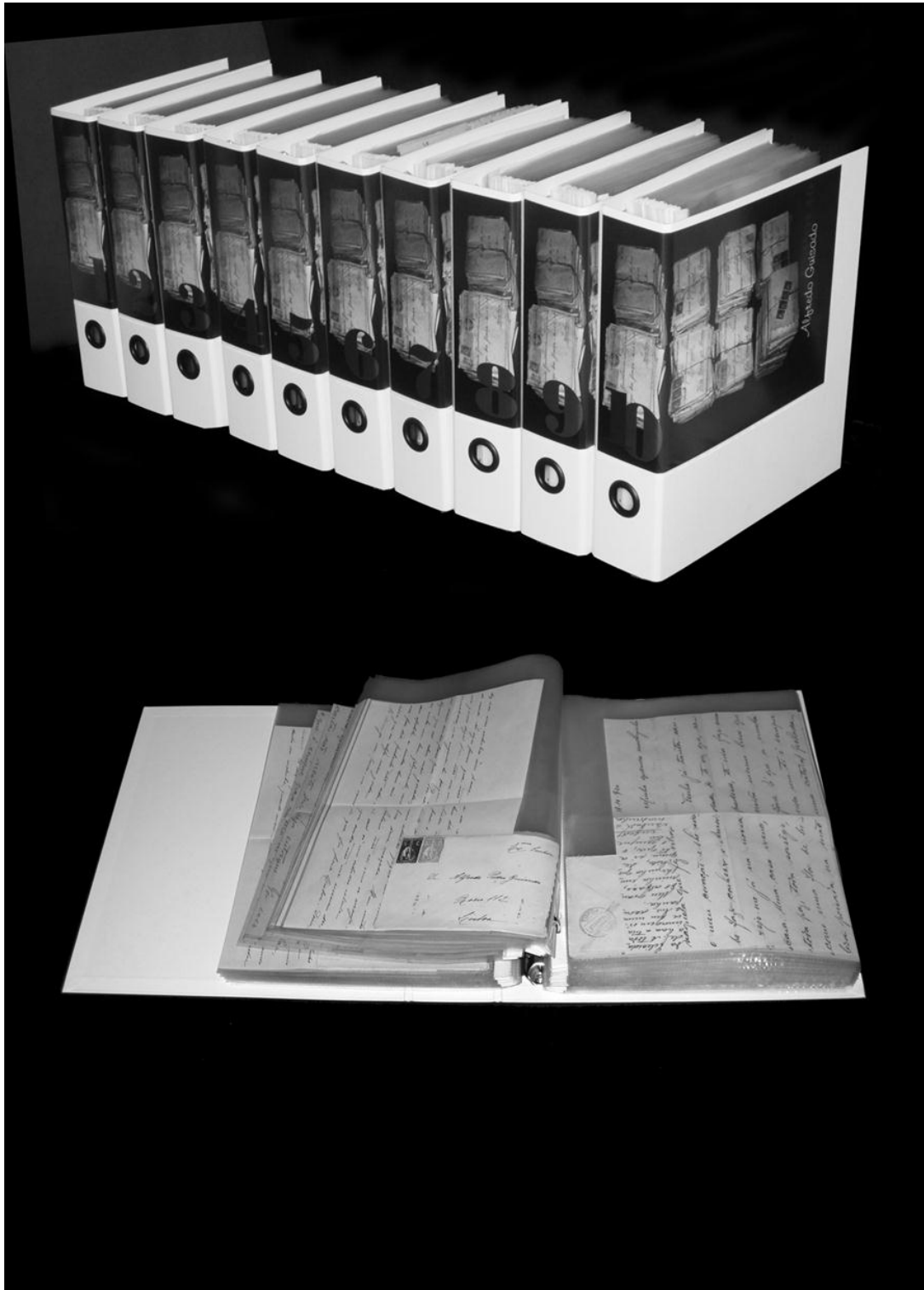
ANEXOS

I



Correspondência entre Alfredo Guisado e Maria Guilhermina Ferreira (I). Fotografia: Paulo da Costa Domingos.

II



Correspondência entre Alfredo Guisado e Maria Guilhermina Ferreira (II). Fotografia: Paulo da Costa Domingos

III

INFORME CONSULAR DE 1873

Elite española en Portugal	TOTAL	A %	II %
Profesores científicos e de artes liberais	192	17,0	1,0
Propietarios	20	1,7	0,1
Negociantes, comerciantes, armazenistas	246	21,8	1,3
Donos de fábricas e de estabelecementos industriais	260	23,0	1,3
Cambistas, agentes, corretores, empregados de escritório	244	21,6	1,3
Donos de hotel, hospedarias, restaurantes, cafés, bilhares...	166	14,7	0,8
Total	1.128		
		% I	% II
Total	1.128	4,6	6,0
Sector primario			
Lavradores, criados, temporeiros nas vinhas do Douro	5.996	24,6	
Sector secundario			
Mestres e oficiais de artes mecánicas	624		
Moços de padarias e refinações de açúcar	580		
Total	1.204	4,9	6,4
Sector terciario			
Tendeiros, vendedores de artigos de comer e beber e casas de dormir	1.264		
Vendedores ambulantes de quinquilharias, panos, etc.	494		
Aguadeiros	760		
Moços e guardas de armazéns de comércios e vinhos	3.410		
Trabalhadores en açougues e matadouros	321		
Transportes, descargas de navíos e trabalhos braçais	5.230		
Criados domésticos, cozinheiros, lacaios	4.550		
Total	14.765	60,6	78,6
Total individuos sin sector primario (B)	18.769		
Total de individuos del informe consular (A)	24.357		

I, % respecto al total (A). II, % respecto a la cantidad (B). A, % de los diferentes grupos de elite

INFORME CONSULAR DE 1873 apud González 2011[: 8-9]

10-Eng- 1

Polícia de Informações do Ministério do Interior

CADASTRO

Nome e alcunha Alfredo Guisato

filho de Antonio Venancio
Guisato
e de Rosemari Guisato

Natural do concelho de Lisboa

Freguesia _____

Lugar _____

Idade 36 anos Estado casado

Profissão Adm. G. A.

Onde a exerce _____

Residência Largo da Praça 4-2-8

Sinais característicos

Altura _____

Cabelo _____

Barba _____

Olhos _____

Nariz _____

Bôca _____

Rosto _____

Sinais particulares

Data e motivo da captura

15-6-928 por ordem superior

Ex.^{ma} Sr. Director da Polícia de
Informações e Ministério do Interior

Para o fim que from de justiça,
vai ser presente a V. Ex.^a Alfredo
Leisado, de 36 annos d'idade, casado,
advogado, que pelas 9 horas d'oggi
foi por crime detido por ordem
superior. Deste facto são testemunhas
o funcionarios desta Polícia Joaquim
d'Oliveira, Luriteiro.



Lisboa, 15 de Junho de 1920

Antes de assinar

AUTO DE PERGUNTAS

Em ~~desas~~seis de Junho ----- de mil novecentos
e vinte e oito --- nesta cidade de Lisboa, e Repartição de Policia
de Informações do Ministerio do Interior, onde se acha o Excelentissimo
Senhor Tenente José do Passo, Director Adjunto ---
----- Comissario da mesma
Policia, comigo José Nunes d'Almeida, agente da Policia
de Investigação Criminal -----, servindo
de escrivão; aqui compareceu Alfredo Guisado -----
----- que diz ser filho de
Antonio Venancio Guisado -----
e de Benedicta Guisado -----
ter trinta e seis --- anos, de profissão Advogado -----
----- natural de Lisboa-----
----- e residente no Largo da Graça
numero quatro terceiro andar direito -----

----- Á matéria dos autos
disse: Que faz parte, como agregado, do Directorio do
Partido Republicano Portuguez e como tal assiste a
algumas reuniões do mesmo Directorio, que costumam
efectuar-se na sua séde. Que nas reuniões a que
tem assistido apenas se tem tratado na presença do
respondente de assuntos que se prendem com o cadas-
tro partidario e com a assistencia ás familias dos
prêsos e deportados politicos. Que não conspira
nem tem conspirado contra a actual situação, do que



está pronto a assinar uma declaração sob sua honra
e, se tanto fôr preciso e se o Governo assim o enten-
der, a afastar-se de Portugal, onde não voltará se
não com expressa autorização do Governo. E mais não
respondeu. Lidas as suas respostas as achou confor-
me e vai assinar com ele Director Adjunto e comigo
que as dactilografei.-----

Ym' do Vau
depois
depois

Seja posto em liberdade
Em 16-5-1928

O delegado especial
Emilio Oswaldo Pissarra Lopez
p. 16.

Pedido de bilhete de identidade

2091509

ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO DE

LISBOA

(a) N.º IND.

Data do bilhete (a):

4 AGO. 1962

Validade (a):

VÁLIDO PERPETUAMENTE

NORMAL:

URGENTE:

515533

Nome (b):

Alfredo Pedro Guisado

Filho de (b):

António Venâncio Guisado

e de (b):

Benedito Afonso Gonçalves

Naturalidade (c):

Freguesia de Santa Justa, concelho e distrito de Lisboa

Data do nascimento (d):

30 de Outubro

de 1891

Nacionalidade:

Portuguesa

Estado civil (e):

Casado com Maria Guilhermina Ferreira Guisado

Residência (f):

Largo da Graça, N.º 1.º andar, Lisboa

Profissão (g):

advogado

Requer o seu bilhete de identidade (h)

Renovação n.º 462038

Assinatura (b):

Lisboa, 4 de Agosto de 1962.
Alfredo Pedro Guisado

Confirmamos a exactidão das declarações acima feitas, por conhecermos pessoalmente o requerente

As testemunhas (Nomes e moradas completos) (h)

Assinatura:

Ruy de Fátima (assinado)

Morada:

Rua de República, 28-3.º E. Lisboa

B.I.:

N.º 484032-B

de Lisboa

Assinatura:

José dos Santos

Morada:

C. C. C.

B.I.:

N.º 679256-A

de Lisboa

Verificação dos serviços e indicação da prova apresentada, devidamente assinada e autenticada

Impressão do



Data:

O (i)

Altura:

1,73

Cor dos olhos:

Sinais particulares:

LRF

T

NOTA.—1) Não impressos não são administrativamente emendas ou cancelamentos. 2) Aos funcionários públicos é dispensada a apresentação de testemunhas que não comparecerem a pessoa cuja identidade, para efeito da emissão do respectivo bilhete, abstenham-se de comparecer na presença do requerente. 3) Artigo 4.º do Decreto n.º 16386, de 18 de Janeiro de 1939: «As testemunhas que não comparecerem a pessoa cuja identidade, para efeito da emissão do respectivo bilhete, abstenham-se de comparecer na presença do requerente, sem prejuízo da pena que lhes couber se o crime for mais grave».

(a) Indicação a apor pelo serviço emissor do bilhete. (b) Nomes completos. (c) Mencionar a freguesia, concelho e distrito, quando nascido no País, ou as indicações correspondentes, se nascido no estrangeiro. (d) Não sendo solteiro, indicar o nome do cônjuge, e se se tratar de cidadão estrangeiro, a sua nacionalidade. (e) Rua, número e localidade. (f) Deve ser devidamente comprovada. (g) Indicar se é a primeira vez que o requerente pretende renovar o bilhete anterior, indicando nesse caso onde o obteve e o seu número, ou se pretende obter uma 2.ª via. (h) Escrito pelas próprias testemunhas. (i) Conservador ou categoria do funcionário.

8.º pai de 605-8/8T

ALFREDO PEDRO GUISADO

- "João de Lobina" pe. João

advogado, casado
nascido em 31-11-891
natural de LISBOA
filho de António Venâncio Guisado
e de Benedita Guisado
Residente no Largo da Graça, 15 - 1.ª.
em LISBOA

Bol. 249658
Prª. 71-M2/S.Inf.
Prª. 3314-S.R.
Prª. 3762/S.P.S.
Prª. 607-E/GT

(Em 15-6-928 - Foi preso por se suspeitar que conspirava contra a actual situação Política do País. - Prª. 3762/S.P.S..

(Em 16-6-928 - Foi restituído à liberdade.- Prª. 3762/S.P.S.

Em Abril de 932- Fez parte da comissão organizadora do jornal republicano "Diário Liberal". - Prª. 3314/S.R.

Em 24-2-944 - Consta que assumiu o cargo de "Grão Mestre" da maçonaria, - Prª. 3314/S.R.

Em 8-10-945 - Foi um dos indivíduos que aderiu ao MUD, depois de ter assistido à reunião do Centro Escolar Republicano Almirante Reis, que se realizou nesta data.-Prª. 3314/S.R..

Em 11-11-945- Assinou com outros um manifesto dirigido à Nação, Lastimando-se por durante 20 anos lhe haver sido negada a possibilidade de contactos com o povo e não lhe poderem dirigir a palavra, obrigando-os a desviar o rumo da sua obra. - Prª. 3314-S.R..

Em 30-12-948 - Foi eleito presidente da Assembleia Geral do Centro Escolar Republicana Almirante Reis.- Prª. 3314/S.R..

Em 3-1- 950 - Foi reeleito presidente da Assembleia Geral do mesmo organismo.- Prª. 3314/S.R.

Em 21-12-950 - O " Diário de Lisboa" publicou a notícia do pedido de demissão do epigrafado, do cargo que ocupava no directório do Partido Republicano Português. - Prª.3314-S.R..

Em 5-1-951 - Foi reeleito presidente da Assembleia Geral do Centro Escolar Republicano Almirante Reis, cuja notícia foi publicada no jornal "República"da mesma data.-Prª.3314/S.R..



- 17
- Em 23-10-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Os rapazes e as uvas" na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.- Prº. 3314/S.R.
 - Em 25-10-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "O Monte Parturiente"- Fábula, na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data. - Prº. 3314/S.R.
 - Em 28-10-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "As Serpentes e os Homens", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.- Prº. 3314/S.R.
 - Em 30-10-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "A Candeia", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prº. 3314/S.R.
 - Em 31-10-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Os Lobos e os Cordeiros", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.- Prº. 3314/S.R.
 - Em 27-11-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Operetas", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prº. 3314/S.R.
 - Em 28-11-957 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "O Tal Auto", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prº. 3314/S.R.
 - Em 28-11-957 - Foi reeleito presidente do Centro Escolar Republicano "Fernão Boto Machado", cuja notícia foi publicada na "República" da mesma data.-Prº. 3314/S.R.
 - Em 2-1-958 - Fez parte da Junta Consultiva do Partido Republicano Português.-Prº. 3314/S.R.
 - Em 13-1-958 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Ultimas Notícias", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prº. -3314/S.R.
 - Em 3-2-958 - A "República" publicou um artigo que era assinado pelo epígráfico sem usar o pseudónimo, que se intitulava "Evoca-se um Genial Artista Galego - Um Desenho Inédito de Castells.-Prº. 3314/S.R.

T


- Em 1-10-960 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Voltando ao Assunto", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prª. 3314/S.R.
- Em 8-12-960 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Porteiro", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prª. 3314/S.R.
- Em 3-2-961 - A "República" publicou um artigo assinado pelo epígráfico, sem usar o pseudónimo, na rubrica "República das Letras", com o título "Comediante Atraído".-Prª. 3314/S.R.
- Em 25-9-961 - Com o pseudónimo de João de Lobeira, escreveu um artigo intitulado "Farmácia", na rubrica Papel Químico, do jornal "República" da mesma data.-Prª. 3314/S.R.
- Em 1962 - Foi-lhe enviada uma carta, procedente do BRASIL, contendo recortes de jornais brasileiros, os quais comentavam vários casos da política portuguesa.-Prª. 3314/S.R.
- Em 3-10-962 - Foi-lhe enviada uma carta por Adelina C. Gouveia, para a redacção da "República". - Prª. 604-E/GT.
- Em 1963 - Foi-lhe enviada uma carta procedente de ITÁLIA, que continha um exemplar do boletim da "Staldoc", nº. 26 de 20-1-963.-Prª. 3314/S.R.
- Em 9-6-963 - Foi-lhe enviada uma carta por João Sarmiento Pimentel, procedente do BRASIL, na qual criticava a acção do governo português nas nossas colónias.-Prª. 3314/S.R.
- Em Junho de 963 - Foi convidado para membro do "Centro Português de Estudos Europeus", ramificação do "Centro Europeu de Documentação e Informação".-Prª. 3314/S.R.
- Em 1964 - Foi-lhe enviada uma carta, procedente do BRASIL, contendo o recorte de um jornal brasileiro de 1964, com um artigo de Fernando Lemos, intitulado "1926/1964 - Portugal".-Prª. 3314/S.R.





O Notícias Ilustrado, nº 37, 24/02/1929, p. 8

VII



WIKIPÉDIA
A enciclopédia livre

Página principal
Conteúdo destacado
Eventos atuais
Esplanada
Página aleatória
Portais
Informar um erro

▼ Colaboração
Boas-vindas
Ajuda
Página de testes
Portal comunitário
Mudanças recentes
Estaleiro
Criar página
Páginas novas
Contato
Donativos


► Imprimir/exportar


► Ferramentas

Artigo

Discussão

Ler | Editar | Ver histórico





Esta semana vamos lançar o **Wikivoyage**
junte-se a nós na criação de um guia livre de viagem em que todos podem contribuir.

Alfredo Guisado

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Alfredo Pedro Guisado (Lisboa, 30 de Outubro de 1891 - 2 de Dezembro de 1975) foi um poeta e jornalista português.

Índice [esconder]

1 Biografia

2 Algumas obras publicadas

2.1 Poesia

2.2 Poesia sob o pseudónimo Pedro de Menezes

3 Bibliografia

4 Ligações externas

Biografia

[editar]

Alfredo Guisado foi um poeta português de ascendência galega. Formou-se em 1921 na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e em 1922 entrou para a Associação dos Arqueólogos Portugueses. Foi militante do Partido Republicano Português, colaborou no *Debate* e foi sub-director do jornal *República* que junto com o Diário de Lisboa, constituía um dos órgãos da oposição possível a Salazar. Foi um dos colaboradores da *Revista Orpheu*, fazendo parte do seu primeiro núcleo e colaborou no primeiro número com uma série de treze sonetos. Tem ainda colaboração na revista *Alma Nova* ^d, começada a editar em Faro em 1914. Desempenhou vários cargos político-administrativos, entre os quais o de governador civil de Lisboa.

Estreou-se como poeta publicando um volume de versos intitulado *Rimas da Noite e da Tristeza*, em 1913. Nada fazia prever que o autor dessas rimas, de sentido anedótico e ingénua concepção, viesse a adoptar, em pouco tempo, um estilo perfeitamente antagónico do aquele que caracterizou os versos da sua estreia.

Alfredo Guisado também escreveu poesia usando o pseudónimo de **Pedro de Menezes**. No entanto, Pedro de Menezes, apesar de se assemelhar a Fernando Pessoa na tentativa de duplicação da personalidade, seguia de perto a imagética e o estilo Sá Carneiro, adoptando-lhe, inclusivamente, o vocabulário, as imagens, os giros estilísticos, a misteriosa e secreta maiusculação das palavras chaves (tal como *Mim*, *Forma*, entre outras), os verbos intransitivos com complemento e a formação de palavras compostas. Pedro de Menezes exprime, com aplicação, um aspecto metódico do modernismo e, quando mais tarde volta a recuperar o seu nome verdadeiro, encontra-se de novo voltado para o velho saudosismo.

Pedro Guisado foi um poeta heráldico que cultivava uma imagem luxuosa e aristocrática. Faleceu em Lisboa que lhe dedicou o nome de uma das suas ruas em Benfica.

Algumas obras publicadas

[editar]

Poesia

[editar]

- 1913 - Rimas da Noite e da Tristeza
- 1927 - As Cinco Chagas de Cristo
- 1969 - Tempo de Orfeu
- 1974 - A Pastora e o Lobo anil

Poesia sob o pseudónimo Pedro de Menezes

[editar]

- 1916 - As Treze Baladas das Mãos Frias
- 1917 - Mais Alto
- 1918 - Ânfora
- 1920 - A Lenda do Rei Boneco
- 1922 - Xente de Aldea (em galego)

Bibliografia

[editar]

Portugal Século XX - Portugueses Célebres, Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, página 156

Ligações externas

[editar]

- Alma Nova: revista ilustrada de propaganda algarvia* ^d *hemerotecadigital.cm-lisboa.pt*
- Alfredo Pedro Guisado ^d - No blogue António Ferro

Avaliar esta página

O que é isto?

Credibilidade

Imparcialidade

Profundidade

Redação

★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★

☐ Conheço este assunto muito profundamente (opcional)


Enviar avaliações


Categorias: Poetas de Portugal | Jornalistas de Portugal | Governadores civis do distrito de Lisboa | Naturais de Lisboa

Esta página foi modificada pela última vez à(s) 12h42min de 27 de julho de 2012.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Partilha nos Mesmos Termos 3.0 não Adaptada (CC BY-SA 3.0); pode estar sujeito a condições adicionais. Consulte as condições de uso para mais detalhes.

Política de privacidade | Sobre a Wikipédia | Avisos gerais | Versão móvel

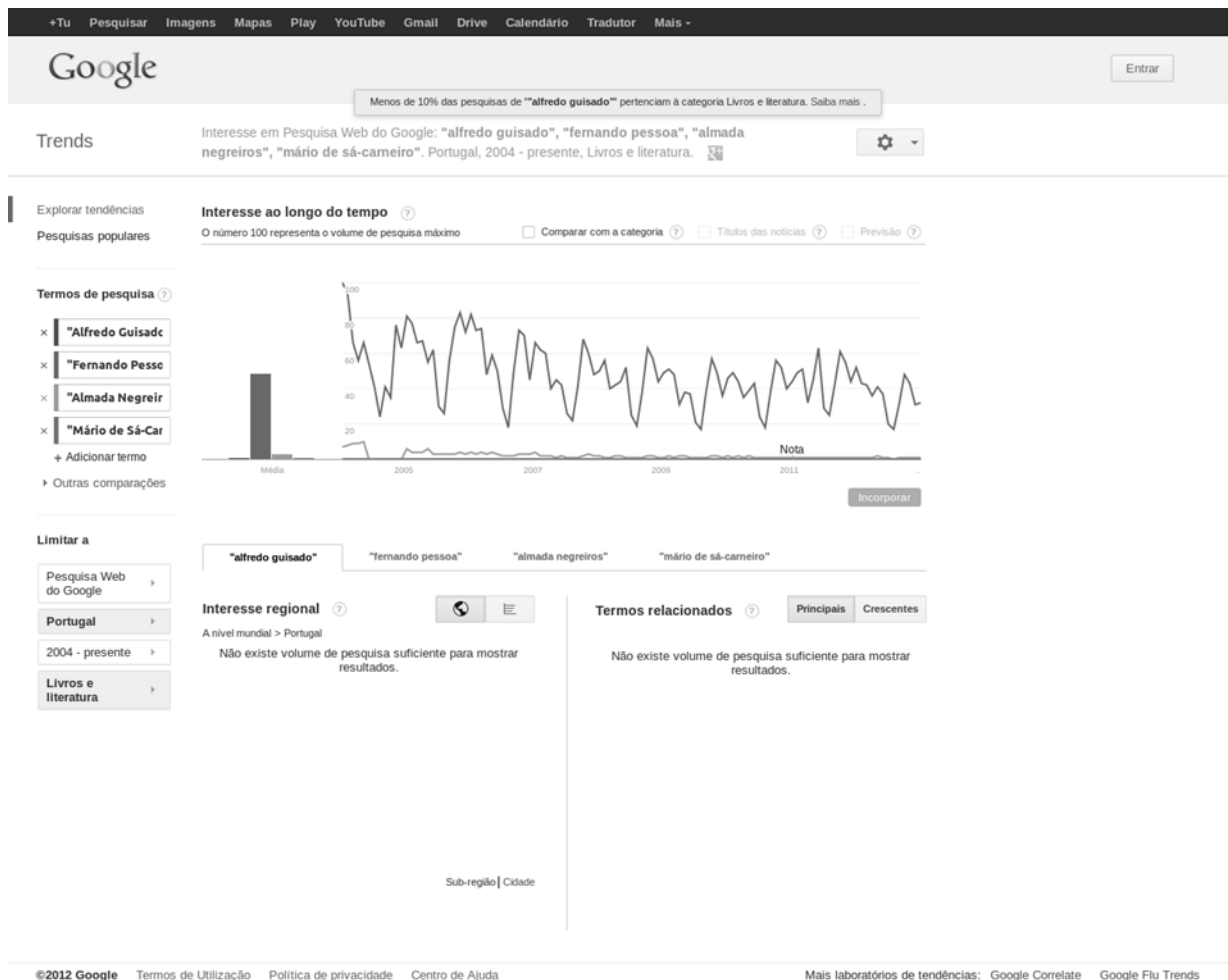
 **WIKIPÉDIA**
project

 **Mediawiki**

“Alfredo Guisado” *in* www.wikipedia.pt (última consulta 16/01/2013)

395

VIII

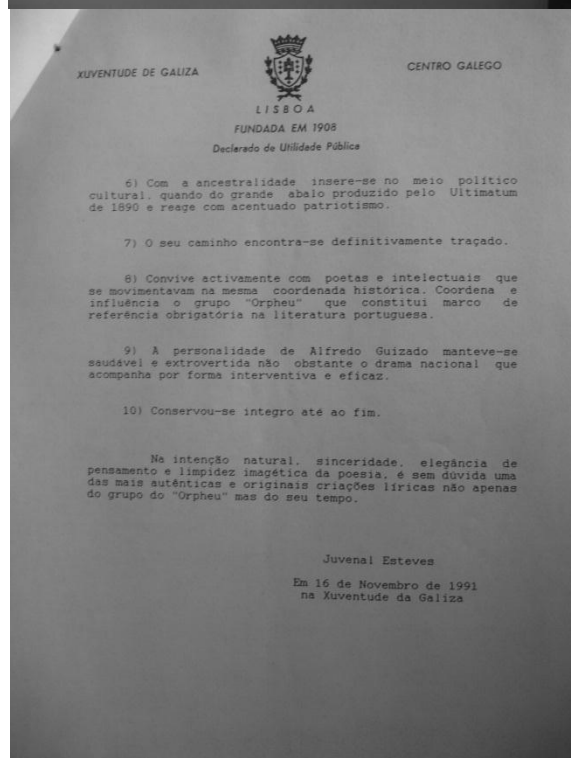
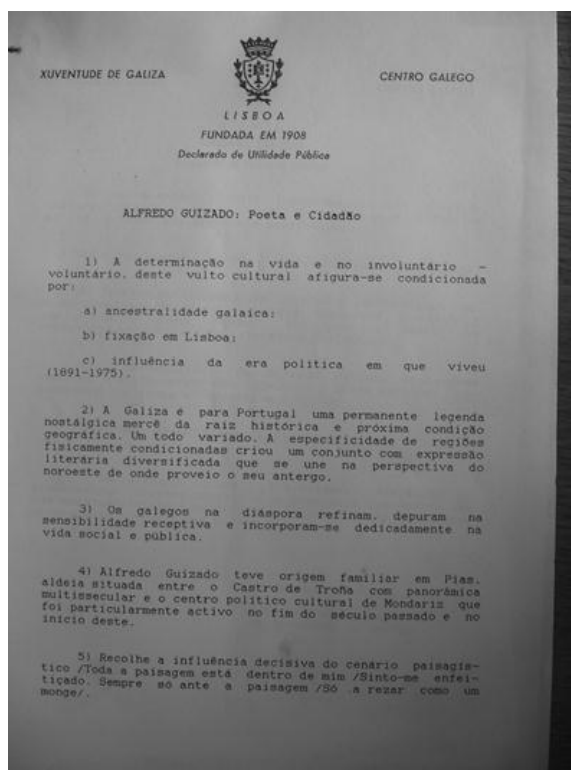


<http://www.google.com/trends/explore?hl=pt-PT#cat=0-22&q=%22Alfredo%20Guisado%22%2C%20%22Fernando%20Pessoa%22%2C%20%22Almada%20Negreiros%22%2C%20%22M%C3%A1rio%20de%20S%C3%A1-Carneiro%22&geo=PT&cmpt=q> (última consulta 16/01/2013)

IX



Placa na Praça do Rossio, Lisboa. Fotografia: CPJ



Conferência de Juvenal Esteves, 1991, "Alfredo Guizado: Poeta e Cidadão" [guião?].

Fotografia: CPJ

XI



Bandeira de Juventud de Galicia. Local: Xuventude de Galicia. Fotografia: CPJ

XII



Vitrine dedicada a Alfredo Guisado no Museu de Ponte Arêas. Fotografia: CPJ

30/09/1910

Vida Gallega

Gallegos distinguidos en Lisboa.--En el Palacio da Pena



De izquierda a derecha.—Sentados: González Besada, D. Juan Cervantes (diputado á Cortes por Cuenca), marqués de Riestra, Bugallal Araujo (D. Gabino) y D. Augusto Príncipe Bárcena (coronel de Artillería).—De pie: Serafín Álvarez y Ribera, Valentín Martínez Sánchez, Manuel González Suárez, Lorenzo Varela Cid, José Serra Fernández, Segundo Alonso Martínez, Apolinar Contreras, Francisco Cruces Cortiñas, Agapito Serra Fernández y Diego Martínez Álvarez.

(Cliché A. Contreras, amateur.)

La inesperada presencia en esta capital de los ilustres gallegos Excmos. Sres. D. Augusto González Besada, D. Gabino Bugallal y Araujo y el marqués de Riestra, acompañados por el bizarro coronel de artillería D. Augusto Príncipe Bárcena y el renombrado ingeniero, diputado por Cuenca, D. Juan Cervantes—que también nos aseveraron son gallegos—, llamó altamente la atención de nuestro signficado conterráneo D. Manuel González Suárez, que, no pudiendo callar su regocijo, lo comunicó á sus íntimos amigos Apolinar Contreras, Agapito Serra Fernández, Valentín Martínez Sánchez, Segundo Alonso Martínez, José Serra Fernández, Lorenzo Varela Cid, Serafín Álvarez y Ribera, Francisco Cruces Cortiñas, Diego Martínez Álvarez, Manuel Álvarez González, Juan Antonio Fernández y Francisco Espiñeira Bello, que, participando de idéntico regocijo, se personaron en el Hotel Universo, acordando trasladarse al Avenida Palace para dar la bienvenida á tan esclarecidos gallegos y ofrecerles una jira á la pintoresca Cintra.

Al efecto, nuestros ilustres huéspedes aceptaron tan gentil convite, y el domingo 27, á las diez y media de la mañana, poníase en marcha la caravana automovilista, uniéndose á la cuarta del simpático Hotel Cintra donde

tuvo lugar un almuerzo íntimo que horas antes se había encargado por telégrafo.

Al champagne se pronunciaron fervientes brindis.

La minuciosa visita al histórico Castillo da Pena, su vasta granja y bosques, prendieron la curiosidad de los excursionistas, aconteciendo lo mismo con las modernas construcciones donde pasan la estación calmosa las más nobles familias portuguesas y cuerpo diplomático.

Regresaron á las siete de la noche á Lisboa, siendo esperados en la Avenida Palace por los presidentes y secretarios del Centro Español, Juventud de Galicia, Asociación Galaica, Fraternidad Española y grande número de conterráneos.

Durante el siguiente día visitaron el Jardín Botánico, Museo de Historia Natural, Sociedad de Geografía, Museo de Artillería, Capilla de San Juan Bautista y Ayuntamiento, donde fueron recibidos por el alcalde y concejales.

Nuestros ilustres huéspedes salieron para Madrid el lunes, á las siete y veinticinco de la tarde, haciéndolo á las nueve y treinta para Pontevedra el señor marqués de Riestra.

Al andén acudieron muchísimos conterráneos, haciendo una entusiasta ovación.

AÑO V Administración: CÁNOVAS, 1-1.º Puente de

La Colonia Española de Lisboa

UN MANIFIESTO

Hemos recibido este importante documento que sentimos no poder reproducir íntegramente por su mucha extensión. Coincide en sus principales párrafos con las manifestaciones hechas en el «Club Simões Carneiro» de Lisboa por nuestro director, al inaugurar el Centro Escolar Democrático Español, y con lo que venimos sosteniendo en este periódico acerca de la situación de nuestra colonia en Portugal.

He aquí algunos párrafos del manifiesto:

COMPATRICIOS. Otro nuevo escandaloso ataque a la República Portuguesa, que hoy es el Gobierno indiscutible de esta heroica Nación, el régimen legalizado por el voto público, ha venido a remover las cenizas tradicionales de una leyenda sin vitalidad, pero harto influyente en los corazones, y a interrumpir las anheladas nupcias entre los dos pueblos de la Península Ibérica.

(Después de este párrafo hacen nuestros compatriotas una reseña histórica acerca de las relaciones de España con Portugal por la que se demuestra el buen deseo que éste puso siempre en facilitar la cordialidad de relaciones entre ambos países, y continúa:)

Mas lo que ayer fué un dicho, ante el cual podíamos desentendernos, obrando con exquisita benevolencia patriótica, hoy es un hecho irrefutable. El mundo entero lo proclama. Esta situación que nos deprime como españoles, hi-

Aspiramos, pues, a organizar la colonia, bajo una bandera que nos es común a todos: la bandera de España, sin distinguir regiones, sin establecer diferencias políticas ni profesionales.

Mas el objetivo preferente, el nexo indiscutible de nuestra unión ha de ser la fraternidad luso-española, acentuando la simpatía que debe existir entre los dos pueblos de la península ibérica, no sólo para el mutuo respeto a sus instituciones políticas, sino también para el engranaje de sus negocios, hasta que la solidaridad se convierta espontáneamente en un culto idolátrico de cada nación a todas las expresiones étnicas de la nación hermana.

¿Quiere la colonia redimirse?

¿Quiere, por el contrario, ser esclava?

¿Quiere continuar mereciendo el reproche y la prevención de los portugueses por su infecunda cobardía?

¿Quiere que se le juzgue cómplice de ciertos ingratos, cuyo patriotismo consiste en zaherir a esta nación dignísima, de la cual podemos recoger enseñanzas ejemplares, y en la que hospitalariamente se nos acoge?

Vamos a verlo.

Nosotros, que no tenemos significación política en España ni aquí, nosotros que somos políticos del trabajo, de la paz y del orden, nosotros que durante la Monarquía portuguesa, como hoy en el seno de la República, estuvimos consagrados a merecer la estima-

El Tea, 27/7/1912

EL TEA

SEMANARIO POLITICO INDEPENDIENTE

LA PUBLICA LAS SARAGOS

23 de Abril de 1910

Administración: GARCÍA, 1. - P. 1. -

Presidencia: 23 de Abril de 1910

Antes a punto de salida: 1. -

1910

'EL TEA' EN LISBOA

Portugueses ilustres.—Nuestros colaboradores.—Grandiosos y entusiásticos homenajes a nuestro Director

El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, se celebró en Lisboa una gran fiesta en honor de nuestro Director, Sr. García, y en honor de la independencia de Portugal. La fiesta se celebró en el Gran Teatro Nacional, y asistieron a ella un gran número de portugueses ilustres, nuestros colaboradores, y un gran número de portugueses que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal.

El Sr. García, nuestro Director, fue el centro de la fiesta, y recibió un gran número de homenajes. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La fiesta se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

Sr. García

Nuestro Director, Sr. García, es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido el centro de la fiesta que se celebró en Lisboa el día 23 de abril.

Sr. Almeida

Sr. Almeida es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Costa

Sr. Costa es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Silva

Sr. Silva es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Mendes

Sr. Mendes es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Pereira

Sr. Pereira es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Soares

Sr. Soares es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Costa

Sr. Costa es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Silva

Sr. Silva es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Mendes

Sr. Mendes es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Pereira

Sr. Pereira es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

Sr. Soares

Sr. Soares es un hombre de gran talento y de gran corazón. Ha dedicado su vida a la causa de la independencia de Portugal, y ha sido uno de los principales colaboradores de nuestro Director.

EL TEA

SEMANARIO POLITICO INDEPENDIENTE

LA PUBLICA LAS SARAGOS

23 de Abril de 1910

Administración: GARCÍA, 1. - P. 1. -

Presidencia: 23 de Abril de 1910

Antes a punto de salida: 1. -

1910

'EL TEA' en Lisboa

(De nuestro redactor-corresponsal)

Reunión entusiasta.—Obsequios y visitas a nuestro Director.—Homenaje en "Juventud de Galicia".—Ovaciones y aclamaciones.—Despedida colosal por la colonia gallega.

El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, se celebró en Lisboa una gran fiesta en honor de nuestro Director, Sr. García, y en honor de la independencia de Portugal. La fiesta se celebró en el Gran Teatro Nacional, y asistieron a ella un gran número de portugueses ilustres, nuestros colaboradores, y un gran número de portugueses que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal.

El Sr. García, nuestro Director, fue el centro de la fiesta, y recibió un gran número de homenajes. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La fiesta se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

REUNIÓN

De la tarde a la noche, en el Gran Teatro Nacional, se celebró una gran reunión en honor de nuestro Director, Sr. García, y en honor de la independencia de Portugal. La reunión se celebró con gran alegría y entusiasmo, y asistieron a ella un gran número de portugueses ilustres, nuestros colaboradores, y un gran número de portugueses que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal.

El Sr. García, nuestro Director, fue el centro de la reunión, y recibió un gran número de homenajes. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La reunión se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

OBSEQUIOS Y VISITAS

El Sr. García, nuestro Director, recibió un gran número de obsequios y visitas el día 23 de abril. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La fiesta se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

HOMENAJE EN "JUVENTUD DE GALICIA"

El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, se celebró en Lisboa una gran fiesta en honor de nuestro Director, Sr. García, y en honor de la independencia de Portugal. La fiesta se celebró en el Gran Teatro Nacional, y asistieron a ella un gran número de portugueses ilustres, nuestros colaboradores, y un gran número de portugueses que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal.

El Sr. García, nuestro Director, fue el centro de la fiesta, y recibió un gran número de homenajes. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La fiesta se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

OVACIONES Y ACLAMACIONES

El Sr. García, nuestro Director, recibió un gran número de ovaciones y aclamaciones el día 23 de abril. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La fiesta se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

DESPEDIDA COLASAL

El Sr. García, nuestro Director, recibió un gran número de despedidas colasales el día 23 de abril. Entre ellos, un gran número de poemas, un gran número de canciones, y un gran número de discursos. El Sr. García, en su discurso, expresó su agradecimiento a todos los que se habían interesado en la causa de la independencia de Portugal, y expresó su esperanza de que la independencia de Portugal se lograra pronto.

La fiesta se prolongó hasta muy tarde, y se celebró con gran alegría y entusiasmo. El día 23 de abril, día de la independencia de Portugal, será siempre un día memorable para todos los que se han interesado en la causa de la independencia de Portugal.

INTRODUÇÃO

...Só para os raros apenas...

O que é propriamente uma *paródia* na sua essência de Ser e apparecer de quando em vez, deixa-o de ser *Orpheu Comico* encapotadamente, para mais depressa se transformar em diffusa tarefa nos rijos costados dos paladinos da Arte — sublime Arte que só elles comprehendem — que elle mesmo — os sympathicos — comprehendem tanto como nós — com todas as suas Catedraes, Almas copuladas, balaustraes, tapetes da Persia dentro d'Alma, ouro no coração, apesar de amarrados a todos os guindastes, engatados a todas as carroças e mettidos em todas as abegorias municipaes...

«Orpheu Comico» tem diversa comprehensão do que seja Arte, e aneia, sonha, espasmeja-se, em deliquios nevróticos por emoções elevadas e grandiloquas.

A emoção do Riso... O espasmo succedaneo da Gargalhada...

Ao longe muito ao longe, braços hercúleos, musculos escorridos, um vulto ergue no ar um bom chicote de pita... Avé Maria! Nossa Senhora de Paris! Helá, Helá, Helá!... Basilicas de Tédio... a rovia é cadeia do Limoeiro.

XVII

O OCCIDENTE

Exposição de Aguarela de Alberto Sousa



DANÇA GALEGA (PRINCIPIO DO SEculo XIX)

O Occidente, 10/03/1913, p. 55

XVIII

O roubo nos pesos e nas medidas [excerto]

Todavia, o mais refinado ladrão n'esta especialidade é o gallego tasqueiro, taberneiro carvoeiro e merceeiro. Este figurão vindo do norte, cheio de ronha e porcaria, é aceite em Lisboa como homem honesto e de trababalho [sic.].

Feitas as contas e bem analysado á luz da critica clara, nem ele nunca foi honesto, nem respeitador das nossas leis, nem grato á hospitalidade que lhe dispensamos, nem util por qualquer motivo ao nosso meio industrial.

O gallego vulgar, o que anda para ahi em certos misteres, é uma especie de judeu do que respeita a negocio. Se a sua actividade se encaminha para a taberna ou para o café, o gallego falseia todos os productos que vende; assim como se compraz em nunca dar a medida cabal dos liquidos vendidos nem o peso certo das cousas que se lhe compra.

Além d'isso, na maior parte dos casos é imoral e porco, uma espécie de toupeira que tanto *fura* por um montão de esterco como por outro *solo* mais hygienico.

A questão é de dinheiro, e o gallego, a trôco d'este metal presta-se a tudo.

Quem, melhor que elle, vive com as meretrizes e com os rufias, n'uma familiaridade quasi de irmãos? Esta gente, tão repulsiva para os outros, é para o gallego a divina providencia.

O gallego é o *factotum* de tudo que amenise a vida depravada da mulher prostituida, publica ou particular [a autora tinha-se notabilizado nas páginas de *O Paiz* atacando assiduamente a prostituição].

Elle é o dono dos *hoteis de pernoitar*; elle é o proprietario dos cafés das camareras; elle dirige as tabernas onde a malandragem se vae acoitar durante as horas mortas da noite, para as libações gratas á sua miseravel vida; elle é moço alcoviteiro dos recadinhos recatados da prostituição vergonhosa e deprimente d'esta cidade; elle é, finalmente, o vasculho que nos rouba, que nos envenena com as tranquiernias dos productos que vende, e que nos deprime com os seus negocios sujos e improprios d'esta cidade.

Os *lenocinistas* mais numerosos de Lisboa são os gallegos, porque muitos conhecemos nós, que se ligaram com mulheres portuguezas, já sem vergonha e pudôr, sómente com o fim de que ellas, *com a sua actividade*, lhes engrossassem os haveres.

Ah! Se fôssemos governo, os senhores galegos ou entravam na ordem, ou iam passear...

Guilhermina de Moraes "O roubo nos pesos e nas medidas" in *O Paiz*, 17/09/1912, pp. 1 e 2 (itálicos no original)

XIX

Colonia Callaica

Sr. director d'«O Paiz».

No seu jornal de 17 do corrente, deu V. publicidade a um artigo altamente offensivo da colonia gallaica e, em absoluto, sento de verdade e justiça.

Extranháramos esse facto se elle representasse a opinião de V. ou da sua redacção a quem tantas e tantas provas de deferencia está devendo a colonia a que temos a honra de pertencer, mas, felizmente, o artigo vem assignado por uma senhora e isto nos basta para o supormos devaneio feminino, gerado n'um momento de mau humor.

Todavia como é a primeira vez que nas columnas de O Paiz somos tão injusta e rudemente tratados, negando-se-nos todas as qualidades que dão jus a quaesquer pessoas a viverem em nacionalidade que não seja a sua, pedimos-lhe, sr. Director, a fineza de permitir que no seu jornal demonstremos, pela publicação d'esta carta, a falta de fundamento com que fomos difamados pela sr.^a D. Guilhermina de Moraes.

A colonia galaica de Lisboa é na generalidade tão devotada á *properidade e progresso* d'esta nação como os mais estrenuos e dedicados patriotas portugueses.

Nem todos os filhos da Galliza correspondem á hospitalidade que aqui lhes é dispensada com a correcção que é apanagio dos homens honrados; no entanto o numero dos que assim procedem é de tal modo infimo que se torna quasi imponderavel.

Ao contraio do que afirma a collaboradora de V. a quasi totalidade dos gallegos aqui residentes, vive do seu *trabalho honrado* contribuindo assim para o argumento da riqueza publica e engrandecimento moral e material da nação.

É tanta a sua estima por Portugal que muitos membros da nossa colonia aqui constituiram familia e assentam residencia definitiva, convertendo o producto do seu *trabalho* em estabelecimentos e propriedades que concorrem para valorisar mais este paiz.

Dizendo isto, não fazemos uma afirmação gratuita. Emborra pese á collaboradora de V. muitas *propriedades e estabelecimentos* pertencentes a gallegos embellezam as ruas da c[a]pital e concorrem ao conjunto de grandiosidade que a torna digna de admiração dos estrangeiros e é motivo de legítimo orgulho dos nacionaes.

De como a colonia galaica é ciosa pela felicidade e honra da nação que galhardamente lhe dá hospitalidade, existe a exuberante prova na attitude que tem tomado todas as vezes que algum incidente desagradavel ou agradavel perturba ou agita a vida da Patria Portuguesa.

N'essas occasiões, a colonia, esquecendo preconceitos de nacionalidade integra-se na mesma patria, como se esta fora sua, para a acompanhar em todos os lances de angustia ou de regosijo. E porque não hade ser assim, se defende os seus interesses vitaes e o patrimonio dos seus filhos?

Cerrando os olhos perante a incisiva evidencia dos factos, a sr.^a Guilhemina de Moraes calumniou-nos pelo capricho feminino de querer calumniar-nos, o que devidamente comprehendido por esta collectividade nos inhiu de lhe responder.

Por ella nem viriamos importunar V nem tirar ao seu apreciado jornal o espaço de que carece para outros assumptos; porém é desejo nosso que na colecção do «Paiz» onde o artigo da sr.^a D. Guilhermina de Moraes já existe, figure também este desabajo d'uma colonia cuja dignidade não pode estar á mercê de injustas criticas.

Pela concessão de mais este penhorante favor se confessam gratos a V em nome da collectividade que representam

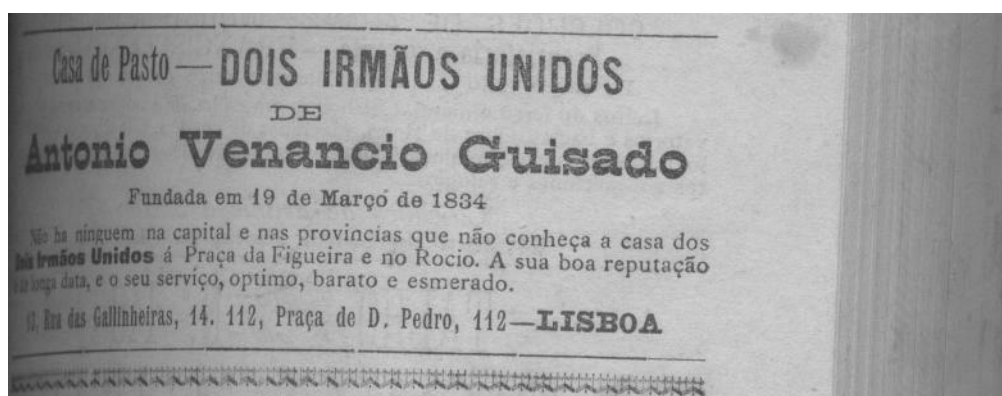
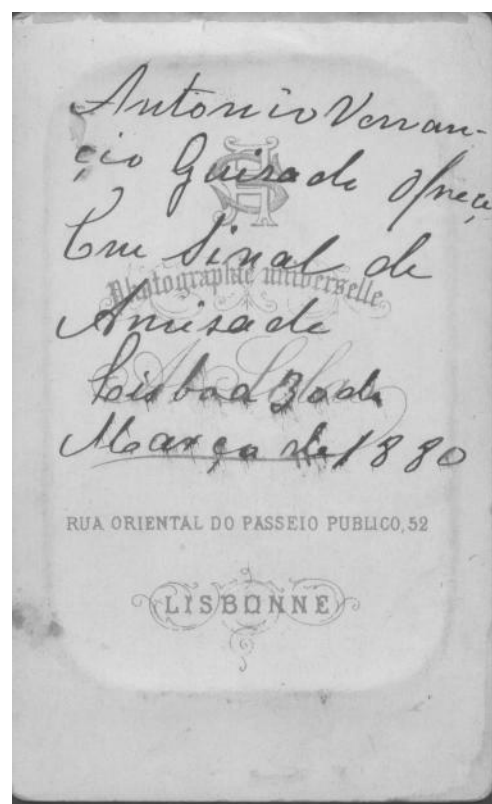
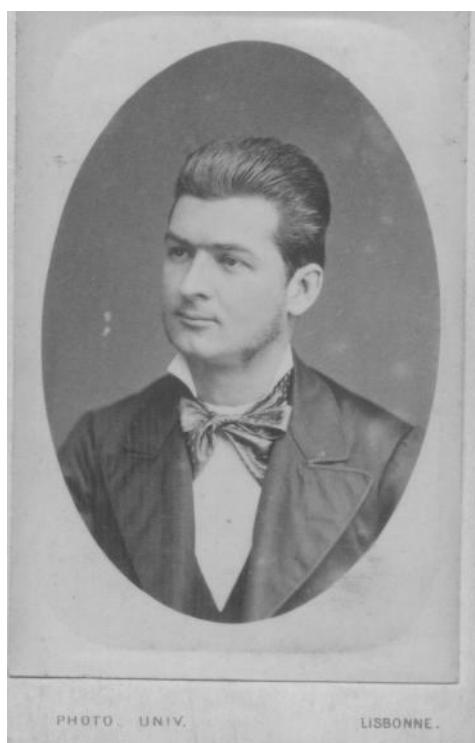
Pela concessão de mais este penhorante favor se confessam gratos a V em nome da collectividade que representam.

Os directores de Juventud de Galicia, em seu nome

O Presidente

Lorenço Varella Cid

Lorenço Varella Cid, “A Colona Gallaica” in *O Paiz*, 29/09/1912, pp. 1 e 2 (itálicos nossos)



Documentos da família Guisado

31/05/1910

Vida Gallega

Vida gallega en Lisboa. -- Paisanos conocidos

Nuestra colonia regional de Lisboa tiene una especial significación.

Más cerca de España que todos los demás núcleos de gallegos ajenos, en contacto con los asuntos que preocupan la atención de nuestras provincias, siempre con noticias frescas de ellas, interviene de modo activo en nuestra vida. Pero, más designada de compromisos que las que viven bajo el cielo regional, su intervención es, los más de las veces, enérgica y valiente.

Esto ha hecho brillar muchos nombres de gallegos establecidos en Portugal. Es frecuente que nuestros periódicos diarios registren hechos de aquellos hermanos, que más se avienen con ciertas cosas que pasan en el país, y es indudable que mucho influye en la vida regional aquella voz levantada que se levanta desde la capital portuguesa donde los gallegos constituyen un núcleo social importante, digno de todos los respetos y de peso positivo en la vida social y hasta en la vida política.

Esa colonia, tan simpática, tan valiente, tan trabajadora, tan digna de toda consideración, debe ser bien conocida. La tarea de darla a conocer no es fácil tarea. ¡Son tantos y hay tantos de personas importantes entre aquellos gallegos!

Para todo debe haber, sin embargo, un barco en nuestras columnas. Hoy sería uno cuantos los que desfilan por estas páginas. Más tarde vendrán otros. Y así, paso a paso, con la lentitud que impone la necesidad de revelar tributo a la actualidad, iremos presentando a aquellos buenos amigos de nuestra pequeña patria y de Vida Gallega. Sea esta página una iniciación modesta de una obra más amplia y más completa.

Entre la numerosa colonia gallega residente en Lisboa, tan repleta de nombres a quienes acompaña justa fama de probidad y



De izquierda a derecha: Sras. Lolita Estévez, Pampaluz Martínez Fernández y Sr. D. José Costa Fonseca y D. Rogelio Martínez Fernández.

honrado trabajo, distingúese notablemente nuestro conterráneo D. Antonio Venancio Guisado, propietario y comerciante, cuyo retrato tenemos el placer de publicar, juntamente con los de su esposa, hijos e hijo político.

En muy tierra cold fue a Lisboa, y en poco tiempo supo conquistarse una reputación honesta y un crédito limitado debido únicamente a su actividad honrada, tanto en su vida comercial como particular.

Son raras olvidar su aldea, Santa Marina de Piza (Mondariz), la cual visita todos los años, procura dejar gratos recuerdos entre sus convecinos menesterosos y remediados.



De izquierda a derecha: Sr. D. Eugenio Álvarez González, su esposa Dolores Guisado, su hermano D. Antonio Guillermo, D. Antonio Venancio Guisado, su esposa Dolores Benedita Abril y su hijo D. Alfredo Pedro.

Su esposa es un modelo de bondad y de virtudes; compañera inseparable y auxiliadora en todas las luchas de la vida.

Sus hijos reciben una esmerada instrucción en los centros docentes de la capital, cubriendo su alta educación rotas de significativo aprovechamiento. Así es que el joven Alfredo Pedro, luego que concluya sus estudios preparatorios, se trasladará a Bélgica o Alemania para seguir la carrera de ingeniero industrial.

Ninguno de sus hijos ignora la música, el sport y cuanto exige una educación moderna.

Nada diremos de su hijo político D. Eugenio Álvarez González, que hoy lo sustituye con excelentes ventajitas en la dirección de sus negocios, que procura sustentar y armar para honra de la familia con que se casó hace seis años.

La familia Venancio Guisado, es, por todos conceptos, merecedora del recuerdo que hoy le tributa Vida Gallega. En todas las ocasiones evidencias asociándose a todos los actos humanitarios y patrióticos que se organizan en esta colonia.

Las campañas de difusión para nuestro dialecto, la exasperación contra los políticos que toda hacen por el embelesamiento de los pueblos rurales; el abandono de las escuelas y las vergonzas electorales, son la constante lucha de nuestro significado conterraneo.

A excepción de la señora Lolita Estévez, que reside en Puntalena, los otros residen en Lisboa y todos los años pasan el verano en sus posesiones de Fontela (Pontevedra), haciendo una vida alegre y de distracciones entre sus múltiples alrededores.

Las excursiones a los parajes más recónditos que circundan la renombrada villa, las romerías y todo cuanto deja y recuerda la infancia, constituyen una verdadera peregrinación de amor a la placentera aldea en que nacieron.

La actividad y acierto en los negocios de los Sras. Martínez y Fonseca, hanse granjeado una posición enviable que les permite una vida densa de bendiciones, de las que participan siempre los maridos favorecidos.

Rogelio Martínez es uno de los más entereos gallegos que cuenta esta colonia; trabajador, ágil, un verdadero modelo de comerciante y de jefe de familia. Al hacerle esta justicia, cumplimos un alto deber, que deseamos encuentre imitadores en la colonia.



D. José María Seijo

Enfoque la juventud dorada de nuestra colonia en Lisboa, dedicase, por su ilustración y habilidad, nuestro evidenciado conterraneo D. José María Seijo, preboste empujando en el comercio.

Es un completo entusiasta por todos los movimientos patrióticos en favor de Galicia, cuyas proyecciones le desea en alto grado, apareciendo siempre su nombre entre los primeros que abogan y quieren cumplir con honor los deberes cívicos.

Sempre que entre los gallegos se levanta la voz para engrandecer la pequeña patria, se encuentra presente tan querido conterraneo, que, a pesar de pertenecer al grupo de los jóvenes, cuenta en su haber varios actos que le honran y dignifican.

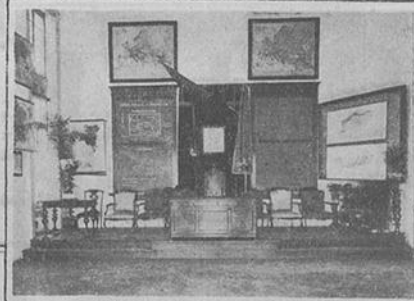
“Vida gallega en Lisboa. – Paisanos conocidos” in *Vida Gallega*, 31/05/1910

Antonio Guiza Fout hacen, bla
 José M. Millan rección por
 Horacio Ribeiro Fernandez a las 3
 de, todo es
 Secretario
 Belmín Enar Aguiar
 Consejo Fiscal
 Agustín Álvarez Gamalo
 Antonio Viganecio Guisado
 Anepito Lora Fernandez
 Suplentes
 José Tortas Nuñez
 Eusebio Villanueva

Libro de cargos de la junta directiva (1919-1949). Fotografía: CPJ

Vida Acadêmica

Sala n.º 4 da Faculdade de Letras de Coimbra, onde rege a sua cadeira o erudito professor Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, cujo retrato acaba de ser ali inaugurado.



Grupo de quintanistas de Direito, que na Universidade de Lisboa devem este ano terminar o curso jurídico.

1.º plano: — (Da esquerda para a direita): os srs. Neuparth, Cornelio da Silva, Jaime Bastos, Henrique Pinto e Bernardo Freire. 2.º plano: — Henriques de Almeida, Antonio de Barros, Pinto Coelho, Santos Marcelo, Erecina Costa, José Luis Silva Margarido, Gonçalves Pereira, Alvaro Maia e Sottomayor. 3.º plano: — Saudade e Silva, Barradas Cervalho, Barros, Alberto Jordão, Jacinto Simões, Camara, Fovar de Lemos, Manfredo Silva e Alfredo Guisado. 4.º plano: — Artur Lino, Correia Afonso, Vitor Dias, Sapority Machado, Norton de Matos, Domingos Menezes e Artiaga.

A carestia da vida

A falta de pão em Almada



A fabrica de Moagem guardada militarmente.



Aspecto da multidão que reuniu em manifestação de protesto.

XXIV

Contos que vou contar

I

ROSAS

Era numa tardinha em que uma aragem subtil vinha acariciar as pétalas das rosas.

As violetas matizavam o chão, roxas e belas, os lírios brancos como pedaços de neve, pendiam sobre uns lagos, onde de vez em quando se deixava ouvir o coaxar das rãs, que no meio de toda aquela poesia, semelhava uma conversa longa e vaporosa.

Saltitavam as borboletas pelas florinhas e os pintarroxos nos ramos das camélias, contavam numa balada de amôr, as suas mâgoas e as suas alegrias.

As avezinhas traziam o alimento aos filhos, que de biquito aberto, as esperavam nos ninhos.

Dançava o sol sobre as folhas do arvoredor, e o melro, lá um pouco mais abaixo, junto dum regato, soltava a sua gargalhada zombeteira.

Ouvia-se um suspiro longo, langoroso, duma voluptuosidade extraordinária.

Eram as árvores agitadas brandamente pela briza que gemia...

E pude ouvir duas rosas, uma vermelha, outra branca, que conversavam como que em segredo.

Que linguagem tão bela, a dessas rosas!...

A vermelha dizia á outra:

- Qual de nós é mais formosa?

- Eu! – respondeu a branca.

- Enganas-te, sou eu!... – volveu a vermelha. – E se não vejamos qual é a opinião dos que teem passado junto de nós!... Dize o que tens ouvido ao teu respeito.

- Dize tu primeiro.

- Pois bem, começo eu; Todos os que teem passado junto de mim me teem comparado ás coisas mais belas deste mundo. Assim, compararam-me ao rubím, dizendo que brilhava como êle, compararam-me ao arrebôl que tinge côr de púrpura o firmamento, e até ao próprio sangue me teem comparado. Disseram-me que parecia de veludo, que reluzia mais do que nenhuma ao sol, que tentava como Satanás, que apaixonava as mariposas, que as abelhas me preferiam, que a briza me beijava... em fim, todos que passam, me beijam e me admiram. Julgo, portanto, ser eu a mais bonita!...

E após uma pausa, a vermelha rosa acrescentou:

- Fala agora tu!...

- Eu, - disse a rosa côr de neve- como estou mais escondida, menos pessoas me vêem, e só me compararam a uma coisa, num dia. Recordas-te daqueles dois jovens que passaram aqui num doce colóquio o outro dia?

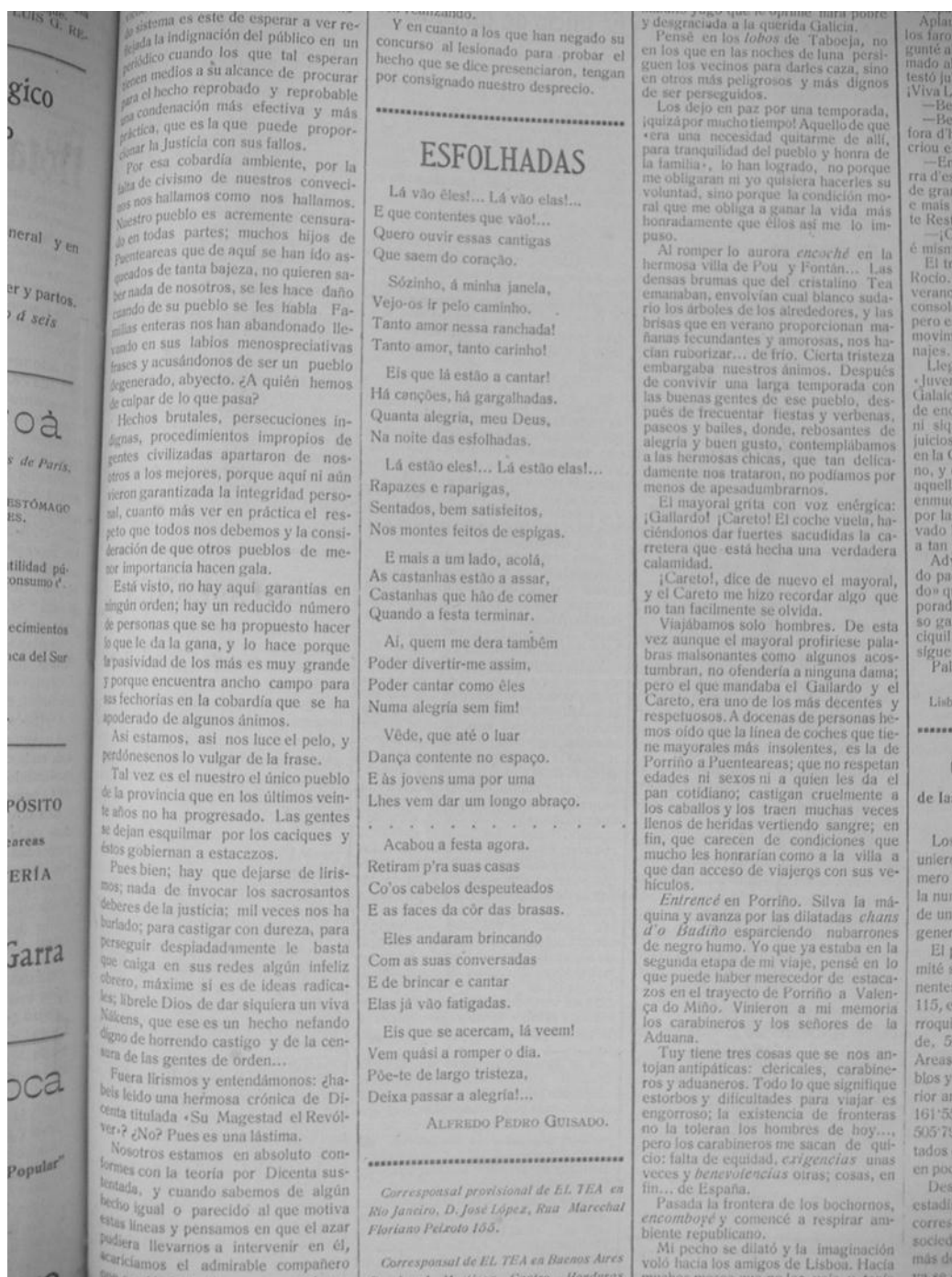
- Sim, recordo-me.

- Pois bem, êle quando passou junto de mim, disse para ela, fitando-me: - «Que rosa tão bonita!... É tão linda e tão branca, que só o teu colo de alabastro se lhe pode comparar!... »

Calaram-se um momento, e a rosa vermelha disse outra:

- Enganei-me, minha amiga, és tua a mais bonita!...

Refaldo Brila “Contos que vou contar. I Rosas” in *El Tea*, 19/10/1912, p. 2



Alfredo Guisado "Esfolhadas" in *El Tea*, 11/01/1913, p. 1. Fotografía: CPI

XXVI

(Guisado, Alfredo (1913): “Duas terras” in *Rimas da Noite e da Tristeza*, pp. 65-68)

DUAS TERRAS

O que mais me impressiona, quando só,
É a noite que desce lentamente
E vem contando à Natureza inteira
Essa vida que arrasta tristemente

Quantas ideias passam sobre mim,
Encostado às janelas, contemplando
O infinito, o firmamento imenso,
Onde as estrêlas, rindo, estão dançando!

Quero dizer que eu não desejo ver
Essa noite onde vivem ilusões,
Onde dorme sonhando a humanidade,
Onde se ouvem modelos de canções?

Eu quero vê-la, sim. E em ti, aldeia,
Pequena aldeia onde vivi outrora,
Onde vivi engrinaldando esp’ranças,
Essas esp’ranças que ambiciono agora,

Em ti, aldeia, o que de noites lindas
Eu contemplei, sozinho a caminhar
Sob um luar de neve, muito branco,
Sob os pinheiros a dormir no ar!

Quantas vezes em casa, tiritando,
Nessas noites sem fim, órfãs de lua,
Ouvi cantar o vento pelos campos,
Como um boémio canta pela rua!

E quantas vezes me ficava assim,
Olhos cravados na amplidão dos céus,
Buscando a Lua adormecida e triste
No espaço imenso desfiando véus!

Assim ficava até de madrugada
Vendo essa luz que no anil flutua...
E ao ver orvalho me par’cia ver
As espalhadas lágrimas da Lua.

Aldeia em que vivi!... Quantas cantigas,
Quantas cantigas te adormecem, belas,
Belas moçoilas ao voltar dos prados
Nas suas vestes regionais, singelas.

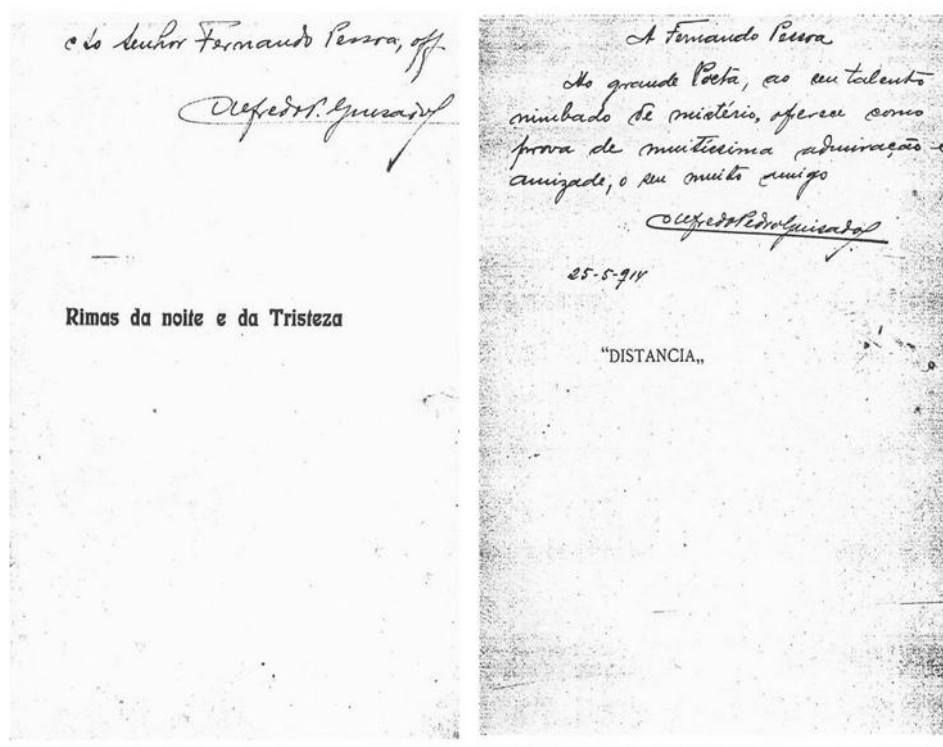
Não és a minha terra, eu não nasci
Nessas casinhas postas nos trigais,
Mas és a terra, a terra abençoada,
Onde nasceram meus avós, meus pais...

Quando parti p’ra te deixar tão longe,
Vinha também p’ra conquistar a vida,
Um jornaleiro que não tinha pão
E que deixava a terra estremecida.

E assim lhe ouvi dizer, triste, a chorar:
--“Adeus campos de trigo que ceifei,
Sino da minha aldeia que escutei
E tantas vezes, tantas, me embalou.
Minha terra adorada, ó terra qu’rida,
O’ terra onde nasceram os meus pais,
Eu te dirijo a minha despedida!”
E fêz-me repetir triste também;
--“O’ terra onde nasceram os meus pais,
Eu te dirijo a minha despedida!”

Porém sentindo assim
A Nostalgia rápida de ti,
Não julgues que te quero como quero
Ao lindo Portugal, onde nasci!

XXVII



Dedicatórias de Alfredo Guisado a Fernando Pessoa. Casa Fernando Pessoa

ANUARIO POLITICO INDEPENDIENTE
SE PUBLICA LOS VIERNES

Layo de 1914 Anuncios por tarifa Núm. 18

vesada que andivo
queno, faltáballe ô
s; de mozo bulrou
res; de home foi
s e coma tal, ma-
moitos camiñantes,
a non podía co-as
reiro e arruinou á

hectoria de malas
perguntou a outra
un pouco d'a de

ando eu vou pr'o
orpo vai dar que

ou?

a derradeira, aco-
ben lle pradicou,
do tanto mal fi-
na fortuna pra mi-

ghamouse Adrian
o pudo selo, pro
sivo casado duas
as sogras.

el pois entón ben

s portas d'o cen-
namou amodiño,
at. Bateu un pou-
quico tivo respon-
on as duas almas
-encomenzaron á
un qu'había fuga.
e non somes xor-
undo—responden
de dentro.

uratiño qu'había
u a cara de San-
a aureola que lle

perguntou.
ponderonle.
e a quen pertene-

queirón.
nos aquí, noticias
to qu'acabou co-
mido de notici-

“Distancia”
por Alfredo Pedro Guisado.

Es el título del nuevo libro de ver-
sos de nuestro querido amigo Alfre-
do Pedro Guisado.

No es preciso decir que estos ver-
sos del joven poeta son muy inspi-
rados y están hondamente sentidos.
El triunfo de Guisado como poeta lo
registramos ya con motivo de ante-
riores publicaciones muy bien reci-
bidas por la crítica.

Guisado trabaja en la publicación
de dos nuevos libros, lo que quiere
decir que se trata de un poeta tan
inspirado como fecundo. Le felicita-
mos muy cordialmente.

Como muestra transcribimos la
siguiente composición:

Elegía das rolas

Nóitas, as árbo's, sentiam como as noivas.
Faban baixo, cantando, apertan dedos...
Coram de Lou, beñam se os segredos...
No sepulcro da Tarde caem goivos.

Faban as Fontes:—“Contecais as rolas?”
Náo as ouvis?... Ao largo... nos plúteiros?
Velhas vendigas a pedir esmolias!
E os ecos mortos rolan p'los outeiros...

A Noite lles contou que una princesa,
Nascera a amar e assim finia morrida
Num palácio do Luto e da Tristeza.

E elas choram por essa que sentiu
Dentro de si eterno amor perdido,
Como quem chora a noiva que não viu!

PARA TODOS LOS QUE PIENSAN cuarta parte le sobran: y bien, si estos
amplias cosas, comendados a

del distrito de Teo, a quienes no puede respetar el honor ni la propiedad de los que no se prestan a secundar sus descarados manejos, ni a compartir sus censurables concupiscencias.

Hará usted una obra de justicia si en el parlamento pone de relieve los hechos que la prensa de Conjo denuncia y cuyo conocimiento ha venido a llenar de amargura el corazón de los que aquí en América laboramos por conquistar un bienestar sin otras armas que el trabajo y sin otro estímulo que el ansia vehemente de volver a esa querida patria que cuenta a usted en el número de sus hombres ilustres y en la lista de sus políticos honorables.

Así lo esperamos de su reconocido amor a la causa del bien y en espera de sus gratas órdenes, complácese en saludar a usted y en enviarle el sincero testimonio de su incondicional adhesión.

Su seguro servidor, por los hijos de Teo residentes en América, «La Federación de Teo en Sud América».

Buenos Aires, Febrero 15 de 1915.

Crónica Argentina

La carestía de la vida

A pesar de haber sido la cosecha de cereales este año más que mediana, lo que causó satisfacción general, el precio del pan ha subido en proporción tal, que al igual de la carne se le considera artículo de lujo; pan de 1.^a se cotiza a 35; 2.^a, a 30 centavos el kilo, bastante más caro que en Londres, país en guerra, y cuyo cereal argentino introduce en grandes cantidades.

Para reclamar alguna medida contra estas anomalías, los parlamentarios socialistas propusieron (aún contra sus principios librecambistas), provisoriamente, un impuesto a la exportación del trigo y la carne, cuyo petitorio apoyaron en manifestación solemne más de 50.000 ciudadanos, acompañando la comisión que hizo entrega de los considerandos en el Ministerio correspondiente; es casi seguro que este petitorio será desechado por la poca fuerza que aun representa esta agrupación en el parlamento, máxime que la dirección del país está en manos de grandes terratenientes y cuyo impuesto temporal a la exportación, podría hacer peligrar en algo la alta renta del suelo, única fuente segura de recursos para sus orgías y francachelas; por otra parte, en esta campaña están solos los socialistas, y la masa independiente que no influye nada en los destinos del país; la prensa rica y el llamado partido radical aconsejan al pueblo que carece de recursos y trabajo, el consumo de carne de caballo, es decir, de «mancarrón» como se le llama aquí, (por cuanto está comprobado que cuesta tanto casi la cría de un caballo en la Argentina, como la de un buey), y el pan bajó haciendo ahora gran propaganda en este sentido de la superchería de que la harina con el salvado produce un pan más nutritivo que la harina más refinada. Con esta falta de orientación sería, el país se despuebla, y se desacredita, pasando de 40.000 las casas desocupadas solo en la capital.

y no le faltará el prestigio de que tanto carecieron siempre las hojas «reñebres» tanto de aquí como de allá.

A. MARTÍNEZ CASTRO,
Buenos Aires, Marzo 4, 1915.

Crónica de Lisboa

(DE NUESTRO CORRESPONSAL)

Revuelo literario Los poetas de "Orpheu"

Hace días vió la publicidad una revista trimestral de literatura que tiene por título *Orpheu*. En ella colabora un grupo de poetas que dan por el nombre de *paúlcos* o sea el nombre de la novísima escuela poética que sus discípulos quieren hacer popular o célebre.

Ese grupo de jóvenes son: Mario de Sá Carneiro, Luis de Montalvôr, Ronald de Carvalho, Fernando Pessoa, José de Almada-Negreiros, Côrtes Rodrigues, Alvaro de Campos, Alfredo Pedro Guisado y como editor figura Antonio Ferro.

Nosotros quisiéramos conocer a fondo la poesía portuguesa para formular una opinión propia referente a la escuela sustentada por estos jóvenes literatos, que hoy son señalados por las calles como innovadores de la musa lusitana.

Innecesario se hará decir a nuestros lectores que la primera edición se está agotando, porque hoy no hay nadie que no desee leer la ya célebre revista *Orpheu*, tan raras, rarísimas, son las inspiraciones que la misma contiene.

Los llamados *paúlcos* han aguantado sobre ellos la implacable metralla de la prensa cotidiana lisbonense. Algunos diarios llegaron a dar la palabra al doctor Julio de Mattos, versado en enfermedades mentales.

A *Capital* lleva su crítica al extremo siguiente:

«Los colaboradores de *Orpheu* nunca se revelaron como literatos sino en manifestaciones idénticas a las que leen las páginas de la revista, y de ahí no es posible juzgar su valor real. Lo que se concluye de la lectura de los llamados poemas, suscriptos por Mario de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho, Alvaro de Campos y otros, es que pertenecen a una categoría de individuos que la ciencia definió y clasificó dentro de los manicómos, mas que pueden, sin mayor peligro, andar fuera de ellos...»

Como los lectores de *El Tea* observaran, los críticos literarios de este país no son para bromas. Por otra parte los llamados *paúlcos*, que parecen tener la monomanía de los puntos suspensivos, no se atemorizan y continúan a *outrance* imponiéndose e imponiendo su atrevida escuela, aunque, como es natural, no encuentren grandes adeptos en el pueblo.

Sin embargo, ello es un buen síntoma, pues demuestra que hay cerebros y que, cada uno en sus diversos modos de pensar, tiene el buen deseo de llegar a su patria una obra de grandeza, literaria.

ALEJO CARRERA.

Lisboa, 6-IV-1915.

La catástrofe

ferroviaria

El Centro de Sociedades obreras de Orense ha recopilado en un folleto todos los datos relativos a la catástrofe de Prieira, que, como todos saben ocasionó 13 muertos y 21 heridos graves en su mayoría, así como también los referentes a la responsabilidad de la Compañía M. Z. y O. V. Respecto a este asunto dice nuestro estimado colega *El Pueblo de Vigo*:

«Y si apesar de ese crimen no se exigieran responsabilidades; si los diputados y senadores de todas las filaciones políticas, desde los republicanos a los jaimistas no levantasen en el Parlamento la voz en defensa de la justicia y de la humanidad holladas en Prieira el 10 del pasado mes; si la prensa de Madrid, atenta las más de las veces a cosas de baja condición, no se hiciera eco de los clamores de la opinión, que el folleto encarna, siguiendo la conducta del defensor de las malas causas *Faro de Vigo*; si a las inocentes víctimas sacrificadas en Prieira no se les indemnizase, y a la Empresa no se le castigase debidamente, habría que pensar en traducir a varios idiomas el folleto, para que fuera de España se conozca nuestro modo de proceder y para que además se sepa que aquí la prensa, en su mayoría, enmudece ante los billetes de libre circulación y los diputados, en su casi totalidad, también, representan los intereses de las grandes empresas y de las grandes compañías que explotan inicuamente y matan a la desdichada nación española».

Sería una vergüenza que no se exigieran responsabilidades y que las peticiones que en el folleto formula el Centro de Sociedades obreras de Orense no fueran atendidas. Aclárese la ley respecto a estos casos, concédanse más amplios medios de vigilancia al personal técnico así como responsabilidad en caso de negligencia, que estos funcionarios no puedan estar al servicio particular de las Compañías y que en caso de accidente no haya distinción entre viajeros y funcionarios.

Dice en nuestro estimado colega *ESPAÑA LIBRE* Lustres Rivas: «En las elecciones generales Bugallal vistió de procuradores del común a un Madariaga, a un Estévez Carrera y a un García Durán de que no tenían noticia más que sus familias».

Y nosotros añadimos parodiándole: Metió de mogollón por Puenteareas a un Martínez Ruiz que ni siquiera conocen las autoridades.

Los caminos vecinales

Para el próximo mes de Agosto es casi seguro que se celebre el tercer concurso de subvenciones y anticipos para la construcción de caminos vecinales.

No necesitamos entrar en los pormenores de estos concursos para poner

11
«¿Qué son satélites? Unos de pequeños tamaños y poder a ran alrededor de otros mayores ejemplo los *cans de palleiro*—faltan en ningún rincón.

«¿Qué fenómenos resultan de la caída de estos caciques?—El aumento del consumo, alguna que trapacería y el manejo de las nes municipales.

«¿De cuantas maneras son las nes?—De dos: completas e inas, según se aplica el artículo todas o en parte, de las seccion

«¿A qué se llaman cometas?—borregos grandes de cola larga, suelen agarrarse los satélites p mar del presupuesto.

«¿Qué es el sol?—Un ministro so que está en constante es *candeirencia* y de quien reci y calor los demás astros.

«¿De qué elementos se compone el sistema solar?—Del sol, de veinte caciquillos y gran número borregos llamados asteroides.

«¿Cuanto distamos del sol?—cientos y pico de kilómetros.

«¿De qué materia es el sol?—rrín, miga de pan de maíz y sal

«¿Qué la luna?—Un cacique pueblo que gira alrededor del miento.

Dice *FARO DE VIGO* que be el Alcalde girar una visita escuela de niños.

Es cierto; debe el Alcalde rar visita a aquel centro y mover acto seguido la forma de expediente si encontrara ciencias graves, lo que nos dudamos.

Próxima cacic en Puenteareas

La escuela de Angoares jugará un pedante.—Odio de los ca a la luz.

Tan solo con el objeto de p al pueblo damos hoy una noticia de que éste se aperciba contra l ximos acontecimientos.

Los caciques pretenden supri escuela de Angoares, dejar a u rroquia sin centro de enseñanz la única pretensión de maniatar pueblo de más de mil moradores, cados en las encrucijadas del c del progreso.

Ninguna manera mejor sustent tiranía que la que vaya envuelta ignorancia, en el analfabetismo.

Hace algunos años llegó a este blo, y no de arribada, un maestro grandes pretensiones. Se hi «cuco» de los caciques y la «mona los alcaldes que desde entonces h sufrido.

Debido sin duda a sus gestio Junta local de primera enseñanza propuso la realización de los sigu absurdos:

1.^o Angoares, el pueblo

CARRERA Muñoz, Alejo (1914): (1915): "Crónica de Lisboa. Revuelo literario. Los poetas de 'Orpheu'" in *El Tea*, 9/04/1915

«En aqui se descobre a nobre Hespanha
como cabeça alli da Europa toda.»

«En aqui, quasi cáme da cabeça
da Europa toda, o reino Lusitano
onde a terra se acaba e o mar começa.»

CAMÕES—«LUSITANA», CANTO III

Hispania

AÑO 1.—Num. 1 : Precio: 50 centavos

PERIÓDICO INDEPENDIENTE

Lisboa—Sábado, 2 de Febrero de 1924

AL APARECER "HISPANIA,"

Queremos fijar con claridad en esta primer columna, el pensamiento y propósito desinteresados, que nos mueven a intervenir en la vida periodística, con sencillez y modestia, sin alardes, sin exhibiciones aparatosas.

Nos proponemos plasmar una conciencia colectiva, que dispersa, en constante movimiento de avance y retroceso, hace años, entre el «yo» y la «nación», a fin de que los márgenes de ese caudal racial, ibérico, común a Lunos e Hispanos, que desemboca en el Atlántico, siendo tal su ejección, que cruza al otro lado y descubre el Nuevo Continente.

Nacemos para afirmar la superioridad de la Raza Ibero, hoy Ibero-Americana, heredera de una civilización latina, colonizadora de un Mundo Nuevo; nacemos para evitar el lamentable contraste de que pueblos de las dos naciones que tanta empresa realizaron, ignoren mutuamente lo que hay más allá y más allá de su común frontera, apesar de surcarlos los mismos ríos y recorrerlos los mismos marcos montañosos.

Con recta fe en la vitalidad de los iberos, razón de su gloriosa existencia, venimos a resaltar sus cualidades, a combatir aquella ignorancia. No basta la propia disposición de las sellos de los dos países, ni es suficiente la plástica actuación diplomática que nunca trascendió de los despachos y salones, de las Cámaras, ante-cámaras y banquetes. Es preciso llegar a todas las conciencias por medio de un labor constante, principalmente, a la de aquellos que, esclavos de sus afanes, diarios y carentes de inquietudes, necesitan un órgano divulgador para familiarizarse con estos hechos e ideas. Contribuir a la mutua comprensión, es el deber de cuantos la vida arduo, de grado o por fuerza irresistible del destino, a «vivir y trabajar en la nación hermana apartados de la Patria».

En esta situación existen actualmente en los territorios de la República Portuguesa, más de cuarenta mil españoles, verdadera nación de plenipotenciarios, quienes con el máximo respeto a la diferenciación histórica que organizó la península en dos personalidades políticas totalmente independientes, han de vincular los afectos de Raza y nacionalidades que la integran.

Esta Colonia española sobresale en múltiples actividades de la vida económica portuguesa, no está unida ni identificada, es desconocido su laborioso esfuerzo. Nos proponemos difundirlo, conseguir que su voz tenga el debido eco en España, viniendo por sus derechos e intereses, por sus necesidades y deberes, para que en todo momento se sientan amparados por las autoridades y organismos representativos de la patria en ambos lados de la frontera, prestando así su personalidad individual y colectiva. Trabajaremos sin descanso hasta conseguir la fusión de las distintas sociedades españolas de Lisboa, y con la cooperación de los compatriotas que viven fuera de ellas, crear la CASA DE ESPAÑA, donde todos los españoles encuentren la continuación de su hogar y cuanto la limitación de la vida familiar no puede suministrarles. En las diversas secciones infor-

«Hispania», es un periódico honrado y no cuenta con mas ingresos que el producto de los anuncios y suscripciones. La Colonia Española en Portugal, los españoles amantes de su Patria, y cuantos comerciantes e industriales de Portugal y de España deseen iniciar e intensificar sus relaciones, han de prestarle su concurso. A las personas a quienes enviemos este número y no nos lo devuelvan, nos honraremos considerándolos como suscriptores.

Los dos Jefes de Estado de la Península Ibérica



S. M. el Rei Don Afonso XIII

HISPANIA honra su primer número publicando la fotografía del Rey de España. Cien la corona desde el 17 de Mayo de 1902 en que cumplió 16 años. Sus excepcionales cualidades personales su elevada misión de caritativo mediador entre los pueblos beligerantes de la Gran Guerra; los acontecimientos políticos que vivieron desahollados en España con el movimiento militar de 13 de Setiembre último que elevó a los consejos de la Corona al Directorio de generales presididos por D. Miguel Primo de Rivera, y el reciente viaje triunfal a Italia, hacen que sea hoy considerado como una de las figuras de mas relieve en el mundo internacional.

HISPANIA hace votos porque los acompañe el acierto en el desempeño de las respectivas funciones de Jefes de Estado, que el bien de las dos Naciones exige en este renacer esplendoroso del Ibero-Americano, que todos los descendientes de los gloriosos antepasados alborotados.

Nosotros, españoles que fuera de la madre patria vivimos en este país hermano, debemos cifrar nuestras esperanzas en la austera regeneración que se vislumbra, y secundarla. Contribuyamos con nuestro trabajo personal y esfuerzo colectivo al ideal de una España grande. Procuérenos en todo momento ser dignos de ella y dignos del país acogedor en que vivimos.

mativas nos ocuparemos del más diferentes ideas y nacionalidades. Venimos a interpretar los nobles sentimientos que animan los corazones hispanos con relación al pueblo portugués para una unión fraternal, y manifestamos de una vez para siempre, que no entraremos jamás en polémica si alguien hay que caprichosamente se entretenga en dar falsas interpretaciones a la palabra unión o al pretillo *Ibero*. Venimos a ensanchar los horizontes a que Portugal no marche a Francia saltando por encima de España; a que España no mire hacia América sin desmoronarse. Portugal; nuestro común predio solo tiene una escalera: el mar. Los Pirineos son el muro de contención que separa dos predios.

A la hospitalidad y hospitalidad de la Nación Portuguesa nos confiamos y arrojando las facilidades que sus leyes liberales nos prestan para realizar estos propósitos, tenemos la seguridad de no llegar



S. Ex.º el Presidente Sr. Teixeira Gomes

Empezó su mandato el 5 de Octubre de 1923. Temperamento intelectual, espíritu superior. Procede de la brillante generación portuguesa del último tercio del siglo XIX que aún no ha encontrado sucesores. Peregrino por tierras extrañas, plasmó en páginas de elevada literatura la belleza de sus emociones. Durante doce años ocupó el cargo diplomático de más responsabilidad de la República, el de Ministro en Londres. Supo conquistar una situación privilegiada en la Corte inglesa consolidando así el máximo prestigio que lo llevó a la suprema magistratura de su Nación.

No por formalprotocolar y si por noble homenaje de justicia le dedicamos este puesto de honor.

a herir nunca la susceptibilidad nacional, ni olvidar nuestra condición de huéspedes.

Sin temer a la perspectiva de una lucha difícil dada la crisis que en la actualidad atraviesa el periodismo y la vida toda, esperamos que el público nos favorezca y jure, pues atentos al espectáculo de Europa en ruinas, solo tenemos por norte que en su rincón mas occidental, vivan—debiendo convivir—dos naciones con un innegable patrimonio espiritual coincidente, las que abandonando su aislamiento han de sacudir falsas tutelas poco desinteresadas, para cumplir su mandato histórico, provocando un resurgimiento en España y Portugal, que repercuta en las veinte hijas legítimamente emancipadas de atlanteo el Atlántico, y pueda decirse un día en la Historia de la Civilización: El genio Euro-Ibero no supo perecerse sobrevivir a su obra.

temos la seguridad de no llegar

LA CASA DE ESPAÑA

Existen hoy en Lisboa varias sociedades españolas: unas estrictamente benéficas y de socorro como la *Asociación Salica y la Fraternidad*; otras recreativas y culturales como el *Centro Español*, *Juventud de Salica* y *Centro Escolar Democrático Español*. Además hay unas escuelas llamadas «Reina Victoria» con una pequeña subvención del Estado español insuficiente para hacer de ellas una institución pedagógica moderna, que llene los fines primordiales, de las familias y el Estado, de educar los hijos de más de 20 mil españoles residentes en Lisboa. Y muchos miles de españoles, por la apatía que engendra la falta de conciencia colectiva que padece nuestra importante Colonia, no figuran ni colaboran en ninguna de estas prestigiosas colectividades. Aquel fraccionamiento y esta apatía, unido a la dificultad mundial de la vida en estos años, dan por resultado que hoy no se cuente con un local ni una colectividad capaces de cumplir los fines recreativos, artísticos, benéficos, de expansión comercial y cultural que corresponden a una Colonia extranjera de la importancia de la española en Portugal, principalmente en Lisboa. La actividad y entusiasmo empleados separadamente por meritosimos españoles no había sido suficiente.

Esta simple reflexión dio lugar a que se intentase poner en práctica la magna obra de fundar la *Casa de España*, celebrándose una reunión, convocada por nuestro Director el día 5 de Setiembre último, a la que concurrieron numerosos españoles, los cuales eligieron la Comisión Ejecutiva para la Constitución de la *Casa de España*. Esta reunión de compatriotas animados del ideal de ver organizada toda la Colonia en una única y potente fuerza colectiva, ha de considerarse histórica en los anales de la Colonia. Era una iniciativa que estaba al alcance de todos los buenos españoles, que hace tiempo debió ser encarada por los valores positivos de dicha Colonia, que había que lanzar y poner en práctica.

Nosotros pedimos a todos los españoles que aprecien en este grupo de compatriotas la voluntad, celo y actividad que vienen desplegando hace 5 meses, hasta el punto, de que lo que antes parecía una utopía hoy no será ciertamente una realidad sensible y palpable, pero si va transformándose en alagadora probabilidad de éxito.

Tenemos prueba de ello en el entusiasmo patriótico y sentimiento de unión, manifestado por todos los socios concurrentes a las Juntas Generales celebradas por *Centro Escolar Democrático Español*, *Centro Español* y *Juventud de Salica* en los meses de Noviembre y Diciembre últimos, votando por unánime aclamación, la fusión de todas ellas. Este despertar del letargo y limitación de aspiraciones en que estaban sumidos hacia afuera es indudablemente una esperanza.

Aquí tenemos ya el primer resultado práctico de esta Comisión Ejecutiva integrada por los compatriotas señores Díaz (D. Manuel), Gil (D. Gregorio), Martínez (D. Enrique), Palas (D. Mario), Pérez Nevado (D. Santiago) Sanz,

P'ros mutilados d'a guerra portugueses.

À COLONIA GALAICA

Snr. D. *Madeira*
Maria Guilhermina Ferreira
Largo da Graça - 4 - 30 50
Lisboa.

Carta de Alfredo Guisado a Maria Guilhermina Ferreira, 3/06/1920

XXXII

A Semana Portuguesa na Galiza. Como a nossa iniciativa é acolhida pela Sociedade ‘Juventud de Galicia’

Sr. Director do ‘Diario de Noticias’: - A espontaneidade e o carinho com que o ‘Diario de Noticias’ acolheu a ideia de realizar uma Semana Portuguesa na Galiza produziu extraordinaria satisfação entre os membros da colonia espanhola e muito principalmente entre os naturais das quatro províncias galegas, manifestadas com todo o entusiasmo na ultima assembleia da Sociedade ‘Juventud de Galicia’ a que tenho a honra de presidir.

Nesta assembleia, que se efectuou no dia 20 do corrente, foi, por unanimidade, aprovado um voto de agradecimento e apoio ao ‘Diario de Noticias’ a aos ex.mos srs. Antonio Ferro e dr. Alfredo Pedro Guisado pela maneira leal e carinhosa com que se referiram á nossa terra e pela justiça feita aos *valores que marcam na vida cultural, artistica, scientifica e literaria da Galiza*. Esses votos que não reflectem sómente palavras platonicas mas sim a certeza de uma constante colaboração moral e material dos meus compatriotas e conterraneos, o que por este meio faço publico, confirmam a adesão que já tive ocasião de oferecer, em nome de ‘Juventud de Galicia’ ao ‘Diario de Noticias’.

Os jornais galegos têm-se ocupado com muita simpatia da Semana Portuguesa na Galiza, o que demonstra existir o desejo ardente duma maior *confraternização galaico-lusitana*. A imprensa da minha terra, que é a expressão periodica mais racial da *vitalidade* e do *sentimento galego*, sabe que, procedendo deste modo e abrindo as suas paginas para dar calor a essa feliz iniciativa, interpreta fielmente os desejos do *nosso povo*. Não somos só os que vivemos em Portugal, neste hospitaleiro país, que *amamos como uma segunda patria*, que sentimos essa simpatia e esse carinho pelos nossos irmãos portugueses; são os que vivem *tambem na Galiza*, porque, uns e outros, orgulhos da nossa patria espanhol, abrigamos o mesmo espirito de *fraternal apreço* por Portugal.

Tem uma facil explicação esta simpatia, porque são com certeza poucos os que não têm um *laço de amizade*, de *parentesco* mais ou menos directo, mais ou menos remoto.

Em Portugal residimos actualmente mais de cinquenta mil espanhois, dos quais calcula-se que setenta e cinco por cento somos filhos da Galiza. Tambem só na nossa terra vivem uns quinze mil portugueses. Todavia, as relações de *intercambio cultural* e economico entre Portugal e a nossa região têm sido quasi nulas, sem que para isso exista uma explicação satisfatoria. Nem nós conhecemos Portugal, nas suas diversas manifestações *literarias, artitsticas* e até industriais e comerciais, nem tão pouco os portugueses em geral têm conhecimento da *literatura* e da *arte* galega, a não ser daqueles trechos de *poesias* que, como já muito bem disse o dr. Alfredo Guisado, tem divulgado a ilustre artista D. Amelia Rey Colaço.

A Semana Portuguesa na Galiza, que, em meu entender, deverá realiza-se nas cidades de Santiago de Compostela, Vigo, Pontevedra, Coruña, Orense e Lugo, será o inicio duma aproximação mais constante.

Nesse sentido ha muito ainda que fazer. Torna-se necessario aperfeiçoar as comunicações para mais facilmente se chegar a esse intercambio. Para se falar entre Lisboa e qualquer terra da Galiza, mesmo com a praça fronteira de Tuy, ainda é necessario comunicar-se por via Madrid; tambem seria

necessario estabelecer-se comboios rápidos com carruagens-leitos para facilitar a viagem da Galiza através de Portugal para Sevilha e vice-versa. A construção de uma ponte sobre o Minho que unisse directamente Monção e Salvatierra é também uma iniciativa que, além de fomentar o desenvolvimento das povoações fronteiriças, muito facilitaria o desenvolvimento do turismo entre os dois países.

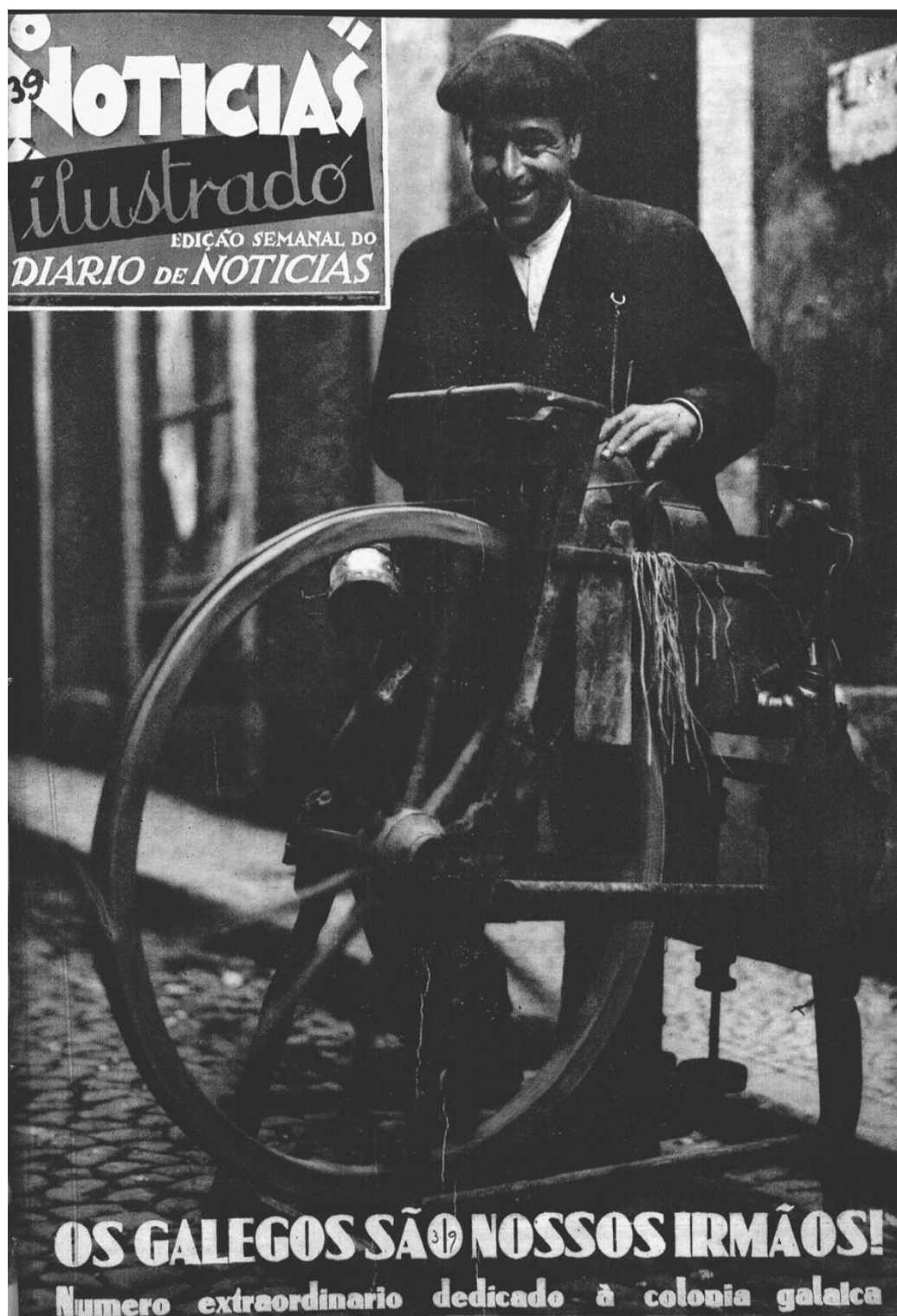
Não menos importante a necessidade que existe de que os jornais portugueses possam ser lidos (o que não acontece actualmente) em qualquer localidade da Galiza, porque seriam muitos os seus leitores que, desejando estar ao facto da vida portuguesa para ‘matar saudades’ da terra onde bastantes deles passaram a sua juventude e se orgulham por terem contribuído com as suas energias para o desenvolvimento do comércio e da indústria portuguesa, lhes interessa também informar-se das cotações dos fundos públicos portugueses, pois não deve desconhecer-se que poucas são as vilas e freguesias galegas onde não existam possuidores desses valores.

Não é, pois, difícil esperar que, com todos estes factores, prova ineludível da *amizade galaico-portuguesa*, a Semana Portuguesa na Galiza ha de encontrar, por parte de todos nós, a mais franca e decidida *cooperação e acolhimento*.

Ao cumprir este grato dever de tornar público os votos de simpatia e apoio da Sociedade a que presido, estou convencido de que ao ‘Diário de Notícias’ não faltará a necessária colaboração que esta iniciativa se realize com o maior esplendor

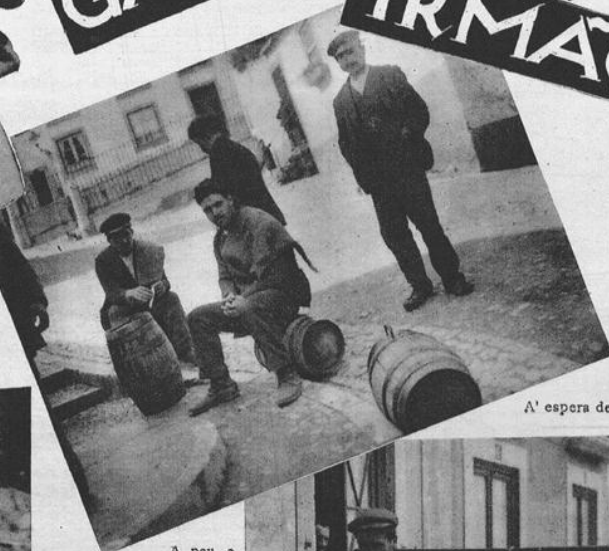
Antonio Fresco Conde, presidente de Juventud de Galicia.

Antonio Fresco Conde, “A Semana Portuguesa na Galiza. Como a nossa iniciativa é acolhida pela Sociedade ‘Juventud de Galicia’” *in Diário de Notícias*, 1/03/1929, p. 1 (itálicos nossos)



O Notícias Ilustrado, 10/03/1929, p. 1

OS GALEGOS SÃO Nossos IRMÃOS!



A tradição galai-
ca em Portu-
gal é das mais
curiosas, das mais
características.
Dessa região admi-
rável que um poe-
ta supremo da Es-
panha cantou en-
ternecidamente,
Curros Henriquez,
no seu livro ma-

A' espera de vez!

A pau e
corda. Pe-
sado frê-
te!

O agu deiro.



Concertos rápidos de cafeteiras, com esmerada perfeição; o funileiro anda de porta em porta proclamando a sua humilde utilidade, em troca de mínima paga.



ximo «Aires de mi tierra» desse torrão abenço-
do, que é Portugal na cor que'n'e da sua paisa-
gem, na suavidade acalentadora do seu clima,
dessa terra de monumentos antigos e de trove-
los campezinos, teem vindo pacientemente, hora
a hora, ano por ano, século, por século gerações
de gente de trabalho, famílias inteiras à
terra portuguesa, onde um nobilitante trabalho
lhe dá quasi fôros de naturais. O arduo labor
das suas profissões grangeiou à população gale-
ga que vive entre nós, uma simpatia fraterna,
um convívio demorado, uma cativante estima
que aproximou as duas raças como se verdadei-

ros irmãos fossem, como se as norteiasse um mesmo ideal de trabalho, a mesma religião de atividade e de esforço.

Prepara-se Portugal para celebrar a *semana galaica*, sete dias de consagração dos nossos seculares vizinhos e amigos. «O Notícias Ilustrado» dá com este numero a sua comovida colaboração nessa homenagem à colonia galaica que em Portugal tem tão numerosa representação. Irmãos na raça, na



Isca com
clas, ou
sem clas?...

Carvão, bolas e
«petrolino».



a da Galiza irmã—esta que tem em Portugal no coração—irmãos; e na alma amigos sinceros e complementos espirituais—temos entre nós poetas e artistas galegos—que nos acarinham a alma com as suas obras que tanto se casam com o nosso sentimento e com a nossa ternura de meridionais.

Eles são, na nossa terra de sonhadores, de idealistas, como que um pedaço da Espanha cavalleiresca, cheia de tradição, alfofre de lendas deliciosas, ninho de afirmações, onde o Sol tem o brilho que tem no nosso Portugal onde a paisagem tanto se identifica com a nossa.

(Clichés de Batista e Ferreira da Cunha)

O oportuno e prazentiro
moço de fretes.

Amola facas, «tesoiras»
e navathas.



Carvão de
sôbro aos
domicílios.

actividade, galegos e portugueses irmanam-se na sua intimidade sa e cordeal. E é tão grande essa tradição de amizade que, já em tempos do rei D. João I, um fidalgo da Galiza D. Pedro Alvarez de Souto Maior, que foi Conde de Caminha e Visconde de Tuy, seguiu as hostes de Portugal, onde casou com uma senhora dos Tavoras de Mogodouro, de que ha ainda hoje larga descendencia, na nobreza lusitana.

Hoje, a colonia galaica, é das mais importantes do nosso paiz. Não só trabalhadores humildes e infatigaveis, trocaram os campos verdes e paisagens fartas pela labuta nos nossos centros; homens de valor, da industria e da sciencia teem em Portugal construido os seus lares. E' das mais laboriosas colonias—



ARTISTAS E POETAS FILHOS DE GALEGOS



O pintor Vellozo Salgado num canto do seu elegante lar, acompanhado de sua esposa.



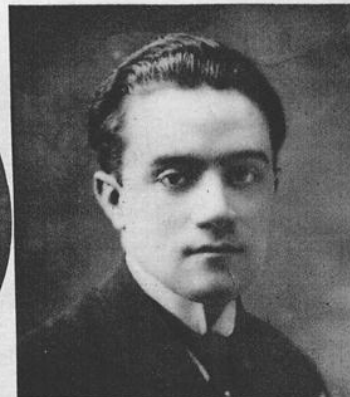
O poeta Alfredo Pedro Guisado.



O pintor Varela Aldemira.



A «discuse» D. Helena Cid.



Varela Cid, ilustre pianista e professor do Conservatorio Nacional de Musica.

AS GRANDES FIGURAS DA COLONIA



Dr. Inacio Fortes Lemos.



Amadeu Alfredo Ferreira
Coutinho, socio da casa ban-
caria Ventura, Coelho &

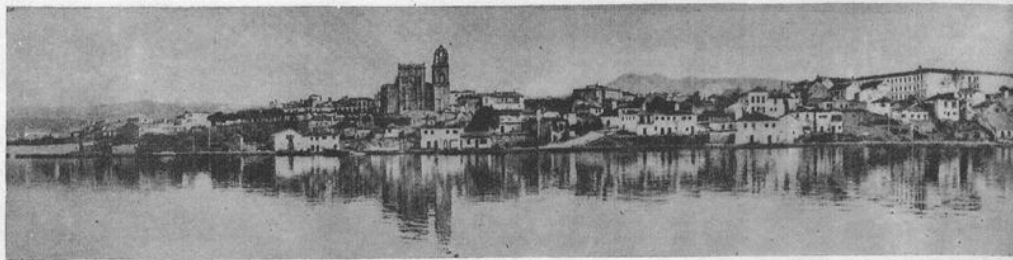


D. Maria Helena Soares Va-
reja. Agapito Serra Fernandes.



Manuel Casal Amoreiro.





PONTEVEDRA:—Vista parcial da linda cidade tirada do rio.



Firmino Loureiro Fernandez



Domingos Serra Fernandez



Manuel Cardo Martinez



Marçal
Cervinho



Benito Garcia Yanez



Francisco Alfaya Carballo



José Sane
Soarez



José Ma-
ria Fortes



SANTIAGO DE COMPOSTELA:—A catedral.

ERA desejo de «O Noticias Ilustrado» dar, em este numero dedicado á laboriosa e florescente colonia galaica, um detalhe sobre cada uma das provincias da Galiza e bem assim todos os valores da colonia.

Na impossibilidade de fazer em jornal, tão completo documentario—só possível em largas paginas de um livro—limita-se «O Noticias Ilustrado» a dar á estampa o que melhor poudo conseguir, não tendo havido eleição nem escolha. A todos os galegos que habitam a nossa terra, a todos os nossos irmãos de raça, a todos, saudamos.

Pela pena de Alejo Carrera, galego que em Portugal marca como valor; e pela de Alfredo Pedro Guisado, filho de galego e hoje um grande valor português, poeta, industrial e politico, publicamos dois artigos que simbolisam o abraço fraterno que une os dois povos.



Arredores e passeos pitorescos de Coruña.



Capa de *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* (1921)

FALA UM GALEGO PELO CORAÇÃO

O SONHO DA GALIZA

“A Imprensa de Lisboa, entrevista o sr. dr. Alfredo Pedro Guizado”

As comunicações ao publico os desejos que varios galegos, residentes em Lisboa, tinham de fundar em Lisboa a Casa da Galiza, não esclarecemos suficientemente que o edificio onde aquela será instalada não terá nenhuns fins politicos, não servirá, se quer, para realizar qualquer programa de nacionalismo. A sua criação terá, segundo informações que obtivemos entre os mais categorizados membros da colonia galega, como unico intuito, estreitar cada vez mais, a união entre todos os galegos nossos hospedes, de maneira a encontrarem na sua Casa, não só o conforto e as facilidades que existem em instituições similares das Americas de origem hespanhola, como ainda a hospitalidade que merecem aq. eles que por Lisboa houverem de fazer passagem.

Mas, como quer que o assunto da independencia da Galiza esteja arreigado na alma de todos os galegos, quer estes vivam em Portugal, quer em terras de Alê-Minho, procuramos o sr. dr. Alfredo Pedro Guizado, galego de coraçao, rapaz culto, talentoso e de largas vistas, solicitando-lhe uma entrevista. O sr. dr. Guizado, que conhece a questão profundamente, disse-nos, depois de nos ter recebido, amabilissimamente:

De norte a sul, pelas cidades, pelas vilas, pelas aldeias, uma ansia de triunfo, um vento de nacionalismo passa e preocupa os dominadores. E' um sol novo que surge, é uma rosa que nasce no coração do povo e cujo perfume é uma oração à Terra querida que se ergue e que caminha.

Eu, que como sabe sou português, tenho por essa terra e por essa causa, uma simpatia imensa, porque meus pais são galegos e porque me coloco sempre ao lado daqueles que sofrem e querem ser libertados. A Galiza dormia sob o jugo duma noite de séculos que a cegava e a não deixava avançar. Um dia, os intelectuaes ergueram-se, fundaram a *“Irmandade d'a fala”*, bradaram liberdade e acenderam no alto das serras da Galiza, a lâmpada sagrada do patriotismo.

A luz iluminou a paisagem e as almas, e da boca em boca e no brilhar das foices e no sussurrar dos pinhais, um hino, um longo hino de Amor e de Saudade, uma canção do Passado que não morrera e apenas estava adormecido, se ergueu e perfumou os ares e abraçou os céus.

Nas orações dos poetas, porque são orações os seus versos, nos gritos revoltados dos desenhadores que transformam os lapéis em espadas, passa uma onda de patriotas, que se agrupam que dia a dia aumentam, que pronunciam o nome da sua Patria como os fanaticos pronunciam o nome de Deus, que levantam nas mãos anciosas o calix da sua Raça vigorosa...

O movimento agrario galego, meu amigo, é um movimento-alma que ha-de vencer, verá...

Ainda ha meses me dizia o grande pintor galego, Rodriguez Castelao, numas suas cartas, escrita na lingua de Curros Enríquez: *“sigat arguense desde foi pouco tempo un ventro que ben pudera rematar en treboada. Xu-*

amos moitos a berrar co'o puno pechado car'a historia d'hespanha.”

E acrescentava mais adiante numa outra passagem da mesma carta, erguendo bem alto o seu espirito patriótico:

“En faxo d'os triunfos de Madrid e somente son feliz n'a miña terra.”

E assim todos os artistas.

Os discursos de entrada na Academia Galega, de dois grandes poetas Rey Soto e Ramón Cabanillas, foram duas afirmações de exaltado nacionalismo. Nos versos de Rey Soto ha serenidade, nos de Cabanillas há o grito que se repete nos ecos e que galga montanhas. Para exemplo, ouça o meu amigo esta poesia lindissima, que eu decorei, que se encontra no seu livro *“D'a terra asoballada”* e que se intitula: *“En pé!”*

Hirmans! Em pé, sereos,
a limpa frente erguida,
envoltos na brancura
da luz que cae de riba,
o corazon aberto
a toda verba amiga,
e n-unha man a fouce
e n-outra man a oliva,
orredor da bandeira azul e branca,
orredor da bandeira da Galizia,
cantemol-o dreito
a libre, nova vida!

Validos de treidores,
a noite da Frouseira
a patria escravizaron
uns reises de Castela.
Comestas pol-o tempo,
xa afloxan as cadeas...
Hirmans asoballados
de xentes extranxeiras,
ergamol-a bandeira azul e branca,
y-o pé da ensina da nazon galega
cantemol-o dreito
a libértá da terra!

Hirmans no amor á Suevia
de lexendaria historia,
en pé! en pé, dispostos
a non morrer sin loita!
O dia do Medulio
con songre quente e roxa
mercamol-o dreito
a libre, honrada chouza!
Ná está o vento a bandeira azul e branca.

A oliva n'unha man, a fouce n'outra
berremos alto e forte:
“A nosa Terra é nosa!”

Um movimento que encontra á sua frente toda a alma dum povo de há muito submetido, tem de forçosamente vencer e ha de vencer. Em cada aldeia encontra-se uma sociedade de agricultores e em cada uma dessas sociedades, que é um templo, eleva-se um altar, sobre o qual a imagem suave e guardada por uma lâca, onde em cada homem vive um sacerdote duma religião que é bela porque se cerca de fé, que é grande porque redime o li-berta.

Pena é que não sa conheça em Portugal que os portugueses sintam um desdem injustificavel por um Povo que é grande pelo seu talento, pelo seu patriotismo, pelo seu traballo...

CAPIENTO

Faeta do humanismo

“O Sonho da Galiza. ‘A Imprensa de Lisboa’ entrevista o sr. dr. Alfredo Pedro Guizado”, *A Imprensa de Lisboa*, 12/03/1921, p. 1, Edição da Noite



“A Independencia da Galiza. A ação dos galegos em Portugal. Porque não são conhecidos dos portugueses as suas aspirações e os seus desejos de liberdade?”, *A Imprensa de Lisboa*, 7/03/1921, p. 1, edição da noite

XXXVIII

Jogos florais galego-portugueses

A literatura galega é uma literatura-saudade, como que a sombra duma aza linda, que desenha o passado, como uma boca que segreda suavidade e tristeza e agita com o seu halito os braços inquietantes da paisagem. É uma literatura cantada - «Uma vez, num paiz desconhecido, houve uma princeza...» Assim, assim como começam os contos de meninos assim como se recortam as lendas... E foi em menino, que me contaram essa literatura, e é agora, que já vou atingindo meio caminho da vida, que embalado na minha sensibilidade, lentamente, carinhosamente, essa linda terra de castelos arruinados, espreitando do cimo dos outeiros, essa Galiza doentinha, há tantos séculos encarcerada á beira do Atlantico, que conhece o mundo apenas atravez as grades da janela que se chama Espanha.

A literatura galega resente-se da dôr enorme que magoa a alma dos poetas, dos artistas, daqueles que têm no coração o nome da sua Patria desenhado a côres velhas de tristeza. É uma literatura doentia, uma literatura que se debruça na Alma da paisagem. E as bocas falam baixinho os versos dos seus Poetas, como se rezassem... É que há Poetas na Galiza que passaram ao altar: - Rosalia Castro, A Santa Rosália, cujo nome, quando se pronuncia, é como se fôsse de oiro, como se as bocas das moçoilas trouxessem aquelas palavras no regaço...

A Santa Rosalia, aquela que falou da sua Terra com as suas canções de veludo, a que falou da paisagem, como o luar das roseiras. É que Rosalia Castro foi um luar que caiu em seda sobre a sua Terra e as mãos das rosas ergueram em perfume nos seus versos. Rosalia Castro dá a impressão que escreveu os seus versos com os seus dedos alongados em Alma, alongados em sonho. E de quando em vez, revoltase, sente a dôr da sua terra ser sua propria dôr.

«Galicia, ti non téas Patria.

Ti vives no mundo soya».

Soziña, esternamente sozina, á beira do Atlantico, sombra-outono em que caem as horas como as folhas sêcas do *arvoredo Tempo*.

Rosália foi a Rainha de cujo séquito ficaram vários nomes: - Curros Enríques, Eduardo Pardo, Añón, Barcia Caballero, Aureliano Pereira, Lozada, Rodriguez Gonzalez e muitos outros em cujos corações se embolou o Passado. Admiravel séquito de admirável Rainha, que encerra em si toda a tristeza da paisagem e toda a melancolia das tardes que aquele Povo sabe sentir, inquieta religiosidade das horas em que o Sol morre e em que o misterio anda de bosque em bosque e de rio em rio, mão invisível a recolher os ultimos pedaços do dia que ainda se conservam aqui e além e os leva para longe e os encerra em lugar seguro.

Mas a que vim eu falar aqui de literatura galega?

Há dias, o *Diário de Lisboa* levantou a ideia da celebração nesta cidade duns jogos florais luzo-galaicos, e imediatamente me dirigi, por carta, a António Vilar Poente, o ilustre Presidente do Conselho Permanente das «Irmandades da Fala», os agrupamentos nacionalistas galegos, onde os intelectuais predominam, a fim de conseguir saber como seria recebida a noticia. A resposta não se fez esperar. Vilar

Ponte respondeu entusiasmado, dizendo ter enchido de alegria a boa nova o coração dos nacionalistas e que ajudarão em tudo e por tudo a ideia. Que contassem com eles! E entre eles estão os grandes Poetas da Galiza moderna: Ramón Cabanillas, por exemplo, que é um grito de revolta, um golpe de vento a sacudir a sua terra, a agitá-la, a animá-la: O que brada bem alto:

«Antes que ser escravos,
!hermans, hermans gallegos!
que corra sangue a regos
dend'a montaña ó val.»

É um grito da Raça que ressoa nos montes, que ergue foices, que sacode pinheirais gigantes.
É o mesmo revoltado que, ao falar da sua terra, magoadamente diz:

«A dos antigos mosteiros,
A dos pazos encantados,
A dos santos milagreiros
Contr'os entangarañados.

A dos froridos valgados
A do barulleiro mar,
A dos roibas alboradas
Y as noitiñas de luar,

!Galicia! Nay e Señora,
sempre garimosa e forte;
preto e lexos; onte, agora,
mañán... na vida e na morte!»

São esses Poetas, esses artistas como Castelao, que transforma o seu lápis em lança em torneios de defeza pela sua Terra, que respondem pela pena de Vilar Ponte, dando o seu apoio á ideia do *Diário de Lisboa*. E na sua ancia de gritarem Pátria pelo mundo fóra, diz na sua carta Vilar Ponte:

«O noso soño é organizar em Lisboa un-ha *somana galeguista*. Un ciclo de sete conferencias que estarian a cárrago de pergoeiros do nazionalismo galego, capaces de causaren sensación n'esa Terra, com'a causaron na Cataluña outrora, falando nos principais centros intelectuais de Barcelona»

E depois de citar os nomes dos conferentes: -Vicente Risco, Johan V. Viqueira, Louzada Dieguez, três professores distintissimos, Barnet Fonteula, Pena Novo, Xaime Quintanilla, ele próprio e Ramon Cabanillas, «*a prol intelectual da Galiza*», como ele lhe chama, acrescenta ainda: -«Esta *somana*

galeguista poderia resultar como o convite para outra *somana lusitana* na Coruña, capital da nazión galega. Cal fixemos c'os homes mais saintes do catalanismo outrora».

Curiosíssima a ideia. Antes dos jogos florais, como preparação, seria adorável a realização dessa série de conferencias galegas, seguidas de uma série de conferencias portuguesas na Corunha. É necessário conhecer a Galiza. Lisboa desconhece a sua literatura como desconhece o momento político que aquela terra atravessa; ignora a sua Arte, como ignora a sua ancia de liberdade. E a Galiza conta hoje com uma pleiade de artistas admiráveis, cujos versos são repetidos de boca em boca, cujos desenhos passam de mão em mão, com o mesmo cuidado, com a mesma religiosidade com que os fanáticos passam nos seus dedos, as contas dum rosário.

É necessário que, quando se fale na Galiza, não haja aquele sorriso malévolos que é do costume haver. A Galiza hoje é um lenço bordado que o vento da saudade sacode e que as mãos inquietas de seus filhos acariciam e erguem bem alto para atingir Deus.

E agora que o *Diário de Lisboa* lançou a ideia, oxalá não fique apenas n'isso, oxalá a secundem os intelectuais, os artistas portugueses, porque, como diz Vilar Ponte:

«A alianza espiritoal estreita, base de toda-las mais alianzas entre a Galiza y o Portugal, asin ficaria feita».

Alfredo Guisado, “Jogos florais galego-portugueses” in *Diario de Lisboa*, 20/05/1921, p. 3

XXXIX

Jogos florais luso-galaicos

Os jogos florais luso-galaicos devem de realizar-se no propio Outono. É bem escolhido o Outono, a estação em que o silêncio fala nos campos com a voz das folhas secas. Cada folha que passa amarelinha, a arrastar-se numa [sic] resa pelas pedras dos caminhos, é uma asa que tombou. Baloçou-se nos ramos poisada como uma pomba, feriu-se de morte nos dedos do Outono que a afagou de sonho e caiu sobre o tapete da tarde. Foi uma criança nos braços do arvoredo; é uma velhinha nas sombras dos valados.

A Galiza, a velha princesa prisioneira, é também uma fôlha que tombou ferida de morte, que foi embalada nos braços livres da Europa, que dorme vencida e triste no cárcere doentio da Espanha. O Outono, a hora-triste em que perdeu a sua independência e a sua liberdade, venceu-a, dominou-a, mergulhou-a no silêncio, fê-la esquecer enfim. Foi uma princesa outrora; é uma mendiga hoje.

Foi uma Castelã que ergueu ameias e torres, abriu séteiras e fossos nos seus castelos altivos: é uma pastorinha doente que aguarda o rebanho das horas belas do seu passado e sonha um futuro de luz. Os documentos mais antigos que aparecem escritos em galego, e dos quais não restam dúvidas, não vão além do ano de 1255, segundo o afirma D. Manuel Murguia.

Depois falou alto pela boca dos trovadores que ainda projectam sombra nos velhos cancioneros, onde juntos como os portugueses entoaram saudade e Amor. As poesias desses cancioneros foram feitas no período aureo da Galiza, quando ela, como diz Murguia, “afirmo su personalidad tanto em los breves momentos que durante la reconquista, monarcas propios ocuparon su sólo, como en aquellos otros propícios a la realizacion de sus destinos que le permitieron poseer lengua, literatura, arte, ley consciencia de si propia, en una palabra, los caracteres todos de una nación perfectamente definida”.

É lá que fica o passado da literatura galega. São alguns daqueles poetas que ergueram o grito da patria, alguns daqueles poetas digo. Porque a sua nacionalidade é impossível dizer-se como precisão, pois como ainda afirma Manoel Murguia, as dificuldades que se experimentam para indicar a patria de cada um dos trovadores dos cancioneros são por vezes insuperáveis, por na mesma língua trovarem, nessa lingua que era a mais usada n’aquela época, na Peninsula.

Depois veio o dominio estrangeiro, a invasão duma lingua estranha, a perda da sua importancia política e a literatura galega morreu. Os poetas, os escritores galegos esquecidos do passado e da sua patria, passaram a escrever em castelhano e eis que, aparece entre eles – apenas citarei este porque se celebrou mais – o famoso frade corunhês Jeronimo de Castro, publicando a sal «Nise Lacrimosa» que tanto tem dado que falar, pelas semelhanças que apresenta com a «Castro» do Dr. Antonio Ferreira. Sobre as parecenças destas obras, - o Dr. Mendes dos Remedios acusou o célebre frade galego de ter plagiado vilmente – escreveu-me há tempos uma carta, o erudito Secretario da Academia Galega, o ilustre escritor D. Eugenio Carré Aldao, dizendo-me que talvez em breve publique um trabalho seu sobre o assunto, no qual provará que, se alguma coisa há entre aquelas obras, é apenas a coincidência de serem semelhantes e que nunca poderia Jeronimo de Castro plagiar, visto que a «Nise Lacrimosa» foi publicada em 1577, muito antes da «Castro», que só foi dada a publico em 1598, vinte e nove anos depois da morte do Dr. António Ferreira, publicação que fez seu filho Miguel Leite Ferreira.

O Que é certo é que a Galiza caiu no silencio. Apenas a voz do povo não emudeceu de todo. O povo foi o poeta que conservou a tradição, que a arrastou pelo caminho dos séculos, que a trouxe ao colo da sua Raça como uma filha querida. É que o povo é sempre o eco do passado. Por fim, Rosalia de Castro e Curros Enríquez, aquela nas «Follas Novas» enos «Cantares Gallegos» e este nos «Airos d'a miña terra», levantaram em alto grito do cimo da sua Arte, a velha literatura galega, repondo-a no seu lugar, abrindo o caminho para os novos, para os que teem vindo pouco a pouco seguindo os seus passos e que já são muitos hoje.

Portugal tem de os conhecer e há-de os conhecer.

Os jogos florais, luso-galaicos serão o início. Depois a literatura galega entrará em Portugal do mesmo modo que a literatura portuguesa na Galiza, como se fosse duma mesma terra e dum mesmo povo, como se a mesma sensibilidade e o mesmo coração os animasse, como se dois amigos de ha muito afastados viessem de novo encontrar-se no caminho da vida, recordando o passado e erguendo luz e esperança no futuro.

Afredo Pedro Guizado, “Jogos florais luso-galaicos” in *A Democracia*, nº 55, 12/08/1921, p.1

XL

Galiza e Portugal

A Galiza vive lá longe, num recanto da Península, debruçada sôbre as águas a cantar a sua paisagem encantadora ao som nostálgico dum mar que a embala na sua tristeza de vencida.

É um país-saudade. Freirinha que uma balada cantou e que, quem a não conheça na sua beleza e na sua Alma, a não acredita.

Passou para o regaço da lenda. Adormeceu de sofrimento, a entoar a sua ida liberdade, enquanto o Minho, rumoroso e triste, se estende como um galgo aos pés duma princesa prisioneira. É uma doentinha. Vive do seu passado. Só na Alma dos seus poetas ainda vibra, serenamente os escuta, ansiosa, antevendo na sua fé a vinda de melhores dias. E em volta dela cerram fileiras milhares dos seus filhos decididos a erguê-la, a dar-lhe vida. E ela levanta-se, acorda, vai quebrando as algemas que a prendiam a um esquecimento tal que a tinha banido por completo do convívio do mundo. O grito de vida que junto dos seus ouvidos dolentes ergueu primeiro Rosalia Castro e Curros Enríquez, Añón e Pondal e tantos outros, como Cabanillas, Carré, Villar Ponte e Castelao, agora, sacudiram-na, agitaram-na e ungiram-na duma rústica saudade que a embala e que lhe dá fôrças para caminhar. Rosalia Castro transformada de Poetisa em Santa, de mulher em símbolo, é o estandarte que segue na frente do cortejo daqueles que para a Galiza vivem e só para ela trabalham.

Há pouco, Catalunha, quis dar a conhecer a Lisboa a sua Arte, a sua gente, a sua Alma. Todos falavam em Catalunha porque a sua voz, não sei se por mais vibrante, se porque nunca lha sufocaram tanto como a de sua irmã Galiza, conseguira fazer-se ouvir desde o seu cárcer-Espanha até além fronteiras, mas ninguém falava nem ainda fala na velha Galiza, - desventurada e tristonha – ou se nela falam é para a criticar com uma severidade ignorante e maldosa. É necessário que essa ideia que a maioria do povo de Lisboa e até de Portugal tem sôbre esse país tão nosso irmão pela Raça, acabe e que se dê a conhecer tal êle é, em todas as manifestações da sua Arte. É necessário que uma exposição de Arte galega se faça em Lisboa, é preciso que ao lado dos seus escultores e dos seus pintores, venham os seus poetas e falem e digam o que sentem: - a sua imensa amizade por Portugal, a sua infinita fé no triunfo da sua terra!

E que o povo português os acompanhe, para que, uma vez volvidos ao seu país, lhe dêem mais vida ainda com a fôrça da solidariedade adquirida nesta terra que tão hospitaleira tem sido para os seus filhos.

Alfredo Pedro Guisado, “Galiza e Portugal” in *Seara Nova*, nº 6, 14/1/1922, p. 148.

[A Semana Portuguesa na Galiza]

[...]

Sr. Eduardo Schusibach. – Meu prezado amigo: - Há semanas o «Diario de Noticias» levantou, nas suas colunas, a curiosa ideia da realização de uma Semana Portuguesa na Galiza, ideia que vinha de há muito sendo acarinhada por Antonio Ferro, com quem tive ocasião de trocar, varias vezes, impressões a esse respeito. Na Galiza, onde me demorei numa larga cura de repouso, pude falar com Ramón Cabanillas, hoje um dos nomes mais brilhantes da literatura galega, e fiz-lhe saber o que se pensava levar a efeito. Acolheu a ideia com grande satisfação. Falou-me demoradamente dos nossos poetas, citando nomes, citando livros, recitando até algumas poesias; falou-me no interesse com que certamente seria recebida em toda aquela região, essa iniciativa; falou-me ainda da necessidade de depois se realizar também em Portugal uma Semana Galega, dando assim a conhecer o que é a Galiza intelectual e artistica, que a maioria do nosso povo desconhece.

E, ao despedir-me, abraçando-me, disse que podia contar com a sua colaboração e com o seu entusiasmo.

Nessa mesma ocasião, em Madrid, Antonio Ferro conversava com Correa Calderon sobre a mesma ideia. Alguns jornais daquela cidade e de Vigo falaram no assunto. Pensou-se em chamar, por alvitre do marquês de Quintanar, a essas festas, as «festas da fronteira». Alguma vez o «Diario de Noticias» se referiu a elas, ao que foi secundado por mais alguns jornais da capital, e depois todo ficou no mais completo silencio, naquele silencio que é quasi sempre a guarda avançada do esquecimento.

O que pretendo eu com esta minha carta? Apenas pedir-lhe, sr. director, que esse silencio se não prolongue e que o «Diario de Noticias» continue acarinhando e animando a realização dessa ideia, para assim e mais uma vez o nosso Pais se fazer representar lá fora, se dar a conhecer, fazendo desse modo a sua propaganda intelectual. É possível que muita da nossa gente se alheie, se sorria e encolha os ombros, calculando que a velha Galiza pouco nos pode interessar. É um engano. A Galiza hoje é uma das regiões espanholas que mais avançam, que se modernizacom maior rapidez e que se desenvolve com maior facilidade. A sua literatura é qualquer coisa de importante e nela se encontram nomes que merecem admiração, como o de Rosalia Castro, que a nossa ilustre artista sr.^a D. Amelia Rey Colaço com tanto carinho tem divulgado, recitando os seus versos; o de Curros Enriequez, que nos seus livros agitou a sensibilidade patriotica da sua região; o de Amado Carballo, que a morte ceifou em plena mocidade e que aliou á sua inspiração o arrojo das suas imagens; o de Ramón Cabanillas, a quem nesta minha carta já me referi e que sendo autor de mais de uma dezena de livros escritos em galego, viu ainda ha pouco tempo o seu talento premiado pela Academia Espanhola, que lhe abriu as suas portas. E, ao lados dos poetas e dos novelistas, dramaturgos, pintores, escultores, jornalistas, toda uma admiravel geração de artistas que desconhecemos e que se é interessante que a conheçámos, é, sobretudo, necessario que nos conheça. Não deixe no esquecimento, meu prezado amigo, a ideia que o seu jornal lançou há semanas.

Estou convencido que Antonio Ferro, que tantas vezes me tem falado da Semana Portuguesa na Galiza, não se esquecerá e dela tratará com aquele cuidado e com aquele brilho com que lhe costumamos ver tratar todos os assuntos que lhe merecem interesse, como convencido estou também que toda a

imprensa portuguesa secundará essa iniciativa no intuito patriótico de mais uma vez triunfar lá fora o bom nome da nossa terra.

Creia-me sempre-De V., etc., *Alfredo Guisado*

“A Semana Portuguesa na Galiza” in *Diário de Noticias*, 3/01/1929, p. 1

curalino

A "SEMANA PORTUGUESA NA GALIZA"

Aumenta o entusiasmo por esta nova iniciativa do "Diário de Notícias"



A comissão com o director do «Diário de Notícias»

Vai tomando dia a dia maior e mais entusiástico incremento a ideia da realização da «Semana Portuguesa na Galiza», ideia em que os jornais de Vigo largamente se têm referido com amigável interesse.

A colonia galega de Lisboa, tão avultada e laboriosa, trouxe-nos ontem a sua calorosa presença, as suas felicitações por esta nova iniciativa, pondo-se incondicionalmente a nossa disposição e manifestando-nos o seu intenso desejo, que a também e nosso, de que a obra tão brilhantemente iniciada, seja levada a cabo com o lustro que merece.

retribuida mais tarde pela realização de uma «Semana Galega em Lisboa».

Tais foram os sentimentos expressos pela comissão que ontem nos visitou, composta pelos seguintes srs.:

Dr. Constantino Molinos, José Maria Rodriguez, presidente da Associação Galega; Antonio Conde, presidente da Juventud de Galicia; Ramiro Vidal Carrera, alcalde de Mondariz, actualmente entre nós em gozo de férias; Castor Rodriguez Alfala e Alejo Carrera, nosso camarada da imprensa.

Muito nos desvaneceu esta visita, honrando-nos as palavras de incentivo e carinho que nos dirigiram e que jubilosamente registamos.

Diário de Notícias, 2/02/1929, p. 1. Fotografia: CPJ

XLIII

Galegos

Antonio Ferro, que é uma pena brilhante, num admiravel artigo publicado há dias sobre «A Semana Porguesa na Galiza», refere-se a mim com palavras que muito agradeço, se bem que compreendo serem devidas sómente á sua velha amizade. O que é certo é que me obriga a escrever mais algumas palavras sobre o assunto, eu que, com uma simples carta, quis apenas não deixar no esquecimento uma iniciativa que pode ser mais um grito de orgulho de nossa Raça em terra de além-fronteira e, sobretudo, naquela que, por muitos motivos, se parece mais com a nossa, quer pela alma e sentimento do seu povo, quer pela semelhança dos seus usos e costumes. Como conheço bem a Galiza e como como conheço também o que são e o que valem os galegos, lamento que, por vezes, nós, portugueses, sejamos tão desagradáveis para com eles.

Sim, porque temos de confessar, a palavra-galego-anda constantemente cercada no nosso vocabulario dum grande desprezo e dum profundo ridiculo. Sucede muitas vezes, quando se chega ao insulto, atirar com essa palavra por se supôr que ela encerra uma das mais agressivas e violentas ofensas. Já até tem acontecido aparecer nas colunas de alguns dos nossos diários como o termos encontrado que melhor pode amesquinhar determinado cidadão.

Em Espanha sucede o mesmo também. Qual será a causa? O ilustre escritor D. Eugenio Carré Aldao, num dos seus valiosos estudos sobre a literatura galega, explica-a quanto a Castela, porque, quando perdeu Portugal, vendo na Galiza uma enorme semelhança com o nosso país, quer pela raça, quer pela lingua, a alvejou então, por despeito e por vingança, com o seu desprezo; e, quanto a Portugal, porque considerava a Galiza e a considera ainda como um territorio que devia fazer parte integrante do seu. Se é esta, efectivamente, a causa, não sei; o que é verdade é que os galegos vêm de ha muito servindo de assunto para gracejos, por vezes pesados, quer nas conversas, quer nos teatros, quer nos livros ou nos jornais. Será pela lingua que usam? Mas ela é tão semelhante á nossa que, segundo uns, «uma e outra lingua têm a mesma origem e principio», e, segundo outros, «Portugal recebeu da Galiza lingua, etc.» O proprio Alexandre Herculano, numa carta que dirigiu a Benito Viccetto, em 25 de Julho de 1872, diz que «o português não era mais do que o galego civilizado e aperfeiçoado» e Andrade Ferreira afirma que «a uniformidade da nossa lingua com a galeciana ou galega não provém só da influencia latina e sim da homogeneidade que entre elas sempre houve». Nos velhos cancioneros a lingua é tão igual que é difficil de responder á pergunta de quantos e quais são os trovadores galegos ou portugueses, porque resistem a todas as investigações. No principio da nossa nacionalidade as linguas portuguesa e galega são de tal modo semelhantes, que há quem afirme que, «durante os quatro primeiros seculos da sua existencia como independente, Portugal não teve outro idioma que não fôsse o galego primitivo e, por conseguinte, em galego estão escritos todos os monumentos da literatura portuguesa anteriores ao seculo XV». Ainda hoje, entre as lingua portuguesa e galega, apesar daquela ter evolucionado e desta ter cristalizado, se encontram enormes semelhanças. O mesmo sucede com ambas literaturas, o que nos demonstra que tiveram a mesma origem. É por isso que quando a nossa ilustre artista sr.^a D. Amelia Rey Colaço, senhora de grande cultura, recita as encantadores poesias de Rosalia Castro, chovem sobre ela os mais entusiasticos

aplausos, numa demonstração de que sabemos compreender a ternura, a inspiração e a beleza desses versos que, quando os ouvimos, sabem a terem sido sentidos por uma alma igual á nossa.

Ridicularizar, portanto, os galegos, pela sua lingua, o mesmo será que ridicularizar-nos a nós próprios, falando do nosso glorioso passado literario.

Então será pela sua gente? Não encontro ainda o motivo, porque, se é certo que muitos daqueles que a sua emigração envia para a nossa terra em busca de fortuna por vezes não têm uma educação e uma cultura que seria para desejar, não menos certo é também que isso sucede com os emigrantes de todos os outros países e não nos merecem uma critica tão mordaz nem uma tão ironica perseguição. A colonia galega, salvo algumas excepções, é uma colonia honesta e laboriosa, que sabe sentir como nenhuma outra todas as dores e todas as alegrias que nós, portugueses, sofremos e a nosso lado se encontra sempre para nos defender com carinho e com dedicação quando, porventura, nos pretendem atacar. É certo que entre os individuos que compõem essa colonia alguns ha que, pela falta de aptidões ou pela ansia de encontrarem trabalho, se submetem a angariar o pão de que necessitam em trabalhos que ainda mais os sujeitam ao ridiculo, mas isso não significa que sirva de regra para ser julgada uma colonia, por sinal das mais numerosas que se encontram em Lisboa. Não, não ha motivo nenhum que justifique o ridiculo e o desprezo com que temos durante tanto tempo cercado a palavra-galego.

O *Diario de Noticias*, levantando a iniciativa da realização duma «Semana Portuguesa» em terras de além-Minho, dando assim a conhecer naquela região, onde ha grandes artistas e admiraveis literatos, o que somos e o que valem, muito ha-de contribuir para o conhecimento e respeito mutuos entre os dois povos.

Alfredo Guisado: “Galegos” in *Diário de Notícias*, 17/02/1929, p. 1

poesias galegas

Pensamento d'home vello
Pra un-ha nena pouco val,
E' cal inaxe d'espello
S n' azougue no cristal.

ANDRÉS MARTÍNEZ SALAZAR

FALAS DE NAI

Eses cabelos crechos, dourados
ese teu rir;
eses oll-ños negros, fermosos,
no seu mirar;
Se a mozo chegas cantas rapazas
farán sorrir;
Se antes non morres; cantas mulleres
farán chorar!
Mais tua naiçia por mor das outras
n'has d'esquencer,
pois inda atopas entr'elas goce
na sua pasión
Os goces veñen solo filliño
pra se perder:
Amor constante dos nais hay solo
no corazón.

MARQUÊS DE FIGUEIROA

VAGUEDÁS

X

Un-ha vez tiven un cravo
Cravado no corazón,
Y eu non m'acordo xa s'era aquel cravo
D'ouro, de ferro ou d'amor.
Soyo sei que me fixo un mal tan fondo
Que tanto m'atormentou,
Qu'en día e noite sin cesar choraba
Cal chorou Madanela n'a Pasión.
«Señor, que todo o podeses
—Pedille un-ha vez á Dios—
Daime valor pr'arrincar d'un golpe
Cravo de tal condición.»
E doumo Dios e arrinquino,
Mais... ¿quen pensara? ¡Despois
Xa non sentin máis tormentos
Nin soupén qu'era delor;
Soupén só que non sei qué me faltaba
En donde o cravo faltou,
E seica... seica tiven soidades
D'aquela pena...; Bon Di's!
Este barro mortal qu'envolve o espírito
¿Quén-o entenderá, Señor!...

ROSALIA CASTRO

HUMORISMO



—...A'em dis o este home bateu-me fror
ment'e agulou o cío para me saltar ds guelas...

¡AY!...

¿Como foi?...—Eu topábame fora
Cando as negras vivigas lle deron,
Pol o aramio sua nai avisoume
Y— eu vinme c'rrendo.

¡Coitadiño! Sintindo os meus pasos
Revolveu car'a mín os seus ollos.
Non me viu... e chorou... ¡ay! xa os tiña
Ceguños de todo.

Non me acordo qué tempo m'estiven
S bre o berce de dór debruzado;
Solo sei que m'erguin c'o meu neno
Sim vida n-os brazos...

Volvorita de aliñas douradas
Que te pousas n-o berce valeiro,
Pois por él me preguntas, xa sabes
Qué foi d'o meu neno.

CURROS ENRIQUEZ

ANTROLOGIA

A VOZ DE GALICIA

Choray, meus ollos, choray.
Portugal, meu hirmanziño,
A Soledade é nosa nay,
Noso berce, o río Miño.

Vñ-mos o mundo xuntos,
Co'o mesmo cío nos vestimos,
Andamos sempre tan xuntos,
Que xuntos sempre sentimos.

Hirmán, cuberto de brillos,
Qu'os teus mortos acariñas,
Os teus fillos son meus fillos,
Y-as tuas doores son miñas.

Choras e cantas, ben sei:
—Choras porque eles morreron,
Cantas porque eles venceron,
Y-en tamén choro e canto.

Tu vives n'o meu carño.
Teus sentidos n'os meus pasan,
Os brazos d'o río Miño
Son meus brazos que te abrazan.

Deixa que acend'a memória
De teus fillos, esta cruz.
¡Quero dar luz a esa grória
Qu'encheu teu sangue de luz!

Nese cortexo d'a guerra
En que s'ergue teu pendón,
Vay a Alma d'esa Terra
E vay o meu corazón.

Eu sou a manziña erguida
Dun-ha santa qu'en min pasa,
¡Tu é-la luz encendida
Sobr'o camiño d'a Raza!

ALFREDO PEDRO GUIADO

A ROSA DE CEN FOLLAS

III

Naceume unha fror no peito...
No furo sombrizo e estreito
Crece que dá grória a ver.

E' bermella! Foi tinguida
Po-lo sangue da ferida
Que rachou para nacer!

XVI

A buscola posei
A mocidade enteira
E um dia reparei
Que estaba á miña beira.

Cando o meu corazón
Comezou a cantar,
Sin dar tempo á canción
Volvérona a levar

Eu coidei que morria
Do dolor de non vel-a
¡Ou, meus Dios! ¿Qué faría!
¿Que faría sin ela?

Enton da alma miña
Mirei ó fondo, e vin
Que para sempre a tiña
Toda dentro de min!

XXII

Inda está botando ágoa
O caño de aquela fonte,
Mais xa deita bagoa a bagoa.

A morte de aquele carño
Deixou o meu corazón
Pequeniño, pequeniño.

E, saloucando e xemendo,
A fonte que era canción,
Bagoa a bagoa, vai morrendo.

RAMÓN CABANILLAS

HUMORISMO



—Qual seria a situação mais dramática duran-
te o Lusitania?
—A falta de chapéus de chuva!

Nós e a Galiza

POR ALFREDO GUIZADO

COMEÇA a fazer-se justiça à Galiza e aos galegos. Já se desenha uma forte corrente que os defende e que os coloca no seu verdadeiro lugar. É uma terra que vive tão perto de nós que lembra uma linda vizinha que habitasse uma casa cujo telhado fosse o mesmo e de cujas janelas se avistasse o mesmo mar e a mesma paisagem e sentisse dentro de si a mesma ternura e a mesma saudade. A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho.

É contudo uma parede tão estreita e tão pouco alta que se ouvem as palavras que se pronunciam do outro lado e quasi que até o ruído dos passos; que se vê passar essa vizinha pela beira dos rios e pela sombra dos pinhais como uma inquieta aldeã em busca dum passado que não consegue encontrar. E a sua voz é tão semelhante à nossa que a ela se referia, com as seguintes palavras, o grande historiador galego Manuel Murguía no discurso pronunciado em Tuy, quando dos Jogos florais da Galiza naquela cidade realizados em 24 de Junho de 1891.

«O noso idioma! O que falaram nosos pais e vamos esquecendo, o que falam os aldeans e nos hachamos á ponto de non entendelo; aquel en que cantavon reyes e trovadores; o que, filho maior da patria gallega, nol'a conservou e conserva com'un don da providencia; o qu'ainda ten nos nosos labres as dozuras eternas e acentos que van ô corazón; o que agora oídes coma se fose un himno religioso; o hermoso,

o nobre idioma que d'outro lado de ese rio é léngua oficial que serve á mais de vinte milhons d'homens e ten un-ha literatura representada pol-os nomes groriosos de Camoens e Vieira, de Garrett e d'Herculano; o gallego, en fin, que nos dá dereito á enteira posesión da terra en que fomos nados, que nos dí que pois somos un pobo distinto, debemos selo; que nos promete o porvir que procuramos, e nos dá a certeza de qu'ha de ser fecundo en ben pra nos todos».

Nas palavras do falecido presidente da Academia Galega, uma das mais ilustres figuras da literatura da sua região, passa todo o desejo de reviver o passado, todo o seu patriotismo, toda a ancia de alcançar para a sua terra, que muito adorava, o bem estar, a liberdade e o sossego necessários para o seu engrandecimento.

Nós, portugueses, começamos a prestar-lhe justiça. Com a realização da «semana» que se anuncia, vamos mais de perto conhecer a patria de Rosalia e de Curros, de Murguía e de Cabanillas e aí vamos ter o ensejo de, sentindo palpitar mais perto a alma galega, conhecermos a estima que por nós sente, estima que se desenha a todo o momento e em todos os actos da colonia que vive a nosso lado, e a quem o «Noticias Ilustrado» presta homenagem dedicando-lhe o seu numero de hoje.

ALFREDO GUIZADO

“Nós e a Galiza”, *O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 15

XLVI

Rosalia de Castro

Dizia Castelar: -«Rosalía, pelos seus libros de versos galegos, é um astro de primeira grandeza nos vastos horizontes da arte espanhola.» Efectivamente Rosalia Castro, que muito amou a sua terra e a soube sentir e cantar como ninguém, é uma das maiores figuras da literatura galega e talvez uma das maiores poetisas da Península. Na sua obra sente-se o esquecimento em que mergulharam a sua região, adivinha-se o sofrimento de uma raça, encontra-se, enfim, em muitos dos seus versos, uma infinita tristeza, como se em cada poesia houvesse um grito e em cada letra se desenhasse uma sentida lagrima. Os seus versos, ela própria o diz, «escritos n'as soidades d'a natureza e d'o meu corazón, fillos cativos d'as horas de enfermidade e d'ausencias, refrexan, quisaís con demasiada sinceridade, o estado d'o meu espírito un-has veces, outras a miña natural disposición (que n'en balde son muller) á sentir como propias as penas alleas.»

Não deixou de cantar nos seus livros nem a tristeza dos que abandonam o lar para buscarem fortuna, numa luta constante em países desconhecidos, nem as comoventes despedidas dos que ficam e daqueles que talvez não voltem mais, nem o encanto das campinas verdejantes, nem a ternura e o sentimento que cercam a alma galega nas canções dolentes com que as moçoilas embalam a luz inquieta das tardes de Outono e os écos adormecidos da paisagem. A saudade, a nostalgia, a tristeza da Raça, tudo passa nos versos da imortal poetisa. Jámais alguém a poderá suplantar, como diz Carré, no seu carinho pela sua terra.

E a juntar ao seu talento uma teimosa e sincera modestia que ainda mais engrandeceu o seu nome. Quando publicou o seu primeiro livro, um livro admirável-«Cantares Galegos»-«o livro mais sincero da poesia galega», na opinião da Pardo Bazán, foi devido á insistencia de alguns amigos da familia que lho mandaram imprimir, e para isso mesmo muito foi preciso insistir para que permitisse que ele fôsse publicado com o seu nome, motivo pelo qual esteve detido largo tempo na tipografia, até que conseguiram o seu consentimento. O exito desse livro foi enorme e a critica a ele se referiu com os maiores elogios, tendo sido alguns dos seus versos imediatamente traduzidos para catalão.

E tão admirados eles foram que, pouco depois, em 1867, quando se realizaram em Barcelona os jogos florais, Rosalia Castro foi a única escritora convidada. Um dos grandes poetas catalaes escreveu-lhe pedindo-lhe para que não faltasse, porque ela seria a rainha da festa. Tanto bastou para que terminantemente se recusasse a aceitar o convite.

E indiferentemente se conservou aos elogios e aos aplausos que rodeavam o seu livro, elogios e aplausos que se repetiram quando da publicação de «Follas Novas», um outro belo poema que, no dizer de Castelar, «se a literatura galega não tivesse nenhum outro livro, este lhe bastaria para o seu orgulho e para a sua gloria». «Gardados estaban ben podo decir que para sempre estes versos,-escrevia ela-e xustamente condenados pol-a sua propia indole á eterna olvidanza, cando, non sin verdadeira pena, vellos compromisos obrigaronme a xuntalos de presa e correndo ordenalos e dalos á estampa.»

Estes dois volumes de versos galegos, sinceramente sentidos, dum lirismo encantador e duma adoravel ternura e a sua conhecida modestia e bondade deram-lhe uma tal aureola de gloria e de carinho que hoje não ha na sua região uma boca que não pronuncie o seu nome como quem o reza, nem uma só

peessoa que o não admire e respeite. Afastada, alheada dos seus triunfos literarios, sózinha, entregue constantemente aos cuidados e trabalhos de sua casa a que era obrigada pelos seus poucos recursos e pela numerosa familia que a rodeava, perseguida por uma longa e pertinaz doença que a não abandonava desde muito nova, pouco a pouco se foi definhando, como ela o parece querer descrever nestes seus encantadores versos:

«Fun n’outro tempo encarnada
Com’á color d’a sireixa
Son hoxe descolorida
Com’os cirios d’as igrexas,
Cal si un-ha meiga chuchona
A miña sangre bebera.
Voume quedando muchiña
Com’ un-ha rosa qu’inverna;
Voume sin forzas quedando,
Voume quedando morena
Cal un-ha mouríña moura,
Filla de moura ralea.»

E, com pouco mais de 45 anos, lá se foi para sempre abandonando a vida, ao mesmo tempo que a seus filhos recomendava, depois de reunir os seus manuscritos, que queimassem todos aqueles papeis logo que o seu cadaver abandonasse a sua casa. E os filhos obedeceram á ultima vontade da mãe, mais talvez do que teria sido conveniente. Desse modo, enquanto o corpo sem vida da grande poetisa era conduzido ao cemiterio, debaixo de cujas arvores ela costumava espreitar o sol que tombava sobre a planicie, manchando de luz a casa de seus avôs, todos os seus versos inéditos-e muitos eram eles- admiraveis como só ela os sabia escrever, eram reduzidos pelo fogo a um montão de cinzas, na lareira da sua casa de Padrón, linda e pequena vila que fica na estrada de Sant’Iago, como uma pequenina estrela dessa outra estrada do mesmo nome que se desenha no céu.

Alfredo Guisado: “Rosalia Castro” in *Diario de Notícias*, 13/03/1929, p.1

XLVII



Castelao (1929), “O homem do organillo”

Página 6

NO MESMO ESTILO...

Por FAISCA



II

JÚLIO DANTAS

Minha queridíssima viscondessa:

As suas lindas rosas, como pomboas mortas pelo brilho dos seus caros anéis de opálas, que Derigny lapidou para uma delicada princesa de Luís XVI, vieram através da transparência dos seus esguios dedos de seda rose, oferecer-me o delicioso aroma com que a minha amiga perfuma as palhetas de marfim do seu precioso cravo do século XVIII com iluminuras de Gaston de Or e que ouviu os odorosos gemidos dos delicados minuetes de Lully.

Quando na Florença, sob os poentes vermelhos e ouro, Dante, o sonhador herói das pedrarias rimadas, cujos versos fazem recordar as penas do seu lindo leque de Watteau onde duas figurinhas, num fundo de esmeraldas doentes, de ancas de seda e sinais no rosto esboçam uma gavotte que foi o sonho dos *incroyables* de Versailles, conta a lenda, sempre curiosa como feminina que é, e resplandente como fulgurações de onix, que por certa acaída meiga e linda como os seus divinos olhos minha querida amiga, teve um dia a tentação de uma rosa veludina e leve como se pintada pelas carícias leves dos lábios vermelhos da Pompadour, viesse pousar cariciosa como tocada pela maravilhosa arte de Frans-Hals, no colo branco de açucena casta duma monja, que o amor encarcerára no Mosteiro das Carmelitas entre as telas de Reynolds e Holbein, a purpura e o ouro dos altares, e o cantochão do senhor D. João VI.

As senhoras gostam muito, dizem aos meredos que o luto é o mais lindo poeta do mundo e os jornais publicam-lhe o retrato. Ditem para si que é ele próprio quem faz as notícias a seu respeito, mas deve ser cá-lúcia, por força.



ALA DOS NAMORADOS



ANTÔNIO FERRO

NO MARTINHO

Encontro-me febril... E com esta mania de exagerar em Arte a febre que me toma, Pego na pena com raiva, com histeria. Mas nem uma ideia ao espírito me assoma.

Passo horas no café. Olho lá para fóra... Um amigo chegou. Baixo os olhos, inquieto... É muito falador, não o aturo agora... Tanto mais que vou vê se acabo este soneto...

Que pena que eu não tenha ao menos uma ideia!... Nunca fiz versos tão asperos, tão feios... Penso! Penso! Mas ao cérebro só me vem

Esta recordação que o corpo me incendia, Que ela tem um sinal oculto num dos seios No direito ou no esquerdo... Eu não me lembro bem...

N. da R. — Esta secção não condiz com a índole do nosso jornal-mas prestámos nela um culto às boas letras que não fica mal a quem gracieja.

UMA HORROROSA TRAGÉDIA NO ROCIO

TRATA-SE DUMA MENINA DA NOSSA PRIMEIRA SOCIEDADE E DUM SOLDADO DA ÚLTIMA

Por ALFREDO ABRIL

Naquella relógio que D. Nuno Alvares Pereira mandou colocar no convento do Carmo para os que escangalham o Rocio sabermos quantas horas trabalham, batiam 19 badaladas. Ao longe um automóvel chorava atrás duma carroça. Havia trens que diziam que a mãe o abandonara. Entretanto Rita Rica, descia sósinha a Avenida e perguntava, a chorar também, o que iam fazer ao Rocio. E esgotava o Alviela lacrimal que descia de seus olhos: verdadeiros Arcos das Águas Presas, la perguntando sempre. Parecia-lhe impossível como lhe dera uma congestão ao Rocio, pois lera algures que o dr. Câmara se preparava para o descongestionar. Ainda na véspera o vira completamente bom! Não somos nada nesta vida!

Desemboçou no Largo do Camões e, ao entrar na Praça de D. Pedro e ao vê-la com a cara retalhada, perdeu os sentidos e caiu inanimada. Apitos, gritos, correrias. Um cavalo da guarda desatou a correr e o guarda do cavalo, desatou a bater. Veiu a policia. Juntou-se gente, rodearam a Rita, um wagon-lit do Sinal da Cruz, chegou e alguns sócios levantaram a infeliz desmaiada, meteram-na no wagon e lá a levaram para o hospital que S. José no tempo do Marquês de Pombal tomou de trespasse a Todos os Santos. Ao fim de duas horas, a Rita que, pelo que mais tarde se averiguou, tinha ido lá dentro, ainda não voltara a si. No meio do reboliço, um soldado de infantaria, que fora campino do sr. Infante e morava na rua das Cavalarias do Infante, numa água furtada a outro prédio, pois naquella

não havia chafariz nem contador encontrou uma caixinha de prata, pequenina, do feitio das que usam as senhoras para o pó de arrós, e guardando-a na algibeira das calças, seguiu o seu caminho.

Chamava-se ele, (o soldado, é claro, não confundir com o camilho), João Lávã.

Ora aqui é que a tragédia se apresenta com todos os seus horrores... Rita Rica, tendo voltado a si, declarou que vivia com a mãe nas Escadinhas da Mãe de Água uma mulher de setenta e sete anos, (a mãe da Rita é claro, e não a mãe da Água), e que tinha telefone.

Ter telefone significa que se pode mandar a voz de carruagem enquanto se fica á espera da resposta, mas nos nossos telefones não é bem assim, pois equivale a mandar a voz a pé ou de carroça enquanto o indivíduo espera e desespera. Tem até sucedido às vezes o paciente mandar a um recado a voz e quando volta com a resposta já o cidadão não pertence ao número dos vivos. Mas voltando ao assunto. Telefonaram, mandaram vir a mãe que chegou pouco depois allita e pálida. Logo que chegou ao Banco do Hospital deixou-se cair sobre um Banco com umas notas do Banco de Portugal na mão.

— Isto — berrou ela indicando as notas — a quem a encontrar, a quem a encontrar!

A scena comoveria qualquer Ié-nine. O silêncio era sepulcral. Entretanto, Rita Rica olhava e não via, escutava e não ouvia. Horror!...

— Cem escudos — bradava a mãe — a quem encontrar uma caixinha de prata que minha filha perdeu.

O RISO DA VITORIA

Saíram vários a correr pela rua do Arco da Graça, que tem graça porque não tem arco, (alguma Câmara transata lh'o destongestionou), atravessaram a Calçada do Garcia que era um bellissimo rapaz, e záz... em busca da tal caixa. Rebuscaram e nada. Que Diabo teria dentro a caixa? A mãe entretanto no hospital explicava:

— Trazia nela os sentidos a minha filha, e perdeu-a?

Solução.

— E agora — continuou ela — a minha filha não cheira, não ouve, não gosta, não vê, não apalpa... As lágrimas corriam em fio para um ralo que comunicava com o canal geral.

Passaram-se dez dias, (subentende-se que se passaram também dez noites), e a mãe de Rita Rica, chorava pelos cantos da casa e balbuciava:

— Ai, a minha rica Rita, ai, a minha Rita Rica!

Quando se sentavam para comer, a mãe almoçava á pressa e emprestava o gosto á filha, (pois não tinha mau gosto), para que comesse alguma coisa também; quando a mãe via um rapaz de fortuna que lhe convinha para a pequena, pois até lhe poderia comprar uns sentidos novos na Alemanha em comprimidos de Bayer, emprestava-lhe o ver e a rapariga olhava; quando passavam num jardim, emprestava-lhe o cheirar e a Rita cheirava; quando queria que a filha apalpas-se qualquer objecto, emprestava-lhe o apalpar e a rapariga apalpava.

Iam vivendo assim. Uma vida dolorosa, é certo, pois acontecia que quando a mãe precisava chamar a filha tinha de lhe emprestar o ouvir enquanto falava, restituindo-lh'o a filha quando respondia.

Rita Rica que fora educada na Escola Filosófica, (Beco do Fala-Só), sabia que «morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho» e não raras vezes pensou em roubar á mãe os sentidos quando estivesse a dormir e fugir depois com eles. Numa noite (que noite aquella!), pé ante pé dirigiu-se para o quarto da mãe, entrou, pôz o ver e examinou os restantes sentidos. Não valia a pena o roubo. Como eram as duas que os usavam, já estavam quasi gastos. Retirou novamente e desatou a chorar. Quando já tinha chorado o suficiente, atou de novo o chorar e adormeceu... Eram seis horas da manhã.

E o soldado que encontrára a caixa? — perguntarão os leitores com as lágrimas no lenço.

Esse, coitado, logo que encontrou a caixa dirigiu-se para casa, destapou-a, levou-a ao nariz e aspirou fundamente. Desde esse momento começou a ter duplos sentidos.

Quando cheirava, cheirava duas vezes; quando apalpava, apalpava duas vezes...

Tinha uma coisa a seu favor: — é que quando ia ao teatro, mesmo que pagasse, ia sempre uma vez de borla, porque via e ouvia a peça duas vezes e se sucedia agradar-lhe, gostava duas vezes.

Mas — oh! céus! — possuía um defeito que o matava lentamente. Quando ficava de guarda ao quartel, estava sempre, sempre, horrorosamente sempre na posição de sentido...

POVOS QUE REMOÇAM

As relações luso-galaicas

A obra de renovação na Galiza

A colónia galaica de Lisboa tem demonstrado sempre as suas simpatias por Portugal. De facto Portugal acolhe-a com a maior simpatia e os nossos laboriosos galegos votam-lhe a dedicação que é devida a uma pátria adoptiva.



Encontramo-nos com o dr. Alfredo Pedro Guizado que, apesar de português, conhece bem os problemas galaicos.

Filho de pais daquela região, o dr. Pedro Guizado, consagra á Galiza um verdadeiro afecto, falando dela sempre com entusiasmo. Quisemo-lo ouvir sobre os vários aspectos do problema galaico.

O dr. Pedro Guizado, após alguns momentos de reflexão, começa por nos dizer:

— Concretisar numa entrevista tudo o que se pode dizer da Galiza, seria o mesmo que pretender meter o oceano numa lagôa.

De há muito que é hábito tomar-se a Galiza por um país de comédia que só serve para graças de mau gosto, facto que deve atribuir-se á ignorância completa do que ela é e do que vale.

«A Galiza é mais alguma coisa.

«Hoje mesmo, pelo seu desenvolvimento comercial, agrícola e intelectual, ocupa um dos primeiros lugares entre as regiões de Espanha.

A emigração na Galiza—O acolhimento de Portugal

—O povo galego—continua o nosso entrevistado— essencialmente trabalhador, estendendo a sua energia no máximo da sua força a todos os ramos da actividade, tem conseguido levantar por completo a sua terra, apesar de ter de lutar contra uma emigração assustadora que o enfraquece de braços. A emigração na Galiza tornou-se já uma doença contagiosa, emigrando porque vem emigrar, na esperança de fazerem uma fortuna rápida.

—Que muitas vezes conseguem,—objectivamos—

—A custa dum trabalho extenuante, acrescentou o nosso interlocutor.

—Portugal—prosegue o ilustre entrevistado—porque os acolhe com carinho, porque os abraça como se seus filhos fossem, e ainda porque encontram no povo português um povo irmão que os compreende nas suas dores e nas suas alegrias, é o país

—Acentuamos então a decadência...

—Ad. que Carlos Enríquez e Rosália Castro, dois verdadeiros génios; ele, o poeta combativo, transformando a sua pena em espada, os seus versos em lâmpadas, o seu talento numa entusiástica defesa da sua terra; ela, a poetisa—alma santa para quem a própria paisagem era reza e o sofrimento da sua terra o seu próprio sofrimento; ele, a voz da sua Raça, ela a Alma do seu povo, conseguiram, um gritando liberdade nos seus belos versos de revoltado, outro resando nas suas poesias a ternura da mulher galega—oração dos oprimidos—um só que adivinhava dias melhores—conseguiram, lá dizendo, erguer de novo do seu leito de moribunda a literatura galega. E desde então toda uma pleiade de poetas, de prosadores, de humoristas, de jornalistas, se tem esforçado em levar esta literatura á perfeição a que hoje já chegou. E entre essas individualidades, devemos destacar Vitoriano Taibo e Ramon Cabanillas.

O problema agrário e a questão da autonomia

—E quanto ao problema agrário?

—Começou o movimento agrário por uma necessária reacção contra o caciquismo, visto que este tem sido o maior opressor do povo galego, espoliando todos os seus esforços. Este movimento foi aumentando consideravelmente, atingindo todas as aldeias e vilas, desenhando-se já hoje uma forte corrente nacionalista.

—Quais são os dirigentes desse movimento?

—Este movimento não tem chefes. Resulta do sentimento e do amor pela sua terra, na compreensão de que melhores dias há de chegar para a linda terra galega.

—Mas não tem sequer orientadores?

—O movimento é espontâneo, inspirado por um sentimento nacional e robustecido pela cooperação dos intelectuais. Dentro em breve será muito para temer.

—Temos então uma Irlanda ou Catalunha?

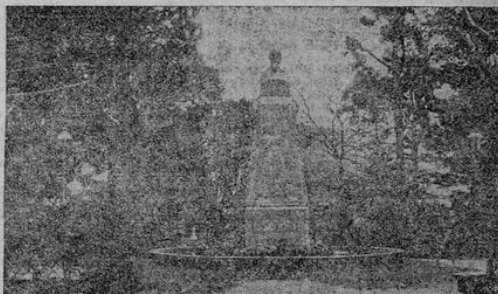
—Como estes povos, o povo galego tem as suas aspirações, pretendendo, pelo menos, uma autonomia tão ampla que o possa persuadir de que é um povo livre. Só assim o povo galego poderá sacudir o jugo do caciquismo que tem inutilizado todas as suas energias.

As características do momento

—O estreitamento das relações

—Mas esse movimento em vez de partir das cidades parte dos campos...

—Evidentemente. O campo vai expandir-se.



Estátua de Carlos Enríquez, em Vigo

que preferem para ganhar a sua vida, longe da sua terra. E que na alma galega há qualquer coisa da alma portuguesa, a mesma sentimentalidade, a mesma religiosidade, a mesma saudade pela sua pátria, a mesma infinita ternura.

—Assim os interesses harmonizam-se e a sorte de Portugal é para os galegos como a sua própria.

E que entre portugueses e galegos só um obstáculo se levanta: o rio Minho, que divide na intranquila caminhada das suas águas as canções de ambos os povos, repassadas do mesmo sentimento.

O movimento intelectual galego
—Um pouco de história

—E quanto ao adiantamento intelectual desse povo...

—A literatura galega, que na antiguidade foi grande, exercendo influencia na literatura castelhana na opinião do ilustre escritor Carré Alda, secretario da Academia Galega, decalou quando a Galiza perdeu a sua independencia e um jugo de ferro pesou sobre ela. Foi-se assim arrastando no silêncio dos séculos, apenas sustentada pelo povo nas suas canções de saudade. Os grandes poetas e prosadores começaram a escrever em castelhano e assim se forara confundido, perdendo-se ao acaso na literatura espanhola.

do a sua aspiração de liberdade, procurando atingir as cidades.

«Ao passo que o desenvolvimento agrário se acentua, mais se robustece a ambição da liberdade».

—E a emigração não prejudica o desenvolvimento agrário?

—Não, porque os galegos de fora alimentam esse desenvolvimento. As colónias de Lisboa, Buenos-Aires e Havana auxiliam moral e materialmente o movimento agrário. Os galegos para onde vão levam dentro da alma a sua própria terra e só pensam no engrandecimento dela.

—E como se evidencia o movimento autonomista?

—No combate ao caciquismo, que vira ali quasi como em regimen feudal. Desenvolve-se a propaganda e fundam-se cooperativas, de forma a fazer face a acção económica e administrativa do caciquismo. Os agrários vão-se apoderando já dos municípios, Nalguns, o proprio alcalde é agrário.

E o dr. Pedro Guizado remata a sua interessante entrevista, afirmando-nos com acentuada convicção:

—«É preciso aproximar intelectualmente a Galiza de Portugal. Em Portugal descothete-se a literatura galega e outro tanto sucede á literatura portuguesa na Galiza. É indispensavel que estes povos se conheçam melhor, mantendo indissolúveis as suas relações de amizade».

L

A Lareira. O Tio Xan.

Pr'a Ramiro Vidal Carrera

Orredor d'a lareira, o tio Xan, un velliño que n'a aldea e muy querido e que pasa os invernos a contar cousas de cando era novo, estaba n'un-ha noite n'a casa d'a señora Manoela- boa moller por certo- que con os fillos, un xá de vinte anos, o escoitaban caladiños, mentres ardian carulos n'a lareira.

Y o tio Xan decia:

- «Un-ha vez, hay moitos anos, n'un-ha terra alá muy lexis, habia un-ha pastora que gardaba rebaños po-los montes e fiaba sempre n'unha roca vella com'os valados d'os baldios. Todos conocean a pastora e moito lle querian. Os fillos tiñan ido pr'o Brasil a ganar a vida. Un-ha ginta, n'un-ha tarde inda ela era nova, tiñalle lido n'a manziña o seu destino e dixeronlle que sofreria moito, pero que un-ha hora viria en que Dios lle daria o ben y a felicidade. Que fiasse moito, que fixese moito liño, tanto que poidese vestir de branco os cotos, as veigas, as aldeas... E que enton varia a hora en que n'as almas non haberia loito, en que os paxariños cantarian n'o corazón d'a xente, en que o mesmo Sol seria como un-ha boca falando os sentidos d'o paisaxe. Y-a pastora fiaba noite e día. Non decansaba un momento. De noite, sentia os lobos a rabuñaren a porta d'o cortello onde gardaba as ovellas, unico ben que tiña, con que ganaba o pag que a sustentaba, con que pagaba os tributos que asoballaban. E noite un-ha, noite outra, os lobos levaronlle as ovellas. Dispois empezaron a rabuñarlle a porta d'a casa. Querian levala agora tamén. Pero a porta resistiu un-ha noite e outra, e mais outra hasta que d'un-ha vez, cando xa ia abaixo, chegaron os fillos é con fouces, con espetos, con estadullos, mataron uns lobos e fixeron fuxir os outros... »

Pero, o fillo mais vello d'a señora Manoela, que estaba a ouvir, dixo:

- «E como lle chamaban a pastora tio Xan»?

- «Camabanlle Galicia, meu filliño».

Sin ouvir mais nada, Pedro arregazou a camisa, botou a man a fouce mangada que arrimad'o cortizo d'o sal e saiu a correr...

“A Lareira. O Tio Xan”, *El Tea*, 23/06/1921, p. 2

LI

¡Sobredo!

(*El Tea*, 1/04/1923)

A D. Amado Garra.

I

*Galicia, a Santa das frores,
Das fontes, das romarias,
Dos namorados pastores
Que cantan nas noites frias
As tristezas dos amores.*

*Galicia, a sempre esquecida,
Que mans alleas prenderon,
Que inda vive adormecida
Na torre donde a meteron
Os que lle rouban a vida.*

*Galicia, a Santa a quen reza
Meu corazón, libertade,
Pra que en miña Alma pareza
Hirmán da miña Tristeza,
Triste nay desta Soedade.*

*A Soedade é filla d'ela.
Deulle beixos, deulle abrazos.
Quixo levarlla Castela,
Tuvo medo de perdela
Defendeuna nos seus brazos.*

*Foi a unica riqueza
Que lle deixaron quedar,
Cando un dia o despertar,
Deixa de ser a Tristeza
Pra ser a Alma a cantar.*

II

*Sinto que Galicia chora.
¿Que ten ela, que lle pasa,
Que lle fixeron agora?
¡Galicia, a nosa Señora
Do altar da miña Raza!*

*Y-eu sinto de monte en monte,
Boca en boca, alto, sin medo,
Na sombra do arboledo,
No triste soñar da fonte,
O mesmo berro: - ¡Sobredo!*

*E un berro que dá vida
Porque nos fala de morte,
Un berro qu' é fouce erguida,
Que deixa Galicia forte,
Vencedora e non vencida.*

*Que todos veñan serenos,
Boa estrela vay guiar,
No eido quedan os nenos
Y-o mesmo así os pequenos
Pr'a victoria han de rezar.*

*Todos xuntos, frente a frente.
Chegou a hora. Amanece.
Porque-sabedeo tod'a xente –
Pr'o Sol nacer, aparece
Todo de sangue o nacente.*

LII

Dois irmãos

Pra lá do Minho entre a Saudade e o mar
E altas torres dos feudais castelos,
Galiza fia o linho do luar,
Deixa na tarde a noite dos cabelos

Passa no río trémulas as águas,
Passam tranquilas pra poder beijá-la,
Portugal, seu hirmao, tenta abraçá-la
Na inquieta ansia de sentir-lhe as máguas.

Meu lindo Portugal das idas lendas,
Sonho de infanta desenhando rendas
Sobre praias vencidas de segredos...

O' minha Santa Terra da Saudade,
Estende mais os teus braços da ansiedade,
Prende-lhe os dedos nos teus longos dedos.

El Pueblo Gallego, 25/07/1925, p. 3

LIII

Juicio público sobre el libro ‘Fuchicadas’

El ilustre vate lusitano, don Alfredo P. Guisado, desde su residencia de Pías (Puentearreas), escribe a Pedro Borreiro en los siguientes términos:

Pías 4-12-927.

Meu presado amigo.

Son daqueles que teem uma grande admiração pela literatura galega. Rosalía Castro cuja obra mais merece ser rezada do que lida; Curros Enríquez que soube transformar a sua pena em agresiva lança e muitas vezes a manejou com o carinho e com a ternura de quem só desenha Alma nas suas palavras; Ramón Cabanillas, um dos mais interessantes poetas da Península e tantos outros, tenho-os como dos mellores autores entre os libros que posseo. Ultimamente essa literatura que esteve um pouco esquecida, voltou a erguer-se triunfante, ativando para o mercado quer em prosa quer em verso, com algumas obras que qualquer literatura de Europa desejaria contar como suas.

Pedro Borreiro veio enriquecê-la agora mais ainda com o seu curioso volume ‘Fuchicadas’, que teve a amabilidade de me enviar com uma imerecida dedicatoria, volume que a valiosa plua do meu querido amigo Dr. Amado Garra, prefaciou. É um libro que se lê com um interesse de página para página cada vez maior, duma crítica mordaz e por vezes contundente, não esquecendo o estudo de caracteres que estão perfeitamente desenhados em todos os contos e que de tal forma se apresentam que cada um desses contos é como que uma carapuça que se enterra até às orelhas na cabeça daquelas para quem foi talhada, dificilmente se podendo libertar dela. Obra destinada certamente a um esplêndido éxito de livraria, merece ser colocada entre as obras de crítica mais interessantes dos últimos tempos. Em cada conto, emoldurado num humorismo mestre, há um retrato, um retrato fiel e de tal modo que quem folheie ‘Fuchicadas’ tem a impressão de que em vez dum volume, se folheia um album de fotografias de velhos conhecidos.

Agradecendo mais uma vez a sua gentileza, felicita-o muito sinceramente e abraça-o com muita estima o

Am.º e admor. mto. grato,
ALFREDO P. GUISADO

El Tea, 13/12/1927